



Tatiana Amaral

Autora da Trilogia "*Função CEO*"

o Professor

Ele vai *ensinar*, Ela vai *aprender*

Livro I



#3 Milhões
de Leituras
no Wattpad

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [lelivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



O Professor

Tatiana Amaral

Capa: Renato Klisman
Revisão: Mariza Miranda
Janaina Rico: Diagramação

Copyright @ 2015. Tatiana Amaral

É proibida a cópia do material contido neste exemplar sem o consentimento do autor. Este livro é fruto da imaginação do autor e nenhum dos personagens e acontecimentos citados nele tem qualquer equivalente na vida real.

“Eu adorava Charlotte Middleton. Era a minha sofrida e ao mesmo tempo, deliciosa realidade”.

Alex Frankli Esta é apenas mais uma história. Não, não mais uma história, desculpe! Está é a minha história.

Minha e do meu professor.

Não, não se preocupe, não se trata de mais uma dissertação sobre o quanto uma aluna já conseguiu fantasiar com um homem mais velho, mais sábio e mais experiente.

Esta é a minha história.

E do Alex.

E de como ele conseguiu mudar tudo em mim, apenas porque concordou em me ensinar.

Capítulo 1

“Nossas dúvidas são traidoras e nos fazem perder o que, com frequência, poderíamos ganhar, por simples medo de arriscar.”

William Shakespeare

Charlotte

– William Shakespeare. Não havia hora mais apropriada para me enviar esta mensagem.

Resmunguei enquanto atravessava a rua em direção ao calçadão e me questionei outra vez por que ainda tinha aquele aplicativo que me enviava frases dele? Eu bem sabia a resposta. Eu amava tudo o que Shakespeare escreveu. Sua forma viva de olhar o mundo, a maneira torta e ao mesmo tempo correta de enxergar a vida. Uma alma avançada, torturada, incompreendida.

Mais ou menos como eu me sentia.

O sol estava forte e o calor só aumentava a apreensão que eu sentia. Segurei meu projeto com mais força, como se ele pudesse escapular das minhas mãos a qualquer momento. O que o professor Frankli estava pretendendo? Eu não fazia a menor ideia.

Quando abri o e-mail naquela manhã não consegui acreditar no que ele me enviara. Reprovada. Aquilo era inacreditável e inaceitável para alguém como eu! Como poderia ser reprovada? Durante quatro longos anos me dediquei inteiramente àquele curso apenas porque queria correr atrás de um sonho. O meu sonho mais profundo, o mesmo que me fez abrir mão de tudo o que poderia viver caso ele não existisse. E agora, o maldito do meu professor, estava prestes a me reprovar.

O filho da puta só poderia estar louco! Não havia outra explicação. Ele teve um semestre inteiro para analisar o meu projeto. Sabia que o livro estava quase pronto, faltava bem pouco. Primeiro, com o intuito de avaliar se eu conhecia mesmo meus personagens, pediu um perfil bem estruturado, contendo tudo o que poderia lhe dar uma imagem exata do que desejava de cada um deles.

“Muito bom, Charlotte!” dizia sempre que conferia o meu material. Depois me pediu um resumo da obra, um texto onde eu demonstrasse a essência da história, o que pretendia, o porquê de ser boa o suficiente, o seu diferencial... Ele me pediu o mundo e foi só isso o que fiz durante os últimos quase quatro meses.

Por último ele me pediu tudo o que eu tinha. Cada capítulo terminado. Eu enviei convicta de que havia feito o meu melhor, afinal de contas ele sempre gostava e aprovava os meus textos, mesmo que não passasse mais do que poucos dez ou quinze minutos ao meu lado e, praticamente, sem sequer levantar os olhos para me fitar.

Putá merda!

Estava sendo um semestre cansativo.

Eu devia ter rejeitado a ideia de Miranda de aceitá-lo como meu orientador. Fiz isso pela minha amiga, que morria de amores pelo tão desejado professor Frankli.

Devia ter percebido que o fato de ela querer um motivo para se aproximar mais dele não me ajudaria a alcançar o meu objetivo. Agora estava vendo tudo ir por água abaixo.

E o máximo que ela conseguiu foi aguardar por mim do lado de fora da sala apenas para vê-lo passar sem olhar para os lados. Minha amiga era inacreditável.

Obviamente ela tentou abordá-lo na sala dos professores, na lanchonete, nos corredores, porém o professor Frankli era uma concha, fechado de dar dó.

Nunca conheci alguém mais insuportável, pernóstico, pretensioso, cheio de si, soberbo... A imagem dele piorava e muito quando, se acrescentava a todos estes adjetivos a sua vontade mesquinha de me reprovar.

Logo no meu último semestre. Justamente no meu melhor livro.

Eu queria que ele morresse afogado antes de passar seu veredito para a secretaria. Assim meus problemas estariam resolvidos. Nenhum outro professor daquela universidade teria coragem de me reprovar.

Bom... Meu nome é Charlotte Middleton. Isso mesmo. Um nome estrangeiro para uma estrangeira que vive no Brasil desde que se entende por gente. Meus pais, assim como eu, são ingleses, por isso minha pele muito branca, delicada, as sardas que eu lutava para disfarçar, o corpo sem nenhum dos atributos das mulatas brasileiras e os olhos claros. Claros até demais.

As pessoas normalmente passavam um bom tempo me olhando como se eu fosse uma aberração. Eram de um azul sem graça, desses de céu em fim de tarde, quando o sol decide não colorir o fim do dia com seus raios alaranjados, então vemos a noite chegar sem a menor graça. É exatamente assim que sou. Para ajudar, tenho cabelos castanhos, por culpa do meu pai, tão lisos que não dão uma volta, nem se eu passar a noite com bobes. A única coisa que eu conseguiria era uma grande dor de cabeça.

Ou seja, eu sou uma garota comum, sem graça, sem sal, sem nenhum tipo de atrativo. Essa sou eu na vida real, porque em meus sonhos, ou na minha imaginação, sou linda, tenho mais bunda, seios fartos, sou engraçada, descolada... Posso ter a cor de cabelo que quiser.

Nos meus sonhos, não tenho vergonha de falar em público ou de conversar com aqueles garotos lindos de tirar o fôlego. Ah! Nos personagens que crio, eu não uso óculos. Uma vez ou outra admito usar lentes de contato pois estas não incomodam nunca e eu consigo passar o dia inteiro sorrindo sem que meus olhos fiquem lacrimejando, vermelhos ou parecendo que receberam um punhado de areia.

É assim que eu sou quando descrevo as minhas personagens. Elas vivem por mim tudo aquilo que eu desejava viver e não podia, não devia, ou não tinha coragem para fazer.

Sou estudante de letras e literatura e estudo na Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Consegui esta proeza após muita briga com o meu pai, que desejava a todo custo me levar para fora do Brasil assim que concluí o ensino médio. Porém eu não queria ir embora não me sentisse segura se seria o melhor para alcançar meu objetivo. Assim como estava ciente de que a escolha do curso apenas me guiaria para o

destino que eu almejava, já que não há um curso específico para quem deseja ser escritor.

No entanto, estudar letras e literatura, tendo todas as experiências que eu tenho, além das possibilidades, dos cursos e tudo o mais que pude fazer sem a intromissão do meu pai, me deixaria apta para atuar como crítica, consultora linguística ou literária, tradutora e revisora de texto. O que apenas enriquecia o meu lado técnico. Porque escrever é um dom, né? Ninguém se torna escritor. A pessoa nasce escritor. E foi para isso que eu nasci, para escrever.

Sempre sonhei em ser escritora. Aliás, eu mudei toda a minha vida para tornar realidade este desejo. Mas ali, naquele dia, eu descobri que cometi dois erros graves: optar por escrever romances eróticos, e escolher o professor Frankli como meu orientador para conclusão do curso. Pelo visto ele era um grande mentiroso e não gostava de nada do que eu escrevia. Nada.

Quando recebi seu e-mail avisando que sentia muito, mas que não poderia aprovar o meu projeto, juntamente com uma crítica do o meu livro, pensei que surtaria. Faltava pouco mais de um mês para minha formatura e ele estava jogando um balde de gelo em minha cabeça.

Era algo inovador. Um livro. Um romance escrito por uma aluna como tese de conclusão de curso. Um projeto que ele mesmo gostou de participar, então por que inferno não podia me aprovar? Ele mesmo disse que escrever um romance erótico, a moda do momento, seria uma forma interessante de concluir o curso.

Um idiota de carteirinha!

E o que ele disse? O texto não tem a profundidade necessária. Não possui uma base sustentável, apesar de possuir coerência e coesão. Um babaca! Com certeza bebeu até tarde em suas farras, sim, porque com certeza o professor Frankli era um homem depravado, que participava de orgias, que pegava geral e, por causa disso, não conseguia manter os neurônios alertas para avaliar a merda do meu livro.

Cansada e acuada, tomei a única decisão possível.

Precisava contar a ele. Precisávamos ter uma conversa franca e aberta. Quem sabe assim o senhor “ninguém é melhor do que eu” poderia descer um pouco do seu pedestal e me ajudar de verdade.

Que grande merda!

No fundo Miranda estava certa. O professor Frankli não era somente um dos melhores professores da universidade, e como tal, o coordenador do meu curso.

Era também proprietário de uma das melhores editoras do Brasil e, se eu conseguisse impressioná-lo, era quase certo que teria meu livro publicado por ela. O sonho de qualquer escritor.

Bem... Pelo visto eu não conseguiria publicar através deles. Aliás, pelo que ele tinha deixado claro, eu não conseguiria que ninguém publicasse. Eu era um completo fracasso.

Naquele mesmo dia eu digitei uma mensagem rápida e decidimos nos encontrar na praia. Sim, ele surfava. O filho da mãe não era apenas um idiota pervertido, isso era o que eu imaginava, nem o cara mais bonito com quem eu já havia topado em toda minha vida. Era também um gato sarado, de corpo bronzeado, que surfava e se exibia nas praias do Rio de Janeiro.

Enquanto eu não era bem o tipo de garota que se divertia em praias. Piorava e muito quando eu precisava usar filtro solar fator cinco mil, me proteger com chapéu além de não poder dispensar o guarda-sol. Por isso jeans, camisa básica, tênis e uma bolsa mochilinha foram minha opção, melhor do que qualquer outra roupa. No horário combinado, eu já estava de pé na areia, aguardando.

Canto do Leblon. Foi o lugar que ele resolveu surfar naquele dia. Dava medo só de olhar aquelas pedras, e todos os surfistas tão próximos delas. Conferi o relógio.

Já era hora do professor Frankli se dignar a aparecer. Ou ele esperava que eu entrasse na água? Tenha a santa paciência!

Não basta ser idiota, cretino, soberbo, reprovador de trabalhos fantásticos, ele ainda tinha que estar atrasado. Era só o que me faltava! Me encostei em um carrinho de água de coco comprando uma para aproveitar a sombra. Foi quando o visualizei.

Claro que meu queixo caiu quando o vi saindo do mar. O professor Frankli era um homem muito bonito e atraente, principalmente pelo seu ar de desinteresse. Seu jeito casual contrastava com a sua postura acadêmica e, definitivamente, ele ficava perfeito em seus ternos caros.

Porém nada se igualava a ele saindo do mar.

Seu corpo era completamente harmonioso. Ombros largos e corpo magro. Peitoral definido. Pelos cobrindo seu tórax descendo até... Sim, até lá. Suspirei. E era bronzeado. Uma pele lindamente bronzeada, daquelas que dá vontade de passar a mãos para conferir se sai a tinta.

Não era para suspirar. Nem para olhá-lo como se estivesse vendo algo comestível. Afinal de contas, apesar de ele ter povoado meus sonhos nos últimos meses, naquele momento eu o odiava.

Se ele soubesse que era nele que eu pensava quando escrevia. Se imaginasse que quando descrevia o que meu casal de personagens fazia, imaginava ele no papel principal... Se qualquer pessoa sequer sonhasse uma coisa dessas, eu seria ridicularizada.

Ajustei meus óculos, paguei o coco e saí de baixo do sombrero, para que ele pudesse me ver. Se bem que, diante de tanta perfeição, eu não estava muito certa se queria mesmo aparecer de jeans, camiseta básica e tênis.

Putz! Como alguém podia ser igual a aquele homem? Ele era simplesmente... Perfeito!

Não que eu fosse apaixonada pelo professor Frankli. De forma alguma! Sei muito bem onde colocar o meu pé. Mas, desde que ele começou a me orientar, com seu incrível sorriso torto, minha mente passou a ser povoada por imagens impróprias.

– Que Miranda nunca seja capaz de ler a minha mente.

Falei sorrindo para mim mesma e depois mordendo meus lábios para que ele não pensasse que eu estava flertando. Era melhor assumir a postura profissional e aborrecida do que a de aluna deslumbrada por tanta beleza.

O professor Frankli, carregando a sua prancha e usando uma bermuda azul, dessas que caem na cintura e mostram todo o movimento dos quadris, caminhou lentamente em minha direção, sacudindo os cabelos, longos fios negros lisinhos que formavam uma cortina meio bagunçada, descendo até um pouco abaixo das orelhas.

Ele tinha olhos azuis também. Mas não azuis sem graça como os meus. Eram de um azul-escuro, profundo, penetrante, como a água de uma lagoa presa dentro de uma caverna. Para completar, tinha cílios negros, longos, que faziam sombra em seus olhos, como se fossem pintados em uma maquiagem perfeita. E sobrancelhas espessas, tão escuras quanto seus cabelos, combinando com todo seu rosto.

– Pensei que estivéssemos em uma praia – disse ao se aproximar.

Seu sorriso torto era quase como uma declaração de que pertencíamos a mundos diferentes. E realmente pertencíamos. Ele era do planeta “me inveje porque sou rico, lindo e extremamente sexy” enquanto eu era do planeta “me ignore, pois sou sem sal, sem graça e sem competência”. Imediatamente desviei o olhar e disfarcei ajeitando os óculos.

– Jeans e tênis não combinam muito com o ambiente – continuou falando ao me analisar dos pés à cabeça.

Pensei que meu rosto pegaria fogo. – Está um dia lindo.

– Não vim aqui para me divertir, professor – pisquei para encará-lo sem demonstrar o encanto que me dominava.

“Eu o odeio. Eu o odeio.” Repeti mentalmente até que meu corpo entendesse que aquele ser sorrindo lindamente era o inimigo que estava jogando os meus sonhos no lixo.

– Sei – ele fez cara de desagrado. – Veio por causa do meu e-mail. Precisamos mesmo conversar, Charlotte, mas não vamos fazer isso debaixo desse sol. Vamos ao quiosque. Lá poderemos beber alguma coisa e conversar melhor.

Seguimos pelo calçadão em direção ao mirante onde encontramos o bar. Naquele horário não havia muitos clientes, apesar de o dia ensolarado e o tempo firme. Além de nós dois, que ficamos em uma mesa afastada, um grupo de surfistas bebendo sucos coloridos conversava animadamente. Assim que me sentei, senti que toda a minha preocupação pesava mais do que eu imaginava em meus ombros.

Minhas mãos estavam suadas, minha boca seca, meu coração acelerado e eu tinha certeza de que minha cor não estava nada legal. Pelo menos não para aquele homem bronzeado sentado diante de mim. Engoli em seco decidida a abreviar a conversa.

– Não posso ser reprovada – ele sorriu daquela forma desconcertante.

Era tão irritante vê-lo tão leve, feliz, relaxado, mesmo sabendo que estava destruindo a minha vida. Ele deveria pelo menos fingir que não estava se sentindo tão bem reprovando o meu projeto. Parecia até um carrasco, um sádico deleitando-se com a tortura que infligia.

– Seria realmente uma pena, só que, infelizmente, não posso aprovar um romance como o que você me apresentou.

Eu o odiava!

– Por que não? O que tem de errado com o que escrevo? Sigo a mesma linha de muitas autoras do momento. E o senhor sempre elogiou tudo o que eu apresentava.

– Muitas dessas autoras do momento não deveriam, sequer, estar escrevendo.

Seus olhos incrivelmente azuis me encararam desafiadoramente. Por um segundo acreditei que me afogaria naquelas duas lagoas profundas, mas pisquei me restabelecendo. Suspirei buscando o equilíbrio para mantermos nossa conversa em um tom conciliador.

– Professor, eu tenho me dedicado exclusivamente a este curso. Sou a melhor aluna de todos os tempos, é só verificar as minhas notas. Todos os professores acreditaram em mim até você chegar dizendo que o meu trabalho é um lixo – eu tentei, mas não consegui evitar a raiva em minha voz.

Meus olhos queimavam querendo me debulhar em lágrimas contra as quais eu lutava veementemente. Não choraria na frente dele. Não mesmo! Não daria àquele sádico este prazer.

– Não falei que o que escreve é lixo, apenas...

O garçom se aproximou para pegar o pedido. Olhei para ele, jovem demais, com cara de surfista, cabelos negros e olhos pequenos. O avental negro estava muito limpo, e sua cara era de quem não estava muito disposto a conversar.

– O que vão querer?

– Um suco de tomate temperado, por favor! – o professor Frankli solicitou sem titubear, como se aquela fosse a sua rotina.

– E para a senhorita?

Olhei para os dois sentindo que meu corpo não suportaria mais tanta pressão naquele início de manhã já tão desastroso.

– Uma dose de tequila, por favor! – ambos me encararam.

Era mesmo uma forma de chamar atenção de todos pedir uma bebida tão forte àquela hora da manhã. O professor Frankli endireitou os ombros olhando diretamente em meus olhos enquanto o garçom se afastava.

– É uma bebida muito forte. Está acostumada a beber a esta hora da manhã?

– Acredite em mim, é exatamente o que preciso neste momento – minha cabeça latejava, minhas mãos continuavam suando e minha boca estava ainda mais seca.

– Você ia dizendo... – ele me avaliou com atenção e depois desistiu de tentar entender.

– Eu ia dizendo que seu texto não é um lixo. Sua escrita é correta, sua história flui, posso até dizer que é o tipo de texto que envolve, só que está faltando algo. É como comer uma comida sem sal. Você sabe,

aquela que tem tudo para ser gostosa, mas não é! – Continuou me avaliando como se minha reação fosse lhe causar a maior de todas as satisfações.

Filho da puta!

– E o que falta? – minha pergunta saiu exasperada.

Não conseguia entender que tipo de sal era este que faltava em meus textos.

– Sentimentos. – ele me encarou e outra vez o sorriso brotou em seus lábios me deixando desconfortável. Ele deveria ser menos bonito.

– Sentimentos?

– Isso.

Encaramo-nos aguardando pelo que viria em seguida. Nada aconteceu. Nem ele nem eu rompíamos o muro que havia se erguido entre nós. O garçom chegou com nossas bebidas e as colocou sobre a mesa. Meu professor segurou o seu suco sem bebê-lo e me observou cauteloso.

– Veja bem, Charlotte. Você está escrevendo um romance para adultos, certo?

Concordei com a cabeça.

– A trama toda está muito boa, só que, quando você descreve os sentimentos deles, é tudo muito vago. É meio como... – ele coçou a cabeça parecendo confuso. – Como se você não soubesse sobre o que está falando. Não existe profundidade. É uma visão muito superficial em relação à complexidade dos sentimentos deles. Principalmente quando descreve as sensações.

Baixei a cabeça segurando o copo com força entre as mãos. Ele tinha razão. A quem eu queria enganar? Não era fácil escrever determinadas coisas sobre as quais não tinha nenhum conhecimento de causa.

– Nem sei como lhe dizer isso... – se curvou em minha direção falando confidencialmente. – Quando você descreve a forma como ele toca a namorada... Não sei...

Não parece real. Eu não tocaria uma pessoa daquela maneira. Acho que ninguém, com a experiência que você descreve que ele tem, tocaria uma mulher assim. E como ela se sente ao ser tocada... É muito distante do que realmente acontece. Sei que não deveria dizer isso, mas, lendo o seu texto, principalmente estas partes, tenho a sensação de que você não sabe do que está falando. É fantasioso demais e foge completamente da realidade.

Continuei calada. Chocada demais para dizer qualquer coisa e constrangida demais para argumentar contra o que ele dizia.

– Charlotte... – ele pareceu hesitar. – Ninguém goza daquele jeito. Quer dizer... Ninguém que mereça ser escrito em um livro. Deveria ser incrível, arrebatador, sensual, no entanto é... estranho. Desculpe. Não sei mais o que dizer.

Respirei fundo encarando a tequila a minha frente.

– Como assim estranho?

Ele me olhou nos olhos e a única coisa que identifiquei foi excesso de confiança. O professor Frankli era um homem que exalava confiança e, se ele dizia que eu não sabia descrever um orgasmo, com certeza sabia muito mais do que eu sobre o assunto.

E então aquele sorriso torto, cheio de si, presunçoso, se apresentou lentamente.

– Algum homem já fez você gozar daquele jeito?

Baixei a cabeça deixando meus cabelos esconderem meu rosto. Minhas mãos suadas seguravam o copo completamente indecisas sobre o que fazer.

– Não.

Tomei a tequila de uma vez só e bati o copo na mesa sentindo o líquido queimar a minha garganta. Desta vez foi impossível esconder as lágrimas que se formaram sem cair. O álcool foi uma grande ajuda. Ou uma boa desculpa para ser fraca.

– Não – ele repetiu. – Entendeu?

– Não.

Ele respirou profundamente e se remexeu na cadeira demonstrando desconforto. Se para ele estava sendo difícil, imagine para mim.

– Você já teve um orgasmo? – sua voz saiu baixa.

Levantei os olhos encontrando os dele.

– Não – ele passou as mãos pelos cabelos e soltou o ar.

– Nem sozinha?

– Não, professor. Nunca tive uma merda de um orgasmo. Nem sozinha, nem acompanhada. Passei meus últimos quatro anos trabalhando no sonho da minha vida que é escrever um livro. Não qualquer livro, mas “o livro”. Deixei tudo de lado para conseguir alcançar meu objetivo. Não. Nunca tive um namorado. Nunca fui tocada da forma como descrevo nem de nenhuma outra forma de cunho sexual. Sou virgem. Satisfeito?

Ele me encarou espantado com a minha reação. Seus olhos estavam arregalados e sua boca meio aberta como se tentasse encontrar algo para dizer. Entretanto continuou calado. Apenas me examinava, da mesma maneira que se examinaria um extraterrestre. Sim. Era isso o que eu era.

Que outra mulher na face da terra ainda era virgem aos 21 anos?

Sentindo o meu corpo inteiro tremer, segurei minha bolsa jogando-a contra o ombro e levantei apressadamente. A bebida teve efeito instantâneo.

– Não se preocupe, professor. Se é de experiência que o senhor precisa, vou providenciá-las. Mas não vou aceitar ser reprovada. Vou correr atrás de todas as experiências necessárias para entender o que me disse e vou me formar com honra, nem que para isso eu tenha que transar com o primeiro cara que aparecer na minha frente.

Afastei-me da mesa percebendo que tanto os surfistas quanto o garçom estavam parados me olhando com a mesma cara de espanto. Eu tinha dado um pequeno espetáculo.

– Ou os primeiros caras – sorri para ele e saí em direção à rua.

Capítulo 2

“Quando a boca não consegue dizer o que o coração sente o melhor é deixar a boca sentir o que o coração diz.”

William Shakespeare

Charlotte

– Hoje não, Shakespeare. Pelo amor de Deus, hoje não!

O sol forte cegou meus olhos úmidos e minha cabeça girou. Droga! A bebida não foi uma boa ideia, apesar de ter me ajudado a fazer as palavras fluírem dos meus lábios com maior facilidade. Do contrário, nunca teria coragem de contar a ele qual era o meu problema.

Aliás, pior ainda foi deixar que Miranda me contasse sobre sua vida sexual para me ajudar a apimentar o meu romance. Aparentemente seu conhecimento sobre esse assunto era tão escasso quanto o meu.

O calçadão estava mais movimentado e eu me vi perdida entre as pessoas que corriam. Queria atravessar a rua e encontrar o meu carro, apesar de acreditar que dirigir não seria uma boa ideia.

Estava olhando, ao redor procurando uma direção a seguir, quando senti uma mão forte se fechar em meu braço. Antes mesmo de me virar já sabia de quem se tratava. Ele. O meu professor. O mesmo que tinha acabado de me dizer que a falta de um orgasmo poderia jogar por terra todos os meus sonhos.

– Charlotte, você enlouqueceu?

Ele não me repreendia. Muito pelo contrário. Seus olhos mostravam claramente o quanto estava preocupado comigo. Eu, a garota virgem e louca, que transaria com o primeiro interessado apenas para não perder a chance de esfregar na cara daquele idiota, isso mesmo, idiota, que eu era capaz sim de escrever o romance perfeito. Ajeitei os óculos e o encarei.

– Por quê? Por que o meu professor acabou de me dizer que pelo fato de eu ser virgem e inexperiente, vai me reprovar?

– Não foi o que quis dizer – mais preocupação em seu olhar. Será que eu aparentava estar muito doida mesmo?

– Claro que você disse. Você... – as lágrimas caíram. Fiquei ainda mais revoltada. Ele estava me fazendo chorar. Era quase impossível me livrar da vontade de ranger meus dentes e bater os pés. Retirei os óculos – Você tem noção do quanto foi difícil ouvir aquilo? Sabe há quantos anos me dedico a este projeto?

Não! – limpei as lágrimas com as costas das mãos. – Você não sabe e nem se importa. Você é mau, cruel e insensível, é um... um idiota!

Seus olhos se estreitaram e sua mão abandonou meu braço. Ele estava chateado, embora suas emoções estivessem muito mais controladas do que as minhas. Até nisso ele conseguia ser superior.

– Você está muito nervosa e este não é o melhor lugar para conversarmos – me puxou um pouco para trás para me tirar do caminho dos corredores.

Fiquei incomodada com a aproximação. Ele me deixava inquieta, ansiosa, angustiada e muitos outros sentimentos que não me dei ao trabalho de descobrir quais eram. Recoloquei os óculos e me senti mais incomodada ainda com aquele tique nervoso.

– Não vou mais conversar com você. Aliás, vou sim, assim que conseguir refazer o meu trabalho, desta vez com maior conhecimento dos fatos.

– É claro que vai conversar comigo – afirmou de uma maneira bem clara – Olha só o seu estado – olhei para mim procurando o motivo da cara que ele fez. Algo misturado com ansiedade e reprovação.

– Não precisa se preocupar, professor. Não vou me matar – ri irritada e tirei a franja crescida que teimava em cair no meu rosto e se enroscar nos óculos. – Apenas repensar alguns detalhes da minha vida, como a virgindade por exemplo.

– Pelo amor de Deus, Charlotte! – agora sim ele me recriminava.

– Pelo amor de Deus, Alex! – gritei desesperada.

Ele respirou fundo. Seu autocontrole estava por um fio. Eu estava quase rompendo uma barreira importante erguida por ele. A sua determinação em manter a relação com seus alunos restrita ao lado profissional. Droga! Ele era um exemplo de profissionalismo e agora eu estava ali, chamando-o pelo primeiro nome e falando como se não houvesse uma hierarquia entre nós dois.

Ele me reprovava com certeza.

– Vamos até a minha casa, Charlotte. É próxima daqui. Poderemos conversar com mais calma.

– Sua casa? – a surpresa era palpável em minha voz.

– Ah, não! – ele passou as mãos nos cabelos me olhando de forma recriminadora. – Não coloque mais minhocas nesta sua cabeça, tá legal?

Eu já estava vermelha antes mesmo de conseguir raciocinar sobre o significado daquele convite e a forma como ele me repreendeu atingiu em cheio o meu ego.

Imediatamente uma plaquinha luminosa piscou em minha mente com os dizeres “ele não é para você, sua louca!”. Alguns segundos depois apareceu um cínico “quem você pensa que é?”, que me deixou ainda mais irritada.

– Não estou pensando em nada, professor. Pelo que me lembro, foi o senhor quem sugeriu que eu tivesse alguns orgasmos para saber sobre o que estava escrevendo.

E meu rosto ficou tão vermelho que eu sentia como se todo o sol daquele dia estivesse incidindo

diretamente em mim. Apenas em mim.

– Eu não... – ele parou tentando controlar sua voz que estava um pouco mais alta. – Eu não disse isso. Nem imaginava que você...

– O quê? Que eu fosse virgem? Não consegue dizer a palavra? – minha voz estava mais alta, no entanto isso não me envergonhava.

O que realmente me deixava constrangida era enxergar nos olhos dele a repulsa pela ideia de tirar a minha virgindade. Como se eu não valesse a pena. E não valia mesmo.

– Fale baixo, Charlotte! Vamos sair daqui. Rápido!

Passei a sua frente com o queixo erguido, então precisei parar. Eu não sabia onde ele morava, aguardei enquanto ele passava por mim para acompanhá-lo.

– Você está de carro?

– Sim, senhor – minha coragem ia cedendo à medida que caminhávamos.

– Onde ele está?

– Logo ali na frente – aponte a rua em que deveríamos entrar para encontrar o meu carro.

– Certo. O meu está logo depois. É um Toyota RAV4, preto...

– Deu no mesmo para mim, professor. Não entendo nada de carros – ele suspirou e passou as mãos pelos cabelos.

– Tá. Vou buscar minha prancha e já volto.

Fiquei parada enquanto ele se afastava. Observei suas costas largas e perfeitas e o seu andar que era tão...

Seguro. Nossa! O professor Frankli era mesmo lindo.

Quase na mesma proporção quanto era insuportável.

Quase.

Ele voltou e me indicou o caminho.

– Vamos no meu carro. Eu moro perto, não vai ser problema para você voltar depois.

Putz! E o cara ainda me deixaria voltar andando.

Dava para ser menos cretino?

Caminhei a seu lado até pararmos junto ao carro preto do qual ele tanto se orgulhava, que para mim não passava de mais um carro grande e bonito. Tive vontade de revirar os olhos. Ele prendeu a prancha, mas

antes me deixou entrar. Graças a Deus.

Observei tudo lá dentro. O quanto o carro era limpo, cheiroso, nada de anormal, o que me fez pensar que o meu professor era um homem metódico e com mania de limpeza. Daqueles que se você mover o objeto um milímetro para o lado ele surta, sabe? Era bem “a cara” dele.

O professor Frankli morava realmente perto de onde estávamos. Na Lagoa. Um dos meus lugares favoritos do Rio de Janeiro. Poucos metros de carro, apenas algumas ruas até encontrarmos um portão branco, que abriu com o seu controle individual, apesar da presença de um porteiro, para quem ele deu uma buzinação fraca e curta.

Passamos pelo estacionamento para visitantes e seguimos em direção a um portão baixo que dava acesso ao pequeno condomínio onde ficava sua casa. Eram ao todo oito casas, só que não eram simplesmente casas.

Eram “as casas”. A do professor Frankli era a primeira, logo após o estacionamento e mais próxima da rua.

Estacionamos, ele retirou a prancha e me indicou o caminho em silêncio.

Olhei a estrutura e gostei do que vi. Logo após os muros que nos separavam das demais casas, era possível ver uma parte da sala através das paredes de vidro. Era lindo, apesar da exposição.

Dei alguns passos tímidos pelo caminho de pedras que levava da garagem até a porta principal. Ele chegou logo depois e quando o olhei fiquei sem graça. Professor Frankli estava sério demais. Eu poderia até dizer...

incomodado. Então para que droga tinha me convidado?

Ele abriu a porta e me deu passagem. A porta grande que girava para dar acesso ao interior conquistou o meu coração. Eu gostava de coisas modernas. Assim que entramos paramos em um corredor largo que dividia a casa em duas direções, um lado levava à sala ampla e o outro para o que eu desconfiava ser a cozinha americana, ao fundo havia uma porta de correr, de vidro, que dava acesso a um jardim muito bem cuidado.

Pelo que consegui visualizar, a casa era linda e aconchegante. Móveis claros e rústicos misturados com madeira escura e detalhes modernos. Havia livros distribuídos por todos os lugares, sobre a bancada que separava a cozinha americana da sala de jantar e até mesmo na cozinha. Quadros e estantes, que se espalhavam pelos ambientes.

Caminhei lentamente, apreensiva com a minha presença ali. Era estranho e um tanto quanto absurdo estar na sala de visitas do meu professor. Ele passou por mim demonstrando se sentir tão desconfortável quanto eu.

Desapareceu por uma porta sem dizer nada.

Aguardei. Aguardei. Aguardei. E ele não voltava.

Comecei a dar passos lentos em direção à escada por onde ele havia desaparecido. Estava com medo e

ansiosa. Então ele surgiu. O professor Frankli saiu de lá com os cabelos molhados, vestindo um short verde e uma blusa de algodão preta. Estava descalço. Totalmente à vontade. Fiquei perdida no desenho do seu peitoral revelado pela camisa justa.

– Mais calma? – caminhou até o centro da sala.

– Você demorou.

– Precisava tirar aquela roupa e tomar um banho. O sal incomoda depois de um tempo.

Banho. Ai meu Deus! O que seria uma chuveirada ao lado de um homem como ele? Porra! Não podia sequer pensar na imagem do meu professor no chuveiro.

– Então?

Decidi que apressar a nossa conversa seria o melhor a fazer naquele momento, antes que eu tivesse um capítulo inteiro sobre banho formulado em minha cabeça.

Beijo no banho. Sexo no banho. Orgasmos no banho. Oh, droga! O que estava acontecendo comigo?

Depois do que o professor Frankli me disse parecia que um botãozinho, até então sem uso, foi acionado e trabalhava a todo vapor dentro de mim. Minhas fantasias chegavam de maneira mais rápida e intensa. Muito intensas. E então me dei conta de que o encarava de maneira indecente enquanto mordida meus lábios. Puta merda!

– Eu não quis dizer que você deveria transar com todo mundo, Charlotte, me desculpe se a fiz pensar assim – ele continuava desconfortável com a minha presença em sua sala.

Retirei os óculos, limpei a lente e coloquei outra vez no rosto, ciente de que aquele tique nervoso deveria acabar. Que coisa mais chata!

– Você deixou bastante claro que eu não sei escrever porque não tenho conhecimento do assunto.

– Não... Quer dizer... Charlotte, isso é embaraçoso, tá legal? Eu não sabia que você é virgem. Não que isso fosse da minha conta, mas... Tá, tudo bem!

Ele se afastou e caminhou até a sua cozinha americana. O acompanhei mantendo uma distância segura.

Parei no balcão extenso que cortava todo o ambiente, observando o que meu professor fazia. Ele abriu a geladeira e pegou uma garrafa branca e amarela.

Isotônico.

Após beber um longo gole, respirou profundamente e me olhou com firmeza. A ideia que passou em minha cabeça foi a de que talvez, muito talvez, estivesse deliberando sobre o que fazer numa situação como aquela.

Então ele riu e sacudiu a cabeça.

Foi demais para mim.

– Qual é o seu problema?

– O meu problema? – ele perguntou surpreso.

– Isso. O seu problema.

– Nenhum. Quem tem um problema aqui é você.

– Olha só, não estou interessada em seus comentários sórdidos a respeito da minha virgindade, certo? E você tem razão, o problema é meu. Por isso posso resolvê-lo do jeito que quiser.

– Pode – mais uma vez bebeu a sua bebida de atleta, que contribuía para aquele corpo fantástico ficar ainda mais fantástico e... Pare, Charlotte! Ele é um cretino!

– Ok. Até mais! – virei-me em direção à porta.

– Vai sair à procura de alguém para transar só por que não quer admitir que o melhor seria mudar o seu tipo de literatura?

– Não vou mudar. Vou escrever um romance erótico porque sou capaz de fazê-lo e não vai ser um idiota que nem você, que nunca escreveu nada, que vai me dizer que não sou capaz.

– Ótimo! Então saia e adquira também as suas maiores decepções. Depois não diga que fui o responsável pelo seu excesso de infantilidade. Você não tem ideia do que vai encontrar, Charlotte. Em pouco mais de um mês teremos a sua nota final e, com certeza, o que vai conseguir será apenas decepção. Nada que algumas sessões de análise não possam resolver.

No calor das suas palavras não percebi que acabei indo em sua direção. Acredito que o mesmo aconteceu com ele pois, quando finalmente dissemos tudo o que queríamos, estávamos tão próximos um do outro que podíamos sentir o calor que fluía de nossos corpos. Ainda nos encarávamos desafiadoramente, porém a atmosfera ao nosso redor havia mudado completamente.

– Você é um arrogante, idiota...

Eu queria insultá-lo cada vez mais. Minha dor era tanta que não me deixava raciocinar, no entanto eu sabia que havia muito mais do que mágoa ou raiva em minha atitude. Algo que eu nunca poderia explicar.

– E você é a aluna mais cabeça dura que já tive.

– Ótimo! Pelo menos o incomodo de alguma forma.

– Você não sabe do que está falando.

Ele cerrou os lábios como se tentasse impedir que algo mais escapasse. Tive medo do tanto de palavrões que seria capaz de me dizer naquele momento.

– Claro! Eu nunca sei!

Não foi possível. Realmente não consegui segurar a lágrima que escapou. Eu estava ferida, não havia como negar. Mas me contive tentando ser forte e não desviei meus olhos dos dele. Por isso pude ver o que se passava em seu semblante. Retirei os óculos outra vez, sentindo-me ridícula.

Sua mão tocou meu rosto recolhendo a lágrima que tinha caído, e afagou a minha pele. Era o que faltava para me desarmar. Desabei, Chorei copiosamente na presença dele.

– Hei! Não, Charlotte!

Eu já estava chorando e, como sempre acontecia, não pararia tão cedo. Fiquei surpresa quando ele me envolveu em seus braços e me puxou para seu peito, afagando meus cabelos e minhas costas. Agradei por ter tirado os óculos.

– Calma! – seu rosto estava muito próximo do meu.

Eu podia sentir, mesmo sendo uma loucura, o sabor do seu hálito. Era bom. Muito bom! Gosto de menta misturado com algo cítrico. Colava em minha língua como se sua própria língua estivesse me passando este sabor.

Fiquei embriagada. Desejosa. Ansiosa.

– Não posso acreditar que fracassei. Eu deixei de lado tudo em minha vida para atingir meu objetivo e agora o que tenho? Nada. Sou uma nerd insignificante que nunca despertou interesse de ninguém e se esconde atrás de livros e fantasias. É isso o que sou. – ele riu baixinho.

– Não pense assim – sussurrou em meus cabelos. – Você é uma nerd sim, mas uma nerd linda!

Levantei a cabeça novamente surpresa com as palavras do meu professor. Ele sorriu com aquele canto dos lábios e eu perdi o foco. Seus olhos estavam tão profundos nos meus que foi impossível não me deixar envolver.

– Você é linda, Charlotte!

A intensidade das suas palavras e a forma como ele mantinha suas mãos em mim, uma em meu rosto, com seus dedos alcançando a minha nuca, e a outra em minhas costas, tomando-a completamente para si, me impulsionaram a fazer com que eu nunca acreditei que seria capaz.

Antes que qualquer pensamento pudesse me deter, meus lábios já estavam nos dele. Apenas o primeiro contato foi o suficiente para mandar uma descarga elétrica em meu corpo digna de uma tempestade. Eu nunca tinha beijado antes. Nem um selinho. Nada. Porém os lábios do meu professor eram tão macios que me davam a sensação de “lugar comum”.

Foi apenas um segundo suspenso no ar enquanto nossos lábios se encostavam. Um único segundo antes que a tempestade descarregasse em nós dois toda sua eletricidade. Não tive tempo nem de pensar no que fazer.

Seus lábios se movimentaram nos meus. Suaves e exigentes. Sugando. Experimentando. Logo depois um conjunto de ações quase me fez perder o equilíbrio.

Sua língua abriu passagem, reivindicando um pouco mais da minha. Não foi uma tarefa difícil, devo deixar claro. Minha língua parecia ter vontade própria e experimentar o sabor da dele era algo desejado muito antes de eu ter consciência disso.

Nosso beijo ficou mais intenso.

No mesmo instante, suas mãos percorreram meu corpo. A que antes estava em minhas costas para me amparar, me explorava com paixão, colando-me a ele, enquanto a que estava em meu rosto, prendia seus lábios nos meus.

Como tudo o que é bom dura pouco... Esta é a lei da vida.

O professor Frankli se afastou e deu alguns passos para trás, ofegante. Ele parecia confuso e eu embasbacada com tantas sensações diferentes. Foi bom? Não. Foi perfeito!

– Desculpe! – ele não me olhava. – Isso não...

Desculpe, Charlotte! Eu não tinha este direito.

Não conseguia encontrar uma palavra que pudesse expressar o que queria dizer. Meu corpo gritava: “O quê?”

Deixe para se desculpar amanhã e venha aqui terminar o que começou”. Enquanto minha mente me alertava que eu havia ultrapassado um limite importante e que, por causa disso, tudo poderia piorar ainda mais.

– Tudo bem – foi só o que consegui dizer, já colocando meus óculos.

– Não. Não está tudo bem. Isso não deveria estar acontecendo...

Eu não queria ouvir o que ele me diria. Não queria quebrar o encanto da sensação que formigava em meu corpo. Além do mais, já sabia o que ele diria e, com certeza, não seria de nenhuma utilidade. Minha única vontade era: escrever.

Com propriedade.

Com conhecimento de causa. Eu queria escrever sobre o primeiro beijo entre os meus personagens.

Por isso preferi pegar a minha bolsa e fugir. Que se dane o que ele fosse pensar. Apenas não podia perder aquele sentimento. Precisava transcrevê-lo.

Abri a porta e ainda consegui ouvir um fraco “Charlotte”, mas nem eu queria ser impedida, nem o meu professor pretendia fazê-lo. Por isso ganhei a rua e tratei de andar o mais rápido possível. Tenho certeza de que o porteiro não entendeu porque eu andava parecendo uma louca, mas abriu o portão e me deixou passar sem nenhum problema.

Assim que virei a esquina parei para respirar.

Arqueei o corpo e sustentei o meu peso com as mãos nos joelhos. Eu estava ofegante, meu corpo queimando, cheio de vida, de novas sensações maravilhosas que me davam vontade de gritar, rir, correr e chorar, tudo ao mesmo tempo. Olhei para trás com medo de ele estar por perto.

Não queria que o professor Frankli me visse de uma forma tão fora de controle. Por isso resolvi continuar caminhando.

Andei de encontro ao meu carro e em nenhum momento achei que a distância, o calor abafado, ou até mesmo o sol que por vezes se infiltrava entre os prédios, casas e árvores, nada disso poderia tirar a sensação gostosa em meus lábios.

Meu. Deus!

Eu beijei! E não beijei qualquer pessoa. Eu beijei o meu professor. Puta que pariu!

Mantive a mão nos lábios, os dedos acariciando a pele, como se quisesse manter o gosto, a sensação e a delicadeza dos dele. Tão macios. Quentes. Meu corpo estava estranho e meu estômago parecia estar com problemas. Ri sozinha e com vontade.

Corri para casa.

Miranda estava sentada no sofá com dois livros abertos e um caderno no colo.

Miranda era minha amiga desde que eu me entendo por gente. Ela está em minha vida há... Sei lá, minha vida toda? Sim, praticamente desde que nasci. Tínhamos a mesma idade e éramos absurdamente diferentes. Como ela era brasileira e baiana, possuía todos os atributos que uma mulher deseja. Seus cabelos cacheados eram bem tratados e desciam até a cintura. Sua pele era bronzeada, assim como a do meu professor, só que Miranda não precisava de horas ao sol para conseguir esta proeza. Os olhos grandes, castanhos como amêndoas possuíam uma expressividade capaz de paralisar qualquer pessoa. O corpo era lindo, delineado, tudo em seu devido lugar, seios e bunda na medida certa.

Nós morávamos juntas e sozinhas, desde que fomos aprovadas na UERJ. Ela não sabia o que cursar e acabou me acompanhando em letras, mas como não estava satisfeita, já planejava trabalhar com o meu pai assim que terminasse o curso.

Meus pais não moravam em lugar nenhum e em todos os lugares ao mesmo tempo. No momento estavam estabelecidos em São Paulo, mas viajavam pelo mundo e nunca permaneciam muito tempo em um mesmo lugar. Eles criaram Miranda que era filha de uma de suas empregadas de confiança, a mesma que cuidava de mim quando eles precisavam viajar, ou seja, quase sempre.

Quando tia Margarida morreu, isso quando tínhamos apenas 12 anos, meus pais assumiram Miranda, afinal de contas eram os seus padrinhos.

Tentei ignorar a minha amiga e alcançar o meu objetivo o mais rápido possível, mas minha pressa chamou a sua atenção.

– Onde é o incêndio? – gritou vendo-me passar correndo em direção ao meu quarto. Não respondi. – Charlotte, é sério! Aconteceu alguma coisa? Comeu alguma comida estragada?

Sentei em minha cama puxando o notebook. Abri, digitei a senha, conectei o pen drive achei o arquivo e procurei a página certa.

– O que aconteceu? – Miranda já estava a minha porta. – Você está com uma cara ótima, apesar dos olhos vermelhos. Andou chorando ou fumando maconha?

– Não uso drogas, Miranda – revirei os olhos.

– Ok. Então estava chorando. O que aconteceu?

– Estou em um momento mega, hiper, criativo.

– Ah! Ok! Momento criativo “hot”, ou momento criativo “dawn”?

Que doida! Tive que rir. Minha amiga era a melhor de todas as amigas que poderia existir, no entanto não podia contar que beijei o professor delícia dos seus sonhos. Seria uma traição imperdoável. Foi apenas um beijo, nada mais. Ela não precisava saber disso.

– Jonathan ligou – ela aguardou alguma reação. Eu queria somente escrever. – Disse que não vem hoje – balancei a cabeça concordando. – Ok! Vou deixá-la sozinha. Já vi que suas palavras estão para o papel e não para os ouvidos.

– Para o pen drive, para ser mais exata – ela riu e saiu fechando a porta.

Jonathan, ou Johnny, como o chamávamos, era o meu outro lado. Um amigo há tanto tempo quanto Miranda, mas ele era mais novo, apesar de parecer mais velho.

Tinha vinte anos e toda a confiança do meu pai.

Meus pais também eram seus padrinhos e a história dele era bem estranha. Eles estavam em São Paulo, em nossa casa, quando minha mãe notou a movimentação na ala dos empregados. Ao se aproximar percebeu a presença de uma criança que fazia a maior bagunça. Tinha apenas três anos, estava todo sujo e comia tudo o que encontrava pela frente.

Os empregados explicaram que ele apareceu na porta pedindo comida e que o porteiro o levou para dentro. Tiveram medo de que meus pais ficassem aborrecidos, então pretendiam apenas alimentá-lo e o mandariam embora.

Johnny não sabia quem eram os pais, onde morava, o que fazia ali. Não sabia nada. Meus pais chamaram a polícia, mas abrigaram o menino moreno de olhos negros que cativava a todos. Um tempo depois, sem conseguir qualquer notícia sobre seus pais ou responsáveis, acabaram se acostumando com a sua presença.

Meu pai principalmente, que logo gostou de ter um menino andando atrás dele e copiando tudo o que ele fazia.

Imitando Miranda, Johnny passou a chamá-los de padrinhos e minha mãe não conseguiu mais se desfazer dele. Usando da sua influência conseguiram a guarda do garoto e desde então ele passou a ser o meu cão de guarda, ou melhor-amigo-irmão-mais-velho, como eu costumava dizer.

Ele também morava no Rio e também estudava na UERJ, mas fazia administração, já que nunca levou jeito para medicina, como meu pai queria. Não morava no mesmo apartamento que Miranda e eu, outra regra louca do meu pai. Ele morava bem pertinho, algumas ruas antes, em um apartamento que mais parecia um antro de festas e situações indecorosas.

Bem fez meu pai em nos manter em ambientes separados.

Suspirei pesado e me entreguei ao que minha mente tanto pedia. Eu ainda estava com as lembranças frescas e consegui colocar para fora toda a essência daquele beijo.

E que beijo!

O tempo passou e eu continuava escrevendo. Em poucas horas eu havia modificado os dois primeiros capítulos do meu romance. Tudo por causa de um beijo.

Então esta era a chave? O professor Frankli tinha razão.

Eu precisava viver os momentos. Somente imaginá-los não era o suficiente.

Só que o tempo corria contra mim. Se eu quisesse me formar, além de também provar ao arrogante do meu professor, que eu era capaz de escrever algo erótico, precisava correr. E foi o que fiz. Não naquele dia.

Escrever esgotava as minhas forças. Meu corpo implorava por descanso e minha mente por mais momentos de sonho com aquele beijo.

Enviei o e-mail para que ele pudesse reavaliar os meus capítulos e me deitei. No dia seguinte teríamos aula.

Precisava repor minhas energias para mais uma batalha.

Infelizmente Miranda não estava disposta a me deixar com os meus sonhos, por isso a porta abriu e ela apareceu.

– Vou pedir uma pizza – sorriu como uma criança travessa. – Vegetariana. Topa?

– Eca!

– Eu preciso comer salada, então pizza com salada é tudo o que eu mais quero aqui – riu travessa.

– Se Deus quisesse que eu comesse folha me faria um lagarto.

E começamos a rir.

A noite seria longa.

Capítulo 3

“O amor é cego, por isso os namorados nunca veem as tolices que praticam.”

William Shakespeare

Charlotte

– É. Pode ser que seja verdade – fechei a mensagem e coloquei o celular no bolso da minha calça. Shakespeare podia estar certo, mas quem era eu para saber qualquer tolice sobre namorados?

O sol da manhã no Rio de Janeiro não parecia mais me incomodar. Nem o trânsito, nem o calor... Nada.

Aquela manhã tinha um sabor especial. Pela primeira vez em toda a minha vida eu tinha certeza de ter feito a coisa certa. A forma como descrevi o primeiro beijo entre meus personagens principais, estava não apenas bem escrita, também estava fantástica.

Encontrei o professor Frankli na entrada da sala.

Ele estava conversando com a professora Anita Bezerra, do departamento de Literatura brasileira e teoria da literatura, onde lecionava a matéria Literatura comparada.

Eu já não gostava dela, não por nada pessoal, e sim pelo fato de ela conseguir ser mais chata do que qualquer outro professor e por agir como se estivesse acima de todos nós, meros mortais. Piorava vendo-a ali, tão perto dele.

Pareciam mais íntimos do que o necessário e este fato o incomodava.

Não que isso fosse da minha conta. O professor Frankli não era da minha conta e o meu relacionamento com ele não passava de aluna e professor, apesar do beijo... O beijo. Sorri sozinha e tive vontade de tocar os meus lábios, mas evitei, ajeitando meus óculos.

Alguns alunos conversavam do lado de fora sem se importar com os dois, no entanto quando me aproximei nossos olhos se encontraram. Havia algo mais em seu olhar. Fiquei ansiosa. Será que ele não tinha gostado do que eu escrevi?

– Bom dia!

Sua voz baixa e um pouco rouca, porém suave, me surpreendeu. Ele não sorriu. Nem mesmo aquele meio sorriso que me deixava furiosa e encantada ao mesmo tempo.

– Bom dia, professor Frankli – analisei suas feições.

Ele não deixava transparecer nada.

– Vou atender todos os alunos no pátio. Quero conversar individualmente com cada um de vocês – a

professora Bezerra continuava lá sem prestar muita atenção em mim. Ela realmente se achava o último biscoito do pacote.

– Ah, tudo bem!

A professora Bezerra não era nada de extraordinário. Era linda, assim como muitas mulheres que circulavam pelo campus. Possuía um corpo trabalhado, e se vestia decentemente, pelo menos isso.

Seus cabelos loiros eram repicados e desciam até metade das costas. Os seios eram de silicone, eu apostaria nisso.

Fui direto para o pátio. Um que ficava bem próximo ao nosso prédio. Alguns alunos já se encontravam lá, conversando e se acomodando nos bancos de concreto.

Quando o professor Frankli chegou, sem me olhar novamente, sentou em uma mesa afastada e, com uma lista nas mãos, foi chamando cada um dos alunos que orientava.

Eu sabia que demoraria a chegar a minha vez, então coloquei os fones e fiquei ouvindo música, Elvis, o meu preferido. Foi Gorete, uma colega que fazia algumas matérias comigo, quem me alertou dizendo que meu nome já fora chamado três vezes.

Droga! Viajei completamente. Tirei os fones e fui sentar diante do professor. Ele me sondou por alguns instantes.

– Como está se sentindo? – cautela era o seu nome do meio. Soltei o ar achando graça da sua abordagem.

– Ótima! – ele fez uma careta e baixou os olhos para o papel em suas mãos. Reconheci meu texto.

– Você refez os dois primeiros capítulos – a cabeça estava encostada em sua mão, que a sustentava.

– Sim.

Ele suspirou pesadamente e coçou a cabeça. Seus olhos correram o pátio. Fiz o mesmo. Os poucos alunos que faltavam estavam espalhados. Ninguém prestava atenção em nós dois.

– Pode dizer, professor. Eu aguento. Você não gostou, não é? – o desânimo me invadiu. Eu nunca conseguiria ser aprovada por ele. Que droga!

Alex Frankli era um cretino, um imbecil, um idiota metido a...

– Na verdade... Está muito bom – mais uma vez seus olhos me avaliaram atentamente. Sorri para ele. Aliviada e constrangida pelos pensamentos de segundos antes.

– Caramba! Isso foi uma injeção de ânimo.

– Você refez os capítulos ontem? Depois... – ele olhou novamente para o pátio procurando testemunhas.

– Sim, professor. Acho que descobri a fórmula – sorri me movendo agitada no banco duro de concreto.

– Ah, Charlotte, não! – novamente a careta de desaprovção. – Charlotte...

– Não se preocupe, professor. Eu entendi.

– Não, você não entendeu.

– Entendi. O senhor estava com razão. Realmente preciso de experiências. Preciso sentir o que meus personagens sentem para compreender como funciona.

Viu? Eu o beijei ontem e olha só o que aconteceu...

Escrevi como deveria ser escrito. Era isso o que faltava.

– Não repita isso e... – olhou outra vez para os lados visivelmente preocupado. – Pelo amor de Deus, não... não conte a ninguém. Foi um momento ruim. Um erro, Charlotte.

Senti-me magoada. Claro que eu não esperava que ele me mandasse flores no dia seguinte nem que me pedisse em casamento por causa de um beijo, porém deixar explícito o quanto estava arrependido, abria uma ferida imensa em meu peito.

Alex Frankli voltava a ser o babaca de sempre.

– Pode ter sido um erro, só que este erro me ajudou e muito. Não se preocupe, professor, nunca contarei nada a ninguém. Na verdade eu só tenho a agradecer por ter aberto os meus olhos. A única coisa que importa agora é que meu texto está no caminho certo. Você o aprovou não foi?

– Esta parte sim, mas existe muito mais do que um primeiro beijo, Charlotte, e tenho medo do que fará para ajudá-la a escrever o que virá depois.

– Vou apenas escrever, professor. Estou dispensada?

Ele suspirou pesadamente.

– Não faça nenhuma besteira. Eu me sinto péssimo pelo que fiz – forcei um sorriso amistoso.

– Quando o meu livro estiver pronto e for aprovado, vamos rir muito disso tudo.

Ele se afastou da mesa e olhou para os lados.

Entendi que era a hora de eu ir embora. Peguei a minha bolsa e fui. Não parei para encarar para o meu professor.

Sabia que a repulsa em seus olhos me faria desistir do que tinha em mente. Embora ele não concordasse, aquele beijo abriu a porta para o que eu precisava. Eu seguiria em frente.

– Charlotte! – ouvi a voz de meu amigo me chamando e parei contra a minha vontade. Eu precisava correr contra o tempo e só Miranda poderia me ajudar. – Oi!

– Oi, Johnny! Não apareceu para o jantar ontem. Que milagre!

– Até parece que vocês sentiram a minha falta.

Miranda reclama todos os dias da minha presença.

– Miranda não se importa que você detone a nossa comida. Só se diverte pegando no seu pé.

– Sei – ele entortou a boca e me abraçou pelos ombros caminhando ao meu lado.

– O que fez ontem?

Continuei andando em direção ao meu carro. Era sábado e não teria que perder o meu tempo com outras aulas. Tinha que me apressar para encontrar Miranda em casa.

– Saí com uma gata – ele parecia animado.

– Sério? E como foi? O que vocês fizeram?

– Desde quando você se interessa pelos detalhes?

Está me usando como laboratório para mais um de seus personagens? – ri achando graça do falso pudor do meu amigo.

– Digamos que estou colhendo informações para um novo projeto – ele riu e revirou os olhos. – Quer carona?

Estou indo para casa.

– Não. Mas a encontro lá.

– Ótimo! Preciso que me dê algumas informações – ele riu revirando os olhos e se afastou.

Não foi complicado contar a Miranda o que aconteceu. Claro que omiti a parte do beijo, só contei a ela que ele havia dito que sem as experiências eu não conseguiria escrever. Ela fez cara feia para o que o professor Frankli disse, apesar de concordar com ele de que já tinha passado da hora de deixar as coisas acontecerem.

Johnny apenas achou tudo muito engraçado e não se importou em me dizer sobre o que excitava e o que não excitava um homem e como eu deveria agir para chamar a atenção de um cara.

Combinamos de sair naquela noite em busca das minhas primeiras experiências. Miranda já havia marcado um encontro com um paquerinha novo, então fomos todos a uma boate da moda que estava atraindo a atenção dos jovens.

Miranda arranjou um vestido colado ao corpo, que me deixou mais do que envergonhada. Era tão

diferente dos meus jeans largos. Não parecia nada comigo. Os saltos foram um espetáculo à parte. Treinei quase a tarde toda e a noite meus pés doíam mais do que pandeiro depois do ensaio e eu ainda teria que aguentá-los por mais algumas horas.

Miranda e Johnny concordaram que saltos altos davam um “que” a mais à mulher.

Deixei que minha amiga escovasse meus cabelos, tentasse fazer cachos e brincasse de Barbie comigo, mesmo sabendo que no final continuaria muito liso. No final, fiquei espantada com a imagem refletida no espelho.

Era eu, mesmo que não parecesse em nada.

– Você está incrível! – ela sussurrou em meu ouvido sem tirar os olhos do espelho.

– E você, como sempre, está exagerando.

– É sério, Lottie! A maquiagem deveria fazer parte do seu dia a dia. Seus olhos ficam incríveis sem os óculos e com o rímel.

– As lentes incomodam – levantei a mão para coçar os olhos, mas desisti ao lembrar que estragaria toda a maquiagem.

– Porque você não usa com frequência. Se usasse já estaria acostumada – ouvimos a batida na porta do meu quarto e eu sabia que era o meu amigo.

– Uau! Alguém vai se dar bem hoje – revirei os olhos e soltei os ombros perdendo toda a postura que ensaiamos o dia todo.

– Ela não está perfeita? – Miranda me fez levantar e rodar para que Johnny conferisse o resultado de um dia de trabalho.

– Está, só não vá com a ideia de que tem que transar, sua doidinha! Primeiro você precisa conhecer a pessoa, ter a certeza de que é o cara certo...

– Não tenho tempo, Johnny – resmunguei sem me importar com a cara feia que ele fazia.

– E pelo visto nem juízo. Até parece que não conhece o pai que tem.

– Vou pensar nisso depois que aquele otário do meu professor aprovar o meu projeto, eu me formar e me ver finalmente livre dele. Com meu pai eu me entendo depois.

– Ela fica bem corajosa longe do padrinho – meu amigo brincou e Miranda riu. Tive que rir também pois era a mais pura verdade.

Na boate, o som alto e as pessoas aglomeradas na pista quase me fizeram desistir. Então Johnny me convenceu de que se queria adquirir experiência, aquele era o local ideal. Ele só não sabia que eu pretendia muito mais. Se conseguisse ficar com alguém, não perderia tempo. Por isso aceitei a margarita que Miranda me ofereceu tão logo chegamos. Era bem forte, ideal para me ajudar com minha timidez.

Não bebi apenas uma. Bebi todas as que Miranda e Johnny me ofereceram. À medida que ia bebendo sentia meu corpo relaxar. Era ótimo! Para executar o meu plano a tranquilidade seria fundamental.

A música tocava, as pessoas dançavam e eu deixava meu corpo acompanhar cada movimento.

– Você está ótima! Tem uma porção de caras de olho – Johnny falou em meu ouvido.

Ele evitava ficar tão perto, pois sabia que isso assustaria qualquer pretendente, mas se mantinha perto o suficiente para espantar aqueles que não servissem. Por isso bebíamos e dançávamos. Dançávamos, bebíamos e eu já não era mais dona de mim.

– Onde está Miranda? – gritei me balançado ao som de uma música eletrônica. A batida parecia estar dentro de mim, vibrando em meu corpo, sacudindo meus órgãos.

Era uma delícia.

– Nos fundos com o carinha novo – ele riu. – Vou dar uma volta. Você vai ficar bem?

Fiz que sim com a cabeça e vi tudo ganhar formato e cor diferente. Ri adorando o efeito. Ele segurou meus ombros me avaliando, mas com um suspiro desistiu de tentar ser o meu guarda-costas. Johnny com certeza já estava de olho em alguém. Meu amigo estava com os hormônios em ebulição e não seria eu a atrapalhá-lo.

Continuei dançando.

Não sei dizer o quanto a bebida contribuiu. Aliás, não naquele momento, afinal de contas o bêbado nunca sabe quando é ele ou o álcool no comando. Estava achando tudo quente e divertido. Continuei dançando, sendo levada pelos corpos que se aglomeravam na pista.

E então eles chegaram. Dois rapazes, lindos, apesar de não poder avaliar com muita precisão, já que meus olhos me traíam, colaram-se em mim. Eu dancei com eles permitindo que a música ditasse nossos movimentos, tendo total consciência de que eles se esfregavam em meu corpo.

– Você é quente!

Um sussurrou em meu ouvido. Gostei de ouvir aquilo. Se eu era quente era desejável. E, se era desejável, poderia colocar meu plano em prática.

– Sim, ela é.

O outro falou passando as mãos pelas laterais do meu corpo. Não foi como as mãos do professor Frankli, no entanto eram mãos de homem e isso já era o suficiente.

– Por que não sobe e faz um “showzinho”?

Antes que eu pudesse responder fui levantada e colocada sobre o balcão do bar. As pessoas gritaram exigindo que eu dançasse. Era engraçado. As luzes piscavam e um som oco me impedia de ouvir direito.

Tudo estava fosco. Mesmo assim dancei. Os gritos aumentavam. Os saltos não ajudavam muito, apesar

disso, soltei o corpo, rebolei, me sacudi e me permiti.

– Tira a roupa – alguém gritou. Dei risada.

– É, tira a roupa, gostosa – uau!

Isso foi mais do que já consegui até então de alguém. O máximo que já tinham dito era que eu era muito bonita e isso foi só um dia antes. E foi aquele imbecil do meu professor. Até então eram apenas elogios à minha inteligência e capacidade.

E nada de beijos.

Definitivamente tinha algo de errado comigo.

– Você enlouqueceu de vez?

Alguém me agarrou com força me puxando do balcão. Confesso que no primeiro momento pensei que desabaria com a cara no chão, então meu corpo flutuou e as mesmas mãos me carregaram, segurando meus braços até que eu conseguisse colocar os pés no chão. Eu não conseguia reagir. Droga! Estava bêbada demais para fazer qualquer coisa.

– Perdeu o juízo, Charlotte? Meu Deus! – reconheci aquela voz aveludada. Era severa e sensual ao mesmo tempo. Era o professor Frankli.

Oh, droga!

Ele me puxou passando pelas pessoas, sem se importar com os gritos de protesto. Comecei a rir descontroladamente, até que chegamos num local mais vazio, onde era possível respirar com mais facilidade. Ele me encostou em um lugar gelado, ou molhado, sei lá. Só sei que puxei o ar com força e me dei conta de que realmente havia passado dos limites.

– Uma água, por favor! – pedi muito perto de mim.

Senti seu cheiro misturado a tudo o que se espalhava no ambiente. Aquele perfume se destacava de uma maneira consideravelmente agradável. Tive vontade de aproveitar a desculpa da bebida e me encostar em seu peito só para sentir mais de perto, no entanto, quando consegui focar seu rosto, o queixo duro, rígido, os olhos parecendo soltar chamas e a expressão mais desaprovadora que alguém já me deu, recuei de imediato.

Os lábios estavam tão esmagados um no outro que imaginei o tanto de coisas que ele gostaria de me dizer, e tive a certeza de não seria nada agradável ouvi-las. Senti raiva, sem saber muito bem o motivo de me sentir assim.

– O que você está fazendo aqui?

– Aparentemente estou livrando-a de uma ressaca terrível e de lembranças que só estragariam a sua vida – ele disse sem deixar de me encarar e sem desfazer nem um fio da sua expressão carrancuda.

– Oh! O príncipe encantado – dei risada, descobrindo que isso me fazia ficar ainda mais tonta.

– Você não sabe o que está falando. Está sozinha? O que pretendia fazer?

– Uma pergunta de cada vez, professor. Não estou em meu melhor momento – ri mais uma vez ao ouvir a minha voz arrastada.

– Estou vendo. Tome. Beba.

Levantou uma garrafinha de água mineral em minha direção. Arqueei uma sobrancelha e incrivelmente senti uma vontade incontrolável de confrontá-lo.

– Tem álcool?

– Claro que não!

– Não tem graça – dei língua para ele e depois desatei a rir.

– Você ia tirar a roupa? O que está passando em sua cabeça, Charlotte? Perdeu o juízo?

– Vou perder a virgindade queira você aprove ou não – o encarei notando que meus olhos voltavam a enxergar melhor. Talvez a raiva ajudasse a dissipar o álcool.

– Que absurdo!

– Vá à merda!

– O quê?

– Vá à merda! Não estou na faculdade. Não tenho que respeitá-lo. Saia do meu caminho, tenho coisas a fazer – tentei me afastar, mas meus saltos me traíram e eu despenquei em seus braços.

Minhas mãos foram imediatamente em direção ao seu corpo em uma tentativa de me equilibrar e o que eu encontrei foi simplesmente maravilhoso. Um peitoral tão firme e perfeito que tive vontade de acariciar. O que estava acontecendo comigo? Voltei a olhá-lo. Ele ainda me encarava, feições fechadas. Eu não o afetava em nada.

Por isso o empurrei para conseguir me libertar.

– Você não vai voltar lá para terminar o seu showzinho – a forma rude e autoritária como falou fez algo dentro de mim se rebelar, o que eu encarei como aquela parte da minha personalidade infantil e mimada da minha personalidade.

– Quem vai me impedir? Você?

– Charlotte? – Miranda se aproximou encarando o professor Frankli. – O que está acontecendo?

– Miranda. Eu deveria imaginar – ele disse em desagrado. – Charlotte está bêbada. Estava fazendo um espetáculo. Se não fosse eu para impedi-la...

Miranda ficou visivelmente sem graça pela reprimenda do professor.

– Você está bem? – ela se aproximou já com as mãos em mim.

– Não – ele respondeu no meu lugar. – Leve-a para casa.

– Não preciso de um pai – o desafiei. – E posso voltar para casa sozinha. Quando eu quiser – o empurrei me libertando, mas não saí, nem fiz mais uma ceninha.

Apenas cruzei os braços e o encarei.

– Não pode e não vai ficar. Miranda, leve Charlotte para casa!

– Tudo bem – ela resmungou contrariada. – Só preciso... – olhou para trás e eu já sabia do que se tratava.

Miranda tinha outros planos. Eu não queria estragar a sua noite.

– Não precisa, Miranda. Eu pego um táxi.

– Você não vai voltar sozinha para casa – ele rosnou me fazendo tremer.

– Não sou obrigada a cumprir suas ordens.

– Eu vou, Charlotte. Só preciso de um minuto.

– Não, Miranda. Eu irei sozinha – me apressei a caminhar prestando mais atenção aos meus saltos. Cair não seria nada digno.

– Droga! – o ouvi praguejar atrás de mim. – Você é um problema, Charlotte.

– É só se manter afastado.

Entreguei o meu cartão e a garota passou uma máquina na pulseira do meu braço, depois me entregou a maquineta, no entanto meu professor afastou o meu cartão e entregou o dele, oferecendo também a pulseira. Suspirei e percebi que não estava conseguindo respirar com facilidade. Dei as costas para me afastar e ele me reteve ao seu lado.

– Vamos. Não vou deixar você ir de táxi sozinha neste estado. Vou levá-la para casa, já que sua amiga prefere ficar com o namorado.

– Você não sabe nada sobre Miranda. Não fale assim dela.

– Não falo dela de forma alguma – ele segurava em meu braço, como se conduzisse uma pessoa incapaz, enquanto saíamos e andávamos em direção ao seu carro. – Este não é o meu papel. Além do mais, é um problema seu.

– Isso. É um problema meu. E você não vai para o inferno se me deixar sozinha. Não precisa bancar o bom moço.

– Pode calar a boca um minuto?

– O quê?

Ele abriu a porta do carro me forçando a entrar.

Sentei contra a minha vontade e ele entrou rapidamente do lado do motorista. Olhou para mim e suspirou impaciente para logo depois se debruçar sobre mim e prender o meu cinto de segurança. Seus dedos longos roçaram a pele do meu braço me deixando arrepiada. Nossos olhos se encontraram neste momento. Percebi o medo que passava pelos dele.

Alex ligou o carro e seguimos em silêncio. Até certo ponto.

– Você me deixa confuso, Charlotte. Não dormi direito e hoje não consegui me concentrar em nada me culpando pela merda que falei. Parece que despertei um monstro em você, obrigando-a cometer todos estes absurdos.

– Eu o absolvo de todos os seus pecados, mas, pelo amor de Deus, me deixe cometer os meus – ele riu sem vontade.

– Sabe o que está desejando?

– Sei.

– Não sabe nada. Perder a virgindade não é como nos contos de fadas onde a mocinha sente apenas o prazer do momento. É simplesmente uma merda. Você não vai sentir nada além de dor e incômodo. Não vai ter prazer e o cara que conseguir isso de você, provavelmente, não vai querer uma segunda rodada simplesmente porque não existe vínculo entre vocês. Não vai existir carinho, amizade, compreensão, nada. É isso o que quer? Um idiota qualquer se satisfazendo em você? Foi para isso que esperou tanto tempo?

Minha coragem ia diminuindo à medida que suas palavras me atingiam.

– A primeira vez vai doer e muito provavelmente a segunda também, mas em algum momento as coisas começarão a acontecer... – rebati sem me deixar intimidar.

Na verdade, não queria desistir de provar a ele que eu era sim capaz de escrever aquele livro.

– Não é disso que você precisa! – ele gritou. – Deixe de ser tão idiota! Será que não percebe o mal que vai causar a si mesma?

– Foi você quem disse que eu precisava! – gritei em resposta me sentindo completamente humilhada.

As lágrimas rolavam em meu rosto sem nenhum impedimento. Eu sabia que a qualquer momento as lentes sairiam do lugar e isso seria um inferno.

– Eu não disse! – ele gritou outra vez.

– Só depois daquele beijo eu consegui escrever da forma que você acredita ser a melhor para o meu

livro.

– Eu estava errado.

– Não estava.

– Merda! – bateu com força no volante e eu me assustei.

Nunca tinha visto o professor Frankli descontrolado. Parou o carro no acostamento. Percebi que não seguíamos para lugar nenhum, apenas dávamos voltas aleatórias. Ele respirou fundo enquanto tentava controlar suas emoções – Tudo bem, eu estava certo, Charlotte, só que isso não deve ser motivo para você sair por aí dando para todo mundo, tá? É burrice. Você precisa de muito mais do que um imbecil te comendo. Precisa aprender a ciência da coisa. Vai muito além do ato em si. Aliás, o ato não é grande coisa sem o antes e o depois. É aí que está a diferença.

– A diferença entre você e os carinhas que eu poderia arrumar naquela boate.

Era para ser uma pergunta, entretanto a certeza que eu tinha de que era isso o que ele queria me dizer era tão grande que as palavras saíram de minha boca como uma afirmação.

– Eu não disse isso – ele se defendeu com cautela.

– Mas foi o que quis dizer.

O professor Frankli me encarou com seus olhos penetrantes. Eram absurdamente intensos. Eu me sentia presa a eles, como uma miragem, um lago perfeito no meio de um deserto.

– Isso é tão errado, Charlotte! – gemeu desviando o olhar.

– Se você não me ensinar não terei como aprender, ou então vou correr o risco de me aventurar com qualquer outra pessoa que esteja disposta a me ajudar.

Que loucura eu estava dizendo? Estava propondo ao meu professor que tirasse a minha virgindade? Propondo ao professor Frankli que me ensinasse a arte do amor?

Meu Deus! Eu estava mesmo muito bêbada.

– Não vai mesmo desistir, não é?

– Não – mantive meus olhos firmes nos dele. Era o que eu queria? Sim. Definitivamente era tudo o que eu queria.

O professor Frankli deu partida no carro e voltamos a nos movimentar. Ele estava sério, olhando para frente num debate interno e conflituoso.

– Para onde está me levando?

– Para a minha casa.

Um milhão de borboletas levantaram voo em meu estômago causando formigamento em meu ventre.

Capítulo 4

“Se não recordas a mais ligeira loucura que o amor te fez cometer, não amaste.”

William Shakespeare

Charlotte

Mas não era amor. Era apenas necessidade. Uma necessidade imensa de conseguir concluir o meu livro e com isso obter a minha graduação. Uma necessidade de que ele fosse o meu professor, mas esta parte não deveria ser revelada, pois era apenas uma confusão do meu corpo e da minha mente, então, querido amigo, era uma loucura que eu recordaria a vida inteira, mas não por causa do amor.

Definitivamente, não!

Eu pensava na frase enquanto me deixava ser conduzida. Ele dirigia sem prestar atenção em mim. O enjoo causado pelo excesso de bebida começava a me dominar. Nunca chegávamos e, pelo que me lembrava, a casa dele não ficava tão distante assim da boate. Então por que estava demorando tanto? Passei a prestar mais atenção no percurso que fazíamos.

Ah não! Ele não estava seguindo para a casa dele.

Estávamos rodando sem rumo. Meu professor estava me enrolando. Eu deveria imaginar. Claro que ele não se renderia tão facilmente. Um homem como Alex Frankli não permitiria que uma mulher como eu entrasse em sua vida.

Minha vergonha era tanta que tive vontade de chorar. Bravamente engoli o choro tentando ser forte o suficiente para esquecer que ele existia. Pelo menos até o dia seguinte, ou até a nossa próxima aula.

– Para onde estamos indo?

– Para a minha casa – ele respondeu de forma tensa.

– Este não é o caminho da sua casa. – meu professor me olhou surpreso e depois voltou a olhar para a estrada.

– Preciso pensar, Charlotte, e consigo fazer isso melhor quando estou dirigindo.

– Pensar em quê? Achei que tínhamos chegado a um acordo – meu tom de voz parecia mais uma acusação que uma afirmação.

– Preciso pensar no que fazer. Em como fazer funcionar.

– Você não sabe como? – comecei a rir. Com certeza só consegui rir porque estava bêbada. Era muito mais fácil falar tudo o que vinha a minha cabeça tendo o álcool como justificativa. – O senhor da sabedoria não sabe como fazer sexo com uma garota.

- Não seja ridícula!
- Foi você quem falou.
- Não foi o que falei.
- Ah, falou sim – continuei rindo.

Ele acelerou o carro fazendo com que balançasse mais ainda. Minha cabeça girou e meus olhos começaram a forçar para se fecharem.

- Você está bêbada, é minha aluna e virgem, ou seja, tenho uma bomba em meu carro, que, com certeza, não assimila nada do que estou falando.

Encostei a cabeça no banco e me concentrei em respirar. O enjoo era forte demais, precisava ficar bem quietinha ou colocaria tudo para fora e não da forma como estava fazendo até agora. Com certeza o professor Frankli não ficaria muito satisfeito se eu vomitasse em seu carro perfeito.

Só percebi que tinha dormido quando ele me segurou em seus braços me retirando do carro. Abri os olhos um pouco atordoada e notei seu rosto muito próximo ao meu. Senti cheiro de álcool, mas me lembrei de que provavelmente era o cheiro que exalava de mim naquele momento.

- Pode me colocar no chão. Consigo andar sozinha – ele gemeu um pequeno protesto.

- Ainda acordada?

- Por quê? Esperava que eu dormisse antes de obrigá-lo a cumprir com o nosso acordo?

– Não temos nenhum acordo – abriu a porta da casa e acendeu a luz da sala. A claridade incomodou meus olhos.

– É claro que temos! – eu queria muito protestar só que meu corpo estava manhoso e o sono me puxava para seus braços.

- Não. Não temos.

- Professor...

- Charlotte, não comece, tá? – concordei com um aceno de cabeça. – Agora venha aqui.

O professor me segurou pela mão me levando para o interior da casa. Sua mão quente na minha era uma sensação agradável e um tanto quanto segura. Me senti confortável.

Sem largar minha mão ele ligou o som, através do controle remoto, porque o aparelho mesmo eu não consegui descobrir onde estava, nem de onde vinha a música suave e lenta que começou a tocar. O volume baixo e agradável aos ouvidos.

Ele me puxou para seus braços me acolhendo neles e começou a se movimentar no ritmo da música.

Iríamos dançar?

– Não sei dançar – ele riu da minha confissão.

– Não foi o que vi na boate – fiquei envergonhada do absurdo que cometeria. Longe de tudo eu podia entender com mais clareza a besteira que faria se ele não tivesse aparecido.

– Não sei o que aconteceu. Realmente não sei dançar.

– Você não sabe muitas coisas, Charlotte. Parece que não tem sido muito justa consigo mesma. Sei como é desejar muito uma coisa, correr atrás do seu sonho, mas é errado se anular em função disso.

Ele falava e se movimentava me levando junto. Sua voz doce e aveludada em meu ouvido causava arrepios em minha pele. Suas mãos me envolveram, uma espalmada na base das minhas costas enquanto a outra me segurava pelo pescoço, mantendo meu rosto firme em seu peito. Seus dedos faziam carícias leves em minha pele. Pensei que entraria em combustão.

Ser tocada por um homem, mais especificamente, pelo que passei a desejar, meu professor, era estranho e, no entanto, tão familiar que não me assustava. Deixei que meu rosto descansasse em seu peito sentindo aquele perfume que eu desejei pouco antes. Era maravilhoso!

O professor Frankli me vendo relaxada em seus braços começou a cantarolar a canção em meu ouvido.

Senti-me embalada. A letra falava sobre um amor que chegou sem avisar e que quando ele percebeu já estava completamente envolvido. Não tinha saída e nem escolha.

Por um breve segundo me deixei levar pela ideia de realmente viver um amor tão arrebatador que me dominasse por completo, este pensamento não durou muito, com o embalo da música e a sua voz em meu ouvido logo estava dormindo.

Só quando uma forte luz conseguiu ultrapassar minhas pálpebras lembrei que havia adormecido nos braços do professor Frankli. Abri os olhos e me deparei com uma enorme porta aberta para uma varanda pequena.

As cortinas entravam no quarto, levadas pelo vento e o sol brilhava lá fora.

O lençol roçava a minha pele. Era uma sensação gostosa. Espreguicei-me até me dar conta de que o lençol roçava a minha pele porque eu não vestia nada. Estava nua por baixo dele. Oh, droga! O que havia acontecido?

Levantei de uma vez, assustada demais para me manter quieta. Aquele não era o meu quarto.

– Assustada?

– Professor? – segurei o lençol no corpo, envergonhada pela minha nudez.

– Você não teve vergonha ontem – foquei em seus olhos.

Ele se divertia com o meu embaraço. Aquele sorriso torto se espreguiçava em sua boca. Levei a mão aos

olhos para ajustar os óculos e então me lembrei que não estava com eles. Pisquei diversas vezes sentindo a lente incomodar. Merda! Dormir de lentes de contato era o fim do mundo.

– O que aconteceu?

– O que você queria que tivesse acontecido? – ele falou sorrindo. Puxei o ar com força.

– Queria ao menos lembrar de como foi, já que tenho que escrever sobre o assunto – afundei na cama sem saber como agir. Ele riu da minha reação.

– Não aconteceu nada, Charlotte. Você dormiu em meus braços ontem. Eu a trouxe para o quarto. Não me pergunte como acabou sem roupas. Juro que não encostei um dedo em você. Entrei para saber como estava e quando começou a se mexer fiquei observando, apenas isso.

Agora eu não sabia mais se deveria ou não ficar feliz. Eu queria que tivesse acontecido. Perdi mais um dia e meu tempo era curto demais para desperdiçar dormindo por causa de bebida.

– Precisa de alguma coisa? Sua cabeça dói? – modificou completamente o rumo da conversa.

– Onde você dormiu?

– No quarto de visitas.

– Ah! – olhei ao redor ainda um pouco confusa. – O que vai acontecer agora? – não podia perder mais tempo.

Ele suspirou pesadamente e passou as mãos pelo cabelo.

– Tome um banho e vamos descer para conversar – ele continuou sentado, me observando.

Ok! Conversar não era bem o que eu tinha em mente, e no meu caso era um banho de água fria. Olhei pelo quarto e vi a porta que provavelmente seria o banheiro.

Por que não fazíamos logo aquilo e conversávamos depois? Fiquei vermelha só de pensar no assunto.

– Preciso que saia do quarto para que eu possa levantar – ele riu balançando a cabeça.

– Quer que eu tire a sua virgindade, mas tem vergonha de ficar nua na minha frente? É um pouco contraditório não acha? – meu rosto ficou ainda mais quente.

– Então posso considerar que temos um acordo? – seus olhos endureceram. – Não vou me intimidar, professor Frankli. Como o senhor mesmo disse, eu abri mão de coisas demais, agora tenho que recuperá-las.

Sem pensar duas vezes levantei da cama deixando o lençol sobre ela e caminhei até o banheiro. Não olhei para trás nem para o seu rosto. Era muito arriscado. Precisei de toda a coragem, que nem sabia que tinha, para caminhar nua na sua frente, precisava mostrar a ele, que estava decidida e que nada iria me deter.

Tomei banho, escovei os dentes com uma escova que encontrei no banheiro, deduzi que tinha sido deixada para mim já que ainda estava na embalagem e voltei ao quarto. Ele não estava mais lá, porém minhas roupas estavam arrumadas sobre a cama, inclusive a minha calcinha. Demorei alguns segundos para entender que suas mãos estiveram nelas e... Merda! Isso me deixou eufórica.

O que estava acontecendo comigo?

Ao lado do meu vestido estava uma camisa de manga longa e botões. Ele estava me dando a opção de vestir uma camisa dele? Não me permiti pensar a respeito durante muito tempo, o vestido daria mais trabalho, então vesti a calcinha, a camisa e saí à procura do meu professor. Estava pronta?

A sala estava silenciosa, o cheiro de ovos e café vindo da cozinha chegava até o andar de cima, que era onde ficavam os quartos. Encontrei meu professor. Ele estava de costas, mexendo na frigideira e até assim ficava lindo. Usando uma bermuda solta e camiseta que me permitia ver seus braços musculosos, me peguei pensando em como ele me segurava de uma forma interessante. E então me dei conta que interessante não era bem a palavra mais adequada para o que eu sentia quando estava em seus braços.

Havia, sobre a bancada da cozinha americana, alguns alimentos: suco, pães, uvas, todo o necessário para um café da manhã. Ele virou me encontrando plantada no meio da cozinha. Seus olhos percorreram meu corpo vendo a camisa. Percebi um pequeno sorriso, que ele disfarçou muito bem, se formando.

– Espero que esteja com fome – falou depois de praticamente me despir com os olhos e me deixar ainda mais envergonhada.

– Não quero comer e sim resolver a minha situação.

De onde eu conseguia tirar tanta coragem? Estava na cozinha do meu professor, usando apenas uma camisa dele, exigindo que transasse comigo o mais rápido possível. Começava a considerar a hipótese de que estava enlouquecendo.

– Não pode começar uma vida sexual depois de um porre sem comer nada, Charlotte. Primeiro cuide do seu corpo, depois das suas vontades.

Fiquei mais animada. Sentei no banco alto e aguardei.

– Agora já temos um acordo? – coloquei um pouco de suco em meu copo.

– Menina! – ele me repreendeu.

No entanto, a forma como ele falou o “menina” preencheu o meu corpo de necessidades que eu até então desconhecia. O que era aquilo? Meu professor suspirou balançando a cabeça em desaprovação.

– Vamos tentar chegar a um acordo, certo?

– Mas...

– Sem “mas”, Charlotte. Eu já estou fazendo muito concordando com toda esta loucura, então terá que ser do meu jeito. Ou você concorda ou não teremos um acordo.

Larguei a torrada no prato e cruzei os braços aguardando. Meu corpo não tinha necessidade de comida, tinha necessidade dele. Opa! O que eu estava dizendo?

Como assim dele? Especificamente dele? Porra! Era verdade. Eu queria ele e não qualquer um. Aquele homem tão cheio de experiência e sabedoria era a pessoa certa para ser... o meu professor? Ri mentalmente sem deixar transparecer. Era exatamente isso. Alex Frankli seria o meu professor.

– Primeiro – começou a dizer enquanto colocava comida em meu prato e café em minha xícara. – Independentemente do que vá acontecer aqui, você precisa ter em mente que ninguém poderá ficar sabendo. Sou o seu professor, sou mais velho, estou orientando o seu trabalho final e não posso correr o risco de ser acusado de me aproveitar das suas fraquezas. Você quer ser escritora, eu sou dono de uma das maiores editoras do Brasil, entenda que o que vamos fazer é absurdo.

– Não é – tentei contestar – É absurdo. Chega a ser um crime.

– Professor...

– Eu vou ajudá-la, Charlotte. Vou ajudar porque...

merda! Realmente seu texto melhorou muito depois daquele beijo. Estou me sentindo péssimo, por ter que admitir o quanto foi significativo para o seu avanço.

Também não me sentia bem sabendo que precisaria reprovar a melhor aluna da universidade.

– Então nós vamos transar? – percebi que minha pergunta continha mais animação do que eu gostaria de demonstrar.

– Não – ele me encarou decidido.

– Como não?

Minha cara de desagrado deixava claro o quanto fiquei decepcionada com aquela resposta. Para se sincera eu fiquei irritada, aborrecida, raivosa... Tudo o que a minha personalidade de garota mimada me permitia sentir.

– Não posso transar com você, menina. Entenda!

– Não entendo. E não me chame de menina, eu já tenho vinte e um anos. Sou maior de idade e posso transar com quem eu bem quiser.

– Bom.. – ele me avaliou de um jeito estranho, descendo seus olhos até o decote que deixei propositalmente. – Eu te vejo como uma menina – e desviou o olhar. – Mesmo já tendo vinte e um – bebeu um gole do seu café. – E mesmo podendo transar com quem quiser, mas pelo visto não é assim que será e não é assim que você quer, então vamos entrar em um consenso.

– Professor...

– Charlotte, não seja infantil. É muito arriscado além de não ser eticamente correto. Você é virgem. Eu sou mais velho. Não posso fazer isso.

– E como vai me ajudar?

– Vou ajudá-la. Nós vamos fazer algumas coisas...

Eu vou orientando você...

E pela primeira vez em minha vida eu vi o professor Frankli envergonhado. Era como se a proposta dele fosse tão indecente que nem ele podia acreditar que a estava fazendo.

– Orientação já tive de sobra. Miranda e Johnny me contam toda a vida sexual deles, detalhadamente. Eu li todos os livros possíveis. Não preciso de teorias, preciso de prática!

Quase explodi em um ataque de fúria. O que ele estava achando, que poderia simplesmente me contar como funcionava que eu assimilaria? Pelo amor de Deus!

– Calma! – estávamos exaltados. – Confie em mim.

Vou ajudá-la. Nós vamos deixar algumas coisas acontecerem, só não vou tirar a sua virgindade – ele não me olhava nos olhos.

– Por que não? Eu quero que faça isso.

– Charlotte, você não sabe o que está dizendo.

Depois que esta merda de formatura passar, irá se arrepender do que fez para conseguir sua graduação.

Acredite em mim, será muito melhor se você encontrar alguém que a ame, ou que pelo menos esteja no mesmo nível de envolvimento que você. Eu sou apenas mais um cara. Não é correto o que estou fazendo e não quero ser premiado com a sua virgindade.

– Esqueça! – estava com raiva.

Era como se estivesse implorando para que ele fizesse o gigantesco sacrifício de ficar comigo. Droga!

Como permiti que chegasse a aquele ponto?

– Ah, não! Não comece a chorar novamente – percebi que algumas lágrimas caíram de meus olhos.

Passei as mãos limpando-as com força e esquecendo completamente das lentes de contato que tiravam meu foco fazendo-me piscar repetidamente.

– Ok! Vou embora.

– Espere – me segurou quando tentei passar por ele.

– O que vai fazer?

– Vou embora. Desculpe por envolvê-lo nisso e...

obrigada por ter me ajudado ontem – ele suspirou.

– Charlotte, acredite em mim, eu sei o que estou fazendo.

– Eu também.

– Não quero que saia em busca de alguém para transar, não seria justo com você. E o que eu pretendo fazer será mais do que o suficiente para ajudá-la a escrever.

– Como vai fazer isso? Conversando comigo?

– Não! – seus olhos se estreitaram e ele passou a mão pelos cabelos lisos que caíram como uma cortina em sua testa. – Pensei muito sobre o assunto. Já sei o que falta em você e em seus personagens. Por favor, faça como estou lhe pedindo!

Eu estava ferida e humilhada. Não que ele tivesse dito qualquer coisa para provocar este sentimento, eu tinha me permitido passar por essa humilhação e doía muito mais do que se fosse ele a causa. O professor Frankli segurou meu rosto entre as mãos com carinho e se aproximou de mim bem devagar.

– Você é linda! Merece alguém que a ame. Alguém que queira lhe dar o mundo e não um canalha que só vai se aproveitar da situação.

Seus olhos, incrivelmente azuis, estavam ainda mais escuros. Em todas as minhas teorias, os olhos escureciam quando a pessoa estava em situação de risco, ou qualquer outra coisa relacionada à descarga de adrenalina. E todos os romances que li, descreviam que o homem ficava assim quando estava excitado. Porém aquele não era o caso do meu professor. Ele apenas se punia pelo que tinha despertado em mim e por isso se obrigava a me ajudar, como uma penitência pelo seu pecado.

– Você não é um canalha.

– Estou sendo um.

– Não. Não está.

– Por favor, concorde com as minhas condições!

Deixe-me ajudar você, Charlotte.

Ah, droga! Eu queria tanto que ele me ajudasse.

Queria tanto seus beijos outra vez e também poder escrever daquela forma tão perfeita. Era disso que eu precisava. E como dizer não a duas pedras preciosas que me encaravam com tanta intensidade, mesmo que no fundo eu soubesse que era apenas culpa.

– Tudo bem – eu me vi concordando. Ele sorriu e, para minha surpresa, me puxou para seus braços e me beijou.

Caramba! O que era aquele beijo? Parecia que o mundo havia deixado de existir. Meus pés deixavam o chão e meu corpo flutuava. Senti seus lábios macios se movimentando nos meus. O encaixe era perfeito.

Sua língua tocou meus lábios e eu os abri para recebê-la.

O sabor não era comparado a nada que eu já tivesse experimentado antes. Deixei que ele brincasse com minha língua e grudei meu corpo ao dele. Suas mãos se movimentaram. Uma descendo pelas minhas costas e me prendendo a ele e a outra subindo até minha nuca segurando meus cabelos com força. Eu queria que me invadisse de todas as formas possíveis.

Depois de um tempo nos devorando, ele se afastou.

Eu estava ofegante e ansiosa por mais. Com um passo para trás, o professor Frankli deixou que eu voltasse para o planeta Terra e apenas me observou. Pisquei e mexi no cabelo sem saber ao certo o que fazer depois.

– Viu? Dá para fazer muita coisa, Charlotte.

Mordi o lábio inferior para não sorrir amplamente, corando de uma maneira violenta, pensando no tanto de coisas que faríamos. Ele tocou meu rosto com as costas da mão e ficou me olhando, analisando, como quem observa uma pintura. Incapaz de me conter, comecei a me contorcer de ansiedade. Ele notou e sorriu daquele jeito peculiar, deixando os lábios se esticarem em câmera lenta, prendendo-me completamente a este movimento.

– Gosto do seu beijo – revelou.

– Do seu beijo – corriji. Ele me olhou surpreso. – Nunca beijei outra pessoa, então este é o seu beijo. Estou apenas aprendendo – ele sorriu.

– Isso vai ser muito interessante, menina. Agora coma alguma coisa

Capítulo 5

“O amor é a única loucura de um sábio e a única sabedoria de um tolo.”

William Shakespeare

Charlotte

Se eu considerasse o que tinha de exemplo de amor poderia acreditar nisso, Shakespeare. Afinal de contas, era para onde todos caminhávamos, não? No entanto, se tivéssemos um acordo sobre aquele parâmetro, amor deveria ser a única regra no quesito “sentimentos proibidos”.

Eu não tinha medo. Não estava em condições de temer, mas também acreditava que não haveria tempo de inserirmos tais sentimentos em uma relação como aquela, por isso não recuei. Muito pelo contrário. Eu ansiei.

Durante cada segundo que se passou me vi pensando em qual seria o nosso próximo passo.

O professor Frankli quase não comeu. Fiquei sentada terminando o meu café enquanto ele lavava a louça, depois me deixou sozinha na cozinha indo sentar no sofá da sala com um livro na mão. Durante todo este processo não conversamos. Estava com receio de falar alguma besteira e acabar desencorajando-o.

Afinal de contas falar e fazer besteiras era a minha especialidade.

Depois que acabei meu café e lavei minha louça, fiquei indecisa se deveria ou não ir até ele. Estava confusa demais. Meus pensamentos eram contraditórios, ora eu era a mulher mais desinibida e corajosa que já conheci, ora eu tinha vergonha de me aproximar. Era incomum reagir desta forma. Por fim decidi que o melhor a fazer era ir até ele.

E foi o que fiz.

Aproximei-me dele, que continuava sentado no sofá com o livro aberto em suas mãos. Quando cheguei perto, ele voltou sua atenção para mim. Seus olhos eram quentes e faziam meu corpo ferver de uma maneira até então desconhecida, com vontade de avançar e de recuar ao mesmo tempo. Ficamos nos encarando, imóveis.

Ciente de que algo deveria ser feito, ajoelhei-me à sua frente, entre suas pernas, como uma boa aluna e aguardei pelos seus ensinamentos. Tínhamos um acordo e precisávamos começar o quanto antes.

O professor Frankli ficou surpreso com a minha atitude. Colocou o livro sobre o sofá olhando-me atentamente. Eu me sentia refém daqueles olhos, presa em sua profundidade. E ele me admirava, não fixando em meus olhos, mas observando meu rosto. Merda, minhas sardas!

Fechei os olhos pensando em recuar, mas foi neste exato instante que seus dedos acariciaram meu rosto.

Outra vez a sensação de estar sendo queimada me invadiu.

Ofeguei e mordi os lábios.

Seus dedos desceram pelo meu pescoço, roçando a pele, passearam pelos ombros, indo em direção ao volume dos meus seios. Acredito que parei de respirar pois nunca ansiei tanto por um toque como naquele momento, em frente a ele, expectante, aguardando por seus ensinamentos.

No entanto, ele desviou no último segundo, deixando que descessem pelos meus braços. Meu coração estava acelerado e eu fiquei ofegante com a tentativa frustrada. Abri os olhos e o encontrei me encarando. Outra vez a sensação de estar presa em seu olhar.

– A primeira coisa que deve aprender é que precisa se conhecer.

Fiquei confusa. Não esperava por mais teorias, e para dizer bem a verdade, eu estava pronta para a prática.

Ele sorriu demoradamente, saboreando minha reação.

– Sua personagem fica um pouco confusa quando está em uma situação envolvendo sexo. Normalmente ela não consegue expressar ao certo o que sente ou o que deseja. O que acontece é que não pode alguém saber do que gosta se não se conhece. Nenhum homem tem a capacidade de adivinhar do que uma mulher gosta, Charlotte. Normalmente ele age de acordo com as indicações da mulher.

– Indicações? – praticamente sussurrei.

Ele falava como o professor que era, me ensinando e me prendendo a sua aula. Falar algo naquele momento era quase como profanar a história, como se isso fosse espalhar a bruma que se formava no ambiente quando ele me fitava com aqueles olhos, me instruía com seus lábios maravilhosos, a voz rouca e envolvente.

– Sim. Gemidos, toques mais apertados, pele arrepiada, movimentos acentuados do corpo, sempre são uma dica sobre o caminho a seguir, e você só poderá fazer isso se conhecer o seu corpo tão bem a ponto de saber exatamente como sentir.

– Entendi.

– Para o homem, o sexo é bom mesmo quando não é tão bom, entendeu?

– Não.

Ele riu baixinho, me deixando deslumbrada com a maneira sensual que conduzia a conversa. Durante todo o tempo seus dedos subiam e desciam em meus braços. Eu ainda queimava.

– O homem sempre goza no final, já a mulher...

– Ah, entendi – fiquei envergonhada, vermelha e quente, embora continuasse firme.

– Por isso é fundamental que você se conheça. O orgasmo é complicado para as mulheres apenas enquanto seu corpo ainda é um estranho. Quando você descobrir o que gosta e como gosta, será muito mais fácil atingi-lo. E você nem precisará de um homem para alcançar este objetivo – aquele sorriso

torto desconcertante brincava em seus lábios. Puxei o ar com força. – Você nunca se masturbou? – neguei com a cabeça. Agora sim meu rosto estava todo vermelho. – Nem tentou? – mais uma vez, neguei. – Mas precisa.

Putá merda! Como assim? Ali, na frente dele? Puxei o ar com força. Aquilo era absurdamente... Sexy! Porra, era muito sexy. Mas nem assim, com o meu corpo sendo incinerado pelos pensamentos, eu teria coragem.

Levei as mãos ao rosto para ajeitar os óculos e não os encontrei. Fiquei ainda mais desconcertada, ajoelhada entre as suas pernas e o ouvindo falar que eu precisava me masturbar.

– Eu...– pigarreei embaraçada. – Tenho vergonha.

– Hoje pela manhã você ficou nua na minha frente e eu não sou o seu namorado nem nada parecido. Foi bem corajoso. Porém quando é para tocar o próprio corpo, sem que ninguém precise ver ou saber, você não consegue?

Ahhhhhhhh! Não seria na frente dele. Bom... A ideia, apesar de não tão quente quanto, era menos constrangedora. Mesmo assim eu sabia que era um passo maior do que as minhas pernas.

– Não.

– Sem problemas. Vamos começar do zero mesmo.

Este será o seu primeiro exercício, vai se tocar, conhecer o seu corpo, descobrir do que gosta, como gosta e onde gosta.

Ri desgostosa. Se Alex Frankli sabia alguma coisa naquela vida, era ser sacana. Como ele podia acariciar o meu rosto e me dar aquela ordem? E como eu podia reagir daquela forma tão...

Aquilo não era normal.

Definitivamente, não era.

– Não vou conseguir.

– Quer escrever ou não? Sua personagem é experiente, vivida, sabe do que gosta, você precisa entender como ela se sente.

– É constrangedor.

– Constrangedor? Sabe o que é realmente constrangedor? Uma aluna pedir para que eu tire a sua virgindade. Se masturbar não é constrangedor. É importante e necessário. Se todas as mulheres fizessem tornariam tudo muito mais fácil para nós homens.

Mordi o lábio inferior, fechei os olhos e quando os abri sentia que minhas mãos lambiam meu corpo. Fiquei confusa. Era ou não para ele assistir? Porque ele disse para eu fazer, eu não sabia fazer... eu estava confusa, minha mente mandava imagens indecorosas que só conseguia raciocinar de forma coerente.

– E como quer que eu faça? Aqui? Na sua frente? – seus olhos ficaram imensos e ele sorriu largamente.

– Posso lhe garantir que seria um maravilhoso espetáculo. Qualquer homem adoraria assisti-la. Mas não.

Quero que faça com calma. Sinta o seu corpo, se conheça, experimente... vai ser gostoso – ele falava e acariciava meu rosto, meus braços. Porra! Não dava nem para respirar normalmente.

– E tenho que fazer agora? – ele parou por alguns segundos constrangedores. Desviou os olhos, roçou o polegar nos lábios, mas quando voltou a me olhar eu senti que não estava em seu estado normal.

– Ainda não. Venha aqui – puxou-me para o sofá me deixando muito próxima a ele. – Primeiro, precisa de incentivo, além de algumas instruções.

– Instruções?

Tenho certeza que estava sendo a virgem idiota, mas não conseguia me concentrar direito e ao mesmo tempo queria absorver o máximo possível o que ele me ensinava.

O professor Frankli revirou os olhos.

– Vamos começar.

Seus lábios tomaram os meus quando pensei que conseguiria dizer mais alguma coisa. Novamente o beijo foi fantástico. Estávamos sentados no sofá, um de frente para o outro. Apesar de nossos corpos estarem separados o desejo era tão real que doía em mim.

O professor Frankli tinha razão. Eu precisava realmente daquele incentivo se quisesse fazer qualquer loucura mais tarde. Precisava que ele me fizesse perder a cabeça. Que me fizesse perder a noção dos meus limites.

Que me fizesse desejá-lo a ponto de buscar alívio em mim mesma. E foi exatamente o que ele fez.

Enquanto me beijava, acariciava minha nuca, levantando o meu cabelo, fazendo minha cabeça se movimentar da forma correta para o nosso beijo. Foi delicioso e ao mesmo tempo doloroso. Eu estava excitada.

Apesar de nunca ter me sentido assim antes, eu sabia, o formigamento no ventre, a ansiedade latente e a umidade no meio de minhas pernas indicavam que era exatamente o que estava acontecendo.

Para minha decepção ele não ultrapassava aquele limite. Eram apenas os nossos lábios e suas mãos em mim.

Eu queria mais. Muito mais. Mas não sabia como agir.

Ele demorou o máximo de tempo possível apenas me beijando. A angústia me devorava. No entanto, não estava me queixando. O beijo era realmente bom.

Daqueles de deixar o corpo ardendo e o sexo pulsando.

Meu Deus! De onde vinham estas palavras? O que um beijo era capaz de fazer comigo?

Então ele mudou a intensidade. O beijo que até então era calmo foi ganhando força, logo estávamos embalados por um beijo vivo, cheio de necessidades, desejo e completamente intenso. O professor Frankli diminuiu a distância entre nós me puxando para mais perto dele.

Suas mãos percorreram minhas costas subindo pelos meus braços. Não eram toques leves, mas que demonstravam desejo puro. Ele desceu uma mão passando-a pela minha perna, se demorando em minha coxa, apertando-a. Ouvi um gemido escapar de seus lábios e aquilo mexeu realmente comigo.

Foi quando me puxou, em um movimento abrupto e forte, me colocando sentada em seu colo. Com minhas pernas acolhendo seu corpo entre elas. Meu Deus! Aquilo era mais do que eu poderia esperar para minha primeira aula.

O professor Frankli apertou seu corpo ao meu enquanto sua mão me explorava avidamente. Tudo isso sem interromper nosso beijo. Para me deixar ainda mais louca, ele com uma de suas mãos em meu pescoço, desceu a outra até o primeiro botão da camisa abrindo-o. Ofeguei ainda mais.

Nosso beijo foi interrompido, não tive como falar ou fazer nada. Ele simplesmente arrastou seus lábios em minha pele, pinicando-a com sua barba por fazer, seguindo em direção ao local onde antes o botão estava fechado.

Ah, merda! Eu queria que ele me tocasse assim.

Deixou que sua barba brincasse em meu pescoço fazendo meu corpo implorar por mais. Foi a minha vez de gemer. Ele intensificou as carícias e sua mão, a que não estava em meu pescoço, acariciou minha bunda. A princípio levemente, quando gemi ele me segurou naquela região e me puxou de encontro ao seu corpo, eliminando o espaço entre nós.

De repente senti algo que não imaginei que sentiria até aquele momento da minha pacata e assexuada vida. O Professor Frankli estava excitado. Seu sexo rígido era algo poderoso, mesmo preso a sua calça, foi possível senti-lo. Tive uma imensa vontade de me esfregar em sua ereção.

Queria muito saber como seria tê-lo completamente em mim.

Suas mãos avançaram o limite da camisa que eu usava, tocando minha pele. Senti minha calcinha completamente molhada e fiquei envergonhada. Eu sabia que era excitação, porém não sabia como reagir a estas sensações. E se não fosse assim tão normal? E se ele não gostasse desse jeito? E se eu acabasse molhando a calça dele? Caramba! Seria extremamente constrangedor.

O professor Frankli afastou os lábios da minha pele e me olhou de uma forma estranha. Sua respiração estava acelerada e seus olhos de um azul profundo estavam tão escuros que por alguns segundos me perguntei se não estava enganada quanto à cor ou seria a pouca luz da sala?

Com a mão em meu rosto ele me afastou. Eu estava atordoada, meu corpo não reagia com muita coerência e nada em mim estava em seu estado normal.

– Acho que já tivemos o suficiente – sua voz estava mais rouca, mais sexy. Suas mãos continuavam no meu corpo e eu ofegava como se tivesse acabado de correr uma maratona.

– Você acha?

– Você não? – um sorriso preguiçoso brincou em seus lábios. Tive vontade de mordê-los. – Agora me diga... Como está se sentindo? – ainda incapaz de respirar normalmente olhei para ele sem saber o que responder. – Quero que descreva as sensações. O que pensa e como se sente nesse momento.

– Tá...

Eu não conseguiria. Uma coisa era escrever coisas eróticas e outra era falar para o meu professor que minha calcinha estava absurdamente molhada. Mordi os lábios.

– Feche os olhos – sua voz saiu baixa e melodiosa. – Fica mais fácil – ele se movimentou embaixo de mim roçando sua ereção em meu sexo. Oh, Deus! Era muito sensual.

O professor Frankli mais uma vez passeou as mãos por baixo da minha camisa, tocando minha pele que ficou toda arrepiada, assim como o bico dos meus seios. Pode não ser o correto, mas eu me sentia envergonhada por ter aquela reação na sua presença. Seus lábios tocaram os meus num beijo leve e rápido, depois sua língua percorreu meu pescoço. Gemi manhosa.

– Agora diga – falou em meu pescoço. Seus movimentos não pararam.

– Eu estou confusa... – comecei a falar tentando me concentrar em minhas palavras e não nas mãos dele ou em sua língua quente me explorando.

– Por que confusa?

– Nunca me senti assim, então... Não sei se é normal – confidenciei.

– Conte-me!

– Minha cabeça não consegue ter pensamentos coerentes... fica difícil pensar com clareza quando seus lábios estão em mim – fiz questão de manter os olhos fechados. Não queria ver o seu sorriso irônico, debochando da garota inexperiente.

– É um bom começo – não havia ironia em sua voz o que me estimulou. – Continue.

– Minha pele parece queimar nos lugares por onde suas mãos passam – e ele, como provocação, apertou minha cintura, para que eu pudesse saborear um pouco mais daquela sensação.

– E você gosta?

– Muito!

– Ótimo! Já sabemos de alguma coisa – continuou as carícias. Aquela conversa toda mantinha a minha excitação. – Como prefere que eu a toque, com leveza ou com mais força?

– Posso gostar dos dois? – abri os olhos sentindo e absorvendo cada detalhe dos seus ensinamentos. Ele sorriu lindamente e demorou alguns segundos apenas me encarando.

– Claro que sim! Você pode tudo o que quiser – suas mãos quentes e espalmadas brincaram em minhas costas. – Pode gostar só de uma forma ou das duas ao mesmo tempo – ele me apertou com mais força. Quase, quase mesmo, gemi satisfeita com seu toque, consegui impedir o gemido tão explícito mas não consegui deixar de fechar os olhos e morder os lábios. – Fale mais – abri os olhos de novo.

– Meu estômago parece que fica cheio de borboletas e existe uma ansiedade por algo que eu não sei o que é, vibrando dentro de mim... não em meu corpo todo, mas...

centralizado... – não tive coragem de dizer a ele que meu sexo pulsava.

– É uma visão romântica, Charlotte – me analisou com atenção, depois piscou voltando ao seu modo professor. – Mas o fato é que você está excitada – ele falava naturalmente apesar de continuar passando as mãos em mim e de roçar levemente sua ereção em meu sexo latejante. – É natural que queira mais. Isso é físico. O que você está sentindo é apenas a resposta do seu corpo aos estímulos. Nesse momento ele só consegue pedir por uma única coisa: um orgasmo.

Céus! Como ele podia me dizer essas coisas como se estivesse me passando uma receita de panquecas?

– Tem algo mais que eu deveria saber? – questionou como se eu estivesse escondendo alguma coisa.

– Não sei. Acho que não – respondi visivelmente envergonhada. Meu rosto vermelho entregava minha mentira.

– Tem certeza? – mordi os lábios e fugi do seu olhar.

Ele riu baixinho. – Sua calcinha, Charlotte, não está molhada? – respirei profundamente e fechei os olhos. Era óbvio que ele saberia como estava a minha calcinha. Ele era um homem experiente. – Está ou não?

– Sim.

– Por que tanta vergonha?

– Porque é estranho.

– Não é estranho. É muito sexy saber que uma mulher está excitada. Quando tiver um namorado ele vai adorar saber que sua calcinha está molhada por causa dele.

– Você está gostando de saber que a minha calcinha está molhada por sua causa, professor?

De onde vinham aquelas palavras? Eu nunca imaginei que fosse capaz de fazer uma pergunta daquela a alguém. Ele desfez seu sorriso amigável e me encarou confuso.

– Isso não vem ao caso. Vamos começar eliminando esta formalidade entre nós dois. Não precisa me chamar de professor agora, nem quando estivermos... assim. Alex é o suficiente. Não preciso ser lembrado que estou...

fazendo estas coisas com uma aluna.

– Tudo bem.. Alex – umedei meus lábios com a língua, sentindo minha garganta seca e quente. – Mas você está gostando ou não?

Ele acompanhou o movimento dos meus lábios. Os dele levemente abertos, as pupilas dilatadas e a respiração tão irregular quanto a minha. Vi quando fechou a boca, engoliu em seco e suas feições endureceram.

– Isso não importa, Charlotte. Não estamos aqui por minha causa. Agora eu preciso sair.

Rapidamente me tirou do seu colo, me colocando ao seu lado. Por que não me respondia? Será que não tinha gostado?

– Vai sair? E eu?

– Você fica. Aproveite para fazer o exercício que passei – voltou a sorrir. – Utilize o meu computador para escrever. Seu texto está aberto nele. Quando voltar verifico sua evolução.

Ele levantou me deixando no sofá com todas as minhas dúvidas e inseguranças, e subiu em direção aos quartos. Fiquei parada sem saber o que fazer. Eu poderia dizer que me frustrava não saber se tinha gostado ou não?

Permaneci sentada, sentindo tudo o que ele tinha deixado em mim, entendendo como o desejo chegava com força quando meu professor me tocava e como enfraquecia, tornando-se apenas uma lembrança suave, quase uma brisa em minha pele ainda quente, quando ele não estava mais por perto.

Toquei meus lábios e procurei por meus óculos, lembrando-me rapidamente que eles não estavam ali e sentindo a pequena ardência das lentes já quase ressecadas. Nossa! Tudo foi tão... foi muito mais do que eu poderia esperar.

O professor Frankli, ou Alex, como me pedira para chamá-lo, desceu as escadas fazendo barulho com seus passos rápidos. Olhei para ele que já estava arrumado como se fosse trabalhar, mas era domingo.

– Ainda aqui? Pro quarto, Charlotte. Seu tempo é curto e precisamos de produção – se aproximou de mim sorrindo. Eu estava de joelhos no sofá, olhando para o meu professor como se ele fosse uma divindade. Ele acariciou meu rosto.

– Não se esqueça do que falei. Você precisa se conhecer. Conhecer o seu corpo. Saber como ele reage – se afastou voltando ao seu tom normal. – Tem comida na geladeira. Vou ficar fora a tarde toda. Se precisar de algo me ligue.

E partiu.

Demorei alguns minutos para me convencer de que precisava ir ao quarto do meu professor, deitar em sua cama e me masturbar. Caramba, como conseguiria? Minha cabeça fervilhava. Estava prestes a fazer algo tão proibido para mim que comecei a me sentir uma menina assustada, desobedecendo aos pais e com medo de ser pega.

Ok. Nunca pensaria na masturbação como algo anormal. Apenas não era normal para mim. Podia alguém sentir vergonha de si mesma? Porque eu poderia fazer aquilo e mentir dizendo que não fiz. Apenas eu

saberia a verdade e ninguém mais. Porém, eu tinha vergonha de saber que eu sabia e isso já era o suficiente.

Definitivamente, eu não era normal.

Ir à missa todos os domingos também não me ajudava muito. Claro que não. O que me lembrou que eu estava cometendo uma falha grave pois havia faltado à daquele dia.

– Bom, Deus! É por uma boa causa. Afinal de contas eu tenho sido uma boa filha e o senhor mais do que ninguém conhece a minha vontade de tornar este livro algo real, então, tenha um pouco de paciência que mais tarde eu rezo um rosário – mordi os lábios sentindo meu rosto corar consideravelmente. – Se eu tiver coragem de tocar em um depois do pretendo fazer com as minhas mãos.

E comecei a me sentir absurda por falar sozinha.

Se precisava ser feito, então que fosse logo. Não podia esperar meu corpo amolecer e esquecer o que tínhamos feito, por isso peguei o computador que estava sobre a mesa da sala e fui para o quarto dele. Demorei outro tanto olhando para a cama. Merda! Eu não podia simplesmente deitar ali e me tocar.

Não seria tão fácil. Aliás, não seria nada fácil.

Complicado. Realmente complicado.

Decidi que seria melhor escrever antes de qualquer coisa. Enquanto ainda as emoções dos amassos no sofá estavam vívidas. Sentei na cama e liguei o computador. O texto estava realmente aberto, comecei quase que imediatamente.

Percebi que, quanto mais descrevia a sensação mais excitada me sentia. Era quente e prazeroso. E meu sexo voltou a pulsar e a umedecer. Será que conseguiria?

Continuei escrevendo, fazendo com que minha personagem fosse se entregando aos poucos, se permitindo, porém travei exatamente no momento em que ela precisava chegar ao orgasmo. Não consegui escrever mais nenhuma linha.

Era o meu limite.

Fiquei deitada na cama observando o tempo passar.

O computador continuou ao lado, a tela me acusando.

Desci para comer alguma coisa. Encontrei lasanha e refrigerante na geladeira. Esquentei e comi pensando em como faria para conseguir a emoção certa. Teria que fazer o que ele havia dito. Eu precisava mesmo me masturbar, mas onde estava a coragem?

– Tudo tem que ter uma primeira vez, Charlotte! O mais difícil você já conseguiu – coloquei um pedaço da lasanha na boca e sorri enquanto mastigava. – Um professor experiente, lindo pra cacete e cheio dos macetes – ri ainda mais. – Se masturbar será fichinha perto do que ainda teremos pela frente – e com este pensamento consegui devorar a comida.

Voltei ao quarto e resolvi tomar um banho. Vestir a mesma calcinha estava me matando. Descobri, tarde demais, que ficar excitada tinha as suas desvantagens. A calcinha molhada era uma delas. Eu tinha sensação de estar suja. Tudo bem, não suja de uma forma ruim e sim suja de uma forma... safadamente suja. O que me desconcentrava bastante.

Dispensei o chuveiro. Já que estava lá como hóspede poderia aproveitar um pouco daquela banheira maravilhosa. Fiquei deitada na água quente, sentindo o cheiro gostoso da espuma que já dominava todo o banheiro.

Inevitavelmente comecei a reviver os momentos em que estava nos braços dele. Deus! Aquilo era gostoso demais. Como pude me permitir não viver sem tudo o que ele me proporcionava, por tanto tempo? A sensação das suas mãos, seus lábios, sua barba... Era muito, muito bom.

Imediatamente voltei a sentir o formigamento em meu ventre. Fechei os olhos e imaginei que ele poderia estar ali, seria ótimo sentir seus dedos em mim.

Sem perceber passei as mãos em minhas pernas.

Fiquei arrepiada. Era bom. Eu gostava. Deixei que meus dedos fossem mais ousados e toquei meus seios. Claro que imaginei que era ele. Minha imaginação era uma ótima companheira nesta hora. Pude sentir meu corpo entrando novamente no clima. Eu gostava? Sim, gostava.

Era bom ser tocada nos seios, mesmo que por minhas próprias mãos.

Descobri que esta carícia também era boa e imaginei como deveria ser se no lugar dos dedos fossem os lábios dele. Caramba! Eu queria muito. Toquei meu corpo. Desta vez com mais vontade. Apalpei, puxei, só rocei os dedos até que, finalmente, achei que era o momento de conhecer a outra região, a que sempre fora um tabu para mim.

Levei as mãos para as minhas coxas, acariciei dos joelhos até perto do meu sexo. Deixei que um dedo tocasse timidamente o local onde a vibração se concentrava. Eu sabia o que era e sabia também que era um dos pontos de prazer da mulher, só não sabia como fazer.

Passei o dedo por cima. Foi bom, mas não maravilhosamente bom. O que seria necessário? O que deveria fazer? Apertei um pouco sentindo a vibração aumentar e...

– Charlotte? – quase pulei da banheira.

Abracei meu corpo, apavorada. Claro que eu sabia que era ele e que provavelmente estava dentro do quarto, o que não poderia ser considerada uma situação fora do normal, mas daí a deixar que me flagrasse naquela situação era outra história.

– Aqui.

– Tomando banho? – sua voz estava mais próxima.

Ele não entrou no banheiro.

– Já estou acabando.

– Certo. Posso dar uma olhada em como ficou o texto?

– Ah... claro! Fique à vontade – ele riu.

Levantei correndo e peguei a toalha ao lado da banheira. Não imaginava que fosse voltar tão rápido, ou o tempo passou e eu não percebi? Enxuguei-me, vesti o roupão e sequei os cabelos com a toalha. Desembaracei, pentei, fiquei longos minutos tentando normalizar a respiração, então decidi que já poderia sair do banheiro.

Ele estava na cama, encostado na cabeceira, com as pernas estiradas e cruzadas sobre o colchão. O computador estava em seu colo enquanto lia o que eu tinha escrito Subi na cama ficando ao seu lado. Aguardei até que ele dissesse alguma coisa.

– Gostei. Muito bom. Ficou ótimo! Você pegou o espírito da coisa, por que parou?

Fiquei vermelha como um tomate. Ele deixou o computador de lado e me puxou para mais perto. Sua mão correu meus cabelos e seus olhos atentos vagaram pelo meu rosto.

– Fez o que pedi?

Dava para ser menos direto? Seria muito mais confortável se não tivesse que explicar a ele que eu não sabia como me masturbar.

– Não.

– Foi por isso que parou o texto justo na hora em que ela se masturbaria?

– Acho que sim.

– Acha que sim – repetiu me analisando. – Qual foi o problema?

– Não me sinto à vontade conversando sobre essas coisas.

– Mas se sente à vontade para me pedir para tirar a sua virgindade.

Tudo bem! Preciso contar que meu rosto quase virou um tomate maduro e prestes a explodir?

– Professor... Alex. Não é fácil para mim.

– Eu sei que não, mas eu estou aqui, não estou?

Quero ajudá-la. E se não conversarmos abertamente não saberei como fazê-lo.

– Tudo bem – falei mais para mim mesma do que para ele.

– Conte-me o que aconteceu. Por que não fez o que combinamos?

– Porque não consegui.

– Não conseguiu?

– Não – ficamos nos olhando. Ele em dúvida e eu com raiva por ter que me abrir daquela forma.

– Ok. O que faltou?

– Não sei – eu queria morrer. O que poderia dizer?

– Você se tocou? – fechei os olhos e abaixei a cabeça.

– Toquei sim, fiquei excitada, mas não consegui fazer da maneira certa.

– Não consigo entender. O problema está em sua cabeça, Charlotte. Vença esse obstáculo. Vai ser gostoso!

Seu corpo deve estar muito tenso, depois de tantos quase orgasmos. Deve ser por isso que está tão furiosa.

– Não estou furiosa!

Ok! Quase gritei exaltada e tenho consciência de que meus olhos ficaram imensos. Ele estreitou os dele e me encarou com uma expressão do tipo “eu te conheço melhor do que você mesma”. Era irritante.

– É claro que está.

– Não estou!

Desta vez eu gritei mesmo e ele arqueou uma sobrancelha e brincou com os dedos nos lábios. Claro que minha atenção se voltou para aquela mão e muitas lembranças me invadiram. Era impossível não pensar no que elas fizeram comigo, horas antes.

– Está vendo?

– Ok, estou furiosa. Detesto não conseguir fazer algo que sei precisa ser feito.

– E o que está faltando?

– Você! – ficamos os dois em choque pelas minhas palavras ditas impensadamente. – Desculpe, eu não...

– Tudo bem – ele respirou enchendo os pulmões de maneira nítida e passou as mãos nos cabelos. – Como posso ajudar?

– Você é o professor – mais alguns segundos constrangedores.

Puta merda! Eu estava mesmo pedindo que ele me masturbasse? Eu merecia o inferno. Com certeza era para lá que iria e, definitivamente, não me confessaria no domingo seguinte.

– Certo – ele olhou para os lados, meio confuso. – Certo – repetiu. – Acho que posso dar um jeito.

Alex levantou e me estendeu a mão. Colocar a minha sobre a dele foi o maior gesto de confiança que já

fiz em toda a minha vida. Estava confiando todo o meu eu a ele.

Segurando firme ele me conduziu ao closet. Era grande, espaçoso e muito bem arrumado. Roupas masculinas perfeitamente organizadas por tom. Ao fundo, um enorme espelho tomava toda a parede. Foi para lá que nós fomos.

Ele acendeu apenas as lâmpadas do teto, deixando o ambiente em uma penumbra confortável. Um som, que eu ainda não conseguia identificar de onde vinha, invadiu o closet. Uma música lenta e sensual. Como conseguia fazer aquilo?

Alex me virou de costas para ele e de frente para o espelho. Separou meus cabelos, deixando-os de lado, caídos sobre o ombro. Suas mãos que estavam sobre a minha cintura desceram até as minhas, colocando-se sobre elas.

– Quero que relaxe – disse em meu ouvido. Seus lábios tocando minha orelha, enquanto falava. Estremeci.

– Essa é uma boa reação, Charlotte. Agora foque em sua imagem no espelho.

Olhei para mim sem conseguir me encarar por muito tempo. Era constrangedor. Extremamente constrangedor.

– Você é linda! – meu sexo começou a ficar umedecido. Ele era encantador. – Tem um corpo lindo!

Suas mãos começaram a se movimentar, desta vez levando as minhas como se estivesse me conduzindo, me ensinando. Primeiro tocou minhas pernas, ainda por cima do roupão felpudo. As mãos subiram para minha barriga.

Seus dedos ditavam como as carícias deveriam ser.

Ele desfez o nó do roupão. Eu estava nua, completamente nua por baixo. Fiquei mais do que envergonhada, mas não o retirou de mim, apenas abriu deixando que o tecido decidisse como ficar.

Alex baixou os olhos sem me conferir pelo espelho e beijou meu pescoço. Arfei! Não sabia ao certo se o fato de ele não me olhar foi bom ou ruim. Bom pelo fato de não me deixar ainda mais constrangida, já que eu continuava me olhando atentamente, e ruim porque o natural para um homem não seria olhar?

Perdi o fio do pensamento quando seus lábios se demoraram em minha pele, e esta, como um todo, começou a arder. Inexplicavelmente meu corpo começou a ganhar vida. Eu reagia ao que ele fazia e sem querer fazia alguns movimentos.

As mãos dele, sobre as minhas, me levaram até meus seios. Exatamente como eu tinha imaginado um pouco antes, quando ainda estava na banheira. Ele fechou minha mão em um seio. Apertou um pouco e depois afrouxou, repetiu algumas vezes até que eu entendesse o processo e fizesse com mais vigor. Mordeu minha nuca e lambeu descendo um pouco sua mão para que a minha começasse a trabalhar sozinha.

– Você gosta? – outra vez sua voz estava baixa, rouca e extremamente sensual.

– Gosto.

– Ótimo!

Com as duas mãos ele me fez acariciar meus seios, levantando-os e apertando-os, ora suavemente, ora com força. Seus lábios continuavam em meu pescoço, o que estava me enlouquecendo.

Outra vez deixou minhas mãos para que eu repetisse os movimentos sozinha. Já completamente arfando de prazer, deixei minha cabeça tombar para trás, os seios empinando para frente, o que lhe deu mais acesso a meu corpo. Ele não reclamou. Suas mãos estavam em minha cintura enquanto eu acariciava meus seios como ele tinha me ensinado.

– Assim – gemeu me puxando de encontro a sua ereção.

Meu roupão desceu pelo ombro revelando mais nitidamente meus seios. Levantei o rosto, um pouco sem jeito e, quando ia deixar suas mãos para arrumar o roupão, flagrei Alex me olhando pelo espelho. Foi só um breve segundo, mas que quase me fez enlouquecer. Seu olhar era de puro desejo. Decididamente eu me perdia e queimava sob aquele olhar, e era deliciosamente excitante.

Ele mordeu meu pescoço novamente voltando a fechar os olhos. Eu podia sentir sua excitação roçando minha bunda. Alex, ciente de que meu corpo não suportaria muito mais, segurou minhas mãos, fazendo-as descer em direção ao meio de minhas pernas. Estremeci.

Ele me tocaria?

Ainda parcialmente coberta pelo roupão que descia apenas de um lado, escondendo o outro, o que me deixou menos tensa, pois não podia ser vista por ele, senti suas mãos pararem hesitantes na altura do meu ventre. Ele acariciou a região e, segurando em meu pulso esquerdo levou minha mão um pouco mais abaixo, sem segui-la. Ele não iria me tocar. Fiquei frustrada e não sabia o motivo já que tínhamos um acordo.

– Toque – ordenou com a voz rouca.

Tentei seguir sozinha, mas não foi a mesma coisa.

Levei minha mão até meu sexo e me toquei. Era gostoso, mas não o suficiente. Claro que para um primeiro momento era tudo muito estranho, e eu sabia que dali em diante aquela poderia ser a minha realidade. Um dia eu até poderia fazer por ele, ou para ele, sendo observada...

Porra! Era muito sexy ser observada.

Mas não ali, não naquele momento, porque, além de estar envergonhada, eu não fazia ideia de como começar, que ritmo seguir, qual a melhor maneira. Fiquei perdida, a emoção cedendo aos poucos, perdendo para a incerteza.

Alex ao perceber que a excitação se desfazia, intensificou os beijos em meu pescoço movimentando meu corpo pressionando sua ereção. Melhorou um pouco, não o suficiente. Eu não sabia como me tocar. Não sabia como fazer para que fosse tão gostoso como quando eram as mãos dele. Balancei a cabeça desistindo. Quase me atingi com um soco por ser tão idiota, mas não dava para continuar.

– Não posso.

– Pode! – ele foi incisivo.

– Não sei como fazer – sussurrei. Podia sentir o desejo cedendo a cada segundo. Esvaindo-se do meu corpo.

– Claro que sabe. Continue!

Fiquei em dúvida se seu apelo era pelo meu prazer realmente ou se sua excitação era tanta que ele não poderia deixar passar. A mínima ideia de que ele estava realmente gostando de tudo me deixou um pouco mais empolgada e o calorzinho instalado em meu sexo ganhou um pouco mais de vida. Então teria que fazer, por ele e para ele.

Recomecei as carícias no mesmo instante que Alex recomeçou as dele. Agora suas mãos, livres das minhas tocavam o restante do meu corpo. Pensei que chegaria ao orgasmo tão desejado no momento em que ele roçou os dedos em meus seios. Cheguei a estremecer com a expectativa, porém ele não os tocou de fato. Era como se fossem pontos proibidos. Voltei a me sentir frustrada.

– Não dá!

Tentei me afastar e ele me segurou com força onde estava. Pelo espelho pude ver a sua mandíbula apertada, como se estivesse se esforçando para evitar algo.

– Continue!

Sua voz mudou o tom outra vez. Além de rouca e baixa, estava esganiçada. Fiquei apreensiva. O que estava acontecendo com ele?

– Alex...

– Eu mostro a você.

Antes que eu pudesse protestar ou questionar, sua mão estava sobre a minha e ambas já estavam no meio das minhas pernas. Seu dedo do meio se movimentava sobre o meu forçando a carícia sobre o meu clitóris. Desta vez foi exatamente como eu imaginava que seria. O prazer foi imenso. Gemi e meu corpo tremeu com o contato.

– Só acaricie. Movimentos circulares e lentos.

Seus lábios se fecharam em meu lóbulo e o calor do seu hálito percorria minha pele enlouquecendo todas as minhas células.

Gemi alto. Ele roçava sua ereção em mim e seu dedo ditava os movimentos do meu. Eu sentia meu corpo começando a se comportar de maneira estranha... e...

deliciosa! Deixei que meu dedo fizesse como ele me ensinava. A região ia ficando cada vez mais rígida. Isso era uma grande novidade. Estava muito difícil assimilar todas as sensações. Deixei que meus outros

dedos me tocassem, completando a carícia.

– Sem penetrar, Charlotte. Só acaricie. Assim!

Novamente ele me mostrou como fazer. Meu corpo era pequeno demais para a quantidade de prazer que se acumulava nele. Eu explodiria a qualquer momento.

O ápice aconteceu quando Alex deixou que sua mão esquerda continuasse me instruindo enquanto subia a direita até meus seios, agarrando-os como eu queria que fizesse. Foi demais. Neste momento meu corpo inteiro pareceu aquecer e eu gozei o prazer mais gostoso que poderia imaginar.

Foi breve, muito breve, mas incrível e delicioso.

Meu corpo inteiro acelerou naqueles segundos de prazer, para em seguida ir desacelerando bem devagar. E eu me senti leve, única, completa, feliz de uma forma impossível de descrever. Algo dentro de mim se partiu, esfarelou, e ao mesmo tempo, se refez, deixando-me inteira e pronta para enfrentar o mundo.

Meu professor aos poucos foi retirando suas mãos de mim. Eu não estava pronta para sentir o vazio que elas deixaram em meu corpo. Tudo dentro de mim implorava por mais, muito mais, ao mesmo tempo que desfrutava da dormência deliciosa que me abraçava e acalentava.

– Agora volte para a cama e escreva. Vou estar no quarto ao lado.

Antes que eu conseguisse dizer alguma coisa ele partiu me deixando sozinha no closet.

Capítulo 6

“Não é digno de saborear o mel, aquele que se afasta da colmeia com medo das picadas das abelhas”.
William Shakespeare

Alex

Este era o meu pensamento desde quando caí na real sobre o que estava fazendo. Ter estudado tanto Shakespeare não ajudava muito em uma hora como aquela.

Na verdade, eu já acreditava que nada mais ajudaria. A culpa me consumia consideravelmente.

Deixei Charlotte em casa. Antes combinamos o que ela contaria à amiga. Em hipótese alguma poderia revelar a alguém o que tinha acontecido entre nós. Ela estava bastante empolgada e já havia terminado de modificar mais três capítulos do livro. Prometi que leria tudo e entraria em contato, só não sabia como fazer isso.

Merda! Como fui me meter nesta confusão?

Passei o dia tentando não pensar muito sobre o assunto, algo praticamente impossível. Ela estava lá, sua imagem me fazendo lembrar o tempo inteiro. Como pude acreditar que uns beijinhos e amassos seriam o suficiente para alguém como Charlotte Middleton? É óbvio que ela desejaria mais.

Merda! Um milhão de vezes, merda!

Ela era linda... e... gostosa. Exatamente o que não deveria ser. Até a porcaria da inocência dela era saborosa para mim. O que fazia eu me sentir cada vez mais um merda. Não era para ser daquele jeito. Vê-la corar envergonhada e mesmo assim continuar o que estávamos fazendo foi... Puta que pariu! Aquilo foi demais até para um homem experiente como eu.

Quando pensei que a vida não tinha mais nada para me oferecer, aos 34 anos recebo de presente uma bomba atômica disfarçada de aluna. Deus só podia estar de sacanagem comigo.

Dei algumas voltas de carro sem procurar por nada específico. Apenas queria espairecer, embora acreditasse que não voltaria a ter paz tão cedo. Para piorar a situação, meu pau não parava de latejar implorando por uma foda bem dada. Só que ele não estava interessado em qualquer foda. Ele queria a fedelha da Charlotte.

Que castigo!

Voltei para casa e preferi dormir no quarto de hóspedes. Não dava para encarar o meu quarto. Não depois do que aconteceu no closet. Caralho! Se as imagens não saíssem de minha cabeça, seria forçado a colocá-las para fora com a ajuda dos meus cinco dedos.

Bater punheta na fase adulta era quase uma humilhação para alguém que poderia ter quantas mulheres

quisesse em minha cama, separadas ou ao mesmo tempo.

Só que naquele momento eu não tinha cabeça para qualquer outra pessoa do sexo feminino. Nem seria justo.

A pirralha da Charlotte Middleton estava detonando o meu juízo. Eu nunca fui um canalha, sempre joguei limpo, fui claro com todas as mulheres com quem me relacionei, por este motivo, levar qualquer outra para a cama apenas para que eu conseguisse arrancar de mim os efeitos da fedelha, me colocaria em um patamar que eu sempre evitei estar.

Por outro lado o que eu estava fazendo não era a mesma coisa? Transar pensando em outra pessoa seria tão injusto quanto fazer as coisas que eu estava fazendo com a minha aluna. Ou seja, mesmo sem a intenção eu estava ocupando o primeiro lugar no pódio dos cafajestes.

Charlotte era linda, deliciosa, principalmente pela sua inocência e sede de aprender o quanto eu pudesse ensinar... E eu tinha tanto para ensiná-la...

Porra, Alex! Foco, cara!

Ela era uma tentação. Qual homem não se aventuraria com uma garotinha tão cheia de hormônios prontinhos para explodir? E o melhor de tudo era que ela era maior de idade, ou seja, eu não estaria cometendo nenhum crime. Ou melhor, não estaria, se ela não fosse minha aluna. E pior, se não fosse virgem.

Puta que pariu!

Virgem?

Ninguém mais era virgem no Rio de Janeiro, pelo menos não acima de dezoito anos. Onde aquela garota se escondeu por tanto tempo? Deve ser por isso que estava tão sedenta por experiências. Tantos anos apenas escrevendo sobre sexo sem dar sequer um amasso só poderia cozinhar os neurônios de qualquer pessoa.

Era isso. Charlotte estava louca e eu mais ainda por concordar em ajudá-la. Teria que pôr um ponto final naquela história e tinha que ser logo senão... Merda! Eu acabaria comendo uma aluna. Com certeza! Não podia permitir que isso acontecesse, além de não ser muito justo com ela.

Coitada! Estava tão desesperada e perdida que aceitaria qualquer idiota para fazer o serviço. Podia até imaginar como seria. No banco de trás de um carro ou de pé em qualquer beco. Só imaginar que era tudo culpa minha já me deixava péssimo.

Por que fui falar aquelas besteiras para ela? Era só aprovar a merda do seu projeto e pronto. Ninguém publicaria aquela porcaria mesmo. Aliás, era bem capaz que alguma editora meia boca publicasse e quando as críticas impiedosas e o fracasso das vendas chegassem ela já estaria pronta para escrever algo muito melhor e se tornar uma grande escritora.

Mas como poderia aprovar um projeto que não gosto ou não concordo? Droga! Eu sou Alex Frankli, o editor mais respeitado do Brasil. Não posso aprovar um texto que não me agrada só para fugir de problemas. Não que ela não escrevesse bem, ou que o livro não fosse interessante. Era. Só que estava

seriamente comprometido por causa desta falha de conhecimento da Charlotte.

É mais ou menos como descrever um dia em Veneza sem nunca ter estado lá. Você entra no Google, assiste vários vídeos, faz uma pesquisa vasta, lê vários depoimentos de quem esteve lá, mas nunca, jamais, vai conseguir descrever a emoção exata, a sensação correta.

Exatamente como os textos da minha aluna, fantasioso demais e definitivamente sem nenhum conhecimento de causa.

O que mais me corroía era a certeza de que ela só precisava disso. Se Charlotte conseguisse conhecer as emoções, sentir cada sensação deliciosa e prazerosa do sexo, ela seria perfeita. Incrivelmente perfeita.

Era a minha ruína.

Eu seria julgado, condenado, desmoralizado, massacrado e jogado à fogueira. E mesmo que isso tudo nunca viesse a acontecer, a minha consciência, com certeza, faria o serviço e me foderia eternamente, sem dó nem piedade.

Charlotte Acordei com um sentimento muito bom. Mesmo não tendo acontecido nada demais entre nós dois, eu me sentia mais mulher, mais experiente.

Isso!

O fato de estar um pouco mais experiente estava me fazendo um bem enorme. O professor Frankli, ou Alex, tinha razão. Era muito mais fácil escrever quando conhecemos o assunto. E era muito melhor conhecer o assunto do que somente escrever sobre ele.

Sorri bobamente, me derretendo como uma maria- mole por debaixo do lençol. Aquilo foi simplesmente a coisa mais gostosa que eu tinha feito em toda a minha vida. Nem o bolo de chocolate da minha mãe se igualava às mãos do Alex em meu corpo, aos seus lábios, aos seus olhos que eram simplesmente todo o oceano.

Sem contar que ter um orgasmo era... Era... Nossa!

Não tenho nem palavras para descrever. Se apenas com os dedos era tão bom assim, imagine com... meu rosto pegou fogo.

Alex tinha razão. Eu precisava mesmo ter um orgasmo para entender o que minha personagem sentiu.

Então... Como ele está sempre com a razão... Achei que seria melhor obedecer às suas ordens e praticar mais um pouco, afinal de contas... A prática leva a perfeição.

Ainda deitada em minha cama, com o calorzinho do momento, tentei pensar em algo que me animasse. De acordo com os livros este era o caminho mais rápido para estimular a excitação. Lógico que meus pensamentos se voltaram imediatamente para a noite passada. Aquelas mãos... Aqueles lábios... Sua ereção roçando em mim ou eu roçando em sua ereção... Nossa! Eu já estava molhada de novo. Isso era bom. Alex tinha dito que era assim que deveria ser então estava tudo certo.

Fui sentindo o gostinho bom de ser tocada, mesmo que pelos meus próprios dedos e deixei que a

sensação me dominasse. Ninguém estava me olhando ou aguardando do lado de fora para saber como foi então deixei rolar.

Acaricieei os lados e percebi que era bom apenas para apimentar. Gostoso mesmo era no meio, mais acima, sim...

Naquele exato lugar onde todas as mulheres descreviam como a fonte do prazer e, quando estava quase lá...

– Charlotte, você está aí? Posso entrar?

Oh, Droga! Ninguém pode ter um orgasmo em paz nesta casa?

– Você está aí ou não?

Santa inteligência!

– Entra, Miranda.

Minha amiga entrou um pouco receosa e tensa. Não entendi.

– Você está bem? – sondou.

– Sim.

“Estaria muito melhor se tivesse conseguido o meu tão sagrado orgasmo” tive vontade de completar em voz alta, só que eu nunca seria capaz de fazer isso. Jamais teria coragem de contar a Miranda o que havia feito.

No entanto, ela era minha amiga, minha única e melhor amiga e não dava para ficar escondendo tudo quando minha vontade era levantar, dançar alguma dança maluca, rir, gritar e me atirar no colchão contando todas as aventuras que me permiti viver. Sem contar que eu estava morrendo de vontade de compartilhar a melhora em meu texto, já que ela acompanhou todo o processo.

Até que ponto eu poderia contar a minha amiga, o que estava acontecendo na minha vida?

– Está muito chateada comigo? – sentou na beira da minha cama ainda com muito receio.

– Por qual motivo?

– Deixei você sozinha nas mãos do seu carrasco quando mais precisava de mim – fez biquinho.

Entendi o que estava acontecendo. Miranda achava que eu estava aborrecida por ela não ter ficado comigo na noite em que eu e Alex fizemos o acordo. Como eu poderia? Ela havia me dado na bandeja para aquele super professor delícia e eu pude ter meus primeiros amassos, primeiro orgasmo... Ah, Deus! Eu seria eternamente grata.

– Um pouco – desviei o olhar e fingi aborrecimento.

– Ele foi muito duro com você. Teve aquele papo de adulto onde nada é permitido... ameaçou contar para o padrinho? – completou com um sussurro.

Meu pai era o nosso maior medo, independentemente do que estivesse acontecendo no mundo, se houvesse a possibilidade de sermos atingidos por um tsunami ou se a terceira guerra mundial fosse declarada no Brasil, nada disso nos assustaria tanto quanto ter meu pai prontinho para nos dar uma bronca.

Como eu costumava fingir não me importar, então...

– Eu tenho vinte e um anos, teoricamente sou uma adulta.

– Ok! Mas o que ele fez? – ah, Miranda! Se eu pudesse contar as coisas que ele fez comigo. – Por que este sorriso gigantesco no rosto?

Minha amiga mudou sua entonação demonstrando insatisfação. Droga! Miranda e sua obsessão pelo professor Frankli. Droga duas vezes! Eu não só estava cometendo uma loucura aceitando que meu professor me ensinasse sobre sexo, como também estava passando por cima dos sentimentos da minha melhor amiga. Por que não pensei nisso antes?

– Nada, Miranda, só que ele aceitou me ajudar com o livro. Vamos ter algumas aulas particulares e ele avaliará aos poucos o que eu escrever para não ter erro desta vez – evitei olhá-la e fingi arrumar o lençol, passando a mão sobre ele, mesmo estando ainda deitada na cama.

Ela me avaliou e depois decidiu ignorar o que eu disse.

– Conte sobre o gatinho que você ficou lá na boate.

Era melhor mudar o foco da conversa. Dava sempre certo com a minha amiga colocar a vida dela em primeiro lugar. Falar dos rapazes com quem ela saía era a melhor maneira de fugir de qualquer assunto.

– Aquele lá não foi nada... em compensação, o cara que eu conheci quando resolvi ir embora, depois que o outro arrumou uma briga, me deixando furiosa... Ah, Charlotte! Este eu nem te conto. Ele é simplesmente...

Tudo! Perfeito, romântico, carinhoso... – seu sorriso revelou. Ela já estava transando com ele. Como podia? – Amiga! Ele é maravilhoso! – rimos juntas. – Que tal um dia de compras? Preciso de coisinhas novas para impressionar meu novo namorado.

– Novo namorado? Rápido!

– Passamos praticamente um dia inteirinho trancados num quarto. Acho que posso acreditar que este vai dar certo.

– Claro! Claro!

– Vamos?

Pensei no assunto. Seria bom ter algumas coisas interessantes para as minhas aulas particulares. Algumas

coisas que me deixasse mais sexy ou desejável para Alex.

Quem sabe assim o professor Frankli desistiria da ideia de não querer tirar a minha virgindade. Além do mais, meu pai vivia reclamando de que eu nunca usava o dinheiro que ele depositava em minha conta todos os meses e minha mãe das minhas roupas. Era um bom momento para gastar.

– Vamos. Deixa só eu tomar um banho.

– Ok. Encontro você lá embaixo. Preciso acertar algumas coisas na recepção.

Ah, sim! Nós morávamos em um flat. Não um flat qualquer, mas um que pertencia a meu pai e que ficava no melhor lugar de Ipanema. Quando nós decidimos que iríamos morar sozinhas, ele achou que nos colocar em um lugar de sua confiança, onde pudesse controlar nossos passos, com empregados suficientes para nos impedir de tocar fogo na casa ou de fazer do apartamento um bordel, satisfaria sua consciência e deixaria minha mãe mais tranquila também.

Como meu pai nunca agiria de forma normal, ele simplesmente utilizou os dois últimos andares transformando-os em um duplex extenso e cheio de mordomias. Não tínhamos empregada, cozinheira, nem nada disso. Uma exigência minha, que não queria ser monitorada por ninguém, mas os empregados do flat faziam o seu serviço normal e diário.

De qualquer forma a recepção era sempre o quartel-general, onde todas as informações eram coletadas e transmitidas ao ditador maior, meu pai. Com certeza este era o motivo de Miranda precisar descer e conversar com o Vítor, o carinha da recepção e, de alguma forma, persuadi-lo a subtrair algumas informações que seriam repassadas ao meu pai.

Tá vendo? É justamente por isso que eu nunca cometo nenhum erro... Ou não cometia. Hum! Era melhor tentar retirar a informação de que eu não havia dormido em casa, e fazer isso sem a presença da minha amiga, ou ela também descobriria este detalhe.

Assim que Miranda saiu, corri para o banheiro, afinal de contas... Compras não era a minha única necessidade naquele momento. Eu precisava de conteúdo e para tanto a prática era fundamental, palavras do meu professor.

Alex Acordei como sempre acordava, com um tesão filho da puta. Por isso gostava que as mulheres com quem eu saía dormissem comigo. Transar de manhã é muito bom.

Imediatamente as lembranças me invadiram: a pirralha da Charlotte Middleton.

Ah. Meu. Deus! Eu tinha que dar um fim nisso.

Tomei uma ducha fria, ingeri apenas café preto e amargo, em uma tentativa de enganar meu cérebro e fazê-lo desviar seus pensamentos para outra coisa. Escolhi a roupa formal de sempre, terno escuro, completo, que me colocava em um patamar diferenciado, afastando as pessoas que precisavam ser afastadas, como as minhas alunas, por exemplo. Conferi minha imagem no espelho do closet e, satisfeito com o visual, fui para a faculdade.

Charlotte não teria aula comigo o que me deixava mais à vontade. Passei a manhã inteira conversando com os alunos, falando sobre seus trabalhos e, durante todo o tempo, a única coisa que eu pensava era no

texto dela. Era melhor abrir logo o e-mail para saber o que ela havia enviado.

Na hora do almoço fui ler o que Charlotte me enviou antes de ir embora da minha casa. Li tudo enquanto comia e... Caralho! Ela estava mesmo tornando o texto incrível. Fiquei excitado enquanto lia a forma como ela descreveu o orgasmo da sua personagem.

Confesso que também fiquei orgulhoso. Claro! Ela nunca havia gozado na vida e o seu primeiro orgasmo foi oferecido por mim. E foi incrível de assistir. Porra! Foi mais do que incrível, foi delicioso, me deixou sem chão, ansioso para continuar tocando-a, para arrancar aquele roupão e... Puta que pariu, Alex! Não pode pensar nela deste jeito. Não deve.

O fato é que ela conseguiu descrever um orgasmo de forma perfeita, não apenas na sensação, o que me deixava mais excitado ainda, pois descobrir como ela se sentiu engrandecia o meu ego, mas também a magia que conseguiu adicionar, típica de mulheres que escrevem romances, deixando tudo muito mais bonito e encantador.

Aquele era o tipo de texto que o público feminino compraria com toda certeza.

Se Charlotte continuasse assim, seria uma escritora incrível. Era nítida a mudança dos seus textos. Porra! Isso me deixou ainda mais ferrado. E duro. Fodidamente excitado.

Tive reunião com Lamara, minha irmã caçula, que cuidava da seleção dos originais recebidos e Patrício, meu irmão do meio, que era o responsável por toda a trajetória de um livro até o seu lançamento.

Minha editora tinha destaque no mercado editorial brasileiro e já alcançávamos o mercado mundial, através de muitas parcerias e contratos com editoras estrangeiras o que nos permitia trazer para o mercado interno os livros mais procurados de autores de fora, além de lançar os nossos autores em outros países.

Apesar do crescimento e da constante expansão, tentávamos manter o controle nas mãos da nossa família.

Por isso Lana, como chamávamos a minha irmã, e Paty, como provocávamos o meu irmão por ter um nome tão ridículo que o impossibilitava de ter apelidos que não fossem femininos, o que o irritava e muito, estavam sempre no centro das decisões, junto comigo.

Conversamos sobre três originais que discutíamos antes e nos decidimos por apenas um deles. Questionei-me se um dia deveria sugerir o original de Charlotte. Era melhor não. Ou era melhor sim? Puta merda! Ela estava acabando comigo.

– Este com certeza é o melhor – Lana reafirmou. – Pelo estudo de mercado que recebi hoje, acredito que fará sucesso, sem contar que o autor já tem uma ótima aceitação nas plataformas de auto publicação. Possui um ótimo público, está sempre bem posicionado nas listas de vendas de e-books e nunca lançou um livro físico. Uma ótima oportunidade – concordei com a cabeça fazendo algumas anotações pertinentes.

– E você, Paty? Como estamos de publicações para o primeiro semestre do próximo ano?

– Paty é o cacete! – ele esbravejou e Lana riu balançando a cabeça. – Você está vendo alguma menininha aqui? É Patrício, merda! – rimos incapazes de nos conter.

– Se eu pegar algum funcionário me chamando de Paty ou qualquer coisa do tipo aqui dentro, vou descer o cacete em vocês dois.

– Vai mesmo, Paty, o brigador? – Lana espicou ainda mais.

– E brigador existe, fedelha?

A palavra “fedelha” me atingiu e incomodou.

Comecei a me sentir péssimo, um cafajeste, um desvirtuador de jovens inocentes. Porra! Que merda de jovens inocentes era aquela? Charlotte não era uma garotinha, só se comportava como uma. Ela era maior de idade e eu não tinha culpa se a menina passou a existência escondida em uma caverna assistindo a vida pela tela de um computador.

Porra de virgem, filha da mãe, que estava acabando com os meus neurônios!

– Podemos continuar? – fui mais ríspido do que o habitual. Nunca fiz o tipo patrão que mandava em tudo e tratava todos a ferro e fogo.

Tudo culpa da Charlotte.

– Ainda existe espaço para o primeiro semestre, Alex. Lamara não conseguiu escolher muitos originais para o próximo semestre, o que dirá para o próximo ano.

– Porque eu escolho o que realmente vale a pena e não o que você precisa para justificar o orçamento.

– Como assim justificar o orçamento, garota?

Enlouqueceu? – Patrício rebateu com raiva e Lana fez biquinho, sorrindo descaradamente em seguida.

– Crianças, podemos nos concentrar? O dia está lindo e eu ainda pretendo pegar algumas ondas.

– O grupo da Espanha pediu mais dois originais, além do da Tiffany, é claro – Patrício informou.

– Ah, sim! O grupo da Espanha pediu mais dois originais – Lana falou como se o nosso irmão não tivesse dito nada. Olhei para Patrício e ele revirou os olhos, deixando-a conduzir a conversa. – E o da Tiffany também – e sorriu como uma criança pirracenta. Tive que rir.

– Paty... Patrício, encaixe este autor e peça para o pessoal enviar o contrato para análise. Lana, e aquela...

– O material dela é um lixo.

– Tudo bem. Continue sua busca por autores que nos mantenham no topo.

– Com toda certeza.

– Vamos encerrar?

Eu estava angustiado e ansioso para sair. Respirar um pouco. Algo que não me lembrasse a loucura que estava fazendo, ou que me fizesse refletir melhor e me convencer a desistir.

– Por mim está ótimo! – Patrício levantou recolhendo seu material.

– O João Pedro vai com você? – Lana se voltou para mim antes de sair.

João Pedro era o meu melhor amigo e, por um acaso da vida, era o marido da minha irmã caçula. Uma lástima, já que Lana conseguia dominá-lo de todas as formas possíveis. Eu perdi um companheiro de farra no momento em que o convidei para conhecer a minha família.

Quando saí o dia já estava caminhando para o final, resolvi que era hora de entrar no mar. Nada como surfar para relaxar a mente. Fiquei com as ondas por uma hora e meia e só saí porque estava ficando tarde.

Foi quando encontrei o João Pedro. Eu sabia que Lamara daria um jeito de impedi-lo de me acompanhar.

Óbvio que ela daria! Praia exigia biquínis, corpos morenos e perfeitos, meninas ansiosas para conversar com os surfistas... O João era um mané mesmo. Também era a pessoa com a qual eu desabafava. Além de meu colega na editora, era professor da UERJ, assim como eu, e conhecia muito bem o meu problema em forma de aluna, afinal de contas, era professor dela também.

– Seu escritório é na praia?

Brinquei por ele ainda estar vestido com roupas formais. João fez uma careta engraçada e desatou o nó da gravata.

– Lana me passou um original para revisão. Disse que foi ordem sua.

– Ordem minha, nada – caminhamos em direção ao quiosque do Seu Tobias. Ele sempre me deixava guardar minhas coisas lá.

– Eu sei. Ela queria era me impedir de estar aqui.

– Duas águas, por favor! – pedi ao garoto que me entregou minha mochila. Tirei a toalha de lá e sequei meu cabelo.

– Você é sempre muito fresco, Alex. Para que secar o cabelo? Você estava surfando, porra!

– Meu cabelo está comprido, fica escorrendo água em meu rosto e eu fico agoniado.

– Você é gay?

– Quer descobrir? – ele riu sentando em um dos bancos na sombra do quiosque.

– O que você precisa tanto conversar comigo que não podia esperar até amanhã?

– Estou com um problema imenso.

– Quem você engravidou?

– Cala a boca, João! – ele riu dando um gole em sua água.

Contei tudo ao meu amigo que me escutou em silêncio. Não deixei nenhum detalhe de fora. Nenhum mesmo. Precisava que ele tivesse a dimensão exata da merda em que eu estava me metendo.

– Você é um filho da puta, Alex! – eu merecia aquilo, mesmo assim fiquei chocado com sua reação.

– João eu...

– Por que não comeu a menina?

– O quê?

– Você é o maior filho de uma puta, falso puritano, que conheço. Vai ficar cozinhando a garota até quando?

– João eu acho que você não ouviu nada do que eu disse. Charlotte é minha aluna, aliás, sua aluna também e, para piorar tudo, virgem.

– E está esfregando na sua cara e você não faz nada.

Tô desconhecendo você, Alex. Acho que este papo de ser gay é sério.

– Sabe... definitivamente o casamento não fez bem a você.

– Rá! Sua irmã é uma ninfomaniaca. Não me dá sossego. Errei quando escolhi esperar até o casamento.

Deveria tê-lo ouvido e comido Lamara logo de uma vez, assim ela saberia como era e não torraria a minha paciência com todo esse sexo que exige de mim. Vai demorar para saciar todo o fogo de Lana.

Ri do que meu amigo dizia. Ele tinha segurado a virgindade da Lana até a lua de mel, apesar dos quatro anos de namoro. Dizia que Patrício o mataria e, com certeza, mataria mesmo, porém eu achava que eles deveriam ter começado a vida sexual muito tempo antes.

– Pense nisso e pare de cozinhar Charlotte. Quando ela descobrir o que é sexo de verdade você estará perdido.

– Eu não. Estarei bem longe dela.

– Alex – ele se aproximou um pouco mais, jogando o corpo sobre a mesa pequena. – Você vai comer a menina, e sabe o que vai acontecer? Ou ela vai ficar como uma praga no seu pé, ou vai sair dando para toda a cidade.

– Porra, João! Você não está ajudando nem um pouco.

– Se você continuar ensinando essas coisas pervertidas à garota, vai criar um monstro que ficará fora de

controle. Dê a Charlotte logo o que ela quer e caia fora antes que seja irreversível.

– Eu deveria ter contado a Patrício o que você e Lana faziam quando ele não estava olhando – encostei-me na cadeira e cruzei os braços.

– Conte. Eu já casei mesmo, e posso comer a sua irmã a hora que quiser – arqueou uma sobrancelha me encarando em desafio. Dei risada. – Voltando ao seu problema... A solução é a seguinte: pare de bancar o certinho e admita que está doido, desesperado para comer Charlotte Middleton.

– Não estou doido para comer Charlotte Middleton.

Dá para me ajudar?

– Estou ajudando. Você acha que é um erro, por isso não admite, mas se ela quer ser comida e você quer comê-la, não existe nenhum problema.

– Eu não quero comer a Charlotte.

– Você quer.

– Não quero! – retruquei indignado. Será que João não conseguia entender a gravidade do problema?

– Caralho, Alex! Seja honesto comigo e com você mesmo.

– Eu senti um puta tesão por ela, o que você queria que acontecesse? Ela estava nua, me implorando para ensiná-la. Pelo amor de Deus... Até um padre ficaria excitado.

– O que vai fazer?

– Não sei. Estou pensando em sair com a Anita.

– Anita Bezerra? Você enlouqueceu? A última coisa de que precisa é de uma desequilibrada em sua vida.

– Ela não é desequilibrada.

– Ela nutre uma fixação por você, Alex. De onde tirou esta ideia? Por que não sai com uma das muitas mulheres que transariam com você num piscar de olhos.

Charlotte Middleton, por exemplo.

Desisti da conversa com o meu amigo e decidi que era hora de ir para casa. Dali não sairia nada de interessante.

– Preciso de alguém novo em minha vida. Todas as outras eu já conheço e preciso de uma... Você sabe. Uma nova, que desperte a minha curiosidade.

– Uma nova vagina? Xana, bocetinha... Flor de Lótus – e gargalhou. – É isso que está tentando me dizer? Pelo amor de Deus, Alex! Vá à merda com este falso decoro, seu puritano de merda! Não consegue dizer a palavra? O que está acontecendo com você?

Desta vez gargalhei. João Pedro era um filho da mãe desbocado.

– Valeu, João! Tenho que ir! Vejo você amanhã.

– Procure uma vagina nova em uma boate ou bar. A da Anita não vale o sacrifício.

Olhei para meu amigo, meio surpreso. Como poderia saber?

– Em outro momento, Alex.

– Traiu a minha irmã?

– Não. Nossa Senhora! Não é nada disso. Olha...

Não coloque ideias erradas em sua cabeça, ok?

– Depois você precisa me contar direitinho esta história.

– Claro! Em outro momento.

Levei minha prancha ao carro, louco para chegar em casa. Retirei a bermuda molhada, coloquei a toalha sobre o banco de couro, entrei, liguei o som e “Garota de Ipanema” imediatamente começou a tocar. Sorri apreciando o que ouvia. Liguei o carro sentindo meu corpo relaxar, mas depois de andar apenas cinco metros precisei frear abruptamente o que não me impediu de atingir em cheio a pessoa que atravessou em minha frente.

Capítulo 7

“Que jamais cresça em meu peito um coração que confie num juramento ou numa afeição”.

William Shakespeare

Charlotte

Nunca antes havia me sentido tão atingida como me senti ao ler aquela frase de Shakespeare rabiscada na parede da livraria na qual insisti em entrar, mesmo contra a vontade de Miranda, que bradava dizendo que nosso tempo era curto. Por isso, sem conseguir entender o porquê de me sentir tão impactada, fui arrastada para uma loja onde minha amiga considerou quase tudo perfeito.

Fazer compras com Miranda era o mesmo que assassinar o meu cartão de crédito, por outro lado eu realmente precisava de um guarda-roupa mais elaborado e minhas lingerie estavam... digamos... terríveis! Grandes demais, folgadas demais e infantis demais. Acabei cedendo. Eu precisava de algo que me tornasse uma mulher mais desejável.

Aproveitei que Miranda tinha levado metade da loja para o provador e disse que realmente precisava de livros. Especialmente uns que eu tinha visto e que estava com muita vontade de ler. Ela nunca me acompanhava na compra de livros, pois sempre era demorado. Minha amiga fez uma careta e acabou concordando. Aproveitei e corri para a loja de roupas íntimas.

Demorou mais do que imaginava. Principalmente porque era muito constrangedor dizer que precisava daquelas calcinhas micro, com apenas um fio atrás e que revelavam mais do que escondiam. Acabei aceitando todas as sugestões da vendedora e levei uma para cada uma das situações possíveis.

Comprei uma que tinha babado e que o fundo era quase inexistente. O melhor era que havia um zíper muito discreto na frente. A vendedora me informou que servia para facilitar as coisas, ressaltando “coisas”. Pensei imediatamente nos dedos do meu professor e quase surtei, além de corar de maneira constrangedora, chamando a atenção das três vendedoras da loja, que riam apimentando a conversa. Comprei duas, uma azul e uma preta.

Levei outra que era muito pequena na frente toda em renda transparente com dois lacinhos. Achei meiga e sedutora me peguei pensando em quando deveria usá-la.

Fui forçada a comprar uma de tigresa, uma vermelha, uma tão indecente que tenho até vergonha de descrever. Uma com “flu-flu” bem estilo dondoca, uma de lacinho, algumas com brilho e cores vibrantes, além de uma comestível.

Meu Deus! Nunca tinha ouvido falar nisso. Como será que o professor Frankli reagiria se eu aparecesse em sua frente e dissesse: “Coma a minha calcinha. É sabor uva”. Quase morri de vergonha ao me imaginar tendo este nível de intimidade com ele.

Não foi possível ignorar as camisolas de renda transparentes que mais mostravam do que escondiam.

Acabei levando uma coleção para mais do que uma temporada de aulas.

Só quando estávamos comendo num restaurante discreto do shopping, me dei conta de que o professor Frankli ainda não havia ligado. Já estávamos no início da tarde e nada. De repente me senti desanimada e Shakespeare, com as suas frases de efeito, martelava meus pensamentos.

Maldita hora em que escolhi o escritor inglês para ser o meu guia espiritual. Se é que isso era possível.

Decidimos que deveríamos ser menos sedentárias então compramos roupa para ginástica e esportes até decidirmos o que gostaríamos de fazer, academia ou atividade ao ar livre. Eu ainda guardava os meus patins em algum lugar embaixo da minha cama.

O professor Frankli não ligou.

Fomos ao salão e deixei que Miranda ditasse as regras. Cortei meus cabelos, coisa que eu não fazia há Deus sabe quantos anos. Sempre mantive meus fios retos e grandes. Aliás, estavam imensos, quase na minha bunda.

Estava mesmo passando da hora de cortar. Miranda sugeriu, ou melhor, quase ordenou que eu fizesse mechas claras, fininhas, para quebrar o castanho. Fizemos as unhas, sobancelha e saímos como duas princesas. Só que ela havia encontrado seu príncipe enquanto eu... Deixa pra lá.

Voltamos para casa, cheias de sacolas. Miranda completamente satisfeita e eu com um aperto enorme no coração. Por que ele não ligava?

Tomei banho e fiquei um bom tempo encarando as sacolas sobre a minha cama. O que deveria fazer? Era provável que ele tivesse desistido de tentar me ajudar.

Com certeza havia desistido. Desde o início ele foi contra o que estávamos fazendo e eu podia notar em seu rosto o quanto era sacrificante ficar comigo de forma tão íntima.

Quase chorei.

Quase.

Não havia tempo para ficar lamentando o leite derramado. Eu não podia arriscar o meu projeto. Então, se o professor Frankli não queria me ajudar, eu precisava achar alguém que o fizesse. E teria que ser para ontem.

Não pensei duas vezes. Peguei os patins, vesti um short jeans muito curto, que eu devo ter usado a última vez quando tinha quinze anos e sequer me lembrava que ainda fazia parte do meu guarda-roupa, um dos tops que comprei para malhação e um boné, coloquei um tênis e meu celular na mochila, passei um batom com gosto de morango.

Caprichei no protetor solar, especialmente sobre as sardas. Coloquei os óculos de sol com grau, uma forma de não sofrer tanto com a claridade e de não precisar me espatifar no chão sem conseguir enxergar direito. Não dava para encarar lentes de contato por tanto tempo. Os óculos até que eram legais. Eu gostava da armação e Miranda também, o que significava que era aceitável.

“É hoje ou nunca mais”.

O local mais apropriado para paquerar em Ipanema, no final da tarde, era a praia. Muitos rapazes gostavam de circular por lá, para azarar as garotas ou para manter a malhação em dia. Sem contar a turma que ficava pelas lanchonetes e bares, admirando a paisagem. Bom, pelo menos eu ia tentar encontrar alguma paquera, enquanto fingia que estava me exercitando.

A roupa escolhida não poderia ser melhor. Com um short tão curto deixando quase tudo à mostra, seria difícil não conseguir que algum garoto sentisse interesse sexual por mim. Apesar de não ser uma típica brasileira, meu corpo era todo certinho, com tudo no lugar. Tudo bem que faltava um pouco de carne aqui ou ali, mas dava para o gasto. Assim eu achava. Pelo menos o professor Frankli havia gostado.

Pensar nele era terrível. Destruía a minha autoestima, apesar dos pesares. Ele disse que meu corpo era lindo, que eu era linda, mesmo assim havia desistido.

Grande coisa. Qualquer um poderia desempenhar o papel que ele se recusava executar. E o professor Frankli com certeza não devia ser o único homem capaz de me excitar.

Droga! Pensar naquilo não ajudava em nada também. O ruim era que eu não estava me sentindo nem um pouco confortável vestida daquele jeito. Tudo bem que todo mundo vestia roupas semelhantes, só que eu, especialmente eu, não conseguia acreditar que tive coragem.

Brinquei um pouco na pista sem me sentir à vontade para iniciar qualquer paquera. Alguns rapazes fizeram piadinhas ou tentaram se aproximar, mas eu estava tão envergonhada que me concentrei em me equilibrar sobre os patins e manter meus óculos no lugar. Não sei de onde tirei aquela ideia absurda de que sobreviveria andando com algo tão assassino.

Desisti rapidamente. Uma boate seria bem melhor.

Se o meu professor não aparecesse outra vez para estragar os meus planos.

Atravessei a rua, ainda com as rodas me conduzindo e virei na primeira à esquerda. Lá havia um banco onde eu poderia tirar os patins e voltar para casa o mais rápido possível sem ser interrompida por ninguém. Quando estava fazendo a curva, os patins derraparam me jogando para frente e eu caí sobre um carro que passava em baixa velocidade. Fui direto para o chão.

– Ai! Merda!

Meu joelho ardia. Nem quis olhar para o local pois sabia que estava sangrando. Fechei os olhos incomodada pela vergonha e pela dor. Dava para ficar pior? Dava.

Meus óculos estavam em qualquer lugar que não era o meu rosto.

– Droga! Não sei o que aconteceu. Você está bem?

Aquela voz? Não era possível. Abri os olhos sem acreditar e, parece que foi neste mesmo momento que ele entendeu de quem se tratava.

– Charlotte? – deu um risinho sonso. – É. Acho mesmo que a vida está de sacanagem comigo. – fiquei

com tanta raiva!

– Professor Frankli? Então o senhor além de se aproveitar de suas alunas, joga os carros contra elas? O que estava pensando? Em eliminar as provas? – seus olhos chamuscaram, ele balançou a cabeça e desviou sua atenção para meu ferimento.

– Isso está feio. É melhor levá-la a um pronto- socorro.

– De jeito nenhum. É só um arranhão. Posso me virar sozinha.

– Estou vendo. Nos últimos dias você me deu todas as provas de que não pode.

Ele pegou alguma coisa e me entregou. Meus óculos. Olhei a armação um pouco torta e me perguntei se havia sido um tombo tão feio assim. Coloquei no rosto o mais rápido possível. Precisava ter certeza de que estava vendo tudo muito bem.

– Não me faça mandá-lo à merda outra vez, Alex – rebati irritada com tudo, principalmente com meus óculos tortos.

– Não me faça lavar sua boca com água e sabão, Charlotte, ou quem sabe uns bons tapas na bunda resolvam o seu problema.

Não foi pela nossa briga, nem pelo que eu queria que acontecesse, só sei que a forma como ele sugeriu me dar uns tapas na bunda me fez sentir coisas diferentes.

Coisas que eu não poderia mais sentir. Não com ele. Nem podia perder a oportunidade de irritá-lo um pouco mais.

– Não seria tão ruim assim – sorri sugestivamente.

– Acho que você bateu a cabeça.

– Quer saber? Cansei. Sai da minha frente que eu tenho coisas mais importantes para fazer.

– Não posso deixá-la ir embora assim. Eu atropeli você, tenho obrigação de socorrê-la.

– Eu o perdoo – comecei a me levantar, ele me segurou em seus braços levantando-me do chão. Só então percebi alguns curiosos nos observando.

– Não faça uma cena, por favor!

Ele disse bem baixo. Próximo demais para o meu gosto. Com aqueles olhos que me sugavam, me prendiam e me dominavam, tão fixos nos meus que precisei me concentrar muito para conseguir falar.

– O que vai fazer? – sussurrei incapaz de me desprender daquele feitiço.

– Vou cuidar de você, droga! Não é só o que tenho feito? – mesmo tendo sido tão brusco gostei de ouvir que cuidaria de mim. Por isso não reagi.

Deixei que me colocasse no banco do carona e fomos embora. Aproveitei para tirar os patins. Uma queda já havia sido o suficiente. Quando chegamos à casa dele fiquei ainda mais satisfeita. Ali ele parecia se transformar completamente, se soltava, se permitia. Fazia aquelas coisas... Oh, Deus! Aquelas coisas. Fiquei tão quente. Eu devia ter colocado uma daquelas calcinhas.

O professor Frankli não conversava comigo, o que era uma droga, indo na contramão de tudo o que eu estava sentindo e ansiando. Ele estava emburrado e atento ao que precisava fazer. Tirou-me do carro e me levou em seus braços até a cozinha. Deixou-me sentada em uma pequena mesa auxiliar, alta o suficiente para que não precisasse se curvar muito. Saiu voltando em seguida com uma caixa de primeiros socorros.

– Não sabia que gostava de atividades físicas – ele não prestava atenção em mim e sim em meu ferimento que ainda ardia.

– Não gosto.

Meu professor parou um segundo, suspirou e abriu a caixa para pegar algodão e alguma coisa que me lembrou o cheiro horrível de hospital. Eu odeio hospitais. Que irônico!

– O que estava fazendo de patins então? – limpou o ferimento com delicadeza, mesmo assim doeu.

– Ai! Caralho! Isso dói.

– Ainda estou decidindo se lavo ou não sua boca com água e sabão, Charlotte.

– Até parece que você não xinga, Alex. Aposto que quando está entre amigos fala as maiores de todas as sacanagens existentes na face da Terra – ele me olhou nos olhos e sorriu. Foi um sorriso verdadeiro.

– O que não significa que goste de mulheres que xingam. Não sem um propósito.

– Ah! Ok. Então: Ai! Meu Deus está mesmo doendo!

Melhorou? – ele riu alto.

– Soa bem melhor.

– Acho que sentir dor é um grande motivo para xingar.

– Você é cheia de argumentos – outra vez pegou um algodão e embebido no líquido fedorento.

– Por que não me ligou?

Ele parou por um milésimo de segundo, porém conseguiu se recompor e continuou o que estava fazendo.

– Este ferimento vai ficar feio – por que não me respondia?

– Com certeza o da minha bunda também – ele me olhou confuso. – Bati a bunda quando caí. Vai ficar roxo – Alex abriu a caixa e tirou de lá uma pomada.

– Passe isso depois do banho. Vai evitar o hematoma – voltou a cuidar do meu joelho. – Você não me disse o que estava fazendo na praia – ele não parecia estar mesmo interessado.

– E você não me disse por que não ligou – Nos encaramos. Ele suspirou mais uma vez.

– Foi por isso então? Eu não ligo e você imediatamente se desespera e sai em busca de um substituto?

Fiquei mesmo muito constrangida. Ele não falou em tom de acusação, embora fosse uma forma não muito agradável de colocar os fatos apesar de minha intenção ter sido exatamente aquela.

– Tenho pouco tempo...

– Por causa disso você passa por cima de tudo o que combinamos e vai atrás de um merdinha qualquer para comê-la?

Poxa! Ele ficou mesmo furioso. Meus olhos ficaram cheios de lágrimas pelo seu modo grosseiro de me acusar.

– Porra, Charlotte! Você tem ideia de como é para mim? E não faça essa carinha de choro porque desta vez não vou me deixar comover. Estou passando por cima dos meus princípios para ajudá-la e... Merda! Esqueça esta ideia de transar com qualquer um. O que fizemos já ajudou muito. Confie em mim.

– Eu confio. Juro que confio, Alex! É só que... – as lágrimas caíram.

– Que o quê? – ele continuava furioso.

– Você age o tempo inteiro como se fosse muito ruim estar comigo. Fica com cara de arrependimento. Eu não quero desse jeito. Não quero estar com alguém que não me queira. Não quero que faça nenhum sacrifício. Você não me ligou, pensei que havia desistido e me conformei.

Despejei tudo de uma só vez. Ele ficou admirado com a minha reação infantil e mimada. O que eu podia fazer. Era assim que eu era.

– Aceitaria tranquilamente se eu desistisse? – tive medo de responder, mas não poderia forçá-lo a continuar naquela confusão.

– Sim. Não posso obrigá-lo a fazer o que não quer – pensei em ir embora naquele momento e poupá-lo de mais constrangimentos.

Ele pegou meus óculos, retirou do meu rosto, mexeu na armação até conseguir desentortá-la e me entregou.

Abri minha mochila, retirei a caixa de lá, guardei os óculos escuros e peguei o de grau. Alex o tirou de minhas mãos e colocou em meu rosto. Por hábito levei minha mão ao rosto suspendendo os óculos até posicioná-los no lugar certo do meu nariz. Meu professor ainda me olhava com atenção. Depois de um tempo que me pareceu interminável, ele finalmente falou: – E quem disse a você que eu não quero? – quase engasguei ao ouvir aquelas palavras.

– Você...

Alex se afastou um pouco, encostando as costas no balcão e cruzando os braços à frente do peito. Parecia lutar contra si mesmo.

– Eu quero ajudá-la. Só não quero que se machuque, que se magoe – foi um banho de água gelada. – Pare de fazer besteiras, Charlotte, e se concentre em escrever. Eu não tinha ligado ainda, mas ia ligar mais tarde, para...

– Ok!

Não sei se estava triste ou aliviada. Ele não me queria. Queria apenas me impedir de sair dando para todo mundo, mesmo assim não transaria comigo. Apesar de tudo ainda estávamos juntos naquela confusão e era inevitável a sensação de conforto.

– Escreveu alguma coisa hoje?

– Não. Fiz compras.

– E cortou o cabelo, clareou um pouco. Ficou ótimo – meu rosto ficou vermelho. Ele tinha notado.

– Obrigada! Mas fiz a atividade de casa.

Ele arqueou uma sobrancelha sem entender do que se tratava, no entanto, rapidamente caiu em si e seus olhos brilharam. Alex assumiu uma postura mais selvagem. Se aproximou colocando-se entre minhas pernas com cuidado para não machucar ainda mais o meu joelho.

– Está me dizendo que você...

– Hum hum! – ele me olhava de uma maneira diferente, um pouco surpreso, um pouco deliciado com a informação.

– E... foi... bom?

Suas mãos tocaram levemente minhas coxas, e eu senti um arrepio percorrer minha espinha. Alex estava de frente para mim, muito próximo. Eu estava louca de vontade de beijá-lo. Era assim que as pessoas se sentiam quando tinham interesse sexual por alguém? Uma atração impossível de evitar me impulsionava em sua direção.

– Sim – respondi tarde demais, deixando-me levar por aquele sentimento tão estranho e prazeroso ao mesmo tempo.

– Então você não precisa mais da minha ajuda...

Digo... Para este tipo de exercício – ele desviou o olhar para os meus lábios de uma forma lenta e sensual. Como se fosse me beijar a qualquer momento.

– Não propriamente de ajuda. É muito mais gostoso quando você está comigo – Deixando a vergonha de lado me forcei a falar. Devíamos ser sinceros um com o outro, como ele mesmo havia dito.

– É?

– É. Só não entendi por que você me pediu para não penetrar... Hum!... O dedo... Entende? Se é muito mais gostoso deste jeito.

Ele parou tudo e me olhou parecendo não acreditar no que eu havia falado. Merda! Será que fiz algo de errado.

– Você... – pigarreou. – Você colocou... o dedo? – balancei a cabeça afirmando. – Ah Deus! Charlotte Middleton, não... – Alex suspirou com força e saiu do meio das minhas pernas.

– Fiz algo de errado? – entrei em pânico.

– Exceto pelo fato de que você pode acabar tirando a sua própria virgindade, não. Você não fez nada de errado.

– Então por que você ficou tão aborrecido? E como assim posso tirar a minha virgindade?

– Não estou aborrecido, estou... – ele parou e depois balançou a cabeça sorrindo. – Teoricamente você só precisa de sete centímetros para perder a virgindade, assim como para atingir o orgasmo, então... Ele pegou minha mão estendendo-a para mim. – Qual dedo? – mostrei a ele o dedo do meio me sentindo o próprio tomate de tanta vergonha. – Hum! Acho que não houve nenhum estrago, só tenha cuidado.

– Não se preocupe. Vou usar uma fita métrica da próxima vez.

Alex riu alto e, surpreendentemente, me deu um selinho. Foi tão acolhedor e familiar que me senti em casa.

Ele passou as mãos em meus cabelos me olhando nos olhos e beijou meu rosto. Foi muito carinhoso. Seus dedos acariciavam meu rosto e seu polegar passou pelos meus lábios então me beijou. Nós nos beijamos. Foi quente, gostoso, arrepiante e minha calcinha ficou outra vez molhada.

Alex não beijava apenas com os lábios e a língua.

Ele beijava com o corpo inteiro. Suas mãos acompanhavam os movimentos da sua língua que por sua vez acompanhavam os dos seus quadris. Porque sim, seus quadris se moviam em minha direção, não ansiosamente, mas lentamente, como se desfrutasse do roçar do seu sexo no meu. Pelo menos eu saboreava.

Porém, ele me abandonou rápido demais para o meu gosto, se afastando de forma a manter uma distância segura de mim, como se eu fosse perigosa ou algo parecido. Meu professor manteve-se longe o suficiente para me fazer questionar o que havia de errado.

– Você me confunde, Charlotte. Eu normalmente fico... – coçou a cabeça. Um meio sorriso no rosto. – Não sei como fico – e sorriu de uma maneira tão linda que tive vontade de abraçá-lo.

– Mas eu sei como eu fico – ele me encarou e eu recuei.

Havia algo animal na forma como Alex me olhou.

Algo quente e intimidador ao mesmo tempo. Que me fez arfar e tremer, e que principalmente me incentivava a continuar por aquele caminho.

– Você me ensinou, lembra? A dizer como me sinto.

A entender o meu corpo – minha voz foi morrendo enquanto ele apenas me encarava.

Meu professor soltou o ar com força e me deu as costas, andando pela cozinha sem fazer nada especificamente.

– Agora você está aborrecido?

– Não! – sua voz estava mais calma e suas feições menos tensas. – Eu só não sei como reagir a você. Tenho medo das consequências desse nosso acordo.

– Alex... – droga! Ele sempre fazia aquilo, sempre me mostrava que não queria.

– Eu quero, Charlotte. Estou adorando a forma como o seu texto está ficando, de verdade. Mas não posso mentir dizendo que estou encarando isso tudo com naturalidade.

– Tentar esquecer que é meu professor, enquanto estivermos juntos, talvez ajude.

– Ajudaria, se eu fosse capaz de fazer isso. Mesmo que eu conseguisse este feito, não deixaria de ser um homem muito mais velho e mais experiente do que você.

– Isso acontece todos os dias. Diferença de idade não é um obstáculo intransponível nos relacionamentos – me encolhi com minhas próprias palavras. O que eu estava fazendo, falando de nós dois como um relacionamento? Alex assentiu e suspirou.

– E eu ainda sou o editor-chefe e você é uma escritora com futuro promissor – sorri largamente. Era gratificante ouvir aquelas palavras ditas pelo editor-chefe mais conceituado do país.

– Eu não trabalho para você, Alex – sorri timidamente. Seria um sonho se fosse verdade.

– Mas pode vir a trabalhar algum dia – ele rebateu.

– E Papai Noel pode aparecer na minha porta de sunga – ele riu. – Eu não penso no que poderá acontecer um dia. Na verdade, estou pensando muito mais no aqui e no agora. Preciso me concentrar no meu projeto e... ser aprovada – ele ficou sério me encarando.

– Tudo bem, Charlotte – e se aproximou mais. – E o que quer aprender hoje?

– Hoje?

Pisquei várias vezes surpreendida pela sua aproximação e pela sua disposição para me ensinar mesmo eu estando com meu joelho esfolado. Além do mais, como eu poderia saber o que queria aprender se ele entendia mais do assunto do que eu?

– Bom... – puxei o ar com força. – Eu gostaria de aprender como transar, se não for muito incômodo para você.

Alex estreitou os olhos e fez uma cara de incredulidade. Não era para ser sincera? Não entendi o motivo da sua indignação. Ok! Entendi. Ele não queria tirar a minha virgindade, o que era uma grandessíssima merda!

– Tudo bem! – suspirei resignada e revirei os olhos.

– Diga você o que pode me ensinar – ele sorriu satisfeito.

– Hum!

Entortou a boca de uma forma encantadora e olhou para os lados pensando no que fazer. Suas mãos nos bolsos da bermuda o deixavam ainda mais provocante.

Queimei por dentro imaginando a infinidade de coisas que gostaria de fazer com o meu professor.

– Pare de me olhar deste jeito, Charlotte... – ele passou os dedos em meus lábios. – Não me olhe assim.

– Assim como?

Sussurrei encantada com a sua proximidade. Alex levou a mão aos meus óculos retirando-os.

– Que tal se você me mostrar como... – se aproximou voltando a ficar entre as minhas pernas. – Como tem feito a sua lição de casa.

Fiquei pálida! Como assim?

– Vamos ver no que vai dar – e me beijou sem me dar chance de pensar no assunto.

Porra, Alex me beijou!

Seus lábios se encaixavam nos meus de maneira perfeita, como se fôssemos feitos uma para o outro, como se tivessem a textura, o sabor e o tamanho, tudo exato para mim. E a forma como ele fazia? Caramba! Era tão bom que me distraía. O que ele tinha me pedido mesmo? E então ele me abandonou, roçando os lábios em minha pele e deixando suas mãos brincarem em minhas costas e braços.

– Vamos para o sofá – aquela voz rouca que me deixava toda eriçada simplesmente me conduziu. Ele ordenou e eu obedeci imediatamente, como a boa aluna que era.

Caminhamos de mãos dadas, eu na frente e ele logo atrás. Quando eu o buscava com os olhos, o pegava me observando, olhos quentes, boca meio aberta e a respiração pesada.

Chegamos à sala e ele assumiu o controle me posicionando no sofá. A princípio sentamos e ele me beijou, sua língua explorando, exigindo a minha e destruindo toda capacidade de pensar e decidir. Ali eu era apenas uma marionete a postos para atender todos os seus comandos.

Porque era isso o que meu professor fazia comigo, sugava todas as minhas vontades, arrancava de mim o

que queria e me conduzia de maneira tão luxuriosa que eu chegava a me esquecer do mundo.

E ele apenas me beijava e acariciava meu pescoço e braços.

Eu sabia que Alex não ficaria só naquele ponto, até porque, já tínhamos ido além. Talvez por isso o meu corpo reagisse de maneira tão frenética. Eu sabia qual seria a minha recompensa e a desejava como quem deseja a cura para uma doença incurável.

Por isso, à medida que o nosso beijo nos deixava mais íntimos, que o tesão começava a nos dominar, o professor Frankli avançou. Não como um adolescente afoito, que descobria cada passo e se deleitava neles, e sim como o mestre que era, com a paciência necessária e que poucos possuíam.

Ele apertou a minha cintura e gemeu em meus lábios. Minha pele inteira se arrepiou. Suas mãos, mais ousadas, não só acariciavam os braços, mas ultrapassavam a camisa e tocava-me com conhecimento, causando um alvoroço em minhas células.

Então ele avançou, empurrando o meu corpo com o dele, deitando-me sobre o sofá, sem permitir que seu corpo ficasse sobre o meu, o que me deixou meio frustrada. Seria ótimo sentir sua ereção, mostrando-me o quanto me desejava e me levando ao delírio completo, como tinha acontecido das outras vezes.

Alex se deitou ao lado, sem desconectar seus lábios dos meus. No entanto, suas mãos ficaram mais ousadas, avançando com determinação, levantando a minha camisa, apertando e acariciando o que encontravam. Gemi e, sem conseguir me deter, me movimentei usufruindo do prazer de ser tocada pelo meu professor.

Novamente ele abandonou meus lábios, seguindo com os seus em direção ao decote. Puta merda! Pensei que explodiria. Gemi despudoradamente, sem a menor intenção de esconder o quanto desejava aquele toque.

Alex segurou a minha mão, que por sinal estava em seu braço, explorando aqueles músculos tão evidentes e, bem lentamente, a escorregou dos meus seios até o centro das minhas pernas, por cima do short. Eu o queria e faria qualquer coisa para tê-lo.

Porra! Fechei os olhos e me permiti, mesmo sabendo que ele me olhava, que assistia de camarote todos os meus movimentos. Alex apertou minha mão ali, fazendo-me sentir a textura dura dos meus dedos magros sob os seus longos e grossos.

Aprofundando o beijo, esfregou minha mão em meu sexo, com um ímpeto que me deixou ainda mais ansiosa.

Sufocando seus gemidos, mas permitindo os meus, e desfrutando de tudo o que extraía de mim.

– Faça! – ordenou em meus lábios, com a voz rouca e o corpo se apertando ao lado do meu.

No mesmo momento, sua mão que abandonou a minha, subiu pelo meu corpo. Ele mordeu meu lábio inferior e um rosnado, capaz de me fazer esquecer o meu próprio nome, saiu da sua garganta quase no mesmo segundo em que alcançou o meu seio.

Meu. Deus!

Seus dedos brincando com a minha pele eram enlouquecedores, mas sua mão inteira em meu seio, ultrapassando o tecido do top e tocando-me sem reservas era de tirar o meu fôlego. Mas quem precisava de ar, tendo Alex tão intenso?

– Faça, Charlotte! – ordenou mais uma vez.

Timidamente testei minha mão em meu sexo por cima do short jeans. Meus dedos me acariciaram e foi gostoso. Apertei um pouco mais, mesmo eu de olhos fechados, podia sentir os olhos do meu professor me queimando. Alex verificava se eu tinha aprendido direitinho.

Droga! Era muito bom, mas não tanto quanto foi com ele. Então retirei minha mão e voltei a tocá-lo, me prendendo em seu braço e me virando para colar nossos corpos.

Alex correspondeu, colando-se a mim, puxando-me pelos quadris e voltando a me beijar vorazmente. Se esfregou em mim, deixando-me sentir toda a sua potência, então girou nossos corpos, ficando parcialmente sobre mim. Uma perna, passou por baixo da minha que estava com o joelho machucado, levantando-a para não piorar seu estado. Sua ereção muito perto do meu sexo.

– Aqui – levou mais uma vez a mão até meu centro de prazer, desta vez abriu o botão do meu short e desceu o zíper. – Coloque aqui – e, conduzindo minha mão, a fez adentrar o tecido e tocar em minha carne.

– Alex! – gemi saboreando a sensação de seus lábios descendo até meus seios.

– Quero ver você gozar, Charlotte!

– Puta que pariu!

Escapou dos meus lábios sem que eu tivesse qualquer controle sobre minha capacidade de frear qualquer xingamento. Abri os olhos e o encontrei me encarando. Azul profundo, cativante, abusivo, em um azul raso, incapaz de esconder o que desejava ou sentia. E o que eu queria, naquele momento, era dar a ele o que me pedia.

Ainda pude ver seu sorriso presunçoso se alongar e estender em seus lábios. A certeza e confiança que poucos conseguiam ter e que ele expressava ali, bem na minha frente, ciente do seu poder absoluto sobre mim.

– Ah, menina! – e meneou a cabeça, voltando a me beijar com desejo, mas permitindo que seus lábios saboreassem tudo o que existia em mim.

Após alguns segundos sua língua parou de desfrutar da minha e roçou meu queixo descendo, em pura luxúria, até rodear o bico do meu seio direito e, depois de uma longa tortura, que me fez movimentar com mais intensidade os dedos por dentro da minha calcinha, ele foi ao esquerdo, seus lábios se apossando dele, sem abandonar o outro, pois, sua mão cobriu a carne desnuda com seus dedos brincando com o bico intumescido.

– Alex!

Gemi alto fazendo o que eu havia aprendido, deixando que meus dedos me tocassem, pressionassem o clitóris e se esfregassem pelos lábios vaginais enquanto sua língua devassa usufruía da minha carne, se aventurando em meus montes volumosos, deixando-me em êxtase.

Puro êxtase.

Ele se movimentou, incentivando-me, estimulando-me com a sua ereção sólida, longa e cheia de promessas que eu não sabia se seriam cumpridas. Suas mãos apertavam e seus lábios sugavam e eu apenas me entregava, sentindo, saboreando e me permitindo.

Então eu gozei. E foi incrível.

Meu corpo se arqueou, pulsou, esquentou e, em seguida se desintegrou, quebrando-se em pequeníssimos pedaços, que se espalharam como poeira cósmica ocupando todo o espaço daquela casa.

– Charlotte? – ouvi Alex chamando, mas não tive coragem de abrir os olhos. Ainda me sentia flutuando.

– Hum! – gemi baixinho e ele riu.

– É! Você sabe mesmo como se entregar ao momento – brincou e acariciou meu rosto. Abri os olhos e o encontrei muito próximo. As bochechas rosadas e os olhos brilhantes, ainda em chamas. – Você perde o foco – sussurrou ao passar o polegar em meus lábios e depositar um beijo casto neles.

– Isso é ruim? – me espreguicei sem querer me afastar dele e ainda sentindo a emoção do orgasmo recente.

– Depende – sorriu lindamente.

– De quem?

– De quem quiser prolongar a brincadeira.

Ele pegou minha mão, aquela que segundos antes brincava com meu corpo e me levou para outro mundo, escolheu o dedo do meio e, pegando-me de surpresa, o colocou na boca, lambendo o líquido que havia ficado. A prova concreta do meu pecado.

Aquilo foi tão forte e sexy que fiquei sem ar.

Deliciada demais em saber que ele me provava, sentia o meu sabor e o aprovava.

Então me dei conta. Alex não podia ficar apenas me observando. Não podia somente me dar prazer sem receber nada em troca. Merda! Eu estava fazendo tudo errado.

Puta. Merda!

Nunca mais, nunca mesmo, eu entraria em um confessionário.

– Alex... – ele me interrompeu com um dedo em meus lábios.

– Foi ótimo! Você foi incrível, agora eu quero que vá para casa, cuide deste ferimento – acariciou minha coxa e algo em mim começou a reviver. – E escreva.

– Mas, Alex...

– Escreva – e eu não consegui contestar.

– Tudo bem.

Mal sabia ele que eu não desistiria com facilidade.

Capítulo 8

“Alguns elevam-se pelo pecado, outros caem pela virtude”

William Shakespeare

Charlotte

Pensei ao conferir pela última vez o meu texto.

Passei boa parte da madrugada escrevendo e me sentindo perfeita, incrível, leve, sedutora desejável... Eu me sentia tão... Não dá para explicar.

No entanto, eu não tinha passado vinte e um anos sendo a garota certinha para perder a minha capacidade de raciocinar em poucos dias. Apesar de ter a certeza de que a minha decisão era um erro, um pecado, não, eu jamais culparia o meu professor por ter concordado comigo.

Tá! Não vou dizer que ser carola e temer a Deus evitando os pecados carnis fazia parte da minha personalidade. Longe disso. Mas eu sabia que era um pecado, um desrespeito a todo o meu senso de moral o que eu estava fazendo. Principalmente o que eu estava fazendo com o meu professor.

Eu o deixava perdido, confuso. Definitivamente, o estava enlouquecendo. Só não sabia se era no bom sentido, já que ele, apesar de demonstrar gostar do que fazíamos, não encontrava prazer em fazê-lo.

Shakespeare tinha toda razão. Mesmo que tudo o que eu fizesse fosse considerado pecado, eu não voltaria atrás, pois sabia que a minha salvação estava naquelas aulas e em tudo o que Alex me ensinava. No entanto, se as palavras do meu escritor favorito fossem realmente verdadeiras, esta seria a ruína do meu professor, pois ao aceitar me ensinar, ele colocava sua carreira e reputação em risco.

Confesso que não gastei muito tempo pensando no assunto. Acordar cedo, enfrentar o trânsito, ouvir as histórias de Miranda sobre o carinho novo, tentar não me irritar com o bom humor matinal do Johnny e me manter acordada durante toda a aula sem ajuda de cafeína foi sacrifício suficiente.

Meu corpo só começou a reagir realmente depois do almoço. Miranda, Johnny e eu nos encontramos em um restaurante próximo a faculdade, já que tínhamos aula à tarde, o que me deixou profundamente irritada, pois minha mente cobrava as horas de sono que perdi ao ficar escrevendo.

– O padrinho ligou – meu amigo começou enquanto devorava o seu filé com fritas. Nunca antes vi alguém gostar tanto deste prato como Johnny. Uma aberração, como dizia a minha mãe.

– O “padrinho” sempre liga – desdenhei do meu amigo que sorriu amplamente.

– Tem certeza que não quer casar comigo? É uma forma de garantir a sua herança – revirei os olhos. Johnny sabia o quanto me irritava com aquela conversa de casamento.

– Você sabe muito bem que o meu pai não quer isso.

Ele brinca – Johnny riu com a boca cheia de batata frita.

– Você não aprendeu nada com a madrinha? – Miranda o repreendeu. Aqueles dois brigavam o tempo todo, mas não se desgrudavam.

– A madrinha fez de vocês duas, as bonecas dela. O padrinho fez de mim um homem.

– Um homem grosseiro e mal-educado – ela rebateu e ele pegou mais um bocado de batata colocando tudo de uma vez na boca.

Johnny era uma criança quando não tinha a supervisão cerrada do meu pai. Na frente dele meu amigo se transformava, tornando-se o administrador em quem “o padrinho” colocava toda a sua esperança, já que a filha única não queria nem pensar em administrar hospitais.

– O que papai queria? – cortei meu bife acompanhando a implicância dos dois. – Parem com isso!

Todo mundo está olhando para a nossa mesa.

– O Shrek começou – falou Miranda dando risada e nós a acompanhamos.

– O que o papai queria, Johnny?

Repeti vendo-o olhar para os lados como se quisesse se certificar de que sua resposta não sairia dali.

Fiquei tensa. Então ele me olhou, abaixando um pouco o corpo, se encurvando sobre a mesa e sussurrou:
– Saber sobre a formatura – Miranda gargalhou.

Eu tentava fugir da festa de formatura desde que entrei na faculdade. Ficar exposta em um palco, falar em um microfone para um auditório lotado e ser o centro das atenções, não estava em meus planos. Infelizmente, a medida em que me destacava em todas as matérias, passando receber elogios cada vez mais pomposos dos meus professores, que por acaso não se faziam de rogados quando viam o meu pai, e este estava sempre disposto a patrocinar qualquer boa causa que eles discutissem, eu me vi cada vez mais envolvida e obrigada a me conformar com este fardo.

Seria o meu fim.

– Você vai fazer um discurso – ele voltou a falar com a voz normal. – E padrinho quer saber como anda o seu projeto final.

Corei significativamente ao pensar no quanto e no porquê de o trabalho estar incrível.

– Claro que eu disse a ele que você anda à procura de experiências para...

– Você o quê? – gritei fazendo com que todos olhassem em direção à nossa mesa. Miranda e Johnny gargalharam. – Vá à merda, Johnny! Seu imbecil!

– Claro! Também falei do quanto a filha dele se tornou uma pornográfica e boca suja.

– Olha, porque você...

E naquele instante eu o vi. O professor Frankli entrou no restaurante fazendo com que todo resto perdesse o foco. Cara, existe muita gente bonita, mas o meu professor abusava deste quesito. Ele simplesmente entrou, conversando e sorrindo com o Professor Prado, usando o habitual terno escuro, que naquele corpo ficava realmente incrível, e óculos de sol.

Vi na hora em que algumas mulheres acompanharam os dois com olhares e cochicharam umas com as outras, com risinhos infantis. Ele retirou os óculos e concordou com a cabeça, em um gesto educado e cordial, no momento em que o garçom lhes indicava a mesa que ficariam.

Johnny pigarreou ao meu lado e, para esconder o embaraço, levei a mão ao rosto ajeitando os óculos que insistiam em descer pelo meu nariz.

– O que ele tem feito em relação ao seu projeto? – meu amigo quis saber. Sua pergunta fez com que o meu rubor alcançasse minhas orelhas e descesse pelo meu pescoço.

– Hum – clareei a garganta e preferi beber um pouco do meu suco de acerola. – Ele tem me ajudado com algumas pesquisas e – precisei limpar mais uma vez a garganta sentindo um bolo incômodo. – Tem me orientado sobre como descrever certas... – olhei na direção do meu professor novamente – situações.

– Ele está gostando de como o texto dela está ficando – Miranda disse olhando nossos professores na outra mesa. Droga! Ela ainda o queria. O que eu estava fazendo? – Ele é mesmo bonito, não?

– Não acho – Johnny brincou. – Ele não faz muito o meu estilo. – rimos, mas eu não consegui comer mais nada. Apenas me forcei a tomar o suco para não chamar a atenção dos meus amigos.

Depois de uns vinte minutos pedimos a conta, Johnny pagou, claro, ele não aceitava que meu pai custeasse as suas despesas e ele simplesmente me deixasse pagar o meu almoço. Coisas que faziam parte da filosofia de Jonathan e que eu não poderia questionar para não ofendê-lo.

Para mim não fazia a menor diferença, no final das contas era o meu pai que arcava com qualquer valor gasto por nós três, independentemente de quem pagasse a conta.

– Vamos passar por ele – Miranda sugeriu no seu melhor estilo autoritário.

– Ah, não, Miranda! – Johnny protestou, enquanto ela já me puxava pela mão.

– Miranda, não!

– Você tem motivo para falar com ele, Charlotte.

Não seja tola.

– Mas... Não...

– Oi, professores! – ela parou em frente à mesa deles com um sorriso imenso.

Tanto o professor Frankli quanto o professor Prado nos olharam um pouco surpresos. Tudo bem que o

restaurante não era um lugar comumente frequentado por alunos, já que era muito refinado e caro, apesar de servir filé com batatas fritas, mesmo assim não havia motivo para eles me lançarem aquele olhar de espanto, como se fosse um absurdo alunos frequentarem aquele ambiente.

– Charlotte Middleton! – o professor Prado me avaliou dos pés à cabeça e depois sorriu, passando a mão nos cabelos. – Miranda, Jonathan – completou educadamente.

– Como vai, professor? – Johnny manteve a postura madura que assumia na frente de pessoas que não faziam parte do nosso grupo.

Tentei manter a cabeça baixa e evitei ao máximo olhar para eles dois, mas meus olhos me traíram e eu tive que olhá-lo. Levantei a cabeça timidamente e vi que Alex se remexia desconfortável com a nossa presença e isso me deixou um pouco angustiada. Meu estômago embrulhou e me esforcei para não gemer de contrariedade.

Como ele podia continuar sendo tão detestável depois de tudo o que fizemos um dia antes? Como podia me cobrir de beijos tão ardentes, me tocar da maneira como me tocava e simplesmente me desprezar como se não existisse nenhuma intimidade entre nós dois?

Merda!

Lógico que nada existia entre nós dois. Aquilo era somente um acordo. Um acordo que ele se viu forçado a aceitar e que, de certa forma, o afligia e ameaçava. Engoli em seco quando ele finalmente me olhou e aqueles olhos azuis capazes de conter todo o céu nas noites de lua, me deslumbraram.

– Como vai, Charlotte?

Abri a boca e fechei inúmeras vezes sem saber como fazer para as palavras saírem e me senti totalmente ridícula por isso. Tenho certeza de que meu rosto entregava o meu embaraço e agradei mentalmente por nenhuma pessoa, além de mim e do meu professor, saber do que fazíamos quando ninguém estava olhando.

– Bem – respondi timidamente. – Enviei um e-mail para o senhor, hoje pela manhã – engoli para umedecer as cordas vocais e fazê-las funcionarem melhor. – Cedo – completei.

Alex, com a mão na nuca, acariciando os cabelos daquela região, e o cotovelo sobre a mesa, me olhou de maneira estranha. Uma forma muito estranha e embaraçosa. Meu ar ficou preso, meu coração acelerou, meu estômago protestou e eu pensei que minha garganta precisava de água. Levei a mão aos óculos para ajustá-los e também para me esconder.

– Eu vi, só não tive tempo de verificar o arquivo ainda – assenti e dei um passo para trás puxando Miranda pela mão.

– Charlotte, eu tenho uma curiosidade a seu respeito – o professor Prado falou desviando a minha atenção. Vi quando Alex olhou pela janela, incomodado demais por estarmos prolongando a nossa permanência ali. Mesmo assim aguardei. – O seu nome, Charlotte Middleton – concordei com a cabeça. – De onde vem este sobrenome?

– Inglaterra, professor.

- Legal! – ele disse sorrindo. – Sua família é descendente?
- Eu sou inglesa – disse sem conseguir encontrar a voz adequada.
- Você é inglesa? – o professor Frankli se voltou para mim interessado em nossa conversa. – Você ou seus pais?
- Eu, professor Frankli – e eu descobri naquele instante, que tratá-lo com formalidade era algo sexy. Senti meu corpo correspondendo ao pensamento. – Nasci na Inglaterra e vim morar no Brasil ainda criança.
- Seu português é perfeito – ele disse e desviou o olhar.
- Como eu disse – sorri satisfeita. – Vim para o Brasil ainda criança.
- Isso explica muita coisa – o professor Prado falou.
- O tom da sua pele, por exemplo.
- “É. E a falta de atributos físicos.” Tive vontade de acrescentar sentindo-me desanimada.
- Bom... Nós já... – eu ia me despedindo, tentando fazer a minha amiga recuar, mas foi inútil.
- Vocês dois vão se encontrar hoje? – ela perguntou fazendo-me encará-la como se o mundo estivesse em chamas.
- Miranda!
- Você não mandou o arquivo? – ela perguntou inocentemente. – Pensei que vocês estivessem correndo contra o tempo. – Não tive coragem de olhar para o meu professor, mas ouvi uma risadinha partida do professor Prado, que me fez desejar me desintegrar e desaparecer na atmosfera.
- Nós teremos aula em breve, então poderemos discutir qualquer dúvida por e-mail, Miranda – Alex respondeu e dava para sentir a aspereza em sua voz.
- Vamos, meninas! – Johnny nos chamou, deixando-me agradecida pela intromissão. – Eu tenho aula em meia hora – vi a impaciência do meu amigo e o quanto ele estava incomodado.
- Com licença – saí puxando Miranda antes que ela abrisse a boca para falar mais besteiras.
- O João Pedro é até um cara legal, mas Alex Frankli – Johnny entortou a boca enquanto acionava a trava do carro.
- Ele não é o tempo todo assim – defendi meu professor sem me dar conta do que estava fazendo.
- Ah, não? – Miranda me olhou daquela forma que ela sempre olhava quando encucava com alguma coisa.

– Ele está me ajudando, não está? – entrei no carro, sentando no banco do carona. Seria mais fácil fugir da minha amiga se eu não tivesse que olhá-la nos olhos.

– Ok, Charlotte! – ele resmungou desistindo.

Duas aulas chatas.

Meus olhos estavam definitivamente fechando, enquanto eu me esforçava para fingir interesse. Não podia desapontar meus professores.

Quando saí e fui em direção ao carro de Johnny, nem ele nem Miranda haviam chegado ainda.

Resolvi esperar embaixo de uma árvore, do outro lado da rua. Peguei o celular e comecei a digitar uma mensagem para os dois quando o carro preto e alto parou ao meu lado. O vidro escuro baixou lentamente revelando o meu professor fantástico com seus óculos escuros. Ele realmente ficava semelhante a um deus estando daquela forma.

– Charlotte! – disse rudemente me intimidando.

– Professor – engoli em seco sem saber o que ele pretendia parando em um lugar onde circulavam tantos alunos.

– O que exatamente você falou para a sua amiga? – respirei fundo sem entender, de repente me dei conta.

– Nada – respondi simplesmente – Apenas que o senhor está me ajudando a salvar o meu projeto.

– Não me pareceu nada pela forma como ela falou hoje no restaurante – fiquei meio segundo sem saber se o xingava ou se simplesmente o ignorava. O que Alex estava pensando que eu era?

– Deve ser o seu medo absurdo por fazer algo ilícito, professor. Ele está fazendo com que o senhor enxergue o que não existe, onde não há nada.

– Não é... – ele comprimiu os lábios, formando uma linha reta. – Não é ilícito, tá legal? É imoral, antiético, socialmente incorreto...

– Tá! – o interrompi bruscamente. – E aonde isso vai nos levar mesmo? – ele parou surpreso, umedeceu os lábios e depois sorriu.

– Você não contou nada? – continuou olhando para frente.

– Eu não vou responder, professor. Se não confia em mim esta é a sua chance de ir embora – senti uma raiva descomunal se apossar de mim. Ele ficou em silêncio, sem me olhar, mas também não foi embora, como eu pensei que faria.

– O que faz aqui?

– Estou aguardando Johnny e Miranda – eu me sentia como uma criança sendo repreendida. Respirei fundo segurando a minha raiva.

– Quer uma carona? – o quê?

Ele parava ali, me acusava de ser uma fofqueira, falava comigo daquela forma absurda e me oferecia uma carona como se não tivesse feito nada de errado?

– Não, professor, obrigada! – Alex olhou para os lados conferindo o movimento, retirou os óculos, o que me fez ajeitar os meus, um hábito incontornável, e me encarou.

– Entre no carro, Charlotte! – meu corpo inteiro eriçou.

– Eu...

– Entre – olhei para os lados e então como se minha vida dependesse disso, acelerei o passo e entrei, como uma criminosa, no carro do meu professor.

– Não é do jeito que você está pensando, Charlotte – ele continuava com as mãos no volante, encarando o mar mais adiante.

Estávamos parados na Urca, o carro ligado, o ar- condicionado no máximo e o meu professor, visivelmente nervoso, ou ansioso, tentando me convencer de que não queria voltar atrás, mas que também não achava certo continuarmos.

Vá entender!

– Hum! – entortei a boca sem saber como agir com alguém tão confuso. – Na verdade, professor, eu não estou pensando nada.

– E eu já te pedi para não me chamar de professor quando estivermos juntos – fez uma careta como se estivesse sofrendo.

– Mas não estamos juntos... pelo menos não agora...

nesse momento – completei com todo o cuidado para não despertar a ira dele. Alex suspirou pesadamente e me encarou ainda de óculos de sol.

– Não... – balançou a cabeça em negação e depois riu sem muita vontade. – Tá legal, Charlotte! Você entendeu que Miranda nunca poderá descobrir o que está acontecendo entre a gente, não é?

– Ela não vai saber – suspirei cruzando os braços na frente do peito.

Encarei a rua desejando sair do carro o quanto antes. Não aguentava mais sentir meu celular vibrar, eu sabia que era Miranda querendo saber onde eu estava. Ela nunca engoliria a mensagem que enviei dizendo que peguei uma carona com o Henrique, o carinha do grupo de xadrez.

Sim, isso existe.

Sim, no século XXI.

– Se ela souber eu vou reprovar o seu projeto, esteja ele maravilhoso ou não – olhei para o meu professor sem acreditar naquela ameaça.

– Eu não acho que esteja em uma posição tão favorável assim, professor! – estreitei os olhos encarando-o.

Ele retirou os óculos escuros e de novo não consegui conter minha mão conferindo os meus. Ele me encarou com um misto de sentimentos que me deixou insegura. Ok! O professor Frankli poderia anular o meu trabalho se quisesse e eu nada poderia fazer, a não ser acusá-lo, mas eu nunca faria algo assim.

Jamais.

Sem graça pela discussão que estávamos travando, desviei os olhos e encarei minhas mãos sobre as coxas.

Senti meu rosto corar e depois corar tanto que o calor das minhas bochechas desceu pelo meu pescoço e esquentou minhas orelhas.

Então o ouvi suspirar e depois vi sua mão sobre a minha. Seus dedos longos tocando os meus e roçando em minhas coxas nuas. Fiquei arrepiada. Bendita hora em que Miranda me convenceu a usar aquela saia xadrez. Mordi os lábios.

– Seus joelhos ficaram bem machucados – sua voz estava mais calma o que me tranquilizou. – Desculpe!

Levantei os olhos encarando-o. Ele sorriu, mas não foi um sorriso amplo, foi apenas um apaziguador, como se realmente não quisesse levar aquele desentendimento adiante.

– Eu realmente estou nervoso com a nossa situação.

– Eu sei – minha voz saiu meiga e doce. Não entendi porque, mas como ele abriu mais seu sorriso deixei passar.

– Não estava falando sério sobre anular o seu projeto – foi a minha vez de sorrir. O meu foi enorme, repleto de felicidade e alívio.

– Nem vai pular fora por não conseguir se livrar do seu sentimento de culpa? – ele fez uma careta e deixou de me olhar, recolhendo a mão.

– Eu acho que vou carregar essa culpa comigo pelo resto da vida, Charlotte – fui mais ousada e segurei a mão dele. Meu professor me olhou um pouco surpreso, mas não tirou a mão da minha.

– Alex, está tudo bem. Você não precisa fazer isso.

Já fez o suficiente, por mim – afirmei não muito certa se era realmente o que queria dizer.

Ele sorriu e enroscou os dedos nos meus.

– E o que você vai fazer? – dei de ombros.

Não ia ameaçá-lo dizendo que procuraria outra pessoa e tal. Não dava para ser mimada e infantil o tempo todo. Mesmo assim, meus olhos ficaram marejados. Era o que sempre acontecia quando eu não conseguia algo que desejava. E eu o queria, e muito.

– Não dá para voltar atrás, Charlotte – disse meio como se fosse uma confissão. As palavras sussurradas e sérias. Sorri largamente. – Seu trabalho está ficando muito bom. De verdade. Eu já gostava da sua escrita, da lógica e dos detalhes, assim como da sua linha temporal. Sempre achei que você era bastante madura nesta parte, só faltava mesmo... – e parou apertando os lábios um no outro.

– O sexo – completei ainda sorrindo.

– Isso.

– Então agora não falta mais nada – eu disse olhando-o para avaliar sua reação. Alex me encarou, hipnotizando-me com seus olhos incríveis e aquele sorriso preguiçoso brincou em seus lábios.

– Você ainda não tem nem ideia do que é sexo, menina.

Putaquepariu!

Como ele conseguia me dizer uma pequena frase e com ela fazer o meu corpo inteiro incendiar? Mordi o lábio inferior sem muita consciência de que fazia.

Alex alisou meu rosto, levantando-o pelo queixo e forçando o azul sem graça dos meus olhos a se fundirem ao azul perfeito e profundo dos seus. Seu queixo estava mais rígido, mandíbula trincada, respiração pesada, fazendo suas narinas abrirem e fecharem. Típico de alguém com raiva. Só que não era o que estava acontecendo com o meu professor. Não, não era. Eu tinha plena e total certeza disso.

Ele me olhava com mais intensidade enquanto seus dedos lentamente traçavam voltas curtas e suaves em minha pele. Então seus olhos desviaram até encontrarem os meus lábios que se abriram em expectativa. Ele me beijaria. E eu queria ser beijada por ele.

Porra, eu queria muito mais com ele, no entanto ser beijada já estava de ótimo tamanho.

No momento em que eu quase fechava os meus olhos ansiando pelos milésimos de segundos que antecipavam o beijo tão esperado, meu professor balançou a cabeça e se afastou. Fiquei tonta. Era intensidade demais para me manter estável.

– O que vai fazer hoje à noite?

Respirei profundamente tentando desanuviar meus pensamentos.

– Eu acho que... escrever? – Alex sorriu e concordou com a cabeça.

– O que acha de fazermos isso juntos? Em minha casa? – ele pareceu hesitante, mesmo assim fez o convite.

E eu não sabia se sorria educadamente ou se dava piruetas adolescentes de felicidade.

Aquilo sim era evolução. Aquela era a conversa que eu queria ter desde o início, e, finalmente, Alex entrava no campo em que eu queria jogar.

– Você escreve e eu te oriento, assim vamos conseguir adiantar bastante o seu trabalho, já que temos pouco tempo – continuei sorrindo como uma boba sem conseguir dizer nada. – Esse sorriso genuinamente satisfeito é um sim? – e ele sorriu também. Tão lindo quanto os príncipes dos contos de fadas. Balancei a cabeça concordando. – Ótimo! – arrancou o carro, colocando-o em movimento. – E será que você consegue uma boa desculpa para passar a noite fora outra vez?

O quê? Quase engasguei com aquela informação.

Passar a noite fora. Então...

– Não – ele respondeu como se pudesse ler os meus pensamentos. – Nada de ficar imaginando bobagens, Charlotte Middleton.

– Ultimamente é só o que eu tenho feito, Alex – e continuei sorrindo como uma idiota.

Capítulo 9

“Você faz suas escolhas e suas escolhas fazem você”

William Shakespeare

Charlotte

Exatamente isso, Shakespeare. Exatamente. Eu estava escolhendo passar a noite ao lado daquele lindo homem, independentemente do tipo de problema que arranjaria com meus amigos e a minha família. Eu iria com ele.

– Você mora em um flat? – ele riu sem acreditar.

Não entendi.

– Moro. Porque não poderia morar?

– Não sei. Eu pensava que alguém como você tinha uma vida mais certinha, mais regrada. Morar em um flat não corrobora muito esta ideia – ele continuou sorrindo com aquela cara de bobo alegre.

– Pois é em um flat que eu moro, professor Frankli e se não quiser que Miranda fique sabendo que cheguei com o senhor, é melhor me deixar aqui na esquina – ele deu sinal, jogou rapidamente o carro, parando em seguida.

– Você tem razão.

– Qual é o seu problema com a Miranda? – Alex desviou o olhar e seus dedos apertaram com força o volante.

– Nenhum, Charlotte. Miranda foi minha aluna, apenas isso – tentou manter a voz calma, falhando consideravelmente. – Se ficarmos conversando no carro nos arriscaremos ainda mais. Nos encontramos lá em casa daqui a duas horas, pode ser?

– Duas horas?

– Preciso resolver algumas coisas antes de dedicar o restante da minha noite a você... Digo, ao seu projeto – e me olhou de forma quente.

Puxei o ar prendendo-o nos pulmões e ajeitei meus óculos, concordando.

– Vai logo, Charlotte – disse brincalhão. – Você consegue deixar qualquer ambiente sufocante.

E eu não sabia o que ele queria dizer com aquilo.

Como assim? Eu o estava sufocando? Estava incomodando? Porra! Por que Alex fazia aquelas coisas?

– Desce, Charlotte – e falou de forma séria. Tão séria que eu desci sem me despedir e ainda cheia de inseguranças.

Corri para casa. Precisava urgentemente das minhas calcinhas novas e também de uma boa desculpa para dar a Miranda. Ela não entenderia se eu dissesse que passaria a noite com meu professor que estava me ensinando tudo sobre sexo, ou quase tudo.

Principalmente pelo fato de o professor em questão ser uma vítima da obsessão da minha melhor amiga.

Droga! Dava para acreditar que eu seria capaz de fazer aquilo mesmo? Não. Não dava. Indubitavelmente não. Há duas semanas, com certeza, eu estaria em uma biblioteca, escrevendo sem parar, anotando as minhas pesquisas e pensando em meu futuro brilhante como escritora.

Ok, para ser totalmente sincera, eu ainda pensava em como o meu futuro como escritora seria brilhante.

Principalmente depois das aulas... Porra, as aulas! Que aulas! Suspirei ao subir os pequenos degraus que me levavam até o flat, rindo sozinha da cara de espanto do meu professor ao saber daquele detalhe.

– Oi, Vítor! – droga! O Vítor já havia chegado, o que me deixaria em maus lençóis.

– Boa tarde, Srta. Charlotte!

– Boa! Viu o Johnny por aí?

– Não desde que cheguei, mas vi a Srta. Miranda.

Ela já esteve aqui duas vezes.

– Sério? – olhei para os lados me sentindo observada. Por que Miranda se daria ao trabalho de descer duas vezes?

– Sim, senhora.

– Obrigada!

Fui até o elevador já com o telefone na mão. Era importante arranjar uma desculpa convincente.

– O que aconteceu? – a voz de Johnny do outro lado da linha estava exaltada.

– Nada – olhei para os lados conferindo se não havia ninguém muito próximo para ouvir. – Peguei uma carona com o Henrique porque minha aula acabou mais cedo.

– Só que você não estava em casa. Miranda ligou três vezes – revirei os olhos. Ele sempre tentava ser o irmão mais velho mesmo sendo um ano mais novo.

– Fui dar um passeio na praia.

– Na praia? Conta outra, Charlotte! O que você estava fazendo com o Henrique?

– Johnny! – falei um pouco mais alto, o elevador chegou e entrei ficando mais protegida de curiosos. – Eu fui realmente à praia. Preciso de um favor seu.

– Não vem que não tem.

– Por favor! Por favor!

– Fala sério, quer mesmo sair com o Henrique?

– O quê? Não! Não é nada disso! – comecei a quicar dentro do elevador com medo de a porta abrir e Miranda entrar decidida a verificar mais uma vez se eu já tinha chegado.

– O que você quer exatamente, Charlotte?

– Que me ajude. Preciso que confirme para Miranda que eu vou passar a noite com você.

– Você tá maluca? – ele bradou do outro lado. – Não vou fazer merda nenhuma!

– Johnny, é importante! – implorei baixinho quando o elevador parou no andar. – Eu faço tudo o que você quiser.

– O Henrique é importante? Até ontem ele era um idiota que corria atrás de você e com quem, até onde eu sei, você não teve a menor intenção de ficar.

– Não é nada disso, me escuta. Eu não posso te contar, mas não vou fazer nada de errado, eu juro – consegui mentir descaradamente. No fundo eu esperava fazer tudo o que julgava ser errado. Pecar sem medo.

– Não vou fazer isso, Lottie – e só o fato de ele me chamar pelo apelido que meus pais usavam, já deixava claro que meu amigo estava quase cedendo aos meus apelos.

– Eu só preciso de um tempo, Jonathan. Juro!

Miranda está me deixando louca e eu preciso escrever.

– Conta outra. Eu vou fazer este favor apenas porque você sempre quebra os meus galhos. Porém... – fez uma pausa proposital e eu tive vontade de socá-lo. Nada era de graça para Johnny. – Amanhã eu quero saber exatamente o que está acontecendo.

– Johnny! – gemi.

– Quero saber, ou será a sua primeira e última vez.

Estamos entendidos?

– Tudo bem – olhei aflita para a porta enquanto procurava minha chave na bolsa.

– Amanhã. Não faça nenhuma besteira, Charlotte. O padrinho...

– Eu sei, eu sei. Droga! – ele riu. – Valeu, maninho!

– Vai nessa, morena papel.

– Idiota!

E desliguei abrindo a porta.

A sala estava escura, assim como a cozinha americana, a sala de jantar, a varanda e, pelo que percebi, todo o andar de baixo estava na maior escuridão. Apesar do silêncio eu sabia que a minha amiga estava lá, em algum lugar, esperando por mim.

Subi fazendo questão de fazer barulho, batendo as sapatilhas no chão. Ela não apareceu. Do último degrau eu pude ver a luz saindo do quarto dela, que ficava antes do meu e estava com a porta aberta. Respirei fundo tentando aparentar tranquilidade.

Assim que cheguei a avistei sentada na cama, os fones no ouvido, um sorriso imenso no rosto. Pintava as unhas dos pés. Miranda amava esmaltes então fazer as unhas no sábado não a impedia de pintá-las outra vez na segunda-feira.

Ela conferiu o celular, respondeu uma mensagem com um sorriso apaixonado e olhou distraidamente em minha direção, me vendo parada lá. Minha amiga soltou um grito e depois, com a mão no peito, começou a rir.

– Droga, Charlotte! – falou alto demais levando a mão ao peito, com todo o cuidado, o que me fez entender que o esmalte ainda estava fresco, retirou os fones. – Onde você estava? – olhou para a janela conferindo que começava a anoitecer.

– Fui caminhar na praia. Preciso fazer umas coisas – comecei a sair do quarto, mas ela me seguiu rapidamente.

– Andar na praia? Você ficou com o Henrique? – riu com vontade. – Tá apelando, Charlotte!

– Eu não fiquei com ele. Foi apenas uma carona onde não rolou nada além de conversas sobre o mundo nerd.

– E você foi à praia para tentar se matar após este tempo todo ouvindo este papo chato? – continuou rindo. – Sério, Charlotte? – desisti de conversar e entrei em meu quarto. Ela continuava na minha cola. – E os joelhos?

– Nem lembro mais da queda.

– Só você mesmo para cair no meio do calçadão. O padrinho adoraria mais esta história sobre a sua falta de coordenação motora.

Fui ao closet e comecei a procurar por algumas peças. Deixei para pegar as calcinhas quando Miranda saísse. Chamaria demais a atenção dela.

– Se eu tivesse falta de coordenação motora não conseguiria tirar a carteira de habilitação – escolhi um

short solto e uma camiseta justa.

– O que você está fazendo?

– Separando algumas roupas.

– Ah é? Hum!

– Você vai sair? – implorei mentalmente para que ela me dissesse que dormiria na casa do novo namorado, assim não deveria nada a Johnny.

– Não – olhou para mim e desviou os olhos para o chão. – Charlotte? – pela sua cara eu sabia exatamente o que me pediria. E confesso que adorei.

– Tudo bem, Miranda. Vou passar a noite com o Johnny. Pode aproveitar a casa só não ouse entrar em meu quarto.

– Jura! Você é uma fofa! A melhor de todas as amigas – ela me abraçou e me encheu de beijos. – E o Johnny? Será que ele tem planos para esta noite?

– Tem. Vai ficar comigo, fazer gordices, falar besteiras até pegar no sono e vai ser nesta hora que eu vou sair de fininho e me trancar no quarto de visitas, porque ninguém merece o ronco do Johnny – ela riu.

Meu celular assoviou anunciando uma mensagem.

Sem me importar com o que Miranda pensaria, conferi e imediatamente um sorriso quilométrico se alojou em meu rosto.

“Já estou em casa. Cadê você?”.

Bem menos do que as duas horas que ele disse precisar. Meu estômago parecia infestado por borboletas.

Alex estava perguntando onde eu estava. Ele queria que eu chegasse logo e eu queria chegar logo.

– Que sorriso é esse? – Miranda não poderia deixar de perceber.

– Johnny, avisando que já chegou. Preciso me apressar antes que ele pense que desisti e combine alguma coisa com alguém.

– Eu vou ligar para...

Mas eu não ouvi mais nada. Peguei o celular e reli a mensagem.

“Já estou em casa. Cadê você?”.

Sorri sem acreditar que seria possível ampliar o meu sorriso. Quando saí do devaneio, minha amiga já tinha deixado o quarto. Aproveitei para escolher as calcinhas. Precisava de pelo menos três. Em uma mochila coloquei tudo o que eu precisaria, inclusive uma camisola, mais duas camisetas, escova de dente, de cabelo, hidratante e protetor solar.

Conferi minha imagem. Se não fosse pelos machucados nos joelhos eu estaria ótima. Pensei em um banho, mas este poderia esperar até que eu chegasse na casa do meu apressado e ansioso professor. Quem sabe ele não me acompanharia? Quem sabe... Ai, Deus! Era melhor não demorar.

– Tchau, Mirandoca – ela colocou a mão no celular e jogou um beijo para mim.

Miranda, aparentemente, não estranhou a minha pressa para encontrar Johnny, pois estava tão ansiosa para ter a casa só para ela e o tal paquera que me esqueceu completamente.

Tentei me concentrar no caminho. Impossível! Meu corpo pinicava, pulsava, meu sangue corria nas veias a uma velocidade absurda. Aumentei a potência do ar- condicionado. Era melhor não transpirar demais. O pouco trânsito me ajudou a chegar rapidamente.

O porteiro do condomínio abriu o portão assim que encostei para me identificar e pedir para ser anunciada.

Nem foi necessário. Ele simplesmente abriu e me deu passagem. Refiz o caminho já familiar.

Alex abriu a porta quando minha caminhonete estacionou. Ele sorria e ficava ainda mais lindo quando isso acontecia. Realmente lindo. Incrivelmente lindo.

Havia tomado banho. Os cabelos molhados denunciavam. Usava uma bermuda verde e uma camisa com gola “v”, branca, que demarcava o seu corpo sarado.

O seu perfume me atingiu, fazendo-me salivar. Tive vontade de encostar a ponta da língua em seu pescoço.

Que loucura, não?

– Como soube que eu estava chegando? – ele pegou a minha mochila e jogou sobre os ombros.

– Digamos que seu carro tem um jeito peculiar de se anunciar.

Ele riu e eu fechei a cara. Não gostava que falassem mal do meu carro. Pelo menos era meu. Homens e sua incrível mania de cultuar carros.

– O que vamos fazer? – eu estava ansiosa.

– O que você quer fazer?

– Eu quero um monte de coisas, professor Frankli.

– Eu tinha me esquecido que você é uma aluna muito aplicada, com uma infinita sede de saber – ele estava num humor incrível. Fiquei cheia de esperança.

– E então?

– Digamos que não precisamos desta ansiedade. Li seu material. Não todo, mas uma boa parte.

– Já? – ele me deu passagem e fechou a porta assim que entrei. A casa estava toda iluminada e senti cheiro de queijo e algo gorduroso.

– Queria discutir alguns pontos com você. Imprimi o texto e fiz algumas anotações, está na bancada da cozinha.

Vou colocar sua mochila em meu quarto e volto. Pode conferir o que já fiz.

Olhei meu professor caminhar e sumir após passar pela sala, só então fui até o balcão da cozinha encontrando uma taça com vinho, uma caixa de pizza e alguns papéis espalhados com uma caneta vermelha e outra azul ao lado.

Sentei em um dos bancos altos e comecei a conferir suas anotações. Sem perceber, peguei a taça e levei aos lábios. O vinho era bom. Muito bom. Continuei lendo e só então me dei conta de que Alex estava demorando demais.

Levantei o rosto e o encontrei próximo ao balcão, as mãos nos bolsos, encostado na parede com um sorriso no rosto que me deixou desconcertada. Tomei mais um gole do vinho e desviei o olhar.

– Não sei se posso oferecer alguma coisa que contenha álcool a uma aluna – se aproximou daquele jeito que me fazia perder o ar.

– Você faz coisas piores com sua aluna – ele se deteve, o ar preso, estreitou os olhos, mas concordou.

– Preferi comprar uma pizza. Espero que goste. É melhor do que cozinhar tendo tanta coisa para fazer.

E o “tanta coisa para fazer” enfeitou meus pensamentos com imagens nada inocentes.

– Gosto de pizza.

– Como não sabia qual prefere optei por margherita.

– É. Eu gosto – respondi tentando parecer animada.

No fundo eu não via nada de extraordinário nas margheritas servidas no Rio de Janeiro. Elas eram simplesmente óbvias demais.

– Mas esta – ele abriu a caixa revelando uma pizza diferente das que eu conhecia com aquele sabor. – É feita à moda napolitana. Já comeu? – ri baixinho. O cheiro era ótimo.

– Não.

Ele retirou um pedaço, o queijo esticando e o cheiro tomando conta da cozinha. Colocou em um prato e me entregou.

– Gosto dessa massa. Ela parece pão e eu amo pão – sorriu ao revelar. Eu achava realmente que pessoas com um corpo como o dele fugiam de carboidratos. Estava enganada. – E ela tem muito molho. Eu amo tomates.

– Pão e tomates. É uma ótima pedida – ele cortou um pedaço da pizza no meu prato e com o garfo o levou até a minha boca. Aceitei sentindo minhas bochechas ficarem rosadas.

– Não é ótima?

Era. Uma delícia! Saborosa no maior estilo “eu morri e estou no céu”. Não, este era o estilo escolhido para os orgasmos que eu tinha com o meu professor. A pizza era um degrau a menos. Quase no mesmo patamar.

– Muito boa – eu disse com a boca cheia.

– Já que vamos dividir a taça, podemos dividir o prato e os talheres – e colocou um pedaço na boca. Meus olhos se demoraram em seu maxilar. Nossa, que homem!

Desviei o olhar tentando me concentrar no texto. Ele usava vermelho para o que achava importante mudar e verde para o que sugeria. Eu apenas colocava um “ok” quando concordava com suas observações.

– Pensei que você tinha hábitos mais saudáveis – brinquei ao vê-lo devorar a pizza.

– Eu surfo, corro, jogo basquete nos finais de semana na quadra aqui perto, treino três vezes na semana, então... – cortou mais um pedaço levando-o a boca. – Preciso de calorias para queimar – sorri, mas minha mente só pensava nas partes do corpo dele que eu achava perfeita.

– Eu deveria fazer alguma atividade também. Quem sabe caminhar um pouco – e me senti mal por não me importar tanto com meu corpo, deixando com que ele fosse daquela forma tão sem graça.

– Seu corpo é lindo, Charlotte – ele me olhou com intensidade e eu engoli com um imenso esforço. – Mas exercícios servem para a saúde e não apenas para cultuar o corpo.

– É o que meu pai diz – voltei a prestar atenção no texto e em suas anotações, mas uma parte do meu cérebro me dizia que eu deveria acompanhar Miranda em suas caminhadas.

– Acha que vai ficar melhor assim? – ele disse enquanto colocava outro pedaço de pizza em minha boca.

–Na minha opinião ficará muito bom, Charlotte.

– Hum, hum! – foi só o que consegui responder com a boca cheia.

Ele me passou a taça, mostrou mais uma anotação e, neste instante, nossos braços se encostaram. Minha pele ficou arrepiada e meu professor me olhou de forma diferente. Ele tomou um gole do vinho, avançou o corpo sobre o balcão, se virando para mim. A tentação em pessoa.

– Você acha que fazendo estas modificações o livro ficará da forma como deseja?

Minha voz estava tão fraca e baixa que me perguntei o motivo de ela estar assim. Alex continuava me olhando com intensidade, seus olhos, que sempre me consumiam além do imaginável, então encontrar a minha voz era definitivamente muito difícil.

Alex sorriu. Aquele sorriso que crescia bem devagar, se estendendo mais de um lado do que do outro, sem mostrar os dentes, que ressaltava a perfeição do seu rosto. Umedeci os lábios, sem controle dos meus atos e meu professor acompanhou o gesto.

– Não – falou ainda olhando para os meus lábios. - Eu posso te mostrar o caminho, apontar uma ou outra melhoria – voltou a me olhar com a mesma intensidade.

Ele se aproximou. Um centímetro ou até menos, que fez toda a diferença. – Porém o texto é seu e as emoções precisam ser suas, Charlotte – passou os dedos pelos meus fios lisos, deslizando até a minha cintura. – Será você quem determinará onde precisa ser melhorado – sua mão permaneceu em minha cintura, mantendo-me presa a ele, no entanto, respeitando o espaço existente entre nossos bancos. – Quer mais pizza? – seus olhos me diziam outra coisa, me oferecendo algo muito mais quente do que um pedaço de pizza. Neguei com a cabeça. – E vinho?

– Melhor não – ele riu baixinho jogando ondas elétricas em todo o meu corpo.

– Para quem pediu tequila às oito horas da manhã, recusar uma taça de vinho é meio irônico.

Não consegui responder, pois seus dedos se fecharam ainda mais em minha cintura e meu ventre se contraiu. Tentei controlar a respiração, meus seios subiam e desciam chamando a atenção dele e eu comecei a transpirar. Imediatamente pensei naquele banho e como seria se meu professor aceitasse.

Alex se aproximou bem devagar, descendo do banco, ficando cada vez mais perto. Sem controle, levei a mãos ao rosto, arrumando meus óculos. Pisquei sentindo-me envergonhada. Ele segurou meu queixo com a outra mão, levantando o meu rosto. Ao mesmo tempo, seus dedos que estavam em minha cintura se enroscaram em uma mecha do meu cabelo, brincando com eles.

– Precisa de mais alguma coisa? – sussurrou com os lábios bem perto dos meus.

Eu queria reagir. Queria me aproximar e forçar aquele beijo. Queria dizer que precisava dele dentro de mim. Que aquela história de preliminares já tinha ido longe demais e que poderíamos pular aquela etapa. Eu queria tantas coisas... No entanto não fiz nada. Apenas aguardei.

– Menina! – gemeu com os lábios roçando nos meus.

– Por que perde a coragem quando eu me aproximo?

– Eu... – engoli em seco. – Não perco a coragem, apenas...

– Apenas... – passou o polegar em meus lábios.

Fechei os olhos para apreciar a carícia, rapidamente os abri novamente.

– Você me deixa ansiosa demais – confessei.

– Ansiosa? – concordei balançando a cabeça. – Ou excitada?

Fechei os olhos, engoli a saliva tentando me concentrar e evitar que meu rosto ficasse ainda mais rubro.

– Charlotte?

– Excitada. Muito excitada, Alex – e nossos olhos se perderam em uma profundidade que me tragava sem possibilidade de retorno.

– Que bom – ele disse e me beijou.

O beijo que inicialmente foi apenas um roçar de lábios e um experimentar de línguas, ganhou intensidade rapidamente. Alex exigiu a minha boca, devorando-me avidamente com uma fome que nunca teria fim. E em menos tempo do que eu esperava, estávamos agarrados, eu imprensada no balcão e ele colado em mim.

Uma delícia!

Suas mãos correram minhas costas, puxando-me para perto enquanto seu corpo me prensava contra a madeira do balcão. Eu o sentia, duro e firme, roçando meu ventre e enlouquecendo-me. Enquanto sua língua me explorava e seus lábios devastavam os meus.

Era informação demais e, durante alguns segundos, eu não sabia o que fazer além de retribuir o beijo. Até que meu corpo ganhou vida e eu me vi tão agarrada a Alex quanto ele a mim, em uma fricção de corpos que me deixava cada vez mais excitada. Corri meus dedos em seus cabelos tão lisos quanto os meus e o preendi em meus lábios com mais paixão.

Alex apertou minha cintura e sua mão começou a subir em direção aos meus seios, então ele se deteve interrompendo o beijo justo quando eu acreditei que me daria mais do seu jogo de prazer incessante.

Ele deixou de beijar meus lábios, sem se afastar. Eu ainda o sentia quente, ansioso, excitado. Completamente excitado. Então por que paramos? Eu queria continuar e se ele queria também não deveríamos perder mais tempo com conversas. Afundei meus dedos em seus cabelos tentando puxá-lo de volta, mas Alex recuou e beijou meu rosto, respirando profundamente.

Ele se afastou me encarando e sorriu. Não aquele sorriso encantador, e sim um sorriso vaidoso, cheio de si, como se soubesse o que estava fazendo comigo. E ele sabia mesmo.

– Já tem estímulo suficiente para escrever mais?

Colocou as mãos nos bolsos, mantendo o sorriso presunçoso. Passei as mãos nos cabelos me controlando para não mandá-lo para a puta que o pariu. Mordi os lábios e me encostei no balcão.

– Acho que sim – voltou a se aproximar, com cautela, sua mão retornando a minha cintura e seu corpo tão quente quanto há alguns segundos.

– Preciso fazer algumas coisas antes de me ocupar com você, então... por que não sobe e escreve um pouco?

Concordei ainda com vontade de chutá-lo. Eu realmente queria dar um delicioso chute na canela do meu professor, como isso poderia fazê-lo desistir de passar a noite comigo, me detive.

Ele fechou a caixa da pizza, colocou na geladeira, guardou o vinho na adega elétrica, deixou os pratos na

máquina e me ofereceu a mão, a qual peguei ciente de que nada aconteceria. Por hora.

Subimos até o seu quarto, onde ele apontou para a minha mochila, que estava sobre sua cama, e saiu dizendo que estaria no escritório. Fiquei sozinha ainda sentindo todo o calor do momento.

Porra, Alex sabe realmente como esquentar uma mulher!

Sentindo o corpo suado, achei que era melhor me preparar para o que poderia acontecer quando ele cansasse de ser tão imbecil. Corri para o banheiro e tomei um banho completo. Estava ansiosa, nervosa, receosa... O que mais com “osa”? Sei lá! Eu devia estar como qualquer mulher nos momentos que antecederiam sua primeira vez.

Se é que aconteceria realmente.

Bom, pelo menos eu tentaria.

Usei um perfume suave, escolhi minha calcinha preta de renda transparente e duas tirinhas do lado, um sutiã meia taça que a vendedora me convenceu a levar, dispensei a camisola, já tinha roupa demais no meu caminho. Coloquei um robe preto meio transparente que descia insinuando minhas formas e era preso na cintura por um cinto largo. Bem estilo virgem sexy fatal.

Sentei na cama em uma pose sensual, sonhando que ele subiria, me veria e se renderia a mim. Com o computador no colo eu não conseguia me concentrar.

Minha mente estava nos movimentos no andar de baixo, na porta, com a esperança de que ele retornasse e continuasse o que havia interrompido.

Fiquei parada olhando a tela. Não conseguia pensar em nada interessante para escrever e sabia exatamente o porquê. Aguardei. Aguardei, aguardei, aguardei... Uma hora depois Alex ainda não havia me chamado nem subido.

Andei pelo quarto e mexi em tudo o que ele guardava. Descubri em seu closet uma gaveta cheia de coisinhas engraçadas. Alguns potes com gel, uns anéis coloridos e brilhantes que piscavam quando eu apertava.

Havia também algumas canetas, com seus sabores, escritos na frente. Cada uma de uma cor. Fiquei curiosa.

Alex Charlotte com certeza me deixaria louco. Aquela mistura de inocência, ansiedade e ousadia estava literalmente destruindo toda a minha capacidade de raciocínio quando estávamos juntos. Como por exemplo, a minha culpa. Era incrível como ela desaparecia quando minha aluna me olhava daquele jeito, com os lábios entreabertos, a respiração entrecortada, os olhos brilhantes, tão claros que pareciam prata. Ela me enlouquecia.

Só que eu não podia enlouquecer.

Eu era treze anos mais velho do que a garota. Não que isso fosse tão importante, até porque Charlotte era maior de idade, mesmo assim, algumas vezes ela conseguia ser mais inocente do que uma menina de quinze anos, e tão infantil quanto, o que me deixava arrasado de culpa. Somado a tudo isso existia o fato

de ela ser minha aluna.

Eu sabia que em pleno século XXI este cuidado era desnecessário. Desde que não houvesse nada de absurdo, estava tudo dentro dos parâmetros. Acontece que em minha mente e em minha noção de moral, envolvimento com alunas era algo inadmissível. Mesmo que esta aluna fosse alguém tão tentadora quanto Charlotte Middleton.

Apesar de saber que eu poderia pular fora, e estranhamente confiando nela para tomar esta decisão sem medo, eu não conseguia conceber a ideia de deixá-la procurar um novo parceiro. Não sei explicar. Charlotte era tão doce, tão linda em sua simplicidade, tão inocente, que eu não conseguia aceitar que qualquer outra pessoa se aproveitasse dela.

Ela não poderia me substituir assim tão facilmente.

O que garotos da idade dela poderiam lhe oferecer? Não.

Definitivamente eu não poderia permitir que encontrasse outra pessoa.

Não que eu estivesse me aproveitando. Não mesmo!

E talvez por este motivo, eu achasse justo continuarmos, já que minha intenção era realmente ajudá-la, além disso a culpa por ela estar com aquelas ideias todas era inteiramente minha.

Então era isso. Já havíamos iniciado aquele processo e não dava para voltar atrás. Para falar a verdade, eu não queria voltar atrás. E também não queria avançar muito.

Só que eu estava gostando, além do que poderia gostar, de tudo o que estávamos fazendo. Na verdade estava amando. Muito! Porra, eu estava adorando! Ela me excitava demais. Provavelmente por ser algo proibido.

Não dizem que o fruto proibido é o mais gostoso? Não era eu que na adolescência ia atrás das garotas que todo mundo alardeava que não conseguiria?

Só não poderíamos passar daquilo. Seriam alguns beijos, amassos, orientações e textos magníficos.

Provavelmente renderiam algumas punhetas também, já que eu não era de ferro e... Charlotte conseguia realmente me enlouquecer.

E o que foi aquela conversa sobre masturbação?

Quase surtei quando ela me contou que tinha feito como eu tinha sugerido, e que mais... tinha introduzido um dedo.

Puta que pariu! Um dedo mesmo sendo virgem, intocada e inocente.

Era melhor mudar o rumo dos meus pensamentos ou então eu logo perderia o controle. Principalmente após aquele beijo, nossos corpos colados no balcão da cozinha.

Porra, eu me senti de volta à adolescência, quando os amassos eram tudo o que eu conseguia de uma

garota.

Poderia ser diferente, bastava que eu quisesse.

Eu não podia querer.

Mas queria.

Porra!

Deixei Charlotte no quarto e me enfiei no escritório.

Precisava colocar minha cabeça no lugar e eliminar dela qualquer possibilidade de aceitar ser o primeiro homem da minha aluna. Isso teria que permanecer fora de cogitação.

Liguei o computador, acendi apenas o abajur sobre a minha mesa e abri o arquivo. Era melhor finalizar aquela revisão o quanto antes, já que Charlotte provavelmente escreveria freneticamente após o pequeno incentivo que havia lhe dado na cozinha.

Ela ficou tão corada e arfante. Seus olhos brilhavam e suplicavam por mais e eu tinha a certeza de que a sua calcinha estava deliciosamente molhada, sem contar que o seu sexo, com certeza, estava quente e pulsante. Eu me perderia nele se pudesse.

– Mas não pode, Alex! – afundei os dedos no cabelo e levantei os olhos para o teto. – Expulse esses pensamentos eróticos com a menina ou isso não vai dar certo.

Porém minha mente não colaborava comigo. É óbvio que não. O que Charlotte estaria fazendo em minha cama naquele momento? O tesão que a fiz sentir foi o suficiente para impulsioná-la a escrever? Ela precisava de mais um pouco ou eu fui além do que deveria e, para não perder a oportunidade, ela estava praticando o dever de casa?

Puta que pariu!

Nunca havia visto algo mais prazeroso do que Charlotte se tocando. Ela era tão pura e ousada! Havia uma entrega apaixonante, que me prendeu não me deixando partir até que ela estivesse em êxtase. Por mim.

Caralho, eu dei esse orgasmo a menina!

Uma delícia!

Balancei a cabeça para clarear os pensamentos, mas meu pau estava tão duro que não consegui me sentir confortável. Quanto mais eu lia o seu texto, mais minha mente se enchia de imagens dela, nua no espelho, ou se tocando, ou corada e arfante enquanto era tocada por mim.

– Seria sensato não se envolver tanto, Alex – me repreendi novamente ciente de que estava dando um passo além do que a minha perna permitia. Então forcei minha mente a se concentrar no trabalho.

Um pouco mais de uma hora depois, ouvi seus passos leves pela escada. O que ela estava aprontando?

Logo em seguida uma batida na porta e então Charlotte estava lá. Tão pequena, contudo conseguia preencher cada espaço do meu escritório.

– Alex? – ela entrou alcançando a luz do abajur.

Putaquepariu! O que era aquilo que minha aluna usava? A seda transparente do robe em contato com a luz parca do ambiente, permitia a visualização de sua lingerie minúscula. Caralho! O que ela pretendia?

– Oi – tive dificuldade para falar. Minhas mãos transpiravam abundantemente.

– Achei isso em uma gaveta cheia de coisas engraçadas.

Gaveta engraçada? Ela andou até chegar bem perto da mesa e abriu a mão para me mostrar várias canetas.

Oh, Merda! Ela achou os brinquedinhos.

– Parece uma caneta. É uma caneta?

Avaliei a nossa situação. Seria muito errado mostrar a ela como usar aquele acessório?

– Venha cá – ela caminhou em minha direção parando entre a cadeira e a mesa.

Afastei o material que estava analisando, acomodei Charlotte sobre a mesa, peguei uma das canetas e levantei a mão dela. Escrevi “oi” em sua pele. Ela me olhou como se não entendesse o significado daquilo.

Achei a sua ingenuidade linda. Sorri, e depois limpei o que escrevi em sua mão, com a boca e a língua.

Minha aluna arfou. Eu já devia esperar por aquilo.

Charlotte possuía um fogo inacreditável.

Virei seu braço e escrevi no antebraço, na parte interna, “linda”. Ela sorriu timidamente. Mais uma vez passei a língua recolhendo o conteúdo com gosto de menta. Charlotte gemeu baixinho e eu senti meu pau endurecer ainda mais.

Escolhi outra caneta, morango. Deitei Charlotte sobre a mesa, abri o seu robe, a pequena peça desenhando o seu corpo de uma maneira excitante, com transparência nos lugares mais instigantes, ativando diretamente a minha imaginação. Acariciando a pele do seu abdômen, escrevi “gostosa”. Desta vez ela não conseguiu ler o que havia escrito. Seus olhos estavam fechados e o rosto ligeiramente inclinado para trás.

Lentamente corri a língua pela região sentindo o gosto de morango misturado à sua pele. Era muito saborosa. Charlotte passou os dedos pelos meus cabelos quando meus lábios tocaram um pouco acima da sua calcinha, e arqueou o corpo, colocando uma das pernas sobre a mesa. Instintivamente corri minhas mãos para os seus quadris permitindo que meus dedos acariciassem sua bunda.

Putá merda! Eu queria continuar com aquilo. Meu pau latejava implorando. Fechei os olhos e respirei profundamente procurando forças para me afastar. No entanto, seu cheiro, junto com o doce das canetas e misturado a sua excitação que já sobressaía na fina calcinha, impregnaram minha mente.

– Acho que devemos parar por aqui – me forcei a recuar. Estava além do que eu poderia suportar.

– O quê?

Ela levantou o corpo um pouco, me encarando. Seus olhos não acreditavam naquela possibilidade e seu corpo deixava claro que não concordaria. Entretanto eu precisava recuar agora ou não teria mais volta.

– Me dê um tempo, Charlotte! – falei meio ríspido demais.

Era excruciante suportar tanto desejo, sentindo meu pau tão rígido, suplicando por alívio e ainda conseguir ser atencioso com a minha aluna quando a minha vontade era arrancar aquelas peças frágeis e possuir o seu corpo seguidamente, até que estivesse totalmente satisfeito e saciado.

Soltei o ar arrependido de ter deixado a frustração extravasar. Não era para ser assim com Charlotte. Para minha surpresa, ela pegou uma das canetas, acho que sabor caipirinha e começou a desenhar setas no corpo.

Desenhou na região dos seios, no abdômen, as setas descendo até o limite da sua calcinha, determinando os locais onde queria ser tocada pelos meus lábios. Na parte interna de suas coxas elas subiam indicando o seu sexo.

Um milhão de vezes: puta que pariu!

Capítulo 10

“O meu corpo é um jardim, a minha vontade o seu jardineiro.”

William Shakespeare

Charlotte

E a minha vontade, querido Shakespeare, era continuar com aquela aula.

Putá que pariu!

Meu professor queria destruir a minha capacidade de raciocínio. Como ele podia acreditar que somente passar sua língua por partes tão sensíveis do meu corpo seria o suficiente? Só podia ser uma brincadeira, parar justo ali? Não! Eu não suportaria mais nem um segundo.

Se ele havia despertado todos aqueles sentimentos em mim que aguentasse o rojão.

Principalmente depois de me deixar tão quente, excitada e entregue as suas vontades, como me deixou na cozinha para depois me mandar subir e escrever. Chega!

Estava na hora de ele levar aquelas aulas um pouco mais a sério.

Peguei a caneta e, sem esperar por mais nada tracei setas em meu corpo sinalizando onde gostaria que sua língua percorresse. Só não imaginei que minha atitude fosse deixá-lo daquele jeito.

Alex olhou para mim e depois para as setas que eu tinha distribuído pelo meu corpo. Quando seus olhos voltaram para os meus, tudo que havia neles era desejo. O homem prudente e cauteloso desapareceu dando lugar ao ser selvagem que me encarava. Lentamente ele passou a língua pelos lábios. Perguntei-me se meu professor tinha consciência dos seus atos ou se até isso tinha sumido.

Rapidamente me dei conta de que se eu podia vê-lo de forma tão crua, como será que ele me via? Senti minha respiração pesar. Eu respirava com dificuldade. Todo o meu corpo, cada órgão, cada tecido, cada célula, trabalhava com uma única finalidade: Prazer. Deus! Em que eu havia me transformado? Por outro lado era humanamente impossível não me sentir assim tendo um professor tão competente quanto Alex Frankli. Competente até demais.

– O que você pretende com isso, Charlotte?

Era impressão minha ou a voz dele tinha assumido um tom mais... Duro? Rouco? Forte? Sensual? Eu poderia ter um orgasmo apenas com aquela voz em meu ouvido.

Ah se eu podia!

Eram tantas sensações novas que eu mal conseguia administrá-las. Era possível gozar sem ser tocada?

Comecei a acreditar que sim. Pelo menos com Alex esta era uma afirmativa correta.

– Quero tudo o que você puder me dar, Alex.

Nem conseguia acreditar nas palavras que saíam de minha boca, se bem que eu tinha consciência de que coisas mais absurdas e muito mais pornográficas poderiam sair dela naquele momento.

Meu professor puxou o ar com força e passou as mãos pelo cabelo. Aqueles dedos longos me fizeram imaginar coisas até então inimagináveis. Fechei os olhos sem saber como administrar minhas reações. Tive medo de parecer ridícula demais para ele.

– Abra os olhos – mais uma vez aquela voz carregada fez a minha pele se arrepiar. Obedeci sem pestanejar. Ele estava mais feroz do que nunca. – Eu não posso dar a você tudo o que eu gostaria, Charlotte.

Ele me recusou, mas não se afastou nem um centímetro. Não desanimei. Era sempre assim: uma tortura. Alex avançava e recuava. Ia até o seu limite, ou me deixava no meu, e então, arrancando forças não sei de onde, parava quando eu pensava que não conseguiria.

Por isso apenas o fato de deixar claro que ele gostaria de me dar o que eu tanto desejava, mas não podia, me excitou ainda mais. Eu gostava da ideia de tentá-lo. De fazê-lo desejar ir além. De enxergar em seus olhos a sua vontade de ultrapassar qualquer limite, qualquer barreira existente entre nós dois.

– Alex... – aproximei-me de seus lábios. Ele não recuou. – Eu quero você – sussurrei envergonhada por admitir minha obsessão.

– Puta que pariu, Charlotte!

Antes que eu pudesse reagir ele cobriu minha boca com a dele. Um beijo selvagem, cheio de fome e desejo.

Alex me segurou pelos quadris puxando-me com força de encontro a seu corpo. Imediatamente senti sua ereção no meio das minhas pernas. Mesmo através das roupas eu podia senti-lo com bastante intensidade.

Ele voltou a me deitar sobre a mesa, seu corpo me acompanhando sem deixar que o peso fosse um incômodo.

Quando minha cabeça encostou na superfície, ele abandonou meus lábios e desceu com a língua em direção às setas. Respirei fundo infiltrando meus dedos em seus cabelos. Deliciei-me com a sensação dos fios sedosos no momento em que sua língua recolheu a primeira seta por cima do volume dos meus seios.

Gemi desavergonhadamente.

Meu corpo queimava e o meio das minhas pernas latejava em contato com seu sexo rígido se movimentando lentamente causando uma fricção deliciosa. Ele também gemia baixinho, cada gemido fazia meu sangue circular com mais velocidade, queimando minhas veias.

Quando Alex conseguiu eliminar as setas que envolviam meu seio direito, sua mão substituiu a língua, em

carícias, ora fortes e possessivas, ora gentis e suaves, enquanto recomeçava todo o processo em meu seio esquerdo.

Arfei levantando-me de encontro a seus lábios. Ah, Deus! Eu estava sedenta, o prazer borbulhando por todos os lados, e ainda queria mais, muito mais. Queria ir muito além, queria muito mais daquela sensação.

Alex Perdi o restante da minha capacidade de conter o efeito de Charlotte sobre mim. Não dava para ser tão certinho, tão fiel aos meus princípios, quando ela me falava daquele jeito. Merda! Eu era seu professor, era mais velho e ainda por cima o responsável pelo seu projeto final. Onde estava com a cabeça?

Bem... No momento minha cabeça, assim como o resto do meu corpo, se concentrava em um único ponto: Charlotte.

Enquanto ela gemia sob o efeito da minha língua em seus seios, isso sem que eu nem mesmo os tivesse tomado para mim do jeito que tanto desejava fazer, permiti que meu corpo sentisse um pouco mais do dela. Eu podia sentir todo aquele fogo no meio das suas pernas queimando nossas roupas e implorando por mais. Fiquei louco!

Sem pensar duas vezes minha mão ultrapassou a barreira do sutiã que minha aluna escolheu a dedo para me tentar, e toquei o bico do seu seio. Estava intumescido.

Caralho! Charlotte me deixava fora de controle com suas reações.

Foi mais forte do que eu. Segurei com força e depois aliviei a pressão com medo de machucá-la, deixei que meus dedos brincassem naquela região almejando que minha língua pudesse fazer o mesmo. Ela gemeu dengosa.

Putaquepariu! Eu queria comê-la de todas as formas possíveis. Eu podia? Merda! Mas eu queria tanto!

Desci meus lábios pelo seu corpo. O sabor da sua pele misturado ao da caneta mágica era inebriante.

Charlotte gemia agarrada aos meus cabelos. Sabia exatamente o que ela queria e posso garantir que eu também queria o mesmo.

Quando minha língua tocou a região interna da sua coxa, me deixando próximo do local mais desejado por mim no momento, pensei que não seria capaz de me segurar por muito mais tempo. Minha aluna estava pronta para mim e eu desesperado para dar mais aquele passo com ela.

João Pedro estava com a razão.

Meu corpo assumiu as rédeas da situação, antes que pudesse processar a informação, ele agiu sem que eu pudesse evitar. Eu não tinha mais controle de nada. Meus dedos invadiram o limite de sua calcinha tocando-a intimamente.

Putaquepariu!

Charlotte arqueou o corpo, enlouquecida de prazer.

Ela estava tão molhada que me deixou com água na boca.

E tão quente que meu pau quase explodiu dentro da bermuda.

– Alex! – gemeu expressando a mais pura luxúria.

Seus dedos de fecharam com mais força em meus cabelos.

Subi pela sua barriga mordiscando e lambendo toda a região. Ela se agitou fazendo com que seus quadris forçassem o movimento de meus dedos em seu sexo.

Passei o polegar levemente pelo ponto frágil e ela gemeu mais alto.

– Oh Deus! Alex... – puxou o ar com força tirando toda a minha capacidade de resistência.

Afastei o seu sutiã e abocanhei seus seios. Charlotte apertou ainda mais seus dedos em meus cabelos me puxando firme, como se tivesse medo de que eu desistisse de tomá-la. Como se eu fosse capaz de desistir de qualquer coisa naquele momento.

Eu estava tão sedento que se ela me pedisse para latir eu latiria sem a menor vergonha.

Meu polegar brincava com seu clitóris sem fazer muita pressão. Ela explodiria a qualquer momento. Eu explodiria a qualquer momento. Meu pau estava tão inchado e latejava de maneira tão absurda que não me permitia pensar em nada que não fosse “alívio”.

Suguei seus seios, ora um, ora outro, passando minha língua no bico rosado. Era uma linda imagem.

Extremamente excitante. Charlotte era linda e sexy, de uma maneira tão perfeita! Existia nela uma mistura totalmente equilibrada que me fazia desejá-la cada vez mais.

Aquilo jamais aconteceu antes. Não que eu nunca tenha ficado com mulheres lindas e sensuais. É claro que já fiquei, mas a forma como estes dois adjetivos se apresentavam em minha aluna era diferente. Eu não havia encontrado em mais ninguém.

Ela se remexia em meus dedos. Puta merda, menina!

Não me obrigue a fazer isso. Não me tente. Eu...

– Alex! – gemeu com mais força. – Por favor! Eu...

– Não fale assim, Charlotte – adverti ciente do meu desespero, do meu pavor de ceder.

– Por quê? – seus olhos, que pareciam o céu no verão, a mistura exata de azul e fogo, se abriram me encarando. Céus! Ela era pura luxúria.

– Porque se você continuar gemendo desta forma...

Eu vou comer você, menina!

Put a que pariu um milhão de vezes.

Bastou eu dizer estas palavras, olhando em seus olhos suplicantes, para assisti-la se contorcer em meus dedos se entregando a um orgasmo absurdamente delicioso.

Oh, merda!

Ela fechou os olhos, entregue ao prazer enquanto seu corpo convulsionava diante de mim. Se Charlotte tivesse esperado mais dois segundos... Não. Eu já tinha ido longe demais. Já havia dado a ela o que tanto necessitava.

Mas era o bastante. Mesmo que meu pau não concordasse comigo, que minha boca continuasse sedenta pelos seios dela e meus dedos continuassem acariciando o meio de suas pernas. Merda, mil vezes merda!

Fui forçando meu corpo a voltar à consciência enquanto Charlotte se recuperava, deitada sobre a minha mesa com a respiração acelerada e ainda se mexendo levemente.

Quando ela abriu os olhos e me encarou, vi nitidamente neles que aquilo não seria o suficiente para a minha aluna e muito menos para mim. O fogo continuava lá. Encaramo-nos por um tempo que me pareceu uma eternidade até que não resistimos mais.

Charlotte levantou-se a uma velocidade improvável para um ser humano, e eu acredito que também me movimenteí ao seu encontro. Quando, finalmente nos encontramos, o mundo parecia ter desaparecido. Ela se agarrou a mim, se esfregando ensandecidamente, enquanto eu a recebia com a mesma intensidade. Minhas mãos famintas passearam pelo seu corpo sem deixar qualquer parte livre delas. Nossos lábios se devoravam.

E então... a campainha tocou.

Charlotte não cedeu nem um centímetro. Ela parecia não ter percebido nada. Sem separar nossas bocas e, principalmente, sem tirar minhas mãos dos seus quadris forçando meu sexo contra o dela, resolvi ignorar quem quer que fosse. Eu precisava da minha aluna e nada mais me importava naquele momento.

Infelizmente, quem estava lá fora não desistiu e a campainha tocou mais uma, duas, três vezes, até que a pessoa começou a bater na porta. Travei completamente.

Afastando Charlotte e me forçando a ignorar seu gemido de protesto, decidi descobrir quem era o desesperado que estava lá fora. Só então ela se deu conta do que acontecia e me olhou sem saber o que fazer.

– Vá para o meu quarto. Eu a encontrarei lá em alguns minutos – beijei seus lábios doces e quentes para deixar claro que continuaríamos de onde havíamos parado.

Charlotte Alex me mandou subir e aguardá-lo. Foi difícil dar o comando certo para que minhas pernas entendessem que precisávamos andar e meus lábios aceitassem que não poderiam ter os dele, por hora.

Meu corpo pegava fogo mesmo depois do orgasmo maravilhoso que ele tinha me proporcionado. E o que foi aquilo? Eu me parti em vários pedaços sem me causar dor e tudo porque ele disse abertamente que

queria transar comigo. Não. Ele disse que queria me “comer”. E foi o suficiente.

Subi as escadas enquanto ele ia em direção à porta, quando cheguei ao último degrau ouvi a voz de uma mulher. Fiquei curiosa. Quem seria? Parei e sentei para ouvir melhor o que diziam. Alex não deixaria que ninguém se aproximasse da escada, então me senti segura. Apurei os ouvidos e fiquei bem quietinha.

– Você parece nervoso – eu conhecia aquela voz de algum lugar. Ouvi a risada rouca de Alex. Ele estava mesmo nervoso. Dava para perceber.

– Estou um pouco cansado. Apenas isso.

Eu podia imaginá-lo passando as mãos nos cabelos nervosamente. Dando aquele sorriso falso que ele acreditava que convencia as pessoas.

– E suado. Estava se exercitando? – puta merda!

Outra risada rouca e nervosa.

– Um pouco – ok! Eu tinha feito ele se exercitar...

Em mim.

– Trouxe um vinho. Já é hora de descansar um pouco, cowboy – cowboy? Segurei o riso.

– Não acho que seja uma boa ideia, Anita.

Anita? Claro! Anita Bezerra. Professora da faculdade. Droga! Eles tinham um caso?

– E o que você quer fazer, Alex? Existem várias formas de relaxar – silêncio. Ah merda! O que eles estavam fazendo? Droga! Droga! Droga!

– Tenho muito trabalho hoje. Talvez outro dia – mais silêncio. Tentei ouvir se havia barulho de lábios se tocando.

– E esse momento vai demorar a acontecer? – ela falava de maneira melosa. Desisti de ouvir e levantei.

Queria sumir dali.

Alex Fui abrir a porta tentando me acomodar dentro das roupas. Meu pau latejava desesperadamente tentando ultrapassar a barreira da bermuda. Apesar do susto ele não cedera nem um pouco. Charlotte conseguia me enlouquecer de tesão.

Assim que abri a porta dei de cara com Anita. Oh, droga! O que ela está fazendo? Instintivamente puxei um pouco a camisa para a frente e encurvei os ombros.

– Oi! – sua voz melosa pela primeira vez me pareceu enjoativa. Anita passou por mim entrando sem ser convidada. – Vi seu carro na garagem. Estava dormindo?

Ela percorreu meu corpo com os olhos e sorriu de maneira safada. Em outro momento eu aproveitaria a

noite levando-a para a cama e satisfazendo os seus desejos, porém naquele instante...

– Não – nenhuma chance.

Fechei a porta imaginando o que Charlotte pensaria se soubesse que Anita estava ali. E o que Anita pensaria se descobrisse Charlotte em minha casa? Se a visse com aquela calcinha mínima e aquele sutiã que deixava seus seios incrivelmente deliciosos. Caralho! Meu pau pulsou com as lembranças.

– Você parece nervoso – excitado. Mais precisamente. Só não poderia dizer isso a ela.

– Apenas um pouco cansado – passei as mãos pelos cabelos. Queria que Anita fosse embora logo, mas, para minha tristeza, nunca poderia verbalizar meus pensamentos.

Anita não podia descobrir que Charlotte estava em minha casa. O que ela faria com esta informação? Com certeza eu seria desacreditado e o projeto de Charlotte reprovado.

Não.

Isso nunca poderia acontecer.

Imediatamente senti meu tesão se esvaír. Ela levaria o caso ao conselho, eu seria demitido, Charlotte não se formaria com louvor e minha editora passaria por uma crise.

Putá merda!

– E suado. Estava se exercitando? – ri um pouco indeciso sobre o que deveria responder.

Anita me olhava com olhos gulosos. Minha única vontade era acabar logo com aquilo tudo. Eu devia estar maluco. Como pude pensar em transar com minha aluna?

Como pude permitir que chegássemos àquele ponto?

Deus! Eu estava acabando com a vida dela. Que egoísta eu era.

– Um pouco.

Não pude evitar que as lembranças do meu “exercício” invadissem minha mente. Eu ainda sentia o sabor da sua pele em minha língua e a deliciosa sensação de tocá-la na ponta dos meus dedos.

– Trouxe um vinho. É hora de descansar um pouco, cowboy!

Que mania horrível de colocar apelidos ridículos!

Respirei fundo tentando focar em nossa conversa e não em Charlotte em meu quarto... Em minha cama... Esperando por mim..

– Não acho que seja uma boa ideia, Anita – ela sentiu o impacto da minha recusa.

Nunca tivemos nada, mas eu a mantinha em banho- maria. Não sabia muito bem o motivo, já que meu

interesse nela era próximo de zero. Fazia apenas para tê-la ao alcance das mãos. Talvez João Pedro não estivesse com tanta razão assim. Anita podia servir para aliviar a minha tensão e quem sabe, me ajudar a tirar da cabeça a ideia absurda de ter Charlotte.

– E o que você quer fazer, Alex? Existem várias maneiras de relaxar.

Ela se aproximou lentamente e acariciou o meu rosto. Fiquei tenso. O que poderia fazer? Não podia, e nem queria, nada com ela. Não naquele momento.

– Tenho muito trabalho ainda. Talvez em outra hora.

Ela me olhou por alguns segundos, a princípio, ultrajada, depois seus olhos brilharam com a promessa. O que eu podia fazer?

– E esse momento vai demorar a acontecer? – puta que pariu!

– Não. Eu ligo – ela sorriu sedutora. Achei estranho meu corpo não reagir àquele sorriso.

– Vou aguardar. Vejo você amanhã? – fiquei sem entender o que ela dizia. – Na faculdade.

– Ah, claro! Tenho aula amanhã cedo.

– Então... Até lá – Anita se aproximou e me deu um beijo leve nos lábios. Aguardei alguma reação e nada aconteceu. Afastei-me.

– Até lá – droga! Eu queria que ela sumisse da minha frente.

Anita saiu para a rua, segurei a porta e a acompanhei, até que ela parou encarando algo no estacionamento de visitantes.

– Aquele trambolho não é o carro da Charlotte? – quase enfartei. Olhei para ela tendo consciência de que meus olhos estavam arregalados.

– Ah, não sei... Charlotte? – ela sorriu despreocupada.

– Sua aluna, Charlotte Middleton, Alex – riu. – Ela mora por aqui?

– Não sei – tentei parecer natural. – Nunca vi ninguém da faculdade por aqui. Acho pouco provável.

– Eu não. Ela é rica. É muito provável que o pai dela lhe proporcione uma vida espetacular – opa! Uma novidade. Charlotte era rica? Como assim? Mas ela morava em um flat!

– Ah é? – fiz um esforço enorme para não parecer interessado.

– Sim. O pai dela é dono de uma rede de hospitais super conceituados na Europa, com algumas filiais espalhadas pelo mundo, inclusive aqui no Brasil – ela olhou para o carro com cara de nojo. – Não sei por que a menina insiste em andar tão desarrumada, com aquela carinha de freira e este carro horroroso. Isso é uma ameaça ao meio ambiente – sorri sem muita vontade.

– É – fiquei preso aos meus pensamentos. Como assim Charlotte ser tão rica?

– Então... Vejo você amanhã.

Ela tentou me beijar de novo, fui mais rápido e me esquivei. Tinha ficado incomodado com o que Anita falou sobre Charlotte... Rica? Absurdamente rica?

Fechei a porta sem saber o que fazer. Charlotte continuava me esperando, mas eu não tinha mais tanta certeza se deveria mesmo levar meu plano adiante. Subi as escadas sem saber o que dizer a minha aluna.

Charlotte Entrei no quarto, louca para fugir, infelizmente não poderia descer antes de a minha professora ir embora.

Meu projeto também corria risco se fôssemos flagrados.

Entre no banheiro e me joguei no chuveiro querendo eliminar a raiva que me dominava. Assim que tivesse oportunidade iria embora. Eu podia até aceitar o fato de Alex não querer tirar a minha virgindade por achar errado o que estávamos fazendo, mas não que fosse por ter outra pessoa.

Isso nunca.

Jamais.

Nunca me prestaria a este papel. Nunca seria a amante e não importava se ele fazia meu corpo entrar em erupção, se ele dominava todos os meus pensamentos e sentidos... se conseguia me proporcionar os melhores orgasmos. Não importava mais nada. Eu não o queria se tivesse que dividi-lo com mais alguém.

– Charlotte? – estremeci ao ouvi-lo me chamando.

Ah droga! – Charlotte? Está no banho? – será que ele não conseguia ouvir o barulho do chuveiro? O ignorei completamente.

Quando sai do banheiro, usando apenas o roupão que encontrei pendurado, dei de cara com Alex. Ele andava pelo quarto apreensivo. Fingi não notar o seu estado e fui direto para closet, onde havia deixado as minhas coisas. Ele me seguiu.

– Posso trocar de roupa? – meu professor ficou um pouco surpreso com a minha reação. Depois pareceu envergonhado.

– Qual o motivo de todo esse mau humor?

Seus dedos correram os cabelos. Minha lembrança imediatamente me levou para o momento em que aqueles dedos me tocaram. Sacudi a cabeça para expulsá-las.

– Vou para casa.

– O quê? – não quis olhá-lo. As lágrimas já ameaçavam cair. Por qu eu sempre era tão idiota e chorava?

– Você ouviu, Alex! – cerrei os dentes empurrando as lágrimas de volta.

– Ouvi. Só não estou entendendo. Qual é o problema?

Retirei o roupão, ficando mais uma vez nua diante dele e comecei a vestir as minhas roupas. Ele respirou profundamente e desviou o olhar virando-se para me dar mais privacidade.

– Pensei que passaríamos a noite juntos. Você nem escreveu nada ainda – fiquei enfurecida. Peguei o roupão e atirei nele.

– Por que não convida a professora Bezerra? – Alex segurou a peça molhada, me encarando, surpreso com a minha reação.

– Charlotte!

– Não fale meu nome deste jeito, seu... Seu... Ah, vá à merda, Alex! – tentei passar por ele, vestindo apenas lingerie. Ele me segurou pelo braço.

– Pare com isso, Charlotte!

– Pare você – afastei suas mãos de mim e passei para o quarto.

– Anita é só uma amiga.

– Ah tá!

– Não estou entendendo. Não somos namorados.

Nós...

– Não somos namorados, porém você quer exclusividade, não é? Não posso sair para paquerar, nem encontrar alguém para transar, já que nem isso você faz comigo.

Ele me olhou sem acreditar no que eu dizia. Alex andou pelo quarto sem saber o que responder. Aproveitei e voltei para o closet à procura de roupas. Meu professor me alcançou sem que eu esperasse. Seus braços me envolveram, me prendendo a ele.

– Não quero brigar com você. Anita é apenas uma amiga.

– Isso não muda nada.

– Muda tudo, Charlotte. Você está criando uma confusão desnecessária.

– Não muda o fato de ela poder aparecer aqui com um vinho para fazer você relaxar, enquanto eu estou me desdobrando para conseguir convencê-lo a transar comigo – novamente ficou espantado com a minha sinceridade.

– O que mais preciso fazer para que você entenda que se as circunstâncias fossem outras eu já teria feito isso com muito prazer? – ele passou a mão em meus cabelos tirando-os do rosto. – Charlotte, não invente problemas para nós dois. Estávamos bem. Vamos passar a noite juntos. Por favor!

Meu coração começou a se tranquilizar. Alex sabia como me convencer a fazer tudo o que ele queria e eu desejava loucamente ceder aos seus encantos.

Principalmente com ele me segurando daquele jeito, me prendendo com seus olhos azuis como o céu da noite, profundos como uma lagoa, suplicando como se não suportasse a ideia de ficar longe de mim.

– Não quero ficar entre você e outra pessoa, Alex.

Não quero que você me faça sua amante – ele riu carinhosamente.

– Você me colocou nesta história!

– Mesmo assim.

– Não tenho nada com ninguém, Charlotte.

Foi impossível não relaxar instantaneamente. Meus ombros cederam e meus olhos ficaram menos raivosos. Eu até precisei segurar o sorriso que insistia em se abrir em meus lábios.

– Ok – ele me soltou e também ficou mais relaxado.

– Ótimo!

– Mas, se você beijar outra mulher, vai me dar o mesmo direito – Alex fechou os olhos com força, juntando as duas mãos, as levou até o rosto, segurando na ponta do nariz.

– Charlotte, nós não somos namorados.

– Exatamente – consegui me manter firme, apesar de suas palavras terem me atingido de uma forma esquisita.

Como se estivesse dizendo que eu não podia ser porque não era boa o suficiente para ser. – Eu não sou sua namorada, Alex. Então, se você pode se divertir por aí, eu também posso.

– Droga!

– E se transar com alguma mulher, eu também...

– Eu já entendi – rebateu entre os dentes demonstrando toda a sua frustração.

– Ótimo! A escolha agora é sua.

– Já. Entendi – e me encarou decidido a encerrar o assunto.

– Se você acha tão necessário assim transar por que...

– Não!

– Mas... – levantei a mão para tocá-lo.

– Não, Charlotte – e ele se afastou como se um mínimo toque pudesse fazê-lo mudar de ideia.

Merda! Maldita Anita que chegou para atrapalhar os meus planos.

– Você queria – provoquei.

– Eu quero. Sempre quero. Sou homem, você é linda, nós temos uma química boa, mas é errado.

– Alex! – quase implorei. Por que ele tinha que ser tão idiota?

– Nós temos um acordo e até agora você não escreveu nada – foi até a cama, onde tinha deixado o meu computador e sentou. – Venha. Vamos trabalhar.

– Não – respondi desanimada. – Pensei que passaríamos a noite juntos. Não consigo escrever com alguém lendo ao mesmo tempo – fui até ele na cama e puxei os lençóis me deitando. Alex suspirou, depois de alguma hesitação, deitou ao meu lado.

– Vamos assistir a um filme? – neguei com a cabeça sem vontade de olhá-lo.

– Vamos conversar um pouco. Podemos tomar um vinho?

– Tá. Vou providenciar.

– Não agora. Quero conversar – ele se ajeitou na cama. Estava cauteloso. Seus olhos buscavam por alguma coisa em meu rosto.

Em seguida ele assumiu a postura natural de quem estava sempre no comando. Sua segurança voltou. Seus olhos brilharam e ele se aproximou mais de mim.

– Seu cheiro é bom – sem pedir permissão se aproximou mais e cheirou meu pescoço. Imediatamente minha pele correspondeu. – Que perfume é esse? – seus lábios roçaram da minha orelha ao meu queixo, onde depositou um beijo meigo.

– É água de banho – quase não consegui falar.

– Gostei. Combina perfeitamente bem com você.

Doce, suave, gostoso.

Seus lábios se arrastaram até os meus. O toque foi leve e carinhoso. Tentei encontrar meus pensamentos e não consegui pensar em nada que não fosse ele. Seus beijos, seus toques...

– Alex... – sussurrei.

– Sim?

Seus lábios ainda estavam nos meus, brincando com movimentos suaves e sedutores. Sua língua apenas roçou a entrada da minha boca me fazendo desejar muito mais.

Deus! Como eu queria mais. Não apenas o encontro dos nossos sexos, eu queria conhecê-lo completamente.

Queria poder tocá-lo e sentir seus músculos bem definidos. Queria descobrir se eu o enlouquecia assim como ele conseguia me enlouquecer. Queria... Fazê-lo gozar e me deleitar com seu gozo, como ele estava fazendo comigo.

– Vamos conversar – só pensar em tocá-lo e senti-lo de maneira tão íntima já tinha me deixado mais do que excitada.

– Sobre o que quer conversar, Charlotte? – seus dedos tocaram em meus cabelos e desceram pelos braços causando arrepios em meu corpo. – O que a está deixando tão aflita?

– Você – fui direta.

– Eu?

– Sim – ele sorriu largamente. Quase me esqueci do que queria conversar.

– E o que eu fiz de tão errado para fazer com que você quase fosse embora? Tirando o episódio da Anita, é claro.

Olhei em seus olhos incrivelmente azuis, quase negros. Ele era lindo! E eu o queria inteiramente para mim. De todas as formas possíveis.

– Preciso conhecer mais do que você está me mostrando – ele fez uma careta e desviou o olhar. – Não é justo, Alex!

– Charlotte... Charlotte – ele segurou em meu rosto com as duas mãos – Eu não posso.

– Mas você...

– Eu sei. Passei dos limites. Você me provoca demais.

– Provoco?

– Claro – um formigamento percorreu meu ventre.

Ele me desejava e este simples fato me alucinava.

– Então... – Alex me calou com um dedo em meus lábios.

– Não posso. Já imaginou se alguém descobrir que estamos dormindo juntos? Eu destruiria a credibilidade da minha editora, não apenas por fazer sexo com uma autora, mas também pelo fato de esta autora ser uma aluna orientada por mim. Entende que posso destruí-la? Você também será desacreditada, Charlotte. Todos vão pensar que aprovei seu projeto porque transei com você. Será terrível para sua carreira. Em qualquer outra situação eu não resistiria tanto. Você é incrível e me tira do sério. Não consigo pensar em outra coisa nos últimos dias que não seja fazê-la mulher, mas eu não posso. Facilite as

coisas.

Não tem noção do quanto está sendo difícil.

– Por que difícil?

Ele tinha razão em tudo, apesar disso eu sentia um desejo muito forte de jogar os problemas para o alto. Pela primeira vez em minha vida, outra coisa, que não o meu livro, ocupava os meus pensamentos. Eu queria tanto que doía.

– Porque não é fácil sentir tanto tesão e não poder...

– ele me olhou hesitando.

– Não poder? – Alex riu sem graça – Não poder gozar, Charlotte. Depois de um tempo causa dor. É... complicado.

– E injusto.

– Não é injusto. É o preço por aceitar ajudá-la.

– Não quero desse jeito – Alex acariciou meu rosto sem desviar o olhar.

– Não temos outra opção. Pelo menos por hora.

– Alex...

– Não, Charlotte! – suspirei derrotada. Então uma ideia invadiu meus pensamentos com tamanha força que foi impossível não colocá-la para fora.

– Preciso que me ensine mais, Alex.

– Estou ensinando muitas coisas.

– Quero conhecer você.

– Pergunte. O que quer saber da minha vida? – mordi os lábios sem conseguir uma maneira mais suave de dizer o que queria.

– Não exatamente sobre a sua vida...

– Então o quê?

– Você me beija, me toca, conhece o meu corpo, já me viu sem roupa... – ele entendeu aonde eu queria chegar, seu rosto ficou vermelho pela primeira vez. E foi espetacular!

– Você... Você quer...

– Quero – fui incisiva.

– Charlotte...

– Eu preciso, Alex. Preciso saber como é para você.

Preciso senti-lo. Preciso que você se entregue um pouco para que eu possa aperfeiçoar meu conhecimento sobre o que devo escrever – ele fechou os olhos e engoliu com dificuldade.

– Porra, Charlotte! – sussurrou me aquecendo ainda mais.

– Deixe-me tocá-lo. Ensine-me a lhe dar prazer – minhas mãos já estavam em seus braços, acariciando toda a sua extensão. – Será mais fácil se for bom para nós dois – avancei um pouco mais e meus dedos se aventuraram por dentro da sua camisa.

– Charlotte... – com os olhos fechados ele sussurrou meu nome. Foi a minha deixa.

De joelhos sobre o colchão me aproximei dele colando meu corpo ao seu. Alex não reagiu. Busquei seus lábios e ele permitiu o beijo, no entanto sua mandíbula estava rígida, tensa. Corri uma mão para dentro da sua camisa tocando seu abdômen perfeitamente definido. Ele tremeu com o meu toque e se entregou um pouco mais ao beijo. Minha outra mão acariciou seu pescoço brincando com os cabelos.

– Tem certeza de que quer fazer isso?

Ele continuava hesitante, mas eu queria muito poder senti-lo de maneira mais íntima. Queria tê-lo em minha mão. Saber como era.

– Eu quero você, Alex – com um gemido ele me abraçou colando nossos corpos com fúria.

Enquanto passava suas mãos em mim, acariciando minhas costas, braços, coxas e bunda, eu também explorava o seu corpo maravilhoso. Alex tinha costas largas e músculos definidos que se retesavam e relaxavam com o meu toque. Levantei sua camisa para senti-lo melhor.

– Tire a camisa – pedi e ele prontamente obedeceu.

Parei para encará-lo sem me sentir envergonhada. Passei minha mão pelo seu peitoral enquanto ele assistia. – O que devo fazer?

– O que quer fazer? – sua voz estava rouca.

– Quero tocá-lo – ele sorriu me incentivando a continuar. – E... Quero beijá-lo... aqui – passei meus dedos pelo peito do meu professor, depois desci pela sua barriga. – E aqui... – ele fechou os olhos e novamente, sua mandíbula enrijeceu. Como não disse nada, deduzi que era um sim.

Passei meus lábios no peito dele e meu professor gemeu baixinho. Fiquei emocionada com a minha capacidade de dar prazer a alguém tão experiente. Então beijei seu peitoral e deixei que minha língua brincasse em algumas partes. Alex segurou com delicadeza os meus cabelos me conduzindo conforme a sua vontade. Beijei sua barriga seguindo o caminho de cabelos negros e ralos que desciam até o limite da sua bermuda.

Alex me levantou e tomou meus lábios num beijo selvagem. Nossos corpos se espremeram sobre a cama.

Ele se posicionou sobre mim. Todo o seu peso era contido pelo seu braço esquerdo enquanto a mão direita me apertava ao seu encontro.

A fricção do seu sexo no meu me acendeu completamente. Alex estava duro e roçava sua ereção em mim com delicadeza. Seus beijos acompanhavam nossos movimentos. Meu professor afastou meu sutiã e seus lábios se apossaram do meu seio engolindo-o por completo. Sua língua fazia estragos em minha pele já sensível.

Eu gemia despidoradamente.

Quando senti sua mão descendo entre minhas pernas segurei seu pulso com força e o encarei.

– Não, Alex. É a minha vez. Quero fazer com você – ele me olhou por alguns segundos avaliando o meu pedido.

– Certo. – e sorriu daquela forma preguiçosa. Tão linda e safada que me fazia perder o compasso. – Mas primeiro as damas.

E no mesmo segundo seus dedos invadiram minha calcinha me tocando de maneira absurdamente prazerosa.

Seus lábios estavam em todos os lugares. Meu desejo era tamanho que arqueei as costas forçando maior contato dos seus dedos com meu sexo. Eu o queria dentro de mim.

– Ei, assim não, meu bem – censurou-me ao perceber que eu me movimentava forçando a penetração.

– Devagar ou posso machucá-la.

– Não vai me machucar, Alex.

Ele acariciou meu centro com o polegar me arrancando um gemido felino que sequer imaginava ser capaz de emitir e deixou seu dedo indicador entrar um pouco. Apenas um pouquinho, porém foi o suficiente para me fazer esquecer o mundo.

– Assim está melhor? – ele circulava a língua em meu mamilo. Eu quase não conseguia falar.

– Ah, Alex!

– Charlotte, você vai me fazer perder a cabeça com estes gemidos – seus dedos me atingiram com mais pressão ao mesmo tempo em que ele sugou meu seio com avidez.

– Puta que pariu! – fui incapaz de controlar o palavrão. Alex riu e mordeu o bico do meu seio que estava em sua boca. – Ai! Desculpe, foi mais forte do que eu.

– Tudo bem. Esta é uma boa hora para xingar – seus dedos trabalharam mais afoitos e eu gemi mais alto me contorcendo. – Meu Deus, Charlotte! Como eu queria estar dentro de você agora – enterrou o rosto em meu pescoço avançando o dedo um pouco mais.

– Alex... Alex... Eu...

– Sim, Charlotte...

E eu gozei sentindo meu corpo afundar em uma banheira de água quente e prazerosa. A sensação do orgasmo era sensacional. Eu podia sentir meu corpo boiando nas águas doces enquanto ao mesmo tempo centenas de pequenos choques me atingiam.

– Assim, Charlotte – ainda ofegante abri os olhos e o encontrei sedento de desejo. Não tive tempo para me recuperar.

– Agora é a minha vez – avancei sobre o meu professor. Alex não me impediu de empurrá-lo de costas no colchão e montá-lo. Ele riu deliciado.

– O que quer fazer?

– Tocar em você – ele fechou os olhos e engoliu em seco. Rebolei descaradamente em sua ereção. Alex gemeu.

– Você já me tocou, Charlotte.

– Não. Quero fazer como você faz comigo. Quero senti-lo em minhas mãos – meu professor abriu os olhos e concordou. – Preciso que me ensine.

– Certo. Venha aqui – ele me puxou para o seu lado.

– Quero que você comece. Mostre-me como acha que deveria ser.

– Primeiro você tem que tirar a bermuda.

Ele sorriu de maneira sacana e arrancou a roupa com um puxão. Fiquei um pouco assustada com a sua ereção sobressaindo da cueca. Meu Deus! Aquilo era...

Tão Alex!

– Agora venha – segurando em minha mão, voltou a deitar me deixando sobre ele. – Toque-me.

Timidamente deixei que meus dedos acariciassem de leve a sua ereção por cima da cueca. Testei um pouco mais e passei minha mão inteira. Desta vez Alex gemeu.

Abaixei a cabeça e beijei a sua barriga. Ele acariciou meus cabelos.

Sem esperar pela sua permissão, minha mão entrou pela cueca e o toquei de verdade. Meu professor fechou os olhos e abafou um gemido mordendo os lábios.

Aproveitei seus olhos fechados para avaliar mais de perto o que eu tinha em mãos. Não era a primeira vez que eu via um pênis. A internet estava cheia de fotos que alimentavam muito bem a imaginação das pessoas, mas tê-lo ali, em minhas mãos, tão perto de mim, me causou um frenesi que quase não consegui conter.

Era longo e grosso. Um pouco rosado e cercado por veias grossas. Latejou quando o apertei em meus dedos.

Olhei para Alex e constatei que me observava com olhos atentos. Fiquei visivelmente envergonhada.

– Não sei como fazer – admiti sem receio. Alex segurou em minha mão e gentilmente a conduziu pelo seu membro.

– Assim.

Com sua mão firme na minha ele me fez acompanhá-lo. Repeti o percurso da forma como ele me ensinou. Meu professor gemeu e se movimentou em minha mão. Me delicieei com seu gesto.

– Você gosta? – ele mordeu os lábios.

– Sim.

– É só isso? – Alex sorriu largamente.

– Não. Você pode variar a velocidade e a pressão, conforme a situação.

– Ah! – olhei para o seu membro tão duro em minha mão. Eu queria que ele estivesse em mim. Em minha boca.

Constatei chocada com o meu desejo, meu centro começou a se manifestar. – Assim? – aumentei a velocidade e meu professor arqueou o corpo mordendo os lábios. – Como você gosta, Alex? – ele gemeu alto e se conteve fazendo um esforço enorme.

– Assim – guiando minha mão me fez segurá-lo com menos força e mais velocidade. Tentei repetir da forma exata como ele tinha me ensinado. – Puta merda, Charlotte!

– gemeu jogando o rosto para trás.

Avancei sobre o seu corpo e lambi seu pescoço percorrendo o caminho até sua boca. Mantive o movimento de minhas mãos. Alex era lindo surfando. Era lindo ensinando. Era lindo dirigindo. Era lindo até mesmo lavando os pratos, mas nada se comparava a Alex sentindo prazer. Era espetacular!

Alcancei seus lábios e ele me beijou com urgência enquanto se movia na direção da minha mão. Segurou com força um dos meus seios e o apertou gemendo em meus lábios. Intensifiquei os movimentos pressionando um pouco mais a mão em seu membro.

– Assim, Charlotte. Assim.

– Goze para mim, Alex.

Não sabia de onde tirava coragem para dizer aquelas coisas, apenas sentia o impulso, falava e quando percebia já tinha causado aquele efeito em nós dois.

– Puta que pariu!

Ele articulou as palavras por entre os dentes e minha mão foi invadida por um líquido grosso e viscoso.

Alex segurou minha mão com força impedindo que eu continuasse com os movimentos e gemeu da maneira mais gostosa que eu já tinha visto. Todo o seu corpo enrijeceu enquanto ele gemia e gozava.

Eu assistia a tudo hipnotizada. Era lindo demais.

Perfeito demais. Gostoso demais. Era Alex. Puro, simples e entregue a mim como eu nunca imaginei.

Capítulo 11

“Uma coisa bela persuade por si mesma, sem necessidade de um orador”.

William Shakespeare

Alex

Acordei meio confuso. Tinha adormecido em minha cama com Charlotte em meus braços logo após ter alcançado o orgasmo tão almejado. Porra, Charlotte simplesmente conseguiu! Ela tanto fez que quebrou as barreiras. Argumentou e acabou me convencendo a dar mais aquele passo. E eu cedi, me tornando o maior filho da puta existente sobre a terra.

Não posso negar que adorei cada minuto. Sua pele quente, sua mão macia, seus olhos atentos e ansiosos pedindo por mais, sempre mais. A forma como ela umedecia os lábios enquanto me observava, como se quisesse... Droga! E eu queria também.

Era preciso pelo menos tentar arrumar a bagunça que tinha se instalado em minha vida. O que eu estava permitindo que acontecesse era arriscado demais. Mas como fugir? Não dava para fugir quando eu me via cada vez mais preso a suas súplicas.

É, Alex Frankli, você está fodido! Uma garotinha.

Uma menininha inexperiente, simplesmente entra sem bater e bagunça a sua vida toda. E você está aí agora, deitado na cama macia, ainda envolvido pelas lembranças e em estado de graça pelo prazer sentido.

Shakespeare tinha razão.

Ele sempre tinha.

Charlotte não era linda apenas por causa do seu porte físico. Nem pelos seus olhos perfeitos de um azul sem igual. Muito menos pelo seu corpo entregue à luxúria que ela se permitia quando estava comigo. Ela era linda de uma maneira única. Linda em sua inocência, em seu rosto corado, em sua forma peculiar de dizer o que queria, na sua persistência para lutar bravamente até alcançar seu objetivo. Ela insinuava, persuadia e conseguia.

Uma diaba!

Ainda era madrugada, eu estava com sono, o corpo dolorido pelo ritmo do dia, mas não pude deixar de notar o espaço vazio ao meu lado. Em que momento eu me desgrudei dela? Quando meu corpo deixou de se maravilhar com o dela tão próximo, com a serenidade do seu sono próprio das crianças e se entregou ao ponto de deixar de senti-la? Onde estava Charlotte?

Mal comecei a me movimentar na cama e pude avistar a luz fraca do computador do outro lado do quarto.

Ela estava escrevendo. Tão absorta em seus pensamentos que nem percebeu que eu havia despertado. Fiquei observando-a enquanto digitava. As vezes ajustava os óculos, arrumava o cabelo atrás da orelha. Não sei quanto tempo ficamos assim, eu não conseguia deixar de olhá-la nem por um segundo.

Seu rosto, iluminado pela pouca luz, tinha um ar de maturidade que até então eu não havia percebido. Quando terminou, levantou com o computador ainda aberto e olhou em minha direção. Nossos olhos se encontraram. Charlotte usava apenas calcinha e sutiã seu corpo era simplesmente perfeito. E o meu, claro, correspondeu.

– Acordei você? – sua voz era um murmúrio.

– Não.

Minha cabeça era um turbilhão de sensações, dentre elas a culpa, a insegurança e a incerteza... O desejo que doía clamando por sua libertação, a vontade que ultrapassava todos os limites, a admiração por uma pessoa tão intrigante, que me confundia e atordoava.

Charlotte era apenas uma criança, e embora fosse uma linda mulher, continuava sendo uma menina para mim.

Mas o que eu poderia fazer? Nada.

– Estava escrevendo?

– Sim. Consegui revisar mais dois capítulos – ela não vinha para a cama e aquilo era tudo o que eu desejava naquele momento.

– Posso ver?

– Agora?

– Sim – ela ajustou os óculos, piscando como se meu pedido a tivesse surpreendido.

– É madrugada e você precisa acordar cedo. Não é melhor fazer isso depois?

Eu ia insistir, até porque àquela altura meu sono tinha ido dar um passeio na praça do outro lado do bairro.

Saber como Charlotte viveu o que tínhamos feito era muito mais interessante do que dormir, e eu estava louco para saber como ela descreveu me ter em suas mãos, me fazendo gemer e gozar como um adolescente. Mordi os lábios e acabei concordando.

Ela não gostava que lessem o que estava escrevendo na sua presença. Sentia-se constrangida sendo avaliada diretamente, sem rodeios. E eu entendia aquele sentimento. Odiava quando a professora lia minhas redações na frente da classe inteira. Era embaraçoso, além de humilhante em muitos casos, como quando eu escrevi “tentarão”, ao invés de “tentaram”.

Se bem que serviu para me estimular a estudar mais e ajudou muito quando descobri o que gostaria de

fazer da minha vida.

– Tudo bem. Perdeu o sono?

– Fiquei ansiosa para escrever. É sempre assim.

Quando a ideia surge em minha cabeça não consigo parar até colocar tudo para fora – sorri. Aparentemente todos escritores sentem esta compulsão quando surge uma ideia nova.

– Venha deitar. Você também precisa acordar cedo – ela hesitou, mordendo os lábios, mas caminhou em direção à cama.

Colocou o computador sobre a poltrona, retirou os óculos deixando-o no mesmo lugar, aproximou-se lentamente e passou por cima de mim, para ocupar o espaço ao meu lado. A sua mínima aproximação expulsou de vez todas as minhas dúvidas. Sua coxa roçou minha pele. Meu corpo respondeu instantaneamente. Puta que pariu! Nunca tinha me comportado daquele jeito com nenhuma outra mulher.

Estranhamente ela se afastou deixando um espaço entre nós dois. Fiquei um pouco perdido. Por que estava me evitando?

Na escuridão do quarto consegui captar seu olhar.

Ela parecia recear algo. Eu queria me aproximar, mas não conseguia. Tive medo de dar um passo grande demais e não ter como voltar. Se é que eu já não tinha dado este passo.

Porra, Alex, admita! Você já deu a porra do passo!

Ok! Apesar de estar com muito medo de tudo o que poderia acontecer, não voltaria atrás. Agora era só uma questão de como e quando.

– Boa noite, Alex!

Sussurrou. Tive a impressão de que um sorriso um tanto quanto sacana brincava em seus lábios. Ela estava brincando comigo?

Ah, Charlotte, não brinque com fogo!

Virando de costas para mim, deitou-se de bruços, empinou a bunda e flexionou uma perna, abraçando um travesseiro. Olhei seu corpo banhado pela fraca claridade da noite e me demorei em sua pequena calcinha que permitia uma visão absurdamente deliciosa de seu traseiro.

Alex! Coloque sua cabeça no lugar. Freie seus instintos, pelo amor de Deus!

Antes mesmo que a mensagem surtisse o efeito desejado, minha mão se acercou da cintura dela, puxando-a para mim. Nossos corpos ficaram colados, meus lábios alcançaram seu pescoço e eu me vi novamente perdido em seus encantos. Ela sorriu exultante.

– Você é uma safada, Charlotte!

Mordi seu pescoço deleitado pela sua malícia conseguindo me envolver totalmente em seu joguinho de sedução. Devo me corrigir: Charlotte não é uma menina, é uma mulher extremamente sexy e excitante.

– Estou sentindo, com muita propriedade, onde se encontra a safadeza neste momento, professor Frankli – manhosamente, e por que não maliciosamente, roçou a bunda em minha ereção. Oh, droga! Estávamos brincando não com fogo, mas com um incêndio. – Você precisa dormir, professor.

– E você, aluna, precisa parar de me provocar. Eu não sou de ferro! – minha mão acariciava sua barriga.
– Quer brincar um pouquinho?

Mordisquei seu ombro sentindo Charlotte se encolher e empinar ainda mais a bunda para roçar em meu pau já totalmente envolvido na brincadeira.

Eu merecia o inferno por fazer aquela proposta, mas, por Deus, era muito difícil resistir a Charlotte Middleton!

Eu estava até sendo forte demais me recusando a consumir o nosso desejo. Tentar me manter indiferente a seu corpo, a seu charme e sedução, era uma batalha perdida há muito tempo.

Então era isso. Eu perdi e Charlotte ganhou. Não adiantava chorar, buscar justificativas, tentar reverter a situação. Ela era um exército inteiro atirando em minha direção.

– Estou ficando cansada destas brincadeiras, Alex – ri debochadamente. Charlotte Middleton cansada de sexo ou de brincadeiras sexuais? Impossível! – Sei que existe muito mais do que você está me mostrando. Quero ir além.

– Novamente fui estimulado a continuar com seu jogo, pois sua bunda pressionava a minha ereção numa fricção deliciosa.

– Não faça isso, Charlotte – movi minhas mãos em suas coxas e passei meu outro braço por baixo puxando-a mais. Imitei seus movimentos roçando minha ereção nela.

– Adoro seu corpo. Você é linda!

– E você um grande mentiroso.

Ela se afastou e virou de frente me encarando.

Nossos olhos já perfeitamente adaptados à escuridão do quarto, permitindo-nos ver qualquer movimento. E qualquer detalhe também, como seus seios apontando em minha direção, os bicos rijos de desejo, ansiosos para serem tocados.

– Por que sou mentiroso?

– Anita é linda! Aposto que muitas outras mulheres espetaculares já passaram por sua cama – suspirei.

Aquele era um campo minado, principalmente quando precisava passar por ele com uma criatura como a minha aluna, que ao invés de andar cautelosamente desviando-se das bombas, saltitava nelas fazendo questão de explodir tudo. Com Charlotte era assim: num segundo ela é louca, ciumenta, birrenta, cheia de

vontade, mimada e infantil e no outro é simplesmente madura, decidida, tranquila, envolvente e sexy pra cacete... Era melhor não arriscar.

– Vem cá – sussurrei com a voz rouca, entregando o meu estado. Como ela não se aproximou a puxei rindo da sua reação. – Deixe de ser boba. Você é linda e muito gostosa. Eu adoro seu corpo, de verdade. Não vê como eu fico todas as vezes que se aproxima?

Ela continuava resistindo. Curiosamente, eu estava gostando daquele joguinho. Puxei sua mão e coloquei sobre minha ereção. Tive certeza de que Charlotte corava.

– Sinta.

– Alex...

– Vem cá, Charlotte.

Eu estava louco para tocá-la com mais vigor, mais liberdade. Não poderia negar que após permitir que minha aluna me masturbasse, eu simplesmente me imaginava indo cada vez mais longe e isso me remetia ao homem desesperado que eu estava sendo naquele momento.

Alcansei seus lábios e beijei com volúpia. Queria repetir a nossa brincadeira de mais cedo, queria fazer com ela o que a minha vontade ditasse, fazer Charlotte entender que não devia brincar com um homem e definitivamente inverter aquela situação.

Sem deixar de beijá-la, invadindo sua boca com a minha língua, exigindo que me seguisse, que me atendesse, que me satisfizesse, virei nossos corpos me posicionando sobre o dela. Charlotte abriu as pernas para me acomodar e com isso nossos sexos ficaram separados apenas pelo tecido das roupas íntimas. Charlotte gemeu manhosa, se contorcendo embaixo de mim.

Ela era incrível! Tão sedutora, ousada e corajosa.

Corri minhas mãos por seu corpo, ora em suas coxas, ora nos seios, sem nunca, em nenhum instante deixarmos de roçar um no outro. A fricção nos levaria ao êxtase. Deixei que meus dentes arranhassem a pele do seu pescoço e ela se entregou ao prazer sem nenhuma reserva.

Eu adorava aquilo em minha aluna. Adorava senti-la tão quente e sedenta.

Eu adorava Charlotte Middleton. Era a minha sofrida e ao mesmo tempo, deliciosa realidade.

Charlotte fechou os olhos e se movimentou embaixo de mim. O ritmo era suave e cadenciado. Cada vez que ela rebojava os quadris, nossos corpos se juntavam e milhares de faíscas percorriam minhas veias. Seria extremamente difícil e doloroso parar. Eu não queria parar, nem que ela desejasse. Eu queria mais. Muito mais do que poderia me permitir.

Eu queria possuir Charlotte, fazê-la minha. Sabia que este era o meu desejo também. Minha aluna já estava completamente perdida de desejo por mim. Era só atravessarmos uma pequena linha e Charlotte nunca mais deixaria de ser minha. Droga eu não poderia ir tão longe.

Merda!

– Alex... – gemeu um apelo como se pudesse ler meus pensamentos. – Por favor!

– Ah, Charlotte! – tomei seus lábios violentamente.

Queria silenciá-la. Impedi-la de continuar me pedindo o que eu mais ansiava por lhe dar. Eu não podia.

Se ela continuasse suplicando daquele jeito, eu perderia o controle dos meus atos. Mas eu não podia. Não ali. Não naquele momento. E, principalmente, não enquanto ela fosse minha aluna.

Rocei meu pau, já absurdamente duro em seu ponto de prazer, ao mesmo tempo, meus dedos invadiram seu sutiã, afastando-o e tomando o bico intumescido do seu seio. Apertei-o com ardor. Charlotte gemeu deliciada em meus lábios. Esfreguei o bico entre meus dedos forçando um pouco para cima. Eu sabia que ela poderia gozar a qualquer momento. Eu seguiria o mesmo caminho.

Segurei em sua coxa e puxei-a para cima, prendendo sua perna em minha cintura. Afastei um pouco a calcinha que nos separava e toquei em seu sexo. Oh, céus! Ela estava deliciosamente molhada.

Charlotte choramingou, rebolando em meu dedo. Ela me queria ali, e eu a queria desesperadamente. Mas não podia. Mesmo assim deixei que meu membro roçasse nela espalhando sua umidade. Deus! Se eu descesse só mais um pouco, poderíamos concretizar o ato.

Não. Eu não podia.

Mordi os lábios dela sentindo todas as minhas forças se esvaindo enquanto Charlotte rebolava permitindo que a cabeça do meu pau roçasse a sua entrada e escorregasse para cima acariciando seu clitóris.

Segurei-o forçando o contato. Ela jogou a cabeça para trás gemendo descontroladamente.

Era extremamente prazeroso vê-la.

– Goze, Charlotte – implorei ciente de que não conseguiria me segurar por mais tempo. – Goze para mim.

Ela soltou um gritinho carregado de prazer e gozou gritando meu nome. Puta que pariu! A garota era muito gostosa e safada e... Puta que pariu!

Levantei-me ficando acima dela, tomei meu pau com a mão e manipulei-o deixando o prazer me dominar. Eu gozei no corpo de Charlotte, marcando-o com meu gozo.

Nossos olhos em contato o tempo todo, e... Puta que pariu!

Charlotte adorou me ver. Seus olhos brilhavam de satisfação, ela mordeu os lábios sedutoramente.

Oh, merda! Essa menina será minha morte.

Charlotte Quando vi Alex segurar seu pênis e se masturbar fiquei vidrada em seus movimentos esquecendo-me totalmente de mim e de tudo o que acabara de acontecer.

Apesar de eu ter feito a mesma coisa nele horas antes, assisti-lo era muito mais excitante, principalmente sabendo que estava se masturbando por mim.

Por minha causa!

Dava para acreditar? Aquele senhor da beleza, deus do prazer, mestre da safadeza, estava diante de mim, totalmente entregue, gemendo, me encarando e se masturbando. Eu não poderia pedir mais nada a Deus.

Não, eu até podia, mas aceitava de bom grado o que ele me dava naquele momento.

Instintivamente umedecei os lábios. Alex era lindo, isso era um fato, mas seu pênis era fantástico. Fantástico do tipo que você olha e pensa como seria degustá-lo.

Ok, eu não sei se existe alguém que pensa como eu.

Na verdade, fiquei vermelha só de pensar, mas, mesmo assim, pensei. A vontade insana de tê-lo estava me deixando descontrolada.

Imaginei minha língua percorrendo a cabeça brilhante e depois toda a sua extensão, passando pelos meus lábios e se alojando em minha boca.

Será que um dia chegaríamos a este patamar? Alex permitiria?

Ele gozou em meio à confusão que se formava em minha cabeça. Seu rosto se contraiu de prazer, deixando-o ainda mais desfrutável. Meu ventre, inacreditavelmente, formigou, desejando um pouco mais dele. Eu estava virando um monstro incontrolável e insaciável.

Tá certo. Essa do monstro é meio clichê, embora eu adorasse a ideia.

Alex mordeu os lábios perdido no seu prazer.

Repeti o seu gesto, sentindo o mesmo. Seu jato quente escorreu em meu ventre, capturando minha atenção. Eu sempre imaginava que teria nojo de uma coisa como aquela, mas era o gozo de Alex. Era o resultado do seu prazer por estar comigo.

Quase tive um orgasmo ao senti-lo. Foi como ser marcada por ele. Como se Alex tivesse colado em mim um selo de propriedade. Como se estivesse demarcando seu território. E eu era realmente dele. Não tinha mais como impedir este sentimento.

Ele respirou profundamente controlando-se e, aos poucos, fomos voltando à nossa realidade. Meu professor ficou visivelmente constrangido. Eu não entendia o porquê.

– Desculpe! Vou limpar esta bagunça – se inclinou e me beijou nos lábios com delicadeza.

Agarrei seus cabelos com minhas mãos e o mantive ali aprofundando o beijo, sendo mais devassa do que acreditava ser capaz.

– Faz outra vez – implorei. Ele me olhou por um tempo tentando entender o meu apelo. – Goze em mim outra vez. Marque meu corpo com seu prazer – meu professor balançou a cabeça meio atordoado.

– Charlotte... – mordeu os lábios. – Adoro você, menina! – e me beijou sofregamente.

Nossas línguas avançavam sem travar uma luta, mas sim se experimentando. Suas mãos estavam uma em minha nuca mantendo seu corpo acima do meu, sem nos tocarmos e a outra em minha perna, explorando-a.

– Você vai acabar comigo – protestou enquanto descia os lábios em meu pescoço. – Não consigo deixar de desejá-la. Cada apelo seu é uma tortura para mim.

– Não se torture mais, Alex. Acabe logo com isso.

– Ainda não. Em pouco tempo você estará formada.

Nada nem ninguém poderá nos impedir. Tenha um pouco mais de paciência e se comporte.

A promessa feita, ao invés de me acalmar, fez o meu corpo queimar ainda mais em expectativa. Ele havia concordado? Era isso mesmo? Alex estava concordando em tirar a minha virgindade? Puta merda, eu queria gritar, pular no colchão, fazer a dancinha da chuva... mas me contentei em sorrir amplamente.

– Você parece uma criança que acabou de ganhar o presente mais sonhado.

– Eu sou exatamente esta criança. Ganhei não só um presente, mas o natal de uma vida – ele riu e acariciou meu rosto, mantendo o dele bem perto.

– Você é uma menina, Charlotte. E eu devo ter enlouquecido – apesar de suas palavras não havia arrependimento em sua voz. Pelo contrário, era uma mistura de vários sentimentos, mas o que me atingiu mais profundamente foi a devoção.

– É só me fazer mulher. Ensine-me a ser esta mulher – ele suspirou e baixou o olhar pelo meu corpo.

– É melhor eu limpar isso aqui. Pode ser perigoso para você – levantou.

– Por que perigoso? – Alex riu como se eu tivesse falado um absurdo.

– Desculpe. Esqueço o quanto você é inexperiente.

– Não sou inex... – ele colou seus lábios aos meus em um beijo rápido.

– Não quero que você estrague sua vida com uma gravidez inesperada e indesejada. Estas brincadeiras podem ser perigosas se não forem feitas com segurança.

Eu gozei muito próximo a sua... Bom, você sabe – riu me fazendo corar. – Sem contar que tivemos contato e eu já estava... – Alex passou a mão nos cabelos e sorriu. – Precisamos começar a pensar em algumas coisas, mas antes vou limpar essa bagunça e depois te dar um banho.

Um banho? Caralho! Ele ia mesmo me dar um banho? Eu estava perdida.

Alex levantou de vez, seguindo em direção ao banheiro. Voltou com uma toalha na mão. Sentou ao meu lado na cama e gentilmente limpou todo o seu gozo que já secava grudando em mim. Deixou a toalha de

lado e voltou a me beijar. Foi um beijo gostoso, suave e sensual.

Calma e cuidadosamente acariciou meu rosto, braços e costas até seus dedos alcançarem o fecho do meu sutiã.

Senti as alças descendo pelos meus braços. Fiquei envergonhada. Lógico que Alex já tinha visto meus seios e ido até mais adiante, mas daí a tirar meu sutiã... Era mesmo constrangedor. Ele me olhou analisando meu corpo. Tocou em mim com cuidado e voltou a beijar meu pescoço.

– Venha, vamos tomar um banho – não tive coragem de dizer nada e me deixei conduzir.

Sob a luz do banheiro, ele pôde conferir todo o meu rubor. Meu professor sorriu e me puxou para ele buscando meus lábios.

– Doida para transar comigo, mas na hora H fica envergonhada?

– Na hora... Então...

– Não, Charlotte – ele riu. – Vamos tomar banho e eu vou atender ao seu pedido.

Beijou meu pescoço. Suas mãos quentes me exploraram. Apertaram meus seios e tomaram posse da minha bunda. Eu já estava fervendo por dentro. Aquilo nunca teria fim? Alex conseguiria sempre renovar o meu desejo por ele?

Passei minhas mãos em suas costas, prendendo-me a ele. Sua pele era lisa, seus músculos, perfeitos enrijeciam sob meu toque. Alex estava excitado de novo, mas seu membro estava escondido em sua cueca, impedindo-me de vê-lo. Seus beijos desceram e suas mãos acompanharam os lábios. Beijou o espaço entre meus seios, desceu a língua por minha barriga e depositou vários beijos no limite da minha calcinha. Estremeci. O que ele faria?

Fechei os olhos e senti a pequena peça sendo retirada. Puta que pariu! Ele estava realmente tirando a minha calcinha? Estava mesmo abaixado de frente a... Ele estava lá mesmo? Merda! Eu queria? Queria.

Definitivamente queria senti-lo naquele ponto. Mas... Ah!

Que se dane! Eu o queria de todas as formas possíveis.

Suspirei e passei meus dedos em seus cabelos. Ele ainda estava abaixado a minha frente, beijando minha cintura, descendo até minhas coxas, tocando meus quadris, e... apenas isso. Minha calcinha não estava mais em seu lugar e Alex já estava de pé retirando a sua cueca.

Aproveitei para admirá-lo. Ele era muito lindo.

– Venha – me conduziu ao chuveiro e deixou a água quente cair em nossa pele. Alex estava atrás de mim, mais precisamente, colado em minhas costas. – Você é linda, Charlotte! Nunca vou me cansar de dizer, nem de admirá-la.

– Você é muito gentil, Alex.

– Apenas sou sincero – suas mãos massagearam meus ombros.

Eu estava tensa. Tudo bem que tomar banho com o meu professor foi um desejo que me perseguiu no nosso primeiro dia. Eu podia lembrar com precisão de como o imaginei embaixo de um chuveiro e como me deixei levar pelos pensamentos de como seria se eu estivesse ali com ele. No entanto, pensar é uma coisa e fazer era outra completamente diferente.

Primeiro: Alex já tinha me visto nua, mas eu estava envolvida pela névoa da luxúria, então qualquer coisa que ele fizesse ganharia disparado a minha atenção, deixando a nudez para outro momento. Mas vê-lo retirar a minha calcinha depois de me dar um orgasmo fabuloso, e em seguida se abaixar e me presentear com beijos cheios de promessas era algo impossível de ser ignorado.

Segundo: eu já tinha visto meu professor sem roupas. Não foi bem ver o meu professor sem roupas. Ele tirou a bermuda e a cueca e toda a minha atenção se prendeu naquela parte do seu corpo. E que parte! Mas ali, ele simplesmente se despiu e desfilou aquele corpo delicioso pelo banheiro sem demonstrar nenhuma insegurança.

Terceiro: meu nome do meio é insegurança. Eu não me sentia a garota da capa de revista para passear nua diante do homem que eu queria que tirasse a minha virgindade, como se eu tivesse realmente algo interessante para mostrar. Mesmo com ele afirmando o tempo todo o quanto me achava linda, atraente e desejável.

– Por que está tão nervosa? – desceu as mãos dos meus ombros até meus braços, sussurrando em meu ouvido e todos os meus pensamentos desceram pelo ralo junto com a água.

– Não estou nervosa.

– Ah, não?

Riu e se afastou ligeiramente. Virei-me para ver o que fazia. Ele pegou um frasco sobre a prateleira e jogou um pouco do conteúdo em uma esponja branca que estava no mesmo lugar.

– Gosta de morango?

– Gosto – respondi rápido demais. No mesmo instante o pensamento me cercou e eu inclinei a cabeça para o lado pensando nos fatos. – Mas não acredito que você use sabonete desta fragrância – ele riu.

– Não. Eu não. Mantenho aqui para eventuais visitas.

– Em seu quarto? – quase gritei.

Putá merda! Como Alex conseguia estragar tudo com apenas algumas palavras?

– Você não é a primeira mulher a se hospedar em minha casa, Charlotte. Por favor, não faça disso em um drama, já temos idade suficiente para superarmos situações como esta.

– Deu banho em todas elas? – eu estava realmente muito aborrecida.

– Charlotte...

– Esqueça, Alex. Posso tomar banho sozinha. Já tenho idade para isso – ele suspirou e me entregou a esponja.

– Pretende transformar qualquer coisa em um grande problema? – não respondi. Comecei a me ensaboar desejando acabar logo. – Charlotte... eu tinha uma vida antes de você. Não pode apagar...

– E continuará tendo depois de mim também – ele parou surpreso com a minha reação.

– Essa irritação toda é porque tenho sabonete com fragrância de morango em meu banheiro?

– Não. Essa irritação é porque você as hospedou em seu quarto, deu banho, alimentou e transou com elas. Com todas elas.

– Charlotte?!

– Quer saber, Alex? Acabou. Fique com suas mulheres, com sua arrogância, prepotência e com sua merda de sabonete fragrância morangos – atirei a esponja nele que me encarava aturdido. Passei por ele tentando sair do banheiro, mas suas mãos me agarraram impedindo a minha saída.

– Pare, Charlotte! Você está fazendo um dramalhão por nada!

Tentei me desprender, como estava ensaboada, acabei escorregando em seus braços. Caímos juntos no chão do banheiro. Não uma queda dramática, foi mais um escorregão onde ele acabou por cima de mim. Alex ria, o que me irritou ainda mais.

– Saia de cima de mim, seu idiota – mas ele gargalhava me mantendo presa.

– Que coisa feia, Charlotte Middleton. Além de boca-suja é uma ciumenta descontrolada.

– Saia de cima de mim, Alex, ou então...

– Ou então o que, Charlotte? Vai gritar? Vai me bater? Ou o quê? Vai subjugar-me ainda mais a seus encantos?

E eu já estava rendida. Que droga! Como ele conseguia?

Alex segurou meu rosto e prendendo o meu maxilar, beijou minha boca com maestria. O chão do banheiro se tornou um lugar agradável e confortável e a água, que respingava em nossos corpos, agora parecia estar fervendo.

– Eu só tenho você, Charlotte. Sua diabinha, louca e ciumenta, que ocupou meus pensamentos e dominou a minha vida por completo.

– Prove.

– Provar? Outra vez? Já não faço isso o tempo todo?

Ele continuava alisando o meu corpo e beijando meu rosto, pescoço... Ah, Deus! Como Alex era

maravilhoso quando me tocava daquela maneira. Eu sentia sua ereção tão próxima! Ele se movimentava lentamente tirando todas as minhas forças.

– Faça amor comigo.

Alex parou e me olhou nos olhos com intensidade.

Pude perceber seu esforço descomunal para resistir.

– Vou fazer. Não agora, nem hoje.

– Alex...

– Já conversamos a esse respeito, Charlotte. Por favor, chega de problemas por hoje. O dia está amanhecendo, logo teremos que sair. Eu preciso trabalhar e você precisa escrever... Por favor, vamos aproveitar o momento!

Suspirei. Alex era a maior de todas as loucuras que eu já tinha vivido. Ele disse que eu ocupava os seus pensamentos, mas não tinha nem ideia do que fazia comigo. Eu não conseguia sequer imaginar o que seria da minha vida quando aquilo chegasse ao fim. Estremeci. Ao menos ele tinha dito que transaríamos... Um dia.

– Mais calma? – sorri. – Posso te dar banho agora?

– Não preciso de ajuda para tomar banho.

– Mas o “meu” banho é especial – ele me olhava de maneira diferente, depois seus olhos passearam por meu corpo e Alex suspirou. – Fique bem quietinha – levantou, voltando com o sabonete líquido. – Agora Srta.

Middleton, nada de protestos, argumentos ou qualquer tipo de ataque de fúria ou ciúmes – ajoelhou-se na diante de mim, seu joelho entre as minhas pernas.

Despejou o líquido em meu corpo. O cheiro delicioso de morangos subiu junto com o vapor da água.

Espalhou o sabonete, suas mãos se demorando em cada parte do meu corpo, esfregando e massageando como se eu fosse uma peça de raríssimo valor. Não demorou muito para que eu ficasse completamente excitada.

Com as duas mãos, ele massageou meus seios, ora subindo ao meu pescoço, ora descendo até meu umbigo.

Arqueei o corpo, ansiosa por mais. Alex desceu as mãos até meus quadris e me forçou para baixo ligeiramente.

Seus dedos longos tocavam e pressionavam minhas coxas e seus polegares, um de cada lado, se projetaram tocando suavemente meu sexo. Gemi incapaz de me conter.

– Tem certeza de que quer cancelar o nosso acordo?

– seus polegares avançaram massageando a região.

– Oh, Deus! Alex... – ele subiu as mãos até meus seios, pressionou cada bico entre os dedos e os esticou.

– Vai ficar ameaçando acabar com tudo, todas as vezes que se sentir insegura?

Putaquepariu! Desceu as mãos, deslizando por minha barriga fazendo pressão bem em cima do meu clitóris.

– Caralho!

Não consegui conter meus quadris, que rebolaram aumentando o contato com seus dedos. Ele riu baixinho e, sem que eu esperasse, deu um tapa em minha bunda, bem na junção com a coxa. Arfei com o estalo e meu corpo incendiou.

– Boca suja – me repreendeu, mas sua voz estava carregada de tesão.

– Imunda – completei me contorcendo de desejo enquanto ele brincava outra vez com a mão bem no meio das minhas pernas.

– Você gosta de ser tocada assim, não é gostosa? – intensificou os movimentos. Gemi extasiada rebolando mais.

O prazer me fazia fechar os olhos e morder o lábio.

Tive vontade de me tocar. Levei a mão ao rosto, passando os dedos pelo cabelo molhado e descendo até alcançar meus lábios. Estes estavam quentes. Com a outra mão toquei a região entre meus seios, acariciando a pele.

Quando abri os olhos Alex me olhava atentamente. Seu rosto era puro desejo e seus olhos felinos. Sorri um pouco, sentindo-me exposta demais e tenho certeza de que corei.

– Você é muito safada, Charlotte!

A voz rouca indicava seu nível de excitação. Ele passou as mãos pela minha barriga, segurando a minha e levando-a acima da minha cabeça.

– Agora fique paradinha.

Levantou, pegou um pequeno frasco que estava escondido atrás do shampoo e voltou a se ajoelhar.

– Vamos esquentar um pouco as coisas – ele abriu o frasco deixando algumas gotas caírem em meu sexo úmido – Vai ficar quente, Charlotte, não se assuste. Você vai gostar deste brinquedinho.

Recomeçou a massagear o meu sexo, indo dos lábios ao clitóris e voltando. Em segundos tudo começou a esquentar. Um calor delicioso que ardia, queimava e aumentava minha excitação. Comecei a gemer sem nenhum pudor.

– Quente? – mal consegui abrir os olhos para encarar aquele sorriso sacana em seus lábios. Ele se deleitava e divertia em me torturar.

– Sim. Muito.

– Gosta? – intensificou as carícias e o fogo entre as minhas pernas aumentou de maneira inacreditável. Como podia?

– Ah, Alex! – me contorci em seus dedos.

– Isso, Charlotte! Eu adoro ouvir você gemendo assim, chamando por mim falando o meu nome – introduziu a ponta do dedo indicador em minha abertura.

– Alex, Alex, Alex... Oh, Deus!

– Você vai me matar de tanto tesão, menina.

– E você vai me matar de tanta ansiedade. Preciso de você, Alex. Por... Por favor... – não conseguia mais me controlar.

– Eu vou dar o que você quer, Charlotte. Vou apagar este fogo – desceu o corpo se posicionando entre minhas pernas completamente abertas, me fazendo ansiar por mais contato.

Com os dedos pressionando meu clitóris, projetou seu quadril em direção ao meu deixando que a cabeça de seu membro tocasse minha entrada. Ofeguei com a expectativa. Uma pequena investida e seus dedos apertaram meu centro de prazer com mais força. Gemi alto sentindo as famosas borboletas começarem a se espalhar pelo meu corpo.

Mais uma investida leve, suave e sacana, como só ele poderia fazer. Eu pude senti-lo, duro, rijo e delicioso, forçando um pouco, então Alex recuou e seus dedos desceram, pressionando meu pequeno botão, me tocaram bem no meio, esfregando aquela região.

Outra vez ele se aproximou, seu membro forçando um pouco mais, levantei os quadris procurando maior contato, porém meu professor recuou novamente.

– Alex, por favor!

– O quê? – dois dedos pressionaram meu clitóris friccionando-o. Ele mordeu o bico do meu seio e passou a língua estimulando-o.

– Mais um pouco, por favor!

– Você quer mais? – no mesmo instante seu pênis estava em minha entrada, penetrando um pouco mais.

– Oh, Deus! Por favor!

Alex rodou o polegar em meu centro e eu explodi num orgasmo avassalador. Gritei e me contorci ciente de que ele ainda estava lá, entre minhas pernas, insinuando que me tomaria a qualquer momento.

– Linda! Assim, linda! – Alex não estava mais com seu pau em minha entrada. – Olhe para mim, Charlotte – abri os olhos e vi que ele aguardava por mim. Sua mão subia e descia em seu membro, em movimentos suaves.

– Faça! – ordenei extasiada. Era algo que nunca imaginei que poderia me deslumbrar.

Ele intensificou os movimentos no mesmo instante, eu nunca conseguiria fazer igual ao meu professor. Era tão elegante, além da familiaridade e desenvoltura perfeita.

Sua mão subia e descia em seu pênis, enquanto a outra me tocava, buscando pontos de excitação.

Levantei o corpo um pouco e o toquei com minhas mãos. Deixei que minhas unhas corressem a pele das suas pernas, coxas e peitoral. Alex passou por cima da minha perna, se posicionando quase em minha barriga e recomeçou os movimentos. Algumas vezes fechava os olhos e se entregava ao prazer, outras, abria-os buscando os meus.

Deslizei as mãos pelas suas coxas, na parte interna e toquei levemente em suas bolas. Ele gemeu de prazer.

Arrisquei tocar um pouco mais e com mais vontade. Fui muito bem recebida.

– Ah, Charlotte! Você é muito gostosa, menina – ele gemia sem parar.

Trabalhava ativamente em seu membro e eu não conseguia parar de admirá-lo. Era um espetáculo grandioso assisti-lo, voltei a sentir a necessidade premente de tê-lo em minha boca. Queria conhecer a sua textura, a maciez em contraste com a rigidez, queria saber o seu sabor e a sensação de tê-lo roçando meus lábios.

Putaquepariu! Eu estava louca por isso.

– Vou gozar em você, Charlotte. Vou gozar em seus seios deliciosos. Você quer? – putamerda! Eu queria chupá-lo até ouvi-lo dizer que gozaria em minha boca.

– Não – Alex me olhou espantado, sem parar seus movimentos. Ele estava prestes a gozar.

– Não? – sorriu descaradamente. – E onde quer que eu goze?

– Em minha boca. Quero você em minha boca, Alex.

– Putaquepariu, Charlotte!

Ele gozou neste instante.

Com certeza as minhas palavras foram fortes demais, ao menos naquele momento. Ele não esperava pela minha resposta. E eu adorei saber que era capaz de desestabilizá-lo.

Capítulo 12

“Com o engodo de uma mentira, pesca-se uma carpa de verdade.”

William Shakespeare

Charlotte

E até aquele dia eu não acreditava que qualquer frase de Shakespeare sobre as mentiras caberia tão bem em mim. Até então eu podia até esconder algumas verdades, utilizar meias-verdades, sem nunca mentir propriamente ou me envolver diretamente em algo que me obrigasse a utilizar tal artifício.

Eu era uma garota serena, de vida pacata, que frequentava a igreja todos os domingos, se confessava e voltava para casa, para os livros, ou para alguns momentos com os meus amigos.

Nunca participava de farras, bebia exageradamente, namorava desenfreadamente, perdia noite de sono ou dormia fora de casa, salvo quando dormia com o Jonathan na casa dele, mas isso não contava. Eu nunca fazia nada que manchasse minha imagem de boa moça.

Até que Alex ameaçou o meu projeto e eu enlouqueci.

Só podia se tratar de um surto tudo o que eu fazia, dizia e vivia. Não era nada normal nem condizia com a minha natureza. E o pior, ou melhor, e que Deus me perdoe, era que eu não estava arrependida, nem fazia nenhuma questão de me livrar daquela loucura repentina.

Entrei em casa acompanhada da minha, agora constante, alegria. O silêncio era agradável eu ainda sentia na pele os efeitos da noite maravilhosa ao lado do meu professor. Caramba! Alex estava mesmo me enlouquecendo. Se só as brincadeiras já me deixavam em chamas imagina como seria quando fizéssemos tudo que tínhamos direito? Eu entraria em combustão, com certeza.

Como aquele personagem do Quarteto Fantástico, o que pegava fogo, literalmente. Aconteceria o mesmo comigo.

Não tinha a menor dúvida.

Da casa do meu professor eu fui direto para a faculdade, onde passei o dia, infelizmente não com ele, nem com os meus amigos. Miranda mandou uma mensagem logo cedo avisando que não apareceria e me pediu para anotar o que fosse importante. Johnny teria trabalho em equipe e precisaria passar o dia fora fazendo pesquisa e visitando uma empresa de aterro sanitário.

– Lottie? – ouvi o Henrique me chamando e me controlei para não suspirar de tédio na frente dele.

– Oi, Henrique! – joguei a bolsa em meu ombro e continuei andando. Ele me acompanhou.

– Como vai o projeto? – estremei. Por que a pergunta?

– Bem, eu acho. Por quê? – ele sorriu enquanto eu arrumava meus óculos nervosamente.

– O professor Frankli é um dos mais exigentes daqui. Imaginei que ele estivesse tirando o seu couro, com cada vez mais exigências – soltei o ar que estava preso nos pulmões, relaxando completamente.

Henrique era loiro, alto, magro, desajeitado, era até bonitinho com aqueles olhos verdes. Nada que se comparasse ao meu professor. Ele era legal. Quer dizer...

não legal como um pretendente, sabe? Legal como...

Ah, droga! Por que estou tão preocupada em me explicar?

– Ele é realmente exigente, mas não da maneira como as pessoas falam. Na verdade eu acho que o professor Frankli ajuda mais do que atrapalha.

E como ajuda!

Corei imediatamente.

– Vai para casa ou tem segundo turno?

– Segundo turno – atravessamos a rua. – Até o meio da tarde.

– Legal! – e me lançou aquele olhar apaixonado.

Uma tortura.

– Eu vou indo. Vejo você depois.

Segui em frente enquanto ele descia para buscar o carro. Acelerei o passo pensando em comer um sanduíche ou qualquer coisa mais rápida. Não tinha graça almoçar sozinha. Sem contar que sem ter com quem conversar meus pensamentos ficavam todos ocupados com o meu professor e as coisas que fazíamos.

A forma como Alex reagiu quando eu disse que o queria em minha boca. Porra! Foi fantástico ver aquele homem tão cheio de si se partir em vários pedaços sem conseguir se conter, apenas porque eu sugeri um boquete.

Depois eu que era a inocente.

Ri sozinha.

Nós só nos encontramos no final da minha aula, quando cruzamos no corredor em lados opostos, ele acompanhado da professora Anita Bezerra e eu seguindo apressadamente na direção do meu carro, louca para chegar em casa.

Ambos sorriam, entretidos em uma conversa cheia de intimidade.

Fiquei furiosa, mas decidi não dar importância. A promessa dele ainda fazia eco em meus ouvidos

impedindo-me de deixar que aquela imagem me desviasse dos meus objetivos: um livro maravilhoso e a perda da minha virgindade com Alex. Nada poderia ser mais perfeito.

Ele pareceu meio constrangido quando me encontrou e apenas me cumprimentou cordialmente, como deveria ser entre professor e aluna.

Dirigi bem rápido para a minha casa aproveitando o trânsito livre. Parei em frente ao flat entregando a chave ao manobrista. Normalmente eu mesma estacionava o carro, já que seria até absurdo utilizar o serviço todos os dias, mas naquele dia eu estava louca para chegar, tomar um banho e escrever.

– Boa tarde. Srta. Middleton! – Vítor me cumprimentou abrindo a porta de vidro.

– Como vai, Vítor?

– Bem, obrigada!

– E a sua mãe, melhorou?

A mãe do Vítor tinha diabetes e de tempos em tempos precisava de cuidados especiais, por ser muito teimosa e não levar a doença a sério.

– Foi apenas mais um susto. Obrigado por perguntar.

– Disponha. Se precisar de algo...

– Obrigado. O Sr. Middleton já faz mais do que o necessário por todos nós.

Sorri andando pela recepção. Meu pai era um grande homem, apesar de tudo, e esse tudo ao qual me refiro era, na verdade, uma pequena parte, quase imperceptível, em relação ao que ele tinha de bom. Como cuidar dos seus funcionários, por exemplo.

Entrei no elevador me sentindo desanimada. Não sabia explicar, apenas não conseguia me sentir em casa, apesar de ser a minha casa há quase cinco anos. Meu coração estava estranho, como se faltasse algo. Será que já sentia a falta da cama dele? Aquilo era bem esquisito!

Abri a porta e respirei profundamente, me deparando com as cortinas abertas e a imagem do oceano do outro lado das portas da varanda imensa que circundava quase todo o primeiro andar do imóvel, e me vi perguntando se Alex estaria lá, surfando. Contive a duras penas a vontade absurda de ir à praia para conferir.

O silêncio colaborou para que meus pensamentos extrapolassem todas as barreiras. Eu me sentia leve, cada passo dado era mais suave do que o normal. Alex estava abrindo os meus horizontes, me apresentando a um mundo tão perfeito e maravilhoso e eu me questionava se seria capaz de sair dele algum dia.

E já conhecia a resposta.

Subi as escadas, conferi todas as portas trancadas e fui direto para o meu quarto. Para minha surpresa, e espanto também, eu não estava só, como havia imaginado.

O silêncio era porque Miranda aguardava por mim, em meu quarto, e com uma cara horrível.

No início pensei que alguma coisa errada havia acontecido entre ela e o novo namorado. Como era mesmo o nome dele? Hum! Ela nunca tinha me dito. Acho que fui negligente com minha amiga nos últimos dias. Na verdade, eu estava dedicando todo o meu tempo ao... as... minhas aulas incríveis. Ai, ai!

Miranda continuava lá. Com uma cara de dar medo e parecendo querer me matar.

Caramba! O que eu fiz desta vez?

– Oi! – mantive a bolsa nos ombros, pronta para correr se ela resolvesse me atacar.

– Oi? É só isso que tem para me dizer?

– Hum! Como vai? – arrisquei e ela ficou boquiaberta com a minha tentativa de amenizar o clima. – Copiei as duas matérias que fazemos juntas, se quiser copiar...

– Charlotte Middleton, você é absurda! Não acredito que teve a cara de pau de mentir para mim – puta merda! – Onde passou a noite? – puta merda duas vezes!

– Miranda... eu... como... Puta que pariu! – sentia todo o meu corpo tremendo.

– A sua mãe ligou avisando que chegará amanhã pela manhã, aí inventei uma desculpa para não ter que contar a ela que você tinha ido dormir na casa do Johnny.

Você sabe como o seu pai é com essa história de virgindade, garotos, sexo...

Ela estava bastante nervosa e eu prontinha para desabar. Eu sabia que Mirada estava no limite quando ela usava o termo “a sua mãe” e “o seu pai”, ao invés de “a madrinha” e “o padrinho”. Quando isso acontecia eu me desesperava porque sabia que o bicho estava mesmo pegando.

– Liguei para o Jonathan e ele inventou uma desculpa esfarrapada. Claro que não acreditei, e fiquei com a pulga atrás da orelha. Você não confiou em mim?

Não consigo acreditar. Sou sua amiga. Eu...

– Miranda, não foi bem assim. É que... Caramba, Miranda! Não sei nem por onde começar.

– Eu fui lá. Chamei o Patrício e fomos juntos procurá-la. Johnny teve que confessar que você não estava na casa dele, mas se negou a contar qualquer coisa.

– Patrício? Quem é Patrício? – deu certo. Ela sorriu apesar da raiva, seus pensamentos desviaram de mim por um segundo.

– Meu namorado. Eu te falei dele. Nós nos conhecemos naquele dia que você tomou um porre e o Professor Frankli... – ah, não! Não deu certo. – Não tente me distrair, Charlotte! Quero saber direitinho tudo o que você anda me escondendo.

– Miranda – respirei fundo. Não tinha mais como escapar. – Acho melhor nos sentarmos.

Alex Vi quando Charlotte saiu da faculdade em seu monstro que ela insistia em chamar de carro. A informação de que ela era rica e que poderia ostentar muito mais não saía da minha cabeça. Por que levava uma vida tão simples se podia ter o melhor? Se bem que morar em um flat não demonstrava tanta simplicidade assim, por outro lado, aquele carro...

Ela não me viu parado no estacionamento observando tudo o que fazia. Com certeza se tivesse me notado teria corado, como fez quando nos encontramos no corredor. Eu adorava aquilo nela. Seu jeito ousado e ao mesmo tempo tímido me seduzia completamente.

A forma simples e ao mesmo tempo tão sedutora como me falou que me queria em sua boca quase me fez perder as estribeiras. Porra! Ela disse como se estivesse me pedindo algo trivial. E eu adorei! Tanta inocência não lhe permitia saber que o boquete fazia parte de todas as fantasias de um homem. Tudo incluía uma boa chupada.

Ver Charlotte nua, deitada no chão do meu banheiro, observando atentamente eu me masturbar já era extremamente excitante, ouvi-la dizer que queria que eu gozasse em sua boca foi como me tirar o chão, arrancar o resto de minhas forças e provocar um orgasmo instantâneo. Tipo infarto fulminante, bateu e pronto, eu gozei sem controle.

O texto que havia me enviado estava excelente.

Muito bom mesmo! Precisava entregar o material que eu tinha em mãos para Lana. Quem sabe ela... eu não tinha tanta certeza ainda, mas poderia ser. Entrei no carro e meu celular tocou. Lamara. Que coincidência.

– Fala logo que vou começar a dirigir.

– Nossa, Alex! Como você é gentil, educado, carinhoso... – revirei os olhos e cocei a testa.

– Fala logo, Lamara!

– É Lana. Você sabe que eu detesto o meu nome.

– E você sabe o quanto esta família me confunde.

Você detesta o seu nome e prefere o apelido, o Paty odeia o apelido e ama o nome.

– Quer deixar de ser chato?

– Vou começar a dirigir, então você tem um minuto.

– E você é insuportável! – ela rebateu como uma perfeita irmã caçula. – Reunião hoje à noite.

– Você só pode estar brincando!

– Alex, você não tem nada para fazer à noite, ou tem?

Imediatamente meus pensamentos se voltaram para Charlotte. Sua pele clara e cheia de manchinhas perfeitas, seu cheiro impecável, seu risinho encantador, seus suspiros, gemidos, quando corava... Puta que pariu!

Estava no estacionamento da faculdade, falando ao telefone com a minha irmã caçula e com uma ereção enorme e latejante. Porra!

– Qual a pauta da reunião?

– Tiffany. Ela estará na cidade. A levaremos para jantar assim poderemos conversar melhor sobre o novo contrato.

– Merda!

– Alex, Tiffany é a nossa melhor autora. Seus livros são um sucesso. Precisamos mantê-la fiel à editora – respirei fundo. Era minha obrigação como editor-chefe, fazer de tudo para manter Tiffany satisfeita.

– Ok, Lamara! – e com isso deixei claro o quanto não tinha gostado do assunto – Mande uma mensagem para o meu celular com a programação. Preciso desligar agora.

– Até mais tarde, seu mala!

Desliguei sem controlar minha contrariedade. Eu tinha planos para a noite. Planos especiais porque a minha aluna me deixou cheio de ideias. E vontades. Mas Lana fez questão de estragar tudo. Não Lana. Minha irmã não tinha culpa da Tiffany ser o que ela era: um problema.

Como não me restava mais nada a fazer, a reunião estava marcada e eu precisaria estar presente, mais por obrigação do que por opção, bastava reformular meus planos e cuidar de outro problema, muito maior do que Tiffany naquele momento: Charlotte e o tesão insaciável que ela despertava em mim.

– É, Charlotte Middleton, parece que teremos aula extra – liguei o carro e saí em busca do meu objetivo.

Charlotte – Você o quê? – ela gritou me assustando.

– Miranda...

– Charlotte Marie Middleton, no que você se meteu, porra!

– Miranda...

– Como aquele cretino, filho de uma puta, tarado, conseguiu te envolver nisso, hein?

– Puta merda, Miranda!

– Nem tente Charlotte. Não tente me convencer do contrário, ok? Aquele... Aquele... depravado, tarado, filho de uma...

– MIRANDA! – gritei. – Pelo amor de Deus!

Minha amiga se assustou e com isso eu consegui ganhar mais espaço dentro do meu próprio quarto. Ela estava de pé, andando e me acusando sem que eu pudesse contestar, ou proteger o meu professor.

– Charlotte?

– Dá para parar um minuto? Não é o que você está pensando, certo? Eu praticamente forcei Alex a participar desta loucura.

– Ah, pelo amor de Deus, digo eu! Ele se aproveitou da sua inocência. Usou esse joguinho de que você precisa trabalhar melhor os sentimentos para que concordasse com essa loucura depravada. Francamente!

Olhei minha amiga sem conseguir rebater. Durante todos os dias em que estive com Alex eu tive muitos tipos de medos. Medo de perder o meu projeto, medo de me envolver naquela loucura toda, medo que alguém descobrisse, medo que meu pai descobrisse, e isso era mesmo aterrorizante, mas tive um medo em especial: de Miranda e da sua obsessão pelo meu professor.

Mas naquele momento, enquanto ela gritava e me acusava, ou melhor, acusava Alex, eu não via um traço de inveja, rancor ou ciúmes. Nada. Ela apenas demonstrava o que uma amiga verdadeira demonstraria ao saber de algo tão absurdamente impossível que era extremamente difícil assimilar.

Ela não seria minha amiga de toda uma vida se não ficasse furiosa comigo. Por isso sorri relaxando.

– Pelo menos você não está chateada por eu estar com ele, né? Digo... por causa deste lance de aulas particulares... porque você queria ter uma chance – suspirei aliviada.

– Rá! Até parece que eu trocaria meu príncipe encantado por aquele depravado.

Tive que rir. Alex não era um depravado. Ele era lindo, educado, galante, encantador, perfeito! E eu suspirava por ele.

– Que bom – admiti.

– Não pense que vou engolir esta história, já imaginou se...

Meu telefone tocou e corri para atendê-lo sem me importar com o que minha amiga diria. Já sabia que Miranda não criaria mais problemas. Era só deixar que ela se acostumasse à ideia.

Olhei o visor e vi que era Alex. Sorri encantada.

Olhei sugestivamente para Miranda que imediatamente se calou e cruzou os braços, mas desistiu quando me viu quase quicando dentro do quarto.

– Ah, eu não vou ficar aqui vendo você adorar ser ludibriada por este tarado aliciador de garotas inocente – sorri para a minha amiga que saiu do quarto sem olhar para trás.

– Oi! – atendi tentando parecer tranquila, no entanto não foi o que aconteceu.

– Oi! – sua voz suave fez minha pele formigar. – Tudo bem com você?

– Hum... Sim.

Achei melhor não contar sobre a minha conversa com Miranda. Alex podia não gostar e desistir do nosso acordo. Faltava tão pouco, era melhor não arriscar.

– Está livre agora? – uau! Eram apenas quatro da tarde.

– O que tem em mente?

– Não vou poder te ver esta noite e seu tempo é bem curto, então pensei que poderíamos ter uma aula extra agora à tarde.

– Ah, tá! Muito perspicaz, professor Frankli. A aula extra será uma ótima opção, já que o senhor tem planos para hoje à noite.

Respirei fundo para não acabar com o encanto do momento. Era certo ele me fazer arder durante a tarde e à noite sair para um encontro, ou um possível encontro?

Claro que não era! E nós tínhamos um acordo.

– Por que a ironia, Charlotte?

– Nada.

– Tenho um jantar de negócios. Com a minha irmã caçula e, muito provavelmente, meu irmão do meio, além de nossa maior escritora.

– Ok.

– Estou passando para te pegar. Você tem cinco minutos – oi? Ele vinha me pagar? Nossa!

– Em cinco minutos, professor.

– Não se atrase, aluna – ele começava a gostar daquela brincadeirinha de professor e aluna. Dava para perceber.

– Quanta ansiedade!

– Você nem pode imaginar.

As borboletas já davam saltos panorâmicos em meu ventre. “Você nem pode imaginar”. Alex era uma loucura!

Entrei correndo no banheiro, tomei um banho bem rápido sem lavar os cabelos, coloquei um vestido leve, uma sandália baixa, um perfume discreto e saí apressada.

– Vai sair? – Miranda estava na sala com um livro no colo e o caderno ao lado.

– Vou – tentei não olhá-la diretamente. Não estava pronta para mais um sermão.

– Com “ele” – desdenhou o “ele”.

– Sim. Com o professor Frankli, Miranda – passei apressadamente por ela.

– Para mais uma aula de putaria? – ela provocou.

Parei virando de volta para a minha amiga. Ela colocou as mãos na cintura e me encarou. Estreitei os olhos sem deixar de olhá-la.

– É o que eu espero, Miranda.

E ficamos nos encarando por tempo suficiente para que ela caísse em uma gargalhada gostosa. Rapidamente a acompanhei sem conseguir me conter.

– Charlotte, você não existe – disse limpando as lágrimas que facilmente escorriam de seus olhos quando ela ria muito. – Onde já se viu fazer aula de sexo?

– Tem sido incrível! – ela deixou a risada morrer aos poucos e voltou a me olhar.

– Imagino – e me avaliou. – Tome cuidado. Eu já tive o meu coração partido. Tenho certeza que não é algo que você gostaria de colocar em seus livros – e eu pude sentir a verdade em suas palavras e o quanto ela realmente estava preocupada comigo.

– Fique tranquila, eu tenho tudo sob controle – ela andou até mim, tomando-me em seus braços.

– Amo você, Charlotte! – abracei minha amiga agradecendo por toda a sua dedicação.

– Eu também amo você.

E desci para encontrar o meu professor. À medida que o elevador se aproximava do meu objetivo meu coração martelava no peito. Será que eu sofreria? Será que me envolveria a ponto de ter um coração partido? As portas se abriram e eu saí para o saguão, sendo cumprimentada por todos, menos por Vítor que, graças a Deus, não estava na recepção.

Alex já me esperava.

Ele parecia tranquilo e estava incrivelmente lindo.

O sorriso que me deu quando entrei no carro foi avassalador e imediatamente senti meu sexo se manifestar.

Putaquepariu! Aquele homem mexia demais comigo.

Meus hormônios estavam numa desordem inacreditável.

Tenho certeza que corei e ele sorriu mais largamente afagando meu rosto com carinho.

– Cheiro bom! – deu partida no carro e seguimos em direção a casa dele.

– Chama-se banho, professor Frankli – ele riu.

Estava de ótimo humor. Graças a Deus!

Meu celular tocou. Era Johnny. Olhei para Alex em dúvida se deveria atender, mas preferi não ignorar o meu amigo – Oi!

– Oi, gostosinha. Como foi a sua noite?

– Não me chame assim – o repreendi, apesar de achar graça quando ele brincava daquele jeito comigo. – Foi ótima, e a sua?

– Ótima, com certeza. Então você não é mais virgem?

– Johnny! – revirei os olhos e percebi que Alex ouvia atentamente a minha conversa. – Meus pais chegam amanhã – desviei o assunto. Johnny riu.

– Vou dizer para o padrinho que te comi a semana toda – voltou a rir. – Aí, quando ele te forçar a ir para uma ginecologista e comprovar que já foi “deflorada” vai acreditar em minha história, e te forçar a casar comido.

Herança garantida!

– Você vai levar um tiro e meu pai vai ter um ataque cardíaco. Não sei se aguento perder meu melhor amigo e meu pai ao mesmo tempo – ressaltei o melhor amigo. Pela cara de Alex, ele não estava gostando muito da minha intimidade com Johnny. – Falo com você a noite, ok?

– Vai trepar agora? Safadinha você, hein, Charlotte Middleton? – fiquei mais do que vermelha.

– Você é um idiota, Johnny Middleton – dei risada e ele também. – E a resposta para a sua pergunta é, não. E antes que me pergunte qual das duas perguntas, eu respondo: as duas. Bom para você? Agora tenho que desligar. Tchau!

– Johnny Middleton? – perguntou tão logo desliguei.

Não gostei muito do tom de voz dele. – Vocês são primos?

– Não. A história é meio complicada. Meus pais são padrinhos dele e o adotaram quando ainda era muito pequeno. Somos meio que irmãos, mas gostamos de nos tratar como amigos inseparáveis.

– Ah, é! Vocês são amigos.

– Muito amigos – ressaltei. – Inseparáveis.

– Inseparáveis – repetiu a contragosto.

– É. Por quê? – ele suspirou pesadamente depois balançou a cabeça.

– Nada. Jonathan, ou Johnny, como você o chama.

Só agora eu entendi o apelido estrangeiro. Ele está sempre ao seu lado, só que a pele morena deixa claro que vocês não são irmãos. Levando-se em consideração que seus pais são como você, é claro. Pele muito branca... Essas coisas.

– Sim, são – respondi incomodada e ele concordou com a cabeça.

– Eu imaginei – disse docemente. Putz! Alex era uma caixinha de surpresas.

– Então você tem um jantar de negócios? – usei minha estratégia infalível de mudar de assunto para amenizar o clima.

– E você vai passar a noite com o seu “amigo”? – Oh, droga! Por que Alex não podia ser fácil como as outras pessoas? – Aliás, “muito amigo”, “inseparáveis”.

– Preferia passar a noite com o meu professor depravado, que se recusa a transar comigo, mas, mesmo assim, faz o diabo com o meu corpo... – dei de ombros enquanto ele me olhava chocado com as minhas palavras.

– Você tem compromisso, Alex. Só me resta comer besteiras com os amigos, assistindo a filmes antigos e repetitivos – sorri inocentemente.

– Você é inacreditável! – balançou a cabeça sorrindo. – E não estou me recusando a transar com você, Charlotte. Não mais. Eu vou te comer, muitas e muitas vezes, não agora e definitivamente, não enquanto você for minha aluna – seu tom de voz autoritário e decidido me surpreendeu e meu corpo inteiro respondeu a suas palavras.

Putá merda! Ele disse que ia “me comer”. Não “fazer amor”, “transar”, ou até mesmo “tirar a sua virgindade”. Ele disse “vou te comer” e essas três simples palavrinhas vibraram com tanta intensidade no centro entre minhas pernas que quase tive um orgasmo.

– Estou considerando a ideia de comprar um vibrador e perder a virgindade com ele. Aí ficaria mais fácil e você não teria mais desculpas – cruzei os braços tentando controlar meus hormônios. – Ainda vai demorar para eu deixar de ser sua aluna, Alex, logo, vai demorar para perder a minha virgindade.

– Não. Falta menos de um mês – sorriu escandalosamente. Fiquei boquiaberta e quase não consegui manter a minha respiração regular.

– Vai... – engoli em seco. – Me comer na minha noite de formatura? – seu sorriso foi revelador.

– Exatamente. Seu presente de formatura, por se formar com honras. Um final perfeito para quem conseguiu fazer um trabalho perfeito.

Porra! Meu corpo começou a queimar de dentro para fora. Puta que pariu! Que homem!

– Que foi? – riu. – Adoro isso em você, Charlotte.

Passa um bom tempo forçando a barra para transarmos e quando digo que vou fazer isso você cora e fica

parecendo uma criança assustada.

– Não estou assustada – desviei o olhar.

– Ótimo! Depois de me jogar no inferno, acho bom estar mesmo com coragem e disposição, Srta. Middleton, porque eu não abro mão – oh, Deus! Podia ser mais perfeito? – Chegamos.

Olhei pela janela e vi que estávamos parados quase em frente à casa dele. Merda! Eu já estava extremamente excitada.

Desci do carro, seguindo meu professor que caminhava despreocupadamente.

Entramos e imediatamente fui agarrada e imprensada na parede. A porta bateu com um baque surdo no mesmo instante em que Alex passava uma das mãos por baixo do meu vestido, apertando e explorando todo o caminho até chegar a minha bunda. Gemi em seus lábios.

Sua língua buscou a minha.

Correspondi, completamente extasiada. A surpresa não me deixava agir e quem era eu para fazer qualquer coisa? Alex se esfregava em mim, deixando que eu sentisse sua ereção já proeminente. Quando seus dedos invadiram minha calcinha, escorrendo pela minha bunda até encontrar meu sexo molhado, eu gemi descaradamente.

– Oh, Alex!

Então ele se apossou de meu pescoço acariciando-o, passando seus dedos na região entre minhas coxas que já estava muito sensível.

Em uma atitude ousada rebolei lentamente. Caralho!

Era bom demais. Alex me acompanhou rebolando no mesmo ritmo, seus dedos se aprofundando mais em alguns momentos. Ai, droga! Eu o queria ali. Queria desesperadamente.

– Você confia em mim?

Que pergunta! Eu estava quase gozando e ele me perguntava se confiava nele.

– Claro que confio! – continuei rebolando e sentindo seus dedos me acariciando. Aquilo era o céu e o inferno ao mesmo tempo.

– Quero fazer uma coisa com você. Mas preciso que confie em mim – ele parou de repente me deixando arfante e frustrada. Merda!

– Todos os dias eu imploro para que você tire a minha virgindade. Tem maneira melhor de demonstrar confiança em alguém?

Revirei os olhos e arqueei uma sobrancelha desafiando-o. Ele me olhou analisando a minha resposta e depois sorriu.

– Tem razão, Srta. língua afiada. Vamos ver o que esta boquinha deliciosa é capaz de fazer além de dar respostas rápidas.

Puta merda!

Alex me pegou pela mão e subimos em direção ao quarto. A cama estava desarrumada do mesmo jeito que deixamos quando saímos pela manhã. Ele me levou até ela e depois ficou de frente para mim. Sondou meu rosto.

Tentei não parecer assustada, mas não consegui esconder minha ansiedade.

– Quero prendê-la à cama – Oh, Deus! – Vou usar uma algema. Fique tranquila. É de pelúcia. Não vai machucá-la.

– Por que você quer me prender? – ok! Eu estava assustada e ao mesmo tempo bastante ansiosa.

– Porque quero que fique quietinha. Não vou prender suas pernas, só suas mãos. Confie em mim! – certo. Eu podia fazer aquilo. Fiz que sim com a cabeça. – Quero vendá-la também, tudo bem para você?

– Alex...

– Não quero que você fique olhando. Não se preocupe, vou dizer tudo o que pretendo fazer para que você permita ou não. Quero que apenas sinta sem raciocinar muito – fiquei insegura, mas... Puta merda! Era uma ideia deliciosa.

– Ok! – ele sorriu lindamente e me deu um beijo rápido nos lábios.

– Ótimo! Agora tire o vestido – o quê? Fiquei envergonhada de imediato. – Já te vi nua, Charlotte. Já toquei em todo o seu corpo – aquele sorriso diabólico estava presente. – E agora quero beijá-lo por inteiro.

Oh, merda! Oh, merda! Como ele me dizia aquilo assim, sem nenhum aviso prévio? Eu estava entrando em combustão.

– Controle sua ansiedade, Srta. Middleton. Tire o vestido e deite-se na cama.

Obedeci.

Alex subiu na cama me mantendo entre as suas pernas, deu um olhar de cobiça em meu corpo e gentilmente segurou meus pulsos, levantando-os e prendendo minhas mãos na cabeceira da cama com as algemas.

– Ficou ótimo! – avaliou e depois me encarou com olhos famintos. Puxei o ar com força. – Vou vendá-la agora. Tudo bem para você? – fiz que sim. Minha boca estava seca e minha garganta fechada. E em seguida. Eu não podia ver mais nada.

Alex vendei Charlotte e fiquei um tempo pensando se deveria ou não fazer o que pretendia. Se bem que, eu já tinha aceitado a ideia de que iríamos transar, a data estava definida, além disso a hipótese de termos um relacionamento depois não era mais algo tão improvável e impossível, então por que não?

Quando tomamos banho juntos, Charlotte tinha me pedido uma coisa. Um simples pedido que me levou à loucura. Ela queria que eu gozasse em sua boca. Puta que pariu! A menina era uma delícia e tinha uma capacidade absurda de me fazer perder o controle. Eu a queira como jamais quis qualquer mulher.

Por outro lado, Charlotte bem merecia umas palmadas pela conversa indecorosa que teve com o “amigo” ao telefone. Tenho certeza que ela sabia que o volume estava no máximo e que eu podia ouvir perfeitamente a conversa deles e mesmo assim permitiu que ele dissesse cada palavra. Este era um assunto a ser resolvido.

Levantei da cama e fui em direção ao closet. Abri a gaveta dos “brinquedos”, escolhi um óleo comestível sabor chiclete e voltei ao quarto. Ela se movimentava meio insegura, contorcendo as pernas em movimentos suaves que para mim eram muito excitantes. Parei para apreciar a imagem. Linda e só de calcinha.

Ah, Charlotte Middleton, todas as coisas que eu quero fazer com você!

– Charlotte? Tudo bem até agora?

– Sim. Onde você está?

– Bem pertinho de você. Estou te olhando e adorando o que estou vendo – instintivamente ela fechou as pernas e seu rosto corou. Sorri enlevado.

Tirei toda a roupa, ficando apenas de cueca e subi na cama, mantendo-a entre as minhas pernas.

– Vou fazer uma massagem em seu corpo e vou usar um óleo. Você vai gostar – ela respirou fundo e assentiu.

Joguei um pouco do líquido na mão e esfreguei uma na outra. Eu sabia que esquentaria quando tocasse a sua pele. Era uma sensação gostosa. Passei as mãos em seus ombros, apertando-os para que relaxasse. Subi pelos braços e desci rapidamente, indo em direção aos seios, mas antes de tocá-los despejei mais óleo e voltei a aquecê-los.

Quando minhas mãos tocaram seus seios, ela arqueou o corpo, gemendo manhosamente. Ah! Eu adorava sua reação. Gentilmente massageei o local e estendi a carícia à sua barriga, indo e voltando com a pressão correta. Brinquei um pouco com o bico prendendo-os em meus dedos e puxando-os.

Sem aviso, desci lentamente e assoprei um dos seios que eu estava acariciando. A região já sensível ficou ainda mais com o contato do meu hálito que esquentava o óleo. Charlotte gemeu mais abertamente me instigando a continuar. Fiz o mesmo no outro e ela adorou a sensação.

– Quero te beijar, aqui – passei as mãos em seus seios, esfregando os bicos por entre os dedos. Ela arqueou outra vez gemendo.

– Beije! – suplicou com um sussurro rouco.

Sem esperar por mais um pedido, deixei que meus lábios fossem até um dos seios, enquanto a mão estimulava o outro. Beije e chupei sentindo o sabor adocicado do óleo que se misturava ao sabor

delicioso de Charlotte. Suguei e mordei o bico.

– Oh, Deus! Alex...

Isso Charlotte! Eu me sentia poderoso quando ela gemia meu nome ou se desmanchava em prazer quando meus lábios a tocavam.

Após fazer o mesmo no outro seio e deixar Charlotte arfante, desci os lábios, assoprando, mordendo e lambendo sua barriga até alcançar o umbigo. Ali despejei mais um pouco do óleo e voltei a beijá-la com mais intensidade.

Era delicioso!

Estava determinado a ir até o final, então desci mais, passando a língua pela barra da sua calcinha.

Charlotte instantaneamente parou um pouco alarmada, porém não disse nada.

– Vou tirar a sua calcinha – avisei e aguardei pela sua permissão. Charlotte hesitou ligeiramente e concordou.

Charlotte Oh, merda! Eu queria muito aquilo. Desejei aquele contato desde quando me dei conta do quanto precisava dele em mim. No entanto, eu estava confusa, com medo e tensa, sem falar da enorme vergonha que estava sentindo.

Ainda bem que não podia vê-lo. Alex era ótimo em me ler. Ele sabia que eu não conseguiria se tivesse que olhar em seus olhos, por isso tinha me vendado.

Mesmo envergonhada eu ansiava por senti-lo. Eu queria seus lábios... ali. Queria sua língua me provando.

Oh, Deus! Eu queria tanto. Então concordei.

Aos poucos fui sentindo a minha calcinha sendo retirada. Não poder enxergar aguçava todos os outros sentidos. O roçar dos dedos dele em minhas coxas me deixou arrepiada, além de quente. Eu estava incrivelmente molhada, será que era normal fazermos aquilo enquanto eu estava assim? Oh, merda! Aquilo me deixava terrivelmente embaraçada.

Alex disse, na nossa primeira aula, que esta reação era boa e correta. Será que era para sexo oral também?

Ai, meu Deus! Eu deveria alertá-lo? Não. Nunca teria coragem de fazer isso. Meu professor era experiente e deveria saber no que estava se metendo... Quer dizer...

Não propriamente se metendo, já que não teríamos penetração...

“Oh, droga! Por que estou pensando neste tanto de bobagens enquanto sei que estou nua, algemada e vendada, molhada, aguardando pelos seus lábios em meu sexo?

Droga!” Seus dedos hábeis me tocaram. Estremeci com o contato. O toque foi leve, um tanto quanto

carinhoso e íntimo, muito íntimo. Seus dedos, três, me acariciavam.

Ouvi seu gemido. Era delicioso saber que ele gostava de me tocar.

– Ah, Charlotte! Sempre tão deliciosamente molhada. Gosto muito disso em você – continuou com a carícia e eu me sentia escorregando na beira de um precipício. – Vou usar o óleo aqui também. Não se assuste. Esquenta como o que usamos no banheiro.

Não consegui responder. Todas as palavras tinham fugido e aguardavam ansiosamente pelo que aconteceria.

Quando estamos ansiosos um segundo parece uma eternidade. Alex demorou muito, em compensação, quando senti sua mão se fechar em meu sexo, fazendo com que o líquido aquecido se misturasse à minha excitação, soltei o gemido mais alto e extasiado de todos os que eu emitira anteriormente.

Seus dedos se demoraram um pouco mais ali, acariciando e excitando. Deixando que o líquido se espalhasse e aquecesse antecipando o que viria em seguida. Ele parou e eu preendi a respiração.

Seus lábios tocaram minhas coxas me fazendo tremer com o contato. Ele estava muito próximo, quase lá e eu me segurava para não me contorcer de tanta ansiedade. Ele brincou comigo. Sabia que eu estava no último estágio, que em breve explodiria, mesmo assim, sua língua passou pela minha pele, em minha coxa e seus dentes arranharam o local. Puta merda!

E então... Ah, Deus! Ele assoprou levemente e todo o meu corpo ficou quente. Gemi quase chorando e no mesmo instante ele me beijou... lá. Céus!

Alex fechou os lábios e os movimentou como se estivesse beijando a minha boca, mas ele beijava bem lá, no meio das minhas pernas, eu estava arfando e me contorcendo enlouquecida de tanto prazer.

Seus lábios passearam por toda a região, em seguida dedicou sua atenção ao pequeno ponto de prazer, meu clitóris. Ele passava a língua em movimentos circulares, depois fechou os dentes pressionando levemente. Pensei que gozaria naquele momento, então Alex me abandonou.

Tentei controlar a respiração. Aí ele voltou chupando com mais intensidade, e eu praticamente gritei.

Por duas vezes Alex repetiu o movimento, passou a língua, mordeu e chupou, quando partiu para a terceira, meu corpo inteiro se desfez.

Gritei sentindo todas as minhas células expandirem e se espalharem pelo universo. Tenho consciência de que o prazer percorreu meu corpo em segundos, aquecendo a pele, queimando da maneira mais gostosa possível e que, durante todo o tempo, eu gritei por ele, me dissolvendo em seus lábios poderosos.

Aos poucos fui voltando ao planeta terra, me situando no Brasil, localizando-me no Rio de Janeiro e centrando-me na casa de Alex, em seu quarto, sua cama.

Putz! Eu tinha gozado na boca do meu professor.

Putz duas vezes! Eu tinha adorado!

Alex subiu pelo meu corpo com beijos carinhosos, chegando ao pescoço e depois nos lábios. Um doce e suave sabor, provavelmente do óleo, se misturava ao salgado, provavelmente do meu gozo.

Ele tirou minha venda e eu encontrei seus olhos, ainda brilhando de excitação. Pisquei algumas vezes para me adaptar à luz que banhava o quarto. Meu professor sorria. Era perturbador e sexy ao mesmo tempo. Soltou minhas mãos, acariciou meus pulsos, tudo sem sair de cima de mim e sem deixar de salpicar beijos leves em meu rosto, lábios, seios e pescoço.

– Agora, aluna aplicada, é a sua vez.

Putaquepariu! Meu sangue recomeçou a borbulhar .

Capítulo 13

“A vida tem cada vez mais obstáculos, principalmente quando e/se está apaixonado...”
William Shakespeare

Charlotte

– Agora, aluna aplicada, é a sua vez.

Puta que pariu! Meu sangue recomeçou a ferver.

Alex me olhava com olhos ferozes e famintos, como se fosse me atacar. Meu único desejo e pensamento era que ele realmente o fizesse.

Estar com o meu professor me colocava em um mundo particular. Uma atmosfera apenas nossa, onde poderíamos ser e fazer o que quiséssemos. Quando estávamos na cama, mesmo que ainda não fosse da maneira que desejávamos, esquecíamos que existiam obstáculos que precisaríamos enfrentar, problemas sérios e que as consequências daquela brincadeira poderiam ser irreversíveis.

Mas, como eu disse, quando estávamos nos braços um do outro, este pensamento não existia, e eu não entendia o porquê. Por que tudo do lado de fora não tinha relevância quando ele me beijava? Por que até mesmo o meu projeto perdia a importância quando meu professor me tocava?

Eu não entendia, só sabia, dentro de mim, que mesmo sem ter certeza de nada, Shakespeare sempre tinha razão. Nenhum caminho era fácil quando havia envolvimento emocional, no entanto, estranhamente, os casais pareciam não se importar. Eles simplesmente seguiam.

E era o que eu estava fazendo ali, com o meu professor me encarando em expectativa. Naquele momento, nada em minha vida era mais importante do que ter Alex em minha boca. Tudo que eu queria era sentir seu gosto, a textura de seu membro e saber até onde poderíamos chegar. Eu o queria e este era o meu objetivo.

Tê-lo para mim e em mim.

– Charlotte, seu rosto corado deveria ser um motivo para me obrigar a parar, no entanto, todas as vezes que a vejo desse jeito tenho vontade de ultrapassar todas as barreiras. É um estímulo muito forte.

Seus dedos acariciavam meu rosto e cabelos, colocando-os atrás da orelha, como se eu fosse uma menina inocente a um passo da perdição. Bom... Esta era mesmo a minha realidade. Meus olhos não deixavam os dele, tentando descobrir como iniciar o que tanto desejávamos.

– Uma moeda de ouro pelos seus pensamentos – sussurrou e sorriu gentilmente.

O vermelho de meu rosto se espalhou pelas orelhas e desceu pelo pescoço. Engoli em seco. Alex sorriu mais largamente e beijou meus lábios com doçura.

– Diga. Precisamos fazer isso juntos.

Sua voz calma e quente entrava pelos meus ouvidos e acionava os botões em meu ventre que me envolviam ainda mais naquela deliciosa necessidade que eu sentia dele.

– Eu quero...

Fechei os olhos bastante constrangida, era algo inacreditavelmente íntimo, mas eu precisava dizer.

Estávamos juntos em toda aquela loucura. Abri os olhos encarando seu rosto e me enchi de coragem.

– Quero fazer isso... sentir o seu gosto... em minha boca.

Alex fechou os olhos como se minhas palavras fossem fortes demais para ele. Mordendo o lábio inferior puxou o ar com força e, quando abriu os olhos novamente, eles estavam negros, luxuriosos e penetrantes, alcançando não somente a minha alma, também me tocavam e estimulavam bem... lá. No centro entre as minhas pernas.

No mesmo lugar onde seus lábios brincaram.

Ele baixou o olhar e seus olhos quentes como brasas percorreram meu corpo nu. Uma de suas mãos desceu pela minha cintura, alcançando minha perna e acariciando minha coxa. Depois refez o caminho utilizando a mesma intensidade que me incendiava de dentro para fora.

– Eu também – disse por fim. – Venha – me puxou e rolamos no colchão. Rapidamente eu estava sobre ele.

Meu professor se acomodou no travesseiro e me aguardou. Seus olhos atentos me paralisaram impedindo-me de iniciar.

“Oh, droga! Como devo fazer? Merda!” Ele continuava me olhando, aguardando ansioso me deixando cada vez mais envergonhada. Deveria haver um “manual de práticas pré-sexuais para virgens” ou qualquer coisa parecida. Seria bastante útil naquele momento. Meu professor sorriu. Droga! Ele se divertia com minha falta de experiência.

– Por que não começa com o gel? Faça como eu fiz em você.

Mordi os lábios adorando a ideia de poder tocá-lo completamente sem nenhum empecilho. Será que eu saberia como fazer? Sim, eu saberia. Seria como da primeira vez, tocar como ele já havia me ensinado.

– Tome – ele me entregou o pequeno frasco. – Passe um pouco nas mãos e esfregue uma na outra para aquecer.

Obedeci ciente de que seus olhos me acompanhavam como um bom mestre faz com seu aluno.

Com o óleo aquecido nas palmas das mãos me preparei para iniciar meu trabalho, mas parei antes de alcançar seu peitoral.

– Devo usar as algemas e vendá-lo também? – Alex riu e umedeceu os lábios.

– Não. Como seu professor devo guiá-la, Charlotte – estreitou os olhos e sorriu de alguma piada interna o que me deixou intrigada e ao mesmo tempo irritada. – Calma!

Estava apenas pensando no que você seria capaz de fazer, caso eu permitisse que me algemasse. – ah!... Ahhhhhh!

Sorri maliciosa. Eu realmente faria. – Foco, Charlotte! O óleo – sugeri.

Imediatamente coloquei minhas mãos sobre seu peito e comecei a massagem. Alex me observava. Suas pupilas dilatadas, a respiração ficando instável e acelerada.

– Pode espalhar o óleo por onde desejar.

Ok! Corri as mãos pelos seus ombros e bíceps bem trabalhados e adorei a sensação dos seus músculos retesando ao meu toque. Vóltei ao peitoral e descí pela barriga. Ele se mexeu um pouco e eu parei instantaneamente buscando seus olhos.

– Continue – a voz rouca foi um excelente incentivo.

Meu professor estava deitado com as pernas entre as minhas, eu sentada sobre ele com as mãos massageando eroticamente o pé da sua barriga. Alex mordeu levemente os lábios e fechou os olhos quando deixei meu indicador correr pela borda da sua cueca.

– Quero que você tire – pedi ainda com a voz baixa.

Eu podia ver sua ereção quase saltando de dentro do tecido e só esta ideia já me deixava com a mente inundada de imagens e sensações.

Alex se movimentou embaixo de mim e, com a minha tímida ajuda, retirou a cueca sem demonstrar embaraço. Ele estava muito confortável o que me fazia desviar o foco e me perder em pensamentos pecaminosos.

– E agora?

Perguntou observando atentamente minhas reações.

Meus olhos estavam fixos em seu membro completamente rígido. Involuntariamente umedecei os lábios.

– Puta que pariu, Charlotte, não faça isso! – rosnou.

– O que eu fiz? – murmurei sem saber ao certo o que tinha feito de errado para causar aquela reação.

– O que você fez? O que você sempre faz, menina.

– Alex, eu... – mordi o lábio inferior.

– Continue, Charlotte... – fiquei sem saber o que dizer. – A massagem... o óleo – revirou os olhos me

deixando completamente sem graça.

– Ok!

Peguei mais um pouco do óleo e esfreguei as mãos aquecendo o líquido. Sem mais conversa peguei seu membro sentindo o tecido escorregar com facilidade devido à lubrificação extra. Meu professor arqueou o corpo e soltou um gemido que me acendeu totalmente.

Meu íntimo estava em festa, porque eu adorava ver Alex daquela maneira. Tão entregue.

– Assim, Charlotte! – movimentou seus quadris na direção das minhas mãos. Aumentei a pressão e ele gemeu mais me deixando quase em êxtase.

Corri minha mão em seu pau mantendo-o preso entre meus dedos e comecei a masturbá-lo. Subindo e descendo.

Eu sentia que o produto esquentava ainda mais em meus dedos, eu acelerava e parava para potencializar os efeitos.

Quando estava no meio destes movimentos subindo e descendo, vagorosamente, me armei de coragem para fazer o que almejava.

Ele estava de olhos fechados se deleitando com o calor do óleo e os movimentos implacáveis da minha mão.

Eu muito excitada e louca de vontade de colocá-lo em minha boca. Sem que ele percebesse, inclinei minha cabeça em sua direção e, quando terminava o subir de minha mão, reiniciei o movimento de descida, só que com os lábios.

– Ah! Charlotte!

Gemeu como nunca havia feito antes. O som foi extasiante.

Totalmente “orgástico” e me deixou completamente molhada.

Desci os lábios sentindo-o entrar em minha boca.

Céus! Não cabia totalmente. Quando chegou ao ponto em que eu sabia que não daria mais, apertei os lábios e o suguei. Achei que a seria uma ótima maneira de fazer, uma vez que, o termo utilizado pelas pessoas era “chupar”, então este deveria ser o movimento correto. Ou não?

Bastou sugar seu membro, comprimindo-o em minha boca para que Alex soltasse outro gemido daqueles de derreter qualquer calcinha. Ainda bem que eu não estava com a minha. Suas mãos agarraram meus cabelos, segurando com delicadeza as laterais do meu rosto acariciando-o. Subi os lábios imitando o movimento que minha mão fazia, deixando minha língua roçar toda a sua extensão. Queria sentir o seu sabor, a sua textura.

– Oh, céus!

Seus quadris levantaram em direção à minha boca e ele se enterrou um pouco mais fundo. Hum! Assim era gostoso. Era como se minha boca estivesse sendo fodida.

Pensar nisso fez com que todas as borboletas que voavam alegremente pelo meu estômago começassem a dar rasantes.

Era extremamente excitante.

O gosto de chiclete do óleo era bom, tornando tudo mais doce. O sabor de Alex era magnífico e o cheiro então... porque sim, eu sentia o seu cheiro com mais potência, estando tão perto, e era... era inebriante.

Sabonete, óleo e Alex, nu e cru, e todinho em minha boca.

Ah, Deus! Era bom demais para ser verdade.

Agradei mentalmente por todos os filmes pornográficos que forcei Johnny a me mostrar.

Guiada por seus gemidos e os movimentos dos seus quadris, estabeleci um padrão para satisfazer nossas necessidades. Eu segurava a sua base com a mão e, aos poucos, o enterrava na boca aprofundando mais até senti-lo em minha garganta. Era um pouco angustiante. Eu tinha medo de forçar vômito, mas para minha satisfação Alex parecia se encaixar em mim com perfeição, acomodando-se como podia.

Quando estava descendo, o acariciava com os lábios e a língua, fazendo movimentos circulares e quando levantava o sugava com força até chegar na cabeça onde passava a língua e sugava mais sofregamente, para depois recomeçar.

Ok! Alex com a cabeça entre minhas pernas foi algo maravilhoso. Digno de um troféu. Eu poderia passar horas aplaudindo o seu desempenho de mestre, mas cá entre nós, eu estava arrancando dele os mais deliciosos gemidos, sem contar com as palavras impróprias que ele dizia todas as vezes que meus lábios sugavam a cabeça do seu pau.

Acho que eu merecia uma medalha de ouro.

– Assim, Charlotte. Isso... Ah! Deus...

Ele continuava gemendo e forçando seu pau extremamente duro e inchado em minha boca e garganta...

eu o sugava, lambia e chupava sem me fazer de rogada.

Era exatamente o que eu queria. E estava adorando.

– Vamos parar agora, Charlotte. – a quê? Por quê?

Não o deixei sair. Segurei com mais força e o suguei avidamente. – Ah. Meu. Deus! – Aproveitei sua reação e o enterrei ainda mais profundamente. Aumentei o ritmo. – Charlotte! – rosou levantando os quadris e estocando com força. – Eu vou... Charlotte...

Ah vai sim, Alex! É exatamente o que eu quero.

– Charlotte... Por favor!

Fui até a ponta do seu membro enquanto descia a pele com minhas mãos, como se o masturbasse. Fechei os lábios na cabeça do seu pênis e o suguei forçando-o em minha boca. Os lábios impediam que ele entrasse todo de uma vez. Como se estivesse tirando a minha virgindade.

– Puta que pariu! – ele forçou a entrada e eu o recebi chupando-o e masturbando-o. – Você vai me fazer gozar, menina – rosnou. Foi como se as palavras estivessem presas em sua garganta.

Intensifiquei os movimentos em um pedido mudo para que ele realmente gozasse. Eu queria que o fizesse, naquele momento e completamente enterrado na minha boca.

– Ah, Charlotte, ahhhhhh!

O jato grosso, quente e viscoso atravessou minha boca escorrendo pela minha garganta. Suas mãos firmes seguraram meu rosto impedindo que eu continuasse me movimentando.

Alex levantava os quadris enterrando em minha boca seu membro úmido e pulsante, saindo com movimentos lentos. Saboreei cada gota do seu gozo, ciente de que cada pouquinho daquela inundação era o desejo de Alex se liquefazendo em mim.

E eu amava o seu desejo, por isso amava seu gozo.

Nenhuma gota foi desperdiçada. Eu o recebi com orgulho e prazer.

Alex Charlotte me olhou com o rosto ainda um pouco corado. Eu ofegava, resquícios de um orgasmo incomparável. Tudo porque um dia, aquela linda criatura achou que seu humilde professor deveria ajudá-la a descobrir o sexo.

Puta que pariu! Como eu pude acreditar que não me envolveria? Desde o primeiro dia, quando a beijei pela primeira vez soube que estava perdido. Charlotte me seduzia com apenas um olhar.

E agora, vendo-a sorrir timidamente, com os lábios ainda brilhando, lambuzados com o que tinha escapado do meu gozo e vendo o quanto estava satisfeita com o próprio desempenho me deixava... orgulhoso? Talvez, mas era mais. Muito mais. Eu estava encantado. Completamente deslumbrado.

Charlotte Middleton, virgem, minha aluna, que havia seguido todas as minhas instruções, me fascinava e seduzia, quando demonstrava sua enorme satisfação em aprender. Porra, Charlotte! Eu queria jogá-la naquele colchão e possuí-la. Mas esse era um passo muito grande.

“Calma, Alex! Falta muito pouco”.

– E então?

Ela me questionou com um misto de ansiedade e insegurança. Sorri e umedeci os lábios. Eu estava atordoado com o orgasmo que ela havia me proporcionado. E eu que acreditei que poderia me abster desta sensação enquanto estivéssemos juntos. Deixei que um risinho escapasse.

– O que foi? – questionou apreensiva.

– Você me surpreende, aluna.

Puxei Charlotte para junto de mim e beijei o alto da sua cabeça para depois jogá-la para o lado e me posicionar ao seu lado, virando-me para olhá-la nos olhos. Ela soltou um risinho infantil.

– Surpreendo?

– Sim. Seu desempenho foi... impecável – ela sorriu lindamente.

– Impecável – repetiu e o vermelho de seu rosto começou a se espalhar queimando a minha pele. Era uma delícia assisti-la corando.

– O que me faz pensar se... – arqueei uma sobrancelha.

O pensamento chegou a ser incômodo. Não gostava nem de imaginar Charlotte com outro homem, mesmo sendo uma experiência do seu passado.

– O quê? – ela me encarou curiosa, mas rapidamente entendeu o que eu estava tentando dizer. – Alex! – ficou indignada.

– Tá, tudo bem! Fiquei apenas curioso – ela continuava contrariada. – Ei! Não fique irritada. Eu só pensei se já não teve esta experiência antes. Você foi incrível, Charlotte. Deve concordar comigo que para uma garota que nunca sequer tinha beijado outro cara fazer um boquete tão perfeito não era o esperado, não é?

Ela fez cara de inconformada com o que eu acabara de dizer e forçou o corpo para se levantar da cama.

– Para, Charlotte! – comecei a rir. – Como você é estressada, garota.

– Eu? Estressada? Porra, se você acha mesmo que já tive outras experiências como esta então por que não me come logo de uma vez? Fica todo cheio de frescura porque eu sou virgem, porque sou sua aluna, o diabo a quatro e não me come. Nem mesmo quando acha que outro homem já enfiou o pau na minha boca. Fala sério, Alex!

Putaquepariu! Aquela boca suja nunca mudaria.

– Ok. Chega! Você conseguiu – deitei de lado deixando-a livre para levantar. Mas Charlotte não levantou. Ficou deitada encarando o teto, assim como eu.

– Você começou – ela falou, após vários minutos em silêncio.

– Não sou mais um adolescente, Charlotte. Não fico nesta disputa de quem começou e quem não começou. Eu apenas explanei uma ideia e você nem precisava ficar toda ofendida, muito menos deixar que sua boca suja se apresentasse.

– Ah é! Sou uma boca suja. Agora estou mesmo com a boca completamente suja de porra. Acabei de chupar o meu professor.

Levantei, sentando na cama para encará-la. Não conseguia acreditar no que ela tinha acabado de dizer.

Charlotte me encarou com os braços cruzados no peito nu, o rosto vermelho e os olhos brilhantes. Ficamos nos encarando até que ela riu. Foi impossível não acompanhá-la.

– Puta merda! Você é muito sacana, Charlotte – e demos risada até não aguentarmos mais.

Parei sobre ela e beijei rapidamente seus lábios.

– Ah não, Professor Frankli, você me disse coisas muito ruins – ela desviou os lábios dos meus ainda rindo.

– Eu não fiz nada. Esqueça – beijei seu pescoço e acariciei seu corpo. A pele de Charlotte era deliciosa.

Ela se movimentou na direção da minha mão, completamente à vontade comigo e nossas carícias.

Graças aos nossos encontros, Charlotte se conhecia muito bem, sabia o que queria e o que gostava, o que era maravilhoso. Desci meu rosto em busca de seus seios e quando os encontrei brinquei com eles, lambendo, mordendo e chupando. Minha aluna gemia sem pudor, acariciando meus cabelos e mantendo meu rosto preso nas carícias que eu deixava em seu corpo.

– Minha nossa, Alex. Você é insaciável – ela gemeu ao sentir minha ereção roçando sua pele.

– E você é uma diabinha muito gostosa, Charlotte Middleton. – Olhei para cima encontrando seus olhos. Ela sorriu e me chamou de volta para seus lábios. Obedeci.

Beijamo-nos apaixonadamente. Eu a sentia inteira, sem nenhuma barreira ou empecilho. Como eu a queria!

Charlotte abriu as pernas mantendo-me entre elas, nossos sexos em contato, desfrutando um do outro, se experimentando, encontrando o caminho para que pudéssemos nos completar. Eu queria, infelizmente ainda não podia.

– Faça amor comigo, Alex– ela pediu entre meus lábios. – Eu quero você, apenas você. Não me faça esperar mais.

Aquelas palavras... Porra, como ela conseguia?

Droga! Eu estava tão perto. Apenas um movimento e estaríamos entregues. Merda! Eu não podia. Não sem ter a certeza de que Charlotte não seria prejudicada.

Porra! Por mais que a desejasse eu era o seu professor e, para piorar a nossa situação, também o responsável pelo seu trabalho de conclusão de curso, não podia simplesmente achar que as pessoas entenderiam.

Ela poderia ser desacreditada e eu também. Não podíamos nos arriscar.

Por outro lado, como dizer não? Puta merda! Gemi em seu pescoço ainda muito tentado. Era só um movimento. Um só, não haveria mais volta.

– Espere por mim, Charlotte – parei tudo o que estávamos fazendo e procurei seus olhos. – Eu quero você como nunca quis mulher alguma. Acredite! Mas nós teremos que esperar.

– Eu não quero esperar – disse manhosa. – Não quero esperar. Por favor! – Se agarrou ainda mais a mim buscando meus lábios.

– Charlotte... – gemi quase cedendo a seus apelos. – Não faça...

– Por favor, Alex! – Se movimentou aumentando o atrito entre nossos sexos. – Agora, por favor! – Charlotte me beijava com cuidado enquanto seu corpo se esfregava no meu. Suas mãos acariciavam meus cabelos e costas e suas pernas estavam agarradas em minha cintura.

“Ah, droga! Para que esperar? Agora ou daqui a duas semanas não faria muita diferença”.

Levantei o corpo pronto para penetrá-la quando a campainha tocou. Imediatamente fui levado de volta à realidade.

Putaquepariu! O que eu estava fazendo?

Charlotte Droga! Nem consigo acreditar que justamente quando Alex estava quase cedendo, algum idiota apareceu para atrapalhar. Quem seria? Merda! Eu ainda estava queimando por dentro.

Alex levantou meio atordoado. Ele me encarava confuso, depois olhou para a janela do quarto. Forcei meu corpo a aceitar que precisávamos parar, pelo menos por enquanto.

– Deixe-me ver quem é – a campainha tocou de novo. Puxei o cobertor e me cobri. Ele foi até a janela e cautelosamente olhou para fora. – Merda! – O som da campainha voltou a preencher o ambiente. Quem estava do lado de fora parecia com pressa. – Acho que você vai conhecer minha irmã – olhou para mim e sorriu timidamente.

– Eu? Por quê? – entrei em pânico. – Alex...

– Ninguém consegue enrolar Lana, então é melhor você se vestir e descer comigo – pegou suas roupas do chão se vestindo em tempo recorde. – Vamos, Charlotte! É melhor fingirmos que estávamos estudando e rolou uns amassos do que deixá-la descobrir o que estava acontecendo de verdade.

Pulei da cama e peguei meu vestido só não encontrei minha calcinha. Alex sorria cinicamente. A campainha tocou outra vez e ele olhou para a janela contrariado.

– Ela não vai desistir. Vamos, acho que você vai precisar disso – tirou minha calcinha do bolso e me entregou. Olhei-o incrédula. – Vista logo ou vou te arrastar lá para baixo sem ela – caminhou em direção à porta. – Pegue o notebook.

Peguei tudo, vesti minha calcinha e corri atrás dele pelas escadas enquanto a campainha tocava de novo. Alex apontou para a bancada da cozinha e eu corri para lá abrindo o computador procurando desesperadamente pelo meu texto.

– Por que a demora?

Uma voz feminina invadiu a sala. Não era a voz de uma mulher mais velha, era até um tanto infantil, apesar de possuir a segurança típica de mulheres experientes e vividas, ou que sabiam exatamente o que queriam.

– Estava... – meu professor fez uma pausa rápida, passando as mãos nos cabelos. – Estou trabalhando. Ia ignorar porque não sabia que era você, mas como insistiu demais...

– Trabalhando?

Levantei o rosto na direção da porta que Alex segurava e vi uma mulher baixinha, com cabelos negros curtos num corte incrivelmente moderno, maquiada como uma modelo, usando um vestido vinho lindo e saltos altos, não consegui imaginar mais ninguém além de Lana. No mesmo instante nossos olhos se encontraram. Sorri sem graça e ela retribuiu curiosa.

– Ah! – disse por fim com uma cara de quem diz “entendi tudo”, e deu um beijo no rosto do irmão fazendo uma careta. – Que cheiro é este de chiclete?

Putá merda! Meu rosto pegou fogo. Claro que ela sentiria o cheiro. Trabalhamos com a boca e com as mãos, em alguns lugares dos nossos corpos aos quais ela teria acesso. Tive vontade de simular um ataque cardíaco.

Logo em seguida o professor Prado, João, como ele mesmo pedia para ser chamado, entrou se posicionando atrás da mulher. Os três juntos eram o retrato da perfeição.

Sim, porque Lana era tão linda quanto o irmão, apesar dos olhos escuros, e o professor Prado era o típico garoto carioca, apesar de não ser mais um garoto.

Ele era loiro, alto, cabelos aparados dos lados e um pouco maior em cima. Tinha a pele bronzeada, um molejo estilo surfista, olhos verdes que pareciam uma azeitona e um sorriso que revelava uma fileira de dentes brancos e perfeitos, que faziam as garotas da faculdade suspirarem.

No momento em que me viu um sorriso debochado surgiu em seus lábios. Puta que pariu! Alex tinha contado a ele. Não havia como duvidar. Meu rosto não podia ficar mais vermelho e quente.

– Cheiro de chiclete? – olhou para Alex e evitou apertar a sua mão. Meu professor estreitou os olhos e ele sorriu largamente. – Vejo que acabamos de interromper uma aula extra – João falou ainda ostentando seu sorriso debochado. Alex pigarreou desconcertado. Voltei a olhar a tela do computador.

– Charlotte trouxe sorvete, mas já acabou – disse com aquela cara de garoto flagrado aprontando. Tive vontade de atirar o computador nele. Era melhor ignorar do que inventar desculpas esfarrapadas.

– Sorvete de chiclete? E vocês se lambuzaram?

Porque você está cheirando a tutti frutti, Alex – Lana rebateu encarando o irmão.

– Sorvete de tutti frutti – João disse com aquele sorriso sacana e eu vi quando Alex desviou os olhos e colocou as mãos nos bolsos da bermuda. – Não conheço este sabor. É novo?

Filho da puta!

– Pois é. Eu também não – Lana colaborava sem saber o que fazia. Ela parecia apenas curiosa, enquanto João...

– É importado. Charlotte é inglesa, sabia?

Apontou para mim que sorri sem graça por estar prestando atenção a eles. Lana sorriu de volta e andou em minha direção deixando os dois sozinhos. Ainda vi Alex negar com a cabeça para o amigo que riu baixinho.

Merda!

– Inglesa? Que interessante – e continuou sorrindo enquanto me avaliava.

– Naturalizada brasileira. Moro aqui desde que me conheço por gente – eu disse timidamente.

– Legal! – sorriu ainda mais. – Adoro a Inglaterra!

Alex te contou que nossos antepassados vieram de lá? Eu vou pelo menos uma vez por ano a Londres. De que lugar você é?

- Londres – admiti ainda desconfortável.

Principalmente com o professor João me encarando com aquele sorriso bobo que dizia “eu sei o que vocês estavam fazendo”. – Não. O professor Frankli não me contou sobre o seu sangue inglês.

– Você tem algum parentesco com a família real?

João se aproximou demonstrando interesse na conversa. Aquela era a pergunta mais idiota que as pessoas costumavam me fazer sempre que descobriam de onde eu vinha. Eu ri baixinho, enquanto eles me encaravam aguardando pela resposta.

– Não. Eu nunca sequer os conheci. Eles são meio que como os artistas dos filmes americanos. Celebidades – sorri sem graça. – Então Frankli é um sobrenome inglês?

– mudei o rumo da conversa.

– Sim. Mas não temos mais parentes por lá – Lana respondeu sem perder a sua animação. – Nós atrapalhamos vocês dois, não foi? – olhou diretamente para o meu computador. Tive ímpeto de fechá-lo, mas me contive rapidamente.

– Tudo bem. Eu e Charlotte estávamos repassando um dos seus textos. Ah... Charlotte esta é minha irmã, Lamara. Lamara, esta é minha aluna, Charlotte. Sou o orientador dela e estamos trabalhando em seu livro de conclusão de curso – Alex sorriu sem graça e passou a mão na testa.

– Prazer, Charlotte! – e se aproximou beijando o meu rosto. – Vocês realmente se lambuzaram de sorvete.

Charlotte também está cheirando a chiclete – e eu pensei que meu rosto explodiria com a vermelhidão

que se espalhava pelo meu pescoço e orelhas queimando tudo. – Ainda quero provar este sorvete. Dá próxima vez me convidem. – só então percebi que eu prendia a respiração.

Soltei o ar me sentindo meio tonta.

– Lamara? Lana... – tentei sair do assunto. Ela fez uma careta engraçada e Alex riu disfarçadamente enquanto João Pedro tentava esconder sua vontade de rir.

– O idiota do meu irmão não sabia falar o meu nome quando eu nasci e me chamava de Lama, adaptou para Lana, aí o apelido pegou. Para ser sincera Lamara foi uma forma do mesmo idiota se vingar por eu ter atrapalhado vocês. Use sempre o Lana, por favor! – olhei para Alex e sorri. Ele era inacreditável. Retribuí o sorriso e a irmã notou que havia algo mais entre nós do que simples professor e aluna. Fiquei sem graça.

– Tudo bem. Acho que já conseguimos adiantar o suficiente – meu rosto continuava corado. Vou para casa agora – e comecei a fechar o computador pronta para me mandar dali.

– Não! – Alex falou. No mesmo instante se deu conta da sua reação exagerada. – Existem algumas partes que ainda gostaria de rever com você. Lana e João com certeza não vão demorar. Por que não aproveita para escrever enquanto conversamos na sala?

Fiquei sem saber o que responder. Como Alex parecia empolgado para continuarmos, meu ventre se contorceu. Resolvi que poderia ficar por ali, escrevendo, enquanto ele não voltava para mim e nós voltávamos para a sua cama.

Eles caminharam para a sala enquanto eu dedilhava algumas palavras. No entanto meus ouvidos estavam atentos à conversa.

– E então? – Alex começou.

– Com pressa? – João provocou.

Tive vontade de levantar os olhos e verificar a reação de Alex, porém mantive minhas vistas fixas na tela e continuei escrevendo palavras que eu tinha certeza não fariam o menor sentido.

– Só não sei o que vocês podem querer comigo agora, já que estaremos juntos mais tarde – uau! Ele estava ansioso para voltar para os meus braços. Como eu queria sentir os seus naquele momento.

– Temos um problema e precisamos combinar algumas coisas antes de nos encontrarmos com Tiffany – Lana começou a falar ganhando a atenção do irmão e despertando completamente a minha. – Ela está um pouco relutante em assinar um novo contrato com a gente. Não sei o motivo. Somos a sua melhor opção, também sabemos que se ela for para qualquer outra editora, esta começará a crescer devido ao sucesso dos seus livros.

– Ela recebeu alguma proposta? – Alex assumiu um tom mais sério e interessado.

– Minhas fontes informaram que a agente de Tiffany almoçou com o pessoal da Pégaso. O que não quer dizer muita coisa. Todas as editoras sondam nossa melhor autora. Seus livros são sucesso garantido.

Lana parecia andar de um lado para o outro enquanto falava. Contive a minha curiosidade e me forcei a continuar olhando para a tela do computador e a digitar palavras desconexas.

– Vamos fazer uma proposta melhor e um contrato de exclusividade com um prazo maior – Alex parecia outra pessoa quando tratava de negócios.

– Já pensei nisso, mas seria muito melhor se tivéssemos um incentivo a mais – silêncio na sala. Merda!

Eu devia ter olhado para eles, assim poderia saber o que estavam planejando.

– Você sabe muito bem o que fazer – João quebrou o silêncio falando baixo e de maneira sinistra, me deixando ainda mais curiosa. Do que ele estava falando?

– Sem chance, João. – Alex falou um pouco mais baixo e com raiva.

– Alex, é só... – a irmã tentou falar em tom confidente. Como se quisessem evitar que eu soubesse do que se tratava.

– Não! – Alex foi incisivo.

Mais silêncio.

– Não seria a primeira vez que você usa deste artifício – Lana sibilou. – Droga!

– Lana... – Alex estava nervoso. – Este não é o melhor momento – oh, droga! Do que eles estavam falando?

– Lana, vamos deixar Alex terminar o trabalho dele e, sinceramente, concordo que este não é o melhor momento. – João se posicionou. – Alex sabe o que pode fazer e tenho certeza que não perderá um contrato como o da Tiffany. Ele vai encontrar uma maneira de reverter a situação.

– Se perdermos este contrato... – Lana parecia preocupada.

– Tenho um trabalho novo para você, mas não agora e definitivamente não aqui – Alex a cortou.

– Tudo bem. Vamos embora. Eu preciso me aprontar e Alex tem o que fazer.

Ouvi o barulho deles se levantando e os saltos de Lana batendo no chão apressadamente. Fiquei mais à vontade para levantar os olhos e encará-los. Sorri gentilmente.

– Charlotte, foi um grande prazer – ela estendeu a mão. – Boa sorte com o trabalho.

– Obrigada!

Apertei a mão da irmã do meu professor e acenei para João que sorriu maliciosamente. Alex abriu os olhos e fez uma careta, repreendendo o cunhado.

Eles saíram e logo depois Alex voltou. Continuei encarando a tela do computador. Ele se aproximou e me abraçou por trás, beijando meus cabelos.

– Conseguiu escrever alguma coisa? – ri sem graça.

– Não. Fiquei muito tensa. Vou escrever mais tarde e mando para você. Falta bem pouco agora.

– Ficou com a cabecinha cheia de ideias, foi?

– Transbordando de ideias. Obrigada pela aula extra, professor Frankli – virei em sua direção e enlacei minhas pernas em sua cintura.

– Por nada, Srta. Middleton. Disponha! Estarei sempre às suas ordens – ele capturou meus lábios me beijando com carinho. – Tenho que trabalhar um pouco e gostaria que você trabalhasse mais em seu projeto. Quer passar a noite aqui?

Outra noite juntos? Aquilo estava ficando bom.

– Você não disse que vai sair?

– Sim. Vou a este jantar – fez uma careta de desagrado. – Mas você pode ficar e esperar por mim. O que acha? – eu queria tanto poder.

– Não posso. Eu ia conversar com você. Meus pais chegam amanhã e pelo que conheço do meu pai, eles chegarão junto com o nascer do sol. É melhor que eu esteja em casa.

– Seus pais?

– Sim. Vão ficar por uma semana ou mais. Vamos ter alguns probleminhas para agendar nossas “aulas”, meu pai é do século XVIII – ele riu tirando a nuvenzinha cinza de cima de sua cabeça.

– Vou ficar sem você por uma semana? Como conseguirá conter este fogo, Srta. Middleton? – fingi aborrecimento com o seu comentário, ele riu e enterrou o rosto em meus cabelos.

– Se sua irmã não tivesse nos atrapalhado eu estaria um pouco mais satisfeita – sugeri.

– Duvido muito. Sexo é como uma droga, você fica dependente. E quanto mais tem, mais quer – ele me encarou. Fiquei um pouco assustada.

– Alex, como está sendo para você? Nós não transamos e sua vida sexual, com certeza, não era nada parada. Como está sendo a abstinência? – ele passou as mãos pelos cabelos e sorriu.

– Primeiro: não estou em abstinência. Sexo envolve também este tipo de brincadeiras que temos feito, então estou me satisfazendo – encostou na bancada da cozinha e cruzou os braços. – Segundo: minha vida sexual não era tão agitada quanto você imagina, também não era parada nem tranquila. Acontece que após te conhecer e isso antes mesmo de começar a te acompanhar em seus orgasmos, eu já não conseguia pensar em mais ninguém para agitá-la.

Aliás, você agitou a minha vida como um todo, depois que me convenceu a participar desta loucura deliciosa que vivemos – sorriu esplendorosamente. – Porém hoje quase fizemos uma bobagem – pronto ele conseguiu estragar tudo. Revirei os olhos. – Pare de agir como uma criança!

- Você faz com que eu me sinta uma criança – fiz birra.
- Crianças não fazem sexo – arqueou uma sobrancelha.
- Ok! Não sou criança. Pode me comer agora – cruzei os braços e arqueei uma sobrancelha, imitando-o.

Alex abriu a boca meio que espantado e debochado ao mesmo tempo.

– Vou te comer, Charlotte. Poderia parar de me pressionar? – ri da nossa situação. – Voltando a nossa conversa... Eu quase, quase mesmo, comi você hoje – sorriu com malícia e tudo em mim esquentou. Minha calcinha já estava molhada. – Mas não podemos ser irresponsáveis.

- Por que seríamos?
- Porque eu ia me enfiar em você sem camisinha e até onde eu sei, a senhorita não usa anticoncepcional.
- Não. Não uso – comecei a sentir que meu rosto ficava vermelho.
- Seria ótimo se começasse a usar. Falta pouco para a sua formatura e eu não gostaria de usar camisinha com você. Quando ficará menstruada?
- Hum! Só no próximo mês – fiz uma careta de desagrado e ele riu.
- Certo. Vamos usar camisinha e que seja por pouco tempo.

Jesus! Que conversa era aquela? Fiquei vermelha, depois mais vermelha ainda e logo em seguida achei que minha pele iria pegar fogo.

- Ok! – foi só o que consegui falar. Alex puxou o ar com força e passou as mãos nos cabelos.
- Você fica vermelha desta forma apenas porque estamos conversando sobre sexo, porém não se intimidou quando estávamos na cama.

Putá merda! Ploft! Minha calcinha deixou de existir.

Tinha sido abduzida pelo desejo que quase escorria pelas minhas pernas.

– Vou levá-la para casa.

O quê? Como... Por quê... droga! Alex era frustrante.

- Preciso trabalhar. Não posso te comer e estou com uma puta de uma ereção me impelindo a voltarmos para a cama. Você precisa escrever. Quanto antes terminar, mais rápido poderemos ficar juntos.
- Você é inacreditável! – balancei a cabeça sem disfarçar a minha frustração.
- Quando vou te ver novamente? – fui pega de surpresa pela pergunta.
- Não sei. Vamos tentar agendar alguma coisa para depois de amanhã. Pode ser?

– Pode. Vou adorar! – seus olhos brilharam.

Capítulo 14

“Ninguém é perfeito até que você se apaixone por essa pessoa”.

William Shakespeare

Charlotte

Suspirei pesadamente e olhei para minha amiga, Miranda, e meu amigo, Johnny, que me encaravam boquiabertos.

Eu tinha aberto o jogo com os dois. Miranda já sabia a base da história, eu não tinha me aprofundado muito nos problemas existentes no meu relacionamento com meu professor, nem nos detalhes. E Johnny, apesar de acreditar piamente que Henrique era o “cara da parada”, não tinha me pressionado para saber a verdade, como havia prometido fazer.

Johnny sorria com aquela cara de “bem que eu imaginei que você enlouqueceria por falta de sexo” e Miranda me encarava com seu melhor estilo “isso não vai prestar”, acrescentando todos os adjetivos que ela tinha atribuído a Alex, como tarado, canalha, aproveitador de alunas virgens e muitos mais.

Eu realmente não estava preocupada com o que eles achavam daquela história. Ela já existia e eu não tinha a menor intenção de por um ponto final, principalmente depois da nossa tarde. Suspirei outra vez tentando conter a vontade de tocar os lábios ao lembrar do meu professor.

Tirei os óculos, limpei na camisa e recoloquei.

– Vocês agora sabem de tudo e precisam me ajudar, porque não posso ficar sem vê-lo até meus pais irem embora. Preciso de desculpas para sair e me encontrar com Alex.

Naquele momento minha prioridade era conseguir escapar do papai e, principalmente, voltar aos braços do meu professor. Também sabia que seria necessário um plano perfeito, digno dos filmes de ação.

– Para que você quer encontrá-lo? Para bater punheta no cara? – Johnny riu debochando da minha situação. Miranda tentou segurar o riso, mas falhou descaradamente – Espere até que ele decida partir para a parte boa do sexo.

– Até agora, tudo o que ele me apresentou entrou para a minha lista de “partes boas do sexo” – cruzei os braços encarando o meu amigo. E ele nem sabia que bater punheta para Alex era algo realmente digno de aplausos. - É sério, Johnny, você sabe que meu pai vai me matar se descobrir esta loucura.

– Está com medo do seu pai ou do que o professor Frankli poderá aprontar ficando tantos dias longe da sua perseguição? – Miranda não tinha concordado nem um pouco com a minha escolha, apesar de afirmar que não se meteria no assunto.

– Miranda, por favor! Você...

– Eu sei, eu sei! Só não acho que você esteja fazendo a escolha certa. Ele, além de seu professor, é mais

velho, sem contar que não quer nada com você além de sexo, Charlotte. Ou essas safadezas que ele está te ensinando.

– Como se você não fizesse nada do que ela está aprendendo – Johnny provocou. Tive que rir.

– É diferente, Jonathan! Charlotte é uma boba, romântica, louca para conhecer o que sempre escreveu.

Ele vai esmagar o coração dela – Johnny arqueou uma sobrancelha e fez uma careta debochada.

– E você sabe alguma coisa sobre como não ter o coração esmagado? – ele continuou provocando. Miranda levantou e andou pelo quarto, visivelmente incomodada.

– Justamente por isso não quero que aconteça com ela. Mas acredito que será inevitável – e me lançou um olhar que fez meu sangue gelar. Respirei fundo tentando não enveredar por aquele caminho.

– Pode deixar que cuidarei desta parte, concentre-se apenas em me tirar das vistas dos meus pais algumas vezes durante a semana, pode ser? – ela desistiu de tentar me fazer desistir e voltou a sentar em minha cama.

– Ele vai ou não te comer? – Johnny pegou uma almofada e abraçou, me encarando.

– Johnny! Isso é sério? – choraminguei.

– Ele não vai tirar a virgindade dela, mas vai fazer tudo o que não o incrimine, quer apostar? – Miranda levantou uma mão para meu amigo.

– Pois eu aposto que ele vai. Charlotte não é mais nenhuma menina. E o professor Frankli não conhece o padrinho, logo não tem nada a temer – eles riram e apertaram as mãos.

– Vocês poderiam se concentrar no meu problema?

– Ele vai ou não tirar a sua virgindade? – Johnny continuou tentando tirar de mim mais do que eu pretendia contar.

– Eu não sei, satisfeito? Por enquanto sei apenas o que contei para vocês – menti aproveitando o rubor que esquentava a minha face pelo inconveniente do assunto.

– O cara é um idiota – ele disse jogando a almofada longe.

– Um completo idiota – Miranda acrescentou e eles riram novamente.

– Eu já teria dado um jeito nisso há muito tempo – meu amigo salientou e Miranda concordou com um aceno de cabeça.

– Gente, eu estou aqui – eles me olharam e balançaram a cabeça em negativa. – Se dependesse apenas de mim a situação já estaria resolvida, infelizmente eu dependo da boa vontade da consciência do meu professor – e olhei diretamente para Miranda, para que ela entendesse que Alex não agia de má fé.

– Charlotte, por que você não usa a psicologia reversa com “seu professor”? – Miranda perguntou

ironicamente. Johnny riu colocando a mão na barriga e jogando o corpo para trás.

– Como assim? – acompanhei Johnny na risada.

– Diga a ele que desistiu de perder a virgindade.

Fale que quer aprender, só que pensou melhor e vai esperar pela pessoa certa. Ele se sentirá encurralado e vai acabar aceitando que já passou da hora de te comer e, quando se sentir ameaçado, vai perceber o que realmente quer, tudo resolvido.

– Não seja boba, Miranda. Alex não é um garoto.

Ele é um homem, maduro e seguro de si. Além do mais, ele vem me dando provas de que tem algum sentimento por mim – me encolhi com as minhas próprias palavras.

Nem eu acreditava no que dizia. Alex gostava do que fazíamos, não de mim. Pelo menos não como namorada.

– Duvido muito – provocou fazendo com que eu me sentisse pior.

– Miranda...

– Meninas, vamos dar um tempo nesta conversa?

Estou ficando um pouco zozzo só de pensar na virgindade da Charlotte. O que acham de curtirmos a noite?

Poderíamos comer no Japonês que vocês adoram e depois pegar uma balada daquelas de ficar dois dias de cama. O que acham? – Johnny sabia como evitar uma briga entre Miranda e eu.

Em meia hora estávamos prontos e a caminho do melhor restaurante japonês do Rio de Janeiro, para curtir uma noite tranquila e gostosa entre amigos.

Mal sabia eu o que me esperava.

Alex Eu já estava cansado de ouvir Lana tentando puxar o saco de Tiffany. Ela estava mesmo disposta a manter aquele contrato e eu apenas louco para voltar para a minha casa.

Pensei em minha aluna e no quanto gostaria de poder continuar a nossa aula de mais cedo. Conferi o celular tantas vezes que Lana começou a fazer sinal. Mas eu não conseguia evitar que meus olhos buscassem por alguma mensagem dela. De preferência uma que dissesse que havia mudado de ideia e que me encontraria para mais uma noite juntos.

E então Lana pisou em meu pé. Olhei feio para a minha irmã, que inclinou a cabeça em direção a nossa autora, pedindo por alguma ação. Puxei o ar com força.

Não era a noite que eu desejava.

Tiffany estava mais bonita do que quando nos encontramos a última vez. Continuava doce e delicada,

sempre com muita classe e elegância, no entanto, estas qualidades, que antes tanto me atraíam, não serviam para nada naquele momento. Charlotte era dona dos meus pensamentos e também do meu desejo.

“Ah, Charlotte! O que faço com você?” Era tão complicado que eu não conseguia encontrar uma saída e nem via outra opção para mim. Por que ela mexia tanto comigo? O que havia de tão especial em Charlotte Middleton, além da sua coragem, doçura, delicadeza... Porra, Charlotte era especial! Por isso mesmo eu precisava tomar cuidado.

“É Alex, aos trinta e quatro anos, você se deixou fisgar por uma fedelha de vinte e um, virgem e maluca, sem contar que ela tem a boca mais suja que já vi em toda a minha vida”.

Ri das minhas lembranças.

– Alguma piada em especial? – Tiffany estava atenta. Olhei para ela e mantive o sorriso.

– Não. Apenas me lembrando dos meus alunos.

– Alunos? – João Pedro levou a taça a boca, escondendo o sorriso debochado. Tinha horas que me arrependia de confiar tanto nele.

– Sinceramente não sei por que ainda dá aulas, Alex.

Você não precisa fazer isso. Seu trabalho como editor- chefe é incrível! Sua editora é a melhor do Brasil. Vocês comercializam com o mundo inteiro. Já não é trabalho demais?

– Eu gosto de dar aulas – sorri educadamente.

Tiffany nunca me entendeu. E não era apenas neste quesito.

– Alex sabe o que faz – João me socorreu como sempre fazia quando Tiffany resolvia atacar. Pelo menos isso ele estava disposto a fazer.

Lana voltou a dominar a conversa. Patrício se mantinha distante, falando apenas quando solicitado e conferia o celular o tempo todo também. Meu irmão estava estranho. De minuto em minuto olhava para o relógio. Com certeza tinha algum encontro depois do jantar. Paty nunca se corrigiria. Era um perfeito galinha.

Jamais mudaria.

– Então, Tiffany. Alex e eu decidimos que, como seus livros são incríveis e temos interesse em continuar trabalhando com você, vamos renovar o contrato de exclusividade aumentando o prazo de cinco para sete anos. O que acha?

Tiffany olhou para mim e sorriu. Ela esperava mais.

Putá merda!

Os pratos chegaram e não voltamos a falar sobre o assunto. Duas garrafas de vinho já tinham sido servidas e eu começava a me preocupar com o que Lana seria capaz de fazer para segurar Tiffany. Após o

jantar e enquanto terminávamos a nossa terceira garrafa minha irmã voltou ao assunto. Olhei para Patrício e ele estava bastante agitado.

– Eu adoraria, Lana! Mas você sabe, não sou eu que resolvo esta parte da minha carreira. Tenho que conversar com meus agentes e saber o que eles pensam da sua proposta.

– Claro! Converse com eles e nos mantenha informados. Este ano temos muitos originais para lançar.

Claro que estamos reservando tempo para os seus livros.

Eu já te contei que fechamos contrato com uma distribuidora no Japão? O mercado literário de lá é bastante lucrativo. Estamos estudando as vantagens de montarmos uma filial na Ásia, trabalhando junto com a da Europa, mas não existe nada de concreto ainda.

– Isso é maravilhoso! – ela voltou a me olhar. Era um olhar doce, quase tímido que eu sabia muito bem aonde chegaria. – O que acham de estender nossa conversa? Podemos sair para dançar. Faz tempo que não nos encontramos – piscou diversas vezes de uma maneira encantadora.

Tiffany parecia uma boneca com seus cabelos sedosos, loiros e extremamente lisos, olhos verdes e lábios grossos. Qualquer homem mataria por ela. Menos eu. No momento eu estava mais encantado por uma morena de olhos azuis, que ocupava todos os meus pensamentos. Adoraria chegar em casa e encontrá-la me aguardando nua na minha cama.

Voltei a conferir o celular. Não havia nenhuma mensagem dela. O que não me impediria de mandar uma quando aquele jantar entediante terminasse. Eu poderia dizer que estava passando para pegá-la e que não aceitaria recusa.

– Desculpem, eu tenho compromisso e não poderei estender a nossa noite – Patrício tratou de cair fora. Puta que pariu! Pela troca de olhares entre Lana e João, aquela merda só poderia cair em meu colo.

– Eu e João também não podemos. Mas tenho certeza de que Alex vai adorar acompanhá-la – merda!

Que porra era aquela?

– Lana... – tentei protestar, minha irmã me paralisou com um olhar mortal.

Eu era o mais velho, no entanto Lamara era intimidadora e quando me olhava daquele jeito era melhor concordar. Fiquei puto pensando que os meus planos teriam que ser adiados.

Tudo bem. Eu passaria mais uma hora com Tiffany, depois arrumaria uma boa desculpa para voltar para casa e então quem sabe Charlotte... Tiffany sorriu, desviando os olhos, demonstrando timidez e satisfação.

Quando ainda mantínhamos um caso, eu sabia que ela queria mais do que estávamos vivendo. Eu gostava de estar com ela, era divertida, educada, gentil e meiga, sem contar que era muito boa de cama, só que eu não queria entrar num relacionamento onde o maior sentimento era o tesão, tirando isso não tínhamos nada em comum.

Eu adoro beber com os amigos e surfar. Tiffany detesta areia e sol. Eu curti passar a tarde de sábado na

cama transando, lendo, assistindo a um bom filme ou até mesmo conversando. Já Tiffany, adorava passar o tempo dela fazendo compras ou em salões de beleza. Eu não fazia distinção entre quem era rico ou pobre o que mais me importava numa pessoa era a integridade. Tiffany achava que a posição social era o ponto mais importante da nossa relação.

Éramos incompatíveis.

Completamente incompatíveis.

Sempre deixei claro que nossa relação não passava e nem passaria de encontros esporádicos. Tiffany não estava muito satisfeita com isso, entretanto sua classe não permitia que chorasse ou implorasse. Ela tentou reverter a situação utilizando diversas armas. A sedução foi uma delas, mas como eu disse; fora o fato de ela ser ótima na cama éramos incompatíveis.

Então ela resolveu utilizar a psicologia reversa, como se eu fosse uma criança. Foi o seu tiro no pé. Este tipo de pressão não funciona comigo. Eu já não tinha interesse em continuar e, quando ela resolveu dizer que também não, foi a minha deixa.

Aos poucos fomos nos afastando e eu consegui excluí-la de minha vida. Pelo menos da vida pessoal.

Profissionalmente nós não tínhamos muito contato. Lana resolvia a maior parte dos problemas da editora, eu apenas conversava, uma vez ou outra, com ela por telefone.

Na saída do restaurante combinamos o local onde nos encontraríamos, já que estávamos em carros separados. Antes de sair fiz questão de olhar para a minha irmã demonstrando o quanto aquela situação me irritava.

João Pedro deu risada e bateu em meu ombro me desejando sorte, já Lana, antes de ir embora, deixou o seu recado.

– Não ouse perder este contrato – e saiu sem se importar com a minha fúria.

Dentro do carro conferi o celular. Nada. Se bem que Charlotte nunca foi de mandar mensagens, então eu poderia... não. Era melhor não fazer promessas quando nem eu sabia como terminaria aquela noite. Então era chegar, conversar, convencer Tiffany a assinar e partir em busca da minha aluna.

Chegamos à boate, que era muito próxima ao restaurante em que estávamos, e ela imediatamente envolveu meu braço com o dela, como se fôssemos outra vez um casal. Tiffany parecia uma criança que tinha acabado de ganhar um presente. Completamente feliz e eufórica.

– Como nos velhos tempos, Alex – falou sussurrando em meu ouvido. A música alta não permitia conversas menos íntimas.

Sorri sem graça. Eu não queria os velhos tempos de volta, queria apenas terminar aquela noite com um saldo positivo para a minha editora sem que precisasse fazer grandes sacrifícios. Não que transar com Tiffany fosse um sacrifício. Ela era linda e muito gostosa, eu só não estava a fim.

Minha mente era invadida o tempo todo pelo rosto de Charlotte, a forma como ela corava, seu sorriso tímido, seu jeito ousado quando queria algo, a forma gostosa como beijava. Porra! A forma gostosa como

rebolava.

“Deus! Eu quero aquela menina”.

Peguei a mão de Tiffany e passei pelo meio da multidão indo para uma parte que eu conhecia muito bem.

Era o local que alguns casais procuravam quando queriam ficar fora do tumulto da pista. Encontramos uma mesa afastada com um sofá duplo confortável e uma mesinha na frente.

Sentamo-nos e um garçom rapidamente foi nos atender. Preferi continuar no vinho, era bom não misturar, ele anotou o pedido e passou meu cartão de acesso na maquina registrando na minha conta.

– E então? – ela sorriu educadamente, sem procurar esconder o seu interesse. Virei em sua direção, deixando nossas pernas juntas.

– É verdade que você está pensando em nos deixar?

– fui direto ao ponto. Ela piscou várias vezes, como sempre fazia, tentando parecer inocente.

– Bom... Na verdade... – olhou para as mãos, que estavam cuidadosamente sobre o seu colo e pareceu bastante embaraçada.

– Pode falar, Tiffany. Sem Lana por perto não precisamos de tanta formalidade, não é mesmo? – segurei sua mão e Tiffany pareceu estremecer com o contato.

Merda! Eu estava sendo gentil e íntimo demais.

Aquela não era a postura correta. Mas Lana precisava de respostas, e seria insuportável aguentar a minha irmã no dia seguinte se eu não tivesse nada de positivo para lhe contar.

– Bem... não acho que seja saudável continuar tão perto – ela parecia insegura e sem jeito. – Você sabe... nós dois nos distanciamos e eu...

Eu sou um canalha!

Não podia simplesmente dizer a Tiffany que ela poderia ir embora porque não reataríamos o nosso romance. Lana me mataria, minha editora perderia e eu me sentiria culpado pelo resto da minha vida. Respirei fundo e apertei meus dedos aos dela. Precisava fazer com que a conversa seguisse outro rumo e deveria convencê-la a ficar.

– Tiffany... – encarei minha ex-amante tentando fazer com que ela entendesse. – Você é uma escritora incrível e está no seu auge. Tente pensar em sua carreira. Nós somos a sua melhor opção no momento e adoramos trabalhar com você. Pense com carinho.

– Só penso em vocês com carinho, Alex – eu sabia muito bem o que estava implícito em suas palavras.

– Você é uma mulher linda, Tiffany! Tem um futuro incrível pela frente. Sua vida pessoal não vai ser menos do que a sua vida profissional, pode acreditar.

– Do que adianta ser linda, ser brilhante, incrível se quem eu quero não está ao meu lado?

Puta que pariu!

– Tiffany... – desviei o olhar e foi neste momento que a vi. Charlotte Middleton estava parada, um pouco distante, com os olhos petrificados em minhas mãos presas às de Tiffany.

Puta que pariu, um milhão de vezes.

Charlotte Estávamos já há uma hora dançando sem parar.

Curtindo a batida frenética do DJ e aproveitando a noite.

Miranda deu uma desculpa e saiu para atender o celular.

Eu sabia que minha amiga não voltaria. Com certeza seu paquera oficial apareceria para roubá-la da gente. Tudo bem! Eu já compreendia todo aquele frenesi ao redor do sexo.

Tive que rir sozinha dos meus pensamentos.

– Vamos dar uma parada. Preciso beber alguma coisa. Minha garganta está seca – Johnny gritou, me segurando pela cintura como se fôssemos um casal.

– Certo. Vou achar uma mesa enquanto você providencia as bebidas. Vou lá pra cima, pode ser?

– Ok! – ele gritou e gesticulou ao mesmo tempo, me levando para fora da pista e seguindo em direção ao bar.

Subi as escadas e procurei uma mesa. Sentar seria ótimo. Meus pés já reclamavam. Não sei como deixei Miranda me convencer a usar saltos tão altos. Fiz uma careta e parei para massagear minha panturrilha esquerda.

Achei uma um pouco afastada e me dirigi a ela, apressando os passos.

Foi quando o vi.

Alex estava sentado ao lado de uma loira incrivelmente linda. Ela sorria para ele e desviava o olhar com timidez. Ele segurava em suas mãos e estavam muito próximos.

“Oh, merda! Como ele podia ser tão canalha? Então foi por isso que cancelou nossa noite?” Merda!

Fiquei colada ao chão incapaz de desviar meus olhos deles, e então Alex, como se tivesse sido atraído pelo meu olhar, me encarou. Pude ver o espanto em seus olhos e foi só o que me permiti. Virei e corri que nem uma louca para fora da boate.

Eu queria simplesmente desaparecer.

Me sentia tão ridícula por surpreendê-lo em uma situação comprometedor! Tão infantil, sendo a menininha inocente e ingênua que brincava de sexo com ele e que fugia de raiva, medo e insegurança

porque não tinha o que cobrar do professor.

– Ei! Para onde está indo? – Johnny conseguiu me alcançar antes que eu sumisse.

– Vou para casa. Por favor, não faça perguntas nem me segure.

– Mas, Charlotte...

– Charlotte! – Alex estava próximo e chamava por mim.

Que droga!

Eu só queria sumir. Não queria conversar, nem cobrar explicações, muito menos me explicar. Eu só queria chegar em casa e chorar sem precisar me justificar para ninguém. Depois pensaria em como agir.

– Ah tá! Entendi tudo. Quer que eu faça alguma coisa? – Johnny se posicionou à minha frente como um cão de guarda. Gelei. Meu amigo era forte.

– Não. Não é necessário. Vou para casa – Alex tinha me alcançado e encarava Johnny como se fossem rivais.

– Saia da minha frente – praticamente rosnou para ele.

– Não sem a permissão dela, professor.

Johnny usou o termo “professor” como uma forma de intimidá-lo. Alex sabia que como professor, nada poderia fazer contra mim e Johnny naquele momento.

– Charlotte, me dê um minuto. Não é o que você está pensando – ri sem vontade!

– Me deixe em paz, Alex! Volte para sua “reunião de negócios”.

– Droga! É uma reunião de negócios, ou era... – ele parecia confuso.

– Charlotte, vamos conversar civilizadamente. – Johnny continuava impedindo-o de me alcançar.

– Não!

Dei as costas e, forçando minha passagem, consegui chegar até um dos garçons que ficavam com a maquineta de cobrança. Não constava nada em meu cartão de acesso, como eu havia imaginado, então consegui sair rapidamente do local, entreguei meu cartão de estacionamento ao manobrista e aguardei rezando para que Johnny conseguisse manter Alex longe por tempo suficiente para que eu conseguisse pegar o carro.

– Charlotte, espere – Alex gritou ainda da porta.

Merda! Merda! Merda!

Olhei para o lado e vi meu carro se aproximando.

Sem pensar em mais nada corri em sua direção, assustando o manobrista que saiu do carro me dando passagem.

– Droga, Charlotte! Pare com isso! – Alex conseguiu dizer, mas eu bati a porta ignorando-o completamente.

Dei partida e saí para a rua, cantando pneus e implorando para que o carro não quebrasse outra vez.

Senti medo de fazer alguma bobagem devido à raiva que sentia. Bastou ganhar a pista para avistá-lo. Alex dirigia logo atrás e parecia transtornado. Corri o máximo que pude, mas não consegui despistá-lo.

Parei o carro em frente ao flat, chamando a atenção de Vítor que rapidamente procurou pelo manobrista para me ajudar. Como ninguém apareceu ele desceu para fazer o serviço, pegando a chave na minha mão. Corri em direção à porta de entrada, que ele deixou aberta, ouvindo o barulho de outro carro se aproximando.

Pensei duas vezes no que deveria fazer. Vítor tinha levado o meu carro, mas ainda havia o funcionário da recepção que eu nem sabia quem seria naquela noite. Eu sabia que se fizesse um espetáculo, no dia seguinte meu pai saberia de tudo, o que seria uma grande droga.

– Pare com isso, Charlotte!

Ele se aproximou rápido demais. Olhei para dentro do flat e para o meu professor que já subia as escadas.

– Sem escândalo, Alex. Pelo amor de Deus!

Falei o mais baixo possível com as mãos estendidas como se para evitar que se aproximasse. Ele olhou para a recepção e soltando o ar dos pulmões concordou com a cabeça.

– Converse comigo como uma pessoa adulta – falou ofegante. Ri com ironia.

– Quem é você para falar de maturidade?

– Charlotte... – levantei outra vez a mão para impedi-lo. Nós dois estávamos arfantes.

– Apenas tente não ser visto.

E foi o que ele fez. Eu caminhei em direção à recepção, chamando a atenção do funcionário. Luís, graças a Deus!

– Boa noite, Srta. Middleton! – ele se assustou ao ser pego assistindo tv.

– Boa noite, Luís. Preciso saber se chegou a fatura do meu cartão – ele fez uma cara estranha, mas eu continuei firme, aguardando.

– Tenho que verificar.

– Faça isso. Eu fico aguardando – ele se virou para procurar pelas correspondências. Aproveitei e fiz sinal para que Alex fosse até o elevador, que por milagre abriu as portas.

– Ah, Luís, que cabeça a minha! Esqueci que cancelei a entrega das faturas. Tá tudo no débito – e comecei a me afastar rapidamente. – Avise ao Vítor que pego a chave amanhã. Boa noite!

Corri até o elevador, onde meu professor já me aguardava e coloquei a senha para a cobertura.

– Não temos nada a conversar, Alex.

– Claro que temos! – ele tentou me segurar e eu me afastei.

– Não, não temos. Eu só aceitei que você subisse comigo porque não queria protagonizar uma cena, mas agora você pode descer e ir embora.

– Eu não vou a lugar nenhum. Dá para parar com isso? – ele falou um pouco mais alto. – Pelo amor de Deus! Você tem ideia de como estou estressado? Você saiu naquele monstro ruidoso, como uma louca, ameaçando tudo que estava no seu caminho. Nem posso imaginar o que aconteceria se aquela lata velha resolvesse bater as botas enquanto você dirigia de maneira suicida...

– Cale a boca, Alex!

Explodi quando a porta abriu dando passagem para a minha casa. Entrei sem me preocupar com ele e fui para o meu quarto. Eu queria matá-lo por falar assim do meu carro.

– Charlotte! Volte aqui – ele sussurrou estando inseguro em um local estranho, mesmo assim subiu atrás de mim. – Que droga, Charlotte! Eu não estava fazendo nada demais. Se você parar um minuto e me ouvir...

– Um minuto. Estou marcando – fingi olhar para o relógio e segui em frente até entrar em meu quarto. – Pode começar, depois, rua – ele abriu a boca assustado então começou a falar rapidamente.

– Aquela era Tiffany, minha melhor autora.

Estávamos em uma reunião, porque ela foi procurada por outras editoras e como os livros dela são os mais importantes da minha editora, resolvemos abordá-la diretamente para saber a melhor maneira de reverter a situação.

– Ah, claro! Você transaria com ela para facilitar as coisas para o seu lado.

Porra! Aquela era a Tiffany MF, a autora do momento. Que droga!

– Não! Qual é o seu problema? Por que acha que eu faria uma coisa dessas?

– Por que será, Alex? – ele me encarou irritado.

– Seu caso é muito diferente e você bem sabe o quanto relutei antes de me envolver.

– Relutou? Você quase transou comigo hoje. E mesmo assim estava lá, todo cheio de carinhos com

aquela... aquela... nem sei o que ela é – ele sorriu de leve ficando repentinamente relaxado.

Lindamente relaxado.

– Está com ciúmes, Charlotte?

Que ódio! Eu não poderia dar a ele aquele gostinho.

– Eu? Rá, rá. Estou apenas irritada, pois você deveria estar trabalhando com mais afinco em nossas aulas. Além do mais, nós tínhamos um acordo e você o quebrou, logo eu também posso fazer o mesmo – cruzei os braços encarando-o. – Quem sabe assim eu resolva a minha situação mais rapidamente?

– Você não é louca! – ele me olhou de maneira ameaçadora.

– Não? Olha, Alex, eu não tenho tempo a perder.

Preciso adiantar o meu lado. Você está o tempo todo me enrolando. Não resolve nada e, para piorar a situação, me dispensou para procurar sexo com a primeira vadia que encontrou pela rua.

E eu me senti péssima por falar daquela forma de uma autora tão conceituada.

– Ela não é uma vadia! – falou impaciente. – Cuidado, Charlotte! Você está falando como uma mulher sem classe, e eu sei que você não é assim, então maneire seu linguajar – encarei meu professor sem acreditar no que ele dizia.

– Eu sou uma mulher baixa, mas pelo menos não estou levando ninguém para cama para conseguir um contrato.

– Eu não disse que você era... – ele fechou os olhos travando o maxilar com força, depois soltou o ar dos pulmões. – Não me acuse de tentar conseguir o contrato quando você mesma bateu a minha porta me fazendo uma proposta tão indecorosa quanto qualquer atitude que esteja imaginando que tomei com a Tiffany – recuei sentindo-me ferida com as suas palavras.

– Eu poderia resolver sem você – tentei me manter no mesmo nível de irritação, mas já estava machucada e arrependida de ter aquela conversa.

– Claro que poderia, mas eu não quero que seja assim – ele rebateu rosnando as palavras.

Nós escaramos sem nada acrescentar. O quarto que a vida toda me pareceu imenso, naquele momento tornou-se minúsculo. Alex sustentou o meu olhar por uma infinidade de minutos e acabou desistindo. Ele passou a mão na testa e respirou fundo.

– Eu já expliquei: Tiffany é uma amiga de muitos anos, uma pessoa querida e é a nossa principal escritora.

Saímos para jantar e depois fomos à boate para continuar nossa conversa.

Eu estava tentando ser mais compreensivo para entender o lado dela. Não posso perder este contrato. Seja sensata.

– Você nunca transou com ela?

Eu me sentia uma palhaça interrogando-o. Não havia nada entre nós além de um acordo que previa algumas aulas de sexo.

– Eu não disse isso!

Alex me encarava sem saber ao certo como conduzir a conversa. Que bela merda! Ele já tinha transado com a sua principal escritora e queria me enrolar dizendo que estava apenas arrumando as coisas para a empresa. Engoli em seco sentindo o meu estômago embrulhar. O choro já ameaçava cair e minha garganta ardia.

– Acabou seu tempo, Alex. Fora!

– O quê?

– Fora! Vá atrás da Tiffany. Quem sabe não consegue convencê-la a ficar na sua editora levando de brinde o editor-chefe – ele riu irritado.

– Não seja absurda, Charlotte! Eu pensei em você a noite toda.

Paralisei incapaz de reagir. Oh, merda! Merda!

Merda! Por que ele me dizia aquelas coisas?

– Por favor, deixe de ser tão infantil – assumiu uma postura cansada se encostando à porta e cruzando os braços. – Estamos aqui. Podemos passar o restante da noite juntos como eu tanto queria, não estrague as coisas!

Putá merda! Ele era um perfeito canalha. Sabia a forma correta de me enganar, me iludir e me convencer a fazer o que queria. Seus olhos estavam fixos nos meus e meu corpo não correspondia às ordens que meu cérebro enviava para expulsá-lo do meu quarto.

– Charlotte... – andou em minha direção me alcançando rapidamente. Logo estava com as mãos em meu rosto e os lábios muito próximos dos meus. – Senti sua falta!

Que droga! Eu já estava beijando aquela boca tentadora e sua língua abria passagem me dominando completamente. Minha calcinha já estava incrivelmente molhada com apenas um beijo. E meu coração martelava com uma dor que eu não conseguia identificar.

Como a fraca que era, o agarrei colando-me mais a ele. Alisei suas costas seus cabelos enquanto sentia suas mãos percorrendo minhas pernas levantando meu vestido.

Quando dei por mim já estávamos arrancando nossas roupas. Minhas unhas arranhavam seu peito nu e minhas mãos desciam do seu pescoço até o cós da sua calça e de lá voltavam tocando-o por todo o caminho.

Aconteceu tudo rápido demais.

Alex puxou meu vestido me deixando apenas de meias e calcinha. Gemeu enlevado quando viu as meias que eu usava e nem sei por que me deixei convencer a usá-las, mas naquele momento agradecia a Miranda por ter insistido tanto.

– Ah, Charlotte! Você vai me matar com estas meias!

Jogou-me na cama e levou alguns segundo me devorando com os olhos. Eu não conseguia reagir, apenas sentia meu corpo quente e meu sangue pulsando.

Ele arrancou a calça juntamente com a cueca, revelando uma ereção monumental. Minha boca ficou cheia d'água para senti-lo de novo do jeito que ficamos à tarde.

Alex segurou minha coxa e beijou a junção delas com meu sexo, causando-me arrepios. Seus dedos longos seguraram as laterais da minha calcinha e a arrastou para fora de mim conservando as meias. Gemi manhosa e sedenta.

Mas que merda! Ele estava usando o sexo para me distrair.

Deitou-se sobre mim, deixando que seu sexo roçasse a minha entrada, já completamente úmida e sugou meus seios, um de cada vez com tanto desejo e voracidade que pensei que teria um orgasmo.

Mesmo delirante de prazer e louca de desejo, minha mente me traía mandando imagens das mãos dele nas da outra mulher, a Tiffany, e a conversa dele com Lana, mais cedo, em sua casa. Oh, droga! O que eu poderia fazer?

Alex se posicionou, apoiando-se sobre os cotovelos e eu sabia que naquele momento ele ria me penetrar. Eu queria? Queria muito? E podia. Afinal de contas, há quanto tempo eu vinha pedindo por aquilo? Mas não poderia deixar que ele me submetesse com sexo. Ele tinha razão. Eu estava completamente envolvida.

– Não – falei baixinho quando o senti forçando levemente entre as minhas pernas.

– Tudo bem, Charlotte. Não precisamos mais esperar – voltou a beijar meu pescoço e a apertar meu seio entre os dedos. Ah! Eu adorava quando ele fazia aquilo.

– Eu não quero, Alex– tentei lutar.

Psicologia reversa. Miranda tinha dito que esta era uma boa opção. Eu arriscaria. Mas arriscar o quê? Ele já estava praticamente transando comigo, não estava?

– Claro que quer. É só o que vem me pedindo. E eu quero também. Nunca quis tanto – levantou o rosto e beijou meus lábios.

Seu beijo era doce, carinhoso, apaixonado. O que eu queria? Por que não conseguia dar aquele passo. Por que a ideia absurda de psicologia reversa martelava em minha cabeça?

– Não mais – empurrei seu peito e ele se afastou surpreso.

Caralho! Ele já estava quase dentro de mim, prestes a me penetrar e meu sexo pulsava ansiosamente implorando que o fizesse. Fechei os olhos e respirei fundo.

– Não quero mais.

– Charlotte, o que foi?

Ele ergueu seu corpo sem sair do meio das minhas pernas. Estava gentil e carinhoso. Olhei em seus olhos e vi o motivo da minha apreensão. Eu não queria convencê-lo a transar comigo, eu queria que ele ficasse comigo. Não o queria somente naquele momento ou que apenas tirasse a minha virgindade.

Eu queria Alex para uma vida inteira.

E não poderia tê-lo.

Fechei os olhos e respirei profundamente sentindo as lágrimas queimarem minha face.

– Você tinha razão. Não posso perder a virgindade com uma pessoa qualquer. Precisa existir um sentimento, uma história...

– Nós temos uma história. Não uma convencional, mas temos – sorriu com carinho. – Está com medo? – ficou sério e cauteloso.

– Não.

– Então? – meus olhos transbordaram. Mordi os lábios para impedi-las. – Charlotte?

– Não quero que seja com você. Podemos continuar as aulas. Você me ajuda muito, Alex. E falta tão pouco agora... – tentei reprimir um soluço. – Mas não quero mais chegar a esse ponto.

– Fique calma! – ele parecia confuso com a minha reação. Com a mão acariciou meus cabelos e limpou a lágrima que escapou. – Você ainda está abalada com o que viu. Eu te garanto que não está acontecendo nada entre Tiffany e eu. Nem com qualquer outra mulher. Eu disse: só existe você. Não chore! – limpou as lágrimas que escorriam sem que eu conseguisse impedir. – Venha. Não quero te forçar a nada – deitou ao meu lado e me tomou em seus braços puxando-me para seu peito. – Acalme-se!

– Acariciou meus cabelos.

– Desculpe. Eu... – solucei.

Constatar que estava apaixonada por ele me deixava apavorada. No que eu fui me meter? Alex era um homem incrível! Como eu pude acreditar que viveria aquela situação sem me apaixonar?

– Não. Não se desculpe – a voz doce e calma era como uma carícia. – Você não fez nada e eu entendo seus receios. Fique calma. Conversaremos sobre isso depois.

Ficamos deitados, seus dedos em meus cabelos enquanto eu chorava sem conseguir me conter. Nada dizíamos e ele apenas aguardava que minha emoção passasse e eu me acalmasse, mas não passou. Eu chorei por boa parte da noite em silêncio e adormeci sem perceber.

Capítulo 15

“A paixão aumenta em função dos obstáculos que se lhe opõe”.

William Shakespeare

Alex

Shakespeare nunca havia me alertado, apesar disso eu não o julgava. Aos trinta e quatro anos eu entendi o que sempre desconfiei fazer parte da minha personalidade: o mais complicado é também o mais saboroso.

Eu sabia que Charlotte mexia comigo de uma maneira que nem eu mesmo conseguia descrever. Sabia que estava envolvido mais do que deveria, ou gostaria.

Sabia que estava em um caminho sem volta, que aceitar a proposta daquela menina seria a minha ruína, mas o que eu não fazia ideia era de que estar com ela passaria a ser uma necessidade.

E então me dei conta do quanto estava fodido.

Porque eu teria tirado a virgindade de Charlotte sem pestanejar. Eu precisava daquilo e ela também. Nós dois precisávamos dar aquele passo, estabelecer novos limites, levantar as bandeiras daquele relacionamento e definir o que seria. Mesmo tendo conhecimento de todos os riscos que correríamos.

Valeria a pena?

Então ela voltou atrás. Porra, ela desistiu! Charlotte Middleton estava realmente esmagando o meu juízo, sambando em meus neurônios e me deixando a um passo de perder a sanidade mental.

Ela simplesmente disse não. Assim, como se ainda houvesse alguma saída. Não havia e Charlotte sabia muito bem. Ou não sabia?

Encarei o teto do seu quarto sem saber como proceder. Ela estava com raiva e não era para menos. Eu fui um idiota, canalha... certo que não chegaria nem perto de fazer tudo o que minha aluna imaginou que rolaria naquela noite com Tiffany. Eu não arriscaria tanto. É fácil imaginar a confusão na cabeça de uma menina como Charlotte ao se deparar com aquela cena.

E posso também assumir o meu desespero ao pensar que poderia perdê-la. Nossa conversa ainda estava muito fresca em minha mente, ela deixou bem claro que não poderia haver ninguém, pois se eu podia, ela também, e eu não queria que ela pudesse.

Levando-se em conta o histórico de Charlotte era certo que ela arriscaria encontrar outra pessoa. Não mais pela necessidade de aprender, afinal de contas ela já tinha conseguido todo o avanço necessário para prosseguir, ou quase todo, mas tenho convicção de que aquela menina faria esta merda apenas para me enlouquecer.

O pior de tudo é que eu realmente enlouqueceria.

Não suportava a ideia de vê-la com outro cara, qualquer menino idiota disposto apenas a usá-la, nem mesmo Jonathan, seu amiguinho inseparável, eu conseguia admitir. Aquela atitude de posse, de quem podia mais do que eu, me deixou absurdamente irritado.

Ela suspirou ao meu lado, ganhando a minha atenção. Era tão linda! Dormindo ficava ainda mais encantadora. Charlotte se moveu, levantando ligeiramente uma perna para abraçar o travesseiro, mas acabou me encontrando e se aconchegando em meus braços. Estava quente. Deliciosamente quente. E vestia ainda apenas as meias maravilhosas e sensuais, que eu havia deixado estrategicamente, apenas para o meu prazer.

– Alex! – ela sussurrou, virando-se para o lado, de costas para mim.

Fiquei em alerta apenas observando. Charlotte continuava dormindo. Não deu para conter o sorriso presunçoso em meu rosto ao me dar conta de que ela me chamava em sonho. Era mais do que eu poderia desejar.

Senti meu corpo reagir imediatamente.

“Porra, Alex! A menina disse não.” Era impossível não me censurar pelo desejo desenfreado que eu sentia pela garota. Mas nesse momento minha consciência chamava a minha atenção para uma coisa certa. Ela disse não. E deveria ser o suficiente.

“Mas ela disse que poderíamos continuar com as brincadeiras.” Sorri para a minha tentativa de burlar minhas próprias regras. Eu não conseguia acreditar que Charlotte tivesse mesmo desistido de transar comigo. Não dava para acreditar depois de tudo o que fizemos. Então apenas me convenci de que ela estava com medo, assustada e insegura em relação ao que poderia acontecer... sei lá.

Qualquer coisa que fosse, exceto desistir de estar comigo.

Tinha que ser eu.

Seria eu.

Abracei-a puxando-a para mim. Eu mostraria a Charlotte que não havia motivo para temer.

Charlotte Eu estava quentinha, cercada por braços fortes e seguros. Vagava entre a realidade e o sonho sentindo os lábios de Alex traçando beijos em minhas costas e suas mãos macias acariciando minha barriga. Ele estava atrás de mim, os braços ao meu redor e seu corpo colado ao meu.

Era tão gostoso e aconchegante acordar ao seu lado.

Parecia a coisa mais certa do mundo. Como se ali fosse realmente o meu lugar, como se não existissem diferenças, empecilhos, nada que pudesse nos impedir. Aconcheguei-me mais a ele e me permiti desfrutar do prazer da sua presença.

Alex lentamente me virou de frente para ele. Como ainda não tinha voltado completamente do mundo dos sonhos, não protestei apenas me dediquei a aproveitar o momento.

Ele beijou meu pescoço, desceu para meus seios e os beijou com carinho. Foi incrivelmente bom. Gemi e me movimentei embaixo dele recebendo suas carícias. Após brincar com meu corpo tornando-o ainda mais sensível, desceu os lábios pela minha barriga, roçando seus dentes ao mesmo tempo em que massageava minha cintura com seus dedos hábeis. Eu já estava em chamas.

Seus beijos molhados desceram mais e sua barba por fazer eletrizava todo o caminho. Seus lábios eram macios e gentis, mas também fortes e exigentes. Ele sabia o poder que exercia sobre mim, sem hesitar em utilizá-lo.

Meus gemidos baixos e dengosos preenchiam o silêncio do quarto.

Quando sua língua alcançou o meio das minhas pernas eu fui jogada abruptamente de volta à realidade.

Abri os olhos sentindo Alex me explorar com volúpia, seus lábios se fechando em meu sexo e seus dentes espalhando mordidas deliciosas por toda a minha feminilidade. Gemi mais alto e alcancei seus cabelos sentindo-o se aprofundar ainda mais em sua exploração.

Céus!

Esta, definitivamente, é a melhor forma de se começar o dia.

– Ah! Alex... – me perdi nas carícias espalhadas pelo meu sexo, que tiravam de mim a energia necessária para recusá-las ou impedi-las.

Ele sugou meu clitóris me fazendo quase gritar e em seguida fechou seus dentes nele puxando-o para cima.

Arqueei o corpo em sua direção sentindo minhas pernas tremerem e meu ventre entrar em combustão. Eu estava prestes a gozar.

Instintivamente rebolei em sua boca. Alex gemeu e introduziu sua língua em mim.

– Puta merda!

Segurei seus cabelos completamente entregue à sensação mais deliciosa que já havia experimentado em toda a minha existência. Alex usava sua língua com habilidade até que não havia mais um caminho de volta e eu gritei seu nome em êxtase.

Fiquei fora do ar por alguns instantes, deixando que o calor do prazer se espalhasse pelo meu corpo, como chamas lambendo cada pedacinho meu e depois as senti recolhendo-se como numa grande explosão, onde sobem queimando tudo que encontram pela frente e, segundos depois, são puxadas de volta até nada mais existir.

Relaxe completamente.

Alex estava de volta ao meu pescoço. Beijando e acariciando minha pele. Sua ereção cutucava meu ventre sem pedir passagem entre as minhas pernas, apenas se posicionava esperando que eu lhe permitisse agir. Abri os olhos lutando contra a claridade e encontrei aquele par de olhos azuis, profundos

e escuros me encarando cheios de promessas.

– Bom dia! – sorriu lindamente, com aquele sorriso torto e preguiçoso, crescendo lentamente, mas que me prendia a ele de uma forma absurda. Tive que sorrir de volta.

– Bom dia! – me espreguicei embaixo dele e sua ereção acompanhou meu movimento. Alex beijou meus lábios, pude sentir o meu próprio gosto neles.

Aquilo era erótico demais para o café da manhã.

Ele continuou me beijando e aos poucos fui cedendo ao desejo de tê-lo, nem que fosse uma única vez. Nem que fosse para ignorar o diabinho que gritava em meu ouvido que não poderia deixar acontecer. Mesmo que tivesse de juntar os pedaços do meu coração depois que ele fosse esmagado.

Abri minhas pernas, recepcionando-o, permitindo- nos avançar um pouco mais. Virei o rosto para o lado para que Alex se apossasse do meu pescoço. Foi quando vi o relógio.

– Puta merda! – gritei.

– O que foi? – ele se assustou.

– Merda, Alex! Meus pais. Você precisa ir embora – empurrei-o para que saísse de cima de mim. Ele me segurou na cama.

– Charlotte! É muito cedo. Ainda temos tempo.

– Meu pai acorda com o nascer do sol. Você precisa ir agora – empurrei-o novamente, desta vez ele saiu permitindo que eu levantasse.

Olhei para a minha perna e percebi que ainda estava com as meias. Apenas com elas. Oh, droga! Meias sete oitavos eram uma maravilha quando a intenção era seduzir, mas definitivamente não para acordar e expulsar o... professor? Bom, não sei. Só sei que expulsar Alex da minha cama, não era nada legal.

Olhei para ele que me encarava tranquilamente com um sorriso safado nos lábios, deitado em minha cama, completamente nu, as mãos atrás da cabeça e uma ereção magnífica como se tivesse todo o tempo do mundo.

– Levanta, Alex! Estou falando sério! Meu pai vai me matar se o encontrar aqui. Aliás ele vai te matar também. Vamos, fora! – peguei suas roupas e atirei para ele.

– Você está incrivelmente gostosa. Eu arriscaria minha vida para comê-la agora – o sorrisinho sacana continuava lá.

– Exatamente. É a sua vida que está em jogo.

Fui ao meu closet e peguei uma camisa longa e folgada que pertencia a Johnny vestindo-a rapidamente.

Cobriu até quase meus joelhos. Quando passei por Alex ele me puxou de volta para cama deitando-se sobre mim.

– Alex, por favor! É sério. Meu pai...

– Não posso conhecê-lo? Você poderia me apresentar...

– Só se eu quisesse ir ao seu enterro. Você não tem ideia da minha situação, vou fazer um breve resumo enquanto se veste. E seja rápido – ele riu e saiu de cima de mim. Pegou sua calça e começou a vesti-la.

Olhei-o enquanto se cobria com aquelas roupas formais. Caramba! Alex era uma delícia de homem. Que corpo mais lindo! E que ereção! Acho que este ponto deve contar muito na hora “h”. Bem definida, completamente ereta e... grande. Muito grande. Nossa! Como eu estava ficando pervertida.

– Tem certeza que devo vestir a calça? – ele estava me observando. Claro! O que Alex perdia?

– Infelizmente, sim. E rápido – ele riu. – Meu pai foi médico do exército. E, bem... O que importa é que ele acha que pode andar armado. Não que seja violento, nem nada parecido, mas como eu disse, ele é do século XVIII, ou talvez antes.

– Ele não quer que você namore? – parecia um pouco espantado. Normal. Eu tinha vinte e um anos estava me formando e tudo mais.

– Pior. Ele não implica com namorados, desde que seja alguém confiável, que ele conheça e possa ter ao alcance das vistas, ou seja, ninguém. E esta não é a pior parte.

Fiquei sem jeito, porém era melhor colocar toda a merda para fora de uma vez. Quem sabe assim ele desistia da ideia de tirar a minha virgindade e eu estaria protegida contra a dor que viria depois. Não da dor da primeira vez, e sim a do meu coração se partindo em mil pedaços após a formatura.

– Fala de uma vez, Charlotte – pegou a camisa e passou pelos braços.

– Ele quer que eu case virgem. – Alex parou, antes de passar a camisa pela cabeça. – Na verdade... Ele exige – desviei o meu olhar.

– Seu pai anda armado e defende a sua virgindade?

É isso? – fiz que sim com a cabeça sem coragem de encará-lo. – Puta merda, Charlotte! E você toda ansiosa para que eu faça isso – mordi os lábios.

– Ok! Hora de ir embora – fui em direção à porta e Alex me interceptou no caminho.

– Ei! Nós precisamos conversar. Você não pode simplesmente me atirar uma bomba dessas e me expulsar de sua casa.

– Alex, acredite em mim. É o melhor a fazer. Meu pai vai atirar primeiro e perguntar depois. Entendeu? Por favor! Vá embora! – saltitei como uma criança e ele riu.

– Isso é o pior que pode me acontecer? Talvez eu prefira te levar de volta para a cama e te comer logo.

– Bom... Ele pode te forçar a casar comigo. Acho que seria muito pior – meu professor ficou sério. Seus

olhos inquisitivos me avaliavam – Vá por mim. Ele seria capaz. Agora, rua. De verdade. Rua, Alex.

Ele obedeceu sem protestar. A história do casamento deve ter sido demais. Voltamos para a sala. Eu com cuidado, pois as meias escorregavam e ele perdido em pensamentos. Quando alcançamos a porta, Alex virou para mim.

– Quando vou te ver novamente? – continuava sério.

Ok! Forcei a barra, talvez fosse melhor assim. Era a deixa para que terminássemos esta etapa da nossa experiência. Eu tremia, como se um vento gelado circulasse ao meu redor, meu coração batia acelerado, dolorido pelo adeus.

– Vou tentar escrever e ver se consigo fugir deles.

Eu te aviso. Agora vá, pelo amor de Deus!

– Tá certo, Charlotte. Já estou indo. Pode ficar tranquila – abriu a porta e saiu. Eu apenas olhei para fora com receio de ser pega em flagrante. – Tchau! – sua voz parecia fria e triste. Atingiu-me em cheio.

– Adeus, Alex! – sussurrei mais para mim do que para ele. Um nó se formou em minha garganta. Fechei a porta e me encostei na parede.

Minha garganta ardia, meus olhos estavam úmidos.

Meu coração maltratava meu peito batendo desesperadamente, implorando para não deixar Alex sair da minha vida. O desespero quase me dominou. Eu precisava fazer alguma coisa, mas o quê?

Merda! Alex não era meu namorado, ficou provado quando o vi na boate, com aquela mulher tão bonita que doía. Tão mais adequada para ele que me entristecia. Com certeza com ela, ele não precisava exercer sempre a paciência. Sem contar que ela era Tiffany MF. “A” autora!

Não qualquer uma, mas a do momento.

Não. Eu não era para Alex e tinha que começar a me acostumar com a ideia, já que eu mesma havia me enfiado naquela loucura. Ele não tinha culpa. Nunca teve.

– Charlotte? – droga! – O que aconteceu?

Abri os olhos e a vi andando em minha direção, logo atrás um rapaz me olhava atentamente, parecendo preocupado. Era muito bonito, alto, forte de verdade, cabelos castanhos, cacheados e olhos de um marrom tipo avelã. Ele me encarava com bastante atenção.

– Miranda, eu... – puxei o ar com força. – Nada.

Estou preocupada, só isso – passei as mãos pelos cabelos tentando arrumar a bagunça.

– O que faz vestida desse jeito encostada próxima à porta? – seu tom de voz subiu um pouco.

Só então me dei conta de que vestia apenas as meias sete oitavos e uma camisa comprida e folgada. Nada

mais.

Putaquepariu! Nem de calcinha eu estava. Fiquei muito envergonhada.

– Pensei ter ouvido alguém bater e vim verificar.

Eu... – Puxei a camisa para baixo. – Vou voltar para o meu quarto e me preparar para receber meus pais.

– Ai, meu Deus! Patrício você precisa ir. – Olhamos para o rapaz que apenas nos assistia e ele sorriu. Um sorriso que me lembrou alguém. Quem seria? Era encantador. – Não temos tempo para as devidas apresentações, então esta é Charlotte e este é Patrício, agora vá embora, por favor!

Pelo visto todas as camas da casa foram aquecidas naquela manhã. Quase sorri, instantaneamente a lembrança me levou Alex e com ele todas as minhas angústias.

– Vou subir. Eles devem chegar a qualquer momento.

Tchau, Patrício, foi um prazer.

– Tchau, diabinha – ele disse com um tom irônico e cheio de intimidade.

Estreitei os olhos, mas não respondi nada, apenas corri escada acima e me tranquei no quarto. Todo o ambiente cheirava a sexo e a Alex. Puta merda!

Quando a porta do apartamento abriu, eu e Miranda já estávamos de banho tomado, arrumadas, como duas bonecas, diga-se de passagem, uma forma de agradar a minha mãe, e comportadas no sofá com livros no colo, para agradar o meu pai.

Eu passava muitos dias do ano criticando o posicionamento dos meus pais em relação a meu comportamento e o de meus amigos. Podia até mesmo murmurar e praguejar todas as vezes que me via presa a qualquer regra estabelecida pelo meu pai, como a da minha virgindade, e a de manter os garotos afastados, por exemplo, mas quando eles finalmente voltavam meu coração ficava repleto de alegria e então eu entendia o quanto sentia a falta deles.

– Ah, já estão acordadas – meu pai disse ao entrar, como se não soubesse que estaríamos aguardando.

Ele sorriu. Seus olhos levemente puxados e marcados por rugas discretas, em um tom de azul tão claro quanto os meus, brilharam fazendo coro ao sorriso imenso, decorado por dentes perfeitos e alinhados. Meu pai era um homem bonito, apesar do cabelo ralo e já grisalho.

– Estávamos ansiosas – Miranda respondeu levantando-se para abraçá-lo.

– E estão lindas!

Minha mãe colaborou, aprovando o vestido rosa, um pouco soltinho que minha amiga usava, e o meu de rendas brancas, que me deixava comportada e alinhada, como ela mesmo dizia.

– Charlotte está mais corada – ela percebeu e eu me senti realmente sem graça.

– Ela tem ido mais à praia – minha amiga falou por mim e me lançou um olhar cheio de intrigas.

– Para relaxar – abracei minha mãe tentando evitar que Miranda continuasse brincando comigo. – O fim do semestre está me deixando louca – soltei minha mãe e abracei meu pai, que me admirou com um carinho genuíno.

– Por que está te deixando louca? – ele me segurou pelos ombros me avaliando. Pensei no que poderia dizer ao meu pai.

– Porque ela teve algumas dificuldades com o projeto final – Miranda se intrometeu outra vez. Tive vontade de matá-la.

– Que tipo de dificuldade? – minha mãe quis saber.

Respirei fundo e encarei minha amiga deixando claro que ela me pagaria.

– Nada demais, só alguns ajustes que o meu orientador achou melhor fazer. Como temos pouco tempo eu estou trabalhando muito para que o livro fique perfeito.

– Vai ficar – minha mãe me enlaçou com seu braço levando-me em direção ao sofá. – E como estão as coisas por aqui?

Revirei os olhos. Até parecia que ela não ligava todos os dias para saber. Mães!

– Tudo tranquilo, mãe! Eu estou muito envolvida com o meu projeto e Miranda com a festa de formatura – elas se olharam e sorriram. Minha mãe também adorava festas. – E vocês? Não vão cansar nunca de viajar pelo mundo?

Meus pais trocaram um olhar cúmplice que me deixou confusa. Não era aquele olhar apaixonado, como sempre faziam. Pareciam esconder alguma coisa. Senti meu sangue gelar.

Ok! Eu sou egoísta, e quem não é? Naquele instante eu senti medo do que eles poderiam me dizer e confesso que meu primeiro pensamento foi a possibilidade de eles resolverem voltar a morar no Rio e decidirem dar um tempo nas viagens. Não que eu não quisesse, eu sentia falta deles, e os amava, mas aquilo definitivamente estragaria todos os meus planos com Alex.

– Como está a minha garotinha? – meu pai mudou de assunto e sorriu outra vez, deixando tudo como antes.

Respirei profundamente e estreitei os olhos.

– Sua garotinha já tem vinte e um anos. Ela cresceu – joguei-me no sofá deixando toda a postura educada de lado.

– Charlotte, tenha modos! – minha mãe me repreendeu. – Onde já se viu uma mocinha sentar deste jeito? Veja como Miranda se comporta.

– Oh, Deus! – resmunguei me sentando como ela exigia. – Você tem consciência de que isso é coisa de louco, não é?

– Não. Isso é coisa de gente educada – ela falou com aquela voz doce e mansa. Uma voz que nunca se alterava, mas que dizia tudo o que realmente queria. – Quando o príncipe encantado chegar, com certeza não vai se interessar por uma garota que se veste e xinga como um menino, além de não ter modos.

– Mãe, eu tenho vinte e um anos! – esbravejei e ela sorriu daquela sua maneira única. – Já tenho idade suficiente para não acreditar em príncipes encantados. No máximo um sapo que pode virar príncipe – ela riu e meu pai ficou sério.

– Nós viemos de um lugar onde...

– Príncipes e princesas são uma realidade – o cortei conhecendo muito bem aquela história. – Eu sei disso, só que eles não são encantados. Aliás, estão muito longe disso.

– Mais respeito, Charlotte – Peter me recriminou e eu preferi calar a discutir aquele assunto outra vez.

Meu pai era do século XVIII, como já disse. Ou até antes disso. Por este motivo nutria o amor eterno à realeza.

– E Johnny? Onde ele está? – ele perguntou olhando para os lados.

– No alojamento dos garotos – respondi de má vontade. – Esqueceu que meninos são proibidos nesta casa? – cruzei os braços e arqueei uma sobrancelha.

– Bom... Não foi o que eu fiquei sabendo – ele deu uma geral na sala e depois me encarou.

Sabe quando o seu pai te lança aquele olhar que é capaz de dizer tudo ao mesmo tempo? Aquele que deixa claro que você não precisa tentar mentir porque ele já sabe a verdade? Pois é. O meu pai tinha este dom. E foi exatamente por isso que meu sangue gelou, minha boca secou e eu comecei a tremer.

– Co... Como assim? – ele tirou alguma coisa do bolso e a estendeu para mim.

– Sua chave. O rapaz da recepção me entregou hoje cedo – porra!

Então ele sabia que Alex dormiu comigo.

Oh, merda!

– E me contou que Miranda tem recebido visitas – olhou para a minha amiga, que se encolheu no sofá.

Tudo bem que meu pai não exigia dela o mesmo que exigia de mim. Mesmo assim, minha amiga sabia o que era enfrentar o meu pai e não estava nem um pouco disposta a ficar sem a sua mesada.

– São colegas da comissão de formatura, padrinho – ela falou com a voz baixa e cheia de respeito.

Tive vontade de gargalhar, mas eu não era tão má quanto ela era comigo, por isso endireitei minha coluna e fiquei o mais séria possível, enquanto meu pai avaliava nossas fisionomias. Depois assentiu sem acrescentar nada.

– As malas, querido – minha mãe alertou. – Preciso separar um vestido para mandar passar. Meninas, hoje nós vamos a um coquetel muito importante.

Eu e Miranda nos olhamos e esmaecemos. Era um saco.

Capítulo 16

“O tempo é muito lento para os que esperam, muito rápido para os que têm medo, muito longo para os que lamentam, muito curto para os que festejam.

Mas, para os que amam, o tempo é eternidade”.

William Shakespeare

Alex

Eu estava com o projeto dela em mãos, relendo o último capítulo que havia me enviado e preso a aquela frase que eu já conhecia. Uma citação de Shakespeare que dizia muito naquele momento. O tempo era uma armadilha.

Dois dias se passaram. Dois dias sem falar com Charlotte. Ela não me atendeu, não respondeu às minhas mensagens e não compareceu à minha aula. Droga!

Eu repassava os momentos e toda nossa conversa em minha mente, tentando descobrir onde estava o erro.

Claro que não tinha sido o fato de ela ter me visto com Tiffany. Eu havia me explicado e Charlotte parecia ter compreendido, então o quê? Não conseguia entender. Não mais.

Quando eu saí da sua casa me sentia seguro de que estávamos mais do que envolvidos e que a reação exagerada de minha aluna uma noite antes, fora apenas o reflexo do seu medo, o que eu estava convencido de que conseguiria reverter. Então, com tudo resolvido, eu acreditava que ela logo estaria comigo.

Mas não foi o que aconteceu.

Faltavam apenas poucos dias para o encerramento de nossas atividades então viriam as provas finais e pronto. Terminado. Charlotte estaria formada e nós dois finalmente livres para ficarmos juntos. Isto se ela já não tivesse desistido de mim. De nós dois.

Não conseguia me conformar.

A verdade era que eu sentia uma falta absurda daquela menina e de nossas aventuras. Deus! Como eu sentia falta dela. Charlotte Middleton havia conseguido me dobrar, reconheço. Mas... Puta que pariu! Por que diabos ela resolveu desaparecer?

“Não vamos mais conversar sobre o seu livro? Sou seu orientador e preciso de material. Entre em contato”.

Enviei a décima mensagem do dia. Apenas mais uma que não seria respondida. Liguei o carro e fui me encontrar com Lana. Minha irmã estava furiosa por eu ter saído correndo na noite em que eu e Charlotte quase... Eu tinha deixado Tiffany sozinha na boate e isso agravou bastante a situação.

Assim que cheguei à editora fui cercado pelas secretárias que normalmente conseguiam encher meu dia de atividades. Pedi que chamassem Lana e sentei em minha cadeira me sentindo desconfortável. Liguei o computador no mesmo instante em que meu iPhone apitou indicando uma nova mensagem de e-mail.

Acessei minha conta e fiquei surpreso com a mensagem de Charlotte. Ela foi fria e rápida.

“Professor, envio em anexo meu trabalho, faltando somente o último capítulo. Todo restante já está pronto e modificado. Marquei as partes alteradas para facilitar.

Assim que terminar enviarei o material completo.

Obrigada pela paciência. Charlotte Middleton”.

Puta que pariu!

Charlotte não falou nada sobre nós dois e nem marcou um encontro. O que ela queria? Droga! Eu tinha feito tudo o que me pediu. Aceitei as suas condições.

Entrei de cabeça naquela loucura, o que mais ela queria que eu fizesse?

Digitei uma mensagem rápida: “Não vou avaliar nada sem te encontrar. Você sabe que precisa discutir os detalhes comigo pessoalmente. Se ainda tiver interesse em ser escritora me encontre amanhã no final da tarde. Estarei na praia, você sabe onde. Atenciosamente, Alex Frankli”.

Lana entrou em minha sala no momento em que cliquei para enviar a mensagem. Ela estava agitada, mas parou imediatamente quando percebeu que eu não estava para brincadeira.

– Algum problema? – perguntou diminuindo seus passos, me analisando com atenção.

– Alguns. Podemos começar? – ela hesitou, mas sentou na cadeira diante da minha colocando alguns originais sobre a mesa.

– Tiffany está impossível – começou com a voz baixa. – Fui procurada pelos seus agentes, eles recusaram nossa proposta. Disseram que os livros dela são bastante rentáveis e que, pela forma como ela vem crescendo, deveríamos valorizá-la mais.

– Não posso dar o que Tiffany quer. Deixe que ela saia. Duvido muito que consiga um contrato melhor do que o nosso – Lana me encarou sem acreditar, a boca aberta com se precisasse de ar.

– Não podemos perdê-la, Alex! Há muito mais em jogo do que dinheiro, se perdermos os livros dela. Existe a nossa reputação e uma série de consequências.

– Lana, você quer assumir o meu lugar? – minha irmã me encarou espantada com a minha reação. – Tiffany não vai tirar os livros dela da editora. Duvido muito que queira fazer isso. Está apenas usando este argumento para me forçar a ficar com ela. O que não vai acontecer.

Entendeu?

Ela piscou várias vezes como se precisasse de um tempo para assimilar a minha reação. Endireitou os ombros, sentando-se mais ereta na cadeira. Arrumou alguns papéis que já estavam perfeitamente arrumados e depois falou cuidadosamente: – Entendi, Alex! – movimentou a cabeça concordando. – Meu pai do céu! Que bicho te mordeu?

– Um bicho chamado Tiffany. Estou de saco cheio! – levantei as mãos bastante irritado e joguei meu corpo no encosto da cadeira.

– Ok! Vamos deixar este assunto para outra hora.

– Ótimo!

Passei as mãos pelos cabelos querendo arrancar aquela garota dos meus pensamentos. Charlotte não me deixava trabalhar. E ainda tinha Tiffany pressionando cada vez mais. Eu sabia dos riscos, assim como também sabia que ela não conseguiria nada melhor. Seria muita burrice bater de frente conosco. Apesar disso, não dava para relaxar sabendo que ela poderia fazer uma birra e simplesmente partir. Ela tinha conhecimento da sua importância. Porra!

Eu precisava de uma cartada. Qualquer coisa que fizesse Tiffany recuar e temer. Alguém que tivesse tanto potencial quanto, que fosse uma promessa de sucesso garantido, algo que ela sabia que estouraria no mercado literário, como um romance erótico, por exemplo.

Isso! Alguém como Charlotte Middleton, com um livro cheio de potencial, capaz de fazer com que todas as lentes se virassem em sua direção. E com a minha ajuda o seu projeto ficou realmente incrível. Olhei outra vez para o meu e-mail e me lembrei que havia dito a Lana algo sobre um material novo.

Seria demais? Envolver Charlotte em minha vida profissional, estando nós dois em um momento tão delicado, com a incerteza a respeito do nosso futuro, não seria muito arriscado?

– Lana, você poderia dar uma olhada no livro daquela minha aluna? Eu estou gostando muito da maneira como ela escreve e, mesmo que ela ainda não tenha terminado, acho que merece sua avaliação.

Minha irmã me olhou como se quisesse dizer alguma coisa que ultrapassaria a sua postura profissional.

Claro que ela sabia que eu não arriscaria tanto com uma pessoa que estava dando os seus primeiros passos.

Mesmo assim, Lamara sorriu educadamente, entrelaçando os dedos e respondeu: – Claro, Alex. Charlotte, não é? Aquela aluna para quem você dá aulas particulares – ela sorriu e eu revirei os olhos. Tudo o que eu não precisava no momento era de mais lembranças. – A inglesa que costuma levar sorvete de chiclete para sobremesa.

– Exatamente. Vou enviar para o seu e-mail o material que tenho. Tente me dar um retorno o mais rápido possível, pode ser?

Tentei desviar a sua atenção, no entanto seria muita ingenuidade acreditar que minha irmã não seria capaz de ler nas entrelinhas.

– Com certeza! Vou dar prioridade.

Minha irmã voltou a organizar os papéis sobre a mesa, fazendo-me estremecer. Eu sabia que a conversa não terminaria ali e que ela não sossearia até obter todas as respostas.

– Faça isso. Acredito realmente no potencial de Charlotte e gostaria de uma resposta antes do final do semestre, o que nos mostra o quanto nosso tempo é curto, então tem que ser para já.

– Nossa quanta preocupação! É por causa dela que está fugindo de Tiffany?

Suspirei pesadamente. Se Lana soubesse...

– Lana, você poderia se concentrar no seu trabalho e esquecer a minha vida pessoal?

– Você está mesmo insuportável – ela me mostrou a língua. Nem acreditei no que estava vendo.

– Quantos anos você tem? Doze?

– Vinte e cinco. E você? Setenta?

– É. Às vezes acho que sim – Ela riu e eu não tive como continuar irritado com a minha irmãzinha. Eu a amava.

– Por que não volta a escrever? Seu livro é tão lindo! Perfeito.

– Você consegue realmente acreditar que existe espaço para mais trabalho em minha vida?

– Pare de dar aulas.

– Talvez, quem sabe, não quero pensar sobre esse assunto agora.

Até porque, se tudo acontecesse como eu imaginava, escrever voltaria a ser uma necessidade e o tempo um prazer.

– Tudo bem. Vamos resolver logo o problema destes originais – respirei aliviado.

Ótimo! Trabalhar seria muito bom para a minha cabeça.

Charlotte Alex ligou várias vezes durante os dois últimos dias, infelizmente não pude atendê-lo. O que eu diria ao meu pai? Ele não aceitaria com facilidade o fato de meu professor ficar me ligando. O único homem que se aproximava de mim sem deixá-lo muito irritado era Johnny e isso porque éramos praticamente irmãos.

Dobrei minhas roupas e as levei para o closet.

Arrumá-las era uma ótima distração. Pelo menos não precisaria ficar respondendo aos questionamentos de Miranda e sofrendo a perseguição acirrada do meu pai.

Droga! Eu estava sufocando.

Ele mandou muitas mensagens. Não tive vontade de respondê-las. Era melhor evitar ao máximo um

encontro.

Eu ainda não estava recuperada do nosso adeus. Doeria olhar em seus olhos e não encontrar neles os mesmos sentimentos.

Ser uma pessoa cuja covardia era um dos pontos mais fortes da sua personalidade também não ajudava muito.

Foram os dois dias mais longos de toda a minha vida. Acompanhei meus pais em diversos eventos sociais.

Fomos à missa, conversei com o padre sem a mesma coragem de antes, afinal de contas eu faria o pobre velhinho enfartar se contasse todas as coisas que aprendi em tão pouco tempo. E pensar assim fazia com que o meu coração doesse ainda mais, pois me levava a Alex e ao que eu sentia.

Era uma merda estar apaixonada!

Era uma merda maior ainda estar apaixonada pelo meu professor. Um homem lindo, perfeito, inteligente e que, com certeza, não se interessaria por uma garota sem nenhum tipo de atrativo. Sem contar que para Alex eu era uma menina brincando com o sexo, enquanto ele era um homem experiente que gostava das nossas brincadeiras, apenas isso.

Respirei fundo e me forcei a engolir o choro. Para que chorar? Eu provoquei aquela situação, forcei a barra, enlouqueci Alex de todas as formas possíveis, e no meio de tudo isso me apaixonei. A responsabilidade era totalmente minha. Ele nunca me prometeu nada além de sexo e uma forma de finalizar o meu projeto com conhecimento de causa.

Eu nada poderia cobrar do meu professor.

Pelo menos consegui escrever. Minhas novas experiências e sentimentos serviram para alguma coisa. E confesso que a falta que eu sentia dele fez com que eu me dedicasse muito ao projeto, como se escrever fosse a única maneira de me sentir melhor, como se transformar minha dor em palavras pudesse aliviar o meu coração.

Minha mãe não se importava em me ver diante de um computador por horas, já meu pai detestava. Dizia que era pura bobagem e que eu deveria ser médica, como ele, ou administradora, ou qualquer outra coisa que me permitisse administrar a sua rede de hospitais. Como se eu quisesse fazer aquilo! Por isso tentava me tirar de casa sempre que podia.

– Quero só ver a cara dele quando descobrir sobre o tipo de literatura que eu escrevo.

Ri sozinha do meu monólogo. Meu pai enfartaria. E claro! Eu seria deserdada. Pelo menos não teria que assumir porcaria de rede de hospitais nenhuma. Fiz muxoxo me sentindo rebelde. Um pouco de liberdade mesmo que fosse por poucos segundos.

– Charlotte! – Miranda gritou do quarto dela. – Vem cá. – Deixei tudo em meu closet, corri para ao seu encontro e a encontrei elétrica. – Charlotte preciso da sua ajuda. Tenho que ver o Patrício hoje ou então vou ficar doida! Ajude-me, por favor!

Dei risada. Minha amiga estava mais do que apaixonada. E quem era eu para julgar? Se pudesse ou tivesse a certeza de que o meu pai não colocaria alguém atrás de mim para se certificar de que eu não estava mentindo, já estaria com meu professor.

– E o que posso fazer? Miranda, meu pai não é o seu pai e ele não tem nenhuma autoridade sobre você, pelo amor de Deus!

– Eu sei, mas não quero decepcioná-lo. O padrinho é um superpai e me ajudou muito. Não posso simplesmente dizer a ele que preciso sair para transar – rimos juntas.

– Diga que vai estudar para as provas finais com uma amiga e que eu não posso porque preciso me dedicar ao livro. Ele vai entender. Então você passa a noite com seu “Patrício” – fiz voz doce e ela riu me batendo no braço.

– Patrício mora com os pais. O máximo que vou conseguir são algumas horas num motel.

– Pelo menos você vai conseguir alguma coisa – encostei-me à parede cruzando os braços, sentindo todos os meus pensamentos se voltarem para Alex.

– Vocês não se falaram mais? Nenhuma aula extra – ela ficou séria, passando a mão em meu braço. Sorri sem graça.

– Não dá para tapear o meu pai, você sabe disso.

Ele pensa que para escrever basta um computador e muita criatividade.

– E deveria ser somente isso realmente. O restante fica por conta de um certo professor depravado e aproveitador de amigas virgens inocentes – suspirei colocando as mãos nos bolsos.

– Não é apenas isso. É importante ter uma leitura crítica e Alex está exercendo muito bem esta função.

– Eu imagino a forma como ele está desempenhando sua função – ela resmungou sorrindo. – Você está gamadinha nele, não é? – e fez aquela cara de pena que eu tanto odiava. Eu não precisava de pena.

– Não! – rebati irritada. – Eu sei muito bem como funciona o meu relacionamento com Alex. Não sou nenhuma tola.

Para meu desgosto era exatamente o que eu era.

Uma tola que não conseguiu conter os sentimentos e se apaixonou pelo único cara por quem não deveria se apaixonar na face da terra. O Henrique seria muito mais adequado, sem contar que também seria mais fácil de o meu pai aceitar.

Suspirei e retirei os óculos para limpá-los na camisa. Só que não era o Henrique que eu queria.

– Sei... – Miranda entortou a boca e me deu uma olhada de esguelha deixando claro que não acreditava em mim.

Bom, eu não poderia repreendê-la. Nem eu acreditava em mim.

– Meninas – minha mãe entrou no quarto, sem bater.

Mães! – Vamos sair para fazer compras? Aproveitem que Peter está com a “mão aberta”. Ele quer que eu encha vocês de presentes. Disse que as meninas dele merecem sempre o que há de melhor. – Miranda bateu palmas e deu um gritinho.

– Mary, você é incrível. Se tivesse um filho ao invés de Charlotte, eu me casaria com ele.

– Deus me livre! – reclamei.

Minha amiga adorava a facilidade de vida que meu pai nos proporcionava, e quando se tratava de compras ela simplesmente ganhava o dia. Minha mãe adorava, afinal de contas esta era uma das poucas coisas que ela fazia sem o meu pai. Não que fosse algo que ela desejasse muito. Eles eram ligados. Absurdamente conectados. Mas quando ela podia sair e comprar sem que ele estivesse do lado palpitando, ela extravasava.

Miranda era mesmo a sua melhor companhia, não eu. Éramos tão diferentes que muitas vezes me perguntava por que eu era a filha legítima. Johnny era o filho que meu pai sempre sonhou e minha amiga era sem sombra de dúvidas o mais perto do que minha mãe sonhava que eu fosse. Então o fato era que eu não me enquadrava naquela família.

Quando eu afirmava que não me enquadrava, não significava que não gostava de ter uma vida facilitada, mas existia dentro de mim um senso social absurdo, o mesmo que me impedia de ser uma voraz consumidora, como Miranda e minha mãe, ou que me impossibilitava de curtir a vida sem limites simplesmente porque eu podia, como Johnny fazia quando não estava sob a supervisão do meu pai.

Eu simplesmente vivia com o que era importante ou necessário. Gostava de ter segurança, afinal de contas viver não Brasil não era nada fácil, mas gostava de ter um carro velho, como o meu, por exemplo, que comprei trabalhando como monitora em um curso de inglês durante as férias. Uma grande vitória, da qual eu me orgulhava muito. Gostava de roupas, não de um closet tão cheio a ponto de nunca saber o que usar. Só não poupava quando o assunto era livros.

Acontece que por conta do trabalho do meu pai, eu pouco convivía com a minha mãe, pelo menos desde que precisei realmente me estabelecer em apenas um lugar, então fazer compras com ela, mesmo que isso me rendesse um guarda-roupas repleto de coisas que eu jamais usaria, pelo menos não fora da presença dela, era desfrutar mais um pouco do tempo que tínhamos juntas. Por isso não me recusava. Eu amava a minha mãe.

Por este motivo e, apenas por este, aceitei o convite e sem paciência para uma discussão sobre o que eu estava vestindo, simplesmente aceitei que o melhor a fazer era me trocar. Despir o meu velho e familiar jeans com tênis e colocar um vestido, no mínimo aceitável pela minha mãe, sem contar os sapatos desconfortáveis e a maquiagem, que jamais poderia ser apenas rímel e batom.

Mães!

Parei em frente ao computador e fiquei muito tentada a escrever para Alex. Mas o que eu diria? Que queria vê-lo? Não. Não podia. Eu não era como Miranda e apesar de tanto ela quanto Johnny serem

considerados filhos, era no meu pé que meus pais pegavam, como se eu fosse um tesouro que todas as pessoas do mundo estivessem interessadas em roubar. Foi impossível não revirar os olhos diante de tal pensamento.

Salvei meu arquivo e chequei meu celular. Mais uma mensagem do meu professor.

“Não vamos mais conversar sobre o seu livro? Sou seu orientador e preciso do material. Entre em contato”.

Sorri largamente. Sim, eu queria conversar sobre o meu livro, porém era covarde demais para me deixar machucar. Respirei fundo tentando colocar meus pensamentos em ordem. Sabia que teria de finalizar aquela etapa, afinal de contas ele era o meu orientador e eu precisava da sua aprovação. Quem sabe se recomeçássemos?

“Professor, envio em anexo meu trabalho faltando somente o último capítulo. Todo restante já está pronto e modificado. Marquei as partes alteradas para facilitar.

Assim que terminar enviarei o material completo.

Obrigada pela paciência. Charlotte Middleton”.

Bom, foi uma mensagem tranquila, sem cobranças ou qualquer das nossas loucuras. Se ele respondesse que avaliaria e entraria em contato era porque realmente o melhor a ser feito era nos afastarmos.

Droga! Pensar nisso fazia meu peito sangrar. Como pude me apaixonar? No que eu estava pensando? Alex era um homem, maduro e experiente. Muito mais velho. O que ele poderia querer com alguém como eu?

A resposta chegou rápido demais. Eu não estava preparada.

“Não vou avaliar nada sem te encontrar. Você sabe que precisa discutir os detalhes pessoalmente comigo. Se ainda tiver interesse em ser escritora me encontre amanhã no final da tarde. Estarei na praia, você sabe onde. Atenciosamente, Alex Frankli” Uau! Esta foi rápida e certa. Meu professor estava furioso. O que será que eu fiz desta vez?

– Charlotte, vamos! – minha mãe gritou não sei de onde.

Desliguei o computador e parti para o meu dia de compras, como se estivesse sendo levada para um campo de batalha. À noite teríamos um jantar com alguns médicos, ou seja, meu dia estava perdido.

Sentia falta de Alex.

Alex Peguei minha prancha e fui para a praia. Não sabia se minha aluna iria me encontrar. Tinha bons motivos para acreditar que ela não daria as caras. Não sei se sentia raiva ou frustração. Eu pensei que estávamos no caminho certo. Charlotte era mesmo uma caixinha de surpresas.

Assim que cheguei encontrei João Pedro. Ele sempre me acompanhava. Daquela vez pedi para que me encontrasse lá e rezei para que Lana não tentasse impedi-lo. Pelo menos eu teria uma distração.

– Que demora do cacete! – João reclamou antes mesmo que eu o cumprimentasse.

– Anita me deu uma canseira hoje. Achei que nunca conseguiria tirá-la do meu pé. Você nem vai acreditar na coincidência – coloquei a prancha na areia e comecei a me aquecer.

– Anita te deu uma canseira, é? Eu sabia que você não resistiria. Esta coisa de ficar de brincadeira com aquela garota não podia dar certo. Bater punheta é para adolescente, meu caro. Você é um homem feito, tem suas necessidades. Precisa estar lá dentro, se sentir em casa, brocar, entendeu?

Putaquepariu! João Pedro era absurdo! De onde ele tirava aquelas maluquices? E que conversa era aquela de que eu precisava estar dentro? Só rindo.

– Eu não transei com Anita, João. Você não tem jeito mesmo – comecei a rir.

– Tá gamado na garota. Tenho certeza! É sempre assim. Bocetinha nova, cheia de fogo, esfregando na sua cara...

– João! – fiquei exasperado. Não precisava de mais lembranças. – Posso contar o que descobri ou você vai continuar com esta conversa de malandro? Meu Deus, gostaria de saber o que Lana está fazendo com você.

– Ok! – ele me olhou com cara de poucos amigos. – Sua irmã está acabando comigo, mas vamos ao que interessa. O que descobriu? – ri.

– Voltando a minha descoberta... Anita me abordou hoje na faculdade e quase perdi uma aula inteira porque ela fez questão de me contar que é prima da Tiffany. Dá para acreditar? Como se não bastasse a Tiffany querendo voltar para a minha cama, tenho a prima dela, também querendo a mesma coisa.

– Primas? Hum! As duas querendo você? Nossa!

Os olhos de João se perderam no mar diante de nós.

Eu sabia exatamente aonde ele queria chegar. Depois ficava reclamando de Lana. Meu cunhado era um depravado.

– Que absurdo! Não sei por que ainda perco o meu tempo conversando com você. Dá para pensar em outra coisa que não seja sexo? Você vive reclamando que Lana não te dá uma folga, porém não perde oportunidade de pensar besteiras.

– Vai dizer que você nunca sonhou em ir para a cama com duas mulheres? Ainda mais duas mulheres como Anita e Tiffany. Putaquepariu! Que Lana nunca saiba.

Pelo amor de Deus! E não daria nem trabalho para convencê-las a aceitar. Bastaria você fazer a proposta que...

– João! Foco cara! Eu já fui para a cama com duas mulheres, não apenas uma vez, ok? – ele me olhou com um misto de descrédito e deslumbramento. Depois riu como sempre fazia.

– É por isso que eu sou seu fã – e me empurrou pelo ombro.

– Lana vai saber disso.

– Nem pensar. Você conhece a sua irmã, ou ela ama demais ou odeia demais. E cara, eu realmente prefiro ficar com a parte do amor – suspirou e passou as mãos pelos cabelos arrepiados. Dei risada. João Pedro morria de medo de Lamara. – E não é porque já fez demais que vai dispensar mais uma rodada.

– Eu não quero levar nenhuma das duas para a cama, muito menos as duas ao mesmo tempo.

– É a Charlotte, não é? Caralho, Alex! Você está caidinho pela garota.

– Olha só, vamos surfar porque conversar já vi que será impossível.

– Tudo bem. Não vou falar mais besteiras. Qual é o problema no fato da Anita ser prima da Tiffany?

– Nenhum, desde que Anita nunca nem desconfie de que estou... estava... nem sei mais, enfim, ela não pode nem imaginar o que aconteceu entre mim e Charlotte, entendeu?

– Entendi. Mas o que o fato de elas serem primas tem a ver com Anita não poder descobrir? Acho que seria ruim para você como professor, também concordo que o trabalho de Charlotte ficaria desmoralizado, desacreditado, ou até mesmo poderia ser cancelado, o que com certeza prejudicaria a carreira dela e...

– Ai, meu Deus! Não preciso de mais desespero, tá bom? Eu já sei de todos os riscos. Me torturo com isso todos os dias, tenho outro problema tão grande quanto a necessidade de preservar a integridade de Charlotte...

– Charlotte, é? – ele riu debochado.

– Ah, vá se foder, João!

– Agora sim. Este é o meu amigo Alex, e não o dissimulado certinho e correto que está tentando parecer.

O caralho para essa sua moralidade toda, seu fingido de merda! Louco para comer a aluna e fica aqui, me torturando e se torturando com esse papinho de anjo. Vá se foder, Alex!

– Você está impossível, cara! Já pensou em procurar um psicólogo? – meu amigo não se ofendeu apenas riu. – O problema é que se Anita descobrir e contar a Tiffany, aí é que ela tira mesmo o contrato da editora. Lana me mata.

– Mata mesmo. Pode acreditar.

– É...

Olhei para o mar e voltei a pensar em Charlotte. Sua risada infantil, seu jeito inocente de aprender, sua pele macia, seus gemidos, a forma como ela... sentia tanta falta dela.

– Vamos entrar? Tenho pouco tempo – João me trouxe de volta para a realidade.

– Vamos. É o melhor a fazer.

O mar era a minha terapia. Nele eu conseguia esquecer todos os problemas e até mesmo encontrar respostas para algumas dúvidas, no entanto, naquele momento eu não consegui encontrar a paz tão familiar.

A concentração era praticamente impossível. O tempo todo me via tentando verificar se Charlotte estava na praia me aguardando. Por causa disso caí várias vezes e quase perdi a minha prancha. Depois de uma hora desisti. Sinalizei para João avisando que sairia.

– O que houve? – ele gritou sentado na prancha.

Balancei a cabeça tirando o excesso de água do rosto e cabelo.

– Tenho uma coisa importante para fazer. Eu disse que tinha pouco tempo e você também.

– Porra, cara! Eu ainda podia ficar mais. O mar está muito bom!

– Então fique! – respondi de má vontade e ele notou a minha impaciência.

– Tudo bem, Alex! Vamos sair.

Quando estava caminhando pela areia, ao lado do meu amigo, vi o que já considerava impossível. Charlotte estava lá me esperando. Parecia tão ansiosa quanto eu.

Foram três dias de tortura e ela finalmente apareceu.

João riu baixinho e balançou a cabeça. Talvez por ver em meu rosto uma expressão idiota. E eu estava realmente me sentindo assim. Ver Charlotte à minha espera me deixou igual a um adolescente, eufórico e contido ao mesmo tempo. Pela primeira vez em muitos anos eu não sabia o que dizer a uma mulher.

– Hum! Uma coisa importante para fazer? – ele disse com ironia. – Não sei porque não desconfiei que você daria aula – brincou antes de encontrarmos com minha aluna.

– Não. Não é o que você imagina. Conversaremos sobre isso outra hora.

– Tudo certo! Preciso ir para casa porque a bruxinha da sua irmã deve chegar a qualquer momento. Falo com você depois – adiantou o passo. – Oi, Charlotte! Tchau, Charlotte! – ela sorriu timidamente. Eu não conseguia tirar meus olhos dos dela. Buscava por algum sinal em seu rosto, ela se mantinha impassível.

– Oi – falei sem jeito. Não sabia como tratá-la e nem como estávamos, já que ela havia sumido por três dias além de ter se recusado a transar comigo.

– Oi, professor! – sorriu ainda tímida. Ficava tão linda daquele jeito!

– Vamos conversar? – comecei.

Merda! Eu estava muito nervoso sem saber o que dizer. Não sabia se tinha o direito de cobrar alguma coisa ou se deveria falar somente sobre seu livro. Eu não sabia nem se podia ou deveria tocá-la.

Charlotte estava doce, mesmo assim, distante, como se uma barreira tivesse se erguido entre nós dois.

– Vamos ao quiosque, lá poderemos conversar melhor – Ela disse já se direcionando ao calçadão.

Concordei meio decepcionado. Esperava que ela concordasse em ir até a minha casa.

– Vou colocar a prancha no carro e te encontro lá.

Capítulo 17

“O curso do amor verdadeiro nunca fluiu suavemente”

William Shakespeare

Charlotte

Respirei fundo me sentindo afundar naquele oceano que, com certeza, não seguia suavemente o seu curso. Pelo menos não dentro de mim. Definitivamente suavidade passava longe da minha realidade.

Ele estava tão lindo e sexy caminhando lentamente, a prancha em sua mão, um sorriso doce e despreocupado.

Aquele era o Alex por quem eu tinha me apaixonado e não parecia nem um pouco aborrecido, o que verdadeiramente me deixou decepcionada.

Eu esperava algo mais, afinal de contas ele havia me procurado por três dias parecendo ansioso, até irritado pelo meu sumiço, o que, de certa forma, me deixou um pouco mais esperançosa no quesito “paixonite aguda pelo meu professor”, mas não foi o que aconteceu.

Alex agiu como se não tivesse sentido a minha falta, como se os três dias afastados não o tivessem abalado em nada. E tudo isso porque eu era mesmo uma idiota que acreditava que o meu príncipe encantado chegaria em uma prancha de surf e me salvaria da minha vidinha monótona.

Involuntariamente ajeitei meus óculos e me senti sem graça. Então seria assim, ele se afastaria e eu aceitaria sem ter como reivindicar nada diferente? Eu sabia como seria, só precisava fazer meu coração aceitar isso.

– Oi.

Ele disse calmamente, os olhos fixos em mim. Um azul tão perfeito e profundo que eu quase não consegui responder. Pisquei algumas vezes e ajeitei os óculos no nariz, sem conseguir me desprender daqueles olhos incríveis.

– Oi, professor! – não sabia como deveria agir, então decidi que a distância era o melhor caminho e o menos doloroso.

– Vamos conversar? – olhei para os lados imaginando se ele sugeriria a sua casa, mas o seu silêncio foi o suficiente.

– Vamos ao quiosque, lá poderemos conversar melhor.

Indiquei com a mão o caminho e sem conseguir me conter virei na direção que havia indicado. Meus olhos marejados me denunciavam e eu não queria que ele sentisse pena, ou culpa.

– Vou colocar a prancha no carro e te encontro lá.

Andei até o quiosque, o mesmo em que nos encontramos pela primeira vez fora da faculdade. O mesmo que tinha dado início a toda aquela loucura. Era como assistir ao nosso passado sem chance para mudá-lo.

E eu o mudaria se tivesse a chance?

Não. Nunca mudaria uma vírgula de tudo o que vivi com Alex. Aliás, mudaria sim. Voltaria a aquela última noite e permitiria que acontecesse. Eu me entregaria a ele mesmo sabendo que no dia seguinte estaríamos de volta ao mesmo ponto.

Mesmo entendendo e aceitando que não existia comparação entre eu e aquela mulher, e eu sabia que foi exatamente por este fato que Alex não sentiu a minha falta.

Ele esteve com aquela Tiffany, linda, loira, educada, mais velha e famosa. Muito, mas muito, mais experiente, não aquela brincadeira gostosa, no entanto que para um homem como Alex era sem graça, que ele tinha comigo.

Era ela. A mulher sexy cuja mão ele segurava. Ela era a escolha dele. Não eu. Eu era apenas um projeto que terminaria com o fim do semestre. Um problema resolvido e solucionado. Suspirei.

Não era o que eu desejava. Não foi como imaginei que poderia ser, mas era o que eu teria e não havia como voltar atrás. Por isso escolhi uma mesa distante, engoli o choro e levantei a cabeça. Se era para ser daquela forma, eu aceitaria, só que deixaria bem claro para Alex o que ele estava perdendo.

Alex Eu tinha lido aquela frase de William Shakespeare em algum texto, mas não me lembrava exatamente em qual e vendo Charlotte se afastar sem olhar para trás, percebi o quanto eu tentava acompanhar o fluxo e o quanto ele me afogava.

Não que fosse amor, claro que não era! Mas era algo que me impulsionava em sua direção, que me fazia insistir, não desistir, e desejar, até mais do que eu poderia.

Ela seguiu e eu corri até meu carro que daquela vez estava um pouco mais distante. Demorei longos minutos prendendo a prancha para evitar surpresas. Quando voltei, Charlotte me aguardava em uma mesa afastada.

– Oi – sentei inseguro sobre como iniciar a conversa.

– Leu o meu material? – droga! Ela falaria sobre o livro.

E o que eu esperava? Charlotte não quis transar comigo, não me atendeu, mal respondeu as minhas mensagens e quando o fez foi bastante sucinta e fria. Eu deveria imaginar. Ela era uma menina, uma garota assustada com a possibilidade de ser reprovada, somente por isso entrou naquele barco comigo, o que não significava que se envolveria, que aceitaria viver um relacionamento com um homem muito mais velho, cheio de problemas e preocupações... Claro que ela buscaria alguém melhor.

– Li. Como sempre, está muito bom. Você evoluiu muito. Está incrível. Como pensa terminar a história? – ela me olhou e por um breve segundo vi em seus olhos um certo medo ou receio.

– Ainda não sei. Acho que eles vão se separar – desviou o olhar e mordeu os lábios. Aquilo não era nada bom.

– É um risco muito grande. As pessoas não gostam de finais tristes. Normalmente o casal termina junto – arrisquei e não sei por que, de repente, achei que falávamos de nós dois.

– Não sei se estes são os planos deles – seus dedos estavam apertados uns nos outros em sua mão entrelaçada sobre a mesa.

– Você criou os personagens.

– Acho que você tem experiência suficiente para saber que personagens possuem vida própria. Às vezes o autor até tenta dar um rumo diferente, mas no final sai exatamente como eles querem – concordei com a cabeça e dei risada. Ela era mesmo uma escritora, precisava apenas de um empurrão para se encontrar e foi o que eu fiz.

E aí? Acabaria daquela forma? Era o fim? Seria daquele jeito?

– Charlotte, por que não tem atendido minhas ligações?

Ela se encolheu na cadeira, intimidada. Mas eu precisava ser mais incisivo. Precisava encontrar as minhas respostas.

– Estive ocupada. Meus pais... meu pai principalmente, tenta me controlar de todas as formas...

– Você tem vinte e um anos, pare de agir como uma criança.

Perdi a paciência. Charlotte tanto poderia me atender que naquele momento estava ali comigo. Ela apenas usava a desculpa do pai para justificar sua atitude.

O que ela pretendia com isso?

– Alex, eu não quero falar sobre esse assunto nesse momento – Charlotte me encarou como se estivesse me desafiando.

– E quando falaremos?

– Qual é o seu problema?

Ela também perdeu a paciência, suas mãos foram da mesa ao seu colo, mas o garçom se aproximou e com um olhar rápido na direção do rapaz, ela se calou, visivelmente perturbada.

– Vão fazer o pedido? – o garoto parecia estar sem vontade de atender a um casal estressado.

– Uma tequila, por favor. – o quê? Ela pediria tequila? Charlotte não tinha limites.

– Dois sucos de laranja e cancele a tequila – olhei firmemente em seus olhos deixando claro que eu estava no controle da situação.

– Pode trazer o suco de laranja, mas a tequila continua – ela me encarou de volta arqueando uma sobrancelha em desafio. Charlotte era incontrolável.

– Charlotte...

– Com licença – o rapaz saiu apressadamente anotando o pedido como ela determinou. Fiquei com muita raiva.

– Não pode me atender, me encontrar, mas pode beber e voltar bêbada para casa.

– Não vou ficar bêbada por causa de uma tequila.

Pare de agir como se fosse o meu pai, eu já estou tensa o suficiente – nos encaramos.

Ela não desistiria.

Eu tive que recuar.

– O que aconteceu?

– Não sei do que está falando – cruzou os braços na frente do peito e encarou o mar.

Minha aluna relaxou ligeiramente apesar de continuar na defensiva. Puxei o ar buscando ter paciência, o que já era quase impossível. Charlotte só podia estar me fazendo de bobo fingindo não entender sobre o que eu falava. O que mais eu poderia cobrar dela?

Definitivamente eu não sabia o se passava na cabeça daquela garota quando ela decidia ser irritante.

– Você não me atendeu, não retornou minhas ligações e nem minhas mensagens. Não compareceu à aula. Estou confuso, Charlotte! Pensei que precisasse de ajuda e que tinha pressa, porém você simplesmente recuou e desapareceu.

– Eu já expliquei... meu pai... – ela fez cara de cansada. A perfeita menina mimada e irritante.

– Por favor! – baixei meu rosto em minhas mãos tentando conter a raiva. – Por favor, Charlotte! Pare de usar seu pai como desculpa. Você não é mais uma adolescente e sabe muito bem que existem maneiras de retornar uma ligação sem que ele veja e escrever uma mensagem é definitivamente algo muito particular, então não utilize este argumento comigo novamente.

Levantei o rosto para encará-la. Minha aluna estava assustada. Ela pareceu querer falar algo, vacilou várias vezes até desistir e voltar a olhar o mar. Eu estava pronto para atacar novamente quando nossos pedidos chegaram.

O rapaz, ainda ansioso para estar bem longe dali, colocou os dois sucos sobre a mesa e a tequila na frente de Charlotte que o olhou e sorriu. Ela só podia ser louca.

Foi a minha vez de recuar, encostando-me a cadeira e cruzando os braços no peito para assisti-la desempenhar o perfeito papel de adolescente inconsequente.

E ela tinha vinte e um anos.

Charlotte pegou a tequila, jogou no suco de laranja e mexeu a mistura com o canudo, sem tornar a me olhar. Ela parecia concentrada, o que me levou a pensar o quanto de coragem ela precisava para fazer o que eu tinha certeza que faria: me dizer que estava desistindo de tudo. Não havia outra explicação para aquela atitude.

Mas a menina a minha frente levantou o olhar, me encarando com aqueles olhos claros como o dia e eu senti que havia algo diferente. Com uma segurança que eu desconhecia nela, segurou o canudinho com jeito e o colocou na boca.

Puta merda! Como ela conseguia ser sensual fazendo algo tão banal?

Depois, utilizando a sua sensualidade nata, desceu o olhar até os meus lábios enquanto sugava o líquido aos poucos. O movimento foi breve e delicado, logo ela já me olhava nos olhos novamente, encontrando os meus presos aos seus lábios, como um garoto apaixonado e inexperiente.

– Onde estávamos mesmo?

Toda a atmosfera mudou. Ela voltou a sorrir e seu rosto ficou um pouco corado. Bem lentamente correu os dedos pelo canudo, sem nunca desviar os olhos do meu rosto. Droga! O que ela estava tentando fazer?

– Você... – não conseguia me concentrar muito bem.

– Desapareceu. Vai tomar tequila de canudinho? – engoli seco tentando fazer com que minha voz saísse o mais normal possível.

Ela desviou seus olhos dos meus, corando um pouco mais. Era tão lindo quando aquilo acontecia. Seus lábios formaram um sorriso inocente e ela colocou o canudo na boca novamente, levantando os olhos para encontrar os meus. Puta que pariu! Sua língua, quase que imperceptivelmente percorreu a pontinha do canudo e depois seus lábios se fecharam nele.

– Charlotte... – respirei profundamente tentando reorganizar meus pensamentos.

– Alex, temos duas semanas para que meu projeto seja aprovado. Meus pais irão embora dentro de alguns dias. Você está satisfeito com o meu trabalho e eu só preciso escrever mais um capítulo. Onde está o problema?

Onde? Merda! Ela estava mesmo disposta a acabar com o nosso... as nossas... Droga! Como definir em que tudo se transformou? E eu? Eu queria mesmo que chegássemos a um final?

Ela estava certa. O projeto dela já deveria ter sido aprovado. Não precisávamos mais das aulas. Não havia mais motivos para encontros, nem para chegarmos aos finalmente. Então por que me sentia tão incomodado com isso? E por que diabos ela estava alisando e roçando aquele canudo com os lábios?

– Seu projeto já está aprovado, Charlotte – parei analisando sua reação.

Ela recuou ligeiramente, surpresa com a minha resposta, mas sem deixar de me encarar. Por um segundo

eu me vi segurando a respiração. Aquela informação era a que definiria nosso próximo passo. Com o projeto aprovado e minha aluna sabendo disso, tínhamos que definir o que seria de nós dois.

Charlotte pigarreou, endireitou os óculos, piscando algumas vezes com mais força, e endireitou os ombros.

Ótimo! Consegui desconcertá-la. Era o que eu precisava.

– Então... – ela passou as mãos espalmadas pela mesa, sem tocar realmente, fingindo ajeitar a toalha.

Naquele instante eu entendi o que Charlotte tentava fazer. No momento em que ela percebeu que não havia mais razão para continuarmos com aquela loucura, seu corpo perdeu toda a postura sexy, a mulher fatal que se mesclava com a menina ingênua simplesmente desapareceu.

Charlotte estava jogando. Puta que pariu! Ela sabia o que conseguia fazer comigo quando me seduzia.

Conhecia suas armas, as minhas reações e brincava comigo simplesmente para me manter no jogo.

Incapaz de me controlar senti a raiva me dominando. Charlotte era apenas uma menina e eu me deixava levar e seduzir, apesar de saber que não chegaríamos a lugar algum. Onde eu estava com a cabeça?

Aliás, onde ela estava com a cabeça? O que acreditava que eu pretendia com aquilo tudo? Como podia acreditar que conseguiria me dobrar com sexo?

Charlotte não enxergava nada do que havia dentro de mim e definitivamente, não sabia nada do que eu sentia por ela.

– Pare de jogar comigo! Eu sei muito bem o que está tentando fazer, Charlotte. Não sou mais nenhum menino.

Você sabe que mexe comigo e está tentando me confundir.

Não. Faça. Isso – inexplicavelmente me senti tão incomodado com a situação que precisei confrontá-la. – Essa atitude não é o que me atrai em você. Não é sexo!

Não posso mentir que gosto quando é ousada ou quando tenta me seduzir, mas a mulher que eu conheço... A Charlotte que me encantou... ela fica corada. É inocente até quando não precisa. É doce, gentil, tem uma boca suja da porra e mesmo assim é encantadora. Esta é a minha Charlotte e não a que você está representando sentada aí procurando desculpas para me expulsar de sua vida. Não precisa fazer isso. Eu não vou insistir no que você não quer. Acho que já te dei provas suficientes na noite em que se recusou a transar comigo. Basta dizer que acabou e eu sigo o meu caminho. Mas diga olhando nos meus olhos.

Não fique se escondendo atrás de mentiras, desculpas e subterfúgios. Seja madura.

Charlotte – Seja madura – ele finalizou e continuou me encarando.

O nó em minha garganta apertava cada vez mais.

Que merda! O que eu tinha feito?

Quando encontrei Alex na praia, achei que ele estava seguro demais para quem esteve procurando fazer contato por três dias. Era como se eu não tivesse nenhuma importância em sua vida, apesar de toda sua insistência.

Na minha cabeça, Alex queria apenas finalizar o que tínhamos começado e eu não tinha forças suficientes para resistir a ele.

Sabia que me machucaria. Claro! Ele iria me convencer a transar e eu me entregaria àquele homem maravilhoso. Não havia como negar. Mas e depois? Eu voltaria para casa quebrada em diversos pedaços e tentaria reconstruir a minha vida.

Não era este o meu objetivo? Quando o vi não foi este o meu pensamento? Ele não tinha culpa. Eu provoquei aquela situação. Eu praticamente implorei para que transasse comigo. O envolvi naquela história absurda.

Não tinha o direito de dizer não.

Para mim, Alex estava longe de me escolher. Tiffany era linda, inteligente, a sua melhor autora, não havia escolha melhor, nem mais sensata para a sua vida. E tal pensamento me humilhava e me fazia, apesar do absurdo, desejar não desistir. Não perder.

Quando o vi me olhando do jeito que me olhava quando estava excitado, e que aquecia tudo dentro de mim, meu primeiro pensamento foi: e Tiffany? A forma doce e sensual como ela se expressava para ele naquela noite. O jeito gentil e habilidoso com que ele se projetava para ela.

Droga!

Eu queria ser mais para ele. Queria que Alex me desejasse como desejava uma mulher tão experiente quanto Tiffany. Fui muito infantil, confesso. Ele tinha razão. Suas palavras doeram mais do que uma bofetada, porque atingiram o meu coração e me desarmaram completamente.

– Desculpe... eu... – oh, merda! Eu ia chorar. Não devia, não podia.

Alex tirou uma nota de cinquenta reais do bolso e jogou sobre a mesa levantando-se em seguida.

– Venha – levantou a mão em minha direção em um convite que eu não sabia ao certo para o quê.

O que ele queria? Eu não tinha como argumentar ou me negar a segui-lo independentemente do que ele pretendia fazer. Suas palavras martelavam em minha mente me confundindo.

Segurei em sua mão e ele me levou para fora.

Caminhamos de mãos dadas pelo calçadão. Ele à frente, com pressa e eu seguindo-o até o seu carro. Alex parou, abriu a mala, tirou de lá uma sacola pegou uma bermuda e uma camisa, puxou a roupa de surfe que estava usando, ficando apenas de sunga, vestiu-se e voltou a me puxar em direção ao banco do carona.

– Para onde vamos?

– Para a minha casa – ele não me olhava, também não estava mais tão bravo. Sua voz saiu até educada, o que me deixou ainda mais confusa. – Não poderíamos continuar nossa conversa em um lugar tão público.

Ah tá! Eu ia chorar e ele não queria uma cena. Que droga! Alex queria apenas se livrar da situação constrangedora e colocar um ponto final naquele momento complicado da sua vida. Quem sabe até se sentir livre, finalmente, para viver tudo o que desejava ao lado da Tiffany. E eu senti vontade de atacá-lo com tapas para extravasar toda a minha tristeza, mas apenas obedeci. Era melhor terminarmos com aquilo logo de uma vez.

Fizemos o curto caminho em silêncio. Alex mantinha os dedos apertados no volante e sua expressão não era nem um pouco amigável. Fiquei com bastante medo do que viria. Ele poderia exigir que fizéssemos sexo? Não. Ele não faria uma coisa dessas. Mas poderia?

E eu? Me negaria a atendê-lo? Meu rosto esquentou consideravelmente, fazendo-me encolher no banco de couro.

Nunca antes eu havia me sentido tão vulnerável.

Quando chegamos ele desceu do carro, abriu a porta do carona e novamente segurou em minha mão, levando-me para dentro da sua casa. Entramos sem parar para nada e ele logo me conduziu até um dos bancos altos da cozinha, colocando-me sentada em um deles, igualando nossas alturas.

Pousando as mãos em minhas coxas me encarou seriamente. Primeiro apenas me observou, paralisando-me como sempre fazia quando aqueles olhos exigiam os meus.

Suas feições duras foram relaxando à medida que me olhava como se precisasse memorizar cada detalhe. Tive vontade de levar as mãos aos óculos, ele foi mais rápido e os retirou do meu rosto, deixando-o no balcão.

– Agora me responda, Charlotte. O que você realmente quer?

Putá merda! O que eu queria? Nem eu mesma sabia.

Aliás, eu sabia, mas poderia dizer a ele? Como dizer ao meu professor que o queria para mim e apenas para mim?

Ele riria de minha cara e me mandaria de volta para o berçário. Tudo bem! Ele não faria isso, afinal de contas tinha até concordado em transar comigo, então não poderia me ver como uma menina.

Mesmo assim, eu não tinha o direito de jogar aquela bomba em seu colo, de contar sobre a minha paixão e fazê-lo se sentir ainda mais culpado. Não era justo. Com nenhum de nós.

– O que... eu quero? – pisquei confusa forçando meus olhos a se acostumarem com a ausência dos óculos.

– Sim. Preciso saber se está desistindo. É o que você quer? Colocar um ponto final?

Ah, droga! Claro que eu não queria. Na verdade eu queria mais do que algumas aulas de sexo. Muito mais que alguns momentos de sexo com o meu professor. Eu o queria. Como homem, namorado, marido. Para uma vida inteira de sexo e tudo o que vem junto.

– Por que está tão confusa? Está me deixando frustrado.

– Eu... – olhei em seus olhos e ele me aguardava angustiado. – Não quero que acabe – estas palavras poderiam ser suficientes para ele, mas não para mim. Alex relaxou visivelmente.

– Ótimo! Eu também não.

Seus lábios tomaram os meus. Foi um beijo urgente e repleto de saudade.

Para mim foi um beijo doce. Delicioso. Que fez meu corpo inteiro reagir. Era Alex quem estava comigo, não poderia ser diferente. Eu o amava, não importava o depois e sim o que seria enquanto estivéssemos juntos. Era assim que deveria ser.

Ele me manteve firme em seus braços, se encaixando entre as minhas pernas. Suas mãos percorreram minhas costas, com carinho e devoção.

– Ah, Charlotte! Que saudades! – suspirou em meus lábios e recomeçou o beijo.

Alex não sabia o quanto a saudade havia me castigado. Muito menos o quanto estar em seus braços novamente revigorava o meu corpo. Era como morfina para quem sente dor. Aliviava e curava cada ferida de maneira milagrosa.

Suas mãos ficaram mais ousadas. Buscavam por mim, me apertando com desejo. Deixei as minhas sentirem seus cabelos por entre os dedos, me deliciando. Como eu o desejava!

O celular dele começou a tocar fazendo meu professor gemer de descontentamento.

Ele não interrompeu o beijo, decidido a ignorar a ligação.

Continuamos o que fazíamos e ele me puxou colando nossos corpos, abrindo mais minhas pernas permitindo que eu sentisse a sua ereção roçar meu corpo. Fiquei quente em diversos graus.

O toque recomeçou insistindo e nos desconcentrando. Alex se afastou um pouco, já com o celular na mão, e conferiu o visor. Com um muxoxo resolveu atender, antes me deu um selinho carinhoso e doce.

– João – começou a falar ainda contrariado. – O quê? Mas... – uma pausa rápida. – Droga! – outra pausa - Não, tudo bem – neste instante a campainha da porta tocou. Fiquei tensa. – Ela acabou de chegar. Falo com você depois – desligou e olhou para mim. – É a Lana.

João ligou para avisar – fiquei sem graça e ele riu.

O professor João Pedro realmente sabia o que rolava entre nós. Isso me deixava constrangida, afinal de contas, ele também era meu professor e eu estava fazendo somente aulas de sexo com Alex e não tendo um relacionamento.

– Vou ver o que ela quer – caminhou para a porta para receber a irmã.

Me endireitei no banco, orando para que minha pele extremamente branca não estivesse salpicada de

pontos vermelhos, que era como eu normalmente ficava quando meu corpo inteiro se acendia ao toque do meu professor.

Lana já havia dado provas do quanto era atenta aos detalhes e aquele, com certeza, não passaria despercebido. Muito menos o fato de me encontrar pela segunda vez na casa do meu professor, o que não era nada normal.

– Oi!

Ela entrou sem se importar com o que ele estava fazendo, mas estancou na sala quando me viu sentada no banco da cozinha. Daquela vez nem tínhamos um computador para disfarçar e minhas mãos não paravam quietas, buscando os óculos, que não estavam em seu devido lugar, ou alisando meus cabelos, ou até mesmo, ajeitando meu vestido.

Eu era uma péssima atriz. Alex estava tranquilo, relaxado, nem um pouco incomodado. Estranho!

– Lamara – Alex acompanhou a irmã até a cozinha. – Qual o problema desta vez?

– Oi, Charlotte! – seu sorriso foi imenso. – Parece que estou interrompendo novamente. Deixe-me adivinhar: nada de sorvete de chiclete. Que infelicidade a minha – e olhou acusadoramente para o irmão.

– Tudo bem. Eu tenho mesmo que ir – Alex me encarou sem saber o que fazer. – Meus pais estão me esperando. Vamos visitar uma das alas do hospital dele.

Eu prometi que voltaria em meia hora – justifiquei-me.

– Posso te convidar para jantar conosco amanhã?

Será um momento em família, porém estou abrindo algumas exceções, o que pelo visto não é nenhum problema para o meu irmão, já que ele anda fazendo as suas próprias concessões. – piscou para mim. – Papai e mamãe querem muito passar algum tempo com os filhos. – Alex revirou os olhos e depois sorriu lindamente.

– Tenho um compromisso agendado para amanhã à noite. Desculpe! Meus pais estão na cidade e eu preciso acompanhá-los.

– Oh! É mesmo uma pena. A namorada do nosso irmão também não poderá ir. Ela também tem compromisso.

– Namorada? Desde quando ele namora? – Alex riu interessado.

– Pois é maninho. Seus irmãos estão passando na sua frente – Lana me olhou e sorriu amplamente, como se quisesse dar uma forcinha. Fiquei envergonhada. Muito envergonhada. – Você vai acabar encalhado. Desses quarentões que ficam pulando de uma namorada para a outra. Até ficar velho, feio e ninguém mais te querer.

– Não vou ficar encalhado – ele me olhou com ternura. – As mulheres são complicadas e frustrantes.

Quando você pensa que está dando tudo a elas, descobre que não chegou nem perto – sorriu e a irmã o

acompanhou.

Não entendi o que ele dizia e fiquei confusa. Ele falava do fato de eu sempre cobrar para que transássemos? Ou do nosso problema em relação a Tiffany e minha imposição sobre novos parceiros?

– Preciso mesmo ir – levantei do banco me concentrando em não cair de tão desconcertada que eu estava.

– Eu vou levar você. Seu carro ficou na praia? – Alex perguntou apreensivo.

– Ah! Sim, não se preocupe é pertinho. Posso voltar andando.

– Com esses sapatos? – Lana se intrometeu. – Hummm! Não vai ser nada legal.

Olhei para os meus pés e lembrei do motivo de nunca gostar do que minha mãe me obrigava a usar.

Aqueles sapatos, por exemplo, apesar de não serem altos, com certeza me deixariam incapacitada em menos de dez metros.

– Posso pegar um táxi.

– Não. Eu levo você. Lana me espere só um minuto, vou levar Charlotte até o carro e volto logo.

– Tudo bem! – ela se virou em direção à sala como se estivesse na própria casa.

– E não fique fuçando as minhas coisas – pegou a chave e passou pela porta.

– Deus me livre! Nem quero imaginar o tipo de coisas sórdidas que posso encontrar. Tchau, Charlotte querida! – ri da intimidade. Lana era adorável. – Foi um prazer revê-la. Espero te encontrar mais vezes.

– Ok! Ela era indiscreta, mesmo assim adorável.

– Tchau, Lana! Obrigada pelo convite – sorri e acompanhei Alex.

Descemos os degraus com ele segurando minha mão, como se fôssemos um casal. Alex abriu a porta para mim, com um sorriso bobo no rosto. Senti minhas pernas tremerem.

– Não ligue para ela – ele disse ao dar partida no carro.

– Eu gostei de sua irmã.

– Ela gostou de você também – quase me abracei. – Quando vou te ver? – Ah, Deus! E como eu poderia saber?

– Não sei. Vou tentar fugir de novo – Alex puxou o ar, reprovando a minha infantilidade. – Meu pai é complicado. Você não entende.

– Não entendo mesmo – afirmou com veemência. – É impossível entender, Charlotte. O que ele pode fazer?

Colocar um cinto de castidade eu sei que não é. Nem impedir que você saia por aí em busca de

aventuras.

– Alex!

– Eu só queria entender por que tanto medo? Seu pai não quer que você namore, mas você já tem vinte e um anos e é uma mulher. Tem este direito.

– Eu tenho, só que a nossa situação é muito diferente. Não posso dizer ao meu pai que estou fazendo aulas de sexo com o professor responsável pelo meu projeto, muito menos explicar a ele como chegamos à conclusão de que estas aulas eram necessárias.

Alex gargalhou e balançou a cabeça sem acreditar em minhas palavras.

– Isso é muito surreal. Inacreditável! Você sabe em que ano estamos?

– Eu sei, aparentemente, ele não. Quando me casar precisarei estender o lençol branco com manchas de sangue para comprovar a minha pureza – cruzei os braços me sentindo ridícula com aquela conversa.

– Então você vai morrer neste dia, ou matar o seu pai, porque não haverá uma gota de sangue no lençol.

Ele passou uma mão em minha coxa, levantando um pouco o vestido e fazendo com que meu corpo fosse atacado por labaredas de fogo que me consumiam sem piedade. Por que ele tinha que fazer aquelas promessas?

Paramos próximos ao meu carro, ele desligou o motor e se virou para mim.

– Quero te ver amanhã – foi categórico.

– Alex... – ele me puxou e se apossou dos meus lábios. Um beijo ardente. Delicioso!

– Linda, eu quero te ver amanhã. Nem que para isso tenha que bater à sua porta e me apresentar a seu pai – essa possibilidade fez com que meu coração acelerasse.

– Vou dar um jeito. Prometo.

– Tudo bem. Te ligo hoje à noite. Atenda – advertiu com voz autoritária.

– Certo – claro que não atenderia se meu pai estivesse presente. – Preciso ir.

Alex me beijou novamente. Havia desejo em seus lábios, também delicadeza e carinho. Eu queria poder passar o resto do dia daquele jeito. Desta vez eu não me negaria a aceitá-lo.

– Te vejo amanhã – sussurrou em meus lábios.

Minha calcinha ficou incrivelmente molhada. Então me dei conta de que estávamos na rua. Mesmo dentro do carro, se alguém passasse poderia nos ver. E se esse alguém fosse um aluno da faculdade? Ou o meu pai?

Droga! Não dava para ser mais paranoica.

– Tá. Tchau! – desci do carro trêmula. Alex sorria enquanto aguardava que eu entrasse no meu.

Bati a porta, dei partida e me afastei, desta vez meu coração estava em festa. Eu o tinha de volta e estava feliz!

Capítulo 18

“O amor é cego, por isso os namorados nunca veem as tolices que praticam”.

William Shakespeare

Alex

E era exatamente como eu me sentia, um tolo apaixonado que não conseguia seguir em frente se estivesse longe da sua paixão. Aos trinta e quatro anos estava totalmente inserido naquela frase de Shakespeare, um homem capaz das maiores tolices em nome de um sentimento que o controlava e que não era controlado.

Eu estava mais do que frustrado. Liguei para Charlotte quatro vezes na noite anterior e ela não me atendeu. Sequer enviou uma mensagem avisando que não poderia atender, ou que retornaria quando pudesse. Nada.

O que ela queria? Que eu realmente batesse em sua porta e enfrentasse o seu pai? Caramba! Uma garota de vinte e um anos que morre de medo do pai? Era só o que me faltava. Aonde eu fui me meter?

O mais lógico seria cair fora. O problema do seu projeto final já estava solucionado e ela não precisava de mim para mais nada. Se eu simplesmente seguisse em frente com minha vida não haveria necessidade de me preocupar com Anita, Tiffany, faculdade, carreira de Charlotte, o diabo a quatro. Tudo voltaria a ser como antes, em seu devido lugar.

Exatamente como antes: vazio e sem cor.

Claro que até então eu nem fazia ideia de que me sentia assim. Estava bastante confortável mantendo distância de qualquer relacionamento. Minha postura em sala de aula não permitia que ninguém se aproximasse, pelo menos não as alunas, que era o certo. Sempre separei o lado profissional do pessoal. Quando estava a fim era só ir à caça e pronto. Sempre havia uma mulher disposta a passar algumas horas em minha cama. Era o suficiente, sem cobranças, nem satisfações. Agora nada seria como antes. Simplesmente porque eu não conseguia mais ficar longe dela.

Dormir com Charlotte ampliou meus horizontes. Ela era quente, macia. Se encaixava perfeitamente em meus braços. Sem contar que havia algo de errado com aquela garota. Não era normal o tesão que eu tinha por ela. Nunca estava saciado. E olha que nem tínhamos transado de fato.

Andei pelo campus e me vi procurando desesperadamente por minha aluna. Não tínhamos aula, mas talvez cruzássemos pelos corredores, quem sabe no intervalo. E mais uma vez a insegurança e ansiedade me atacaram.

Que merda! Eu não era mais um adolescente, um idiota inexperiente que ficava correndo atrás da garota.

Por que não entendia logo de uma vez e ficava na minha?

Porém tal atitude era impossível e eu me via percorrendo com os olhos todo o ambiente, à procura dela.

Sempre ela.

Como sou uma pessoa de muita sorte, Anita me encontrou primeiro. Não deu para disfarçar a cara de desagrado. Não queria aquele grude em meu pé, muito menos as suas conversas fúteis e o seu jeito oferecido.

Será que Anita nunca perceberia que eu não estava afim?

– Alex! Nossa, adoro seu perfume – sorriu sedutoramente. Fiz um esforço imenso para não ser grosseiro.

– Eu também – continuei procurando pela minha aluna.

– Indo para a aula? – não. Estou procurando uma ponte para me atirar. Que saco! Ri com ironia.

– É só o que posso fazer aqui.

– Estou vendo que você hoje não está para conversa.

Aconteceu alguma coisa? Problemas com algum aluno? – parei imediatamente. O que Anita estava tentando insinuar com aquela pergunta? O que ela já sabia?

– Não. Por que está fazendo esta pergunta? – não queria ser rude, mas acabei sendo.

– Calma, Alex! Só perguntei porque estamos no final do semestre e seus alunos estão no último ano. Sempre surgem problemas... – respirei aliviado. Anita nunca poderia saber.

– Desculpe, Anita. Estou com a cabeça cheia hoje. É melhor me apressar ou vou acabar me atrasando. Vejo você depois da aula – não deveria ter dito esta última frase. Anita sorriu e seus olhos brilharam com a promessa. Droga!

Enfiei a cara no trabalho. Pensar em Charlotte, na confusão que ela provocava em minha mente, acrescida de todos os problemas que ela me trouxe, e, terminando com Anita, era demais para esgotar toda a minha paciência. O melhor a fazer era trabalhar e esquecer. Com isso nem senti o tempo passar.

Arrumei todos os papéis, coloquei em minha pasta e saí conversando com uma aluna que se dedicava em uma antologia de contos de terror. A iniciativa era ótima, porém os outros alunos envolvidos não conseguiam se destacar e agora ela se via desesperada para conseguir finalizar seu projeto. Mais uma que precisava de ajuda.

Assim que coloquei os pés para fora da sala de aula, Anita enlaçou meu braço e saiu me puxando.

“Ela nunca desiste?” – Que tal um vinho hoje à noite para relaxar?

– Tenho compromisso. Um jantar em família – ressaltei antes que ela se convidasse.

– Alex, você nunca vai me dar uma chance? Só quero algumas horas para provar que consigo te fazer esquecer os problemas do final do semestre.

– Anita, eu agradeço sua preocupação, de verdade, mas ando mesmo sem tempo. Você, como professora,

sabe o quanto esta época é difícil para nós. Vamos deixar este programa para outro momento – se eu não permitisse que uma porta ficasse aberta, ela me perseguiria até alcançar seu objetivo.

Foi neste instante que a vi. Charlotte cortava o campus em direção ao estacionamento. Ela estava linda!

Usava um vestido preto, justo ao corpo e esvoaçante da cintura para baixo. Era curto e sensual. Os cabelos castanhos desciam pelas costas, balançando ao vento, enquanto andava apressadamente em direção ao seu carro.

Ela sorria, na verdade, ria livremente acompanhada de perto por um outro rapaz. Eu não deveria, mas senti ciúmes. Conhecia a figura alta, magra e sem graça que andava ao lado da minha aluna. Era um garoto lá da faculdade que fazia bem o estilo nerd e que eu já tinha visto uma porção de vezes acompanhando Charlotte.

Como era mesmo o nome dele? Pouco importava.

Ele seguia a minha garota, carregando seu caderno e alguns livros e ria junto com ela. Olhando de fora era terrível admitir, mas eles pareciam tão adequados. Eram jovens, gostavam das mesmas coisas e ela ficava tranquila ao lado dele, coisa rara quando ela estava ao meu lado.

Droga!

Meu coração acelerou e a garganta ficou seca. Era ele o cara que a estava afastando de mim? Ele era a escolha dela? Então por que ela disse que não estava desistindo? Apertei e soltei a mão um milhão de vezes tentando conter o suor que a umedecia. Uma enorme vontade de confrontá-la, de afastar aquele rapaz, de gritar para o mundo inteiro que ela era minha, e somente minha.

Infelizmente eu não poderia fazer isso. Não com Anita ao lado e, muito menos no meio da faculdade, onde apenas o pior poderia acontecer. Apesar de todos os medos e receios que gritavam em minha mente, eu não poderia deixá-la partir. Precisava agir antes que Charlotte desaparecesse.

– Com licença, Anita. Preciso resolver uma coisa.

Disparei o mais rápido possível em direção a minha aluna. Tentei evitar olhar para o garoto mais do que o necessário. Falhei vergonhosamente e tenho certeza de que minha cara não era das melhores.

– Charlotte! – gritei. – Charlotte!

Ela olhou para trás e parou hesitante. Olhou para o garoto ao seu lado demonstrando sua apreensão, o que me deixou ainda mais irritado. Ela se importava com ele.

Senti toda a sua tensão antes mesmo de me aproximar.

Charlotte ajustou os óculos, os cabelos e o vestido, tudo ao mesmo tempo, como se não soubesse o que fazer.

O rapaz ficou um pouco assustado com a minha aproximação tão eufórica e confesso que gostei de saber que o intimidava. Talvez por este motivo não consegui me impedir de direcionar um olhar mortal a ele a cada segundo, mesmo estando ansioso para admirar a minha aluna.

– Oi! – consegui alcançá-la.

– Oi... Tudo bem? – Charlotte olhava para os lados um pouco apreensiva.

– Professor Frankli – o garoto falou em uma mistura de cumprimento e inquietação. Olhei para ele medindo-o e estreitando os olhos.

– Você é... – ele ficou desconcertado.

– Henrique... – gaguejou e eu sorri diabolicamente.

– Henrique Almeida, professor. Da turma de...

– Ah, sim! Claro! Henrique Almeida, do grupo de xadrez, não é isso?

– Equipe. Somos uma equipe.

– Ok! – respondi sem muito interesse e o rapaz ficou incomodado.

Fazer o quê? Eu já detestava o garoto apenas por saber que ele era tão nerd quanto a Charlotte, mas também, e principalmente, por ele poder caminhar ao seu lado carregando os seus livros. Eu o odiava. E o pior de tudo, era que não deveria odiá-lo. Era tão antiético ter aquele sentimento, mas a última coisa que eu conseguia ser naquele momento era profissional.

– Precisamos ajustar alguns detalhes do seu projeto.

Olhei diretamente para a minha aluna, evitando assim despejar mais um pouco da raiva no tal do Henrique. Charlotte ficou vermelha e desconcertada.

– Alguns detalhes? Mas...

– Pensei que seu projeto já estava aprovado, Charlotte – o garoto se intrometeu e eu precisei fechar os olhos antes de continuar.

– Henrique, não é isso? – ele concordou recuando ligeiramente. – Eu preciso realmente resolver este problema com a Srta. Middleton, você poderia nos dar licença?

– Alex! – Charlotte esbravejou baixinho. O garoto olhou para ela, que suspirou afastando-se e depois para mim, que mantive minha postura encarando-o.

– Claro, professor! – ele colocou o material de Charlotte sobre o carro. – Vejo você depois? – e com esta pergunta ele fez com que eu sentisse vontade de matá-lo, sem dó nem piedade.

– Sim, obrigada por me ajudar com os livros.

– Disponha! – ele sorriu e foi embora.

– Qual é o problema, Alex?

– Você sumiu novamente! – estava irritado demais para fingir não me importar com tudo o que estava acontecendo. – Eu liguei...

– Alex... Por favor! Estou mesmo com pressa. Ontem houve um problema e não consegui te atender nem retornar, não posso explicar agora...

– Quando? Quando pretende me explicar? Isso é tão... frustrante! Eu realmente não sei o que esperar de você. E agora tem este... Henrique Almeida, que pode andar livremente com você pela faculdade.

– Qualquer pessoa pode andar livremente comigo – ela respondeu exasperada, olhando para os lados.

– Pelo visto menos eu.

Encaramo-nos por alguns segundos que foram o suficiente para dizer tudo. Charlotte soltou o ar e fez o que sempre fazia, ajustou os óculos e arrumou os cabelos que já estavam mais do que arrumados.

– Por favor! Eu vou resolver isso, prometo! Agora preciso ir – ela parecia angustiada.

– Qual é o problema?

– Tenho uma consulta e preciso correr para não me atrasar.

– Consulta?

– Algum problema? – merda! O que Anita estava fazendo ali?

– Professora Bezerra! – Charlotte ficou tensa imediatamente.

– Charlotte Middleton, nossa! Estou admirada. Fez seu professor correr atrás de você. – que droga! Anita com certeza já estava imaginando que algo estava acontecendo.

– Tenho pendências com a minha aluna, Anita – juro que tentei não parecer irritado, nem impaciente, mas não deu mesmo. Era muita coisa acontecendo para um homem angustiado. – Preciso do último capítulo, Charlotte. O tempo está curto e sem ele não posso finalizar o projeto.

– Eu compreendo, professor.

Charlotte parecia mais do que tensa. Ela começou a trocar o peso do corpo de um pé para o outro. Merda! Eu precisava de respostas, mas não podia expô-la.

– Vou escrever o mais rápido possível. Agora preciso mesmo ir.

Minha vontade era impedi-la, exigir que ela ficasse até que todas as dúvidas fossem esclarecidas. No entanto, segurar Charlotte por mais tempo só complicaria a nossa situação. Ela abriu o carro sem me olhar e eu tive a certeza de que minha aluna tentava a todo custo me evitar.

– Charlotte!

Era só o que me faltava. O que o cão de guarda estava fazendo ali? Deus só podia estar de brincadeira comigo para testar tanto assim a minha paciência.

– Caramba! Aonde você vai toda gostosa desse jeito? – puta que pariu!

– Johnny! – Charlotte o repreendeu meio sorrindo, o que só me deixou ainda mais puto da vida. – Pensei que não viria hoje.

Por que inferno ela ficava mais relaxada quando aquele garoto estava por perto? Era como se eu fosse um peso, alguém que a perturbava. Era uma merda pensar assim, porque dentro de mim eu já me sentia um nada, vendo-a sorrir para o “amigo” como se ele fosse a sua salvação, só me afundava mais na lama.

– Eu não vinha. A noite foi cansativa, mas sabe como é, estou meio pendurado em uma matéria e... Não dá para resistir aos apelos de uma professora doidinha para me aprovar.

Putá merda um milhão de vezes! O que era aquilo?

Charlotte tinha contado ao amigo? Jonathan sabia o que acontecia com a gente. Não tinha como ser diferente. O tom utilizado, a forma cínica como sorriu e, principalmente, a forma absurda como minha aluna corou, denunciava aquela infração gravíssima. Que porra! Olhei para ela com a intenção de repreendê-la, mas ela não me olhava.

– Jonathan! Essa é uma acusação séria – Anita se adiantou. – Sabe que algo assim pode gerar um processo contra o professor, comprometer sua carreira acadêmica e além de tudo isso, prejudicar a imagem da faculdade? – caralho! Que merda de dia era aquele?

– Eu sei. Eu sei, professora Bezerra. Estou só brincando. Ninguém faria uma besteira dessas – se Anita não estivesse presente eu arrancaria a cabeça daquele imbecil ali mesmo. – Então, Charlotte, ontem você estava com tudo, hein? Toda empolgada. Nem acreditei. – ok!

Para mim chega.

– Preciso mesmo ir. Johnny, nos falamos depois – Charlotte ficou ainda mais constrangida. Seu rosto pegava fogo e ela não conseguia me olhar nos olhos. – Preciso ir.

Com licença! – entrou em seu carro e foi embora.

– Eu também preciso ir. Tenho uma reunião importantíssima e já estou atrasado.

Graças a Deus meu carro estava bem perto, pois não aguentaria ficar nem mais um segundo ali. Sem conseguir raciocinar direito, evitei qualquer questionamento de Anita e o olhar cheio de acusação do “amiguinho” da minha aluna, partindo na mesma direção que ela. Peguei o celular e liguei apesar de não acreditar que ela atenderia.

Estava enganado. Ela atendeu.

– Alex, você está dirigindo como um louco! – sua voz denunciava o quanto estava aflita.

– Encoste o carro! Preciso falar com você – quase gritei. Estava enfurecido. Com tanta raiva que poderia

matá-la.

– Alex! Não posso parar agora, desculpe. Eu disse, tenho uma consulta. Preciso desligar. Não posso me concentrar falando ao celular.

– Então pare o carro – bradei sem me importar com o que poderia acontecer comigo enquanto costurava a pista para alcançá-la.

– Eu não posso! – Charlotte gritou desesperada. – Pare de me seguir, pelo amor de Deus! Assim que eu puder te ligo.

– Charlotte... Não desligue...

Porra! Ela desligou.

Parei o carro bruscamente, encostei a testa no volante e tentei recuperar um pouco do juízo que um dia tive. Que merda do caralho! O que aquela garota estava fazendo comigo?

Era problema demais para um dia só.

Desci do carro e atravessei a rua procurando uma coisa que não fazia há anos. Comprei um cigarro e o acendi imediatamente. A fumaça queimou meus pulmões.

Uma distração prazerosa para encobrir o turbilhão dos meus pensamentos. No entanto, a nicotina não era mais tão familiar e logo fui atingido por uma tontura que já sabia que chegaria.

Soltei a fumaça olhando para o trânsito que seguia como se nada de errado estivesse acontecendo. E realmente não estava. O mundo não poderia parar por causa dos meus problemas.

Encostei-me no carro e fiquei observando o mar.

Que porra eu estava fazendo? Charlotte seria a minha ruína! Se eu não tentasse colocar minha cabeça no lugar naquele momento não teria mais volta. Terminei o cigarro, mais pelo fato de não aceitar que não o tolerava mais do que pela vontade real e entrei no carro.

Dirigi até a editora. A vida precisava seguir e comigo não poderia ser diferente.

Lana me encontrou no corredor após uma videoconferência com uma editora que assumiria a comercialização dos e-books fora do país. Minha irmã estava agitada, como ela sempre era, então não me surpreendi.

Peguei os recados que Simone, minha secretária, me entregou e entrei na sala. Todo o peso do mundo se resumia a Charlotte Middleton e meus ombros não estavam suportando mais.

– Tudo certo para o jantar de hoje à noite? – soltei o ar me sentindo desanimado.

– Sim. Pode contar com a minha presença – Lamara sorriu.

– O que está te incomodando? Sua cara está péssima – me acomodei na cadeira e apoiei o rosto em

minhas mãos.

– Tem alguma resposta para aquele material que te enviei?

Claro! Se Charlotte não fosse dona dos meus pensamentos, com certeza seria das minhas palavras. Tudo parecia girar em torno dela.

– Sim! Adorei por sinal. Esta garota é incrível! – não consegui evitar o sorriso. Eu sentia orgulho dela. – O material é maravilhoso. Só preciso saber como ela vai terminar a história. Alex, que enredo incrível! Original.

Bem escrito. Eu apostaria todas as fichas nela. É sucesso garantido.

– Eu concordo.

Era frustrante conversar sobre o destino do trabalho de Charlotte sem que ela pudesse participar. Encostei-me à cadeira e passei as mãos pelos cabelos. Meus olhos se perderam na paisagem ao lado da mesa. O mar ao longe.

– É por isso que está tão pra baixo? Eu pensei que vocês dois estivessem se entendendo.

Minha irmã era incrivelmente perceptiva. Não tinha como fingir para ela. Soltei o ar desistindo de tentar esconder a verdade. Seria bom conversar com alguém que não fosse João Pedro, para tentar encontrar as respostas que eu tanto necessitava.

– Charlotte é complicada! Não quero que meus problemas com ela interfiram na oportunidade de incluirmos seu trabalho em nossas publicações.

– Não. Certamente que não – Lana colocou os papéis de lado e se inclinou em minha direção. – Você está gostando dela tanto assim? – Obviamente ela saberia.

Como não saberia, se ninguém me conhecia melhor do que minha irmã caçula?

– Foi um erro me deixar envolver tão profundamente com uma aluna, Lana. Eu devia ter sido mais forte, por outro lado, sinceramente, não acredito que Charlotte cresceria tanto em sua escrita se não tivéssemos passado mais tempo juntos – deixei que Lana absorvesse as informações. Não queria confessar a minha irmã toda a merda que tinha feito até chegar a aquele ponto.

– Meu Deus, Alex! – ela entendeu. – Isso é...

complicado – concordei com a cabeça. – E você se apaixonou! – constatou e um sorriso lindo brotou em seu rosto. – Ah, Alex! Você se apaixonou por uma aluna! Uma garotinha colocou você de joelhos – começou a rir descontroladamente.

– Não tem graça nenhuma, Lana – tentei repreendê-la, era inútil.

– Claro que tem. Tirando todos os problemas que vocês poderão enfrentar... Se bem que Charlotte já está se formando e... Eu acredito que vamos contratá-la como autora – ela parou com o rosto franzido, pensando por um tempo. – Acho que não serão tantos assim.

– Não é como você está pensando.

Claro que não! Charlotte estava fugindo de mim como o diabo foge da cruz e eu parecia um adolescente de dezessete anos, correndo atrás da namoradinha.

– Vocês já conversaram a respeito? Já contou a ela como se sente?

– Não – ela fez cara de reprovação. – Mas eu deixo claro, Lana. Todas as minhas atitudes demonstram o quanto eu quero ficar com ela. Apesar disso Charlotte continua insegura, indecisa. Vocês mulheres são complicadas demais.

– Por quê? – Lana parecia não acreditar nos argumentos que eu utilizava.

– Porque Charlotte Middleton é uma pentelha igualzinha a você e está me deixando completamente louco.

– Alex! – pronto. Consegui irritar minha irmã. – Vocês homens são todos uns idiotas mesmo. Não sei o que seria de vocês dois se não tivessem a mim como irmã. – dois? Então Patrício também tinha problemas com a namorada? Ri da pequena diante de mim. – Pelo amor de Deus! Quando vão entender que as mulheres precisam ouvir. São apenas três palavras: Eu te amo! Dói dizê-las?

Mas não! Vocês machos que pensam apenas com o pênis, acham que assumir que amam suas fêmeas é o mesmo que pular de um precipício...

– É como pular de um precipício...

– Ah, cala a boca, Alex! – comecei a rir. Lana era ótima em me distrair – Vou deixá-lo sozinho, quem sabe consegue colocar algum juízo nesta cabeça e deixa de ser tão infantil.

– Eu sou infantil? – brinquei com ela.

– Ah, sim! Você é infantil para cacete. Tchau, Alex!

Lana saiu ainda irritada, eu sabia que minha irmã não perdia tempo com bobagens. Para ela tudo era muito lógico. Preto no branco. Nem parecia uma mulher. Aliás, ela não se assemelhava a ninguém que já conheci até hoje.

Voltei minha atenção para os dois contratos sobre a minha mesa. O jurídico havia me enviado para revisão. Eu precisava verificar se estava tudo de acordo com as normas e assinar. Depois iria embora. Precisava de um tempo para mim antes de encarar a família.

Uma batida leve em minha porta chamou a minha atenção. Com certeza Simone tinha algum recado ou documento para me entregar, por isso não desviei a meus olhos do que estava fazendo.

– Com licença. Posso entrar?

Levantei os olhos, surpreso.

Charlotte Middleton estava lá.

Charlotte Calcei as sandálias altas, passei a mão no vestido, conferi o cabelo, os óculos, a maquiagem, o esmalte, a bolsa... Tudo para protelar um pouco mais a minha decisão. Lógico que estava com medo. Por que não estaria? Alex estava irritado. O que ele queria que eu fizesse? Não podíamos conversar na presença da professora Bezerra e do Johnny.

Johnny! Nós teríamos uma conversa muito séria mais tarde. Ele precisava parar de tentar enlouquecer o Alex.

Olhei mais uma vez para o prédio onde ficava a editora do meu professor. Uma construção de cinco andares, comprida, ocupando uma vasta área para os lados. Sua fachada era toda de ferro e vidro, uma arquitetura nem moderna, nem ultrapassada. Passava um ar de seriedade. Uns poucos degraus davam acesso às portas que me levaram a recepção.

Droga! Eu nem sabia se ele falaria comigo. Que merda! Eu tinha tomado uma injeção! Um dos meus maiores medos e ainda sentia a dor da picada em minha bunda, ele teria que me receber e fazer a dor valer a pena.

Caminhei em direção à entrada com passos vacilantes. Será que eu estava fazendo a coisa certa?

Parei na recepção onde um conjunto de sofás marrons que, apesar de bonitos, não me pareciam confortáveis, decoravam a extensa sala. Algumas pessoas entravam e saíam, passando pelas catracas. Uma divisória de pedra polida me separava da mulher loira e perfeitamente maquiada que me analisou dos pés à cabeça.

Graças a Deus minha mãe insistiu em me fantasiar de boneca para ir à faculdade, se eu estivesse com um dos meus tradicionais jeans, meu tênis velho, uma camiseta básica e um casaco só para não passar aperto, com certeza seria expulsa dali antes mesmo de conseguir falar.

Talvez fosse melhor eu tentar me acostumar com o estilo boneca de louça dali em diante.

– Boa tarde! Posso ajudá-la?

– Vim falar com o professor... Quer dizer... – pigarreei para manter a voz firme. – Alex Frankli, o editor-chefe. Sou Charlotte Middleton. Ele... Bom... Ele sabe quem eu sou.

A mulher sorriu com deboche, ironizando o meu nervosismo. Pelo amor de Deus! Eu tomei uma injeção na bunda, dá para ter mais piedade?

– Tem hora marcada? Certamente o nosso editor-chefe não tem tempo disponível para visitas não agendadas – sorriu triunfante.

Normalmente não sou uma mulher violenta, mas naquele primeiro instante reconsiderarei a minha natureza.

– Bom... Acho que...

Eu tomei uma injeção. Uma injeção! Dá para acreditar que esta mulher estava tentando me impedir de encontrar com Alex depois de tomar uma injeção?

– Olha só...

– Charlotte! – a voz do professor João fez com que eu recuasse. – Tive que olhar duas vezes para ter certeza que era você mesma. Olha só! Você está linda! – a forma como ele sorriu não deixava transparecer que havia nada além do elogio. Relaxe. – O que faz aqui?

– Eu queria falar com Alex, mas... – olhei sem disfarçar para a funcionária que estava visivelmente contrariada com a presença do professor João Pedro.

– Fabiana, não precisa anunciar. A Srta. Middleton está comigo. Vamos, Charlotte, eu a levo até ele.

Ok! Então vou aproveitar para dizer que minha natureza podia não ser violenta, mas vingativa com certeza ela era, então, aproveitando que João Pedro estava um passo à frente me guiando na direção dos elevadores, virei para a loira da recepção e sorri sentindo-me a própria Malévola. Ela estreitou os olhos, sem dizer nada, liberando minha passagem na catraca. Um segurança cumprimentou João Pedro que respondeu com um aceno de cabeça.

Entramos no elevador logo em seguida. O professor João cumprimentou algumas pessoas sem se dar ao trabalho de me apresentar a nenhuma. Achei melhor assim.

Quanto menos testemunhas, melhor. Paramos no quarto andar.

Era uma sala ampla e tradicional. Uma parede extensa exibia quadros com capas de livros, provavelmente os de maior vendagem e eu imaginei quantos da tal Tiffany estariam ali. Suspirei incomodada.

Ela era tão mais adequada para Alex!

Outro conjunto de sofás, mais bonitos e confortáveis do que os da recepção principal. Uma palmeira de ambiente interno, muito bem cuidada por sinal, enfeitava um dos cantos. Alguns móveis em tons variados de marrom e muitas revistas para tornar o local mais agradável. Ao fundo avistei aquela figura singular, Lana, que caminhava em direção ao elevador. Ela abriu um sorriso imenso para o marido, sem me ver de fato.

– Princesa! – o professor João a envolveu em seus braços cobrindo-a de carinhos. – Saudades? – eles eram tão lindos juntos! Lana se derretia de amor pelo marido.

– Sempre!

– Veja quem eu encontrei perdida por aí – apontou em minha direção. Só então Lana me viu. Seu sorriso ficou ainda maior.

– Charlotte! Estava agorinha mesmo falando de você. Li o seu material. Incrível! Menina, o que é aquele homem? Nunca li nada parecido. Adorei! É sucesso garantido... O que faz aqui? – ela mudou o tom de voz tão rápido quanto respirava e eu fiquei atordoada e um pouco tonta com tanta variação de intensidade.

Fiquei vermelha até o limite. Lana tinha lido o meu livro. Puta que pariu! Ela leu toda aquela pornografia.

Tudo o que o irmão dela tinha me ensinado. Ai, meu Deus!

Ela tinha que dizer isso justo no dia em que tomei a porra da injeção?

– Vim falar com Alex. Não agendei...

– Simone, esta é a Srta. Middleton, ela está aqui para falar com Alex. Não precisa anunciá-la.

Olhei para a mulher atrás da longa mesa vermelha, que se destacava de todo o ambiente. Ela era alta, magra, com um corpo incrível, visivelmente moldado por seu vestido colado. Tinha cabelos negros caídos até a cintura.

Aquela era a secretária de Alex? Era melhor eu não continuar olhando. Já tinha tido a minha cota de estresse do dia e precisava continuar acreditando que tomar a injeção valeria a recompensa.

– Entre, Charlotte. Alex está em sua sala. Falo com você depois.

Lana saiu arrastando o professor João. Fiquei parada um tempo, meio indecisa sobre como agir. A mulher, Simone, continuava me observando, como se eu fosse uma figura estranha no mundo errado.

Inevitavelmente comecei a me balançar de um lado para o outro, completamente perdida.

Ainda olhei para o lado e vi Lana acenando ao entrar no elevador. Quando voltei a olhar para a secretária do meu professor ela sorriu indicando a porta com a cabeça. Sorri sem graça e fui até lá, batendo de leve. Não ouvi nada do outro lado, por isso não entrei. Imaginei que precisaria de um consentimento ou algo parecido, mas não houve nada, só o silêncio.

Voltei a olhar para Simone que sorriu mais amplamente. A secretária se aproximou, tomando o cuidado para não me assustar mais do que eu já estava e abriu a porta me dando passagem para a sala que era exatamente como eu tinha imaginado.

Entreí cautelosamente. Alex estava lá. Sentado do outro lado da sua mesa. Não se deu ao trabalho de levantar os olhos. Ele lia alguns papéis, aliás, sua mesa estava repleta deles. Na parede atrás dele havia mais quadros com capas de livros em uma harmonia de cores.

E me peguei imaginando se a importância deles era apenas pelo fato de combinarem ou se era realmente pelo sucesso.

Uma longa janela ficava ao lado, com persianas brancas, uma boa parte fechada, a que estava aberta permitia ver o mar. Era tão a cara dele! À frente um outro conjunto de sofás, um tapete felpudo e uma pequena mesa com algumas revistas, todas arrumadas. Havia também outra mesa maior, para reuniões, deduzi, e um pequeno bar de sala.

Fiquei parada à porta sem saber o que fazer. Ele não havia me olhado uma única vez, concentrado no que fazia.

Meu professor estava usando paletó e gravata, estava incrivelmente sexy com estas roupas. Ainda mais bonito.

Como ele nada fez eu resolvi arriscar.

– Com licença. Posso entrar?

Alex levantou a cabeça e me encarou. Seus olhos cravaram em mim, sua expressão era confusa, não me deixando saber ao certo como se sentia com a minha presença. Meu coração acelerou e minha boca ficou seca.

E então, eu não sabia mais se tinha feito a coisa certa.

Capítulo 19

“É mais fácil obter o que se deseja com um sorriso do que à ponta da espada”.

William Shakespeare

Charlotte

Alex me analisava sem nada dizer nos poucos segundos que se passaram depois de se dar conta da minha presença. Naquele olhar existia um pouco de tudo: mágoa, raiva, confusão, incertezas... saudades? Será?

Eu não sabia dizer, só sabia que, se eu tinha tomado aquela droga de injeção e estava lá, teria que seguir em frente e alcançar o meu objetivo. Então sorri, ou tentei, apesar da tensão.

– Charlotte? – a voz era baixa e controlada.

Arqueou uma sobrancelha, me observando. Oh, droga! Ele estava com raiva? Estava irritado por eu ter tido a ousadia de aparecer em seu trabalho? O que ele estava pensando?

Como eu fiquei calada, ele levantou, arrumando os papéis sobre a mesa. Caminhou lentamente em minha direção e parou, mantendo uma distância segura entre nós.

Suas mãos estavam nos bolsos das calças e ele apenas me fitava.

– O que faz aqui? Aconteceu alguma coisa? – sua voz era leve e suave. Uma carícia para os meus ouvidos.

– Não – pigarreei para limpar a garganta. Um nó me impedia de engolir direito. – Você disse que precisava conversar comigo... Achei que não haveria problema se eu aparecesse... Podemos deixar para outra hora se preferir...

– Não, tudo bem! Eu só... Achei que você não queria conversar comigo. Quer dizer... – Alex tirou uma das mãos do bolso e gesticulou no ar. – Você fugiu e... Isso é tão... – fechou os olhos, puxou o ar e passou a mão pelos cabelos. – Não consigo compreender você, Charlotte. É tudo confuso demais.

– Alex, eu...

Ele passou por mim e sentou deixando o peso do seu corpo cair sobre o sofá espaçoso. Alex apoiou os cotovelos nos joelhos e enterrou o rosto nas mãos. Devia estar cansado e eu só estava atrapalhando. Tive vontade de ir embora, o que não ajudaria a resolver nossos problemas.

Era melhor facilitar as coisas, então ajoelhei diante dele, colocando minhas mãos sobre seus joelhos e aguardei. Alex levantou o rosto e me encarou. Por breves segundos fiquei perdida naqueles olhos quase azuis, um céu escuro capaz de me absorver completamente.

– O que quer de mim, Charlotte? – sua voz cansada e expressão sofrida me fez temer.

Alex parecia estar no limite, não pelo trabalho, nem pelo dia que poderia ter sido desgastante, mas por mim e isso fez o meu coração afundar. Eu não queria que ele se cansasse de mim, que desistisse por não suportar minha vida complicada. Eu o queria e o amava.

– Alex...

“Como fazer isso?” – Eu não pude te atender ontem. Aconteceram algumas coisas e eu me vi envolvida numa situação complicada... – ele fechou os olhos novamente e esfregou a mão na testa. Estava impaciente. Eu teria que ser mais convincente. – Miranda me pediu ajuda para encontrar com o namorado. Ela não é filha do meu pai, mas por causa de uma história muito longa, eles agem como pai e filha... Tudo bem, eles devem agir assim... Então...

Miranda precisou de ajuda e, quando combinamos de fazer a visita à ala infantil, para as crianças com câncer do hospital, ela inventou que precisava estudar com uma amiga para as provas finais e conseguiu fugir da vigilância acirrada do meu pai. Só que quando estávamos nos preparando para voltar para casa, ela me enviou uma mensagem dizendo que não conseguiria chegar no horário combinado. Isso deixaria meu pai aborrecido e ela sabe que perderia muito com as birras dele, então precisei inventar um monte de coisas para passar o tempo. Minha sorte foi encontrar um amigo dele, um ex-colega de faculdade, que ele não via há muitos anos. Aproveitei a deixa para entretê-los ainda mais na conversa, fingindo interesse pelos assuntos do hospital, o que eu sabia que o deixaria empolgado, até Miranda conseguir chegar em casa. Só que minha atitude desviou toda a atenção do meu pai para mim. Cada mensagem que eu recebia ele ficava atento, fazia perguntas... – acabei de falar e ele ficou me encarando. Depois balançou a cabeça, incrédulo.

– Então Miranda consegue arrumar um jeito de enrolar seu pai e você não? – Oh, merda!

– Alex, por favor, seja mais compreensivo! Ontem foi um dia complicado. Eu acabei discutindo com Miranda por causa do que ela fez. Perdi sua ligação, fiquei até tarde tendo que ouvir as desculpas dela e, para piorar, meu pai resolveu incluir o tal amigo em nosso jantar de hoje. Não sei se tenho criatividade ou disposição para inventar mais conversas sobre o hospital.

– E seu “mais que amigo” Jonathan? Onde ele se encaixa em sua noite terrível? – ok! Minha injeção começava a não valer mais a pena.

– Não fique aborrecido com isso. Johnny está só querendo me defender, prometo resolver este problema hoje mesmo. Eu prometo! Por favor! Não fique tão irritado comigo – supliquei. Eu estava ajoelhada e minha bunda doía. Maldita injeção.

Alex fechou os olhos por alguns segundos, mordeu os lábios e balançou a cabeça como se negasse algo a si mesmo. Suspirou com força e me encarou.

– Aquele garoto, o Henrique, o que ele é seu? – sua voz ficou um pouco mais grave e seu corpo mais tenso.

Observei meu professor tentando adivinhar o porquê de ele estar tão incomodado com o Henrique.

Quase sorri quando imaginei ser ciúmes, mas me contive rapidamente, pois era ter esperança demais.

– Meu colega – respondi sem confrontá-lo. Era melhor não arriscar.

– Apenas isso?

– Claro! Alex, o Henrique...

– Ele gosta de você.

Alex falou calmamente e me encarou observando a minha reação. Bom, seria mentir não contar que meu rosto ficou vermelho queimando a pele e meus olhos imensos.

Tive medo de desviar o olhar e fazê-lo acreditar de havia algo mais na minha relação com o Henrique.

– Mas eu não estou interessada nele – respondi calma e pausadamente, contradizendo o meu corpo que estava mais do que nervoso. Ele me observou por mais um instante e então relaxou. Não o suficiente, mas de maneira perceptível.

– Não?

– Não – e continuei encarando o meu professor.

Será que ele não entendia? Alex era capaz de notar o interesse do Henrique por mim, mas não conseguia perceber que eu estava apaixonada? Nos encaramos por mais alguns segundos, então ele desistiu e mudou de assunto.

– Você fugiu hoje pela manhã.

– Eu tinha uma consulta! Alex, por favor! Eu tomei uma injeção hoje. Tem alguma noção do que significa para mim encarar uma agulha? Estou apavorada até agora – ele me olhou sem acreditar no que ouvia. Depois riu. Foi uma risada gostosa.

– Venha aqui, menina – me puxou para o seu colo.

Doeu um pouco, mas o prazer de estar em seus braços foi mais forte e mais importante.

Alex me cercou, segurando minha nuca com uma das mãos, os segundos que anteciparam o beijo me deixaram atordoada. Apesar de poucos, foram o suficiente para que eu assistisse a toda a sua transformação. Ele ficou intenso, seus olhos escureceram e seus lábios se abriram, facilitando a respiração represada.

E então me puxou de encontro a sua boca.

Rapidamente me deixei envolver. Minhas mãos correram para seus cabelos e meus lábios se abriram recebendo sua língua quente e aveludada. Foi uma delícia!

O beijo foi doce e sedutor. Alex era um mestre nessa arte, o que já me deixava completamente excitada.

Ele saboreava meus lábios e minha língua enquanto suas mãos acariciavam minha pele. Era muito, muito

bom.

Minha calcinha começou a ficar molhada. Mas ele interrompeu nosso beijo, o que me deixou zozna.

– Tem medo de uma injeção, mas acha que pode encarar perder a virgindade como se tal fato não fosse lhe causar nenhuma dor – sussurrou me observando.

Estremeci.

Eu sabia que perder a virgindade não era como nos contos de fadas, muito menos como contavam nos livros.

Tinha certeza de que doeria, que era muito provável que não fosse prazeroso e que para a mulher era sempre muito mais complicado atingir o orgasmo. Eu tinha tudo muito bem arquivado em minha mente, no entanto, ouvindo Alex falar, deixando bem claro que seria exatamente assim, foi impossível não estremecer.

– Eu tenho trauma de agulhas – revelei.

– Trauma – ele acariciou meu rosto me analisando com atenção e também diversão.

– Sim. Também não gosto de médicos – sorri sentindo meu rosto corar. Alex arqueou a sobrancelha e sorriu para a ironia. – Não de médicos no geral, mas normalmente aqueles que me atendem – ele ampliou o sorriso.

– Você é muito confusa – disse baixinho.

– Sim, eu sou. Quando era criança tive problemas sérios com alergia. Resumindo, eu tinha alergia a quase tudo – seus dedos desceram para meus braços enquanto ele me escutava atentamente. – Fiz um longo tratamento, com muitas injeções e médicos chatos que nunca me davam alta – Alex riu e balançou a cabeça incrédulo, depois mordeu o lábio e me encarou.

– E isso te faz a garota mimada que é – afirmou tentando esconder o riso. – Talvez você devesse procurar ajudar para resolver todas as confusões que existem nesta cabecinha. Procurar um psicólogo não seria uma má ideia – a ironia existente em sua voz me fez sorrir.

– Vou pensar nesta possibilidade.

– E injeções não doem – ele acrescentou.

– Minha bunda que o diga – ele estreitou os olhos e deu uma risadinha baixa e breve.

– Que consulta foi essa?

Sua voz rouca lançava choques em meu corpo. Eu adorava saber que Alex também se excitava apenas me beijando. No entanto, ele tinha feito a pergunta errada para o momento e logo eu estava tensa novamente.

– Bom... – me acomodei em seu colo e ele se mexeu fazendo-me sentir sua ereção. Puta merda! – Alex!

Gemi seu nome sem conseguir conter a saudade de nossos momentos íntimos. Ele riu baixinho juntando nossos lábios brevemente e acariciando minha nuca.

– Você sabe o efeito que causa em mim – sorriu me deixando encantada com tanta beleza e sensualidade.

Mordi os lábios. – Vai me contar sobre a consulta?

Ok! Foco, Charlotte! Respire fundo e tome coragem.

– Precisei dirigir até quase fora da cidade para chegar a tempo na consulta.

– Não estou entendendo, Charlotte. Conte logo tudo de uma vez – ele se moveu de novo. Céus! Alex estava tão duro. E eu o queria, naquele momento, sem perda de tempo.

– Fui a uma ginecologista. Procurei uma que não fosse amiga de meu pai, ou que, pelo menos, não fosse alguém a quem ele tivesse acesso – admiti me sentindo tímida. – Ter um sobrenome como o meu não ajuda muito quando a necessidade é ser discreta.

– Uma ginecologista? – ele piscou sem compreender a profundidade da minha revelação.

– Nós conversamos sobre meios contraceptivos... – um pequeno sorriso torto brotou em seus lábios. Fiquei admirada com a facilidade que Alex tinha em me deslumbrar.

Seus dedos correram meu ombro, subindo e descendo até o meu pescoço, causando-me arrepios. Seus olhos acompanhavam os dedos em minha pele.

– E a injeção?

– Ela me aplicou um anticoncepcional. Disse que não alcançaria o nível máximo de segurança porque o ciclo não estava no início, que o correto seria iniciarmos só depois... Eu disse que começaríamos antes... – meu rosto ficou quente. – Ela recomendou que usássemos camisinha por enquanto até meu próximo ciclo... – Alex me puxou para um beijo me pegando de surpresa.

Este veio mais carregado de desejo. Era urgente, quase sufocante, me apertava em seus braços, explorando meu corpo sem pudor. Senti uma mão em minha coxa. Meu sangue aqueceu, fervendo em minhas veias.

Alex subiu a mão, correndo seus dedos pela minha perna subindo até o limite da minha coxa, onde se prolongou em carícias. A outra mão apertava minhas costas mantendo-me presa a ele e à mercê da sua vontade.

Ele me dominava, submetia e enlouquecia. Não havia como fugir ou desistir.

Seus dedos longos me apalpando com vontade enquanto aprofundava nosso beijo. Suas duas mãos se encontraram embaixo do meu vestido, mais precisamente em minha bunda, onde ele fez uma pressão maior, puxando-me para si, forçando-me a sentar em seu colo com as suas pernas entre as minhas. Quando consegui me acomodar, seus dedos invadiram a minha calcinha e alcançaram meu sexo.

– Ah, meu bem! Você está molhadinha!

Alex gemeu acariciando meu sexo espalhando a umidade. Atrevi-me a mexer o corpo um pouco forçando o contato e aumentando minha excitação. Eu estava incrivelmente sensível. Pronta para explodir. Pronta para recebê-lo. Não havia porque esperar.

– Alex! – rebolei com mais vontade.

Ele me apertou com força, e começou a introduzir um pouco do seu dedo em mim. Ah, Deus! Era tão gostoso! Delicioso. Senti seus dentes em meu pescoço, arranhando e pressionando. Estávamos presos em uma bolha só nossa. Agarrados em nossa urgência. Uma de suas mãos saiu de mim e foi ao decote do meu vestido, abaixando-o.

No mesmo momento em que seus lábios se fecharam em meu seio, chupando o bico e me deixando louca, o dedo da sua outra mão foi mais fundo. Puta. Que. Pariu!

Joguei a cabeça para trás e empinei a bunda implorando por mais. Alex recuou. Céus! O que ele queria?

Enlouquecer-me? Fazer-me implorar?

– Alex, por favor! – seu dedo voltou e outros dois acariciavam os lábios do meu sexo que já pulsava. – Ah, Deus! – gemi com vontade. Alex brincava comigo tirando toda a minha força e equilíbrio. Nada mais importava ou fazia sentido.

– Charlotte, você é tão quente! Gostosa demais!

Suas palavras entraram em meu corpo junto com seus dedos. Dois deles estavam dentro de mim enquanto o outro continuava a carícia. Era pouco, e eu queria mais.

Sabia que ele poderia ir ainda mais fundo.

– Por favor, Alex!

Ele continuava chupando meus seios, um de cada vez, brincando com o bico e deixando-me em chamas.

Minhas mãos estavam em seus cabelos, prendendo-o e segurando-me para poder me movimentar melhor.

– Eu quero... Eu preciso de você agora... – seus lábios subiram pelo meu pescoço sugando e lambendo. – Tem que ser agora, Alex. Quero você dentro de mim.

Alex me puxou para trás buscando meus olhos. Seus dedos me abandonaram. Oh, droga! Eu nem conseguia me concentrar em nada. Estava a ponto de explodir de tão excitada, prontinha para ser preenchida por ele. Não havia mais nenhuma dúvida.

E eu havia tomado a porcaria da injeção. Pelo amor de Deus!

– Charlotte, você quer mesmo fazer isso aqui? – ele perguntava sério, me encarando.

– Quero. Agora. Por favor! – ele suspirou e colou sua testa na minha.

Droga, Alex! Não desista! Por favor!

– Charlotte! Minha menina – puxou o ar com força. - Não pode ser assim. É a sua primeira vez...

Broxante!

Eu só conseguia pensar nisso. Porra! Eu toda quente por dentro, aliás, por fora também e ele me diz que não pode ser desse jeito? Fiquei tão irritada que comecei a me levantar de seu colo.

– Charlotte! Espere... – me puxou e acabei caindo sentada em seu colo, só que de costas para ele. Alex me abraçou pela cintura mantendo-me junto ao seu corpo. – Charlotte, não seja infantil. Você sabe tanto quanto eu que o que mais desejo neste momento é estar dentro de você.

Mas não assim, não de qualquer jeito.

– Ah, Deus! – deitei em seu peito descansando a cabeça em seu pescoço. Alex riu e beijou o topo da minha cabeça. – Estou em chamas, Alex. Eu tomei uma injeção!

– choraminguei. Ele gargalhou com vontade, acariciando meus braços e beijando meu pescoço. Imediatamente meu sangue voltou a correr mais forte.

– Então vamos conter um pouco deste fogo e fazer esta injeção valer a pena.

Ah! A doce e quente promessa! Pelo menos iríamos brincar um pouquinho.

Ele recomeçou a beijar meu pescoço deixando sua língua acariciar minha pele. Suas mãos reiniciaram os movimentos, só que mais afoitas. Alex não desperdiçou tempo, rapidamente uma mão estava em meu seio, apertando, puxando e me enlouquecendo. A outra invadiu a minha calcinha e seus dedos pressionaram meu clitóris.

Soltei um gemido alto. Forte.

– Isso, minha menina. Quero o seu desejo, o seu prazer – sua voz rouca ataçava o meu lado animal e insano. Rebolei em seu dedo sem reservas. – Abra as pernas, Charlotte! Abra as pernas para mim! – minhas pernas ganharam vontade própria se abrindo deixando as dele entre as minhas. – Isso mesmo. Ótimo! – mordeu meu pescoço me fazendo arquear o corpo. Seus dedos voltaram a me explorar, acariciando invadindo e me deliciando.

– Hum! Alex!

– Estou aqui e vou gozar em você. Bem aqui...

Apertou o centro das minhas pernas me fazendo gritar de prazer. Sua mão se fechou em meu seio, forçando-me para baixo enquanto seu dedo entrava e saía, com cuidado e precisão.

Merda de virgindade!

Sua mão me abandonou quando comecei a me contorcer, louca para me entregar ao orgasmo que eu sabia que seria maravilhoso. Choraminguei, protestando.

– Calma, linda! Levante só um pouco – Alex me apoiou com uma mão e com a outra abriu as calças e colocou seu pau para fora.

Vi sua ereção sair de dentro das calças, em seguida ele me puxou novamente, sentando-me com cuidado e posicionando seu membro quente, duro e pulsante entre as minhas pernas que continuavam abertas. Respirei fundo. O que iríamos fazer?

Ele recomeçou as carícias. Uma mão trabalhava em meus seios e a outra em meu sexo. Alex passou a língua em meu pescoço e introduziu um dedo, não todo, o suficiente para me fazer delirar.

Passei uma mão para trás do pescoço dele e fechei os dedos em seus cabelos. Com a outra, segurei seu pau com vontade, masturbando-o enquanto sentia seus dedos entrarem e saírem de mim.

– Ah, Charlotte! Venha.

Ele segurou o próprio pau e, afastando a minha calcinha para o lado, colocou-o dentro dela, soltando-a depois, ela bem apertada, comportando o meu sexo e o dele ao mesmo tempo.

– Agora, meu bem. Quero que você mexa, rebole em meu pau enquanto eu me masturbo em você.

Não questioneei. Apenas obedeci. Com as pernas abertas. Uma das mãos de Alex segurava minha coxa, mantendo-a afastada e a outra subia e descia em seu próprio pau envolto por minha calcinha. Puta. Que. Pariu!

Era muito excitante estar daquela forma com o meu professor.

Imediatamente comecei a me esfregar nele acompanhando o movimento de suas mãos. Era incrivelmente bom. A fricção dos meus lábios úmidos e do meu clitóris inchado e latejante naquele pau duro e quente estava me levando às alturas. Gemi deixando que minha cabeça se apoiasse em seu peito e forçando mais o contato entre os nossos sexos.

– Ah, Charlotte! Você está deliciosamente molhada!

Vai me fazer gozar rapidinho.

Eu também gozaria rapidinho se ele continuasse se esfregando em mim, gemendo e mordendo como estava fazendo e ainda falando com aquela voz orgástica. Puta merda! Tudo em Alex era excitação pura.

– Me faça gozar, Alex– implorei. – E goze em mim, por favor!

Sua mão que estava em minha coxa voou para o meu clitóris, pressionando-o com o polegar enquanto os outros dedos se estiravam na junção das minhas coxas com meu sexo, puxando-me para trás. O movimento de sua mão em seu pau foi ficando mais sôfrego.

– Vou gozar, Charlotte! Vou gozar em você! Quero deixá-la lambuzada com meu gozo. Quero melar a sua calcinha para quando você voltar para casa se lembrar que eu estive bem aqui – forçou ainda mais meu clitóris me mostrando do que ele falava. – Bem pertinho de te comer. Gozando nessa bocetinha onde só eu vou poder me enterrar... – Rebolei com mais vontade sentindo o vulcão dentro de mim entrar em

erupção. – Agora goze, minha menina!

Explodi sentindo o dedo dele me apertando. Seu pau roçando meu sexo me fez ver estrelas. Eu pensei que o orgasmo seria como sempre, forte como um vulcão e rápido como um raio. No entanto, quando comecei a sentir seu gozo me lambuzando, jorrando em mim, meu sangue se aqueceu novamente e meu orgasmo ficou ainda mais intenso.

Ele continuou acariciando o pau, calma e cuidadosamente enquanto meu corpo se acomodava. Alex beijou meu ombro, pescoço e cabeça. Uma carícia gostosa e acolhedora. Ficamos assim até nossas respirações se acomodarem.

– Mais tranquila? – ri.

– Ah, sim, professor! Suas aulas sempre me deixam mais calma.

Alex ficou em silêncio durante um tempo. Imaginei ter dito alguma coisa que o desagradou, então ele recomeçou acariciar meus braços com as pontas dos dedos.

– Charlotte, eu queria te dizer uma coisa.

Sua voz ficou séria. Meu coração acelerou. Como a boa covarde que sempre fui, preferi fugir a ouvi-lo me dizer que não precisaríamos mais de aulas. Que apesar de gostar de nossas brincadeiras tínhamos ido longe demais, ou pior que gostaria que nos aprofundássemos em nossas intenções, mas sem expectativas de minha parte. Não poderia me apaixonar Como, se eu já estava apaixonada, rendida e encantada? Completamente entregue. O que fazer?

– Preciso dar um jeito nessa bagunça que você deixou em mim – levantei um pouco e ele beijou minhas costas. Deitou a testa em meu ombro, como se quisesse me impedir, depois desistiu e me liberou.

– O banheiro é ali – apontou para uma porta em sua sala. – Mas não quero que se limpe – olhei para ele, que sorria. – Eu falei sério quando disse que queria que voltasse para casa levando uma lembrancinha minha.

– Vou fazer o possível – beijei seus lábios e levantei.

Entrei no banheiro segurando o vestido, para que não sujasse com o valioso presente do meu professor, e com isso acabaria chamando a atenção da minha mãe para as minhas brincadeiras sexuais.

Enquanto tirava o excesso com papel, ouvi uma voz feminina na sala. Podia ser sua secretária ou qualquer outra pessoa daquela editora. Independentemente de quem fosse, meu coração acelerou. Eu precisava sair rapidamente, mas composta.

Terminei o serviço, arrumei o vestido, dei uma olhada no espelho para checar. Minhas bochechas estavam rosadas e os olhos brilhantes. Mesmo assim eu precisava sair. Abri a porta, com os olhos baixos. Estava envergonhada.

Fiquei petrificada com o que vi. A loira fatal, a autora que queria Alex de volta, estava lá. Sentada de frente para ele, usando um vestido incrível com decote generoso.

Alex estava sentado em seu lugar, apoiando o queixo nas mãos, e os cotovelos na mesa. Quando entrei na sala ele levantou e me chamou para perto. Andei timidamente na direção dos dois.

– Charlotte, deixe-me apresentá-la. Tiffany, esta é Charlotte Middleton, a mais nova promessa da editora.
– Oi? Acho que perdi alguma coisa.

Fiquei confusa e ansiosa. Durante um bom tempo Tiffany foi um incentivo em meus sonhos literários. Uma autora de sucesso, que eu acompanhava e admirava, mas ali, vendo-a a minha frente, disposta a roubar o que eu tanto desejava, ela era apenas uma concorrente, e eu já detestava estar ao seu lado.

A mulher me olhou de cima abaixo. Ok! O que acontecia com as mulheres que rodeavam Alex? Agradei mentalmente a minha mãe de novo pela sua insistência em me vestir naquela manhã.

– Charlotte... – ela estendeu a mão olhando-me nos olhos. Sua voz era tão doce e educada que me deixou ainda mais constrangida. – Nunca ouvi falar de você. Qual é o seu livro?

Antipática. Era um fato.

– Ah...

– Ela vai lançar o seu primeiro livro com a gente. E já é uma promessa. Você precisa ler o material dela. Vai ficar admirada, assim como Lana. Ela realmente quer apostar em Charlotte – por que Alex estava fazendo aquilo?

– Entendo – ela desviou seu olhar de mim. Percebia-se nitidamente que a “autora” não ficou nada feliz com minha presença, muito menos com a brincadeira do meu professor.

– Preciso ir, Alex. Tenho que me preparar para o jantar de hoje à noite.

Não queria sair e deixá-lo sozinho com aquela cobra pronta para dar o bote, para meu azar eu não poderia ficar lá vigiando os dois. Seria absurdo e ridículo, sem contar que já havia extrapolado meu horário e não precisava de mais problemas com o meu pai.

– Foi um prazer, Charlotte. Eu e Alex temos um assunto para resolver. Vejo você qualquer dia desses.

Quanta coragem!

Senti vontade de sentar e ficar mais um pouco. No entanto não poderia expor Alex. Peguei minha bolsa e caminhei em direção à porta. Ele veio atrás de mim, acompanhando-me como um bom editor-chefe.

– Conversamos mais tarde? – suas palavras prometiam, meu sangue ferveu.

– Farei o possível.

– Preciso do capítulo – sorri maliciosamente. Alex entendeu o motivo do meu sorriso.

– Pode deixar, estou cheia de ideias – ele sorriu e seus olhos brilharam.

Saí com o coração na mão.

Será que Alex iria se comportar?

Alex Charlotte foi embora. Minha vontade era de festejar o avanço entre nós dois. Ela havia mudado de ideia, o Henrique não significava nada, até mesmo tinha procurado uma ginecologista e já estava tomando anticoncepcional.

Se bem que nossa brincadeira nos faria correr um grande risco, eu até ia sugerir que ela ingerisse a pílula do dia seguinte, porém Tiffany apareceu me impedindo de programar qualquer coisa com a minha aluna.

Respirei várias vezes antes de me voltar para Tiffany. Ela nunca escolheu uma hora tão inapropriada para aparecer. Se bem que estávamos em meu escritório, local para trabalhar e não de quase comer uma aluna. Puta que pariu! Se Tiffany chegasse um pouquinho antes eu estaria muito fodido.

Completamente fodido.

Era melhor refrear meus instintos quando estivesse com Charlotte em lugares como o meu escritório, por exemplo. Obviamente isso era tão impossível quanto deixar de respirar e continuar vivendo. Ela tinha um “q” que me tirava do sério. Era uma segurança instável, se é que isso existe. O que quero dizer é que eu me sentia incrivelmente bem ao seu lado, esquecendo o mundo lá fora, também me sentia perdido quando ela não estava.

Principalmente quando fugia e sumia por dias.

– Então, Tiffany... – comecei – Já decidi sobre o que irá fazer? Nem pedi a renovação do seu contrato – voltei para a minha cadeira. – Preciso da sua decisão o mais rápido possível. Queremos abrir espaço para novos autores e estamos também fazendo contatos com alguns já renomados que estão interessados em fazer parte da nossa família. Claro que você sempre será a nossa prioridade – sorri tentando não jogar tão pesado.

Tiffany não falava, apenas avaliava o que eu dizia, olhando para mim e para a sala, como se procurasse alguma coisa. Percebi quando seus olhos aumentaram um pouco mais e sua boca se abriu, mas rapidamente ela se recompôs.

– Como conheceu esta garota... Charlotte? – putz!

Ela estava desconfiada e é óbvio que informaria a Anita sobre suas suspeitas.

– Sou o orientador dela na faculdade. Ela vai se formar em alguns dias e, como gostei muito do trabalho, mostrei-o para Lana que adorou então decidimos publicá-lo.

Tentei me manter impassível. Ela me olhava analisando minha resposta, depois balançou a cabeça e sorriu. Não havia sinceridade em seu sorriso.

– Muito bom. Espero que tenham sorte com este novo projeto. Não é muito fácil encontrar histórias vendáveis, ainda mais com um autor desconhecido... a literatura nacional deixou de ser valorizada.

– Esta realidade está mudando consideravelmente – rebati. – Você é a prova disso.

– Sim, claro! – ela sorriu amavelmente. – Temos bons autores. O que não temos são bons leitores. Pessoas que realmente confiem em uma novata. Não é segredo que os autores estrangeiros vendem mais.

– Mesmo quando escrevem histórias repetitivas e ruins – colaborei. – Charlotte está no caminho certo, nada que um bom marketing não resolva.

Ela piscou meio confusa, me encarando como se quisesse enxergar a verdade através de mim. Mantive minha postura e sorri docemente, evitando que seu olhar me desestabilizasse.

– Vamos falar de você – apoiei os cotovelos na mesa e me aproximei um pouco mais dela. – O que você quer exatamente? – Prendi seu olhar ao meu. Tiffany piscou e perdeu o foco. Bom, pelo menos eu ainda tinha este efeito sobre ela.

– Eu... Bem... – ela desviou o olhar e encarou o chão. – Eu não queria deixar a editora, mas você sabe como funciona, Alex. Meus agentes não estão satisfeitos e na verdade eu dependo muito mais deles do que eles de mim. São sete livros no total, todos um enorme sucesso...

Não sei se poderei ficar.

Voltou a me olhar. Desta vez havia uma súplica gritante em seus olhos. Ela me pedia para tocá-la. Droga!

Eu queria muito que Tiffany esquecesse este lado do nosso relacionamento.

– Nós temos a melhor proposta para você. Nenhuma outra editora vai oferecer o que colocamos à sua disposição. Seus agentes vão conseguir diminuir os seus ganhos e depois vão acabar te abandonando. Você sabe que é uma escritora incrível e depender de seus agentes não é o correto. Vou deixá-la à vontade para decidir, só tenha em mente que o seu contrato está chegando ao fim.

Enquanto decide vamos iniciar os preparativos para o livro da Charlotte – lógico que eu sabia que colocar Charlotte na jogada faria Tiffany repensar.

– Você tem razão, Alex– Tiffany falava com voz doce, educada. Era uma mulher de classe.– Vou conversar com meus agentes e te informo assim que tiver uma resposta. Sabe... Eu gosto de trabalhar com vocês. Adoro a Lana, mas tem sido bem difícil com você...

Ela iria mesmo começar aquela conversa ali?

Naquela hora? Eu estava cansado, confuso, com fome e com horário marcado para um jantar em família. Não me restava tempo nem paciência para resolver problemas pessoais com Tiffany.

– Eu pensei que já tivéssemos resolvido este ponto.

– Resolvemos. Claro que resolvemos... só... sinto a sua falta – colocou a mão sobre a minha. Tive vontade de puxá-la, mas seria muito grosseiro de minha parte e Tiffany estava por um fio, era melhor não forçar muito a barra. – Sei que você gosta da sua liberdade e que não quer nenhum compromisso. Eu pensei se... Se não poderíamos retomar o que vivíamos...

Sem compromisso... Só encontros esporádicos...

– Não deu certo antes, por que acredita que daria agora?

– Por que eu não estava preparada para dividi-lo com mais ninguém. Mas reavaliei e pensei que, quem sabe agora, eu estando mais madura, entendendo melhor o seu lado, as coisas possam acontecer – sua mão subiu pelo meu braço. Era hora tomar uma atitude. Levantei e caminhei pela sala.

– Tiffany, acho que você ainda não está preparada para este tipo de relação. E eu, neste momento, estou muito voltado para o trabalho. Não tenho saído com ninguém, estou envolvido com diversas coisas...

– Duvido muito que esteja em abstinência sexual. Se esta é a maneira que encontrou para me dar um fora, isso só prova que não me conhece bem. O cheiro de sexo está impregnado em sua sala e aquela garotinha que acabou de sair, estava com os olhos brilhantes e um rosado no rosto que só uma mulher muito bem comida consegue ostentar – uau! Ela conseguiu mesmo baixar o nível. Ri forçadamente.

– Não seja absurda, Tiffany!

– Não seja absurdo você, Alex!

– Eu não tenho nada com Charlotte. Na verdade, nossa relação é estritamente profissional. Se você deseja acreditar no que disse, vá em frente. Não tenho nada a perder. Agora que já conversamos sobre assuntos pessoais que não deveriam ser discutidos no ambiente de trabalho, me dê licença porque preciso ir embora.

Ela ficou imóvel. Vóltei para minha mesa e arrumei os papéis. Sairia da sala mesmo que ela ficasse. Não dava para sustentar uma conversa com Tiffany estando tão perto da verdade. Coloquei tudo em minha pasta, desliguei o computador me preparando para sair. Tiffany se levantou e veio em minha direção. Fui surpreendido com um abraço.

– Desculpe! Desculpe, Alex! Eu não queria... – soluçou. Merda! – Eu não queria brigar com você, muito menos ficar te acusando. Por favor, me perdoe! Vamos esquecer esta história. Diga que me perdoa, por favor!

Não podia ser tão insensível a ponto de ficar indiferente a uma mulher chorando. Piorava muito o fato de esta ser uma ex-amante e complicava ainda mais quando ela era também a minha melhor autora. Abracei Tiffany e confortei-a. Ela ficou em meus braços chorando por alguns instantes. Ofereci um lenço de papel que estava sobre a minha mesa. Ela aceitou se recompondo e sorrindo para mim amigavelmente.

– Não acredito que fui capaz de fazer esta besteira.

Meu Deus, como fui infantil!

– Tudo bem. Todo nós temos direito a ter estes momentos. Você está bem?

– Estou. Obrigada! Você sempre foi muito gentil.

– Preciso mesmo sair agora, Tiffany. Tudo bem para você?

– Claro. Vejo você em outro momento.

Tiffany saiu me deixando confuso. Como ela podia primeiro se oferecer para voltar a frequentar a minha cama, depois me acusar de estar transando com minha aluna, o que estava mais próximo da minha realidade, e em seguida chorar arrependida pelo que disse?

Mulheres! Como entendê-las?

Charlotte Cheguei em casa com um sorriso imenso no rosto.

Alex tinha razão. A lembrancinha dele estava grudada em mim. Claro que meu sangue ficou quente e meu corpo reagiu na mesma hora, só de lembrar.

Eu precisava resolver logo minha situação com meu professor. Não dava mais para ficar só nas brincadeiras.

Ele tinha concordado então eu teria que arrumar uma boa desculpa para passar uma tarde inteira com Alex sem chamar a atenção de meu pai.

Será que quando uma garota perde a virgindade dá para as pessoas perceberem? Mudaria alguma coisa em minhas atitudes? Em meu corpo? Nossa, Charlotte Middleton, quanta infantilidade! Até parece uma freira recém saída do convento.

Confesso que muitas vezes sou absurdamente infantil.

Entrei em casa, beijei meu pai e minha mãe, que estavam na sala. Ele todo arrumado, com paletó e gravata, como sempre falando ao telefone com algum dos seus funcionários, e ela vestida com uma calça clara e uma camisa de seda, com os pés descalços e uma expressão de cansaço. Cansada até demais, o que me deixou intrigada.

– Tudo bem? – perguntei sem querer me sentar ao seu lado. Sabe Deus o quanto a minha mãe conseguia ser perceptiva.

– Tudo sim – forçou um sorriso. – Como foi sua aula? – pensei imediatamente em Alex e no quão proveitosa foi a nossa aula.

– Muito boa – e sorri amplamente. – Eu só preciso de um banho e...

– Leve o tempo que precisar para ficar linda.

Ela continuou com aquela expressão cansada e o rosto pálido, mas sorria, mesmo que forçadamente.

Imaginei que o problema poderia ser com o meu pai, ou com o relacionamento deles, apesar de achar que isso era impossível. Aqueles dois eram insuportavelmente colados e apaixonados.

– Ok! – e corri para o quarto.

Tudo bem que a lembrancinha de Alex era deliciosa, mas era bom não abusar. Vai que meu pai descobre... Não. Um banho resolveria.

Bastou colocar meus pés na água quente para Miranda entrar no quarto gritando. E se fosse diferente não

seria Miranda.

– Charlotte! Vou entrando, então, por favor, pare de fazer qualquer sacanagem que esteja fazendo.

Putaquepariu! Ela gritou isso mesmo? E se meu pai ouvisse?

– Preciso de sua ajuda – atirou assim que entrou no banheiro.

– Não!

Neguei antes que ela conseguisse me convencer a fazer o mesmo da noite passada. Entrei no chuveiro evitando molhar os cabelos. Minha mãe me faria secá-los e eu não estava com vontade de perder muito tempo cuidando deste detalhe.

– Você nem sabe do que se trata! – eu sabia muito bem o que Miranda queria. Uma folga para ficar com o namorado.

– Sem essa, Miranda! Não estou com ânimo para inventar desculpas para meu pai. Você vai ao jantar ou então se resolva com a fera sozinha. Não vou encobrir suas escapadas. Já tive problemas demais por causa disso – segurei a esponja e coloquei sabonete líquido nela.

– Problemas com seu professor pervertido? Tenha dó! Vocês não estão transando ainda e sabe Deus se vão transar.

Fiquei nervosa e gesticulei com a mão para que ela não falasse aquelas coisas tão alto. Minha amiga revirou os olhos e cruzou os braços, aborrecida.

– Isso não vem ao caso, Miranda. Seu namorado precisa entender que você sofre a perseguição do meu pai.

Não posso fazer nada a respeito. Converse e se entenda com ele. Ponto final – esfreguei a esponja com mais força do que o necessário. Minha pele ficaria vermelha.

– Obrigada por nada! Não se preocupe, eu te ajudarei quando chegar a sua vez.

Que droga! Miranda sabia mesmo fazer chantagem emocional comigo. Enchi a mão de óleo de banho e passei pelo corpo sem muito cuidado.

– Miranda, eu não posso inventar desculpas para hoje à noite. Por favor, seja compreensiva. Tem sido difícil para mim também.

– Claro! – ironizou. – O jantar será um saco! Eu até aguento se puder arrumar uma desculpa para fugir e ficar com Patrício nem que seja só por uma hora – tirei o excesso do óleo.

– Sinto muito, amiga. Nada posso fazer desta vez.

– Por que você não diz a seu pai que quer sair para dançar com os amigos? Ele não vai impedi-la de sair. Por favor!

– Porque amanhã tenho aula logo cedo. Porque tenho que escrever o último capítulo do meu livro e porque estou muito cansada para tentar enrolar o meu pai que com certeza vai dizer que pode nos acompanhar. Tudo que eu menos quero nesta vida é ir para uma balada com meu pai.

Como se já não bastasse ele ser o guardião da minha virgindade agora será o meu cão de guarda. Deus me livre!

– Droga! Eu tinha dito ao Patrício que daria um jeito – desliguei o chuveiro, abri a porta e peguei a toalha.

– Vamos ter uma noite agradável e em família.

Comece a trabalhar sua mente nisso. – Miranda ficou aborrecida e saiu do banheiro me deixando sozinha.

Ótimo! Um pouco de paz me ajudaria a relaxar.

Escolhi uma roupa casual e elegante ao mesmo tempo. Uma saia preta, cintura alta com um pouco de brilho, nem tão curta nem tão comprida, uma camisa branca justa sem decote, um casaco bege prensado na cintura. Estava ótimo! Para os pés um “Peep Toe” na mesma cor do casaco e uma bolsa pequena, de mão, combinando com tudo. Minha mãe ficaria feliz vendo-me vestida como uma bonequinha sem precisar me ameaçar para isso.

A maquiagem ficou por conta de Miranda, que apesar da má vontade, fez um excelente trabalho. Fiquei satisfeita. Se Alex me visse, será que ficaria animado?

Será que me acharia uma garota desengonçada fingindo ser uma mulher atraente?

Droga! Desde quando eu me preocupo tanto com o que as pessoas pensam a meu respeito?

– Charlotte! Vamos, querida! – meu pai chamou da escada.

Apressei-me em descer. Quanto antes começasse mais rápido terminaria. Isso se Miranda não aprontasse alguma e eu tivesse que passar a noite enrolando o meu pai.

Desci correndo as escadas e como sempre acontecia, principalmente por causa das lentes de contato que muitas vezes tiravam o meu foco, e eu nunca aprendia, escorreguei e descii os últimos quatro degraus, de bunda.

O que doeu pra cacete e me lembrou da porcaria da injeção. Antes mesmo que eu conseguisse levantar o meu pai já estava com as mãos em mim.

– Meu Deus, Charlotte! – ele me segurou pelo cotovelo me auxiliando. – Você está bem?

– Estou – gemi sentindo minha bunda doer de verdade. – Nenhum dano grave desta vez – ele riu lembrando de todas as vezes que eu quebrei ou machuquei alguma parte do corpo.

– Você nunca vai crescer? – meu pai sorriu de uma maneira linda, típica de todo pai babão apaixonado pela filha.

– Isso não tem nada a ver com meu nível de maturidade e sim com a sua incapacidade de me passar os genes corretos para que eu tivesse coordenação motora – ele riu ainda mais me ajudando a andar. – E você queria que eu fosse médica.

– Talvez administradora fosse mais seguro – ele revelou ainda rindo. – Deixe-me ver – colocou-me de pé me avaliando por alto. Coisa de médicos. – Uau! Como você está bonita! – senti meu rosto corar.

Meu pai era sempre muito gentil quando se tratava da sua única filha. Era só não falarmos sobre namorados ou qualquer coisa do gênero.

– Obrigada! – sorri amavelmente. Apesar da sua marcação cerrada, eu o amava incondicionalmente.

– Você está diferente, Lottie. Não sei... – parou para me observar. Fiquei gelada. O que ele tinha descoberto?

– Eu cresci, pai. Não sou mais uma garotinha – ele sorriu.

Era lindo quando sorria. Seus olhos se fechavam formando ruguinhas nos cantos, mas ele parecia mais jovem sorrindo.

– Você sempre será a minha garotinha! – me puxou para seus braços e beijou o alto da minha cabeça. Senti minhas costelas protestarem, mas jamais revelaria, pois ele me obrigaria a ir ao hospital. Médicos! – Todos esses dias aqui e ainda não conversamos sobre você. Sei do seu projeto, do final do curso, fora isso não sei de mais nada, Lottie.

O que eu poderia dizer a ele? Andei muito ocupada fazendo aulas de sexo com o meu professor delícia e se você não se importar eu adoraria transar com ele sem que para isso ele fosse obrigado a casar comigo. Meu pai, às vezes, era incrível!

– Não há nada sobre mim que você não saiba, Peter – ele não gostava quando eu arriscava chamá-lo pelo nome para tentar igualar nossas posições.

– Você tem... Saído... Conheceu alguém? – comecei a sentir meu rosto vermelho em todos os tons. Oh, merda!

Eu ia ter uma conversa sobre garotos com o meu pai? Só se eu tivesse perdido o juízo.

– Tenho vinte e um anos – desviei os olhos.

– Eu sei. Com esta idade sua mãe já estava casada comigo e um pouco acima disso já carregava você nos braços.

A velha e longa conversa de sempre. Eu deveria conhecer um homem bom, que valorizasse a família, que respeitasse os nossos princípios. Deveria me casar em menos de seis meses, virgem, diga-se de passagem, gerar filhos, blá, blá, blá.

– Pai! Não quero me casar. Quero apenas ser a dona da minha vida. Ter o direito de escolher meus namorados, ter as minhas próprias experiências, minhas próprias escolhas... Já conversamos tanto sobre esse assunto. Por favor! – ele me avaliou pensativo.

– Sabe, Lottie... Dr. Adriano tem filhos. Com certeza algum deles deve ser médico como o pai. Já que você não quis seguir carreira na medicina, e Deus sempre sabe o que faz – sorriu deixando-me irritada. – Escolher um rapaz de boa família que exerça a nossa atividade seria excelente. Pelo menos não perderíamos tudo quando eu não estiver mais por aqui.

Putá que pariu!

– Peter! Nós já conversamos sobre isso – minha mãe me socorreu. Graças a Deus! – Estamos no século XXI.

Os casamentos não são mais feitos por conveniência ou arranjados. Devem ser por amor, como aconteceu conosco – meu pai sorriu para as lembranças. Ele amava a minha mãe e os dois eram muito melosos. Chegava a ser insuportável.

– Isso! Eu quero conhecer alguém que me interesse.

Alguém que eu ame, e que... De preferência não seja controlador como algumas pessoas que conheço – revirei os olhos mesmo sabendo que o irritaria.

– Eu tenho o direito de opinar. Não vou entregar minha única filha a qualquer um. Não vou mesmo – esbravejou – Mãe! Tá vendo só? Eu vou acabar fugindo de casa – minha mãe riu.

Ela também ficava incomodada com as ideias do meu pai, mas sempre tentava me acalmar dizendo que tudo acabaria quando eu conseguisse ser independente. Só me faltava essa!

– Peter, vamos nos atrasar, querido. Charlotte é a garota mais ajuizada que conhecemos, dê um voto de confiança à sua filha. E vamos, seu velho ultrapassado! – brincou levando meu pai pelo braço. Antes, piscou para mim.

Fiquei tensa durante todo o caminho para o restaurante. Se algum dos filhos do amigo do meu pai fosse realmente médico ele não me deixaria em paz.

Implorei mentalmente para que o amigo em questão tivesse uma indisposição e não comparecesse. Miranda ficou trocando mensagens em seu celular e permaneceu com a cara emburrada.

Seria uma noite excelente. Meu pai tentando me casar com o filho do amigo, Miranda no celular e minha mãe me cobrando atitudes mais sociáveis. Ah, Deus! O que eu fiz para merecer tal castigo? Minha única salvação seria meu amigo que prometeu que nos encontraria apesar de eu ainda estar aborrecida pelo que ele tinha feito mais cedo.

Meu pai encostou o carro entregando as chaves para o manobrista e aguardou até que todos estivessem do lado de fora. Johnny nos esperava na porta, o que me deixou extremamente feliz. Abraçamo-nos e entramos, ele com o braço em minha cintura e eu abraçada à cintura dele.

Parecíamos um casal feliz. Rezei para que fosse o suficiente para espantar qualquer pretendente que meu pai resolvesse me empurrar.

Fomos informados de que éramos aguardados.

Caminhamos até a mesa que a recepcionista nos indicou.

Assim que avistei os convidados parei chocada. Alex estava lá, junto com Lana, o professor João e o médico, Dr. Adriano amigo de meu pai, que eu tinha passado boa parte da noite anterior tentando enrolar para salvar a pele da minha amiga.

Ele também ficou surpreso ao me ver, mas seus olhos se contraíram e desviaram dos meus para encarar um Johnny possessivo segurando minha cintura.

Puta. Que. Pariu!

Capítulo 20

“Lutar pelo amor é bom, mas alcançá-lo sem luta é melhor”.

William Shakespeare

Charlotte

Claro que este foi o meu primeiro pensamento quando me vi naquela situação e lógico que mais uma vez me vi convencida de que Shakespeare tinha alguma relação espiritual comigo. Não era possível que suas frases sempre coubessem tão perfeitamente bem em minha vida, em todas as situações possíveis. Suspirei resignada.

Estávamos sentados à mesa numa distribuição estranha e desconfortável. Quando Lana percebeu a coincidência rapidamente bolou algum tipo de plano diabólico. Lógico que ela conhecia muito bem o irmão e, com certeza, sabia que ele estava furioso, mas me colocar sentada de frente para ele era realmente o fim do mundo.

Para piorar a situação, o coitado do Johnny ficou ao lado do professor João que fazia questão de lhe lançar olhares um tanto quanto ameaçadores. Felizmente a cadeira ao lado estava vazia.

Não entendi muito bem quando Lana indicou uma cadeira depois da que estava desocupada para que Miranda sentasse, mas não questionei sua determinação.

Quem pode saber o que se passa na cabeça de uma pessoa como a irmã de Alex?

O fato era que Miranda ficou ao lado da minha mãe, que estava junto do meu pai, seguido pelo Dr. Adriano Frankli e sua linda esposa, Dandara. Os pais do homem que tiraria a minha virgindade dentro de poucos dias. O mesmo que esteve gozando entre as minhas pernas em seu escritório naquela mesma tarde.

Céus! Meu rosto pegou fogo apenas com este pensamento. Era embaraçoso demais.

Sorvi um longo gole da taça de água e naquele momento meus olhos se encontraram novamente com a profundidade azul, que eram os olhos do meu professor.

Puta que pariu! Eu queria poder xingar bem alto para aliviar a tensão que percorreu meu corpo diante daquele olhar enfurecido. O que eu havia feito? Ele sabia que Johnny era o meu melhor amigo. Será que esta demonstração gratuita de descontentamento era porque eu era a convidada da noite?

Oh, céus! Será que meu pai falou alguma coisa sobre me casar com um dos filhos do amigo? Merda! Será que Alex estava aguardando sua “futura noiva” e se decepcionou quando percebeu que era eu? Mas que merda era esta que eu estava pensando? Estamos em pleno século XXI, no Brasil, onde ninguém mais combina casamentos.

Pelo amor de Deus, Charlotte, foco!

Ele desviou o olhar e voltou a fingir interesse na conversa dos nossos pais. Eu estava tão tensa que nem

conseguia sorrir direito, que dirá prestar atenção ao que diziam. Minha única vontade era fingir que estava passando mal e sair de lá com urgência, mas até nisso eu estava em desvantagem. Com um pai médico eu seria atendida no local mesmo e daria a Alex o gostinho de acompanhar a minha desgraça.

– Então, Charlotte, Alex e João são seus professores? Que feliz coincidência! – Dandara, mãe de Alex, me incluía na conversa de maneira gentil. Não sei se devia ficar agradecida ou envergonhada. – De Miranda e Jonathan também.

O simples fato de ela mencionar que Alex era o meu professor fazia a minha mente vagar para nossas atividades extracurriculares dos últimos dias. Nossa Senhora! Minha feminilidade começou a me dar sinais de que estava acordada. Como ele conseguia me excitar tanto, mesmo deixando claro que não estava contente com a minha presença? Como apenas lembranças provocavam esta reação no meu corpo? E tudo isso na frente do meu pai.

Caralho! Eu queria engasgar com a saliva e morrer.

Ok! Fui dramática demais, mas não dava para raciocinar direito.

– Hum! Sim – minha voz praticamente não saiu.

Precisei tomar outro gole de água para umedecer as cordas vocais.

– Na verdade, Dana – professor João tomou a frente.

– Alex é o orientador da Charlotte. Sua ajuda tem sido de um valor inestimável.

Engasguei cuspiendo a água. Puta merda! O que ele estava fazendo? Não tive coragem de buscar pelos olhos do meu orientador. Seria revelador demais. Meu pai tinha uma faca diante dele e facilmente alcançaria Alex.

Droga! Eu devia mesmo estar muito maluca. De onde fui tirar este pensamento? Meu pai nunca faria uma coisa dessas.

Miranda me passou o guardanapo e começou a falar.

Por um breve segundo fiquei agradecida, pois com isso ela tirou o foco de mim, sem contar que meu rubor poderia ser disfarçado com o fato de eu ter engasgado. Mas não foi isso o que aconteceu.

– Realmente – Miranda me lançou um olhar mortal – Professor Alex, por que não explica melhor o trabalho que tem realizado com a sua aluna Charlotte? – o olhou de forma assassina.

O que estava acontecendo? Era o dia da “Caça à Charlotte”? Ou quem sabe do “Façam o pai da Charlotte assassinar alguém.” Alex pigarreou sem perder a compostura, sorriu educadamente para Miranda e desviou a atenção para os meus pais. Sua postura era a imagem perfeita do orientador e editor-chefe. Como ele conseguia?

– No momento tenho trabalhado com Charlotte em seu projeto para conclusão do curso. Posso dizer que ela tem feito muitos progressos – ah, sim! Com certeza eu progredi muito. Corei de maneira absurda.

– Acho que deveríamos acreditar nesta parte – Miranda continuou. Alex ergueu uma sobrancelha sem se intimidar. – Quero apenas saber de que forma um professor experiente e que entende melhor do assunto em questão, pode ajudar a sua aluna. Quais as técnicas que usa?

Ok! Ok! Consegui atingir meu limite máximo de constrangimento. Que porra Miranda estava fazendo?

– Miranda...

Tentei interromper, contudo Alex foi muito mais rápido. Ele segurava as pontas sem perder sua imponência e sem se deixar levar pela emoção descabida da minha amiga.

– Da mesma forma que o seu orientador com certeza trabalhou com você, Miranda. Pelo que fiquei sabendo o seu projeto foi simples, mas suficiente, não por insistência do seu orientador, claro, ele queria deixá-lo melhor. No entanto, até onde ele me revelou, você não queria um projeto maravilhoso e sim um que fosse apenas o suficiente, estou enganado?

Miranda se encolheu e olhou de relance para o meu pai, que estreitou os olhos, sem dizer nada. Eu não sabia se ria do fato de Alex ter conseguido colocar minha amiga no lugar dela ou se ficava triste e preocupada com o que aconteceria quando aquele jantar terminasse. Meu pai certamente cobraria de Miranda algumas respostas.

– Charlotte está escrevendo um livro – ele continuou sem se abalar. – Você, como amiga, deve saber o quanto ela é brilhante como escritora. Inclusive hoje mesmo conversei com minha aluna sobre sua aprovação. Além de seu professor estou tentando contratá-la. Como todos sabem.. – ele olhou para o grupo que acompanhava a conversa com atenção – Sou proprietário e editor-chefe de uma das maiores editoras do país. Eu e Lana conversamos sobre a possibilidade de publicarmos o trabalho de Charlotte tão logo esteja concluído. Claro que teremos que trabalhar nele, ainda há muito que se fazer até tudo esteja perfeitamente encaixado. E...

– Ah! Então, professor, o senhor pretende dar mais algumas aulas extras a minha amiga? – Miranda recuperou o fôlego e sem medo voltou a confrontar Alex. Sua cara cínica chegava a ser absurda. Tive vontade de atirar minha água nela.

– Aulas extras? – meu pai parecia intrigado o que quase me fez ter uma síncope.

– O professor Alex tem me ajudado muito, pai.

Como Miranda disse, ele possui muita experiência, e o meu sonho é me tornar uma escritora profissional, tenho aproveitado tudo que tem para me oferecer. Confesso que Miranda foi a minha maior incentivadora nesta escolha.

Ela sabia o que o nosso professor poderia fazer por mim e, mesmo com toda a minha resistência inicial, hoje tenho certeza que não poderia ter feito uma escolha diferente.

Era ele. Tinha que ser.

Quase engasguei com esta parte sentindo-me emocionada. No entanto, esconder a paixão que existia por detrás das minhas palavras era imprescindível.

Era difícil confessar tantos sentimentos, mesmo sabendo que nem todas as pessoas presentes entenderiam as minhas palavras como deveriam ser entendidas.

Independentemente de qualquer coisa, Alex sabia que eu estava falando abertamente sobre nossa relação. Ele sim seria o único capaz de entender além das minhas palavras.

Naquele momento senti que estávamos completamente conectados e que não poderia ser de outra forma.

Nossos olhos se encontraram e com eles a corrente elétrica que nos cercava colocando-nos na mesma sintonia. Era quente, tenso e excitante ao mesmo tempo.

Assisti deslumbrada, um leve sorriso se formar no canto dos seus lábios. Alex era meu espetáculo particular.

– Como eu ia dizendo – continuou mantendo firme a sua fachada de empresário seguro e bem-sucedido. – Charlotte será a nossa próxima aposta. Se ela concordar, é claro.

– Na verdade... – meu pai estragaria tudo. Droga! – Eu permito que Charlotte se divirta com essa história de ser escritora, porém ela precisa colocar a cabeça no lugar.

Temos um patrimônio que não pode se perder após a minha morte...

– Pai! – olhei-o aterrorizada. Aquela noite estava sendo caótica para mim.

– Já conversamos sobre esse assunto, Charlotte. Eu concordei com esta história de livro, desde que você se interessasse mais pelo seu patrimônio – nós íamos começar tudo de novo. Como ele conseguia estragar as coisas daquele jeito?

– Não tenho o menor interesse em administrar hospitais... Quer dizer... Eu entendo a sua preocupação, mas... pai, eu... Droga! Mãe faça alguma coisa.

Todos começaram a rir. Ok, assinei o meu atestado de infantilidade, mas o meu pai é impossível. Só minha mãe para conseguir segurá-lo.

– Johnny está estudando para suprir esta sua carência, pai. É o suficiente.

– Então você terá que casar com ele porque eu não passei anos trabalhando para deixar tudo nas mãos de alguém que não é da nossa família. Sem querer ofender, Johnny.

– Pai! – quase gritei. Que merda!

– O que foi? O que eu disse demais?

– Mãe! – estava prontinha para começar a chorar ou fugir dali. Ou as duas coisas.

– Ah! Tudo bem, Peter. Pra mim, um cargo na administração do hospital já está de ótimo tamanho – Johnny, como sempre, salvaria a minha noite. Era por isso que eu amava o meu amigo. – Além do mais, o professor Alex tem razão, Charlotte é uma grande escritora, e nada melhor nesta vida do que fazer aquilo que nos dá prazer e sua filha, com certeza, tem encontrado muito prazer...

escrevendo – ele, muito discretamente, sufocou o riso.

Minha vontade foi de atirar meu copo nele, mas me contive.

Alex voltou a me olhar, aliás, seus olhos me queimavam de tanta raiva. O que ele esperava? Então o professor João podia saber da nossa história e fazer piada, e o meu melhor amigo não? Tudo bem que Miranda estava pegando pesado, mas não era para tanto. Tudo bem.

Meu pai também não estava facilitando em nada.

– Fico muito feliz em saber que de alguma forma, nossas famílias estarão alinhadas, Peter. Eu entendo sua preocupação, veja só: tenho três filhos e nenhum deles quis seguir a minha profissão. Por isso nunca fiz questão de expandir a minha clínica, por outro lado veja que interessante: Dana teve a ideia da editora quando ainda estávamos namorando. Alex cresceu em meio aos livros e hoje a empresa deles é mais próspera do que a minha. Eu me sinto realmente muito orgulhoso – Dr. Frankli sorria amistosamente tornando tudo mais leve.

– E Charlotte será uma escritora renomada, eu posso prever – Lana completou me dando força.

– E o que mais consegue prever, bruxinha? – todos olharam na direção daquela figura que tinha acabado de se juntar ao grupo. Fiquei surpresa.

Parado diante de mim com os braços apoiados na cadeira do Dr. Frankli, estava Patrício, o namorado da minha melhor amiga. O que ele fazia ali? Voltei meu olhar para Miranda que encarava o namorado e, apesar de absurdamente admirada, também não entendia o motivo da sua presença.

– Patrício? – o silêncio foi cortante.

Todos ficaram surpresos com o tom de voz da Miranda. Seus lindos olhos castanhos piscavam numa perfeita cena de filme romântico. Era tão meloso, tosco e ao mesmo tempo lindo. Ela tocou os cachos, como se não soubesse como reagir e sorriu timidamente, algo raro para minha amiga.

– Miranda? O que faz aqui? – ele demonstrou ter gostado da surpresa. Tão diferente de Alex, que ainda não tinha conseguido relaxar.

– Vocês se conhecem? – Dr. Frankli perguntou intrigado.

– Bom... Era para ser de forma diferente, mas... pai, mãe, esta é minha namorada, Miranda. É uma surpresa para mim encontrá-la aqui – ele riu de estrondosamente.

– Pai? Mãe?

Falamos, eu, Miranda e Johnny ao mesmo tempo, em seguida começamos a rir com a coincidência que mais parecia uma cena de ficção. Todos nos olharam curiosos.

– Desculpe! – Miranda começou. – É que não esperávamos... Bom... Eu não sabia que você era irmão do Professor Frankli... É tão... Surreal.

Meu Deus! Miranda estava namorando o irmão do Alex. Justamente o irmão do Alex. Eu bem que poderia desaparecer no ar naquele momento. Se Miranda abrisse a boca para falar qualquer coisa eu a excluiria da minha vida. Precisava deixar essa mensagem bem clara para ela.

– Hum! Então você já conhece o meu irmão? – ele se abaixou um pouco para deixar um selinho nos lábios da minha amiga que já estava toda derretida.

Aproveitei o momento para sacar o meu iPhone e mandar uma mensagem via WhatsApp.

“Não se atreva a contar nada ao seu namorado. Eu mato você”.

Ninguém tinha percebido minha atitude. Ela recebeu a mensagem imediatamente e me olhou com receio. Oh, merda! Miranda já tinha contado. Merda! Mil vezes merda!

“Não foi como você está pensando. Juro! Foi só um comentário sobre um professor depravado. Não citei o nome dele. Ai meu Deus!” Eu, definitivamente, mataria Miranda. Isso se Alex não me matasse primeiro quando descobrisse que seu irmão sabia de toda a sacanagem que andávamos fazendo.

Putaquepariu!

– Charlotte? Você também? – Patrício sorriu maliciosamente. Precisava manter sua boca fechada antes que soltasse alguma merda na frente do meu pai.

– Patrício este é o Dr. Peter, meu amigo – o Dr.

Frankli fez o imenso favor de esclarecer os fatos. – Esta é a sua esposa, Mary. Pelo visto você já conhece a filha deles Charlotte e a afilhada, Miranda. – No mesmo instante Patrício trocou um olhar estranho com Alex, que apenas balançou a cabeça, negando de maneira quase imperceptível.

– E este é Johnny – Miranda fez as devidas apresentações.

– É. Johnny. O guardião!

Meu amigo brincou, mas eu sabia que ele estava dando um recado. Para os dois. Johnny sempre foi uma versão mais interessante de irmão mais velho.

Foi neste momento que meu celular vibrou em minha mão por baixo da mesa. Olhei discretamente a tela aberta indicando que Alex me chamava no WhatsApp. O quê? Eu nem sabia que ele tinha isso. Aceitei e verifiquei o que escreveu. Estanquei chocada.

“Você tem um pai que quer que case com um cão feroz. Que ótimo! Mande sua amiguinha ficar de boca fechada ou mato vocês duas!” Caramba! Com essa eu tive que respirar profundamente. Que merda de pressão! Digitei uma mensagem rápida enquanto Lana enrolava meu pai com uma conversa sobre os lucros com venda de livros e tudo o mais que só ela sabia dizer de maneira tão cativante que meu velho sorria enfeitado. Ela era mesmo uma bruxinha.

“Meu pai não quer que eu case com Johnny. Ele é só meu amigo, meu irmão. Posso cuidar de Miranda, porém não posso me sentir segura quanto aos seus instintos assassinos.” – Então, Miranda e Patrício... Namorado? – meu pai incorporou o seu papel “não encoste em minhas filhas”. – Ela não me falou nada

sobre ter um namorado. Miranda?

– Ah! Padrinho, é que Patrício... Nós nos conhecemos há pouco tempo e eu não imaginei... Eu... Me desculpe! – Abaixou a cabeça resignada. Miranda era bem deste tipo: aprontava todas, mas quando meu pai aparecia e fechava o cerco, ela desempenhava o papel de menina obediente e arrependida derretendo o coração dele.

– Dr. Peter? – Patrício se adiantou para apertar a mão do meu pai, que o cumprimentou com cara de poucos amigos então beijou a mão de minha mãe, que ficou encantada. – Sou Patrício Frankli, filho de Adriano e Dandara. Conheci Miranda há pouco tempo, porém confesso que minha alma já esperava por ela.

Pelo amor de Deus! Este cara sabia como ganhar o respeito da minha mãe e a indulgência do meu pai. Era só o que me faltava. Miranda tinha permissão para trepar todos os dias que nem uma louca, com um cara que acabou de conhecer enquanto eu tinha minha virgindade vigiada a sete chaves e precisava de um marido escolhido a dedo.

Quanta injustiça!

– E no que você trabalha, meu rapaz? Perdão Adriano, Miranda é minha afilhada, eu cuido dela desde que a mãe faleceu, por favor, entenda...

– Tudo bem. Sei como é ser pai de garotas tão bonitas, fique tranquilo, meu filho recebeu a melhor educação possível e eu jamais permitiria que se aproximasse de uma filha sua se não fosse com a melhor das intenções. Afinal de contas estamos colocando o meu emprego em risco – eles riram, amenizando o clima.

– Com certeza. Tenho convicção de que Miranda chegou para ficar. Ela trouxe luz para a minha vida – se ninguém calasse aquele cara eu ia vomitar sobre a mesa.

Que romantismo mais brega!

Johnny revirou os olhos e depois sorriu para mim.

Segurei a gargalhada que queria escapar, Miranda percebeu a nossa reação e não gostou nadinha.

– Então, professor Frankli... Não entendi como funciona esta sua oferta para a minha amiga. Você está ensinado a arte de... escrever – deu um sorriso diabólico.

– Tornando o trabalho dela mais real. Real até demais para ser sincera – puta que pariu! Os olhos de Alex pareciam em chamas. – E, após um longo período de aulas exaustivas, onde o senhor se empenhou o máximo para deixar seus textos mais... digamos assim... profissionais, recompensará o desempenho dela oferecendo-lhe um contrato com sua editora. É isso? Algumas aulas e depois uma relação apenas profissional?

Os pratos chegaram no exato momento em que Miranda atacava um pouco mais o meu professor. Ok! Eu ia simular um ataque cardíaco e todos esqueceriam aquele assunto desconfortável.

– As relações profissionais da minha editora, são desenvolvidas por Lana. A ideia de publicarmos não

partiu de mim, apesar de precisar do meu aval, minha irmã leu o material e ficou encantada. Realmente será um livro de sucesso – ele se voltou na direção do meu pai enquanto falava, ignorando por completo a minha amiga. – Tenho todos os motivos para acreditar no potencial de Charlotte, Dr. Peter, no entanto acho que esta decisão cabe apenas a ela, afinal de contas, sua filha já tem vinte e um anos e possui maturidade suficiente para decidir o que fazer da própria vida.

– É óbvio que você confia no potencial dela. Como não poderia? – mais veneno vindo de Miranda.

– Vamos respeitar a decisão de nossa filha, Alex – minha mãe impediu que Alex respondesse Miranda da forma como ela merecia.

– Eu também acredito no potencial de Charlotte. Ela é esperta demais. Aprende rápido – Johnny sorriu e piscou para mim. Suas palavras com sentido dúbio me fizeram corar absurdamente.

Meu celular vibrou. Tive medo de verificar a mensagem.

“Tenho motivo suficiente para estar furioso. O que você fez? Saiu contando para todo mundo o nosso acordo?” Respondi rapidamente “Não. Pelo visto você também não se absteve de se confessar com seu amigo. Que droga, Alex!” Meu professor se remexeu impaciente na cadeira.

Todos começaram a comer em um silêncio constrangedor.

Meu apetite havia desaparecido. Meu celular voltou a vibrar.

“Nunca deveríamos ter feito isso. Foi um erro enorme e agora estamos à beira de um desastre. Estou com muita raiva, Charlotte! Você deveria ter mantido a boca fechada.” Sufoquei a vontade de responder diretamente ao meu professor em alto e bom som. Era uma merda ser atacada de todos os lados, mas era uma merda maior ainda saber que ele se achava no direito de dividir aquele peso com o amigo e não me permitir o mesmo. E doía saber que significava tão pouco para ele que entregava os pontos já no primeiro desafio, voltando a dizer que era um erro.

Put a merda!

“Está muito difícil? Como posso te ajudar?” Oh, Deus! A mensagem de Johnny quase me levou às lágrimas. Ele nem fazia ideia de como estava complicado.

Alex tinha se arrependido. E se ele desistisse? Eu precisava reverter a situação. Mas como, se Miranda não parava de falar merda?

Respirei profundamente me lembrando de que a única forma de fazer Alex esquecer qualquer assunto era ser ousada e desviar a conversa para nosso lado sexual bastante forte, seria a melhor solução no momento. Se eu conseguisse distraí-lo talvez o fizesse recuar “De boca fechada eu não consigo fazer um monte de coisas que adoro fazer com o senhor, professor.” Olhei-o discretamente enquanto me obrigava a colocar um pouco de comida na boca. Alex olhou a mensagem por baixo da mesa e suspirou pesadamente.

Depois levou uma mão aos cabelos, puxando-os para trás.

Logo em seguida nossos olhos se encontraram e eu entendi que tinha atingido meu objetivo. Sorri

levemente desviando o olhar.

“Posso começar a falar sobre o meu curso, sobre o meu trabalho, sei lá, qualquer coisa para ver um sorriso neste rosto pálido” Johnny ainda tentava me ajudar.

“Você consegue fazer Miranda se engasgar ou ficar de boca fechada? Estou com vontade de matá-la.” Digitei rapidamente e comi mais um pouco. Pelo canto dos olhos vi meu amigo rir, ao voltar a olhar na direção de Alex vi que ele tinha notado minha troca de mensagens com Johnny, e parecia não ter gostado nadinha disso. Seus olhos se estreitaram e meu professor mordeu o lábio inferior me encarando.

Era aterrorizante, intimidador e extremamente sexy. Caralho! Minha calcinha estava úmida? Como?

“Muito divertida a sua conversa com o seu futuro... marido?” Revirei os olhos com esta. Alex estava realmente sendo infantil a este ponto? Ia começar a escrever uma mensagem quando chegou uma de Miranda.

“Desculpe, mas ele precisa saber que você não está sozinha. Por favor, não me mate. Te amo!” E eu amava a minha amiga, no entanto ela estava destruindo a minha chance de perder a virgindade com o homem que eu mais desejei a minha vida toda. Aliás, o único homem que eu desejei e o único que eu queria.

“Não vou te perdoar se abrir sua boca mais uma vez. Entendeu? Estou falando sério. Obs: Te amo também.” Enviei e comecei a digitar a que enviaria para Alex quando Dandara me cortou.

– Então, Charlotte, fale-nos um pouco sobre o que está escrevendo. Fiquei bastante curiosa com toda atenção que meus filhos estão dando ao seu material – se antes eu estava em maus lençóis, agora eu estava completamente “fodida”, para meu azar, não literalmente.

Como poderia explicar que escrevia as pornografias que aprendia com o filho dela. Santo Deus! Depois de uma tarde deliciosa com o meu professor, estava sendo detonada por todos. Como sobreviveria?

– É... bom... é um romance... É... – tenho certeza que meu rosto estava mais vermelho do que um tomate maduro.

– Ela escreveu um romance adulto que conta sobre o amor proibido entre um figurão da alta sociedade e a sua amante. A história tem tudo para dar errado, porém Charlotte soube conduzir o relacionamento deles com tamanha graciosidade que torna impossível você não se apaixonar e torcer por eles. Você vai amar o livro, mãe! – Lana conseguiu desviar a atenção de mim. O que me fez ser eternamente grata a ela.

– Romance adulto?

A mãe do meu professor perguntou curiosa. Com uma sobrelance arqueada, ela me olhou e em seguida desviou sua atenção para o filho que, constrangido, desviou o olhar fingindo não perceber.

Se mais alguma coisa de ruim iria acontecer era melhor que acontecesse logo, pois eu não suportava mais tanta pressão. Aquele era o momento em que um orgasmo seria mais do que bem-vindo. Meu corpo precisava de algo para relaxar ou eu surtaria.

“Tem como piorar?” Alex enviou a mensagem. Meu coração acelerou.

Era demais para ele também. Merda! Meu professor não sobreviveria àquela noite.

“Alex, por favor, já estou tensa o suficiente.

Colabore não me fazendo ameaças.” Depois, com medo de ele pensar que era um basta, rapidamente escrevi outra mensagem.

“Tivemos uma tarde tão deliciosa, merecíamos uma noite melhor!” Arrisquei buscar por seus olhos e vi um sorriso mínimo em seus lábios. Ok! Eu sabia virar o jogo. Fiquei deliciada.

“Você não está colaborando muito. Estou furioso, Charlotte, só tem um jeito de eu começar a me sentir melhor.” Como assim? Oh, Droga! Do que Alex estava falando? Minha cabeça estava tão fodida que não conseguia raciocinar coerentemente.

– Não está com fome, Charlotte? – Pedro percebeu o meu desânimo.

– Na verdade, hoje estou sem ânimo para nada, professor João.

– Ah, por favor! Apenas João. Somos praticamente uma família agora – piscou para mim. Não sei por qual motivo todos naquela mesa pareciam querer me sacanear.

Era algo tão absurdo assim uma garota virgem de vinte e um anos acalentar o sonho de ser uma grande escritora e pedir ajuda ao seu professor para alcançar seus objetivos? Droga!

Ok! Era sim absurdo eu praticamente obrigar Alex a transar comigo, mas... Puta que pariu! Somos adultos, não somos? Podemos perfeitamente escolher entre apenas conversar sobre o assunto ou colocá-lo em prática.

Merda! Realmente era foda fazer isso com o professor responsável pelo seu projeto, mas... Mas nada, Charlotte!

Concentre-se na comida e esqueça todo o resto.

“O que você quis dizer?” Não resisti. Era impossível fazer cara de paisagem.

Meu pai estava numa conversa animada com o pai de Alex, minha mãe comia enquanto ouvia Dandara falar sobre a editora, Miranda estava entretida com o namorado e Lana atendia uma ligação atrás da outra. Restava apenas Johnny, que fingia não prestar atenção em mim e João Pedro que já tinha desistido de tentar me aborrecer.

“Estou querendo dizer que te comeria de ponta a cabeça, só para fazê-la compreender o significado exato da palavra segredo, Charlotte Middleton. E quando acabasse não sobraria nada dessa sua língua grande!” Uau! Essa foi mesmo de arrepiar.

“Você me deixou cheia de ideias, professor Frankli. Se o problema é a minha boca grande, ou a minha língua habilidosa, não sei o que restará para nós dois.” Enviei e comi um belo pedaço do meu filé, saboreando cada mordida de maneira especial.

“Está me desafiando ou tentando me distrair?”

Porque estou ficando ainda mais furioso.” Nossa! Ele era rápido no gatilho. Meu corpo inteiro estava duro, retraído, tenso. Merda! Alex não podia deixar para me intimidar amanhã?

– Charlotte?

Puta merda! Se aquilo já era um pesadelo eu poderia acordar naquela parte. Deus com certeza estava me punindo. O que o Henrique fazia ali? Fechei os olhos sem coragem de olhar para o meu professor.

– Miranda, Johnny – ele continuou.

– Henrique – Johnny o cumprimentou com ironia na voz. – Que mundo pequeno.

– Pois é – ele riu sem graça. Foi quando me virei para olhá-lo. – Oi, Charlotte! – falou com ansiedade e olhos brilhantes, cheios de esperança.

– Oi! – respondi sem saber o que dizer. Ele olhou para os componentes da mesa e ficou sem graça.

– Professor, Frankli, Professor Prado – ele disse endireitando o corpo. – Boa noite. Boa noite a todos. Eu sou Henrique Almeida, amigo da Charlotte – e claro, ele não acrescentou que era também da Miranda e do Johnny, simplesmente porque era o dia de “ferrar a Charlotte”.

– Colega da faculdade? – meu pai encarava Henrique com interesse.

– Sim, sim senhor.

– Eu sou o pai dela. Dr. Peter Middleton, muito prazer! – ele estendeu a mão para meu colega que prontamente a apertou. – Esta é a mãe de Charlotte, Mary Middleton – Henrique apertou a mão de minha mãe que apenas sorriu. – Então, meu rapaz, conte-me sobre a sua amizade com a minha filha.

Putá! Que! Pariu!

– Pai! O Henrique com certeza não está aqui para ser interrogado – quase rosnei e ele riu.

– Nós somos amigos. Sua filha é uma garota admirável, Dr. Middleton. Eu vim encontrar o meu pai e minha madrasta, eles estão na cidade, então... – deu de ombros.

– Apareça qualquer dia desses, Henrique – minha mãe falou com educação. Ele olhou para mim e sorriu.

Minha única vontade era de enxotá-lo de lá como se fosse um cachorro.

– Certamente – ele disse de maneira polida. – Charlotte, vejo você amanhã? – e depois dessa eu sabia que seria morta por Alex.

– Provavelmente. Estudamos na mesma faculdade – sorri sem graça e sem vontade. Ele se despediu e saiu.

Meu pai me observou com olhos estreitos. Merda!

Ele aparentemente acreditou que eu estava interessada no nerd do Henrique e daria o maior trabalho convencê-lo que não era nada daquilo. Ou não! Se meu pai acreditasse que era o Henrique nunca pensaria no Alex. Aquilo era perfeito!

“Pelo que parece seu namoradinho agradou seus pais.” Alex enviou e meu sangue gelou. Poxa! Eu não conseguia um segundo de paz.

“Por favor, não fique com raiva. Eu não tenho culpa. Estou sendo massacrada esta noite. O que posso fazer para melhorar o seu humor?” Johnny começou a falar sobre as suas aulas, seus planos para o futuro e blá, blá, blá. Meu pai esquecia o mundo quando ele começava a agir como um executivo promissor.

O garçom se aproximou retirando os pratos e servindo as taças. Desejei desesperadamente um gole de vinho e, mesmo sabendo que meu pai me censuraria, aceitei que enchesse a minha.

Que se dane. Eu já tenho vinte e um anos.

“O que seria capaz de fazer para ser perdoada, Srta. Middleton? Lembre-se, eu estou realmente furioso.” Respirei profundamente. Tomei um longo gole bebendo quase todo o conteúdo da minha taça, olhei para os ocupantes da mesa, respirei fundo novamente e criei coragem.

“TUDO.” E enviei. Virei o restante do vinho e senti minha garganta protestar com a acidez. O garçom rapidamente encheu minha taça novamente, minha mãe me lançou um olhar de reprovação que quase me impediu.

Dane-se! Sou maior de idade. Posso transar com o meu professor se e quando eu quiser. Ok! Meu pai enfartaria, antes ou depois de atirar em Alex e de me deserdar. Pelo menos eu transaria com o homem que escolhi.

Virei a taça deixando que o vinho descesse. O celular voltou a vibrar avisando a chegada de mais uma mensagem “Ótimo! Vá até o toalete e tire a calcinha. Quero sentir você em meus dedos. E pare de tomar tanto vinho.

Preciso desta boquinha bem esperta.” PUTA! QUE! PARIU!

Parada, a taça de vinho suspensa a caminho dos meus lábios, os olhos vidrados no celular e o rosto pegando fogo, pensei, por um átimo de segundo, se deveria ou não obedecer.

Alex só podia estar maluco mesmo. O que faria?

Estávamos com nossos pais sustentando a imagem de aluna e professor. Santo Deus! Mesmo assim, eu estava super, mega, hiper, master excitada. Por que não tirar a calcinha? Ela não serviria para mais nada mesmo!

– Com licença – com o celular nas mãos, levantei para cumprir a minha tarefa.

– Charlotte? – minha mãe me olhou com ar desconfiado.

– Preciso ir ao toalete.

Meu rosto estava completamente vermelho. Eu podia sentir a pele queimando. Só não sabia se era de excitação ou vergonha. Cheguei rapidamente à conclusão de que era a primeira opção.

Caminhei, o mais rápido possível, entrei na primeira cabine, arranquei a calcinha descartando-a na lixeira, o que era realmente uma pena, e saí. Olhei no espelho. Meu Deus! Minha cara me entregava. Meu rosto vermelho e os olhos brilhantes deixavam claro que ali estava uma garota prestes a ser comida, ou não, porém, com certeza, prestes a ter um orgasmo arrebatador, como só Alex podia proporcionar.

– Calma, Charlotte! Você vai voltar para a mesa e obedecer a tudo que ele ordenar. É importante. Alex está nervoso e parte disso é sua culpa. Tudo bem, não muito, um pouco sim. Tá, tá certo! Alex fica nervosinho sem motivos, mas você quer ir até o fim, não quer? – concordei com a minha imagem no espelho. – Ótimo!

Quem sabe não conseguiremos ir um pouco além do fim...

Quem sabe?

Molhei o rosto, evitando manchar a maquiagem deixando que a água diminuísse a temperatura em meu pescoço e nuca. Respirei fundo trocentas vezes. Ok! Hora de me entregar aos ensinamentos do meu professor delícia. Dei risada sozinha e fui em direção à porta então Miranda apareceu.

– Miranda! – fiquei sem saber como agir. Será que ela perceberia o que eu estava prestes a fazer?

– O que vocês estão tramando? – minha amiga me encarou com olhos desafiadores e os braços cruzados no peito.

– O quê? Como... Você... Pelo amor de Deus, Miranda! O que você acha que está fazendo? Acredita mesmo que pode me interrogar? Por um acaso eu te questiono quando você convida o seu namorado para passar a noite lá em casa? – minha amiga recuou, porém seus olhos continuaram duros.

– Ele não é seu namorado, Charlotte. Pense bem no que está fazendo. Sei que vai se magoar.

– E como espera evitar isso? Desafiando Alex?

Tornando a nossa noite um inferno? Francamente, Miranda!

– Sei que passei do limite, Charlotte. Estou com medo por você. Eu te amo como uma irmã. Sua família é a única que eu tenho, não quero ter ver sofrendo quando aquele cretino sumir da sua vida.

– Por acaso sabe quantos anos eu tenho? – gritei em resposta. – Estou cansada de todo mundo tentar resolver a minha vida, tomar as decisões por mim. Estou cansada. Eu já decidi, Miranda, nem você nem ninguém vai conseguir me deter, entendeu? – os olhos de minha amiga se encheram de lágrimas. Ficamos nos encarando sem dizer mais nada. – Com licença, preciso ir.

– Ele foi embora – Miranda não me impediu de passar, mas suas palavras me detiveram. – Disse que tinha um problema sério para resolver e foi embora. Qual vai ser a sua desculpa? – estava em choque.

Alex foi embora? Como pôde? Por quê? Não sabia o que responder nem o que fazer. Minha confusão era

visível.

– Sinto muito! – Miranda entendeu o meu abatimento.

– Preciso voltar.

– Charlotte...

– Eu só... Preciso voltar, Miranda – puxei o ar procurando coragem para continuar.

Saímos juntas, sem dizer nada. Foram apenas três passos e fui abordada pela recepcionista do restaurante.

– Charlotte Middleton? – eu e Miranda paramos surpresas olhando para a funcionária.

– Sim.

– Por aqui, por favor – ela indicou uma porta de acesso exclusivo aos funcionários.

– Espere! – Miranda a interrompeu. – Como assim por aqui? O que significa isso?

Olhei para os lados tentando descobrir porque ela queria me tirar do salão principal. Imediatamente minha mente me levou a Alex.

– Desculpe, senhorita. Recebi ordens para acompanhar a senhorita Middleton.

– Mas não vai mesmo! – Miranda deu um passo à frente.

– Tudo bem, Miranda.

Minha amiga olhou assustada em minha direção.

Imediatamente ela também entendeu. Levou alguns segundos para que chegasse à conclusão de que o melhor a fazer era me ajudar.

– E o que eu faço?

– Não sei. Pense em algo. Por favor!

– Tudo bem. Deixe comigo. Mas você vai ficar me devendo uma.

– Você já me deve várias – rebati.

– Mas você não precisou passar pelo que vou passar para te encobrir – ela piscou. Oh, Deus! O que ela aprontaria? Eu não ficaria para descobrir.

– Obrigada! – abracei minha amiga e em seguida acompanhei a garota que me aguardava ansiosamente.

Só olhei para trás no momento em que ouvi o barulho de pratos caindo e algumas pessoas falando um pouco mais alto. Ainda consegui ver minha amiga Miranda caindo no chão com diversos pratos ao seu

redor e as pessoas correndo em sua direção. Nossa Senhora!

Miranda era capaz de tudo. Sorri. Tinha certeza que ela não estava machucada. Não de verdade. Seria uma excelente distração.

Capítulo 21

“Pois a coragem cresce com a ocasião.”

William Shakespeare

Charlotte

Quando Miranda saiu para o salão principal e encenou o seu acidente ganhando a atenção de todos, a garota me conduziu pelas portas duplas, levando-me a uma sala imensa, abafada e barulhenta com várias pessoas andando para todos os lados, conferindo pratos, panelas, papéis... Uma verdadeira bagunça organizada.

Ela me conduziu, desviando-nos de um ou outro funcionário, que não paravam seus afazeres para analisar a minha presença, até chegarmos num corredor escuro, demos alguns passos e uma porta se abriu. Um vento frio fez minha pele arrepiar. Estávamos na rua.

– Ele a aguarda no carro – ela disse sem me encarar.

– O quê? Como?

– O Sr. Frankli pediu para avisar que a aguarda dentro do carro.

Olhei para fora sem acreditar que faria aquilo mesmo. E meu pai? E minha mãe? O que eu diria? Um jogo de luz logo me levou à realidade. Alex me esperava e eu ansiava por ele.

Corri em direção ao carro abri a porta e sentei no banco de couro com meu professor ao meu lado. Ele, sem me olhar nem por um segundo, deu partida conduzindo o carro para fora dos domínios do restaurante por uma entrada que definitivamente não foi a que chegamos.

– Conseguiu enrolar o seu pai? – perguntou secamente.

– Com a ajuda de Miranda.

– Ah é? – ele me olhou com desconfiança. – Isso é bom – em silêncio acelerou o carro até que eu começasse a sentir medo.

Não pude deixar de notar a figura imponente, dirigindo como se precisasse chegar com a máxima urgência, mas isso não me incomodou. Eu também compartilhava daquele sentimento.

Quando ele precisou parar em um semáforo, seus olhos se voltaram para mim. Oh, Deus! Ele me olhava com olhos que me queimavam e devoravam ao mesmo tempo. Nunca antes tinha me olhado daquela maneira. Era como se estivesse me despindo.

– Alex, como...

– Shiiiiiiiiiii – ele avançou na minha direção me fazendo recuar. Com o dedo indicador calou meus lábios.

– Não diga uma palavra, Charlotte. Eu estou com muita raiva e desesperado por você. Então, por favor, não fale nada, porque eu não sei se te dou umas palmadas ou se te como até não sobrar mais nada da minha aluna.

Alex me beijou com força, desejo, emoção...

Incendiei. Suas mãos suspenderam meu cabelo, liberando meu pescoço para o seu prazer. Sua língua invadiu minha boca, me explorando profundamente. Era impossível acompanhar tantas informações.

Ele estava em todos os lugares, me forçando, conduzindo e submetendo completamente a sua vontade.

Era como se eu fosse uma boneca em suas mãos, como se estivesse ali somente para aplacar aquele fogo que o consumia e ao mesmo tempo, como se apenas eu pudesse estar naquela posição. Nenhuma outra mulher poderia ocupá-la.

Mesmo me mantendo de maneira tão vulnerável, Alex sabia como fazer para que eu me sentisse única. Ele me devorava com toques, mordidas e beijos alucinantes gemendo descontroladamente. Quando suas mãos, finalmente, subiram por dentro de minha saia, tocando o interior de minhas coxas, uma pela frente e a outra por trás, chegando as duas em meu sexo ao mesmo tempo por pontos diferentes, e eu não consegui descobrir como ele conseguiu fazer aquilo estando dentro de um carro, com outros ao lado, pensei que não resistiria. Liberei seus lábios com um gemido inacreditavelmente carnal.

– Ah, Charlotte! Minha menina! Exatamente como eu queria. Sem barreiras, quente e molhada.

– Alex...

– Shiiiiiii! Não fale – sua ordem fez meu corpo vibrar.

Ele foi bruto, firme e deliciosamente sexy.

– Calada, Charlotte!

Então uma buzina fez com que ele voltasse a atenção ao volante e ao percurso que precisávamos seguir. Alex permaneceu calado, seus dedos apertando o volante com tanta força que tive medo do que ele seria capaz de fazer comigo. Se bem que aquela amostra segundos antes já indicava qual punição eu receberia.

Ele seguia, correndo, sem se incomodar em cortar os demais carros que se aventuravam a sua frente. Segurei no banco com força. Eu sabia que Alex não nos colocaria em risco, mesmo assim temi.

– Para onde vamos? – me arrisquei a falar.

– Eu mandei você ficar calada, Charlotte – ele respondeu sem raiva, apenas um sussurro.

– Desculpe! – respondi no mesmo tom. Ele suspirou e me olhou rapidamente.

– Eu acho que vamos para a minha casa, só não tenho certeza se consigo esperar até chegarmos – e com isso pegou minha mão e a levou ao seu membro.

Put a que pariu! Quase tive um orgasmo. Alex estava duro, muito duro. Uma promessa de satisfação plena. Sem pensar em qualquer ação, umedei os lábios lembrando o quanto gostava de tê-lo em minha boca.

– Se você passar esta língua mais uma vez nos lábios não responderei por mim.

Puxei o ar com força e mordi o lábio inferior. Eu estava tão molhada que tive medo que escorresse para o couro do banco. Fechei as pernas apertando-as uma na outra. A sensação era gostosa, ele segurou meus joelhos e me forçou a afastá-los.

– Alex! – engasguei de tanto desejo, pois ele subiu os dedos e acariciou meu sexo. Uma carícia leve, quase inocente. E ficaram por lá, deslizando lentamente, acabando com o meu juízo.

– É assim que você gosta, não é? Gosta que eu te toque, sua safada? Gosta de me irritar só para depois me deixar louco de tesão?

Ele fez uma curva fechada fazendo os pneus cantarem e logo estávamos em frente ao portão do seu condomínio. Aguardou sem muita paciência que se abrisse e, sem cumprimentar o porteiro, avançou até chegar em frente à sua casa. O mesmo padrão, dedos apertados no volante e impaciência, até que conseguiu levar o carro para dentro da garagem, avançando com toda a velocidade. Quase gritei. Quase.

Mal parou o carro e ele já estava em mim, me puxando para um beijo faminto, sôfrego e que me deixou entregue. Eu não entendia como conseguíamos estar tão colados dentro de um espaço projetado para impedir nossa proximidade.

Ele mordeu meu lábio inferior puxando-o com força. Gemi um misto de prazer e protesto, mas Alex me penetrou com um dedo, indo mais fundo do que já tinha ido até aquele momento. Todo o meu interior tremeu, o familiar formigamento e calor que iniciava no centro do meu corpo atingindo rapidamente toda a sua extensão, instantaneamente se manifestou.

Meu professor fez questão de impedir, se afastando o suficiente para que eu me sentisse abandonada. Sua mão segurou em meu queixo, apertando minhas bochechas, mantendo-me calada.

– Agora eu vou dizer o que quero fazer com você, Charlotte. Ou melhor, o que quero que você faça. Talvez assim aprenda a abrir esta boca deliciosa só quando for necessário. Entendeu? – Mal consegui balançar minha cabeça para indicar que tinha entendido.

A pressão que ele exercia em minha mente, ao invés de me intimidar, me deixava ainda mais excitada. Eu queria satisfazer todos os seus desejos e vontades. Ser a garota malcriada, teimosa, mimada, que merecia ser punida por aquele homem autoritário, decidido e seguro de si. Queria que ele me ordenasse simplesmente porque queria cumprir todas as suas ordens, apenas para vê-lo gozar em mim se perdendo de desejo. Eu faria o que fosse preciso para atingir este objetivo.

– Vem cá! – puta merda! Se ele continuasse me dando ordens daquele jeito eu gozaria sem precisar de seus dedos incríveis. – Agora!

Alex me olhava com olhos arrogantes, perversos e quentes. Uma mão agarrou meus cabelos, prendendo-os possessivamente sem me machucar. Seus olhos não abandonavam os meus e seu polegar percorreu meus lábios entreabrindo-os numa carícia sensual.

Ele introduziu o dedo em minha boca, submetendo-me com seu olhar severo e deliciosamente excitante.

Imediatamente fechei meus lábios chupando seu dedo como se fosse o seu próprio sexo. Lentamente, deixei que minha língua o saboreasse. Alex fechou os olhos deleitado com a minha submissão ousada e quando os abriu estavam irreconhecíveis. Adorei sua postura.

Todas as minhas células entraram em combustão, vibrando descontroladas, chocando-se umas contra as outras correndo pelas minhas veias me tirando da realidade.

Ele retirou o dedo mantendo-me firme com a outra mão e paralisada com seu olhar. Ouvi quando sua calça foi aberta, sem me atrever a desviar os olhos. Eu sabia o que ele queria e eu também queria mais do que qualquer outra coisa. Salivei apenas com a ideia. Era brutal demais ou talvez vulgar demais, salivar com o desejo de sentir o pau do meu professor em minha boca? Não. Era simplesmente no que me transformava quando estava com ele.

– Abra a boca! – ordenou. – Me chupe, Charlotte.

Suas palavras saíram como se ele não conseguisse pensar em outra coisa. Como se receber meus lábios em seu pênis fosse o único jeito de encontrar paz. Obedeci imediatamente. Eu daria o que ele precisava.

Deslizei meus lábios pela sua extensão, sentindo-o em minha língua, lábios... Ele estava absurdamente duro e pulsante. Eu sabia que Alex estava em seu limite e que não demoraríamos muito, mesmo assim não me senti intimidada. Faria o que fosse necessário para tornar aquele momento perfeito. Sem tocá-lo, mantendo minhas mãos sobre suas coxas, suguei-o com vontade, correndo minha língua em uma carícia tão íntima que suas pernas estremeeceram, mesmo estando ele sentado.

Alex fechou os punhos em meus cabelos. Sua mão livre buscou apoio no volante atrás de mim. Ele gemeu reverberando em meu íntimo. Quanto mais meu professor gemia mais me sentia estimulada. Como se seus sons conseguissem me tocar, me acariciar. Oh, merda! Eu queria gozar junto com ele. Eu seria capaz de gozar apenas sentindo-o em minha boca. Meu corpo inteiro dava sinais disso.

Ele segurou com força em meu cabelo ditando os movimentos, fodendo minha boca, entrando e saindo em estocadas lentas, cada vez mais profundas. Seus quadris se mexiam, levantando e rebolando em cada investida, minha cabeça ainda imobilizada por sua mão. Meus únicos movimentos eram sugar e massagear com a língua o seu comprimento.

Não consigo descrever a sensação de tê-lo em minha boca enquanto o observava me foder. Alex estava vestido com a exceção do seu pau. Eu o olhava com aquele terno caro, sua gravata perfeitamente posicionada, sua camisa impecavelmente passada e os cabelos em uma bagunça habitual e, no entanto, nada desalinhado no melhor estilo “eu sou um figurão podre de rico”.

Lindo! Alex era lindo! E ele estava ali, só meu, entrando e saindo da minha boca repetidamente. Eu sou mesmo uma garota de sorte.

Era tão estimulante que involuntariamente comecei a rebolar os quadris lentamente, como se suas estocadas fossem na verdade em meu sexo. O atrito das minhas coxas, pressionando meu sexo molhado e os movimentos que realizava iriam me levar rapidamente ao êxtase. Ele apertou minha nuca, segurando

com força meus cabelos.

– Ah não! Não goze sua espertinha – afundou seu pau em mim mantendo-me firme pela nuca e gemendo ao mesmo tempo. – Você não vai encontrar a satisfação com tanta facilidade, Charlotte. Abra as pernas! – Mesmo contrariada não tive como desobedecer sua ordem tão torturante e deliciosa.

Alex colocou uma mão entre minhas pernas evitando que eu conseguisse juntá-las e reiniciou as estocadas, com mais força e velocidade. Sem muita opção, segurei seu membro pela base, sentindo seu saco se recolher com o toque e o suguei com força.

Éramos nós dois no mesmo trabalho. Ele me conduzindo e eu devorando-o. Seu líquido pré- ejaculatório lubrificava a minha boca. Logo ele não aguentaria mais. Desviei meus lábios, libertando-me. Ele me olhou sem reagir.

– Ah, professor Frankli, fodendo a boca da sua aluna enquanto o papai dela aguarda pacientemente do lado de fora? Quanta decência!

Sorri maliciosamente para ele pronta para ser repreendida. Alex ficou sério me olhando abismado, em seguida o sorriso mais sacana que ele já me deu brotou de seus lábios. Um calafrio percorreu meu corpo e se alojou entre minhas pernas abertas em meu sexo latejante.

– Exatamente, sua devassa. Agora coloque meu pau de volta nessa boquinha deliciosa e trabalhe.

Foi o que eu fiz. Sem saber como ou de que forma, recebi Alex completamente em minha boca, em minha garganta, me invadindo com a mais pura luxúria. Suguei, lambi, mordisquei, chupei de todas as formas possíveis.

– Ah, Charlotte! – gemeu meu nome com devoção. – Assim! Não pare! Não pare! – toda a sua petulância tinha ido embora.

Eu tinha desarmado o homem punitivo e arrogante.

Este tinha ficado para trás, deixando diante de mim apenas um Alex perdido na luxúria e completamente entregue nas mãos da garotinha inexperiente.

Então ele gozou. Forte, abundantemente, pulsando em minha boca e escorrendo por minha garganta. Não parei até que todo o seu líquido fosse consumido, até que tivesse engolido cada gotinha do seu gozo. Nunca antes Alex teve um gosto tão maravilhoso. Era o sabor do desejo, da luxúria e da paixão. Jamais me esqueceria daquele sabor.

Ele, com a cabeça jogada para trás, respirava ofegantemente e mordia os lábios com gemidos engasgados. Quando voltou a me olhar, sorriu. Um brilho extra naqueles olhos perfeitos parcialmente ocultados pela escuridão do local.

– Venha cá!

Meu professor me puxou para cima enquanto eu ainda estava perdida na sensação de seu gozo em minha boca. Levantei atordoada, mal conseguindo me equilibrar, sem entender o que fazia ou o que ele queria.

Sem aguardar minha reação, Alex empurrou o banco para trás e me colocou em seu colo, sentada de costas para ele. Não houve nenhum aviso, nada que pudesse me dizer o que ele faria a seguir. Então seus dedos alcançaram o centro das minhas pernas, pressionando meu ponto de prazer. Gritei em resposta ao estímulo inesperado.

– Isso, Charlotte. Grite! – seus lábios estavam em minha orelha e seu hálito quente atiçava ainda mais minha libido. Alex deslizou os dentes em meu pescoço me causando arrepios.

No mesmo instante todo o meu corpo e minha mente despertaram. Seus dedos acariciavam meu sexo e pressionavam meu clitóris. Sua outra mão me segurava, colando-me a ele, seus lábios devoravam meus ombros e pescoço. Quando seu dedo do meio me invadiu, sem nenhum aviso ou cuidado, um grito escapou de minha garganta, eu não recuei. Sentindo-o tão dentro de mim, não resisti e comecei a rebolar. A sensação era única e indescritível.

– Quer perder a virgindade, sua doida? – ele retirou o dedo, sem deixar de me acariciar daquela maneira prazerosa e sensacional que somente suas mãos eram capazes de fazer.

– Quero, Alex. Por favor! Por favor! – choraminguei. – Eu quero que você me coma. Aqui.

Agora! – projetei meus quadris na direção da sua mão que massageava meu sexo sem cessar. Ele riu em meu pescoço e este pequeno gesto fez minhas pernas tremerem.

– Eu acabei de gozar, Charlotte. Como posso atender a um pedido tão urgente?

Mordeu meu pescoço e novamente introduziu seu dedo, só que desta vez com mais cautela, alisando minhas paredes enquanto seus outros dedos massageavam meus lábios vaginais. A palma da sua mão roçou meu clitóris.

Era uma mistura intensa de estímulos.

– Gosto da sua temperatura. De sentir você molhadinha! – me puxou para si intensificando o contato de sua mão. Gemi intensamente sem o menor pudor. – Rebole em meus dedos! – sussurrou em meu ouvido.

Caralho! Era tão... Orgástico! Obedeci sem saber ao certo como fazer. – Assim!

Alex me acompanhava com seus quadris, me fazendo mexer da forma como ele queria. Eu ia e voltava seguindo seus passos e seus dedos se movimentavam no mesmo ritmo, entrando e saindo, apertando, pressionando, acariciando minhas paredes pulsantes. Fechei os olhos e me deixei levar, rebolando até atingir o limite máximo de prazer.

– Assim, Charlotte! Goze, linda! Goze em meus dedos.

Ele me apertou, rebolou junto comigo e me impulsionou para frente, sua mão esfregando meu sexo e seu dedo apertando um botão dentro de mim que me levou à loucura. Gritei seu nome gozando descontroladamente.

Meu corpo não conseguia mais se sustentar, se desfazendo em seus dedos. Alex me manteve firme nos braços dando beijos leves em meu rosto, ombro e cabelos até que finalmente consegui voltar à realidade.

– Caralho! Puta merda! – deixei escapar. Não consegui encontrar outra maneira de expressar o que eu sentia. Alex riu. – Desculpe!

– Tudo bem, Charlotte. Estou começando a me acostumar com essa sua boca absurdamente suja –ele acariciava meus cabelos colocando-os no lugar.

– Você xinga! – abafei o riso encarando-o seriamente.

– É diferente – ele rebateu encostando-se ao banco.

Pensei em muitos argumentos que poderiam desfazer a posição machista do meu professor, mas preferi não entrar em mais uma briga.

– Uma vez você disse que esta era uma boa hora para xingar – olhei para meu professor que ostentava uma expressão relaxada e sorria para mim. – Como estou? – tentei me arrumar ainda em seu colo.

– Como uma mulher que acaba de ter um puta de um orgasmo – ele me tirou do seu colo, me colocando ao lado. Endireitou as próprias roupas, se recompondo.

– Meu pai não vai gostar nem um pouco disso – ele riu se aproximando, acariciando meus cabelos e encostando o rosto no banco. Recuei. Eu conhecia aquela cara.

– Nós precisamos conversar – disse com cautela.

– Alex!

– Precisamos conversar, Charlotte!

– Tudo bem, só não aqui nem agora. Minha família está preocupada comigo e eu ainda preciso pensar numa desculpa perfeita – eu rezava para que Miranda tivesse conseguido tirá-los do restaurante, ou então o meu pai me mataria. – Precisamos voltar. Aliás... como você...

– Sou amigo do dono do restaurante, o Maurício – respondeu sem pestanejar. – Precisamos urgentemente ter esta conversa, Charlotte.

– Eu vou escrever o último capítulo. Não precisa ficar tão preocupado.

– Não é... Droga, Charlotte! O que você está tentando fazer?

– Eu? O que você está tentando fazer, me atraindo para o carro e me trazendo para a sua casa mesmo sabendo que nossas famílias estavam juntas e aguardando por nós. O que é isso, Alex? Você costuma conhecer mulheres naquele restaurante e depois retirá-las de lá pela saída secreta para comê-las em sua casa? – estava mais furiosa do que pensava. Por que aquilo tudo me irritava tanto?

– Charlotte! Não! Você... Quer parar de tentar me confundir?

– Não estou tentando confundi-lo – meu celular estava no chão, não sei como nem porque, muito menos quando, mas ele estava lá e começou a vibrar. A luz da tela chamando a nossa atenção. Peguei rapidamente o aparelho, quinze ligações perdidas. Como isso foi acontecer?

– Não atenda.

– É o meu pai. Eu tenho que atender.

– Merda, Charlotte! Não atenda.

– Oi, pai! – me encolhi sob o olhar enfurecido do meu professor.

“Charlotte! Onde você está?” – comecei a tremer imediatamente. Puta que pariu! Ele desconfiaria de alguma coisa.

– Estou no restaurante, eu...

“No restaurante? Miranda sofreu um acidente.

Estamos todos no hospital” – Graças a Deus!

– Hummm! É grave? O que aconteceu? Eu achei estranho ninguém mais estar aqui, estou ligando e ninguém atende... – era assim que acontecia quando inventava uma mentira, eu simplesmente me perdia nela e ficava falando sem parar.

“Não. Na verdade não foi nada. Achamos que fosse algo sério já que ela ficou gritando que estava doendo.

Ela está bem. Logo estaremos em casa”.

– Ótimo! – reprimi o riso. – Vou pegar um táxi e encontro vocês lá. Te amo!

Desliguei rindo do que minha amiga tinha aprontado, Alex me encarava com raiva.

– Ah, acho que preciso ir – seus olhos se estreitaram e ele parecia incrédulo com a minha atitude. Ri. – Miranda é incrível! A barra está limpa! Podemos entrar pela porta da frente e sem chamar atenção – ele passou as mãos pelos cabelos puxando-os de leve.

– Você ainda vai me enlouquecer, Charlotte.

– Não fique com raiva – pedi. – Infelizmente não temos tempo para mais uma brincadeirinha, professor Frankli – sorri debochada. Ele me encarou sem reação.

Depois balançou a cabeça e riu.

– Não sei como pude deixar você me envolver nesta loucura.

– Alex! – implorei para que não recomeçasse.

Faltava tão pouco. – Preciso ir embora.

– Eu vou levar você.

– Não! – quase gritei. – Quer dizer... E se meu pai estiver chegando.

– Pare com isso, Charlotte! Você já tem vinte e um anos. Qual é o problema de eu te levar para casa. Seu pai já me conhece, aceitou o namoro entre a Miranda e Patrício, que é o cara mais irresponsável que já conheci em toda a minha vida. Sua mãe até convidou aquele idiota do Henrique para uma visita a sua casa – aquilo realmente o irritou.

– Mas você não é meu namorado – me arrependi imediatamente ao dizer isso. Eu era uma idiota! Alex puxou o ar com força me encarando.

– É esse o problema?

Oh, não! Não! Ele iria me deixar se eu confessasse o quanto o queria. Se descobrisse que eu estava tão apaixonada ele...

– Alex... – ele avançou e acariciou meu rosto.

– Charlotte, eu... – meu celular voltou a vibrar. Era uma mensagem de Miranda.

“Acabou o seu tempo. Recebi alta estamos voltando para casa.” – Merda! Preciso mesmo ir. Falo com você depois, pode ser? – ele ainda me encarava com uma expressão indecifrável. Havia algo a mais naquele olhar.

– Tudo bem. Vou te ligar mais tarde. Por favor, atenda!

– Se eu não puder atender, mando uma mensagem – ele concordou.

– Deixe-me ao menos levá-la a um ponto de táxi – concordei e ele logo estava tirando o carro da garagem.

Assim que encontramos o ponto de táxi, ao lado de uma pizzaria muito arrumadinha, ele parou e me encarou.

O silêncio estava pesando sobre nós.

– Não suma, por favor! – seu olhar era tão estranho que eu estremei.

– Não vou sumir. Prometo – respondi com a voz fraca. Ele me puxou com delicadeza e me beijou. Nossos lábios se tocaram. Foi gostoso e rápido. – Tchau!

Abri a porta, sentindo as pernas ainda trêmulas e praticamente corri para fora do carro dele. Eu estava sufocando. A forma como Alex me olhou foi diferente, linda, romântica, carinhosa, foi... apaixonada. Eu só podia estar louca. Estava tão apaixonada por ele que imaginei aquele olhar porque desejava mais do que tudo que fosse verdade.

Eu precisava sair dali. Fugir e reerguer as minhas barreiras. Miranda tinha razão. Eu sofreria no final. E o final estava muito próximo.

Capítulo 22

“Aprendi que não posso exigir o amor de ninguém.. Posso apenas dar boas razões para que gostem de mim.. E ter paciência para que a vida faça o resto.”

William Shakespeare

Charlotte

Eu não podia esquecer a forma como Alex me olhou e não podia deixar de pensar em como me senti bem nos poucos segundos em que me permiti acreditar que era possível.

Eu o amava. E o queria. Mas não podia sufocá-lo com o meu amor, principalmente porque não era o que ele queria. Então as palavras de Shakespeare faziam todo sentido, eu jamais poderia exigir de Alex mais do que ele poderia me dar.

– Ele sabe como você se sente? – Miranda estava ao meu lado, sentada no alto da escada que ligava os dois andares da nossa casa sussurrando para não chamar a atenção dos meus pais que estavam no andar de baixo.

– Não. Não posso dizer que me apaixonei.

Eu e minha melhor amiga conversávamos tentando acertar as diferenças da noite passada. Ela tinha infernizado nosso jantar na tentativa de fazer com que Alex desistisse. Teria dado tudo errado se ela não tivesse se redimido, se submetendo àquele acidente absurdo para encobrir o meu encontro com o meu professor.

– Charlotte, esse... Relacionamento? Podemos chamá-lo assim?

– Não sei – ri sem entusiasmo.

– Esse acordo de vocês, só deu certo porque confiaram um no outro. Tudo bem que é uma verdadeira loucura o que decidiram fazer, por outro lado, devemos admitir que, se esse acordo não fosse baseado em conversas sinceras e abertas, não teria chegado aonde chegou, não é? – concordei ainda sem saber o que ela pretendia. – Você precisa contar. Precisa deixar claro como se sente. Com o passar do tempo ficará mais complicado.

– Se eu contar que me apaixonei ele vai desistir de tudo e eu vou continuar virgem, aos vinte e um anos – ela riu e revirou os olhos.

– Você não quer continuar apenas porque quer perder a virgindade. Seja honesta consigo mesma – seus olhos não me deixavam recuar.

– Estou sendo honesta comigo. Eu quero que seja com ele, Miranda. Mesmo que seja somente uma única vez, é o que eu desejo – minha amiga me olhou com receio e suspirou concordando.

– Pelo menos será com alguém que você gosta de verdade. Fico mais tranquila, apesar de acreditar que Alex Frankli é um cretino, aproveitador.

– Miranda! – adverti.

– Ok, ok. Só reafirmando a minha posição – rimos e nos empurramos com o ombro, como duas adolescentes. – Ainda assim acho que ele tem o direito de saber. Conte e diga também que, independentemente dos seus sentimentos, continua querendo que as coisas aconteçam como vocês determinaram.

– Isso é loucura!

Apoiei meus cotovelos nos joelhos e meu rosto em minhas mãos. Eu não saberia nem por onde começar. Alex ria da minha cara, não cumpriria o nosso acordo e ainda por cima desistiria de trabalhar com meu livro na sua editora.

– É loucura, Miranda!

– Loucura foi o acordo que fizeram. Infelizmente agora é tarde. Você não pode transar com ele pela primeira vez sem dizer o que está sentindo. Ele precisa saber.

– Por quê?

– Porque é o certo a fazer, Charlotte. Alex precisa saber como você se sente para conduzir tudo da forma correta.

– E se ele desistir?

– Se desistir será porque é o melhor para você.

Pense bem, se fosse o contrário, você gostaria de saber?

É claro que sim! Qual relacionamento sobrevive a segredos, a mentiras? Por outro lado, eu e Alex não tínhamos um relacionamento e sim um acordo onde ele se comprometeu a me ensinar a arte do sexo para que eu pudesse aprimorar minha escrita. Simplesmente isso.

Nunca conversamos sobre sentimentos. Nunca permitimos que outras emoções pudessem ser inseridas neste contexto. Como explicar que eu tinha sido tola o suficiente para me apaixonar?

– Então, vocês precisam de uma desculpa perfeita para o encontro de hoje? – Miranda mudou de assunto, o que me deixou mais relaxada. Era muito complicado e estranho brigar comigo mesma.

Imediatamente as lembranças da nossa manhã, preencheram minha mente. Eu tinha ido à universidade para mais um encontro com o meu lindo professor.

Ele estava perfeito como sempre, recém-saído do banho, cabelos molhados, barba feita, calça jeans e camisa preta. Seus olhos ficavam ainda mais incríveis quando usava cores escuras. Pareciam felinos. Como de hábito ele me deu um chá de cadeira me atendendo por último, no pátio, em uma mesinha que ficava debaixo de uma árvore.

Não conversamos sobre o meu material. Nem poderíamos. Eu precisava de uma desculpa para colocar o meu plano em prática, por isso comecei da forma mais complicada.

– Você disse que ligaria ontem – cobreí.

Pela primeira vez, desde que meus pais tinham chegado à cidade eu decidi que atenderia as ligações do meu professor, independentemente do que aquilo poderia ocasionar em minha vida. E, justamente neste dia, ele resolveu não ligar.

Alex sorriu. Reconheci vergonha e constrangimento em seu olhar, principalmente porque não consegui sustentar seus olhos em mim, muito pelo contrário. Meu professor tentava a todo custo se concentrar em qualquer outro ponto.

– Desculpe!

– Ok! – foi só o que consegui dizer. Não entendia o que estava acontecendo.

Por que tanta distância? Por que não me encarava?

Alex se afastou jogando o corpo para trás e puxou o ar com força. Depois, como se estivesse fazendo um esforço imenso, me encarou. Sustentamos o olhar em silêncio, até que ele enfim falou.

– Puta merda, Charlotte! Eu fui terrível com você ontem. Estou me sentindo um canalha.

Essa é uma das coisas que não consigo entender naquele homem incrivelmente sexy e seguro de si. Como podia simplesmente não entender que independentemente de como agisse ou do que fizesse, eu sempre acabaria deslumbrada com a sua capacidade de me satisfazer completamente? Para ser sincera eu não conseguia acreditar que não enxergava como eu me sentia em relação a ele.

Tudo ao meu redor parava e se tornava insignificante quando ele me olhava. Tudo perdia o sentido quando ele me tocava, nada mais me interessava.

O resto do mundo deixava de existir quando ele me beijava.

– Charlotte? – foquei seus olhos azulados e percebi que tinha me perdido neles.

– Tudo bem. Eu... – sacudi a cabeça para reorganizar meus pensamentos. Alex sorriu tão tímido e sensual ao mesmo tempo! Tossi para limpar a garganta. – Eu achei aquilo tudo muito... Interessante.

– Interessante? – mordeu o lábio inferior roubando toda a minha atenção outra vez.

– Sim – merda! Eu estava suando frio? Minhas mãos estavam geladas e meu estômago incomodava. O que estava acontecendo comigo?

– Você está estranha – riu com carinho.

– Alex... hum! – me mexi desconfortável. – O que acha de nos encontrarmos mais tarde... Em sua casa? – ele me encarou por um tempo constrangedor.

Puta que pariu! Passei da medida? Estava parecendo uma garota desesperada? Uma mulher oferecida? Merda! Alex não gostava de mulheres oferecidas.

– Em minha casa? – ele bem que poderia parar de me fazer perguntas difíceis. – E o seu pai? O que vai dizer a ele?

Pensei em voltar atrás, mas, se já tinha chegado a aquele ponto, precisava continuar, ou então pareceria realmente infantil e insegura.

– Posso inventar uma desculpa – Alex se inclinou em minha direção e estreitou os olhos.

– Pode? – engoli em seco. Oh, droga! Confirmei com a cabeça. – Isso significa que das outras vezes você não se empenhou realmente em arrumar uma desculpa?

– Eh... bem...

O que eu poderia dizer? Que tinha medo de encontrá-lo depois de descobrir o quanto estava apaixonada? De encarar a minha realidade de perto?

– Ontem eu consegui uma desculpa – dei de ombros.

– Ontem? – ele riu e desviou os olhos encarando o espaço à nossa volta. – Depois de dias fugindo de mim você conseguiu fazer com que Miranda colaborasse e sabe Deus que tipo de promessa teve que fazer para conseguir alguma coisa dela.

– Qual é o seu problema com a Miranda? Ela não é do jeito que você está pensando! – Alex sorriu sarcasticamente.

– Não vou discutir esse assunto com você. Não agora. Por que inferno você levou esses dias todos fugindo de mim se podia arrumar uma forma de me encontrar?

– Eu fiquei insegura – admiti olhando para as minhas mãos. Miranda tinha razão. A verdade era importante em um “relacionamento” como o nosso.

Ele recuou ainda me encarando, mas a atmosfera se modificou. Alex suspirou forte e passou as mãos pelos cabelos. Então tirou uma carteira de cigarros do bolso e colocou-a sobre a mesa.

– Você fuma? – ele riu sem graça.

– Aparentemente sim.

Fiquei espantada com a forma áspera como respondeu. Por que ele estava com raiva? Eu estava sendo sincera. Não era assim que deveria ser? Talvez Miranda não tivesse tanta razão.

– Nunca senti gosto de cigarro em seus lábios.

Falei meio que sem pensar, mais levada pelo impulso das lembranças do gosto bom dos seus beijos.

Por isso fiquei incrivelmente constrangida.

– Eu não fumo com frequência. Normalmente não antes de te encontrar – ele também parecia meio constrangido e a situação parecia tão estranha que me perguntei se estava acontecendo realmente.

– Entendi – mordi o lábio inferior ansiando por quebrar aquele clima esquisito. – E então? – ele continuou me olhando. – O encontro...

– Vou estar no campus até às 15h, depois preciso passar na editora. Acredito que só conseguirei chegar em casa por volta das 18h.

– Está tentando me desencorajar?

Cruzei os braços no peito enquanto meu professor retirava um cigarro da carteira e brincava com ele entre os dedos. Alex sorriu largamente.

– Não. Estou dizendo que você vai precisar de uma ótima desculpa, já que eu só estarei em casa no horário em que, provavelmente, o seu pai estará na sua. Será que você realmente vai se empenhar para arranjar uma desculpa para sair? – ele ergueu uma sobrancelha me desafiando.

Se existia uma coisa que me instigava mais do que as mãos do meu professor, era um desafio. Ergui o queixo e o olhei sem me deixar intimidar.

– Estarei lá, professor.

– Ótimo! Precisamos conversar sobre a publicação do seu livro pela minha editora. Existem alguns pontos a serem discutidos. Normalmente é Lana que faz esta parte, porém eu vou tentar te preparar para a fera. E o capítulo?

Nossa! Como ele conseguia ser tão indiferente? Na noite anterior estava cheio de desejo e irritado por não poder colocar as mãos em mim, hoje todo ansioso para discutir negócios quando eu afirmo que estarei disponível em sua casa e quem sabe em sua cama. Suspirei pesadamente.

– Estou providenciando. Conversaremos mais tarde.

Preciso ir – levantei juntando o meu material e tirando minha bolsa do chão.

– Já vai? – me sondou curioso.

– Preciso começar a providenciar uma desculpa.

– Vai precisar de uma – sorriu maliciosamente.

– Vou conseguir. Aguarde-me, professor – coloquei a bolsa sobre os ombros, mas me virei para ele

rapidamente. – Ah... não fume!

Ele já estava colocando o cigarro nos lábios, porém parou assim que eu falei, retirando-o. Sorri largamente.

Saí ouvindo seu riso abafado.

– Preciso de uma boa desculpa, Miranda – olhei para a minha amiga que sorria. Ela tinha um plano.

– Eu tenho uma excelente: comissão de formatura – seus olhos brilharam.

– Comissão de formatura? – ela confirmou alegremente. – Eu não faço parte. Meus pais sabem.

– Mas eu sim.

– Ok, Miranda! Não tenho a mínima ideia de como vai conseguir me incluir nestes planos.

– Charlotte! – Miranda me encarou como se eu tivesse três olhos. – Eu posso inventar qualquer mentira relacionada à comissão de formatura. Hoje, por exemplo, estarei no ensaio para a entrada dos estudantes.

– Existe um ensaio para a entrada dos estudantes?

– Não. Mas eu estarei lá e você também. Ninguém precisa saber que o ensaio na verdade é de outra coisa – piscou me deixando envergonhada. – Só precisamos combinar os horários.

De repente estava tudo muito bem amarradinho.

Miranda tinha inventado a melhor de todas as suas mentiras e meus pais caíram. As quinze para as dezoito, eu estava pronta usando meu vestido branco, curto, leve e solto, com os cabelos perfeitamente arrumados, maquiagem básica, perfume em todas as partes, cortesia da minha amiga, e no carro a caminho da casa do meu professor.

Alex Minha cabeça estava fervilhando de ideias, nenhuma delas me levava ao objetivo final. Charlotte estava me escondendo algo, mesmo demonstrando estar disposta a recuar, ela havia, espontaneamente, se oferecido para passarmos um tempo juntos.

Era confuso demais.

A noite anterior me deixou louco de raiva. Acabei ultrapassando os limites com minha aluna e depois fiquei a madrugada inteira me torturando, por acreditar que tinha assustado a garota e que ela nunca mais apareceria.

Acredito que ninguém entenderia a angustia que senti só em imaginar que Charlotte nunca mais voltaria.

O que estava acontecendo comigo?

O alívio surgiu quando ela chegou para a aula, o que não era necessário, pois seu projeto já estava aprovado, faltando um capítulo ou não. Ela apareceu! Doce, suave, tranquila, como se nada tivesse acontecido. Porém eu sabia que tinha. Charlotte fugiu de mim aterrorizada com as minhas atitudes. Se eu a amedrontasse mais provavelmente ela partiria de uma vez por todas.

Decidi que não iria mais pressioná-la. A melhor coisa a fazer numa situação crítica quanto esta era recuar.

Deixaria Charlotte à vontade para decidir sobre o que queria e aproveitaria meu tempo livre para voltar a fazer o que fazia melhor: Trabalhar!

Mas, quando ela me disse que iria à minha casa, tudo voltou a ficar confuso. Como eu, um homem maduro de trinta e quatro anos seguro de si, responsável, independente e realizado, podia ficar tão perdido, indeciso e inseguro por causa de uma menina de vinte e um anos? Principalmente quando ela implorava para que eu tirasse a sua virgindade, mudava de ideia, voltava atrás e ainda poderia desistir novamente a qualquer momento.

Principalmente quando me encontro tão perdidamente apaixonado e entregue que preciso pensar e repensar cada palavra, gesto ou atitude. Droga! Eu estava mesmo fodido.

Ela só tem vinte e um anos é inexperiente, infantil, confusa, estranha... apesar disso, surpreendentemente, era a mulher que eu queria e precisava. Como poderia fazê-la entender se a garota fugia todas as vezes que estava pronto para falar?

Do que Charlotte Middleton realmente precisava?

Apenas sexo? Mais do que sexo? O que fazer para que ela entendesse que eu estava disposto a tudo?

Bom... Conversar com ela sobre sentimentos estava fora de questão. Transar com ela sem ter esta conversa antes, também. O certo seria tentar fazê-la entender e a única maneira de conseguir era lhe dar a segurança necessária para que tomasse suas próprias decisões.

Passei em uma loja de bebidas importadas e comprei um bom vinho. No mercado comprei queijos e torradas, aproveitaria o patê de abacate que havia na geladeira. Enquanto aguardava para pagar, acessei a internet e comprei alguns filmes que estavam disponíveis na locadora virtual. Também liguei para João convidando ele e minha irmã para aquela noite.

Marquei um horário bem acima do que combinei com Charlotte, afinal de contas precisávamos mesmo conversar. A ideia era fazê-la sentir que o que eu queria não era apenas sexo, então nada melhor do que envolver meu amigo indiscreto e minha irmã cheia de palavras que poderiam dizer por mim tudo o que eu não tinha coragem.

Charlotte teria uma noite tranquila e normal. Daria espaço para que ela conversasse sobre o que tivesse vontade. Teríamos um tempo para nos conhecermos melhor. Assistiríamos a um filme, beberíamos e conversaríamos como um casal normal. Se é que podemos nos considerar assim devido às circunstâncias.

Era disso que eu precisava. Sentir que entraríamos no eixo e que no final tudo ficaria na mais perfeita normalidade.

Depois de organizar as coisas tomei um banho ciente de que ela poderia aparecer a qualquer momento.

Coloquei uma bermuda, camisa e fiquei descalço, muito confortável, queria que ela entendesse que poderíamos ser um casal como qualquer outro.

Preparei a sala, conferi cada detalhe. Eu estava nervoso? Merda, eu estava ansioso, nervoso, com medo...

Não me reconhecia.

Ela chegou no horário combinado. Pude ouvir o barulho daquele monstro que chamava de carro antes mesmo que virasse a esquina. Como uma menina tímida que vivia se escondendo de todos acreditava que dirigir aquela carroça era o melhor, se cada vez que ligava o motor o mundo inteiro parava para descobrir do que se tratava?

Abri a porta quando ela ainda estacionava “a coisa”. Fiz uma careta assim que desligou o motor e consegui vê-la revirar os olhos fingindo indiferença à minha aversão por aquele monte de ferrugem.

– Se está criticando o meu carro, avise logo para que eu possa ir embora – fez cara de brava. Ri.

– Longe de mim, Charlotte – abri espaço para que ela pudesse entrar.

Mesmo sem ter encostado um dedo nela, percebi o quanto estava tensa. Imediatamente me senti do mesmo jeito. O que estava acontecendo com Charlotte? Aquela tensão toda era por minha culpa, por culpa do pai dela, ou ambos?

– Então? – tentei fazê-la falar. – Do que exatamente você precisa, Charlotte? – Ela me olhou apreensiva, mas tentou disfarçar.

– Hum! – deu as costas indo em direção à sala.

Parou quando viu o vinho e as taças. – Estou atrapalhando alguma coisa? – quando se voltou em minha direção estava pálida. Assustada.

– Não. Por que pensou que estava? – ela apontou para a mesinha. – Ah! É para você – sorri achando graça da confusão que ela já deixava se estabelecer na sua cabecinha oca. – Se você não tem nada de importante ou urgente para tratar comigo, achei que poderíamos beber um vinho e assistir a um filme.

Respirei profundamente. Meu coração estava acelerado. E se eu estivesse indo longe demais? E se aquela não fosse a intenção dela?

“Droga, Alex! Você é um homem, cara! Dá para parar de agir como um adolescente?” – Ah! – ela ainda parecia confusa. – Ok! Eu realmente não tinha nada para falar apenas achei que você queria conversar comigo, e... – ela me avaliava, perdida em algum sentimento que eu continuava não conseguindo decifrar. Medo? – Você disse que conversaríamos sobre o livro e a editora...

– Sim, claro! Podemos conversar sobre o que quiser, Charlotte. Quer saber sobre o livro? – caminhei até a mesinha e servi as nossas taças. Eu precisava mesmo de álcool. Entreguei a dela observando que continuava tensa.

– Venha, sente-se aqui.

Puxei minha aluna para o sofá. O mesmo da nossa primeira aula. Suspirei com as lembranças. Ela estava tão linda e corada e... Era melhor voltar à realidade. Sua mão estava gelada. Sentamos de frente um para o outro, mas muito próximos. Charlotte tomou um gole tímido de sua taça e desviou o olhar. Estava estranho!

– Charlotte, você quer me dizer alguma coisa? – ela voltou a me olhar, tensa e assustada demais. – O que está acontecendo? – de repente eu estava em estado de alerta.

– Nada, Alex. Só... – riu um pouco sem graça. – Não sei. Tudo isso é... Estranho – Compartilhávamos a mesma ideia.

– Concordo. Muito estranho – passei a mão em seu rosto acariciando sua pele clara, cheias de pintinhas que a deixava ainda mais linda. Ela era toda linda!

Charlotte se curvou em direção ao meu toque e fechou os olhos. Inclinei-me para ela, passando a mão pelo seu pescoço e segurando sua nuca com delicadeza alcancei seus lábios. Eram macios, doces, delicados. O beijo foi rápido, intenso e cheio de familiaridade como deve ser com todos os casais. A sensação de paz foi imediata. Ela sorriu aceitando o contato.

Aproximei-me ainda mais, tornando tudo mais íntimo. Passei os dedos em seu ombro, acariciando o rosto e o pescoço.

– Você quer saber sobre o livro?

– Quero.

Charlotte parecia mais tranquila. Fiquei feliz ao perceber que o rubor voltava a sua pele e aquele sorriso doce e inocente estava novamente em seus lábios. Eu adorava aquilo nela.

– Lana quer o capítulo para ontem. Estou tentando convencê-la a aguardar que você esteja livre da faculdade, afinal de contas falta muito pouco. Além do mais, precisamos de tempo, nosso catálogo está lotado e incluir o seu livro será uma quebra de protocolo. Ela quer arriscar, eu acho que vale a pena, agora basta você terminar o livro, discutir os termos do contrato com ela, assinar e pronto. Espero que esteja pronta para o que vem pela frente.

– Por quê?

– Lana está apostando alto em seu livro. Acho que ela deseja quebrar um pouco o monopólio da Tiffany. Por isso vamos investir pesado em você, o que significa viagens, entrevistas e uma chuva de acontecimentos malucos – ri e tomei mais um gole do meu vinho.

– Entendo – ela me encarou com olhos curiosos.

– O que foi? – Charlotte se remexeu no sofá tão desconfortável como quando chegou. – Fale comigo!

– Você... Quer dizer... Nós... Droga!

Tomou um longo gole do vinho e depois brincou com a borda da taça. Levantei seu rosto e beijei seus lábios. Corri a linha do seu maxilar até o pescoço com a ponta do nariz absorvendo o seu perfume tão delicado quanto tudo nela.

– Nós vamos ficar bem. Precisamos apenas separar as coisas – ela engoliu em seco e voltou a beber. Estava indo rápido demais. Era melhor colocar alguma coisa no estômago da garota. – Vou buscar algo para comermos.

Levantei rapidamente. A inconstância no humor de Charlotte estava me deixando atordoado. Era melhor tornar a conversa um pouco mais leve. Distraí-la. Era realmente estranho agirmos como um casal normal quando a única coisa que estávamos acostumados a fazer bem eram as nossas brincadeiras sexuais. Isso era incontestável. Porém no momento me pareceu necessário agirmos desta maneira.

De volta à sala observei que Charlotte continuava tensa. Seus olhos pareciam perdidos e ela brincava com a taça em sua mão. Peguei um pedaço de queijo e uma torrada com patê. Entreguei o queijo aguardando que mastigasse, assim que engoliu entreguei-lhe a torrada.

Charlotte riu, pegando-a a da minha mão.

– O que é isso? Uma tentativa de evitar que eu fique bêbada?

– A ideia é essa – sorri satisfeito com o pouco que ela tinha relaxado.

Peguei o controle e liguei o som. Tinha planejando algumas músicas então deixei que elas preenchessem o ambiente. O barulho de coisas caindo e em choque chamou a atenção de Charlotte, depois o ritmo delicado e antigo ganhou vida, junto com a voz do cantor.

Charlotte sorriu e me encarou.

– O que é isso?

– Chama-se música – falei e ela riu divertida.

– Sim, professor Frankli. Quem está cantando? Eu reconheço a música, mas não da forma que está sendo cantada.

– Dick Brave & the Backbeats, cantando “Just The Way You Are”. Eles gravam músicas atuais no melhor estilo anos 60. Eu gosto. A música ganha uma magia diferente.

– Eu gostei – sorriu calorosamente. Aproximei-me até estar bem próximo dos seus lábios e cantarolei baixinho.

– “Quando eu vejo o seu rosto. Não há nada que eu mudaria. Pois você é incrível. Exatamente como você é. E quando você sorri. O mundo inteiro para e fica olhando por um tempo. Pois, garota, você é incrível. Exatamente como você é.” Beijei seus lábios, com carinho e desejo. Charlotte Middleton me desconcentrava transportando-me para um mundo até então desconhecido. Sua forma de agir, às vezes tímida, outras ousada, seus sorrisos, suas colocações, a forma direta como tratava assuntos que deveriam ser constrangedores, tudo isso me encantava.

Ela reagiu bem ao beijo deixando-se envolver, permitindo meu acesso com facilidade. Mas eu não queria aprofundar. Não queria que tivéssemos mais um momento de brincadeiras. Não deixaria que chegasse a este ponto, apesar de já estar muito excitado.

Afastei-me com cuidado, acariciando seus cabelos e beijando seu rosto. Deixei que meus dedos descessem pelas suas costas e brincassem um pouco em seu braço.

Era um momento único, íntimo, mas sem a intimidade que estávamos acostumados. Mesmo assim era incrivelmente agradável.

– “Os lábios dela, os lábios dela. Eu poderia beijá- los o dia todo se ela me permitisse. A risada dela, a risada dela. Ela odeia, mas eu acho tão sexy. ” Repeti uma parte da música que eu achava que se encaixava perfeitamente em Charlotte Middleton. Ela riu, deixando-me ainda mais deslumbrado.

– Estive pensando em uma coisa, Charlotte – ela apoiou o braço no encosto do sofá e a cabeça no braço observando-me atentamente. – Dentro de um pouco mais de dois meses estarei na Feira do Livro de Frankfurt. É um grande evento, acredito que você saiba disso – peguei mais um pedaço de queijo colocando diretamente em sua boca. Charlotte recebeu sem contestar. – Eu gostaria muito que fosse comigo. Quer dizer... – Acrescentei rapidamente, devido à forma como seus olhos cresceram.

– Lana estará lá também e, com certeza, conseguirá fazer uma excelente divulgação do seu trabalho. Obviamente será apenas uma parte mínima já que, com certeza, não teremos nem um terço do trabalho pronto, porém poderemos fazer com que as pessoas a conheçam. Então...

– O que eu faria lá? Como você disse, será apenas uma divulgação superficial. Minha presença não é importante, e... por que exatamente você quer que eu vá? – a ruga entre as suas sobrancelhas ficou mais acentuada.

Sorri. Charlotte era tão ingênua!

– Porque sei que será bom para você, para o seu livro e para mim – depus um beijo doce no canto de seus lábios depois mais um em seu pescoço. Ela não recusou minha investida.

– Meu livro é apenas uma hipótese. Pode acontecer ou não. Como poderia ser bom para você? Digo, em se tratando de um evento tão importante como este.

Ela virou o rosto no exato momento em que eu buscava por seus lábios. Certo. Estava sendo uma tortura me controlar. Dei-lhe um beijo profundo, intenso e rápido, suficiente para fazê-la parar de perguntar tanto.

– Nós poderemos ficar juntos... – murmurei e dei um beijo leve em seus lábios. – Trabalhar um pouco... – beijei seu rosto – Namorar um pouco... – mordi levemente o lóbulo da sua orelha. Charlotte estremeceu deliciando-me.

Busquei seus lábios e novamente não encontrei resistência. Com a mão espalmada em suas costas puxei-a em minha direção. Segurei em sua nuca e aprofundei nosso beijo. Droga! Eu gostaria de poder ir mais além.

Minha aluna gemeu em meus lábios. Eu sabia exatamente como ela estava queimando por dentro. Tal constatação me deixou atordoado. Obriguei-me a me afastar.

– Alex! – ela reivindicou buscando meus lábios. Ri feliz com o nosso entrosamento.

– E então, você irá ou não?

Charlotte abriu os olhos me encarando. Puta que pariu! O que havia de errado?

– Alex, eu... – balançou a cabeça negando alguma coisa, depois me lançou um sorriso inocente e ao mesmo tempo travesso. Lindo! – Em dois meses? Então nós já...

Quer dizer... A formatura é daqui a alguns dias. Devo acreditar que terei algumas aulas extras? – ri da forma como ela se referia ao fato de já estarmos transando ou não. Ela ficou séria. – Você não desistiu, não é? – morde os lábios. – Alex? Minha formatura acontecerá em alguns dias, nós combinamos...

– Não é nada disso, Charlotte – interrompi antes que ela colocasse tudo a perder. – Não existe um prazo definido. Nós vamos transar – enfatizei. – Onde e quando você quiser – acariciei o seu rosto, atento a todas as suas expressões. – Antes eu preciso que você esteja completamente segura quanto a sua decisão.

– Eu...

– Charlotte! Você está com medo. Sei que está. Dá para ver em seus olhos. E posso jurar que seu medo não é do que vai acontecer, é algo mais profundo. Que não quer me contar. Sei que quando estamos juntos... de maneira mais íntima... Você se entrega e deseja muito que aconteça. Mas... existe um antes e um depois. Não quero que se arrependa.

Pela forma como ela me olhava, atenta, com a boca levemente aberta, ficou bem claro que eu tinha ido exatamente ao ponto. Charlotte estava mesmo com medo.

Como desfazer aquele sentimento?

– E quanto às aulas extras – sorri quebrando um pouco da seriedade das minhas palavras. – É bem verdade que quando finalmente começarmos a transar você ficará "zerada" de conhecimento – ela sorriu levemente. – Não dá para comparar algumas aulas de entrosamento com a prática real dos fatos – acariciei seu rosto e o levantei para mim pelo queixo. – Eu quero que saiba que acontecerá somente quando você quiser. – Ela abriu a boca para falar. Fui mais rápido colocando o indicador em seus lábios para silenciá-la. – E quando estiver pronta para me contar o que realmente está se passando por esta cabecinha linda que não serve apenas para pensar nas obscenidades que escreve.

Charlotte engoliu em seco desviou os olhos e começou a ficar vermelha. Tão vermelha que fiquei confuso com sua reação. Era algo bom ou ruim o que ela queria tanto me dizer? Por que estava evitando?

– Você tem razão – ela começou. – Eu me sinto preparada e tenho a certeza de que quero que seja com você, mas... – mordeu o lábio inferior, perdendo-se em pensamentos.

Quase interferi. Quase. Ela recomeçou a falar quando pensei que não suportaria mais o seu silêncio.

– Alex... – voltou a me olhar nos olhos. Fiquei tenso.

– Eu acho... Acredito que... Isso que existe entre nós dois... Não sei se posso chamar de relacionamento – riu um pouco nervosa.

– Por mim, tudo bem. Dê o nome que achar melhor.

– Ok – puxou o ar com força. – Nada entre nós aconteceu da maneira convencional. Na verdade é um acordo mais parecido com um contrato do que com um relacionamento de fato.

– Charlotte...

– Deixe-me continuar – pousou sua mão em meu peito. Meu coração estava disparado. Ela percebeu. – Para que chegássemos até aqui tivemos que nos basear na verdade e na confiança, ou nada seria possível. Eu confio em você e preciso ser sincera e preciso que você me prometa que o que vou dizer agora, não vai interferir em nosso acordo. Preciso que confie em mim. Que acredite quando eu digo que não quero que nada mude.

– Eu confio em você e acredito.

– Prometa que nada vai mudar – sua voz era baixa e sofrida, quase uma súplica. Fiquei com medo do que ela iria me dizer.

– Prometo! Eu prometo, Charlotte! – ela respirou tensa, mas aliviada. – Agora diga!

Segurei em seu queixo exigindo o seu olhar. Ela sustentou por um tempo, se afastou pegando a taça de vinho e virando todo o conteúdo de uma só vez. Puta que pariu! O que ela tinha para me dizer?

– Eu sei que não deveria ser assim. Estou ciente que você me avisou de todos os riscos e que eu insisti para que aceitasse participar desta loucura. Eu... – ela voltou a me encarar. Hesitante. Os olhos cheios de lágrimas.

– Fale, Charlotte – insisti. O coração disparado. A angústia me dominando. Estava difícil respirar.

– Alex, eu... – baixou a cabeça encarando suas mãos. – Eu me apaixonei por você!

“Eu me apaixonei por você.” As palavras ecoavam dentro de mim com badaladas fortes e intensas. Uma mistura de sentimentos me confundia. O ar ficou suspenso e preso nos pulmões.

“Eu me apaixonei por você.” Então era isso? Era por este motivo que estava fugindo? Meu Deus! Como Charlotte era inocente. Ela não conseguia ver que meus olhos refletiam o que eu sentia por ela?

– Eu sei que você não esperava por isso. Eu...

Desculpe, Alex! Eu não imaginava que... Por favor, não desista! Eu vou saber lidar com este sentimento depois...

eu...

– Charlotte! – a encarei sem saber ao certo se tinha conseguido captar tudo o que ela estava dizendo. –

Foi por causa disso que você fugiu? – o que estava acontecendo comigo? Por que simplesmente não dizia que também havia me apaixonado?

– Foi. Eu tive medo do que aconteceria depois.

Também tive medo de que você descobrisse e me evitasse. Droga, Alex! Eu não quero que seja diferente.

Quero que seja com você – lágrimas rolaram de seus olhos escorrendo pelo rosto.

– Charlotte! – suspirei, secando suas lágrimas.

– Você prometeu que nada mudaria – suplicou.

– Não vai – as palavras estavam presas em minha garganta. Por que simplesmente eu não as dizia? – Nada vai mudar. – Puxei seu rosto beijando-a com devoção.

“Eu me apaixonei por você.” As palavras ainda dançavam no meu interior. Eu estava feliz? Sim. Muito feliz. Estava me sentindo leve, completo, realizado. Sabia exatamente a extensão dos meus sentimentos, apenas não conseguia externá-los.

Charlotte se entregou como nunca. Foi um beijo apaixonado repleto de emoção e sentimentos. Nós nos buscávamos com as mãos e com os lábios. Sua perna passou por cima da minha, estreitando a distância entre os nossos corpos. Eu a segurei, levantando seu corpo e encaixando-a. Coloquei-a de frente para mim sobre minhas pernas como na primeira vez em que tivemos momentos iguais a aquele.

Deslizei minhas mãos pelas suas costas, passando-as para dentro do seu vestido curto e solto, me apossando da sua bunda puxando-a de encontro a minha ereção.

Charlotte gemeu e se mexeu causando um atrito delicioso entre nossos sexos. Nossas línguas dançavam em movimentos lentos, saboreando cada toque como se fossem únicos.

Então a campainha tocou! Lana e João.

Por algum tempo me esqueci que, na minha tentativa de dar a Charlotte um encontro normal acabei convidando minha irmã e meu amigo para assistirem um filme ou apenas beber um vinho. Um encontro entre casais. Em nenhum momento do dia imaginei que me arrependeria daquela decisão.

Putá merda!

Charlotte se afastou com relutância. O rosto afogueado e a respiração pesada. Encaramo-nos reconhecendo o sentimento que nos dominava.

– É Lana. Eu disse que você viria. Convidei João e minha irmã para beberem alguma coisa e assistir a um filme... – o desapontamento era nítido em seus olhos. – Desculpe! Eu pensei que deixaria você mais confortável.

Passei as mãos em seus cabelos e beijei seus lábios com doçura. Charlotte sorriu, saindo de cima de mim e ajeitando seu vestido. Levantei, colocando-me ao seu lado.

– Pelo visto, o mundo inteiro conspira para impedir que eu perca a minha virgindade! – ri balançando a cabeça.

Fui até ela abraçando-a e beijando seus lábios. A campainha soou novamente lembrando-me dos convidados.

– Não precisamos ter pressa – sussurrei em seu ouvido. Ela sorriu e eu fui abrir a porta.

Charlotte Alex caminhou para a porta e eu quase dei pulinhos de alegria por ter contado tudo sem que ele desistisse de levar nosso plano adiante. Bom... Meu professor pareceu um pouco atordoado, no entanto sua reação foi melhor do que eu poderia imaginar. E o que foi aquele amasso?

Toquei meus lábios, ainda sentindo o calor dos dele, surpresa por me sentir tão bem.

– Pelo visto estamos atrapalhando – João entrou fazendo gracinha enquanto Alex abraçava a irmã que segurava uma garrafa de vinho numa das mãos.

– Cale a boca, João! – esbravejou meu professor ao fechar a porta.

– Charlotte! – Lana veio em minha direção e me abraçou com intimidade. – Como anda o nosso livro?

Estou ansiosa para começar a trabalhar nele.

– Não sei como ela vai conseguir terminar, amor.

Alex está monopolizando o tempo da garota – Alex deu um soco leve no braço do amigo e deu risada. Pareciam duas crianças.

– Na verdade eu trabalhei ontem no capítulo.

Consegui escrever bastante, estou pensando em dois finais. Decidi escrever os dois e depois escolher qual ficará melhor.

– Eu sei que não deveria, mas posso te ajudar a escolher? – os olhos da irmã do meu professor brilhavam.

– Você realmente não pode fazer isso, Lana.

Alex passou entre nós duas e colocou a mão em minha cintura. Foi impossível não notar que os olhos de Lana e João acompanharam seu movimento e que os dois sorriram largamente. Fiquei muito sem graça.

– Mas eu posso enviar os dois para você – falei vendo Alex revirar os olhos sorrindo para a irmã.

– E então? O que estavam fazendo – Lana passou os olhos pela sala.

– Pergunta indiscreta, princesa – João riu e beijou o topo da cabeça da esposa.

– Jura? – claro que Lana não estava nem um pouco constrangida.

– Estávamos esperando vocês – Alex me socorreu.

– Vamos assistir a um filme? Conversar? Encher a cara? – João já estava indo em direção à cozinha em busca de taças.

– O que as garotas preferirem – Alex o acompanhou e também sumiu.

Ficamos apenas eu e a irmã do meu professor.

– Quer dizer que você e Alex estão se acertando? – ela me puxou para o sofá, onde antes eu estava quase transando com o irmão dela.

Fiquei envergonhada com a pergunta. O que poderia responder? Não. Eu e Alex temos um acordo e o estendemos um pouco mais para que possamos transar até a exaustão. Claro que não poderia dizer aquilo a Lana.

– Não sei. Estamos em um processo de...

reconhecimento – sorri e ela retribuiu.

– Ele gosta de você – revelou sem esperar que eu estivesse preparada.

– Bom... não sei – admiti.

– Mas eu sei – rebateu sem tirar os olhos de mim.

– O que você sabe, bruxinha? – Alex entrou na sala trazendo o vinho e João as taças.

– Que o livro de Charlotte será um enorme sucesso – sorriu tranquilamente sem demonstrar a mentira que estava dizendo.

Como Lana conseguia ser tão dissimulada? Tudo bem. Era melhor mesmo que Alex não soubesse o que ela havia acabado de me dizer. Ele serviu o vinho colocando pouco em minha taça. Estreitei os olhos, ele nem ligou e continuou conversando.

– Eu já disse a ela. Aliás, Lana, convidei Charlotte para nos acompanhar a Frankfurt. Acho que seria interessante.

– Seria muito mais do que interessante – Lana respondeu animada. – Já estou com a cabeça cheia de planos.

– Seria interessante e... – João olhou inocentemente para Alex – Prazeroso.

Meu professor engasgou, mas deu risada, sem nada acrescentar. Puta merda! Eu devo ter ficado que nem um tomate.

– Você vai gostar, Charlotte. Só não sei como ficará depois de algumas horas ao lado de Lana. Ela vai fazer você andar e falar com cada pessoa que estiver lá – continuou sem se preocupar com o meu embaraço. – Depois você estará tão acabada que não conseguirá fazer mais nada. – Alex riu,

acompanhado de Lana.

– João! Não assuste a garota. Teremos longos dias para planejar. Principalmente agora que vamos passar o feriado juntas – ela falou sem notar o nosso embaraço.

– Vamos?

– Vão?

Eu e Alex falamos praticamente ao mesmo tempo.

Lana era louca a ponto de programar até aquilo?

– Ah, vocês ainda não sabem? – ela piscou, parecendo sem graça, pela primeira vez, com o que tinha acabado de revelar.

– Do que exatamente não sabemos? – Alex ficou mais atento.

– Bem.. Achei que nosso pai tinha te ligado para contar a novidade.

– Vá direto ao ponto, amor – João interferiu.

Naquele instante eu tive dúvidas se seria uma coisa boa.

– Nosso pai convidou Peter e, conseqüentemente a família, para passar o feriado no rancho, em Petrópolis. E parece que seu pai já confirmou, Charlotte – respirei aliviada. Era somente aquilo?

Miranda estava sob controle e agora me apoiava.

Johnny fazia o que eu pedia. Meu único problema seria controlar meu pai, além de evitar que ele percebesse qualquer coisa.

– Não é tudo – João provocou. Lana fez uma careta para ele. Alex olhou rapidamente para mim. Voltei a ficar tensa.

– Vocês sabem que eu tinha convidado Tiffany para passar o feriado conosco. Eu estava tentando convencê-la a assinar o contrato, então... parece que teremos um feriado cercados de vários... Amigos.

Fiquei lívida. Passaria o meu feriado ao lado de Alex sem poder encostar nele e, ainda por cima, assistindo calada às manobras daquela vaca para botar suas mãos nojentas nele. Merda!

Alex levantou a mão em minha direção, eu a segurei e ele me puxou para si, enlaçando minha cintura e beijando o alto da minha cabeça.

– Vamos assistir a um filme? – sugeri olhando intensamente para a irmã. Lana mostrou a língua como uma criança birrenta. Alex me soltou e foi ligar a TV.

– Não se preocupe, Charlotte – João se aproximou com cara de compaixão. – Serão três dias de puro prazer.

Aliás, acho que no seu caso... – entortou a boca me avaliando – Um dia de nem tanto prazer, mas depois deste...

Ri da forma debochada como ele deixava bem claro que sabia de tudo. Alex estreitou os olhos em minha direção, a boca meio aberta e a cara de pura reprovação e divertimento.

– Você sabe que ele está usando o duplo sentido para te constranger, não é?

– Sei – ri ainda mais. – Mesmo assim não deixa de ser engraçado – Lana riu alto e João a acompanhou.

– Viu só, Alex? Charlotte gosta de mim – piscou para o amigo.

– Só Alex leva a vida tão a sério – Lana falou se aproximando. Meu professor deixou de prestar atenção na gente e voltou para a TV. – Por que você não insiste para que ele termine o livro, Charlotte? Ele abandonou o projeto apesar de estar excelente.

– Eu não... Não sabia que Alex escrevia – era difícil de assimilar tudo sendo bombardeada com tantas informações diferentes. Alex escrevia?

– Sim. Ele é um grande escritor. Seu livro estava incrível – senti mãos largas voltarem para a minha cintura.

– Não diga besteira, Lana – ele repreendeu a irmã.

– Você estava escrevendo um livro? – ele suspirou e sorriu.

– Estava. Vamos assistir um filme? É só escolher – encerrou o assunto.

– Ok, crianças! Vou apagar as luzes. Está terminantemente proibido amassos e mão boba nesse sofá.

Quem quebrar a regra veste a roupa e vai embora – comecei a rir quase que instantaneamente. Alex também riu balançando a cabeça reprovando o amigo.

Sentamos no mesmo sofá em que estávamos. Alex colocou um pé sobre ele e me posicionou no meio de suas pernas, me abraçando pela cintura e me acomodando em seu peito. Uma posição típica de namorados. Meu coração se aqueceu.

Deixamos que Lana e João escolhessem o filme.

Eles ficaram sentados no chão, encostados no outro sofá, agarrados como dois adolescentes apaixonados. Assim que João apagou a luz, Alex começou a beijar meu pescoço, discretamente e sem pressa, numa tortura deliciosa.

– Cheiro bom – sussurrou em meu ouvido.

– Chama-se banho – tentei manter a voz baixa. Ele riu acariciando meus braços suavemente me deixando completamente acesa.

Assistimos ao filme, confesso que não estava conseguindo me concentrar muito bem.

Recapitulando o meu dia: ofereci-me para ficar com ele durante a noite, fui recebida como se fôssemos um casal de verdade, Alex estava estranhamente carinhoso, confessei que estava apaixonada e nem assim ele recuou, estávamos tendo um encontro entre casais... O que mais faltava acontecer?

– Por que você parou de escrever? – murmurei sem conseguir me manter indiferente a esta revelação. Alex suspirou interrompendo sua carícia em meu braço.

– Porque eu tive o mesmo problema que você. Só que não tive onde procurar ajuda – puta merda! Como assim?

– Você não tinha experiência sexual suficiente para conseguir descrever?

Estava chocada demais para ficar calada. Tentei me virar para encará-lo. Alex me deteve prendendo meu corpo ao seu e colando os lábios em minha orelha.

– Eu conhecia muito bem sobre o sexo, porém desconhecia completamente o amor – suas palavras causaram arrepios em minha pele. Senti meu coração disparar. – Esta semana... Eu voltei a escrever – minha respiração ficou presa. – Agora preste atenção no filme.

Meus olhos ficaram congelados na TV. O que ele quis dizer com aquelas palavras? Ele não acrescentou nada, apenas enterrou o rosto em meus cabelos e beijou minha nuca encerrando o assunto. Eu não sabia o que fazer, nem no que pensar.

Capítulo 23

“As juras mais fortes consomem-se no fogo da paixão como a mais simples palha.”

William Shakespeare

Charlotte

Lana falou lendo uma parte do meu texto, que claro, nunca deixaria de ter citações de Shakespeare. Ela riu e me olhou de soslaio, voltando a sua atenção a tela a sua frente.

Eu estava deitada de barriga para baixo em minha cama assistindo a irmã do Alex brincar com o meu computador. Meu professor tinha razão. Ela era uma força da natureza. Quando soube que eu já tinha terminado o livro correu para a minha casa não me dando a chance de esconder dela.

Como ela conseguiu o meu endereço eu nem queria saber.

Meu pai estranhou a nossa amizade, afinal de contas, Lana é mais velha do que eu. Não muito, mas é. E, ainda por cima, não fazia parte do meu círculo social. Mal sabia ele que eu não tinha um. Apesar de estranhar, ele adorou a presença da irmã do meu... Hum! Como classificar Alex em minha vida?

– Meu Deus do céu! Esse homem é tudo de bom!

Você vai escrever uma continuação, não é? – ela não conseguia ficar parada.

Deitada em minha cama, com os pés dobrados para cima balançando e se mexendo como uma criança impaciente, Lana parecia mais jovem do que eu. Ela realmente estava adorando o livro e a sua empolgação me contagiava.

Por outro lado, minha cabeça não parava de voltar à noite passada quando Alex disse aquelas palavras me deixando mais confusa do que nunca. O que ele quis dizer com aquilo? Ele falou de amor para mim? Não. Claro que não. Se meu professor estivesse gostando de mim teria dito quando confessei estar apaixonada. Mas ele não disse nada.

Merda! Minha cabeça estava uma doideira só.

Pelo menos ele tinha concordado em dar continuidade ao nosso plano. E o melhor, não precisávamos mais esperar pela formatura, bastava apenas que eu não tivesse medo. Como tinha finalmente conseguido dizer o que sentia e não fui punida por isso, não havia mais motivos para esperar. Poderia acontecer inclusive naquele dia mesmo. Como ele disse: onde e quando eu quiser. Ok. Eu quero. Só bastava definir onde e quando.

– Vamos ouvir a música que estava tocando antes de eu chegar e te atrapalhar.

– Lana, não... – não deu tempo. Ela rapidamente clicou e a música recomeçou “Will you still love me tomorrow” Senti meu rosto ficar vermelho imediatamente. Lana não deixaria passar batido.

– Hum! Leslie Grace? Eu gosto – ela estreitou os olhos. – Influência de Alex? – fui ficando com o rosto cada vez mais quente.

– Não. Na verdade ele me apresentou uma banda legal ontem, resolvi procurar por cantores mais originais e encontrei a Leslie – desviei o olhar me sentindo completamente envergonhada.

– “Eu gostaria de saber se seu amor é amor mesmo. Que eu possa ter certeza. Então me diga agora que não perguntarei novamente. Você ainda me amará amanhã?” – traduziu me sondando. Meu rosto pegou fogo.

Puta merda! Eu estava pensando em Alex e em nossa situação quando encontrei esta versão da música.

Ela se encaixava tão perfeitamente em nossa história que a repeti várias vezes.

– Então... – Lana começou. – Você e Alex estão bem – afirmou.

– Lana, eu não sei até onde seu irmão contou sobre nós, só posso garantir que não é tão simples quanto você imagina.

Ela me olhava com atenção. Oh, Droga! Lana também sabia. Merda! E Alex se fazendo de “senhor da razão” por eu ter contado a meus amigos.

– Acredito que qualquer que tenha sido o motivo para vocês dois embarcarem nesta loucura já foi superado pelos sentimentos que agora os unem – balancei a cabeça rindo da afirmação dela. Bom.. Eu estava apaixonada, quanto a Alex... não sei.

– É... Complicado.

– Você gosta dele? – revirei os olhos e enterrei a cabeça nas mãos, rindo nervosa. – Oh, céus! Você está completamente apaixonada! – ela riu e bateu palminhas.

Tão infantil! – Não se envergonhe, Charlotte. Isso é maravilhoso! Você gosta dele e ele de você. Perfeito!

– Não é como você está pensando.

– Nunca tinha visto Alex se comportar com alguém do jeito que ele estava com você ontem. Ele sempre foi tão... Frio, impessoal, distante... Sempre foi Alex.

Eu não conseguia imaginar esse Alex. Comigo ele era tão quente, atencioso e preocupado. Tudo bem que no início ele foi difícil, mas assim que percebeu que eu realmente precisava da sua ajuda começou a trabalhar de maneira a permitir minha presença em sua vida. Aquilo foi tão carinhoso da parte dele.

– Devo confessar que nem sempre foi assim, ultimamente ele anda realmente se importando com a qualidade dos nossos encontros e... – meu telefone apitou avisando a chegada de uma mensagem.

“Pensando em você. Alex.” Só ele mesmo para assinar seu nome completo numa mensagem tão curta. Ri sozinha.

– Notícia boa? Posso apostar que é uma mensagem do meu irmão certinho.

Certinho? Definitivamente Lana não conhecia Alex.

Se eu contasse para ela as coisas que ele fazia comigo tiraria de sua cabeça esta ideia equivocada.

– Sim. Uma mensagem fofa e meiga do meu professor Alex – ela suspirou teatralmente depois riu.

– Pois é. Meu amado irmão derreteu a geleira que tinha no peito e sucumbiu a seus encantos. Agora me conte menina, que tipo de coisas você anda fazendo para enlouquecê-lo desta maneira? – ela piscou me deixando novamente vermelha demais para o meu gosto.

– Na verdade... Não posso falar sobre isso – ela riu alto.

– Ah! Qual é? Troca de informações entre amigas.

Todo mundo faz isso. Eu te conto o que ando fazendo com o meu marido e você me conta o que faz com o seu...

namorado.

– Ele não é meu namorado e nós não... – outra mensagem. Desta vez no WhatsApp.

“Está aí?” Sorri amplamente, esquecendo que estava acompanhada.

– Então? – ela arqueou a sobrancelha aguardando.

Suspirei e deixei o celular de lado.

– Lana, eu sou virgem! – falei com mais facilidade do que imaginei ser capaz.

– Puta que pariu! – seus olhos se arregalaram. – Puta merda, Charlotte! – então uma expressão divertida apareceu em seu rosto. – Não acredito que meu irmão, aquele filho da puta, falso moralista, que já comeu metade da cidade está de quatro por uma virgem? Puta que pariu!

– começou a rir. – Desculpa! Não dá para ficar indiferente diante desta informação – gargalhou.

– Ok, Lana! Esse é o momento em que eu coloco você para fora do meu quarto – ameacei. Ela levantou as mãos se rendendo ainda rindo.

– Charlotte, não estou te ridicularizando por ser virgem. Eu casei virgem. Claro que não por minha vontade e sim pelo fato de Alex, o mesmo filho da puta que tenta te comer, e Patrício, o filho da puta que come a Miranda como se o mundo fosse acabar amanhã, praticamente obrigarem o João a esperar. Eu deveria tentar convencer você e Miranda a entrarem para um convento, só para me vingar deles – ri. Lana era uma comédia.

– Alex não está tentando me comer, Lana. Na verdade... – outra mensagem.

“Por que não fala comigo? Lana ainda está aí?” Digitei rapidamente uma resposta “Ah sim. Digamos que

ela está se divertindo muito a minha custa.” – Charlotte, você é muito confusa. Agora entendo porque Alex ultimamente está sempre indeciso sem saber como agir – continuou rindo. – O filho da puta, está apaixonado por sua aluna, que ainda por cima é virgem – falou debochada. – Era tudo o que eu queria ver nesta vida – e recomeçou a rir.

– Lana!

– Pronto. Parei. Não vou mais falar sobre isso – me encarou com olhos imensos. Ficamos alguns segundos assim até que ela explodiu em nova crise de riso.

– Já chega. Rua, Lana, ou então vou mandar seu irmão te pegar.

– Ai que medo! – continuou rindo. – Tenho mesmo que ir. Você pode mandar este capítulo para o meu e-mail?

– Não. Ainda não me decidi quanto ao final.

– Mas está perfeito. Final feliz. Como todo mundo sonha.

– Se formos dar uma continuidade ao livro, acredito que um final triste com esperança de felicidade pode ser mais instigante – ela inclinou a cabeça um pouco, exatamente como Alex fazia e suspirou.

– Acho que você tem razão.

– Eu sempre tenho – sorri amavelmente.

– Escreva o outro final e me envie os dois.

Voltaremos a discutir esse assunto após o feriado – Ela levantou, calçou os sapatos, pegou a bolsa enquanto eu ajeitava minhas roupas para acompanhá-la à porta e se virou rapidamente em minha direção.

– Charlotte?

– Sim – olhei curiosa para a irmã do meu professor que me encarava com seriedade. – Acho que precisamos conversar um pouco sobre sexo e virgindade – falou decidida voltando a se sentar na cama.

Revirei os olhos.

Seria uma tragédia.

Alex.

Charlotte não estava respondendo minhas mensagens. Eu queria combinar com ela sobre o feriado.

Tinha consciência de que Tiffany não facilitaria em nada.

Precisávamos conversar para juntos encontrarmos uma forma de manter a confiança um no outro para conseguirmos sobreviver a três dias de pressão tanto do pai dela quanto da minha melhor autora.

Não me sentia frustrado, como sempre ficava quando não conseguia falar com Charlotte. Depois do que

ouvi na noite passada, tudo tinha mudado dentro de mim.

Sentia-me mais seguro, confiante. Entendia melhor a insegurança dela e, se isso era possível, passei a desejá-la ainda mais. De uma maneira quase insuportável.

Precisava dizer que estava decidido a falar com o pai dela durante o feriado e pedir sua permissão para namorarmos. Só de me imaginar como um adolescente pedindo para namorar a filha de um ex-combatente do exército, minhas mãos já ficavam suadas.

Que merda!

Por que as coisas não podiam ser mais fáceis?

Passei o dia na editora. Precisava adiantar alguns processos para poder encaixar o livro da Charlotte. Havia o problema do livro de Tiffany. Ela ainda não havia se posicionado e precisávamos que ela assinasse. Esta questão eu deixaria aos cuidados de Lana.

Tiffany queria algo que eu não podia dar, então o melhor a fazer era me manter afastado. Sem contar que eu já sabia como Charlotte ficava quando se sentia ameaçada e não queria enfrentar aquela situação novamente.

Eu queria ficar em paz, com Charlotte em meus braços, sem precisarmos nos esconder. Namorar escondido era um dos pontos que eu não gostava na minha adolescência. Por outro lado, tudo tinha sua hora para acontecer. Com certeza permaneceríamos nesta situação mais algum tempo já que ela precisava se formar, se desvincular de mim, pelo menos como professor e aluna, e se acertar com a editora.

Ainda havia um longo caminho a percorrer.

Não sei quanto tempo fiquei imerso em meu trabalho, de repente Lana entrou na sala intempestivamente, como só ela sabia fazer e parou diante de mim me encarando com olhos severos.

– Posso usar o seu computador? – parei o que fazia sem entender o que ela queria.

– Estou trabalhando, Lana – censurei a minha irmã.

– É por menos de cinco minutos. Preciso te mostrar uma coisa.

Afastei-me ligeiramente, para que ela pudesse virar o aparelho em sua direção e observei minha irmã abrir uma página do Youtube e digitar o nome de uma música: “Will you still love me tomorrow.” Fiquei aguardando curioso.

Era uma versão que eu gostava muito, que mesclava inglês e espanhol de forma harmoniosa. Sem contar que a cantora estava em minha atual playlist.

– O que existe de tão importante nesta música?

– Nada, se eu não tivesse surpreendido Charlotte ouvindo esta música pela bilionésima vez – cruzou os braços no peito e estreitou os olhos.

– Ah, Charlotte! Entendi. Esqueci que você esteve importunando a minha namorada enquanto deveria estar trabalhando – ela ficou lívida.

– Segundo informação da própria Charlotte, vocês não são namorados, são... alguma coisa complicada de explicar.

Uau! Como responder a uma rebatida tão forte quanto aquela? Fiquei confuso e envergonhado. Passei as mãos nos cabelos me concentrando na letra da música “Se você me amará amanhã”, o refrão repetia em minha mente. Puta que pariu! Charlotte estava insegura em relação ao que eu queria.

– Charlotte é minha namorada, Lana. Nós só precisamos resolver alguns detalhes – tentei me explicar sem me aprofundar no assunto.

– Você deveria dizer isso a ela. A garota está apaixonada por você – Não consegui evitar o sorriso de satisfação que se abriu em meus lábios.

– Eu sei – respondi visivelmente relaxado.

– Sabe? – minha irmã estava sendo irônica. Por quê?

– Então você sabe que ela está apaixonada, mas não alivia o sofrimento da garota dizendo como se sente em relação a ela? Meu Deus! Será que meus irmãos nunca vão aprender?

Abri a boca para me explicar, sem conseguir dizer nada. Merda!

– Se você gosta dela... Se for um sentimento verdadeiro... Deve dizer. Ou deixe que ela siga o caminho dela, Alex.

– Eu disse. Eu... O que está acontecendo, Lana?

Você virou guardião do coração dos outros? Não vou discutir meu relacionamento com a minha irmã mais nova.

– Mais nova e mais inteligente. Será que a única coisa que você conseguiu herdar de nossos pais foi a beleza? Francamente, Alex! Eu esperava bem mais de você.

– Vá à merda, Lana! Eu tenho mais o que fazer. E estou oficialmente te proibindo de encher a cabeça de Charlotte com bobagens.

– Você deveria era estar me agradecendo.

– Pelo que exatamente?

– Por eu aliviar a sua barra com a “sua namorada” – ela abriu aspas com os dedos suspensos. – Eu contei a Charlotte que você estava apaixonado.

– Você o quê? Pelo amor de Deus! Eu não sou um adolescente para mandar recadinhos. O que você está fazendo é um absurdo...

– Então pare de agir como um. Deixe de ser infantil e diga a Charlotte que também está apaixonado.

– Eu disse.

– Não disse – ela bateu o pé no chão me encarando com fúria.

– Puta que pariu! – levantei e comecei a caminhar pela sala. – Tudo bem. Eu não disse. Não diretamente, mas de uma forma sutil... E faço sempre questão de demonstrar. Ela com certeza sabe como eu me sinto – fiquei bastante irritado com aquela conversa. Se Charlotte estava confusa por que não falava comigo?

– Quantas vezes vou precisar repetir: mulheres precisam ouvir! Diga Alex, com todas as palavras.

– Eu não consigo! – gritei. – Eu não consigo, Lana.

Eu juro que tentei, mas simplesmente travo. Não sei como fazer. Tenho medo de estar me precipitando e estragar tudo – confessei. – Charlotte ainda precisa de tempo. Ela tem que se formar, convencer o pai e assinar o contrato.

Não quero que faça nada apenas porque eu correspondo ao seu amor. Não tem que ser por mim e sim por ela.

– Quanta baboseira! – rebateu me deixando furioso.

– Charlotte já é uma mulher, Alex. Bem forte e capaz de tomar suas próprias decisões. A única incerteza que tem é sobre o seu amor. E essa merda existe! – explodiu. – Se você a quer, tem que dizer, ou então se prepare para perder a única mulher que você já amou nesta vida – prenda a respiração encarando a minha irmã.

– Ela não é a única mulher que eu já amei nesta vida – sentei no sofá, me sentindo derrotado.

– Não?

– Não. Eu amo você e a mamãe também – ficamos em silêncio, depois ela riu e veio sentar em meu colo me abraçando com força.

– Eu amo você também, seu cretino. Tá pensando que vai me desarmar? Está muito enganado.

– Eu conheço muito bem a bruxinha da minha irmã – ela riu levantando a cabeça para me encarar.

– É sério. Você precisa dizer a ela. Principalmente porque Charlotte é... – Lana fez uma careta como se estivesse se desculpando. – Virgem – oh, merda!

– Ela te contou? – o que mais Charlotte havia dito?

– Hum, hum! – piscou inocentemente. – Nós conversamos sobre... virgindade... sexo... primeira vez – encolheu os ombros esperando minha reação.

– Puta merda, Lana! – retirei minha irmã do meu colo e levantei apreensivo. – Por que você fez isso?

– Porque alguém tem que conversar com ela sobre esse assunto.

– Eu converso – respondi irritado.

– Alex! Você não tem a menor ideia de como é.

Charlotte precisa conversar com uma mulher.

– Ela conversa com a amiga dela. Miranda.

– Então por que não sabia dos principais detalhes?

– Como assim? – aquela conversa estava me deixando cada vez mais confuso.

– Detalhes, Alex! Gozar na primeira vez... Essas coisas – deu de ombros.

Lana fez um gesto vago com a mão como se nem ela soubesse do que estava falando. Então parou e arqueou uma sobrancelha me desafiando. Encarei minha irmã com um misto de vergonha e deboche. Ela não falava das inseguranças da Charlotte, mas sim da sua própria história.

– Lana, não quero discutir sobre a incompetência do João – ela fez uma cara engraçada.

– Escuta aqui, meu marido não é nenhum incompetente. Ele só estava ansioso e tenso, e... Merda, Alex! Vocês infernizaram a nossa vida. Nem uns amassos eu conseguia dele. É óbvio que na nossa primeira vez ele não conseguiria se controlar – minha irmã estava tão constrangida que não me olhava nos olhos.

– Tudo bem, Lana. Não quero mesmo saber da sua vida sexual com João e, por favor, fique longe da minha com Charlotte. Isso é constrangedor. Não quero ter que pensar em João Pedro, mesmo sendo seu marido... Não.

Não quero pensar sobre isso – ela riu voltando ao seu normal.

– Você já fez isso alguma vez?

– O quê? Não podemos simplesmente encerrar esse assunto?

– Não. Você já tirou a virgindade de alguém? – que droga! Por que ela continuava insistindo?

– Lana...

– Se você não me responder eu não vou embora.

– Não! Agora pode ir – voltei para a minha mesa e fingi interesse em meu trabalho.

– Você nem sabe como tirar a virgindade de alguém?

– soltei o ar com força, sentindo-me muito incomodado.

– Não deve ser muito diferente de comer alguém.

Então... Neste ponto... Eu tenho bastante experiência. Pode ficar tranquila, a primeira vez de Charlotte não será traumática como a sua. Agora vá embora, por favor!

– A minha primeira vez não foi traumática! Eu apenas não tive um orgasmo... Quer dizer... Não no ato em si, mas...

– LANA! – impedi que a minha irmã continuasse. – Eu não quero e nem preciso saber!

– Ok! Mas devo te dizer que eu contei a Charlotte sobre a dor – enterrei o rosto em minhas mãos.

– Lana, você está destruindo a confiança dela. Pelo amor de Deus! Não se meta mais nesse assunto. Deixe comigo eu vou resolver os problemas da Charlotte. Vou conversar com ela e esclarecer todas as dúvidas. Por favor! Não diga mais nada a ela ou serei obrigado a enterrá-la viva em uma parede e só voltar para retirá-la depois de mil anos.

– Nossa! Você vai demorar este tempo todo para tirar a virgindade de uma mulher?

– Saia da minha sala. Agora!

Ela riu e foi embora saltitando como se tivesse acabado de ganhar na loteria. Merda! Eu precisava consertar as merdas que Lana enfiou na cabeça de Charlotte.

Charlotte Ainda estava um pouco desnorteada com as informações fornecidas generosamente por Lana. Fiquei um bom tempo olhando a tela do computador sem conseguir digitar uma letra. Miranda entrou no quarto com um sorriso do tamanho do mundo e sentou na cama. Seu sorriso se desfez rapidamente quando viu a minha cara.

– O que aconteceu?

– Nada. Eu só... Miranda posso te fazer uma pergunta muito íntima?

– Charlotte, você sabe até o tamanho do pênis do meu namorado, então pode tudo. – sorriu preocupada.

Fiquei incrivelmente envergonhada ao me lembrar do dia em que Miranda insistiu em encontrar alguma coisa que demonstrasse com perfeição o tamanho do... do membro do irmão do meu professor que seria, muito provavelmente, o primeiro homem da minha vida.

– Ok. Então tá – mordi os lábios sentindo o fogo alastrar em meu rosto. – Quanto tempo levou para que você tivesse o seu primeiro orgasmo? – ela voltou a sorrir.

– Você teve a sua primeira vez? Não acredito que não me contou. Quando foi?

– Não é nada disso. É só que... Só estou curiosa. Eu sei que o ato em si é diferente de tudo o que conheço como sexo. Então queria saber quanto tempo demora até que tudo passe a ser... Normal?

– Bom... Você sabe que a minha primeira vez foi uma porcaria. Deus! Nem acredito que permiti que aquele idiota fosse o meu primeiro homem – ela balançou a cabeça expulsando os pensamentos. – As seguintes também, já que o mesmo imbecil participou delas – rimos.

– Quando finalmente me livre de dele, sem me sentir derrotada pelo sexo ruim, encontrei uma pessoa que me apresentou o outro lado. Ele era mais maduro e mais experiente e conseguiu me mostrar como podia ser bom – minha amiga piscou para mim e sorriu largamente. – Acredito que Alex não vai te decepcionar. Apesar de não me sentir muito feliz dizendo isso, o cara é um profissional, tenho certeza. Fique tranquila. Se não conseguir na primeira com certeza na segunda.

Fiquei um pouco mais relaxada. Não que Lana tenha me traumatizado nem nada do tipo. Ela até que foi bem natural ao falar sobre o assunto e revelou que o sexo não precisa ser apenas a penetração. Muitas vezes as brincadeiras que eu e Alex fazíamos eram perfeitamente adequadas para o momento. Ela tinha dito: bastava eu me entregar, relaxar e aproveitar. O resto Alex tiraria de letra.

– Obrigada, Miranda!

– De nada! E você sabe que sempre poderá contar comigo – minha mãe bateu na porta.

– Interrompo alguma coisa? – ela estava linda em seu vestido verde claro, afivelado na cintura e com um decote mínimo, muito elegante. Até a palidez da sua pele havia sumido, dando lugar para um rosto corado e cheio de vida. – Preciso participar do bingo beneficente das esposas solidárias – revirou os olhos – Mas gostaria de me encontrar com vocês mais tarde. Vamos escolher os vestidos para a formatura.

– É a fantasia, mãe! – revirei os olhos e me joguei de costas na cama. – E eu vou de burca. – Miranda riu e minha mãe entrou no quarto me encarando com seriedade.

– Neste caso acho que deveríamos comprar um vestido apropriado para um jantar de comemoração.

– Perfeito! – Miranda praticamente pulou da cama.

Olhei para ela imaginando o motivo de tanta euforia.

– Não vamos ter um jantar de formatura – rebati. – Concordamos, por muita insistência de Miranda e Johnny, em participar da festa. E a senhora e o papai concordaram que iriam nos deixar curtir a noite.

– Podemos ter um jantar comemorativo um dia após a formatura. Nunca é tarde para comemorar – ela sentou ao meu lado e segurou em minha mão. Minha mãe estava estranha e ao mesmo tempo ela continuava sendo apenas a minha mãe. Fiquei confusa.

– Mãe, eu tenho um milhão de vestidos novos. Não preciso de mais nenhum.

– Um milhão de vestidos novos que não correspondem à importância da sua formatura – ela disse sorrindo.

– Além do mais, precisamos estar deslumbrantemente vestidas, afinal de contas, não é todo dia que alguém se forma já tendo o emprego dos seus sonhos garantido.

– Do que você está falando? – Miranda questionou curiosa.

– Do contrato que Charlotte assinará com a editora para lançar o seu primeiro livro. Não é maravilhoso!

– Ah, sim! Verdade. Precisamos comemorar.

- Não precisamos. Só vou assinar o contrato quando terminar a faculdade. Até lá tudo pode acontecer.
- Não seja dramática – minha mãe me repreendeu.
- Não sou. Apenas estou seriamente preocupada com a economia mundial. Não preciso gastar uma fortuna em um vestido novo se tenho muitos outros que nunca usei.
- Você tem vestidos simples, Charlotte – Miranda se intrometeu para me convencer.
- Eu sou uma pessoa simples, Miranda.
- Bom... Se está querendo impressionar o seu professor, é melhor começar a se comportar como uma mulher que se preocupa com o visual.

Minha mãe me encarou séria. Eu e Miranda nos olhamos atônitas sem conseguir reagir.

Puta. Que. Pariu! Como ela tinha percebido a minha situação?

- Não me olhe com esta cara de espanto, Charlotte.

Eu sou sua mãe. Apesar de estar longe na maioria do tempo continuo sendo a sua mãe e você é o melhor livro que já li.

- Mãe... Eu...

- Tudo bem. Ele é mais velho, no entanto sabe valorizar você como profissional o que já é um grande passo para o relacionamento de vocês. E eu sei que está apaixonada. Basta olhar para você quando ele está por perto. Resta agora saber: ele corresponde aos seus sentimentos? – respirei profundamente. O que poderia dizer?

- Eu... não sei, mãe. Nós não conversamos sobre isso. Desde que você e papai chegaram não tivemos muito tempo.

- Entendo – deu um tapinha leve em minha mão e endireitou a coluna. – Para o bem dele é bom que corresponda, querida. Ninguém vai desprezar a minha filhinha. Ou eu mesma vou pedir ao seu pai para utilizar a arma dele.

- Mãe! – riu.

- Estou brincando, mas pense muito sobre isso, Charlotte. Se você gosta dele, precisa saber se vale a pena. Outra coisa, não deixe seu pai saber antes de ter certeza dos sentimentos do seu professor. Estamos entendidas?

- Sim – minha cabeça girou uma centena de vezes. O que foi aquilo tudo?

- Ótimo! Encontro você às sete?

- Claro! – ainda estava tonta.

Minha mãe saiu do quarto e Miranda me olhou sem entender. Dei de ombros. Como explicar a sabedoria de Mary Middleton? Impossível.

– Por que você ficou tão animada? – questionei a minha amiga.

– Porque vou ganhar algumas horinhas com Patrício – Miranda piscou e saiu alegremente do meu quarto. Que ótimo!

Meu celular indicou uma mensagem, ganhando toda a minha atenção.

“Will you still love me tomorrow?” Bom... Era tudo o que eu não precisava. Lana passando informações para Alex.

“Gosto da música. O que dizer? Acabei assimilando um pouco do seu gosto peculiar.” Enviei e deitei na cama encarando o teto.

“Gosto peculiar? Hum! Gostaria de entender o verdadeiro significado dessas palavras. O que a música significa para você?” Estávamos entrando em um território delicado.

“Para mim as músicas possuem significados. Esta fala por si só.” Será que estava errada indo diretamente ao assunto?

Ele não respondeu.

Muitos minutos depois recebi um arquivo encaminhado pelo meu professor “Teenage in love – Adolescente apaixonado.” Uau! Que dia estranho!

Imediatamente coloquei a música para tocar prestando atenção na letra.

“Cada noite eu pergunto às estrelas acima. Por que eu tenho que ser um adolescente apaixonado?” Ri sozinha. O que Alex queria dizer com aquilo?

Será que ele se considerava mesmo um adolescente apaixonado? Apaixonado? A palavra brincou em meu coração. Ah, Alex! Como eu gostaria que fosse verdade!

“Qual o significado?” Enviei rezando para que fosse uma resposta boa.

“A música fala por si.” Foi o que ele respondeu. Fiquei pensativa. Alex estava tentando me dizer que eu não precisava ter medo?

Que ele também estava apaixonado? Por que não dizia diretamente, como eu havia feito? Fucei meus arquivos e encontrei a música perfeita. Imediatamente enviei.

Aguardei enquanto ele ouvia e digeriria a minha resposta. Claro que escolhi uma versão peculiar da música original. Não perderia a batalha em busca de músicas diferenciadas. Depois de incontáveis minutos ele enfim me respondeu com uma frase da música que eu tinha enviado.

“Eu te farei feliz, garota. Apenas espere e veja.” Uau mil vezes! Estava ficando interessante. Muito

interessante.

“O senhor está me deixando encabulada, professor. Quanta demonstração de sentimentos!” Na verdade eu estava mesmo me sentindo assim.

Alex era surpreendente e me deixava confusa sem saber ao certo como deveria andar ao seu lado. O que afinal de contas ele queria com aquela história de músicas com significados? Quase que imediatamente a sua resposta chegou tirando-me do devaneio.

“Muito amor leva um homem a loucura... Me beije, garotinha, uuu, me senti bem... Me segure, garotinha, quero amar você como um amante... Eu quero contar para o mundo que você é minha.” E mais um arquivo contendo a música. Puta merda!

Aquele homem me fazia queimar por dentro.

O que dizer a um homem como Alex? Bondosas, graciosas e grandes bolas de fogo, como dizia a música, me atingiam fazendo tudo vibrar por dentro à medida que a ouvia. A batida acendia meu corpo e a minha única vontade era estar com ele e ser a sua garotinha.

Enquanto eu pensava na música, outra mensagem apitou.

“Não tenha medo!” Uma súplica? Nossa! Alex me confundia. O que eu poderia responder? Pensei e rapidamente a resposta apareceu em minha mente em forma de música “Stand By Me.” Era a resposta que eu precisava.

Aguardei repassando a letra.

“Não, eu não terei medo. Não, eu não terei medo.

Desde que você fique. Fique comigo.” Bom... Meu recado estava dado. Será que ele entenderia?

A resposta não veio da forma como imaginei. Ao invés de me escrever uma mensagem ou enviar uma música, Alex simplesmente me ligou. Levantei, tranquei minha porta e atendi a ligação.

– Gosto peculiar e duvidoso – riu.

– Eu gosto da música – voltei a deitar em minha cama sem precisar esconder o sorriso imenso em meu rosto.

– Sim, eu também. Mas esta versão... – deixou que eu entendesse o final.

– Alguma coisa contra os ritmos latinos, Professor Frankli? – ele riu.

– Estou começando a acreditar que ao invés do sangue azul que os ingleses dizem ter, o que corre em suas veias é latino – brincou.

– Seria ótimo já que o comentário geral é que as mulheres latinas possuem sangue quente e são sexys. – meu rosto ficou vermelho e quente e eu me escondi no travesseiro me sentindo ridícula.

– Com certeza! Você é sexy – a atmosfera começou a mudar, eu podia sentir.

– Professor Frankli, é muita falta de consideração.

Não é justo ficar atijando suas alunas quando não pode fazer nada por elas – ele deu uma risada rouca e cheia de promessas.

– Não estou provocando minhas alunas, estou provocando “minha aluna deliciosamente sexy”. E sim, Srta. Middleton, eu posso fazer muito por você. Basta me dizer onde e quando.

– Nunca imaginei que o senhor seria um homem fácil – provoquei sentindo minha calcinha umedecer.

– Bom... eu te disse: muito amor leva qualquer homem à loucura – quase gritei com estas palavras. Mas precisava ser cautelosa.

– Eu pensei que o senhor tinha dito: me segure, garotinha, quero amar você como um amante.

– Sim, eu disse isso também. Eu tenho dito muitas coisas, Charlotte, e você não tem prestando muita atenção.

– Você tira toda a minha atenção, Alex.

– Tiro é? – sua voz rouca mostrava o quanto ele também estava excitado. Oh, merda! Eu daria tudo por alguns minutos com ele. – Estou começando a acreditar que seu único interesse é sexo, Charlotte tarada e viciante.

Ele falou sério, mas eu sabia que estava brincando.

Não tinha como não ter levado a sério o que eu tinha dito.

Eu estava irrevogavelmente apaixonada.

– Hum! Acho que o senhor me pegou, professor.

– Não. Eu ainda não te peguei, Charlotte. Mas vou.

E de jeito! – eu podia sentir aquele sorriso torto, quente e provocante, em seus lábios.

– É uma promessa, Prof. Frankli?

– Um juramento, aluna – meu sangue borbulhou. Eu estava tão excitada! – Adoro quando te deixo desse jeito.

– sim, claro! Ele sempre sabia como me deixar maluca.

– Volto a dizer: isso não é justo! – ele riu. O som carregado de desejo.

– Posso resolver sua situação. Basta você pedir.

– Por favor, Alex! – gemi seu nome.

– Posso te encontrar em minha casa dentro de uma hora.

O que? Como assim? Hoje? Quer dizer... Puta merda! O que eu poderia dizer?

– Continua com medo?

– Na verdade... Não.

– Então te encontro em minha casa.

Ele desligou o telefone sem me dar chance de responder. Eu não podia ir. Quer dizer... Tinha minha mãe, Miranda, e... Merda! Eu queria tanto transar com ele.

Queria muito! Mas assim? Droga! Pulei da cama.

Precisava de um banho, depilação... Hum! Uma lingerie decente para a minha primeira vez e... Um vestido? Sim.

Um vestido seria interessante.

E o cabelo? Solto seria melhor? Acho que sim. Alex gostava do meu cabelo. Precisava escolher um perfume que não fosse muito doce, nem muito forte... Ai meu Deus!

Eu não sabia por onde começar.

Capítulo 24

“Nos teus mais doces lábios ficam os meus livres do pecado.”

William Shakespeare

Alex

E era assim que eu me sentia. Não havia mais a culpa ou o medo. Poderia ainda existir o cuidado, ou a necessidade de protegê-la, porém essas coisas ocupavam um espaço tão ínfimo que ganhavam bem pouco dos meus pensamentos. Eu a amava e só o fato de estar amando, já valia a pena.

Meu telefone tocou minutos antes de eu ir embora.

Era Patrício.

– Encontro de garotos – revirei os olhos.

– Eu tenho trinta e quatro anos!

– Um dia para trinta e cinco – ele brincou e eu suspirei.

– Grande diferença!

– O que foi? Está com medo de envelhecer?

Pensei no assunto. Eu estava? Claro que não! Ou estava? Droga! Era lógico que estar apaixonado por uma pirralha de vinte e um anos me deixava inseguro. Como não ficar? Ela era linda, inteligente, interessante, sensual, gostosa, cheia de fogo... E eu estava na metade da minha vida, levando-se em consideração as estatísticas.

Merda! Quantos pensamentos deprimentes e infantis.

– Só não estava pensando no assunto – respondi tarde demais. Ele riu.

– Então não está nadinha preocupado com o que Lana será capaz de fazer amanhã? – puxei o ar como se estivesse acordando de um sonho.

– O que ela vai aprontar?

– Não sei, por isso mesmo vamos sair hoje. Com certeza Lana vai nos prender em um encontro de família e eu não estou nem um pouco a fim de comemorar seu aniversário preso em uma sala com os nossos pais.

– Paty, você não está namorando? Eu ouvi errado ou você disse que encontrou a mulher da sua vida e todas aquelas baboseiras que só você é capaz de dizer – ele riu alto.

– É só uma noite entre amigos. Não vai acontecer nada além de beber um pouco e assistir algumas

gostasas tirem a roupa.

– Tô fora!

– Alex, sei que você é um lobo solitário, isso não significa que não possa perder um tempo com seu irmão.

João Pedro vai tentar fugir de Lana – ri pensando sobre o que Lana tinha me dito sobre sua primeira vez.

– Ah é? João vai? – ri ainda mais – Então não teremos mesmo umas gostosas tirando a roupa. João morre de medo da nossa irmãzinha.

– Ele é um idiota, mas é meu amigo, fazer o quê? E aí, vamos?

– Não sei. Tenho um encontro muito importante hoje.

– Olha só, Alex. Você pode comer sua namorada durante todos os outros dias, hoje você vai encontrar seu irmão e seu amigo, comemorar o seu aniversário, ou eu vou te caçar. Vou até a sua casa e o arranco de lá pelado mesmo. Quero esta sua bunda branca sentada no bar as nove em ponto. Ok?

– Essa eu quero só ver.

– Maninho, há muito tempo você deixou de ser o mais forte. Quero saber o que Charlotte vai pensar quando eu invadir o quarto e te arrancar de lá – droga! Por que todo mundo estava viajando em Charlotte?

– Você não vai saber onde estarei – rebati incomodado.

– Basta pedir para Miranda encontrar Charlotte.

Simples assim – suspirei. Era tudo uma grande merda!

– Miranda não é uma boa companhia. Repense com quem anda saindo.

– Pelo menos não estou comendo minha aluna. Você é quem deveria ter cuidado antes de ficar olhando para ela com olhos brilhantes e apaixonados – ele deu uma risada estrondosa.

– Merda, Patrício! Eu não... Dá para parar de falar da Charlotte?

– Depende. Se você aparecer hoje eu prometo não fazer nenhuma piada sugestiva na frente do pai dela...

– Vá se foder, Paty! – ele continuou rindo.

– Paty é a puta que te pariu! É só um encontro entre amigos, Alex. Você precisa relaxar um pouco, nós vamos curtir a noite e tudo ficará bem. Eu mando o endereço por mensagem. Beijos, irmão.

Ele desligou.

Que droga!

Olhei para o relógio e... Puta que pariu! Eu tinha demorado tanto assim? Pretendia passar na loja de bebidas importadas para comprar um vinho, mas... Merda!

Eu ia me atrasar. E se Patrício resolvesse ser mesmo um mala e aparecesse lá em casa querendo me arrastar com ele? Droga!

Eu precisava de um tempo para conversar e não simplesmente chegar, dar uns amassos em Charlotte e sair correndo para atender a um pedido infantil do meu irmão.

Ela não ficaria nada feliz.

Charlotte Vinte minutos depois do combinado eu estava batendo na porta do meu professor. Atrasada. Saco! Por que perdi tanto tempo escolhendo uma calcinha adequada se nem a usaria por muito tempo? E o que foi aquele vestido? Vermelho? Merda!

“Tomara que Alex não perceba minha ansiedade”.

Alex não atendeu. Olhei pelas janelas e não havia nenhum tipo de movimento na casa, ou ele estava tomando banho ou não tinha chegado ainda. Voltei para o carro e aguardei.

Aguardei.

Aguardei.

Mais quinze minutos e nada de Alex. Onde ele estaria?

Resolvi ligar, afinal de contas não seria nada demais. O telefone só dava caixa postal. Comecei a ficar irritada. Onde diabos ele poderia estar? Custava avisar que não poderia comparecer? E eu estava com uma minúscula calcinha de renda pura, toda enfiada na bunda que começava a me incomodar.

Merda!

Esperei mais vinte minutos que pareceram uma eternidade sentada dentro do carro com aquela calcinha idiota me fazendo lembrar da sua existência a cada segundo. Resolvi tirá-la. Que se dane! Ninguém merece uma tortura dessas. Se Alex aparecesse eu daria um jeito de colocá-la no devido lugar.

Mais dez minutos e desisti de esperar. Liguei o carro e então percebi uma luz se aproximando, logo depois ele buzinou me pedindo para esperar. Respirei três vezes para manter a calma. Eu perderia a minha virgindade e faltavam apenas vinte minutos para o encontro com a minha mãe.

Desliguei o carro, arrumei meu cabelo, dei uma última olhada no espelho e sai para encontrá-lo. Alex parou alguns minutos para me observar, desfrutando da imagem enquanto eu caminhava em sua direção. Ele passou a mão nos cabelos e sorriu lindamente.

– O Senhor está atrasado, Prof. Frankli! Não é de bom tom deixar uma aluna aflita esperando por tanto tempo – o vento do litoral começou a fazer efeito. Merda!

Eu estava de vestido e sem calcinha. Era melhor apressar a nossa entrada.

– Desculpe! Quando estava quase saindo um autor chegou querendo conversar sobre um problema que aconteceu com o livro dele. Tive que voltar para tentar resolver. Fiquei preso no trânsito e, para piorar, meu celular descarregou justo hoje que não havia carregador no carro. Tudo deu errado – ele respirou fundo e me encarou. – Você está bem?

– Sim. Podemos entrar? Está esfriando – sorri inocentemente, louca para rir. Eu bem sabia onde estava esfriando.

– Claro! – pareceu confuso, porém caminhou ao meu lado em direção à porta. – Está de lentes? – comentou ao abri-la.

– Sim – instintivamente levei a mão ao rosto sem encontrar a armação. – Por que? – fiquei tensa. O que estava errado em mim?

– Nada, só que você está o tempo todo com os óculos, então senti falta.

– Ah! – respondi sem muito ânimo.

– Mas você fica linda de qualquer forma – ele disse todo derretido, o que me deixou ainda mais embaraçada.

– Ah! – voltei a dizer me sentindo ridícula por estar tão monossilábica.

– Você está estranha – disse ainda segurando a porta para mim.

– Bom, fiquei bastante tempo aguardando dentro do carro – dei de ombros. Ele fechou a porta e eu caminhei em direção à cozinha.

– Não tive culpa, Charlotte. Eu queria muito estar aqui. As coisas foram acontecendo não pude evitá-las – sorri e sentei em um dos bancos altos encarando meu professor. Ele parecia cansado.

– Tudo bem. Não posso demorar. Minha mãe quer me obrigar a comprar um vestido novo para um jantar de formatura – revirei os olhos. Alex sorriu se aproximando de mim com intimidade.

– Um vestido novo, é? Para uma ocasião especial ou só para a formatura mesmo? – seus lábios exibiam um sorriso safado e os olhos estavam estreitos, aguardando um sinal meu.

– Será uma festa à fantasia – lembrei ao meu professor que sorriu largamente. – E eu pensei que seria quando e onde eu quisesse – desafiei.

– E será.

– Agora!

Alex parou surpreso. Seus olhos ficaram imensos e ele avaliou a minha expressão. Eu não estava brincando.

Já tinha sofrido demais com a calcinha e a expectativa. Se fosse para enfrentar a minha mãe, então que

fosse.

– Agora? – repetiu sem acreditar.

– Sim. Por quê?

– Por quê? – Alex estava mesmo parecendo um adolescente apaixonado. Eu ri.

– Agora é você que está estranho!

– Puta merda, Charlotte! Você joga uma bomba dessas em minhas mãos e acha engraçado? – ele abriu minhas pernas se encaixou entre elas enterrando o rosto em meu pescoço.

– Uma bomba? Caramba!

Meu professor riu ainda com o rosto escondido em meus cabelos. Envolvei seu corpo com meus braços.

Graças a Deus que na posição em que estávamos Alex não perceberia que eu estava sem calcinha.

– Estou exausto! Patrício prometeu que arrombaria a porta e me tiraria daqui na marra para passar um tempo com ele e eu só tenho meia hora para me aprontar. Juro que meu único desejo neste momento é levá-la para minha cama, fazer amor da maneira como merece e passar o resto da noite com você em meus braços, mas... – suspirou derrotado.

– Uau! – ri das suas palavras. Ok! Eu não estava decepcionada. Não tínhamos tempo mesmo.

– Não faça assim. Você também está sem tempo. Não quero que a sua primeira vez seja uma “rapidinha” – levantou minha cabeça e alcançou meus olhos. – Preparada para o feriado?

– Não. Podemos conversar sobre isso depois?

Ele riu se afastando um pouco. No entanto, deixou que suas mãos brincassem em minhas coxas e mordeu os lábios com uma expressão zombeteira. Rapidamente senti um calafrio na espinha. Merda! Eu estava sem calcinha.

Que ideia idiota!

– Bom... – fiquei inquieta na cadeira. Suas mãos estavam em mim e eu estava começando a esquentar. – Já que não teremos nossa tão almejada primeira vez... – sorri docemente. – E corremos o risco de sermos arrastados por uma força da natureza como Patrício... Vou embora.

Alex não deixou que eu descesse do banco. Ele manteve as mãos em minhas coxas e me segurou com força. Espalmei minhas mãos em seu peitoral fingindo surpresa.

– Não – pediu manhoso. – Ainda temos um tempinho – aproximou-se avançando com as mãos em minhas pernas. – Ainda nem ganhei um beijo! – protestou com voz mansa e sensual.

– Você está cansado – brinquei.

– Não seja malvada.

Alex mexia com meus neurônios até mesmo quando estava cansado e apelativo. Suas palavras murmuradas em minha pele pareciam um formigueiro inteiro caminhando em meu corpo. Passei as mãos por suas costas largas e musculosas oferecendo meus lábios, me rendendo à luxúria.

Nosso beijo foi quente, lento e muito bem executado. Aprendido em aulas exaustivas ou ensaiado para que nossos lábios se movimentassem simultaneamente e nossas línguas tocassem os lugares exatos, na velocidade ideal, tornando-o muito mais quente e sensual.

Não me dei ao trabalho de impedir que Alex adentrasse o meu vestido com as mãos em busca de mais proximidade entre nós. Percebi que seus dedos, longos e ágeis procuravam algo que não estava lá. Ele vagou pela parte externa dos meus quadris com toques leves e nada respeitosos. Quem estava se importando? Eu, com certeza, não. A última coisa que desejava naquele momento era respeito.

Ele apalpou minha bunda e, quando percebeu que não encontraria o que estava faltando, gemeu eroticamente em meus lábios. Foi um som selvagem, arrancado bem de dentro, do seu lado mais animal e instintivo carregado de desejo carnal que reverberou em meu sexo sem nenhum pudor.

– Puta que pariu! Sem calcinha, Charlotte?

Parecia sofrer ao constatar. Como se o fato da minha calcinha não estar no seu devido lugar fosse uma tentação tão absurda que chegava a ser dolorosa.

Alex gemeu fazendo meu corpo vibrar. Suas mãos ficaram mais ousadas, seu corpo ganhou movimentos e seus lábios ficaram mais urgentes. Imediatamente comecei a queimar de dentro para fora mais rápido do que o normal.

Seus dedos vagaram pela minha bunda. Sem pensar um só segundo sobre o que estávamos fazendo, comecei a me movimentar de encontro a sua ereção. Ele estava no modo “mais excitado possível” e eu simplesmente correspondia. Quando menos esperava, ele, com a mão espalmada em meu quadril, deixou que o polegar acariciasse meu sexo.

Alex mordeu meu pescoço em resposta fazendo-me ficar ainda mais preparada. Meu corpo implorava por alívio.

De volta aos meus lábios, com a língua explorando cada pedacinho da boca e seguindo o ritmo do seu corpo, uma combinação mais do que perfeita, ele introduziu um dedo em mim lentamente.

A sensação era única. Gemi despidoradamente. No mesmo instante mais um dedo se juntou ao outro entrando e saindo, devagar, sem se aprofundar muito. Alex os girou, afastando-os e juntando-os. Quando se aventurou mais profundamente, senti uma pontada de dor angustiante e ao mesmo tempo deliciosa. Então ele os recolheu. Gemi em protesto.

Novamente avançou, recomeçando a tortura lenta, rodando e afastando os dedos. De novo e de novo. Não dava para me segurar.

– Céus, tão pronta! Quente e molhadinha!

Gemeu em meus lábios sem aparentar estar falando comigo, como se estivesse em seu próprio mundo, delirando com os acontecimentos.

E aquelas pequenas palavras “céus, tão pronta”, acompanhadas do habitual “quente e molhadinha”, somadas aos movimentos de seus dedos, fez meu corpo se fragmentar seus pedaços levitando e se dissolvendo em cascatas de luzes.

Não consegui me segurar e gozei. Alex permaneceu com a mão onde estava, movendo-se lentamente enquanto minha respiração se normalizava. Quando abri os olhos ele me encarava apaixonadamente.

– Uau! O que foi isso? – a voz grave e baixa deixava clara a sua aprovação. Respirei com mais intensidade na ânsia de levar mais oxigênio a meu cérebro.

– Desculpe! Chegou sem me avisar e me dominou rapidamente – tinha consciência de que estava muito vermelha pelo orgasmo e pela vergonha.

– Pelo amor de Deus, não se desculpe! – me segurou contra ele revelando sua enorme ereção.

– Foi mais forte do que eu – ri sem graça. Ele me abraçou com mais força e me beijou.

– Intenso. Muito intenso. Eu também já estava perdendo a cabeça – abrindo minhas pernas um pouco mais ele encostou sua ereção em meu sexo molhado e ainda quente.

– Gosto quando você perde a cabeça – sussurrei colando meus lábios aos dele. Alex gemeu e recomeçamos.

Entre as minhas pernas ele roçou seu sexo no meu, ainda dentro da calça. A fricção era gostosa, principalmente porque eu continuava sensível. Segurei em suas costas e forcei meu corpo em sua ereção. Alex correu as mãos pelas minhas costas e bunda, levantando meu vestido, se esfregando descaradamente em mim.

Em segundos ele encontrou o seu prazer. Gozando entre minhas pernas apenas com a fricção entre nossos sexos. Foi intenso! Muito intenso! Continuamos nosso beijo enquanto ele ainda gemia e gozava. Suas mãos me puxavam contra seu corpo como garras me segurando firmemente. Após alguns minutos nós nos olhamos. Alex parecia envergonhado.

– Uau! – foi a minha vez de falar.

– É. Uau! – passou as mãos pelos cabelos e me deu um selinho, ainda sem graça pelo ocorrido. Depois olhou para suas próprias pernas, verificando o resultado. – A senhorita fez um grande estrago aqui. Agora sim posso realmente dizer que sou um adolescente apaixonado.

Céus!

– Hum! – puxei-o para mim e beijei seus lábios. – Gosto mais deste adolescente apaixonado do que daquele professor todo certinho que se recusava a me ensinar a arte do amor – ele me encarou com olhos confusos, piscando várias vezes. A boca levemente aberta e a testa um pouco enrugada.

– Eu te ensinei apenas as técnicas do sexo. Sou completamente leigo em tudo relacionado a sentimentos.

Podemos dizer que nessa matéria você é que tem me ensinado.

Não soube como reagir. Uma parte de mim gritava animada como uma líder de torcida com seus pompons vibrantes, por entender que ele admitia estar tão apaixonado quanto eu. A outra, no entanto, um pouco menos otimista, esmaecia. Alex poderia também estar afirmando não saber ao certo o que estava sentindo e por causa disso se deixava conduzir por mim, o que não era nada bom.

Resolvi mudar de assunto antes que todos os meus conflitos me invadissem. Eu nada poderia cobrar dele e também não daria uma de menina mimada. Sempre soube no que estava me metendo e qual poderia ser o resultado.

Corria o risco de flutuar nas nuvens em algum momento para depois ser derrubada de uma altura imensurável e me espatifar no chão.

– O que foi aquilo? – ele parou me encarando sem entender aonde eu queria chegar. – Com os dedos... Você...

Hum! – como explicar? – Introduziu dois dedos em mim e...

– Ah! – ele me interrompeu entendendo do que eu falava. – Eu estava... Não sei – riu um pouco nervoso. – Acho que tentei testar a sua elasticidade para quando for me recebe – analisou os meus olhos para verificar se eu aprovava ou não a sua atitude.

Mantive-me imparcial. Qualquer que fosse a decisão de Alex sobre tornar nossa primeira vez menos dolorosa e mais agradável para mim seria bem-vinda, mesmo que significasse testar minha capacidade de recebê-lo, como ele tinha acabado de dizer.

– Parece ter surtido efeito – completou por fim, com um sorriso torto de tirar o fôlego.

– Ah, sim! – afirmei correspondendo ao seu sorriso.

– Vamos nos dar muito bem neste quesito, Charlotte – seus olhos escureceram e sua voz assumiu um tom mais grave que incendiou tudo abaixo da minha cintura.

Ah, sim, professor Frankli! Com certeza nos daríamos muito bem.

– Só precisamos resolver onde e quando – provoquei. Alex segurou meu rosto com as duas mãos capturando meus olhos.

– Quando você quiser – reafirmou.

– Eu quis hoje – estreitei os olhos como uma menina mimada. Ele riu.

– Amanhã – meu corpo inteiro estremeceu.

– Amanhã? – minha boca ficou seca.

– Sim. Charlotte você é tão confusa! Está sempre me cobrando uma posição e quando decido, fica pálida

como um fantasma.

– É que... – pensei no assunto tentando encontrar uma saída. – Prometi ao meu pai que o acompanharia a São Paulo, para uma visita às novas instalações. Haverá uma comemoração – ele pareceu desanimado e eu não entendi o motivo. Coloquei uma mão em seu rosto deixando que seus olhos me levassem para o oceano profundo. – Desculpe, eu não sabia...

– Tudo bem. Podemos deixar para depois de amanhã – apesar do sorriso não senti felicidade em seus olhos.

– Depois de amanhã estaremos em Petrópolis, com meus pais, seus pais, seus irmãos e sua “autora favorita” – desdenhei esta última parte.

– Você é a minha autora favorita – Alex pareceu relaxar um pouco mais. – E sim. Estaremos com todas estas pessoas, só que nenhuma delas vai dormir em meu quarto, o que deixa a madrugada todinha só para nós dois, teremos tempo de sobra.

– Durante a madrugada? – minha voz subiu uma oitava. – E se doer e eu gritar, o que você vai fazer quando meu pai bater na sua porta? – Alex riu como se eu tivesse falado um absurdo. Ok! Eu estava falando um absurdo.

– Primeiro: não dói tanto assim – fez uma careta lembrando de alguma coisa. – Bom... Pelo menos eu acho que não, mas... De qualquer forma não será uma dor tão grande a ponto de você gritar acordando a casa toda. Não me diga que Lana colocou esta baboseira em sua cabeça – ele mudou de humor repentinamente, ficando irritado.

– Não – apressei-me a desfazer a minha idiotice. - Só fiquei imaginando se não ficarei muito tensa e com isso acabar estragando tudo. Não sei se conseguirei relaxar sabendo que meu pai estará em algum lugar da casa, pronto para atirar em quem cruzar o meu caminho.

Alex parou, inclinando a para o lado. Seus olhos perderam um pouco do foco e ele mordeu o lábio interior.

– Temos uma cabana um pouco afastada da casa principal. Fica depois do rio que corta a propriedade. Se conseguirmos a desculpa certa podemos passar uma tarde ou quem sabe uma noite lá. Seria perfeito.

Ok! Tenho que confessar que seria mesmo perfeito.

Uma casinha, esquecida no meio do nada, arrumada e preparada só para nós dois. Era um sonho! Passei a desejar ainda mais aquele momento desde que encontrei Alex pela primeira vez.

– Tudo bem. Será realmente mais fácil sem meus pais por perto – sorri confiante.

– E sem os meus – ele completou sorrindo.

– E sem o João Pedro com suas gracinhas – brinquei. Alex confirmou com a cabeça.

– E Lana e todas as suas teorias conspiratórias – ele piscou confidente.

– E Miranda e sua vontade de me proteger contra tudo e todos.

– Ah sim! Realmente será muito melhor sem Miranda por perto.

– Alex! Ela é como uma irmã para mim – repreendi meu professor.

– Eu sei. Tenho que me acostumar com aquela garota, afinal de contas ela está saindo com o meu irmão.

– O mesmo que deve estar chegando a qualquer momento – ele abriu os olhos assustado demonstrando que tinha esquecido completamente do seu compromisso.

– Droga! Acho que preciso de um banho – sorri largamente. Foi mesmo muito intenso. Muito!

– Só quero acrescentar que para mim será muito mais fácil sem Tiffany perambulando pela casa e se oferecendo para você a cada segundo.

– Não precisa se preocupar com Tiffany – falou impaciente. – Não existe nenhuma chance de ela estragar nossos planos.

– Acho ótimo! – pulei da cadeira para me afastar.

Alex segurou meu braço fazendo-me olhar para ele.

– Charlotte, Tiffany não significa nada para mim.

Nem ela, nem ninguém vai me impedir de ficar com você.

Nem mesmo o seu pai e a arma dele.

Fez biquinho para evitar o riso. Ficava lindo quando fazia aquilo. Meu telefone tocou desviando-me do charme do meu professor.

– Oi, Miranda! – olhei para ele deixando clara a minha empolgação por falar com a minha melhor amiga.

– O que aconteceu?

“Preciso de carona. Patrício vai buscar Alex e vai me deixar aí. Você pode me esperar?” – olhei confusa para o meu professor, mas não demorei a responder.

– Sim. Tudo bem. Como sabe que estou aqui? – eu não tinha dito a Miranda que estaria na casa de Alex.

Quando saí ela não estava em casa.

“Patrício me disse” – respondeu naturalmente.

Ok! Patrício era mais um que sabia da minha vida quase sexual com Alex. Droga! Já estava ficando chato.

– Certo. Fico aguardando.

“Em dez minutos” – e desligou.

– Você disse a Patrício que eu estaria aqui? – Alex ficou confuso tentando recapitular alguma coisa.

– Não, acho que ele deduziu – fez uma careta aborrecida. – Meu irmão é um pouco... inconveniente.

Acho melhor tomar logo um banho – olhou para as calças que exibiam uma mancha que se destacava com muita facilidade. – Nossa! Não sei onde vamos parar se continuarmos desse jeito.

– Eu sei.

– Por falar nisso. O que te deu na cabeça para sair sem calcinha?

– Não saí, simplesmente a tirei porque estava me incomodando. Sabe como é: calcinha pequena e de renda incomoda em alguns lugares – ele abriu a boca me encarando, puxando o ar com mais força, os olhos escurecidos pelo desejo.

– Acho que entendo – falou por fim, deixando seus olhos percorrerem meu corpo como um lança-chamas.

Caralho! Eu estava começando a ficar excitada de novo. – Gostaria de te ver com esta calcinha – se aproximou um pouco mais murmurando as palavras para mim. – Apesar de preferi-la sem.

– Pelo menos nisso concordamos. Tenho apenas uma ressalva: eu prefiro estar sem calcinha quando você está sem as calças e de preferência entrando e saindo de mim.

Fui ousada. Muito ousada. Mas como não ser? Alex me excitava de maneira inexplicável.

Ele me puxou para si com força e determinação. No mesmo instante senti sua ereção. Oh, céus! Ele nunca se cansava?

– Vamos deixar Miranda e Patrício do lado de fora – no mesmo instante ele me carregou, cruzando minhas pernas em sua cintura e alojando suas mãos em minha bunda.

– Alex, eles chegarão logo! – alertei com a voz expectante e entregue.

– Que se dane! Eu preciso comer a minha namorada – mordeu meu pescoço e chupou o local. Gemi manhosa sentindo seus dedos quase em meu sexo.

– Que se dane! – ecoei suas palavras.

Alex me pressionou contra a parede se esfregando em mim sem nenhuma decência, passando os lábios até encontrar o decote do meu vestido, onde despejou vários beijos e mordidas. Agarrei seus cabelos no mesmo momento em que ele conseguiu afastar o tecido e envolver o bico intumescido com os lábios. Gemi alto. Ele me manteve suspensa apenas por seus braços e caminhou comigo na direção das escadas de acesso aos quartos.

Paramos depois de alguns degraus e ele me imprensou contra a parede outra vez. Suas mãos subiram agarrando minhas coxas. Aproveitei o equilíbrio para arrancar sua camisa. Literalmente arrancar, já que alguns botões se perderam pelo caminho. Ele não se importou, apenas se livrou dela como se precisasse daquilo para viver. Nosso beijo era selvagem e urgente.

Ele segurou meus cabelos com uma das mãos, flexionando os quadris para manter-me presa à parede e com a outra tocou minha intimidade me invadindo com seus dois dedos. Foi breve e profundo. Alex já sabia que eu o receberia sem muita dificuldade. Pelo menos nós acreditávamos que sim.

Gemi e rebolei quando o senti dentro de mim, mesmo que fossem apenas os dedos. Alex grunhiu abocanhando meus seios, ora beijando, ora chupando e, por vezes, mordendo. Eu estava no limite mais uma vez.

– Charlotte! – gemeu meu nome com reverência. – Você sempre fica tão entregue – sua barba por fazer arranhava meu pescoço lançando arrepios de prazer por todo o meu corpo. – Eu te quero tanto, minha menina – percebi de imediato quando ele refreou seus movimentos.

Passamos rapidamente de uma situação de urgência para algo mais romântico. Alex queria me dar uma primeira vez perfeita, mesmo que para isso tivesse que domar seus instintos. Fiquei emocionada. Nada nem ninguém poderia ser melhor do que ele para mim.

– E eu quero você. Muito! – ele mordeu meu lábio inferior.

– Vamos para a minha cama – sugeri sem me deixar colocar os pés no chão.

Não chegamos a dar nem um passo em direção ao quarto e a campainha tocou. Miranda e Patrício estavam lá.

Que saco!

– Vá embora, Paty! – ele resmungou em meus lábios.

Considerarei a hipótese de abrir a porta e mandar os dois à merda. Depois poderia voltar aos braços do meu amor e continuaríamos de onde paramos. Infelizmente eu sabia que só o fato de eles estarem do lado de fora já quebrava o encanto do momento.

– Merda! Vamos ter que esperar.

Alex já desistira. Ele estava com as mãos paradas em minhas coxas, respirando com dificuldade tentando voltar ao normal.

– Acho que necessito mesmo daquele banho.

– Certo. Vá para o banho que eu vou descer e levar Miranda embora – consegui me desfazer do seu abraço e comecei a arrumar minha roupa.

– Não te vejo amanhã então? – e novamente achei que havia um pouco de tristeza em seu olhar, mas a campainha tocou insistentemente.

– Provavelmente não. Eu te ligo – ele sorriu sem graça.

– Tudo bem. Então depois de amanhã, nem um dia a mais.

A promessa fez com meu sangue acelerar. Mesmo com o escuro do início da noite eu podia ver o brilho dos seus olhos.

– Depois de amanhã! – ele beijou meus lábios selando o nosso compromisso.

Desci as escadas, conferi meu visual e abri a porta.

Patrício estava com o dedo na campainha, tocando sem parar e um sorriso diabólico nos lábios. Seus olhos me sondavam.

– O que vocês estavam fazendo? Não é possível uma demora tão grande para abrir uma porta – eu podia sentir a ironia em suas palavras.

– Vá à merda, Paty!

A resposta saiu sem que eu conseguisse segurá-la.

Estava muito contrariada por ter que parar no meio do caminho novamente. E ele parecia se divertir com isso. O namorado da minha amiga deu uma risada estrondosa, daquelas de fazer as paredes tremerem.

– Caralho! Alex deve cortar um dobrado com você, diabinha – passou por mim sem se preocupar em pedir licença. – Onde está aquela bicha?

– Divirta-se com a “caça ao rato” – peguei minha amiga pela mão e saí puxando-a sem aguardar pela sua resposta, mas consegui ouvir sua gargalhada alta e debochada.

Capítulo 25

“Os amantes não veem as mais belas loucuras que cometem”

William Shakespeare

Alex

– Vai ficar calado a noite toda? – olhei de soslaio para o meu irmão.

Não estava com raiva e sim terrivelmente frustrado.

Naquela hora e exato momento eu deveria estar na cama com Charlotte Middleton, a mulher da minha vida.

Estaríamos recuperando todo nosso tempo gasto sentindo medo ou culpa. Como sou uma pessoa de muita sorte, Patrício e João Pedro escolheram justamente aquela noite, para um encontro entre amigos.

Era realmente uma merda!

Tomei mais um gole da minha cerveja e resolvi ignorar o fato de eles estarem, há uma hora, fazendo piadas sobre meu relacionamento com a minha aluna. Já tinham tentado de tudo. Confesso ter perdido a maior parte do que diziam. Estava tão imerso em pensamentos e lembranças que não conseguia me concentrar em mais nada. Eu só conseguia pensar naquela boca, corpo e sorriso.

– Qual é, Alex? Você nem está comendo a menina.

Vai ficar aí choramingando porque perdeu a brincadeira da noite? – João Pedro apelava. Patrício riu alto, o filho da puta responsável pela minha frustração.

Apoiei os braços no balcão do bar e me concentrei em decorar os nomes das bebidas. Nem mesmo as garotas que desfilavam com seus lindos corpos despertavam meu interesse.

– Charlotte está enlouquecendo o cara. Taí uma coisa que eu nunca pensei que veria: meu irmão, o garanhão do pedaço, caidinho por uma garotinha.

– E ainda por cima virgem – João completou.

– Isso, virgem – Patrício colaborou. – Ou será que não mais? – eles se voltaram para mim, rindo e começaram a me imprensar com os ombros.

– Dá para parar?

– Ela ainda é virgem? – meu cunhado não pareceu se importar.

– Isso não é da sua conta, João Pedro. Por que não se concentra em satisfazer a sua mulher?

– Lana está bastante satisfeita. Se você quiser posso dar uma consultoria sobre como convencer uma mulher a ceder – eles riam sem parar.

– Falou o cara que levou anos para conseguir comer a minha irmã – bom, ele pediu por aquilo.

– Vocês me obrigaram a esperar – imediatamente João modificou o tom, deixando a brincadeira de lado.

– Eu não. Por mim você teria comido Lana muito antes, quem sabe assim não a teria frustrado na lua de mel – falei sério, sem vontade de encará-lo. Com certeza meu irmão nunca mais esqueceria aquela revelação. – Coitada da Lana! – Desviei o olhar e bebi a minha cerveja.

– Ei! Como você... Lana te contou? – Patrício explodiu em uma gargalhada estrondosa. Foi impossível segurar o riso.

– O grande garanhão não conseguiu fazer sua mulher gozar. Talvez eu devesse dar uma consultoria – falei e entornei o copo, encontrando o olhar de João pelo espelho do bar.

– Eu consigo fazer a minha mulher gozar, tá legal?

Foi só na primeira vez. Vocês me aterrorizavam, foram anos de tensão. Não tive como me segurar na primeira...

Vá se foder, Alex! – João perdeu toda a vontade de brincar.

– Puta que pariu! Só tem amadores aqui – Patrício arqueou a coluna e assumiu uma postura séria. – Vocês precisam aprender comigo.

– Poupe-me, Paty! – ri da cara do meu irmão. – Nós não precisamos de consultoria.

– Bom, meu irmão – ele jogou os braços em meus ombros. – Tenho certeza que você precisa. Charlotte não é propriamente um anjinho – sorri largamente. Eu bem sabia que a minha Charlotte estava mais para uma diaba do que para um anjo.

– O que acontecerá amanhã? Vocês vão assumir? Vai encarar o pai dela? – João tentava se recuperar do baque anterior e estava visivelmente sem jeito.

– Charlotte vai viajar amanhã. O pai dela vai para São Paulo inaugurar uma nova instalação, ou qualquer coisa do tipo – revelei saboreando a amargura que a informação levava a minha boca.

– Mesmo? – João pareceu preocupado. – Ela sabe que é seu aniversário?

– Não! – respondi meio que desfazendo da situação.

Não entendia o motivo, mas a data do meu aniversário estava me incomodando mais do que deveria. – Eu esqueci de contar. Com tantos acontecimentos acabei esquecendo do meu próprio aniversário, quando ela me falou o que tinha que fazer eu preferi não revelar. Não é nada demais fazer aniversário, acontece todos os anos.

– Ou... – Patrício começou. – Você tem alguma coisa em mente e como Charlotte é jogo duro, resolveu

convidar outra garota – dei risada do absurdo que ele falava.

– Claro que não – sinalizei para o garçom trazer mais três chopes. – Lana vai aprontar alguma coisa, com certeza – olhei para João que deu de ombros.

– Acho que este ano ela vai apenas exigir a sua presença na casa dos seus pais. Um jantar íntimo – tentei encontrar algo mais nos olhos do meu amigo, ele se esquivou e ficou quieto.

– Tudo bem! Que seja um jantar então – olhei em volta do bar percebendo que ele estava ficando cada vez mais cheio.

– Eu disse que uma boate com gostosas tirando a roupa seria mais interessante – Patrício recomeçou. Eu e João nos olhamos e rimos.

– Miranda não é do tipo que deixa tudo barato – meu cunhado falou. Patrício fez uma careta e depois riu.

– Miranda... – ele suspirou. – Eu só pretendia olhar as gostosas, nada que pudesse colocar em risco o nosso relacionamento.

Encarei minha bebida sem saber como deveria levar o relacionamento do meu irmão com a melhor amiga de Charlotte. Aquilo era tão complicado que chegava a ser sufocante. Optei por ficar calado. Seria melhor assim.

– Lana me mataria. Vocês acreditam que eu não posso nem olhar uma revista de mulher pelada? – Patrício gargalhou com a conversa de João pedro. – Isso é sério.

Outro dia eu comprei uma, só para olhar mesmo, tinha tanto tempo que não abria uma revista dessas que me deu vontade. Passei em frente a uma banca e comprei a primeira que vi. Levei para casa e comecei a folhear sem nenhuma intenção de esconder, sei lá, achei que Lana encararia como algo para incrementar as coisas, porém quando ela me viu olhando a foto da modelo... – ele passou a mão no cabelo e suspirou. – Eu pensei que fosse o fim do mundo. E ela ainda fez greve de sexo por uma semana.

– Quem? Lana? Não acredito – brinquei.

– Nem eu acreditei que ela seria capaz. Mas ela foi.

Deus me livre. Quando me falaram que as mais baixinhas são as piores eu não acreditei – ri alto.

– Charlotte também é baixinha – Patrício provocou.

– E ferosa – João acrescentou.

– Dá para parar de falar da Charlotte? – pedi pela milésima vez naquela noite.

– Quase meia noite. Diz aí, qual delas você quer beijar? – Patrício apontou para um grupo de garotas que estava em uma mesa próxima a nossa. Elas me olharam e riram baixinho.

– Deixa de ser idiota, Paty! – impliquei.

– Se você me chamar de Paty na frente de qualquer uma delas eu arrebento os seus dentes.

– Tenta para ver – ameacei.

– Meninas, se comportem – João entrou na brincadeira. – Alex, é só um beijo. Um de presente de aniversário. Ninguém vai contar a Charlotte.

– Vendo você falar assim eu entendo o motivo de Lana fazer greve de sexo – falei desviando minha atenção das garotas que aguardavam ansiosas.

– Eu sou casado, mas você ainda não – imediatamente meu pensamento foi para a minha aluna.

– Nem eu – Patrício virou e sorriu para as garotas.

– Que cretino! – provoquei bebendo o meu chope. – Depois vai falar de amor.

– E você, vai falar de amor? – ele me encarou por alguns segundos e acabou rindo. – Porra, Alex! Você está apaixonado pela garota. Puta que pariu!

– Sim, estou. Ao contrário de você, eu sei quando um sentimento é verdadeiro. Não preciso de diversão, garotas tirando a roupa, nem de beijar uma mulher que eu nem conheço para comemorar meu aniversário. Eu sei o que quero – ele ficou sério, depois balançou a cabeça concordando.

– Eu gosto da Miranda. Gosto mesmo! Só não sei se estou preparado para algo tão sério.

– Então você deveria deixar isso bem claro para ela – João disse levando a sério a conversa. – Lembre que Peter não é mole e brincar com os sentimentos da menina vai trazer muitos problemas para a nossa família.

– Não estou brincando com os sentimentos dela – ele se mexeu na cadeira incomodado e completamente esquecido das garotas da mesa ao lado. – Miranda não está tão envolvida quanto aparenta. Ela é o tipo de garota que gosta de curtir, de viver o momento. Nós estamos nos curtindo e ela não parece tão a fim de levar a diante.

– Ela está apaixonada – João falou como se quilo fosse o mais óbvio. Mas eu conhecia a Miranda que Paty descrevia e sabia do que ele estava falando.

– Você está com medo de se envolver? – perguntei tentando desviar os meus pensamentos.

– Estou. Porra, eu estou cara! Ela é incrível! Tem tudo para ser a minha garota, mas faz tanto jogo duro que muitas vezes tenho vontade de desistir.

– E por que não desiste? – eu ainda tinha esperança.

Ele me encarou com olhos brilhantes. Oh, merda! Patrício estava apaixonado.

– Você desistiria da Charlotte? – não precisei pensar duas vezes.

– Não.

– Mesmo sabendo que ela possui vários empecilhos, que é mimada, infantil, é muito rica e além disso tem um pai que pega mesmo no pé? – concordei sem nada acrescentar. – Viu? É disso que eu estou falando.

– E eu estou fodido com vocês – João se intrometeu.

– Acabaram os meus dias de paz.

Bebemos por um tempo em silêncio até que meu amigo resolveu mudar de assunto.

– E em Petrópolis, como vai ser para vocês, Alex?

– Vai ser como deve. Meu único problema é Tiffany, mas não posso ficar me prendendo a detalhes.

– Ela assinou hoje – Patrício avisou. – Lana estava tão feliz que pensei que ela não deixaria João sair de casa – ri satisfeito. – Renovou o contrato apenas com os livros que nós temos e não para novos livros.

– Ótima notícia! Pelo menos é um começo.

Fiquei incrivelmente mais aliviado. Tiffany poderia ser um problema, mas com o contrato assinado, eu precisava apenas convencê-la a separar as coisas.

– Falando sério, Alex. Você está ciente que este relacionamento poderá ser considerado tanto a coisa mais fofa do universo, como poderá simplesmente acabar com a carreira de vocês dois, não está? Ninguém sabe como o público reagirá a esse romance, aliás cara, acho que tudo está contra vocês. Ela é sua aluna, você é proprietário e editor-chefe da maior e mais importante editora do país e está aceitando o primeiro trabalho dela, que ainda nem se formou e, para piorar tudo, você é o orientador do trabalho final dela. Não sei como a mídia encarará toda essa informação. – Patrício tinha razão. Respirei fundo sem saber ao certo como responder.

– Alex, por que você não transfere o trabalho dela para mim? Ainda temos tempo. Eu posso aceitar a sua avaliação sem me preocupar em recomeçar nada – João tinha uma solução interessante, no entanto eu queria ir até o fim com o trabalho da Charlotte.

– João, quando esta merda estourar, o fato de você ter sido o último a avaliar não vai modificar nada. Além do mais eu já enviei a avaliação dela para a secretaria.

Esta seria uma saída somente se eu deixasse de trabalhar para a universidade.

– É mano, você está mesmo fodido e o pior de tudo é que a Lottie nem está – ele e João riram alto, desta vez os acompanhei. Era um fato.

Charlotte Johnny pulou em minha cama, pela manhã ainda muito cedo. Tive ímpeto de jogá-lo pela janela, mas meu amigo estava agarrado a mim e ele era muito mais pesado do que eu. E quando digo muito, estou sendo generosa.

Jonathan era um touro, alto e forte.

– Sai, Johnny! – gritei quando ele começou a me fazer cosquinhas.

– Hora de acordar, preguiçosa! – ri até a minha barriga doer, com ele me fazendo cócegas sem parar. – Hora de fingir ser a linda princesa que seus pais acreditam.

– Vá à merda, seu imbecil! – e continuei rindo.

– Crianças, sem atrasos – meu pai apareceu na porta. – Se estivéssemos no exército vocês dois estariam em apuros. Lottie, você tem meia hora, não podemos esperar mais do que isso.

Era engraçado como Johnny podia tudo. Meu pai nem achou estranho eu estar em minha cama, de calcinha e camiseta, com o meu melhor amigo sentado em cima de mim e com as mãos em meu corpo. Tenha dó! Se fosse o Alex teria sido um escândalo.

– Para com isso, seu idiota! – bati em Johnny até que ele me libertasse.

– Tenho que aproveitar enquanto ainda posso – olhei para a porta para me certificar de que meu pai não estava mais lá.

– Nada vai mudar seu bobo.

Nem Alex nem Jonathan pareciam entender muito bem a relação que eu tinha com cada um deles. Alex tinha ciúmes de Jonathan e meu amigo não admitia, mas tinha medo de que eu deixasse de ser tão próxima dele. Dois bobalhões. Eu andaria na corda bamba com esses dois.

– Claro que vai. O cara parece querer te esconder do mundo e você fica toda estranha quando está com ele.

– Estranha como? – Minha mãe tinha notado e agora Johnny também, será que meu pai... Merda!

– Estranha tipo: oh, Alex! Você é tão lindo! Oh, Alex! Meus olhos brilham por você e eu fico parecendo uma cachorrinha no cio – soquei o braço do meu amigo. – Ai!

– Se você não calar a boca vou arrancar seus dentes.

– Uau! Charlotte feroz! O professor babaca deve adorar ser um submisso.

– Para, Johnny!

– Você, Charlotte Middleton, nunca será a “sub” e sim a “dom”, com toda a certeza.

– Quer parar?

– O quê? Quer que eu acredite que você só vai deitar a abrir as pernas? – peguei o travesseiro e comecei uma guerra com o meu amigo.

Johnny não se fez de rogado e rapidamente me atacou com outro. Rimos e batemos um no outro até meu pai voltar e estragar tudo.

– Pelo amor de Deus! Onde pensam que estão, no jardim de infância? Em meia hora quero todo mundo pronto. Não admito atrasos.

– Deixe as crianças, Peter! – minha mãe apareceu para nos salvar. – Hora de comer – avisou fechando a porta.

Eu já disse o quanto amo a minha mãe? Pois bem.

Amo tanto a minha mãe! Ela sempre sabe a hora certa de me salvar e exatamente quando preciso da sua sensatez incontestável. Amo minha mãe!

– Então... Vocês... – ele sorriu como uma criança curiosa.

– Não. Seu idiota. Pare de rir! – quase gritei. Johnny era terrível!

– Caralho! Que demora filha de uma puta para transar com alguém. Eu já teria resolvido o seu problema.

– Jura? – arqueei uma sobrancelha brincando com o meu amigo.

– Ah, não! Nada disso, Charlotte. Essa é uma missão para o super professor almofadinha.

– Você é um idiota!

– Obrigado! – ele exibiu um grande sorriso. – O que estão esperando? – tenho certeza de que meus olhos brilharam. Johnny rapidamente entendeu que eu o envolveria em algum plano difícil.

– De jeito nenhum!

– Jonathan!

– Pode parar. Resolva sua vida sem precisar de minha ajuda. Se Peter descobrir que participei ele simplesmente corta a minha mesada, e desiste de me fazer seu herdeiro – estreitei os olhos sem acreditar naquelas palavras.

– Que absurdo!

– Tá certo. Do que você precisa? Só não me peça para vigiar a porta – começou a rir e precisei acertar mais uma vez o seu braço. Minha mão doeu.

– Eu e Alex queremos algumas horas – ele revirou os olhos. – Só preciso que você faça meu pai esquecer que eu existo. De preferência no final da tarde início da noite, assim poderei demorar mais a voltar.

– Vocês vão sair?

– Vamos para um chalé escondido no meio da propriedade – Johnny ficou sério me observando. Eu sabia o que viria.

– Você tem certeza?

– Tenho. Eu... Estou... Apaixonada.

– E ele?

– Parece estar também – fiz uma careta. – Não quero pensar muito sobre isso. Vou concentrar toda a minha energia em não gritar – Johnny riu e me segurou, sentando-me em seu colo.

– Charlotte, acho que precisamos ter uma conversa sobre sexo e primeira vez.

Putá merda! De novo?

Alex Meu telefone tocou ainda muito cedo. Tive esperança de ser ela, já que no sonho estávamos juntos de uma forma deliciosa. Merda! Acordar com uma puta de uma ereção e não ter Charlotte para aliviar a minha tensão e tornar o meu dia muito mais agradável era definitivamente algo ruim.

- Alô – minha disposição arrefeceu consideravelmente quando identifiquei no visor o nome da minha irmã.

– Feliz trinta e cinco anos! – ela explodiu em uma animação que me fez olhar o relógio para conferir as horas.

– Não dá para acreditar que você acorda com todo este entusiasmo.

– Em dias especiais, sim – ela não se deixou abater.

– E é um dia especial? – eu podia jurar que ela fez uma careta, pois era assim que Lana sempre reagia.

– Vai depender de você, mas minha mãe vai ter um jantar maravilhoso, ao lado do filho mais velho dela, nem que para isso eu tenha que ligar para a Charlotte e convencê-la de que você é gay.

Pois é. Acordar com o corpo ainda cansado da noite anterior, com a cabeça martelando pelo excesso de conversa que só contribuiu para me deixar mais tenso, saber que está completando trinta e cinco anos e que escolheu uma garota de apenas vinte e um para dividir a vida e que, esta mesma garota sequer sabia que era o seu aniversário e não compareceria nem para um “parabéns” não era nada estimulante.

– Você vai levá-la?

– Hum, não! Charlotte vai para São Paulo com o pai.

– Mas é o seu aniversário! – ela parecia tão indignada que me fez rir.

– O que não significa que o mundo deva parar de girar. Cresça, Lana! Eu tenho trinta e cinco anos e não dezoito.

– Muito velho para se apaixonar pela primeira vez – revirei os olhos.

– E o assunto é...

– O jantar de hoje. Na casa dos nossos pais. Não finja que bateu a cabeça e esqueceu.

– Tenho certeza de que você não vai deixar isso acontecer.

– Não vou mesmo. Vejo você mais tarde.

Levantei e fui ao banheiro. Enquanto estava escovando os dentes recebi diversas mensagens pelo WhatsApp, demorei alguns minutos respondendo. Nada de Charlotte.

Tomei café, escolhi a roupa, atendi alguns telefonemas, respondi a algumas mensagens e a todo o momento meus pensamentos me levavam a ela. Será que eu deveria contar?

“Não, Alex! Deixa de ser idiota. Ninguém sai por aí dizendo que é o seu aniversário. Pelo menos ninguém que não seja carente. É só um dia como outro qualquer e sempre foi assim. Qual a diferença agora?” Porra! Aquilo estava me incomodando. Talvez Patrício tivesse a brilhante ideia de convidar Miranda para o jantar e assim Charlotte ficaria sabendo. Isso eu poderia sondar.

Fui para a editora. Não daria aulas então dedicaria todo o meu tempo a minha empresa. Fui recebido por diversos funcionários que fizeram questão de me desejar saúde, paz, e tudo o que as pessoas deixam para desejar no dia do aniversário. Que irônico!

– Charlotte ficou de escrever o último capítulo, mas até agora nada – Lana entrou em minha sala sem se importar com o que eu estava fazendo. – A propósito, feliz aniversário! – e colocou uma caixa vermelha com uma fita preta sobre a minha mesa. Eu conhecia a marca e com certeza era um perfume que eu adorava. Sorri para a minha irmã.

– Obrigado! – me ocupei em abrir o meu presente. – Eu pensei que ela tivesse escrito alguma coisa. Não foi o que você foi fazer lá ontem?

– Sim, mas pelo que entendi ela quer escrever outro final e depois decidir qual dos dois é o melhor – olhei minha irmã e percebi que ela estava incomodada com algo.

– Tiffany assinou. Parabéns! – ela entortou a boca. – Não está feliz?

– Estou. Não achava certo perdermos uma escritora como a Tiffany, só não gosto dessa ideia. Não da forma como foi feita. Tiffany é uma ótima escritora, mas não é a única. Barganhar como ela fez me deixou realmente incomodada.

– Tiffany não queria mais destaque, e você sabe disso. Ela queria apenas uma forma de me fazer repensar – falei colocando o frasco do perfume sobre a mesa.

– E Charlotte não somente ocupará o lugar dela em importância dentro desta editora, como também em sua cama – ela disse me sondando.

– Charlotte está ocupando um lugar nunca antes ocupado, que fique bem claro. Tiffany era uma boa amiga, nada mais.

– Sei – fez alguns desenhos com o dedo em minha mesa enquanto fingia não se importar. – E como foi ontem? – quase ri. Lana tentava descobrir o que o marido aprontou em nossa saída.

– Um bar, uns chopos e alguns amigos. Conversa fiada, muita bobagem e bebedeira. Nada demais – dei de ombros.

– E um monte de garotas doidas para uma rodada.

– Também – encarei Lana enquanto ela se agitava na cadeira. – Para sua felicidade nós somos um bando de idiotas apaixonados, então... – mais uma vez ela entortou a boca, depois sorriu amplamente.

– Quem diria, você e Paty se apaixonaram ao mesmo tempo! – e de repente ela parecia uma adolescente empolgada com o mais novo segredo da amiga.

– Eu só posso falar por mim.

– Ele está de quatro pela Miranda – ela revelou.

– Perda de tempo.

– O que você tem contra ela. A garota não é a melhor amiga de Charlotte?

– Vocês estão falando da Miranda? – Patrício entrou e Lana sorriu para ele.

– Estamos comentando que meu irmão idiota está apaixonado – ela disse ainda sorrindo.

– Ah, então estão falando do Alex – ri sem me importar.

– Você convidou a Miranda para hoje à noite? – perguntei sem deixar transparecer a minha real intenção.

– Não. Ela ligou hoje cedo avisando que também iria para São Paulo, então nem me arrisquei – acho que minha cara de decepção ficou nítida. – O que foi? Eu deveria insistir?

– Não – tentei aparentar tranquilidade. – Só para saber o que esperar.

– Certo. Eu queria conversar sobre a data de lançamento de dois autores. Pode ser?

– Claro!

E assim passei o meu dia. Trabalhei exaustivamente tentando fechar o quadro para nossa participação na Bienal de São Paulo, estudei os layouts, reuni o pessoal de marketing e publicidade para escolhermos o mais adequado, fechamos as ações que realizaríamos antes dos eventos, participei de uma videoconferência e no final da tarde estava tão cansado que quase desisti de participar do meu jantar de aniversário.

Charlotte Meus pés estavam doloridos. Minha mãe tinha me obrigado a calçar um par de sapatos estilo boneca, que pela manhã pareciam adequados, mas que no final do dia eram tão incômodos que me fizeram sentir dor de cabeça.

Caminhamos durante todo o dia, visitamos as alas, participamos de um almoço com alguns empresários, ouvi várias horas de conversas sobre investimentos, novos equipamentos, estudos sobre todos os mais diversos assuntos relacionados à medicina. Mas meu pensamento estava em um único assunto.

Alex, nossa viagem e a cabana prometida.

Olhei para Johnny que continuava acompanhando meu pai, conversando com todo mundo e se inteirando de tudo o que acontecia naquele universo que meu pai criou para mim e que eu transferia para o meu melhor amigo, sem nenhum receio.

Miranda continuava quieta, presa ao celular, conversando e roendo as unhas como se estivesse com um problema sem tamanho. Minha mãe me acompanhava e diversas vezes precisou sentar, alegando estar com os pés doendo. Eu a entendia e era solidária.

– Animada para amanhã? – ela me disse em uma dessas nossas paradas.

– Sim, mas confesso que não sei o que esperar – além de conseguir finalmente perder a minha virgindade com o homem que eu amava.

Minha mãe me analisou com olhos carinhosos e segurou minha mão com ternura. Ela sorriu daquela forma única, cheia de amor e compreensão.

– Vocês já se acertaram? – olhei para os lados verificando se era seguro conversar sobre Alex.

– Eu acho que sim. Conversamos sobre a situação.

Só tem sido complicado com toda esta pressão exercida pelo papai – ela sorriu mais amplamente.

– Compreendo. Seu pai não faz por mal. Ele passa muito tempo longe, sem conseguir se desconectar realmente de vocês. Esta preocupação é exagerada, eu sei, sem contar que chega a ser fora de moda. No entanto, é a única forma que ele tem para protegê-los.

– Proteger de quê? – minha voz subiu um tom, demonstrando o quanto o assunto me incomodava.

– Não sei, Charlotte! – ela olhou na direção em que meu pai estava. – Eu acho que do mundo.

– Então é meu papel alertá-lo de que não vai conseguir. Ninguém consegue, até porque as experiências são necessárias para o amadurecimento.

– Peter jamais seria Peter se não morresse tentando – ela deu dois tapinhas em minha mão e voltou a olhar com orgulho para onde meu pai estava.

– Eu tenho que aprender a andar com minhas próprias pernas, mãe. Tenho que ter direito às minhas próprias escolhas e experiências. Não pode ser como ele quer.

– Eu sei meu amor. Eu sei – seu tom de voz era apaziguador. Como se estivesse falando com uma criança.

– Não é o que está acontecendo? Contra tudo e contra todos, não é o que você vem fazendo? Conseguiu ser uma escritora, está saindo com o homem que escolheu... – meu rosto corou consideravelmente.

– Mais ou menos – ela riu baixinho.

– O mundo não é feito apenas de problemas, Charlotte, e a sua vida definitivamente não lhe traz situações complicadas demais para que você viva nesta tensão constante.

– Ah, sim, claro! Ter o meu pai como guardião da minha virgindade não é problema suficiente para me enlouquecer.

– Você enlouqueceria de qualquer jeito – Johnny se aproximou se intrometendo na conversa. Minha mãe riu e eu fiquei incomodada. – Ninguém espera nada diferente de você, Charlotte Middleton.

– Por que você não vai à merda, Jonathan?

– Charlotte! – minha mãe me censurou fazendo-me recuar.

– Eu não disse, madrinha? Ela está enlouquecendo – e ele continuou com aquele sorriso debochado de quem não se abala por nada.

Filho da puta!

– Não tem nenhum saco para puxar? – perguntei irritada demais para ser madura.

– O padrinho quer te apresentar a algumas pessoas, princesa – fez uma reverência exagerada. Eu tive que rir.

– Mais pretendentes? – levantei arrumando minhas roupas e já incomodada com o que meu pai estava aprontando.

– Espero que não. Se você casar com algum médico ou alguém envolvido com os hospitais eu perco a minha chance – Johnny piscou e minha mãe riu. Ela sempre ria com as bobagens que o meu amigo falava.

– Podem ir eu vou ficar mais um tempinho aqui – minha mãe falou se acomodando melhor no sofá.

– Eu volto logo – e saí acompanhando Jonathan. Não havíamos nos afastado muito quando fomos interceptados por minha amiga.

– Charlotte! – Miranda se aproximou com uma careta estranha.

– Meu pai está me chamando. Terminou sua DR pelo WhatsApp?

– Teria sido menos complicado se você tivesse me avisado que era aniversário do Alex – levei alguns segundos até entender o que ela dizia. – Charlotte?

– Vamos, boneca – Johnny colocou uma mão em minha cintura, mas eu travei.

– O que você disse? – Miranda revirou os olhos.

– Vai me dizer que não sabe que hoje é aniversário do Alex. Está rolando um jantar na casa dos pais dele e eu não estou lá porque você me pediu para te acompanhar. Se não queria participar era só me dizer. Não é justo!

Minha cabeça girou inúmeras vezes. Era aniversário do Alex? Mas por que ele não me disse? Estivemos juntos um dia antes, combinamos o nosso encontro na cabana e ele, em momento algum, mencionou que era seu aniversário. Por qual motivo?

E então eu entendi. Alex não me queria em sua vida.

Era apenas como deveria ser e não como eu imaginava que estava sendo. Não haveria envolvimento, não teríamos um relacionamento. Eu não seria inserida em sua família como a namorada, sequer fazia parte dos planos para festejar o seu aniversário.

Com certeza tinha planos melhores, com alguém mais adequado do seu lado para comemorar a data.

Puta merda!

– Vamos, Charlotte? – Johnny tentou me levar em direção ao grupo em que meu pai estava. Me deixei levar porque eu não conseguia pensar em mais nada.

Capítulo 26

“Como posso ir mais longe se meu coração aqui permanece?”

William Shakespeare

Alex

– Obrigado, Lana! Foi um ótimo jantar – eu disse ao me despedir da minha irmã.

Naquela noite eu estava cansado, não apenas pelo desgaste físico que um dia inteiro de trabalho tenha me causado, mas também pelo desgaste mental.

Não havia falado com Charlotte durante o dia inteiro. Eu me sentia incomodado por precisar procurá-la quando deveria ser ela a me procurar. Era infantil, eu sei, só não conseguia evitar a sensação de frustração por não ter recebido sequer uma mensagem quando até Anita enviara e Tiffany havia me mandado flores.

– Mesmo assim você não deixou de ficar com esta cara de desânimo e o Paty não largou o celular – olhei para a sala da cobertura onde meus pais moravam e vi Patrício enviando e recebendo mensagens.

– Eu só estou cansado. Hoje o dia foi longo – ela sorriu sem muita vontade.

– E Charlotte não apareceu – acrescentou como se fosse capaz de ler meus pensamentos.

– Ela tinha compromisso. Nem sei se já chegou de São Paulo – tentei disfarçar meu abatimento.

– Ela não escreveu? Não ligou? – tive medo de que minha cara entregasse a realidade.

– Na verdade meu celular descarregou no final do dia e como eu estava muito ocupado não tive tempo de carregá-lo.

– Que grande droga – ela disse olhando também para Patrício.

– Eu tenho mesmo que ir. Amanhã cedo pego a estrada. Vocês vão mesmo hoje?

Minha irmã tinha cismado que deveria chegar primeiro que todo mundo em Petrópolis e eu nem queria imaginar o que ela estava aprontando.

– Vamos sim. Vai ser divertido – e sorriu como uma criança traquina.

– Vai mesmo tão cedo? – perguntei a minha mãe que se aproximou de nós dois e me envolveu em um abraço carinhoso.

– Vamos viajar cedo amanhã, então preciso descansar – ela alisou meu braço me observando com atenção.

– Boa noite, mãe! – beijei sua testa pegando todos os presentes que havia ganhado. – Vejo vocês amanhã.

– Tchau, Alex! – Lana se afastou, mas João Pedro me acompanhou até a porta.

– Ela não ligou? – suspirei. Estava tão cansado de ver todo mundo pensando que eu estava abatido por causa da Charlotte.

Tudo bem. Eu estava mesmo abatido por causa dela, o que não significava que me sentia feliz por todos saberem disso, e o pior, que me tratassem como se eu fosse um adolescente inexperiente com dificuldades para conduzir a situação.

– Eu estou apenas cansado.

– E incomodado por Charlotte não ter ligado – ele rebateu com cara de deboche.

– Quem disse que ela não ligou? Por que vocês resolveram se meter tanto em minha vida com a Charlotte?

– Porque nós sabemos o quanto ela é especial para você, então todo mundo está torcendo para que dê certo – encarei João, depois daquela declaração não deu para ser muito áspero.

– Eu já tenho trinta e cinco anos, João Pedro. Sei conduzir a minha vida amorosa.

– Nós sabemos disso – deu um tapinha de leve em meu ombro. Não gostei nada da forma como ele me olhou.

Não havia motivo para que todo mundo ficasse tão preocupado com a minha vida amorosa e perceber que isso estava acontecendo me deixava cada vez mais aborrecido.

– Vejo você amanhã – entrei no elevador deixando o apartamento o mais rápido possível.

Assim que ganhei a rua senti a chuva fina que caía.

Olhei para o céu percebendo que havia uma promessa de chuva forte, o que poderia complicar um pouco nossos planos para o feriado.

Pensar no feriado me levava a Charlotte, ao meu aniversário e a forma chata como todos estavam conduzindo a situação. Imediatamente fiquei ainda mais irritado.

Não demorei a chegar ao meu condomínio. Apesar de não ser tarde as ruas estavam desertas, com isso a noite ganhava um tom mais sinistro. O portão abriu me dando passagem e Antônio, o porteiro daquela noite, correu em direção ao meu carro com um guarda-chuva.

– Sr. Frankli – ele disse apressadamente. – Tem uma moça aguardando pelo senhor – e apontou para o estacionamento de visitantes próximo a guarita.

A chuva engrossou, fazendo com que eu procurasse proteção debaixo do guarda-chuva dele. Por um segundo meu coração acelerou pensando ser Charlotte, mas como eu já havia liberado a placa dela para acesso livre, rapidamente me convenci de que não era a minha aluna, o que me deixou visivelmente

desanimado.

– Não existe a placa dela nos seus registros de visitas, como ela insistiu que já frequentou o condomínio e que apenas havia trocado de carro achei melhor permitir que aguardasse pelo senhor do lado de dentro. Sabe como é, as ruas do Rio de Janeiro estão cada vez mais perigosas.

– Você fez bem, Antônio.

Caminhamos até o carro e vi Tiffany sair de dentro dele com um enorme guarda-chuva preto. Ela estava muito arrumada, com meias finas escuras e saltos altos. A roupa estava escondida embaixo de um sobretudo grafite que moldava o seu corpo perfeito.

– Tiffany? – vi Antônio se afastar tão logo encontrei minha visitante. – O que faz aqui nesta chuva?

– Recebeu minhas flores? – passei a mão nos cabelos imaginando o que ela tinha em mente.

– Sim. Lindas! Obrigado! – ela sorriu com doçura e me abraçou.

– Parabéns, Alex! – sussurrou em meu ouvido e beijou de leve bem próximo a minha orelha. Segurei em sua cintura e me afastei discretamente.

– Lana me contou sobre o contrato. Fiquei muito feliz!

– Eu também – ela olhou para a chuva como se estivesse incomodada.

– O que faz aqui? – repeti a pergunta sem saber como agir.

– Visita de aniversário. Não vai me convidar para entrar? – pensei no que deveria fazer. Seria muito rude se eu a mandasse embora?

Porra seria sim!

– Vou sim, mas aviso que estou bastante cansado e não devo ser de muita utilidade hoje – sorri sem graça.

Ela me avaliou, parecendo decepcionada com a minha atitude. – E amanhã cedo pego a estrada.

– Sim, Petrópolis – enlaçou meu braço e começou a caminhar em direção a casa. – Vai ser interessante.

Charlotte Nunca uma viagem pareceu tão longa em toda a minha vida. Sentada no jatinho, sob o olhar atento do meu pai, incomodada com o sorrisinho cínico do meu melhor amigo, eu me sentia impotente.

– Você está muito agitada, Charlotte – meu pai me alertou pela quinta vez. – Qual é o problema?

– Nenhum! – fui enfática, mas eu quicava na poltrona como se esta estivesse cheia de formigas. – Só estou cansada.

– Deve ser a chuva – minha mãe disse segurando a mão do meu pai. – Charlotte nunca gostou de viajar com chuva – nossos olhos se encontraram e eu entendi que ela tentava me ajudar.

– Isso é bobagem – meu pai retrucou. – Nada vai acontecer – e voltou sua atenção para a revista sobre a pequena mesa a sua frente. Johnny me olhou sorrindo como o idiota que ele era.

– Quanto tempo falta? – meu pai levantou os olhos para mim, porém desistiu e voltou a olhar para a revista.

– Falta pouco – Miranda falou e me lançou aquele olhar que eu tentava evitar a todo custo. O mesmo que dizia que não foi por falta de aviso.

Eu tinha tentado ligar, enviado mensagem, mas nada.

O celular dele estava desligado e ele não respondia nem visualizava as mensagens. Não que eu me sentisse em dívida com o meu professor, nem imaginasse que estava errada por não ter ligado nem enviado um presente, era só meu lado rebelde e infantil me impelindo a mostrar a ele que eu sabia.

Como Alex reagiria quando descobrisse que eu já sabia de tudo? Com que cara ele me encararia quando eu lhe desse os parabéns? Quando eu aparecesse do nada para deixar claro que eu não ficaria calada, no canto, enquanto ele se divertia como bem entendesse.

Minha raiva era tanta que meus olhos ficavam marejados com frequência. Eu me sentia humilhada, mesmo sabendo que não tinha o direito de cobrar nada dele. Além do mais, quando revelei o que sentia e, com certeza este era o motivo para ele me manter longe de qualquer coisa que assumisse que éramos um casal, como o seu aniversário, por exemplo, pedi para que nada mudasse.

E nada mudou. Ele continuava sendo o cara que me ensinava o que era sexo e eu era simplesmente a nova escritora da sua editora. Uma nova Tiffany em sua vida.

Merda!

Precisei levantar para ir ao banheiro pela quarta vez e o meu pai já estava intrigado. Eu saía para respirar até que as lágrimas voltassem para seus devidos lugares, longe do meu rosto, ou que eu conseguisse me convencer de que não era aquela garota insegura e infantil, o que durava poucos minutos.

Aterrissamos sob uma forte chuva, e eu estava tão incomodada que me sentia sufocar. Eu necessitava desesperadamente de estar com ele, de confrontá-lo, de ouvir da sua própria boca que seria assim mesmo e que eu precisava me conformar com meu lugar em sua vida.

– Vamos deixar Johnny em casa primeiro – meu pai avisou me olhando com desconfiança. Desviei o olhar e encarei a rua molhada.

– Para mim está ótimo – meu amigo disse. – Ainda é cedo – e piscou como se já tivesse compromisso para aquela noite.

Suspirei.

Eu não era o compromisso de ninguém. Mesmo sendo uma data especial.

Segui ouvindo meu pai e meu amigo conversarem sobre as oportunidades, minha mãe e Miranda sobre o vestido que viram em uma nova coleção, enquanto dentro de mim o turbilhão continuava. Senti falta de ar,

mas preferi ficar quieta. Meu pai já estava muito desconfiado.

Após quase uma hora estávamos em casa. Miranda estava com cara de poucos amigos, pois havia perdido um tempo precioso ao lado do seu namorado. Minha mãe estava tão cansada que rapidamente foi se deitar e meu pai ficou meio agitado com o estado dela, depois a acompanhou sem questionar.

Eu sentei em minha cama e fiquei sem ação por algum tempo. Meus pés doíam e o corpo parecia mais cansado do que deveria, em compensação a mente estava desperta e não me deixava em paz.

Passei longos minutos me perguntando o que Alex estava fazendo naquele momento, onde ele poderia estar e com quem. Diversas imagens desfilavam a minha frente fazendo-me ficar enjoada. Respirei com dificuldade.

Então era assim que funcionava um coração despedaçado? Aquela sensação de angústia, impotência, raiva e muitos outros sentimentos misturados, não me permitia pensar direito. Eu precisava ter certeza. Ver como os meus próprios olhos. Quem sabe assim me convenceria de que era isso mesmo.

Levantei sem saber ao certo o que faria, fui até a porta e, com exceção da luz no quarto de Miranda, a casa estava em silêncio e no escuro. Saí cautelosamente descendo para a sala. A chuva estava mais grossa. Olhei para as escadas, me certificando de que ninguém me observava.

Meio insegura fui até a porta e quando dei por mim estava no elevador. O que faria ao chegar na casa dele, eu não fazia a menor ideia, só tinha a certeza de que precisava ir e foi o que fiz.

Precisava de um plano. Não poderia simplesmente sair. Não poderia pegar o carro, pois chamaria a atenção do Vítor que, com certeza, me delataria para meu pai.

Então como faria? O elevador parou abrindo suas portas revelando um saguão vazio. Dei os primeiros passos insegura e quase voltei quando Vítor apareceu me encarando surpreso. Respirei fundo e caminhei em direção à saída.

– Srta. Charlotte? – ele disse ainda sem entender a minha presença. – Quer que eu peça para tirarem o seu carro?

Eu não podia. Demoraria muito. Tempo suficiente para ele alertar o meu pai.

– Não. Johnny está me aguardando no final da rua – ele estreitou os olhos me avaliando.

– Mas está chovendo!

– Pois é. Ele não quer que meu pai saiba que perdeu as chaves de casa – dei de ombros. – Vou levar as chaves reserva, fazer uma cópia em um chaveiro 24 horas e voltar – tentei parecer o mais normal possível.

– Mas está tarde – ele disse ainda me observando com atenção.

– Se eu sair agora consigo chegar o mais rápido possível. E ele, com certeza, deve estar entrando aqui na rua. Vejo você na volta – arrisquei todas as minhas chances e saí para a chuva sem aguardar por mais protestos.

Corri sentindo minha roupa ensopar rapidamente.

Por sorte, assim que cheguei a rua principal, encontrei um táxi. Dei sinal e entrei sem esperar por nada, passando o endereço para o motorista que me olhava com curiosidade. Preferi alertar o meu amigo sobre a minha fuga.

– O que houve? – ele atendeu alarmado.

– Preciso de sua ajuda – ouvi Johnny puxar o ar.

– Outra vez? Com o padrinho em casa? Não acha que está arriscando demais por uma pessoa que nem quer estar com você? – essa doeu. Precisei fechar os olhos e respirar profundamente para não chorar.

– Eu estou em um táxi.

– O que? – sua voz alta me assustou um pouco. – Ficou maluca, Charlotte?

– Johnny, eu preciso ir até lá – mantive a voz baixa.

– Puta que pariu!

– Eu disse ao Vítor que você perdeu a chave de casa e eu estava levando a reserva.

– Merda, Charlotte!

– Só estou pedindo que confirme, caso meu pai descubra – ele hesitou.

– Vou ficar acordado até você me ligar. Vá, quebre a cara e me ligue para que eu possa te buscar.

– Não vai ser necessário...

– Ligue para me dizer que chegou em casa. Pelo menos isso – ele estava furioso, mas estava me ajudando, então não contestei.

– Tá. Eu ligo para você. Obrigada!

– E não me envolva em mais nenhuma merda.

– Ok! – ele ficou em silêncio por um tempo. Uma lágrima rolou em meu rosto, que eu tratei de limpar imediatamente.

– Tome cuidado. Qualquer coisa me ligue que eu vou lá e acerto uns socos naquele professor escroto – ri sem vontade.

– Combinado. Amo você!

– Eu também, Charlotte! Vou ficar acordado. Tchau!

– Tchau.

Passar pelo porteiro foi um pouco mais complicado.

Primeiro eu estava molhada, segundo, estava sem documentos e não queria que ele alertasse Alex da minha presença. Precisei de toda a minha lábia para conseguir convencê-lo. Dei a placa do meu carro, apesar de estar sem ele. Tentei fazê-lo lembrar de mim, de todas as vezes que estive lá e assim acabei conseguindo minha liberação.

– Mas eu tenho que avisar que aquela outra moça está aí – ele disse ainda inseguro sobre a sua decisão.

Meu sangue gelou. Quase congelei no lugar ou desisti de seguir em frente. – Ela chegou ainda cedo e o encontrou quando ele entrou no condomínio – me deu um olhar de soslaio.

– Tudo bem. Eu não vou demorar – minha voz soou fraca e meu corpo tremia de frio e de medo do que eu encontraria.

– Sei não, moça – ele repetiu pela milésima vez. – O Sr. Frankli pode não gostar.

– Eu prometo que assumo toda a responsabilidade.

O professor Frankli está aguardando pelo meu material e o meu prazo termina hoje. Se eu não encontrá-lo vou acabar tendo o meu projeto cancelado – ele se mexeu olhando para os lados.

– Tudo bem, vou dizer que te liberei porque a senhorita estava na lista de visitas permitidas.

– Ótimo! Vai dar tudo certo – sorri me sentindo destroçada por dentro.

Não corri na chuva. Eu caminhei sentindo o medo se infiltrar em cada célula do meu corpo. O que eu estava fazendo ali? O que queria provar? Alex com certeza ficaria aborrecido e acabaria colocando um ponto final na nossa história. Que droga! E eu por um acaso queria continuar naquela merda de jogo? Eu daria continuidade mesmo sabendo que ele preferiu passar a noite do seu aniversário com outra pessoa?

Merda!

Senti minhas lágrimas escorrerem se misturando com a chuva. Pelo menos assim eu teria mais dignidade.

No entanto eu me sentia destruída. Nada que todo mundo não tenha tentado me alertar, inclusive o próprio Alex.

Mesmo assim, ainda era melhor por um ponto final do que terminar sem saber como poderia ser. E movida por este pensamento me deixei guiar até a frente da casa dele. A luz da sala estava acesa, mas não me atrevi a entrar, a tocar a campainha. Fiquei do lado de fora, na chuva, o coração aos pulos e os olhos presos naquela porta.

Não sei quanto tempo depois ela abriu. Eu estava do outro lado, escondida embaixo de uma árvore que cobria a luz do poste que iluminava à frente da casa. Vi quando Alex deu passagem para um corpo delicado e feminino.

Um guarda-chuva grande se abriu. Ela se deteve na porta, o objeto impedindo-me de ver o que acontecia,

depois de uma risada ela se afastou.

Ele ainda a observou caminhar para a chuva, chegar ao portão e virar em direção à guarita. Quando ela virou eu pude constatar quem era e naquele momento eu me senti ainda mais derrotada. Usando um sobretudo escuro, Tiffany exibia um sorriso largo tentando se proteger da chuva forte. Pensei que não suportaria.

Voltei a olhar a porta. Alex ainda a olhava partir, logo se voltou entrando e fechando a porta. Pisquei diversas vezes sentindo as lágrimas se avolumarem, então ele abriu a porta de novo e olhou diretamente para mim.

Fiquei parada, sem saber se ele realmente estava me vendo ou se procurava por alguma coisa. Senti vontade de sumir.

– Charlotte? – ele falou alto dando um passo para a chuva.

Merda!

O que eu poderia fazer? Sair correndo? Xingá-lo?

Dizer que tinha visto tudo e que ele era um canalha? Não.

Eu não poderia jamais fazer aquilo. Por isso dei um passo à frente permitindo que a luz fraca me revelasse.

Alex Tiffany ficou mais tempo do que eu esperava. Para não ser descortês, abri um vinho e ficamos diante da lareira elétrica evitando o frio da noite. Não me atrevi a trocar de roupas, tive medo do que ela poderia fazer, então comecei uma conversa casual mantendo a maior distância possível.

– Você está diferente – ela disse com os olhos fixos em mim.

– Estou mais velho – sorri tentando formular alguma coisa. – E mais cansado.

– Não é apenas isso, Alex – ela se aproximou deixando-me em alerta. – Eu não sei dizer ao certo, é como se você estivesse sempre tenso, disperso e ao mesmo tempo como se existisse um brilho diferente, algo que eu não saberia explicar, mas que está presente – encarei Tiffany pensando no que ela me dizia. – O que tem feito, além de trabalhar, é lógico – ela levantou olhando para fora, observando a chuva.

– Surfado – ela voltou a me olhar e sorriu amplamente.

– Nada de novas namoradas? – e eu sabia que era aquela a pergunta que nos colocaria no ponto crítico.

– Sem novas namoradas – respondi com cautela e vi quando Tiffany assimilou a minha resposta. Ela bebeu um gole do vinho e umedeceu os lábios.

– Alguém especial? – levantei também sentindo o clima ficar tenso.

– Tiffany...

- Por que não me conta? Acha que eu me partiria se soubesse que você está se divertindo com alguém?
- A forma como você fala faz tudo parecer sujo – fiquei incomodado, pois pensei imediatamente em Charlotte. Eu não me divertia com ela. Eu a amava.
- Desculpe, não foi o que quis fazer parecer. Apenas falei o que é óbvio: Alex Frankli não se apega a ninguém.
- Isso não é verdade – mais uma vez ela ficou tensa e me encarou tentando descobrir o que havia de diferente de mim.
- Então existe mesmo alguém?
- Não acho que seja uma boa ideia falarmos da minha vida pessoal – coloquei minha taça sobre a mesa como se estivesse encerrando o assunto.
- Alguém que o impediria de ganhar um presente de aniversário especial? Que esteja roubando a sua energia sexual a ponto de fazê-lo recusar uma oferta?

Ela se aproximou sedutoramente, abrindo o sobretudo e revelando o que vestia por baixo. Uma calcinha preta minúscula e um sutiã que deixava seus seios mais volumosos. Tiffany era linda e seu corpo era perfeito. Em qualquer outro momento da minha vida eu dispensaria uma oferta tão generosa, no entanto, naquele momento, meus pensamentos, todos, se dirigiram a Charlotte, e no quanto eu queria que fosse ela ali.

- Uma oferta? – dei um passo para trás mantendo minhas mãos firmes nela. Tiffany sorriu forçando a aproximação dos nossos corpos.
- Nossas noites eram incríveis – desceu os olhos até meus lábios demonstrando o seu desejo. – Não sente saudades?
- Tiffany... – tentei me afastar outra vez, mas ela me impediu.
- Não estou te pedindo em casamento, Alex. É só uma noite, por diversão – tentou alcançar minha boca, desviei a tempo e ela beijou meu rosto.
- Não acho que seja uma boa ideia – peguei seu braço retirando-o do meu pescoço. – Vamos manter as coisas como estão.
- Por quê? Por que existe mesmo alguém ou por que você não sabe o que fazer comigo no dia seguinte?
- Pelos dois motivos – encarei minha ex-amante tentando descobrir como ela encararia a minha resposta, Tiffany apenas sorriu e abaixou os olhos.
- Então ainda há esperança – disse me distraíndo com a sua tentativa de me beijar, mas descendo a mão pelo meu peitoral, por cima da camisa, até alcançar meu pau. Arfei! Ela o acariciou com delicadeza, mas eu não reagi. Não fiquei excitado nem nada do tipo. Então segurei sua mão impedindo-a de continuar.
- E eu sei o meu papel em sua vida, Alex. Somos adultos, responsáveis... Não precisa ter medo do dia

seguinte.

– Digamos que a primeira opção pese mais do que a segunda – mais uma vez tive medo de como ela reagiria e novamente Tiffany apenas sorriu.

– Como eu disse: ainda há esperança – ela se afastou e colocou a taça ao lado da minha. – Como você não quer festejar – pegou a pequena bolsa que estava sobre o sofá e fechou o sobretudo. – Eu vou embora.

Amanhã nos encontramos, não?

– Com certeza – tentei sorrir, mas estava tenso demais com a ideia de tê-la me perseguindo durante todo o feriado e como Charlotte reagiria a sua presença. – Obrigado por ter vindo.

– Eu não poderia deixar passar em branco – fomos até a porta e eu a abri desejando que ela não demorasse mais nem um minuto. – Foi uma ótima noite – ela se virou e beijou meu rosto, bem no cantinho próximo a boca.

– Vejo você amanhã.

Tiffany saiu protegida pelo seu guarda-chuva. Ainda a observei partir, ansioso para entrar e acabar com aquele dia. Assim que ela desceu as escadas, corri os olhos pela rua vendo o quanto estava escura. Uma sensação estranha me invadiu. Por um breve segundo eu a vi, como meu cérebro já havia enviado a mensagem para fechar a porta, foi o que eu fiz enquanto processava a imagem.

Segundos depois abri a porta de novo encarando aquele vulto escuro embaixo da árvore. Era ela.

– Charlotte? – meu coração acelerou com a possibilidade.

No momento eu não pensei em Tiffany nem em nada ligado ao mundo exterior. Eu apenas encarava aquela sombra, sentindo o meu corpo formigar. Quando dei por mim já estava na chuva fria, andando em sua direção. Ela ficou imóvel no primeiro instante, fazendo-me acreditar que eu estava imaginando coisas, mas logo em seguida deu um passo e se permitiu ser revelada.

– Charlotte! – andei mais rápido em sua direção.

Paralisei assim que a vi completamente molhada, me encarando com frieza. – O que faz aqui? – eu tentava não me concentrar na sua expressão e buscava o que quer que fosse para quebrar o gelo do seu olhar.

– Eu... – ela hesitou, para em seguida tomar coragem. – Miranda me contou que era o seu aniversário – me avaliou enquanto a chuva nos ensopava ainda mais. – Eu só queria lhe dar os parabéns. Hoje. Não amanhã...

porque vamos nos ver amanhã, certo? Eu queria que fosse hoje, já que é a data do seu aniversário.

Charlotte estava confusa demais e acabou me deixando da mesma forma. Observei enquanto ela se perdia nas palavras e justificava a sua presença como se fosse algo de errado.

– Então... Parabéns! – e me encarou. A chuva molhava seu rosto delicado, pingando pesadamente dos seus cabelos. – É isso. Eu... – olhou em direção à rua e colocou as mãos nos bolsos.

– Charlotte! – suspirei sentindo a paz que a sua presença me fazia sentir e a tomei nos braços.

Quando a senti colada a mim tive medo de estar imaginando coisas e que ela fosse desaparecer. Mas Charlotte não reagiu, ela se deixou ser abraçada sem retribuir o abraço. Pensei ter sentido um soluço, um movimentar abafado do seu peito.

– Senti a sua falta – revelei sem conseguir deixá-la.

– Eu preciso ir, Alex. Saí escondido, meu pai com certeza vai perceber a minha ausência, preciso voltar.

– Você fugiu só para me ver? – me afastei buscando pelos seus olhos.

Sorri deliciado com a atitude dela. Durante dias Charlotte fugiu de mim, inventando um monte de desculpas, mas ela estava ali, enfrentando a chuva, o pai, tudo, apenas para estar comigo no meu aniversário.

– É o seu aniversário. Achei que era importante vir até aqui e...

Ela se afastou ligeiramente. Meu coração acelerou ao notar o seu tom e a mágoa em sua voz. Merda! Tiffany.

Charlotte tinha visto Tiffany sair da minha casa. Que idiota eu era.

– Desejar feliz aniversário.

– Vamos entrar – falei mais cauteloso. Eu sabia que ela explodiria a qualquer momento.

– Não! – ela se afastou ainda mais. – Eu tenho que voltar – e continuou se afastando.

– Espere, Charlotte! – segurei em seu braço forçando-a a ficar. – Está chovendo muito e você está encharcada – ela olhou para o corpo como se só naquele segundo tivesse percebido o quanto estava molhada. – Vamos entrar e conversar.

– Não, eu vou para casa – disse aumentando a voz.

– Charlotte, não aconteceu nada – falei logo de uma vez demonstrando entender a sua dor. – Tiffany apareceu quando eu chegava da casa dos meus pais, estava chovendo e por educação a convidei para entrar enquanto aguardava a chuva passar. Não aconteceu nada – ela ainda me encarava com mágoa.

– Você não me deve satisfações. Eu só vim...

– Eu sei o motivo da sua vinda. Já me disse isso diversas vezes – afirmei impaciente. – E não quero ter esta conversa aqui na chuva – ela piscou deixando que a chuva escorresse livremente pelo seu rosto, ou eram lágrimas? Puta que pariu!

– Vejo você amanhã – tentou se soltar, eu não deixei.

– Não vou permitir que vá desta forma. Não enquanto não me ouvir – ela parou e aguardou. Vamos entrar.

– Não quero entrar, mas podemos conversar fora desta chuva.

Ela se soltou, passou pelo portão que estava aberto, parando próximo à garagem, onde uma soleira nos protegeria da chuva. Abraçou o próprio corpo, tremendo e me encarou.

– Eu sei que você viu Tiffany sair daqui de casa, mas eu juro que não é nada do que está imaginando.

– Eu não estou imaginando nada – falou irritada tremendo um pouco mais.

– Merda, Charlotte! Você vai ficar doente, por que não entra? Eu posso colocar sua roupa para secar enquanto você se aquece.

– É só você me deixar ir embora. Em minha casa poderei me cuidar melhor.

– É isso o que quer fazer? Quer ir embora aborrecida comigo? Vai ser infantil a este ponto?

– Adeus, Alex! – rebateu com um rosnado e tentou passar novamente. Eu não seria idiota para deixá-la ir, então a puxei para mim e a abracei com força.

– Não aconteceu nada. Por que você é tão cabeça dura? – ela escondeu o rosto em meu peito impedindo-me de alcançar seus lábios. – Charlotte, não faça isso – implorei me sentindo um imbecil. Um boneco nas mãos dela.

– Por que não me contou que era seu aniversário? – ela levantou o rosto me encarando. Observei-a indeciso sobre o que responder. Por que eu não contei? Porque era um cretino, idiota e orgulhoso.

– Não sei. Você disse que tinha compromisso – revelei preocupado, escolhendo cautelosamente as palavras. – Não quis fazê-la mudar de ideia. Também não tem nada demais em fazer aniversário, não é uma coisa que eu faça questão de contar.

– Mas sua autora preferida sabia? – sua voz continha tanta mágoa e acusação que eu senti medo.

– Tiffany convive comigo há tempo suficiente para saber. Olha, eu sei o que você está pensando, mas não foi nada disso. Eu jantei com os meus pais, Lana pediu para te convidar, mas você me disse que tinha compromisso então deixei pra lá, não era nada importante, eu te contaria amanhã, ou você acabaria descobrindo mesmo – passei a mão nos cabelos tirando o excesso de água. – Vim para casa decidido a dormir cedo já que amanhã tenho que pegar a estrada, aí Tiffany apareceu e o resto eu já falei.

Nós ficamos conversando enquanto aguardávamos a chuva passar.

– E tomaram vinho – ela acusou. Que droga! Claro que ela sentiria em meu hálito.

– Tomamos algumas taças – admiti.

– E as marcas de batom em seu rosto – e pela sua voz eu percebi que existiam mesmo lágrimas e não apenas chuva em seu rosto.

– Charlotte... – suspirei sem conseguir encontrar uma justificativa que a fizesse entender. – Tiffany tentou, mas eu não permiti – ela mordeu o lábio inferior e se abraçou um pouco mais. – Não aconteceu nada, Charlotte!

– Olha, Alex... – ela puxou o ar com força. – Nós não temos nada além do nosso acordo.

– Não é bem assim...

– O fato de eu ter revelado que me apaixonei não significa que temos que mudar alguma coisa – merda! O que ela estava dizendo?

– Não vai mudar – corroborei o que ela dizia. – Só que as coisas não são como você está falando.

– Eu realmente preciso ir – ela me interrompeu.

– Não vá embora – pedi engolindo todo o meu orgulho. – Droga, Charlotte, eu senti tanto a sua falta! – me arrisquei a acariciar seus braços. Vi quando ela fechou os olhos e engoliu com dificuldade. – Acredite em mim! – ela abriu os olhos e me olhou com mágoa. Tentei beijá-la, ela desviou o rosto. – Não posso mais te beijar? – acariciei seus cabelos sentindo a amargura daquelas palavras.

– Não enquanto estiver com os lábios dela estampados em seu rosto.

Acusou com a voz rouca de quem tentava prender o choro, falhando totalmente. Passei a mão pelo meu rosto para limpar as marcas do batom. Minha vontade era matar Tiffany.

– Você me beijaria se soubesse que eu tinha acabado de beijar alguém? – ela disparou. – O Henrique, por exemplo. Se eu o beijasse, você me beijaria em seguida?

– senti a raiva que aquelas palavras me causavam.

– Não – revelei engolindo em seco. – Só tem um detalhe: eu não beijei a Tiffany – fui firme e ela manteve os olhos nos meus captando a verdade das minhas palavras.

– O nosso acordo era: você não arranja ninguém e eu não arranjo ninguém. Se você quebra a regra eu também quebro.

– Porra, Charlotte! Eu não beijei a Tiffany – e a raiva estava contida em minhas palavras. Ela empinou o queixo me encarando com mais firmeza. A ameaça muito nítida. – E não quero que você beije o Henrique ou qualquer outro garoto.

– Ótimo! – disse rispidamente. – Porque é o que vou fazer da próxima vez que eu vir qualquer outra mulher sair da sua casa, independentemente de qual seja a desculpa que você inventará.

– Eu não... – fechei os olhos controlando a raiva. – Tudo bem – soltei o ar com força. – Tudo bem, Charlotte – e eu me sentia um babaca filho da mãe, dominado por aquela fedelha que me amarrava deixando-me sem reação.

– Vejo você amanhã – tratei de limpar mais uma vez o meu rosto enquanto ela passava por mim, e

consegui segurá-la.

– Não sem me dar meu beijo de aniversário – e a beijei sem esperar pela sua autorização.

Charlotte tentou me deter, mas meus lábios já estavam nos dela, forçando passagem com a língua e com isso todo o seu corpo amoleceu. Ela podia ser a dona dos meus pensamentos, mas eu era o dono do seu corpo e sabia a forma certa de domar aquela diabinha, quebrando um pouco da sua pose.

Nossos lábios se movimentaram em um beijo apaixonado, cheio de saudade e desejo. Seus dedos se fecharam em meus cabelos molhados, e uma mão segurou com força em minha camisa, puxando-me para mais perto.

Fiquei excitado na mesma hora.

Imprensei minha aluna na parede, colando meu corpo ao dela e minhas mãos rapidamente exploravam suas curvas. Ela gemeu em meus lábios, mas desfez o beijo.

– Passe a noite aqui comigo – sussurrei minha súplica. – Fique!

– Não – ela disse com a voz fraca, a respiração pesada.

– Por que não pode ou por que não quer? – me forcei a me afastar, caso contrário seria impossível se continuássemos por mais um minuto colados daquele jeito.

Ela me encarou ainda com ressentimento.

– Pelos dois motivos – revelou me respondendo como fiz com Tiffany um pouco antes, e eu me perguntei se ela fazia aquilo pelo mesmo motivo que eu.

Senti meu coração acelerar, mas concordei me afastando, deixando-a livre para partir.

– E amanhã? – minha pergunta era mais uma tentativa de apaziguar o redemoinho dentro de mim do que combinar algo.

– Vamos manter o planejado.

No entanto, sua voz estava fria e sem emoção, como se a nossa primeira noite juntos fosse apenas mais uma parte do que ela pretendia para conseguir a aprovação do seu projeto. Era como um banho de água fria.

– Certo.

Ela virou e partiu na chuva e a noite se tornou mais fria do que aparentava.

Capítulo 27

“Fortes razões, fazem fortes ações.”

William Shakespeare

Alex

Estacionei o carro em minha vaga na garagem da casa principal do rancho da família. Era incrível como aquele lugar conseguia renovar minhas energias. Com a noite que tive, os medos que senti e os planos para os próximos dias, precisava realmente me renovar.

Antes de entrar parei observando a fachada da casa.

Era imensa e toda branca. Com janelas de madeira e canteiros de flores. Dandara soube mesmo fazer com que aquele se tornasse o meu lugar predileto.

Eu podia até mesmo ouvir os gritos de Lana correndo de mim e Patrício em nossa infância. Se forçasse bem a memória poderia, a qualquer momento, vislumbrar três crianças correndo e atirando coisas umas nas outras.

Fomos felizes. Éramos felizes. E ainda podíamos ter a chance de ver tudo se repetir através dos nossos filhos, já que a casa continuava a mesma e todos estavam arrumando seus devidos parceiros.

Será?

Tal pensamento me fez imaginar em como seria ser pai. A primeira imagem que veio à minha mente foi de uma menininha magra, cabelos compridos, castanhos. Ela poderia ter os meus olhos, mas a pele teria que ser como a da mãe, cheia de sardas e bem branquinha. Só então me dei conta de que aquela criança que eu idealizava e já conseguia sentir a emoção de tê-la, era ou seria minha filha e o mais importante de tudo: seria filha de Charlotte também. Ri sozinho.

Lembrei-me do rosto de Charlotte na noite passada, no entanto me forcei a acreditar que aquela situação já estava superada. Ela podia estar com um pé atrás, mas dissera que continuaríamos com o planejado. Mesmo sabendo que ela também estava apaixonada, minha aluna fazia parecer que queria apenas perder a virgindade e pronto. Como se não significasse nada.

Mas eu a amava e iria até o fim por ela. A convenceria de que não precisava temer nem duvidar.

Faria com que Charlotte entendesse que só havia ela e mais ninguém e não importava se Anita ou Tiffany, ou qualquer outra pessoa, estava interessada, eu não estava e isso deveria ser o suficiente.

– É, Alex, você arrumou um problema!

– Falando sozinho? – acabei me assustando com a presença da minha irmã.

– Não sabia que você estava aqui – ela pulou em meus braços como se estivesse há anos sem me ver.

– Eu não estava. Ouvi o barulho do seu carro e vim te receber.

– Todo mundo já chegou?

– Por um acaso Charlotte Middleton já chegou – ela riu. – Está cercada pelo pai, a mãe, o cão de guarda e a amiga.

– E você deixou sua mais nova amiga para me receber exatamente por qual motivo? – eu conhecia minha irmã o suficiente para saber que ela deveria ter um motivo especial para me encontrar antes dos outros.

– Bom... Tiffany chegou...

– Ela assinou o contrato. Não tenho com o que me preocupar – abri o porta-malas e retirei minha bagagem, lembrando do problema que Tiffany havia me causado na noite anterior.

– Sim. Graças a Deus! Tem mais uma novidade – olhei desconfiado para Lana. – Ela trouxe a prima, mais precisamente, Anita, sua colega de trabalho que nutre uma obsessão por você – suspirei pesadamente e não consegui impedir a minha cara de desagrado.

– Sério? Pensei que meu feriado seria incrível.

– E vai ser. Vou te ajudar de todas as formas possíveis. Você e Charlotte vão ter esta primeira vez ou eu não me chamo Lana Frankli.

Era embaraçoso precisar da minha irmã mais nova para conseguir transar com a minha namorada, porém devido às circunstâncias, toda a ajuda seria bem-vinda.

– Anita não pode nem sonhar, Lana. Tiffany é um problema resolvido, por outro lado Anita não é uma boa pessoa e tenho certeza que se ela descobrir o que está acontecendo entre Charlotte e eu, vai arranjar um jeito de nos prejudicar.

– Eu sei. Deixe comigo.

– Tá! – joguei a sacola de viagem nas costas e abracei minha irmã pelos ombros. – Obrigado, bruxinha!

– O que eu não faço por você? – ela me abraçou também e depois olhou para o céu que prometia mais chuva.

– Ah! Posso te pedir mais um favor?

– Só se eu puder cobrar depois.

– Combinado.

– Manda.

Passei para a minha irmã todas as instruções sobre meus planos de passar uma noite com Charlotte na

cabana da floresta. Lana era o tipo de pessoa que ficava mais do que animada em preparar surpresas deste tipo, eu sabia que poderia contar com ela para que tudo fosse perfeito como Charlotte merecia.

Nós teríamos a nossa noite, nem que para isso eu tivesse que amarrar e trancar na sauna, Tiffany, Anita, Peter ou qualquer outra pessoa que tentasse nos impedir.

Charlotte Lana saiu correndo da sala. Ela parecia estranhamente ansiosa, olhando pela janela sem parar e sorrindo quando era solicitada em alguma conversa, no entanto era perceptível que não prestava atenção ao que falavam.

– Parece que teremos uma tempestade hoje. Vamos ligar o rádio e ouvir as últimas notícias – o Dr. Frankli falou para o meu pai que concordou e o acompanhou.

Graças a Deus, meu pai não estava muito focado em mim. Ele se sentia feliz por poder passar um tempo de qualidade com um amigo tão querido. Minha mãe estava conhecendo a casa com Dandara, que fez questão de apresentar cada pedacinho da propriedade. João e Patrício conversavam com Johnny sobre pescaria e pareciam bem entrosados. Se não fosse pela mão de Miranda o tempo inteiro na de Patrício e pelo olhar apaixonado que eles trocavam eu podia até dizer que ninguém separaria aqueles três.

Tudo estava em sua mais perfeita ordem, a não ser pela presença das duas mulheres que insistiam em conversar comigo. A Professora Anita, a mesma que teve o despautério de aparecer na casa de Alex se oferecendo, e Tiffany, a sua escritora favorita, a mesma que ameaçou quebrar o contrato caso ele não aceitasse voltar para sua cama e que havia passado um bom tempo em sua casa na noite anterior, deixando marcas de batom no rosto do homem que deveria ser meu e apenas meu.

Merda! E eu ainda tinha que sorrir e fingir ser educada com as duas.

Onde estava Alex? Será que desistiu?

– Por que não vamos lá fora? Na área da piscina temos mesas grandes. Podemos jogar, beber e conversar – João Pedro falou mais alto incluindo no convite todos que estavam na sala. Vi quando Lana se adiantou e correu para fora da casa.

Estranho!

– Claro! Vai ser interessante conversar com as crianças – Anita concordou sorrindo inocentemente, deixando claro que para ela, Johnny, Miranda e eu não passávamos de crianças.

Que idiota!

Minha vontade era dizer em alto e bom som que a criança aqui passaria a noite nos braços do homem que ela tanto desejava.

Apesar da minha irritação não daria esse gostinho a aquela... Melhor deixar para lá. Anita era uma mal-amada.

Ela queria Alex e ele me queria. Abri o maior sorriso com este pensamento. Tenho certeza que ela entendeu errado o motivo, mas quem estava preocupada em explicar?

– Está frio lá fora – Miranda protestou. Estava mesmo. E com a promessa de muita chuva – Não podemos ficar aqui?

– Podemos fazer o que você quiser, linda! – Patrício agarrou minha amiga pela cintura, puxando-a para um beijo. Meu pai pigarreou logo atrás deles.

Foi engraçado ver aquele homem imenso, quase um urso, se encolher envergonhado com a presença do meu pai. Eles se afastaram rapidamente fingindo naturalidade.

Era tão ridículo aquele cuidado todo apenas porque meu pai pertencia ao século XVIII.

– Estamos pensando em acender a lareira. Logo estará bem mais frio. Essa noite promete! – o Dr. Frankli quebrou o silêncio e sua última frase fez com que muitas mentes flutuassem. Pelo menos eu vi a troca de olhares entre Patrício e Miranda.

– Ele chegou! – Lana abriu a porta puxando Alex pela mão como se fosse uma criança pequena.

Alex entrou daquele seu jeito único. Com uma sacola de viagem jogada sobre os ombros, vestindo calça jeans clara, tênis e um casaco de frio. Completando o visual havia um boné azul de um time de beisebol.

Perfeito como sempre!

Posso dizer com toda a certeza que meu corpo quase incendiou quando nossos olhos se encontraram. Ele lançou um sorriso torto, preguiçoso, daqueles que me fazia parar de respirar. Seus olhos estavam cheios de promessas.

Rapidamente desviei o meu olhar. Não deveria ficar tão rendida depois do que ele havia feito na noite anterior.

Eu ainda estava magoada.

– Alex! – Tiffany passou por mim como um furacão puxando Anita com ela. – Olha só quem eu trouxe comigo!

– ela estava muito feliz por entregar de bandeja para a prima, o homem que tanto queria.

– Anita, que surpresa! – Alex se inclinou para beijar o rosto das duas mulheres. – Parece que teremos uma tempestade – deu um passo em direção ao irmão e ao cunhado.

– Sim, noite fria, com lareira... – João exibia um sorriso descarado no rosto. Alex apenas riu apertando a mão de todos, inclusive de Johnny.

– Charlotte, Miranda – me cumprimentou como se não fôssemos próximos.

– Oi, Alex! – Miranda foi fria e distante.

Não consegui falar nada. Detestava ser obrigada a fingir que não tínhamos intimidade. Detestava ser tão fria depois da noite anterior, quando ele me pediu para ficar e eu me forcei a ir embora, por raiva, pirraça e decepção.

Eu ainda podia sentir a tristeza por ter visto Tiffany saindo da casa dele.

Alex se aproximou com cautela, analisando minha reação. Fiquei visivelmente agitada. Ele acabava comigo apenas com um olhar.

– Trouxe o notebook, Charlotte? – meu professor parou diante de mim. Seus olhos incrivelmente azuis me aqueceram.

– Sim, professor! – sorri timidamente, tentando quebrar o gelo entre nós dois. Ele tinha uma expressão divertida no rosto.

– Ótimo! Vamos passar algum tempo analisando o último capítulo. Quero trabalhar bastante nele durante o tempo que passaremos aqui. Lana gostou muito. Quando voltarmos, poderemos cuidar do processo de contratação – oh, céus! Ele estava mesmo falando sobre nossos planos na frente de todos?

– Por mim tudo bem! – senti que meu rosto estava tão vermelho que tive medo das pessoas desconfiarem.

– Eu adoraria ler este livro – Tiffany apareceu ao lado dele e segurou em seu braço com muita intimidade. – Alex não fala noutra coisa. Lana também. Sou ótima em leitura crítica, o que acham de me deixar ajudar?

– Alex! – Dandara entrou na sala, junto com minha mãe tratando de abraçar o filho. – Você demorou? – colocou a mão na barriga dele e fez uma careta. – Você está magro demais. Ontem mesmo eu disse a Lana que essa ideia de morar sozinho não lhe faria bem. Graças a Deus, Patrício não inventou de sair de casa ainda – Alex olhava para a mãe com carinho e ao mesmo tempo envergonhado por ela tratá-lo como uma criança.

– Não estou magro, mãe!

– Concordo. Ele não está magro, Dana. Está gostoso – João Pedro fez voz de gay, abraçou a sogra e beijou o seu rosto. Ela riu com a brincadeira do genro.

– Vou colocar as minhas coisas no quarto. Meu quarto continua sendo só meu, não é? – ele me lançou um olhar rápido, quase imperceptível, que fez com que todos meus neurônios quisessem derreter. Puxei o ar com força e Miranda me lançou um olhar de alerta.

– Claro! – Dandara franziu o cenho. – A não ser que queira companhia – Vi o enorme sorriso de Anita e Tiffany.

– Sozinho, mãe! Preciso trabalhar – ele pegou a sacola de viagem e subiu as escadas que davam acesso aos quartos sem olhar para trás.

– Você trabalha demais. Desça para conversar com os convidados. Não me envergonhe, Alex.

– Ok, dona Dandara! – sorriu de maneira perfeita e sumiu de vista.

Eu queria muito poder segui-lo, conversar sobre as nossas diferenças, esquecê-las e me atirar em sua cama.

Depois me dei conta de que mais duas pessoas naquele ambiente tinham o mesmo desejo.

Lana ficou ao meu lado, como se quisesse me defender a qualquer custo. Sorri pensando em como nos tornamos amigas em tão pouco tempo. Tudo por causa de Alex e do trabalho que ele vinha fazendo com meu livro.

Principalmente pela chance que ele me oferecia. Se no final tudo desse errado, muitas coisas boas permaneceriam comigo. Lana era uma delas.

– Vamos ou não passar um tempo ao ar livre? – João Pedro perguntou e eu notei Anita que olhava para a escada demonstrando certa ansiedade.

– Vamos. Ficar trancado em casa, em grupo, não é muito a minha praia.

Patrício piscou para Miranda. Aqueles dois eram incríveis. Corei sentindo o meu rosto esquentar de maneira absurda, só com o sorriso que ela deu ao namorado. Naquele momento Alex surgiu na escada. Não pude deixar de olhá-lo. Ele estava incrivelmente lindo.

– Vamos beber alguma coisa, jogar conversa fora e sacanear os amigos, tá dentro? – Patrício se afastou de Miranda e do meu pai e foi ao encontro do irmão. Quase ri da sua fuga.

– Vamos. Vai ser legal sacanear os amigos – ele sorriu como nunca antes.

Havia uma energia diferente em torno do meu professor. A forma como ele falava com o irmão demonstrava um Alex que eu ainda não conhecia, mas que já gostava muito.

Lana me arrastou para fora. Ela não pedia permissão para fazer as coisas. Ela simplesmente fazia.

Anita e Tiffany estavam cercando Alex, que tentava sacanear Patrício de alguma forma e não se importava com as duas. E eu me sentia de volta ao colegial, onde o carinho gato e mais popular era disputado pelas demais mortais, líderes de torcida e nerds, que era o meu caso.

Fomos para a área da piscina. Apesar de frio era muito bom estarmos ao ar livre. Dava para fazer coisas como trocar olhares com o meu “namorado” sem chamar a atenção de todos. Eu alternava entre “estou perdidamente apaixonada” e “ainda estou magoada com você” e ele fazia carinhas lindas que derretiam ainda mais o meu coração.

João chegou alguns minutos depois com balde cheio de bebidas. Lana tratou de pegar duas garrafas, uma de cerveja e outra de vodca com limão, estendendo-as para que eu escolhesse.

– Todos vão beber? – Anita falava como se estivessemos cometendo um crime. Tive medo de olhar para ela e acabar fuzilando a coitada.

– Charlotte tem vinte e um anos. Não é nenhuma criança – me espantei com a intromissão de Alex. Não esperava. Ele tirou a garrafa de vodca da mão de Lana e a estendeu para mim. Nem sei como consegui pegar.

– Alex! Você como professor não deveria...

– Anita, estamos nos divertindo, Charlotte é adulta, madura... Não é como se estivéssemos cometendo um crime. Relaxe! – encostou-se ao meu lado, bateu sua garrafa na minha e bebeu um longo gole. – Não abuse – sussurrou.

– Alex é o típico cara que adora criar polêmica, chamar a atenção para si e assumir causas suicidas – Tiffany sorriu docilmente. Suas palavras poderiam não significar nada, mas eu percebi a ameaça nelas.

– Todos aqui são adultos – Patrick falou defendendo Miranda que também segurava uma garrafa de cerveja.

Johnny concordou dando um longo gole na dele.

– Até parece que nós só bebemos quando atingimos a maioridade.

João brincou, Alex e Patrício riram como se estivessem lembrando das suas travessuras de adolescentes.

– Eu me lembro... – João falou mais alto chamando a atenção de todos. Ele abraçou a esposa pelas costas, beijou seu pescoço e sorriu. – Que durante muitos anos eu fui o maior vencedor de esconde-esconde desta família. – Lana riu e concordou com o marido.

– Claro. Você e Lana inventavam esta brincadeira para se esconderem da gente e dar uns amassos. Enquanto Patrício, que era o único que não entendia a finalidade da brincadeira, ficava rodando pela casa à procura de vocês dois – Alex entrou na conversa, assumindo uma postura mais relaxada.

– Ei! Eu nem imaginava que esses dois estavam juntos. Você que sempre foi um idiota que deixava o João se aproveitar da nossa irmã. Não sei o que seria dela se eu não tivesse descoberto este namoro.

– Que absurdo! – Miranda o repreendeu, dando risada. – Já pensou se Johnny resolvesse agir assim comigo?

– Johnny não é seu irmão – Patrício beijou rapidamente a namorada, se divertindo com a conversa.

– Mas é como se fosse. Sou o guardião das duas – meu amigo cruzou os braços no peito. Patrício não recuou, afinal era muito mais forte, porém aceitou a condição com certo respeito.

– Graças a Deus ele não é como você – Miranda riu empurrando o namorado com o ombro.

– É. Graças a Deus! – Alex falou tão baixo que apenas eu consegui ouvir. Sorri como uma boba.

– Oh, guardião! – Anita provocou. – Então comece a levantar este muro. Sua vigília está muito limitada – foi constringedor.

Alex respirou profundamente e deu um passo para o lado se afastando de mim. Tive muita vontade de matar Anita. Qual era o problema dela? Ah, tá! Alex era o problema dela. Ou a falta dele em sua cama.

– E o que você fazia, Alex? – Tiffany, toda sorridente tentava chamar para si a atenção do meu “namorado”. – Quando tentava encobrir as escapulidas da Lana? – Alex passou a mão nos cabelos. Vi os olhos de Tiffany brilharem. Ela também gostava desse gesto nele.

Merda!

– Normalmente me trancava em algum lugar e ficava lendo um livro. Paty ficava procurando feito um maluco.

Depois de um tempo eu aparecia. Às vezes deixava ele me pegar, outras não dava este gostinho a ele.

– Paty o caralho! – Patrício esbravejou. – Alguém vai acabar se fodendo se continuar falando besteiras por aqui – Alex e João Pedro riram, mas trocaram um olhar cheio de significados. – Você sempre foi magro e veloz – Patrício completou no maior clima “amo a minha vida ao lado da minha família”.

– Ele sempre foi gostoso! – João piscou e mandou um beijo para Alex, que riu e mostrou o dedo do meio ao amigo.

– Eu sempre desconfiei que era de mim que você gostava, João – meu professor brincou.

– Completamente apaixonado! – João agarrou Lana fazendo-a soltar um gritinho.

Apesar da presença de Anita e Tiffany, o clima estava gostoso e descontraído. Todo mundo conversava e ria. Meu pai e o Dr. Frankli estavam bastante entrosados e minha mãe e Dandara pareciam amigas de infância. Alex evitava olhar em minha direção, mas muitas vezes falhava e eu precisava fingir não notar, apesar de adorar. Depois do que Anita falou era melhor não abusar muito.

– Tive uma ideia – Patrício começou. – O que acham de brincarmos agora?

– Não! Você está falando sério? – Lana pulou como uma criancinha. – Eu vou amar.

– Ninguém cresceu nesta família? – Tiffany ria já entusiasmada.

– Pelo amor de Deus! Vocês vão mesmo correr e se esconder como crianças? – Anita não estava tão empolgada. Aliás, ela era uma chata de galocha.

– Tô dentro! – Alex colocou a garrafa sobre a mesa, decidido a começar a brincadeira. – Para não perdermos o costume, Patrício começa contando.

– Não vale. Isso é injusto!

Patrício tentou protestar, mas todo mundo imediatamente saiu correndo, rindo feito crianças. Ainda tive tempo de ver o namorado da minha amiga, virar de costas e iniciar a contagem.

Ai, meu Deus! Para onde eu iria se não conhecia a casa? Miranda correu na frente e Johnny sumiu no primeiro minuto. Fiquei algum tempo parada, de frente para um corredor, sem saber o que fazer. Foi quando aquelas mãos... as mesmas que me faziam entrar em combustão espontânea, me seguraram com força pela cintura me puxando para um local entre as flores.

Não tive tempo de questionar. Alex segurou em minha mão e me puxou para outro corredor, passando por várias portas, parando na frente de uma delas.

Rapidamente me puxou para dentro. O quarto escuro era pequeno e abafado. A única iluminação era a que entrava por baixo da porta.

Não consegui nem pensar em tentar descobrir onde estávamos. Ele me imprensou contra a parede ao lado da porta, colando seu corpo ao meu. Suas mãos passeavam por minha pele e seus lábios famintos exigiam os meus.

Alex vagou suas mãos explorando-me sem o menor pudor. Puta merda! Eu fiquei completamente acesa. Era o poder dele sobre mim. Não precisava falar, nem pedir nada, bastava que me tocasse, me tomasse para si com força, desejo e paixão então eu estava totalmente entregue.

– Charlotte! – reverenciou meu nome quando liberou meus lábios. – Quanta saudade!

Meu coração disparado não conseguia encontrar o compasso adequado. Era bom demais ouvi-lo me chamando daquela forma apaixonada, principalmente depois da noite anterior, depois de eu ter pensado que meu coração seria esmagado. Era absurdamente encantador quando ele expressava seus sentimentos. Eu também estava louca de saudades.

– Alex! – reagi puxando-o para mim. – Oh, Deus!

Ele atacava meu pescoço enquanto me mostrava o quanto havia sentido a minha falta. Claro que não perderia a chance de demonstrar sua excitação, roçando descaradamente sua ereção em mim.

– Pare com isso!

Eu pedi, confesso que não muito convicta. Minhas mãos não abandonaram seu corpo e meus quadris... Bom, não se absteve de continuar rebolando de encontro à ereção do meu professor. Alex gemeu fazendo com que todo meu interior começasse a pulsar.

– Eu precisava te beijar. Estava enlouquecendo.

– Ainda estou com raiva de você – até tentei ser firme, no entanto minha voz cheia de desejo me entregou.

Ele riu baixinho.

– Não tenha – sussurrou. – Só existe você em minha vida.

Porra! Por que ele dizia aquelas palavras justamente quando meu corpo não queria outra coisa que não fosse o meu professor. Eu fiquei mole imediatamente.

– Você não presta, Alex! Fala assim porque sabe que com isso consegue me enganar – ele roçou a ponta do nariz até a minha orelha, onde depositou um beijo delicioso.

– Eu falo porque é a mais pura verdade – sussurrou passando uma mão por dentro da minha camisa. Oh, droga! – Sinto a sua falta – revelou voltando para os meus lábios, beijando-me com doçura e paixão.

– Como pode sentir minha falta se esteve comigo ontem? – e a imagem de Tiffany saindo da sua casa preencheu minha mente fazendo tudo girar.

– Não da forma como eu queria.

– Porque você preferiu ser um idiota – ele riu baixinho e fez a minha pele se arrepiar.

Então Alex se afastou. Quase protestei. Quase. Era arriscado demais continuarmos.

– Anita e Tiffany estão me deixando louca!

Continuei me afastando ainda mais. Começava a aceitar que ficar com ele em um espaço tão reduzido e escuro era muito mais perigoso do que ser surpreendida pelas outras pessoas.

– Elas só estão tentando chamar a minha atenção.

Alex me cercou com seus braços me puxando de volta. Senti meu sangue ferver. Uma sensação estranha que esquentava e pinicava, começou a se instalar em meu ventre.

– E você está adorando – dei um tapa em seu ombro insinuando que me livraria de seus braços. Alex riu e me puxou para um beijo delicioso.

– Estou adorando contar os segundos para ter você só para mim.

Era o que me bastava para sentir cada célula do meu corpo queimar. Naquele dia eu seria dele. Da maneira mais completa e prazerosa possível. Pelo menos era o que eu esperava.

– Como faremos? – não havia mais nenhuma resistência da minha parte. Eu estava completamente entregue.

– Lana vai nos ajudar, agora fique caladinha porque assim ganharemos mais tempo escondidos – e ele me beijou da maneira Alex Frankli.

Foi quando a porta se abriu e a claridade preencheu o ambiente. Não sei como, nem de que forma, rapidamente eu estava sentada em uma ponta do banco de concreto enquanto Alex estava paralisado na outra. Não olhamos um para o outro, havia uma tensão tão grande no ar que quase podíamos tocá-la.

Tiffany entrou cautelosamente. Primeiro viu Alex e sorriu então ela se deu conta da minha presença. Eu podia ouvir as engrenagens do seu cérebro contando um mais um e encontrando rapidamente a resposta: Eu e Alex.

Sou covarde. Sempre fui. Naquele instante minha única reação foi olhar para o meu professor, tentando encontrar uma saída. Então o vi com uma perna estendida e a outra dobrada, bem relaxado, a mão passava lentamente na lateral do cabelo.

Ele sorria, magnificamente, não para mim e sim para ela. Ele sorria daquela sua forma lasciva para Tiffany.

Puta que pariu!

As lembranças me invadiram sem dó nem piedade e eu me vi outra vez observando o momento em que o guarda-chuva não me deixou ver o que eles faziam, lembrando-me claramente do sorriso de vitória da

minha rival quando deixou a casa do meu professor.

Então vi a expressão da mulher se modificando enquanto percebia o que ele fazia. Tremi. De raiva e de medo. Que grandessíssimo filho da puta!

– Patrício está por aí? – perguntou sem desviar os olhos dela.

– Não. Ele conseguiu pegar Anita, que tinha ido pelo outro lado – ela sussurrou.

– Podemos sair? Teremos que ser rápidos – ainda sorria sedutoramente, como se suas palavras não expressassem o que realmente queria dizer.

Que ódio!

– Acho que sim – ela sorriu como uma menina travessa. – Seremos rápidos.

– Ótimo! – Alex levantou e passou por Tiffany da maneira mais cafajeste possível. – Charlotte, você vem?

Queria poder gritar “Vá à merda!”, infelizmente minha covardia não me deixava ir tão longe. Apenas levantei e passei por eles.

Andamos pelo corredor estreito. Eles como se quisessem continuar escondidos, eu como se tivesse perdido o gosto pela brincadeira. Tiffany olhou para a área da piscina, voltou-se para Alex e fez um sinal de positivo, depois avançou e correu. Alex se preparou, mas antes de correr atrás de Tiffany me segurou com força, enquadrando meu rosto com as mãos selou meus lábios com um beijo.

– Vejo você mais tarde – e correu.

Putá merda! O que foi aquilo?

Alex Corri atrás de Tiffany decidido a resolver aquele problema de uma vez por todas. Não poderia mais ficar brincando de gato e rato, escondendo de todos o que eu sentia. Porra! Eu tinha trinta e cinco anos. Era um homem independente, decidido e apaixonado. Não precisava esconder meus sentimentos de ninguém.

O único problema era Charlotte. Como assumir sem prejudicá-la? A resposta estava formada antes mesmo que eu me desse conta. Começaria por Tiffany, terminaria em Peter, passando antes por Anita.

Chegamos ao ponto de partida quando Patrício voltava correndo para a área. Ele nos viu e levantou as mãos se rendendo. Rimos. Tiffany segurou em meu braço se apoiando em mim. Ela queria mais intimidade.

– Tiffany, podemos conversar um instante? – vi seus olhos brilharem.

– Claro, Alex! – sorriu com a educação clássica que sustentava.

Olhei para o lado e vi que Charlotte ainda não tinha voltado. Era a minha chance. Indiquei o caminho, apoiando minha mão nas costas de Tiffany e saímos juntos em direção ao escritório do meu pai. Era um

território neutro e eu poderia conversar com ela sem maiores problemas.

Charlotte Quando consegui voltar ao normal depois do quase flagrante, resolvi aparecer. Para mim a brincadeira já tinha acabado. Estava muito confusa com as atitudes do Alex. O melhor a fazer era sumir por um tempo. Talvez o quarto fosse um bom lugar para me esconder e aguardar o que ele faria.

Quando me virei para área da piscina vi o que acreditava ser impossível. Alex saía do local com Tiffany, tocando em suas costas e conduzindo-a para algum lugar daquela imensa propriedade.

O que estava acontecendo com aquele cara?

Tive vontade de segui-los e descobrir o que Alex estava aprontando, porém meu orgulho falou mais alto do que minha raiva. Se era ela quem ele queria, era com ela que deveria ficar. Virei para o lado e saí em direção ao quarto.

Assim que cheguei, peguei o computador e comecei a escrever. Prometi a Lana um final em que os dois se separavam, então por que não começar a escrever o fim daquela história?

Capítulo 28

“Os sentimentos verdadeiros se manifestam mais por atos que por palavras.”

William Shakespeare

Alex

Tiffany me olhava com olhos marejados, mantendo a compostura, mas eu sabia que estava destruída por dentro.

Meu plano inicial, quando ela entrou na sauna, era fingir que ainda tinha interesse nela, assim tiraria seu foco da minha namorada. Mudei de ideia em seguida, quando percebi que Charlotte tinha ficado magoada e com toda a razão. Eu odiaria se ela fingisse interesse no Johnny, ou no Henrique, por exemplo, só para salvar a minha pele.

Então decidi que era hora de Tiffany saber de tudo.

Lana estava pronta para minha decisão. Havia dito a ela que se tudo desse errado eu deixaria o cargo de editor- chefe e ela assumiria. Assim conseguiríamos manter a integridade da carreira de Charlotte.

Minha irmã não foi contra o meu plano. Ela entendia meus motivos e sabia que há muito eu almejava ter mais tempo para cuidar dos meus próprios interesses. O cargo era perfeito para ela, eu o exercia apenas porque era o acionista majoritário.

– Você sabe que pode estar jogando o seu nome na lama, não sabe? – Tiffany me alertou.

– Não. Eu e Lana estamos organizando as coisas para que nada de errado aconteça.

– Alex, ela é uma menina e é sua aluna, você é o orientador dela neste projeto! Você ofereceu a primeira oportunidade a uma novata, uma desconhecida que o mercado nem tem ideia de quem é. Já imaginou o que a mídia fará com estas informações? O sonho dela poderá ser destruído.

– Eu sei muito bem disso, Tiffany. Vamos trabalhar para controlar os danos.

– Pense bem. Não estou te pedindo para não ficar com a menina, apenas que pense primeiro nela e não em você. A crítica vai destruir a garota. Não seja tão irresponsável!

Naquele momento eu perdi o foco da conversa.

Tiffany estava coberta de razão. Se as pessoas descobrissem que Charlotte e eu estávamos juntos enquanto ela escrevia seu material, minha namorada ficaria desacreditada. Não seria reconhecida por seu potencial e capacidade e sim pelo seu relacionamento com o proprietário da editora.

Droga! Eu estava sendo extremamente egoísta embora não pudesse voltar atrás. Não mais. Nunca conseguiria me afastar. Mesmo que significasse me anular para que ela pudesse brilhar. Eu estava

apaixonado! Não!

Muito além disso. Estava amando. E amava tanto que não conseguia mais ver a minha vida sem aquela garota.

Tiffany podia ver Charlotte como uma menina, uma garota inexperiente que “virou” a cabeça do seu professor, mas eu não. Charlotte era uma linda mulher! A mais forte e decidida de todas. Ela sabia o que queria, não hesitou nem se acovardou, correu atrás do seu sonho e conseguiu. Não importava os meios que utilizou, eu me orgulhava muito dela.

– Tiffany, eu... Eu amo a Charlotte. Queria que tudo tivesse acontecido de outra maneira, infelizmente não posso modificar nada. Aconteceu – ela fechou os olhos retendo as lágrimas. – Eu sei o quanto é difícil para você, mas não conseguiria continuar escondendo. De uma maneira ou de outra, você acabaria sabendo. Então que fosse por mim.

– Obrigada, Alex! – limpou uma lágrima que escorreu pelo canto do olho.

– Eu preciso te pedir uma coisa. Sei que não é justo, mesmo assim tenho que pedir.

– O que quiser.

– É necessário que mantenha esse segredo com você. Eu ainda tenho coisas a fazer e soluções a dar, preciso que me ajude a não deixar esta história vazar. Sei que os repórteres vão procurá-la em busca de alguma declaração sobre a autora desconhecida. Por favor, não diga nada a eles. Eu pretendo esperar até que Charlotte esteja formada para tornar nosso romance público.

Tiffany mordeu os lábios, mantendo o olhar baixo.

Eu jamais pediria aquilo a ela se não conhecesse a sua integridade. Apesar de ser uma mulher apaixonada, era sensata. Sua classe nunca lhe permitiria entrar num jogo de intrigas.

– Tudo bem, Alex. Eu não direi nada. Também não negarei. Este é um problema que você está causando, apenas você poderá resolvê-lo. Quanto a mim, fique tranquilo. Não deixarei que ninguém saiba o que aconteceu.

– Obrigado!

Saímos do escritório e Tiffany tratou de sumir rapidamente. Imaginei que ela não suportaria ficar ao meu lado sabendo que eu nutria por outra pessoa o amor que ela tanto desejava. Não quis perder muito tempo pensando no assunto. Precisava encontrar João e resolver mais um ponto desta história.

Charlotte Escrever sempre foi uma forma de fugir da realidade. Eu me entregava tanto aos personagens que durante horas esquecia completamente de mim e da minha própria vida. Consequentemente de Alex, Tiffany... Digitei deixando que toda a minha raiva esvaísse em palavras.

Gostaria de poder matar as personagens, ou a idiota da mocinha apaixonada pelo crápula. Como sabia que não poderia satisfazer minha vontade, separei os dois e dei-lhes muito sofrimento.

Ok! Estava completamente pirada me vingando em minhas pobres personagens. Talvez quando a raiva

passasse e Lana aparecesse para me buscar para a tão fatídica noite, sim, porque eu teria aquela noite, Alex sendo um idiota ou não, eu perderia a minha virgindade, eu estivesse mais calma e conseguisse pensar com mais maturidade.

Olhei pela janela e vi que o céu estava negro. Era dia ainda, mas a chuva que prometia cair deixava tudo na maior escuridão. Ouvi uma batida em minha porta. Era minha mãe.

– Todo mundo está te procurando para o almoço.

– Estou sem fome, mãe – desviei meu olhar para tela.

Não queria que ela descobrisse o que me afligia.

– Você precisa comer. Como vai escrever se começar a desmaiar na frente do computador – sorri.

Minha mãe era incrível!

– Ok, Dona Mary, eu vou almoçar!

Acompanhei minha mãe até a mesa enorme onde estavam todos. Anita e Johnny já comiam, enquanto Miranda e Patrício brincavam de colocar comida um no prato do outro. Meu pai e o Dr. Frankli conversavam sem parar. Alex, Lana e João pareciam tensos. Tiffany, cabisbaixa, mexia no prato sem muito interesse.

Estava tudo muito estranho!

– Qual delas você quer que eu mande seu pai matar primeiro? – minha mãe sussurrou ao meu lado.

Alex me olhou e sorriu com doçura. Aquele Alex, apaixonado, meigo e doce, não se parecia em nada com o que tinha sumido com Tiffany, algumas horas atrás.

Merda! Ele me deixava confusa. Sorri para a minha mãe disfarçando o meu nervosismo.

– Ah, mãe! O que é a vida sem um pouco de concorrência, não? – ela sorriu orgulhosa e me acompanhou para fiscalizar de perto minha alimentação.

Ela nunca deixaria de ser a mãe protetora, mesmo sendo mais amiga e sensata, ainda era a minha mãe. Por isso tratou de colocar em meu prato todas as verduras possíveis. Alex acompanhou a nossa disputa de perto.

Rindo e incentivando-a. Minha vingança veio quando ela resolveu que Dandara tinha razão, Alex estava magro, então deveria se alimentar melhor também.

Sentamos um ao lado do outro. Alex comeu tudo o que minha mãe colocou em seu prato e aceitou uma parte da minha comida, mesmo que escondido. Não estava com apetite para o tanto de comida que minha mãe gostaria que eu comesse.

Mesmo com ele ao meu lado, e com toda a atenção que fazia questão de me dar, eu sabia que alguma coisa estava errada. Anita estava muito quieta, Tiffany comeu e desapareceu com cara de quem não

gostou. Lana conversava baixinho com João Pedro. Também parecia inconformada com algo.

– Podemos trabalhar no seu livro hoje? – Alex me pegou de surpresa com a pergunta. Todos estavam muito próximos, então não era propriamente confidencial.

– Claro! – meu rosto ficou vermelho, o calor se espalhando por todo ele, ao perceber meu pai me olhando com interesse. – Deixei o computador em meu quarto.

– Então me encontre no escritório do meu pai. O meu está lá. Vamos terminar esta etapa, certo? – ele falava como meu professor e orientador. Não havia nada de errado ou dúbio em suas palavras.

Anita levantou e saiu da sala. João e Alex trocaram um olhar cúmplice e Lana parecia não concordar com nada do que estava acontecendo. Eu continuava confusa e irritada, por outro lado, ficar algum tempo sozinha com Alex poderia ser esclarecedor. Então levantei decidida a buscar o meu computador e acabar logo de uma vez por todas com aquelas dúvidas.

Não demorou mais do que dois minutos para Lana aparecer no quarto. Ela parecia desconfiada e seu olhar deixava claro que havia um problema. Meu coração acelerou só de imaginar o que ela iria me dizer.

– O que aconteceu? – minha voz ficou miúda. De alguma forma eu sabia que estava relacionado a mim e a Alex, e que não seria nada bom.

– Não sei. Talvez você possa me ajudar a descobrir – ela passou por mim em direção ao meu computador. – O que você fez? – me encarou como se estivesse me acusando.

– Não estou entendendo, Lana. Se você está perguntando sobre o livro, escrevi o capítulo alternativo, inclusive enviei para você antes do almoço.

– Eu recebi, mas, com certeza, não pode ser isso – ela olhou pela janela, pensativa.

– Lana, eu não estou entendendo. O que...

– Alex entregou a orientação do seu trabalho ao João.

– O quê? – fiquei tão assustada que não consegui me concentrar no que ela dizia. – Como assim entregou a orientação do meu trabalho?

– Ele pediu ao João para assumir a orientação do seu trabalho. Eu só queria saber o motivo para ele fazer isso. O que você fez?

– Eu não estou entendendo – repeti como se fosse um mantra. – Não estou entendendo, Lana. Alex acabou de me pedir para levar o computador para trabalharmos no livro. Eu não entendo.

– Alex está estranho, ele...

– Lana! – falei mais alto tentando fazê-la parar. – Eu preciso de um tempo, por favor! Tenho que encontrar Alex para conversarmos. Prometo que, quando tudo estiver esclarecido, contarei a você.

– Tudo bem, Charlotte! Desculpe, eu não quis te aterrorizar, estou apenas preocupada, não quero que o elo entre vocês se desfaça. Se Alex...

– Por favor! Não quero conversar sobre nada enquanto ele não me explicar o que está acontecendo. Por favor!

– Tudo bem! Tudo bem!

Lana saiu do quarto. Eu não estava em condições de decidir nada. Andei de um lado ao outro buscando respostas e a única que conseguia encontrar era a mais óbvia de todas: Alex estava jogando comigo. Eu o vi saindo com Tiffany, flertando com a sua “escritora favorita” e, logo depois, vem a notícia de que tinha entregado meu trabalho, o mesmo que nos uniu, o mesmo pelo qual tínhamos feito tantas loucuras e que nos levou até aquele ponto.

Ele simplesmente abriu mão de seguir comigo até o final do projeto?

Eu precisava colocar para fora todas as mágoas.

Precisava cobrar dele as respostas. Não poderíamos dar mais nenhum passo sem antes esclarecer tudo.

Sair do quarto foi o mais difícil. Eu queria confrontá-lo embora temesse a forma como tudo acabaria.

Sabia o que sentia por ele, seria doloroso demais descobrir que tudo não havia passado de uma farsa, uma brincadeira de mau gosto. Estava com muito medo de descobrir a verdade, infelizmente não tinha outra alternativa.

Abri a porta e dei de cara com a pessoa mais improvável. Tiffany, parada diante de mim.

– Tiffany?

– Charlotte, podemos conversar?

Avaliei seu semblante. Ela não parecia estar com raiva nem disposta a criar qualquer tipo de confusão, mesmo assim eu não tinha a mínima vontade de perder o meu tempo conversando com ela.

– Desculpe, mas preciso resolver um problema.

– Um problema chamado Alex? Eu já sei de tudo – meu rosto deve ter demonstrado minha surpresa. – Não se preocupe. Ele mesmo me contou e é por isso que estou aqui – sorriu.

– Alex... O quê? – pelo amor de Deus! Não poderia ser mais confuso.

– Vamos dar uma volta, assim poderemos conversar melhor.

Caminhamos pelos jardins da casa, nos afastando um pouco. Tiffany parou próximo a uma cerca, onde alguns cavalos corriam. Um celeiro encobria a nossa imagem nos dando maior liberdade.

– Alex me contou o que está acontecendo entre vocês. Não sei porque ele decidiu me contar, o fato é que contou – fiquei calada aguardando o que diria, Tiffany não parecia querer atacar. – Vamos ser colegas de

editora e é importante que tenhamos uma convivência no mínimo cordial. Não se preocupe da minha parte não será diferente.

– O que você quer de mim? Nós estamos aqui para definir os limites da nossa relação? – ela riu e passou a língua pelos lábios.

– Você está certa, Charlotte. Então vamos direto ao ponto. Você sabe que eu e Alex tivemos um relacionamento – ela esperava que eu confirmasse, mas eu não o fiz. Apenas me esforcei para não demonstrar a dor que me causava aquela afirmação. – Eu não vou falar disso. Sempre soube o que Alex.. ele sempre deixou bem claro o que queria. Com certeza tem sido assim com você também. Nosso editor não perde tempo sustentando algo que não quer ou não pode dar – continuei encarando-a fixamente, com os braços cruzados no peito. – O que talvez não saiba, e é exatamente sobre o que eu quero falar, é que Alex joga muito bem. Ele sabe o que deve ser feito quando o assunto é a editora. É por isso que eles se mantêm em primeiro lugar há tanto tempo. Alex é o perfeito investidor.

– Vamos direto ao ponto, Tiffany!

– Tudo bem. Alex está usando você – ri com ironia.

– Eu não estou dizendo que ele não goste de você. Até acredito que goste, mas ele vai fazer o que for necessário para manter o nome dele longe de toda essa sujeira que é o relacionamento de vocês.

Certo! Enfim ela me atingiu. Simplesmente porque era assim que eu nos via nos últimos momentos. Alex agindo para encobrir a realidade e entregando o meu projeto a João Pedro. Alex flertando com Tiffany para desviar a atenção de mim. Ele realmente faria de tudo para resguardar sua imagem.

– Deus! Você já descobriu a verdade, não é?

Charlotte, eu não estou te contando isso por despeito. Juro que não! Tudo bem que eu realmente queria que ele ficasse comigo. Quem não iria querer? Alex é tudo o que uma mulher quer e sabe o por quê? Porque ele sabe exatamente o que cada mulher precisa.

– Do que você está falando?

– Seu livro. Ele acredita mesmo nele. Lana está super entusiasmada. Lógico que ele não poderia perder você para outra editora. Foi o meu caso. Ficamos juntos até que o meu nome estivesse estabilizado e dependente do meu contrato com eles. Ele está fazendo o mesmo com você – não havia nada de apelativo em seu rosto. Nada que indicasse não dizer a verdade.

– Que absurdo! – mas eu já estava convencida.

– Não é um absurdo, Charlotte. Eu já disse: acredito que ele sinta algo por você, mas Alex é um homem capaz de passar por cima de qualquer coisa para manter o negócio da família.

– Não quero ouvir mais nada, Tiffany.

– Então me explique porque ele mantém Anita em “banho Maria”? Por que simplesmente não diz a ela que está com você? Porque sabe que minha prima destruiria a carreira dele. Sabe que se ela descobrir e resolver abrir a boca ele tem muito a perder. Seu trabalho ficará desacreditado e o dele também. Você

não será mais tão lucrativa.

– Chega!

– Estou te avisando porque o mundo não precisa de mais uma Tiffany – parei chocada com a sua revelação. – Ninguém precisa de mais uma escritora sofrendo pelo seu editor, sonhando com o dia em que ele voltará a enxergá-la. Dê continuidade aos seus planos. Faça como quiser.

Mas faça sabendo onde está se metendo.

– Considero-me avisada. Agora me dê licença.

Dei as costas e saí sem olhar para trás. Meu dia estava se tornando um inferno. Somente Alex teria o poder de me tirar dele ou de me jogar, de uma vez por todas, em suas chamas. Caminhei pela casa sem me importar com os olhares curiosos. Miranda me chamou, mas eu estendi a mão demonstrando que não queria ser detida naquele momento. Nada me impediria de esclarecer tudo como o meu professor.

Minha mãe me olhou curiosa, não dei atenção ao que ela fazia, apenas andei com passos firmes e seguros em direção ao escritório do Dr. Frankli para encontrar o seu tão querido filho. Um idiota, cretino, filho da puta de último calibre. Parei assim que me aproximei da porta.

Ouvi a voz de Anita, rindo e a de Alex acompanhando a alegria dela. Congelei.

– Sério que você pensa isso mesmo de mim?

– Claro! – a voz dele estava incrivelmente sedutora.

– E o que você faz com Charlotte Middleton? – Alex ficou calado por um tempo, logo depois riu.

– Charlotte é um caso complicado de explicar, Anita.

– Ah é?

– Sim. Muito diferente de você, que eu sei exatamente como resolver.

– Mesmo? Como?

– Bom... Podemos discutir isso em algum lugar afastado daqui. O que acha?

– Alex! Você sempre me surpreende.

Não esperei para ouvir o que ele diria. Para mim estava tudo muito claro. Alex era um canalha. Um imbecil sedutor. Manipulador. Tiffany tinha razão, ele não media esforços para atingir o seu objetivo.

Corri para o quarto sem saber ao certo o que fazer.

Minha vontade era fugir. Ir embora sem falar com ninguém infelizmente não poderia. Meu pai estava lá e permitir que ele descobrisse só tornaria tudo muito mais difícil. Se bem que Alex merecia ter a arma do Peter apontada em sua direção.

Olhei para o meu computador e tive vontade de atirá-lo na parede. Ouvi uma batida leve na porta, o que freou meus impulsos destruidores.

– Entre!

Respirei fundo tentando manter a calma para não acabar alertando alguém sobre que aconteceu. Não acreditei quando vi quem abria a porta e entrava no quarto.

– Oi! – seus olhos demonstravam constrangimento e seu semblante parecia cansado. Mesmo assim ele tentou sorrir.

– O que você quer, Alex? – minha raiva o pegou de surpresa.

– Charlotte? – rapidamente ele estreitou os olhos e passou a mão pelo cabelo, demonstrando entender o que acontecia – Eu sei que você deve estar pensando um monte de coisas...

– Estou. Você realmente me deu muitas coisas para pensar.

– Charlotte, por favor...

– Não.

Apontei um dedo em sua direção para silenciá-lo.

Fiquei incrivelmente surpresa com a minha calma. Não alterei a voz, não gritei, nem chorei. Comecei a falar claramente para que não restassem dúvidas.

– Eu já entendi. Não precisa explicar. Vou facilitar as coisas para você. É o livro que quer? Ele é seu. Não precisa mais fingir, nem tentar me enganar, muito menos andar na corda bamba para manter a sua adorada carreira à salvo. Você está livre, Alex. Tem a minha palavra de que nunca falarei nada sobre o que aconteceu entre nós dois.

Apenas me deixe em paz!

– Charlotte, o que você está dizendo? – ele parecia indignado.

– Você entendeu muito bem. Acabou!

– Acabou? – me olhou assustado.

– É. Acabou.

Alex abriu e fechou a boca várias vezes, sem saber o que dizer. Caminhou pelo quarto, passando as mãos pelos cabelos os olhos fechados como se buscasse pelo próprio equilíbrio.

– Você é muito infantil! – disse finalmente.

– Eu o quê? – não conseguia acreditar no que ele estava me dizendo.

– Isso mesmo, Charlotte Middleton. Você é infantil e irritante. Entende tudo errado. Tira as suas próprias conclusões. Não dá para ser madura pelo menos uma vez?

Eu estou exausto. Esgotado de tanto procurar um jeito de salvar as nossas peles e você procurando tornar tudo mais difícil – eu via a raiva contida em suas palavras mesmo assim não recuei.

– Ótimo! Chegamos a uma conclusão. Somos incompatíveis. Eu sou infantil e você é um canalha – desapareci.

– Meu Deus! Será que você...

Ele ia falar, mas o celular vibrou em seu bolso.

Alex parou na hora, praguejando, deixando claro que já sabia do que se tratava. Olhou para a tela e depois para mim. O rosto cheio de culpa.

– Charlotte, eu preciso ir – ri indignada. Eu sabia muito bem para onde.

– Você vai mesmo sair com Anita?

Eu deveria xingá-lo, bater nele e expulsá-lo do quarto, porém o fato de saber que ele me deixaria sozinha para se encontrar com aquela mulher, fazia com que eu me sentisse tão rejeitada que doía. Era impossível controlar a minha raiva.

– Vou. Eu preciso levá-la daqui até conseguir resolver...

– Vá para a merda! – explodi.

– Puta que pariu! Será que você não ouve nada do que eu falo?

– Quero você longe de mim. Agora!

– Tudo bem. Eu vou. Esfrie a cabeça.

Conversaremos quando eu voltar.

– Fique longe de mim – sibilei.

– Tenho que ir, Charlotte. Não dá para conversar com você nesse estado – ele me olhou com amargura, deu as costas e foi embora.

Tive vontade de morrer. Queria sumir, ir para bem longe, ser esquecida, não queria estar presente quando ele voltasse do encontro com Anita. Seria insuportável. Olhei pela janela. A chuva se aproximava com rapidez. Queria que ela me afogasse.

A decisão chegou com tanta força que só me dei conta quando corria em direção ao celeiro. Um rapaz jovem e magro cuidava de um lindo cavalo negro. Era exatamente do que eu precisava.

Alex A chuva forte quase não me deixava dirigir de volta para o rancho. Anita tinha ficado furiosa comigo. Não a culpo. Eu fingi, enganei e manipulei muitas pessoas para conseguir limpar a barra da Charlotte. E a maluca ainda teve um ataque de ciúmes me acusando de ser um canalha.

Putá que pariu! Eu queria um pouco de sossego, um dia dedicado exclusivamente para mim, bem longe desse bando de mulheres loucas e inconstantes.

Se João tivesse conseguido fazer o que eu pedi, tudo daria certo. Anita com certeza aprontaria alguma, a julgar pela sua reação explosiva, mas se João conseguisse, eu não precisaria mais me preocupar com ela. Queria poder me concentrar apenas em Charlotte e esquecer o restante.

A chuva caía com tanta força que me forçava a dirigir lentamente. Eu queria chegar logo para esclarecer tudo. Ainda precisava conversar com Peter. Antes seria melhor contar a Charlotte e torcer para que acreditasse em mim.

– Você sabe que sua carreira já era?

– Não. Não vejo motivo para destruir a minha carreira só porque me apaixonei.

– Por uma aluna, Alex! Você não consegue compreender a gravidade? O mundo inteiro vai cair em cima de vocês.

– Nós somos adultos e responsáveis pelas nossas atitudes. Não queira tornar tudo como se ela fosse uma garotinha e eu um aliciador de menores.

– Não importa. Charlotte é sua aluna, sua orientanda.

O que você fez? Tiffany me contou do interesse em lançar o livro da garota. É uma troca? Um jogo de marketing? O que é? Porque eu definitivamente não entendo.

– Que criatividade! – resmunguei incomodado. No fundo eu sabia que aquilo aconteceria.

– O que ela tem? Sério, Alex! O que Charlotte tem de tão interessante? – tive vontade de responder que exatamente tudo o que ela não tinha, no entanto preferi ficar calado. – É por que ela é rica, é isso?

– Pelo amor de Deus, Anita – rosnei sentindo minha paciência escoando junto com a chuva.

– É o que então? Um homem como você não pode me convencer que gosta mesmo de uma garota tão... Sem sal, sem nenhum atrativo.

– Charlotte tem todos os atrativos necessários para me fazer querê-la. Ela é esplêndida, inteligente, determinada... Ele é quem eu quero.

– Então é fetiche? Uma menina novinha que caiu em seu colo como um presente. Eu entendo, Alex. Entendo mesmo, mas daí você fazer tudo o que está fazendo não é um pouco demais? Uma coisa é diversão e outra é compromisso.

– Ela não é uma diversão. Qual é o seu problema? – fui um pouco mais rude, visivelmente incomodado com tudo o que ela dizia. – Anita, eu sei de todos os riscos.

Charlotte também e nós dois decidimos que queremos ficar juntos.

Não aguentava mais aquela conversa. Não suportava mais as ameaças, as tentativas de me fazer enxergar a situação. Ninguém era capaz de entender que eu não conseguia mais viver longe dela? Podia ser egoísmo, suicídio profissional, o diabo a quatro. Para que serviria tudo se eu não pudesse ter Charlotte ao meu lado?

– O professor Carvalho não vai aceitar. Ele não aceitará o trabalho dela. Não quando existem fortes indícios de que houve a sua intromissão no desenvolvimento. Você favoreceu uma aluna porque existia uma relação entre vocês dois. Está dormindo com a sua orientanda, não vai conseguir convencer ninguém de que a reprovaria se fosse necessário.

– Vamos deixar que cada um tome sua própria decisão, certo? No momento, eu decido me casar com Charlotte – entrei na propriedade da minha família. A chuva castigava o chão fazendo tudo se transformar em lama.

– Casar? – ela ofegou.

Olhei para Anita sem acreditar em sua reação. Ela não era nem apaixonada por mim para tentar com tanto empenho me impedir de fazer o que pretendia.

– Anita! Você é linda! É inteligente. Por que não se permite ser feliz também? Eu não sou, nunca fui e nunca serei o cara certo para você.

– Não seja ridículo! Você nunca sequer me deu uma chance de descobrir isso.

– Vá por mim, foi melhor assim – estacionei agradecendo por poder ficar longe dela.

– Vamos fazer diferente – parei olhando-a sem entender que tipo de proposta ela poderia me fazer. – Você me dá uma chance. Uma única noite. Ninguém precisa ficar sabendo, e depois disso poderemos decidir o que fazer. Charlotte é uma menina, Alex – sua voz mudou de tom, tornando-se mais baixa, mais sensual. – Eu... – se aproximou sedutoramente. – Sou uma mulher e só preciso de uma noite para te provar isso – não dava mais para conversar. Anita que ficasse sozinha com suas loucuras.

– Anita, eu amo a Charlotte. Jamais trairia a confiança dela para comprar o seu silêncio.

Ela se afastou me olhando como se estivesse indignada. Como se fosse um absurdo eu negar a sua oferta, e eu sabia que aquele foi o ponto em que ela decidiu que se vingaria. Anita não deixaria barato.

– Vamos. Tenho muitas coisas para resolver – abri a porta do carro e corri na chuva. Ela veio correndo atrás de mim, gritando e praguejando contra a água que descia forte, nos encharcando.

Assim que entrei vi que alguma coisa estava errada.

Todos estavam na sala. A expressão de Mary era de sofrimento. Droga! Imediatamente soube que era algo relacionado a Charlotte. Lana e minha mãe vieram em minha direção.

– Onde você estava? – Lana me censurou.

– Charlotte está desaparecida – minha mãe não estava preocupada com o que eu estava fazendo e sim com o fato de a minha aluna ter sumido. – Pensamos que ela estivesse com você. Seu telefone só dava caixa.

– O quê? Como? – perguntei angustiado. Anita riu cinicamente atrás de mim e minha mãe estreitou os olhos imaginando que estávamos juntos. Mulheres! – O que aconteceu?

– Tentamos encontrá-la, mas a chuva apagou o rastro – meu pai apareceu na sala com a roupa molhada e o celular na mão. – A polícia não tem como chegar aqui.

Também informaram que devido à chuva, ela pode ter se abrigado em algum lugar seguro. Precisam de 24 horas para começar as buscas.

– Eu vou atrás da minha filha. Ela não pode estar muito longe – Peter já estava se aprontando para sair quando João, Johnny e Patrício entraram completamente molhados.

– E então? – Mary avançou para eles esperançosa.

– O rio transbordou. Não tem como passarmos para o outro lado, onde ela provavelmente deve estar – João olhou para mim, preocupado.

– O que deu nela? – Mary choramingou e Lana me acusou com os olhos.

– Eu vou encontrar aquela destrambelhada – Peter estava decidido.

– O que podemos fazer? Acreditam que dá para atravessar com o jipe? – perguntei aos rapazes tentando traçar uma estratégia de busca.

– Duvido muito. O jipe não é 4X4, teremos que encontrar outra maneira – Patrício respondeu pensativo.

Notei quando Miranda se aproximou segurando na mão dele e o meu irmão a apertou transmitindo confiança.

Bom... Pelo menos os dois estavam dando certo.

– Se é impossível ir a cavalo ela não conseguirá voltar também – Johnny tentava colaborar. – E já está anoitecendo.

– Com toda essa chuva é bem provável que o cavalo tenha se assustado e fugido – João me olhou cúmplice. – Temos que pensar em todas as possibilidades – admitiu sem se deixar abater pelo choro das mulheres.

– Tem alguma estrada para o outro lado do rio?

Mesmo que distante, é melhor do que ficarmos aguardando – Peter se juntou ao grupo. Ele era decidido e forte. Poderia ser útil.

– Nenhuma. Pelo menos nenhuma perto o suficiente e nem sabemos como estão as estradas. Só pelo rio

mesmo – João informou. – E não dá para passar.

– João, eu vou tentar. Não sei como, mas vou. – afirmei decidido.

Todos pararam me encarando. Peter levantou uma sobrancelha, porém preferiu não dizer nada. Johnny sorriu, João e Patrício concordaram.

– Podemos tentar com o triciclo – eu e João nos animamos com a alternativa que meu irmão havia encontrado. – Ele é resistente e 4X4, só não sei se funciona. Não é usado há muito tempo.

– Vale a pena tentar. Onde está? – Peter assumiu o comando.

– Na garagem. Atrás de um monte de coisas velhas – João informou. – Mas só cabe uma pessoa – ele me olhou rapidamente.

– Primeiro precisamos fazê-lo funcionar. Depois decidiremos quem vai – Patrício desfez o clima pesado que começava a se instalar.

– Certo! – Peter concordou.

Conseguimos remover o triciclo. Johnny tratou de fazê-lo funcionar e Patrício abasteceu o tanque. A chuva era torrencial o que tornava tudo ainda mais difícil.

– Acho que Alex deveria ir. É mais leve e conhece muito bem a região, vai saber aonde procurar – João gritou contra o barulho da chuva.

– Como saberemos se ele conseguiu? – Peter argumentou sabiamente. De nada adiantaria deixar todos preocupados comigo também.

– João, o seu casaco é impermeável. Eu vou com ele e coloco o celular dentro. Se conseguir um sinal, ligo assim que tiver alguma novidade.

– E se não conseguir? Se alguma coisa acontecer? – Peter parecia preocupado.

– Eu vou atrás dele, caso alguma coisa aconteça – Johnny tranquilizou Peter. – Posso tentar arrumar uma das motos enquanto aguardamos. Assim teremos como passar, caso Alex não volte. – Peter assentiu.

João foi buscar o casaco e Patrício entrou para informar as novidades. Johnny ficou arrumando algumas coisas no triciclo enquanto esperávamos.

– Traga a minha menina de volta, Alex. Ela é o meu maior tesouro.

Peter estava com a voz embargada. Olhei em seus olhos e vi neles um imenso sofrimento. Imediatamente compreendi o seu excesso de cuidado. Ele amava Charlotte e não suportaria perdê-la.

– O meu também, Peter – admiti sem receio. – Charlotte é toda a minha vida.

Ele me olhou surpreso, mas não reagiu contra a minha confissão. Estávamos ligados pela mesma causa e objetivo. Se era assim que deveria ser, assim seria, então ele assentiu concordando.

João voltou e Johnny apertou minha mão se despedindo. Peter também fez o mesmo. Seu aperto foi forte, seguro e confiante, como se fossemos parceiros. Em seguida ele foi embora, voltando para a chuva. Montei no triciclo rezando para me lembrar de como manter aquela máquina sob controle.

Liguei e quando estava de partida ouvi Mary chamando por mim. Virei em sua direção. Ela se aproximou e me abraçou. Um pouco sem graça envolvi aquela mulher em meus braços. Foi quando ela sussurrou em meu ouvido: – Charlotte te ama. Ela confia em você, então eu também confio.

Meu coração ficou em festa com aquelas palavras.

Charlotte me amava, assim como eu a amava e não importava nossa briga, nem as besteiras que aquela cabecinha louca pensava e dizia. Eu a encontraria, porque seria guiado pelo meu coração e este estava ligado diretamente ao dela.

Capítulo 29

"(...) E você aprende que realmente pode suportar... que realmente é forte, e que pode ir muito mais longe, depois de pensar que não se pode mais.

(...)"
William Shakespeare

Alex

Como se não bastasse o pavor que eu estava sentindo e que não poderia deixar que os outros percebessem, a chuva decidiu tornar tudo ainda mais difícil.

Além da cortina de água que se fechava me impedindo de enxergar um palmo diante do meu próprio nariz, o barulho dos trovões tirava qualquer possibilidade de ouvir caso Charlotte gritasse, sem contar os raios que me faziam estremecer.

Se eu não morresse afogado na chuva, o triciclo não capotasse, o rio não me levasse ou um raio me eletrocutasse, talvez eu conseguisse encontrar a minha namorada no meio daquele dilúvio.

Por sorte eu conhecia a propriedade como a palma da minha mão, o que tornava o caminho mais fácil, porém, não menos perigoso. Por outro lado a velocidade que eu podia utilizar era muito pequena, havia o risco de encontrar um tronco caído, então seriam dois desaparecidos.

Passei pelo celeiro, pelo cercado dos cavalos, que estava vazio, peguei uma trilha por entre as árvores e entrei na floresta densa. Se Charlotte tinha fugido a cavalo com certeza o melhor lugar para se refugiar seria a cabana. Eu tinha explicado a ela com chegar lá. Era melhor eliminar logo esta possibilidade.

Como os rapazes tinham dito, o rio estava intransponível. Parei antes da borda e o nível estava muito acima do normal, fiquei com medo de continuar. A correnteza era muito forte, as águas me levariam, com toda certeza. Merda! No mesmo instante um raio caiu no meio das águas revoltas clareando à noite, para logo em seguida tudo escurecer outra vez.

– Tem como me ajudar? – gritei para o céu.

Eu estava mesmo desesperado. Como não ficar?

Charlotte estava desaparecida, quem sabe até... Não.

Recusei-me a pensar nessa possibilidade. Ela saiu antes da chuva. Não seria tão irresponsável, com certeza parou em algum lugar para se abrigar.

Meu coração afundava no peito enquanto eu tentava encontrar outra saída. Não havia. Era atravessar o rio ou esperar por notícias. Puta que pariu! Aquela deveria ser a nossa noite. O nosso momento especial.

Mas que porra!

– Não me parece muito justo! – reclamei com Deus.

– Eu nunca amei ninguém antes e, quando finalmente descubro que estou amando, tudo termina assim? – abri os braços em busca de repostas do céu. – Se tem alguém aí em cima a favor deste romance, poderia, por favor, me dar uma forcinha? Era para ser tudo lindo, perfeito. Eu seria o seu príncipe encantado – limpei a água que escorria por meu rosto enquanto argumentava com Deus. – Concordo que todo grande romance precisa de um certo drama. Eu até compreendo. No entanto eu estou aqui. Não em um cavalo, mas em meu triciclo branco, não tenho uma espada, mas armado com o meu amor e pronto para salvar a donzela em perigo. Então por que as coisas não podem acontecer como nos contos de fadas?

Um raio rasgou o céu derrubando uma árvore do outro lado do rio. Ela era enorme e caiu cortando as águas formando uma barreira. Apesar do tamanho, chegou apenas até um pouco antes da metade. Se eu conseguisse alcançá-la, mesmo que caísse, poderia usá-la para atravessar. Por mais difícil que fosse, aquela era a minha resposta.

– Obrigado, Senhor! – imediatamente voltei ao triciclo, acelerei e entrei na água, sentindo a adrenalina circular em meu corpo.

A princípio a velocidade e a tração das rodas me ajudaram a avançar, infelizmente a força das águas era muito maior do que o veículo podia suportar. Senti as rodas afundarem e derraparem na tentativa de avançar, consegui fazer algum progresso diminuindo a distância. Eu conseguiria se a profundidade e a correnteza não me impedissem.

– Agora não. Agora não! – o triciclo afundava à medida que eu avançava e a água batia em meu corpo com muita força tentando me arrastar. – Merda! – a pressão das águas em minhas pernas era muito forte.

Se eu não pulasse corria o risco de virar junto com o triciclo e ficar preso debaixo dele. Morreria afogado sem sequer saber o que aconteceu a Charlotte.

Charlotte! Merda! Ela estava em algum lugar e precisando de mim.

– Droga! – senti um dos lados ceder emborcando para o outro. – Príncipe Encantado... – acelerei com mais força. Faltava tão pouco. – Cavalo branco! Merda, vamos!

– o triciclo deu um solavanco para frente e afundou mais.

Quanto mais fundo, mais fortemente a água me castigava. - Donzela em perigo... – rangi forçando a máquina e segurando com o máximo de força possível. – Charlotte em perigo. Merda! Tem que dar certo – gritei para a chuva.

Foi neste instante que um tronco grosso desceu pelas águas chocando-se comigo. A dor não foi nada perto do pânico. O triciclo vacilou rodopiou duas, três vezes. A água estava em minha cintura, me jogava para os lados e puxava para baixo. O tronco, ao se chocar, atirou o triciclo para a ponta da árvore que tinha caído. Fomos jogados em seus galhos que me seguraram impedindo que o rio me levasse.

Agarrei-me com força, soltei as pernas e senti o triciclo passar por elas ficando preso um pouco mais à frente e então ser rapidamente engolido pelas águas. Não sei de onde tirei forças, meus braços estavam

agarrados aos galhos, então consegui me colocar um pouco acima no nível do rio.

Nem tentei enxergar nada. Era a minha chance.

Provavelmente a única que teria. Travei as pernas ao redor do tronco e fui me arrastando contra a correnteza até alcançar o outro lado. Finalmente, com os pés no chão firme, senti o efeito da descarga de adrenalina.

Minhas pernas vacilaram, fazendo-me cair de joelhos na terra tremendo violentamente. O ar ficou pesado e senti uma vertigem. Deitei de costas na lama deixando a chuva bater com força em meu rosto. Fiquei assim até que, aos poucos, minha mente foi se reorganizando, me fazendo lembrar do motivo para eu lutar contra todos aqueles obstáculos.

– Charlotte! – gemi. Meu corpo inteiro doía. – Estou indo, amor!

Levantei. Meus ossos protestaram, mas me obriguei a ficar de pé. Olhei ao redor, tentando me situar. Estava na floresta, eu a conhecia muito bem, apesar do caos ao redor. Mais adiante havia uma velha árvore, imensa, com tronco largo aonde um dia Lana, Patrício e eu, gravamos nossos nomes.

Era o caminho para a cabana. Se Deus, os santos, as fadas, os duendes, os criadores e os contadores de história estivessem do nosso lado, Charlotte estaria segura. E eu chegaria para salvá-la.

Com a chuva caindo sem cessar, os trovões tornando tudo mais assustador e os raios ameaçando a cada instante, segui em frente. Aliás, corri, ignorando completamente a dor em meu ombro. Ouvi um barulho e me virei a tempo de sair da frente do enorme cavalo negro que passou por mim em disparada. No escuro ele estava quase invisível. Se não fosse o barulho do galope e o raio que caiu bem próximo eu seria pisoteado.

Reconheci meu cavalo. Como ele foi parar ali? Sem pensar levei os dedos à boca e assoviei o mais alto possível. Ele parou mais à frente e empinou. Oh, meu Deus! Se Escuridão estava daquele lado do rio, só podia significar uma coisa: Charlotte também estava. Só isso justificava o fato de ele estar solto e assustado no meio daquela chuva.

Senti medo e alívio. Alívio por saber que ela estava em algum lugar próximo. Escuridão era muito bem adestrado. Era meu cavalo há muitos anos, nunca faria mal a uma pessoa.

Medo, porque eu sabia que, com aquela tempestade e tantas coisas para assustá-lo, Charlotte poderia estar ferida e perdida no meio daquela floresta.

– Escuridão! – gritei tentando fazer minha voz sobressair ao barulho. – Escuridão! – levei os dedos aos lábios novamente e assoviei o mais alto possível. – Venha, garoto!

Meu cavalo pareceu indeciso ao ouvir o assovio, então correu de volta em minha direção. Seu trote agitado estava mais calmo apesar da confusão ao nosso redor.

– Oi, garoto! – acariciei seu pelo molhado. – Charlotte estava com você? Estava? Pode me levar até ela?

Ele tremia. Tive pena do animal, no entanto, precisava dele para cobrir toda a propriedade a tempo de ajudar Charlotte, caso fosse necessário. Além do mais, naquele momento, voltar estava fora de cogitação.

Eu nem tinha condições físicas para isso, teríamos que nos virar por lá mesmo. Encontrar a cabana e nos abrigar nela.

– Calma, amigão! Precisamos fazer isso juntos – continuei acariciando seu pelo, acalmando-o para poder montá-lo.

Segurei na sela e montei. Meu ombro protestou.

Apesar de machucado, não podia perder tempo tentando descobrir o que tinha acontecido com o meu corpo.

Charlotte era a minha prioridade. Precisava encontrá-la.

Puxei as rédeas e cavalguei em direção à cabana.

Mesmo no escuro e com a chuva torrencial, eu consegui sentir a mudança do solo através do casco do cavalo. Uma pequena trilha de pedrinhas levava à casa e as árvores ficavam cada vez mais afastadas umas das outras, abrindo caminho para a parede de pedra que brilhava cada vez que um raio rasgava a noite.

Era a cabana.

Puxei as rédeas fazendo Escuridão parar. Ele empinou relinchando alto, assustado com o raio que caiu muito próximo. Fui surpreendido por sua reação. Com as mãos molhadas e escorregadias não consegui me segurar e acabei caindo com muita força no chão de pedrinhas.

Minha cabeça rodou e a noite ficou ainda mais escura.

Escuridão relinchou e empinou mais duas vezes, como se quisesse chamar a atenção. Minhas costas doíam tanto que estava difícil respirar e eu não conseguia abrir os olhos. Ouvi passos correndo na chuva e se aproximando.

– Ai, meu Deus, Alex! – aquela voz me trouxe de volta à vida. Sorri feliz ainda de olhos fechados. – Alex!

– ela gritou desesperada.

– Charlotte? – abri os olhos e encarei seu rosto aflito logo acima do meu.

Não resisti. Ela estava ali, na chuva, os cabelos molhados caindo pelo rosto e alcançando o meu. Seu olhar vivo, atento e cheio de medo. Puxei-a para mim e a beijei, sem pensar na situação, nos meus ferimentos, no cavalo agitado ou nos raios, trovões... Nada. Queria apenas beijá-la e me certificar de que ficaríamos bem.

A princípio seus lábios doces não corresponderam, eu havia pegado a garota de surpresa, ela continuava assustada, logo em seguida sua boca se abriu aceitando a minha e correspondendo. Ela me interrompeu, colando sua testa na minha respirando com dificuldade.

– Você está bem? – seus olhos indicavam uma única coisa: tristeza. Droga!

– Levando-se em consideração que quase morri afogado, eletrocutado e, para finalizar, caí do cavalo...

Sim. Muito melhor agora que te encontrei.

– Droga, Alex! O que você faz debaixo dessa tempestade?

– Vim te resgatar! Todos estavam desesperados...

Aliás, o que você estava pensando quando fugiu sem dizer nada? Não sabia da previsão de tempestade?

– Me resgatar? Eu não fugi. Saí a cavalo para dar uma volta e espairar, então fui surpreendida pela chuva.

Como estava aqui perto decidi me abrigar na cabana.

– O quê? Eu pensei que...

– Dá para a gente sair da chuva? Era só o que me faltava, sair neste dilúvio para me resgatar, como se eu fosse realmente idiota o suficiente para me colocar em risco... – e foi em direção a casa batendo o pé nas pedras molhadas.

Levantei, contra a minha vontade, já que tinha quase morrido de pavor só de pensar que ela poderia estar em perigo.

Que porcaria de romance era aquele onde o príncipe tem um cavalo preto, a donzela não corre perigo e ainda por cima reclama porque tentaram salvá-la? Era muito imperfeito para ser verdade.

Meu ombro doeu e minha perna protestou. Tentei forçá-la no chão. Ardeu um pouco, nada que pudesse me derrubar. Ergui a coluna... Doeu, porém eu não daria esse gostinho a Charlotte. Levantei a cabeça... Aí! Doeu de verdade, engoli a dor sem gemer. Segurei a rédea de Escuridão... Pelo menos isso não doeu nada. Graças a Deus, minhas mãos estavam incólumes... Então segui uma Charlotte determinada a se manter longe de mim.

Amarrei meu cavalo perto da casa num local apropriado onde estaria protegido. Encontrei Charlotte na varanda tremendo de frio e abraçando o próprio corpo.

Seus lábios também tremiam e ela evitava me olhar. Seu queixo estava projetado para cima em desafio e ela encarava a porta.

– Não vai entrar? Lá dentro com certeza está bem melhor do que aqui fora – ela deu um passo pra atrás impedindo que eu a tocasse. Suspirei.

– Está trancada – revirou os olhos. Merda!

Eu não tinha dito que a chave ficava embaixo do batente da porta que era solto. Abaixei, peguei a chave e abri a porta dando espaço para que ela entrasse.

– Não podemos voltar? O cavalo se assustou quando chegamos aqui e fugiu, agora que você o trouxe de

volta não poderíamos voltar para casa?

– O rio transbordou. É impossível atravessar. Além disso, Escuridão está apavorado e cansado demais para aguentar nós dois – ela me olhou sem entender. – Meu cavalo... Escuridão.

Ela assentiu e passou por mim entrando na casa.

Estava escuro e frio. Alcancei o interruptor, mas claro, não havia energia. Mais uma cortesia da tempestade.

– Estamos sem luz – fechei a porta impedindo o frio de entrar. – A boa notícia é que temos madeira suficiente.

Vou acender a lareira.

Charlotte permaneceu calada e muito quieta. Ela tremia visivelmente, mesmo assim se afastou quando tentei abraçá-la, indo na direção da lareira.

– Charlotte?

– Acenda logo, Alex, pelo amor de Deus!

Revirei os olhos e fui ao armário da cozinha, pegar a madeira que eu tinha pedido a Lana para armazenar. Eu sabia que minha irmã tinha aproveitado a brincadeira da tarde para deixar tudo preparado e que João tinha ajudado. Estávamos sem energia, mas com nosso conforto assegurado.

Peguei o necessário e voltei. Charlotte estava sentada, abraçando seus joelhos e apertando o corpo. Eu precisava ser rápido. Coloquei a madeira, joguei o gel e acendi com o acendedor de mão. Logo o fogo crepitou.

Minha namorada se aproximou mais, estendendo as mãos na direção do calor.

– Você precisa se livrar dessas roupas molhadas.

Tem alguns cobertores bem quentes no quarto. Eu vou buscar, voltarei logo.

Saí em direção ao quarto, que apesar de escuro não me assustava nem me impedia de me mover, peguei três cobertores grossos, uma toalha e voltei. Charlotte ainda estava vestida, sentada no chão, encarando o fogo.

– Charlotte, tire essas roupas e enrole-se nisso – entreguei o cobertor. – Você vai ficar doente se continuar com elas.

– Vai secar.

– Não seja teimosa, Charlotte! Pela sua saúde. Por favor!

– Não vou me despir – afirmou determinada, se abraçando ainda mais.

– Por quê? – encaramo-nos e eu entendi. Ela não queria intimidades entre nós dois. – Charlotte... – me ajoelhei diante dela que se encolheu ainda mais. Parecia tão jovem e delicada. Aos vinte e um anos era uma menina ainda. – Esqueça aquilo. Eu... – desviei os olhos e encarei o cobertor em minhas mãos. – Eu fiquei tão assustado quando soube do seu sumiço...

– Você apenas se sentiu culpado, Alex. – pegou o cobertor de minha mão, levantou e entrou um pouco na escuridão, se afastando.

– Não tenho motivos para me sentir culpado – observei seus movimentos.

Charlotte parou na penumbra, virou de costas e tirou a camisa, em seguida seu sutiã caiu no chão. Droga! Com apenas estes gestos ela conseguiu me deixar sem palavras.

Fiquei paralisado, vidrado no seu corpo. Charlotte olhou rapidamente em minha direção, verificando se eu a observava e começou a tirar a calça jeans.

– Pode ficar tranquilo, eu estou bem.

Retirou o tênis e sua calça molhada que parecia colada ao corpo jogando-a junto ao restante das roupas.

Levantei ciente de que não resistiria por muito tempo. Ela enrolou a calcinha nos dedos e a abaixou, escorregando-a vagarosamente pelas coxas roliças, deixando-a cair a seus pés. Rapidamente pegou o cobertor e colocou sobre os ombros cobrindo sua nudez. Impedindo-me de admirá-la.

– Não fugi, não tentei nenhuma besteira e não...

– Cala a boca, Charlotte! – murmurei com firmeza, ela pareceu surpresa com a minha reação e ficou me encarando com olhos chocados. – Será que você não entende?

– Entendo...

– Eu mandei calar a boca! – repreendi. Ela fez biquinho, lindo por sinal, e levantou o queixo em desafio.

Levantei, tirei o casaco. Era impermeável por isso meus braços e tronco ficaram protegidos, em compensação a calça jeans estava me incomodando, bem como os sapatos encharcados. Retirei a camisa e larguei num canto sob o olhar atento dela.

– Você é muito mimada... – abri a calça percebendo que ela me encarava com os lábios entreabertos. Charlotte fechou ainda mais o cobertor em volta de si. – É uma garotinha infantil que leva tudo nos peitos, sem se preocupar em descobrir o que realmente está acontecendo... – retirei os sapatos e arranquei as meias. – É inconsequente. Louca. Exasperadora... – abaixei as calças, me livrando do seu peso levando junto a cueca. Eu estava absurdamente excitado e ela obviamente percebeu.

– Revirou a minha vida de cabeça para baixo deixando tudo fora do seu lugar...

Fui na direção dela. Charlotte parecia petrificada no mesmo lugar. Estava assustada e tão excitada quanto eu.

– Bagunçou tudo...

Puxei-a para mim prendendo-a em meus braços.

Corri uma mão por seus cabelos, segurando-os na nuca e forçando o seu olhar. Seus lábios muito próximos dos meus.

– Olha bem o que você fez? Tornou tudo mais bonito, mais alegre, mais claro. Me fez enxergar que tudo que eu achava correto e exatamente como deveria ser, na verdade era nada, somente um ponto perdido no universo vazio. Antes de você eu era apenas um homem. Depois de você eu sou um homem que ama desesperadamente uma garotinha decidida, mimada e completamente maluca.

– O quê? – vi as lágrimas despencarem de seus olhos.

– Eu amo você! Nada tem sentido se não for com você, Charlotte! Não quero minha carreira, meu dinheiro, meus empregos... Nada!

– Alex...

– E foi o que eu fiz hoje. Abri mão de tudo, porque te amo e não posso, nem quero fugir disso! Porque nunca me senti tão feliz e completo. Minha vida ganhou sentido.

Eu não posso mais viver sem você!

– Alex...

– Foi por esse motivo que eu vim. Ninguém além de mim poderia estar aqui nesse momento. Essa é a nossa noite...

– Alex...

– Oi!

– Cala a boca e me beija – exigiu com um soluço emocionado.

Beijei seus lábios deixando que nossos sentimentos preenchessem todos os espaços. Não foi nada parecido com nossos outros beijos. Foi muito além. Muito mais intenso. Repleto de entrega, desejo... Amor.

Charlotte Ele falava, falava, falava, e eu só conseguia assimilar uma única frase: eu amo você!

Alex estava diante de mim, completamente nu, me prendendo a ele e dizendo que me amava. Se antes dessas palavras já era difícil resistir a seus apelos, depois delas então... Uma emoção forte demais dominou meu corpo fazendo-o agir por conta própria.

Dentro de mim tudo estava quente, intenso, forte e decidido. Não havia dúvidas nem receios. Nenhum resquício de insegurança. Apenas aquelas palavras.

Palavras que faziam toda a diferença. Porque eu amava aquele homem como nunca imaginei ser possível. Eu o amava com todo meu ser.

Deixei o cobertor escorregar para o chão, colando meu corpo ao dele. Já nos conhecíamos e tudo deveria ser familiar, mas não foi. Nada do que já tínhamos feito se comparava ao que eu sentia somente com o contato de nossas peles.

Faíscas percorriam minhas veias incendiando tudo.

Suas mãos se fecharam em minha cintura, os dedos fortes, longos e certos, acariciando, ora com vontade, força, ora com cuidado simplesmente roçando. Elas estavam em todos os lugares, em cada parte do meu corpo, explorando, sentindo, provando.

Nossas bocas não se desgrudavam e as línguas traçavam o balé clássico e perfeitamente ensaiado que só elas eram capazes de executar. Eu amava o sabor daqueles lábios, a maciez daquela língua e a segurança de cada movimento que ele fazia. Alex sabia muito bem como e o que fazer.

Lentamente me levou até a lareira. Uma das mãos segurava minha cabeça, mantendo meu rosto firme para que pudesse devorar minha boca, a outra, me apertava, puxava, exigia... Quando tocou o bico do meu seio intumescido pelo prazer, um gemido manhoso escapou dos meus lábios. Eu conhecia aquele contato e amava a maneira como ele me conduzia.

Alex abandonou meus lábios descendo os dele por meu pescoço enquanto forçava meu corpo para baixo.

Obedeci. Ele me deixou para cobrir rapidamente o chão com uma colcha levando a outra para onde tinha me deixado ajoelhada. Sem dizer nada continuou a me beijar e foi me guiando até que eu estivesse deitada.

Nenhum desconforto poderia me impedir de continuar.

Ele deitou o corpo sobre o meu, apoiando seu peso no braço esquerdo. Com a mão direita acariciou meu rosto, afastou meus cabelos molhados e aqueceu a minha pele.

Seus olhos estavam cravados nos meus e neles eu via amor e admiração. Ele me reverenciava com um simples olhar que me fazia sentir perfeita e dona do seu coração.

Sim. Aquele homem incrível, que lutou contra mim com todas as armas disponíveis, me olhava rendido, como se não houvesse mais ninguém no mundo. Como se eu fosse realmente o centro do seu universo, a única pessoa capaz de fazê-lo respirar, de lhe dar paz e felicidade.

Oh, Alex! Mal sabe você que meu mundo não existe sem a sua presença. Que sou incapaz de ver, ouvir e sentir se não tiver suas mãos me guiando. Que respirar é uma ação impossível se não tiver você, minha única fonte de energia, meu ar, meu mundo... Meu universo. Minha vida.

Seus dedos desceram do meu rosto para o pescoço.

Uma carícia leve e ao mesmo tempo carregada de potência que acendia o rastilho de pólvora em todas as minhas terminações nervosas interligadas se concentrando em um único lugar. O mesmo que explodiria a qualquer momento. O meu centro de prazer.

– Você é linda, Charlotte! – a voz murmurada reverenciava meu corpo. Era um louvor ao objeto de sua

adoração: eu.

Fechei os olhos e absorvi suas palavras, enquanto me concentrava em não me contorcer sob seus dedos avassaladores. Ele continuou a carícia, chegando aos meus ombros, os olhos atentos a minha pele, os lábios entreabertos e ansiosos. Desceu mais um pouco, alcançando minha clavícula, no mesmo instante em que, perdido pelo desejo de sentir o meu gosto, seus olhos se fecharam e os lábios encontraram os montes avolumados e macios dos meus seios.

Arfei!

O que era Alex naquele momento além de dedos e lábios e língua e desejo e... tudo? Sim. Ele era tudo. Sentir suas mãos me tocarem com ternura, seus lábios me sugarem com desejo, sua língua me experimentar com fome era a realização completa dos meus sonhos, era tudo o que eu poderia almejar.

E como eu me sentia?

Não existe uma maneira de descrever corretamente.

Porque um fogo inimaginável e imensurável me lambia por dentro, não deixando nenhuma célula de fora, ao mesmo tempo uma ansiedade que fazia arder todos os meus músculos, encobrendo minha capacidade de raciocinar, se espalhava por todos os meus poros.

Era isso? Não. Era muito mais.

Porque no instante em que consegui chegar a esta conclusão, tudo se perdeu dentro de minha mente, derretendo meus neurônios transformando-se em faíscas que formigavam meu ventre. Foi naquele instante que os lábios de Alex se fecharam no bico do meu seio, já completamente duro e seus dedos, mansos e obstinados escorregaram pela minha barriga se projetando em direção ao meu sexo.

Putá merda!

Eu queria gritar, chorar, implorar, me mexer e contorcer até que aquele vendaval de emoções encontrasse um rumo coerente, mas a única coisa que saiu de meus lábios foi um gemido gutural. Não um qualquer.

Um real. Aquele que parte do âmago e de todos os lugares ao mesmo tempo. Que começou a partir da pontinha do meu dedão e saiu acelerado, devastando tudo, subindo vertiginosamente até alcançar meus lábios, deixando no seu rastro, uma sensação indescritível.

Mas não parou por aí.

Os lábios de Alex, que antes brincavam libidinosamente com meus seios, me envolvendo com a maravilha que era a sua língua, desceram arrastando-se pela minha pele. Eu sentia as fagulhas todas as vezes que seus lábios se fechavam num beijo faminto e lento, como se me marcassem a fogo com sua paixão arrebatadora.

Então eles chegaram ao meu umbigo. Não resisti e deixei que meus dedos entrassem em seu cabelo. A maciez, a textura, o volume, tudo tão familiar e meu, única e exclusivamente meu, minhas mãos se fecharam possessivamente mantendo-o junto de mim.

Alex acariciou meu sexo cuidadosamente, envolvendo-o com a mão.

Testando, sentindo, provocando, me deixando úmida como nunca antes. Seu gemido reverberou em minha pele. Um espasmo se espalhou esquentando tudo. Respirei longamente. Era cedo demais.

Ele parecia não se importar com o tsunami que ameaçava varrer meu equilíbrio. Enfiou a língua em meu umbigo ao mesmo tempo que dois de seus dedos se afundaram em mim, chegando ao meu limite. Aquela barreira quase imperceptível era o que me tornaria sua mulher.

Com toda a maestria ele recolheu os dedos, avançou novamente, recolheu, avançou, recolheu... Ah! Céus! Era bom demais, torturante demais, insanamente gostoso...

Era... Puta que pariu!

– Alex! – gemi um pedido que dizia tudo o que eu precisava.

– Eu sei – sussurrou abandonando meu umbigo, descendo um pouco mais até chegar lá.

Aquele ponto tão prazeroso. Aquele pequeno botão com o qual tínhamos estabelecido uma relação tão completa e harmoniosa... Ah!... Sua língua avançou com certa pressão. Seus dedos se expandiram, não apenas invadindo o meu íntimo, mas explorando, roçando suas paredes internas, massageando-as e... Ah, Deus! Tão fodidamente bom!

– Oh, meu Deus! Alex! – minhas mãos apertaram ainda mais seu cabelo enquanto eu sentia que aquele fogo devastador logo me consumiria por completo.

Sua única resposta foi fechar os lábios em meu pontinho de prazer, sugando-o. Ah!... Minhas pernas se abriram instantaneamente sem nenhum comando, meu corpo se contorceu ganhando vontade própria então... Ele parou? Tudo! Os dedos, os lábios... tudo.

Ah, não! Não! Eu quero mais, quero muito mais.

– Shiiiiii! Calma! – eu nem havia percebido que protestara em voz alta. Tudo soava incoerente. Alex beijou meus lábios novamente, suas mãos em meu rosto.

Mantendo seu peso firme sobre o braço ele se encaixou entre minhas pernas. Seus olhos fixos nos meus, observando atentamente minha reação. Oh, Deus! Ele queria se certificar se era mesmo o que eu queria. Havia dúvidas? Eu tinha escolha?

Não.

Eu não me pertencia mais. Eu era dele, assim como ele era meu. Perder ou não a virgindade... ser ou não a hora certa, tornou-se uma questão secundária. Eu ansiava por me sentir completa. Por ser totalmente dele, apenas dele. Por nos fundirmos um ao outro e nos tornarmos uma só pessoa. Era isso o amor, não era?

O não reconhecimento de si mesmo. As vontades individuais tornando-se a necessidade de ambos. A ânsia de entregas reais, de viver sem limites. As certezas que fortalecem, unem, impedem de dividir e permitem apenas somar. Eu me via naquele olhar cheio de promessas. Sim, era o que eu queria.

– Eu amo você! – sussurrei entregue.

Lágrimas desceram dos meus olhos e escorreram pela lateral do meu rosto. Alex fechou seus olhos por um instante e eu percebi uma lágrima solitária escorrer em sua face. Não podia culpá-lo. O amor tinha as suas propriedades e o seu cunho de reações. Levei meus dedos até aquela lágrima impedindo-a de se perder no nada.

Ele segurou minha mão, pressionando-a nos lábios em um beijo de aceitação. Era o nosso destino sendo concretizado, selado.

– E eu amo você. Nunca vou deixar de amar – colou seus lábios nos meus.

Um beijo cálido.

E então, calmamente se movimentou em mim.

Segurei em seu torso absorvendo cada investida.

Eram lentas, apenas testavam, sondavam, verificavam.

Sua mão ajustou nossos corpos e eu pude sentir seu membro em minha entrada.

Ele abriu passagem em uma estocada sutil. Doeu.

Desfiz nosso beijo e gemi baixinho, não queria que ele desistisse pensando estar me machucando. Alex era o mestre, o professor, sabia identificar muito bem quando eu agia por desejo ou defesa.

Acredito que foi por este motivo que ele, ainda quase minimamente dentro de mim, fez com que sua boca e sua mão desviassem meus sentidos, tirando a minha concentração do que acontecia entre as minhas pernas para as reações do resto do meu corpo.

Acariciou meus seios com mais desejo e seus lábios beijaram meu pescoço, roçando seu queixo com a barba por fazer em minha pele sensível. Outro gemido escapou, esse de prazer puro e carnal. Sua boca assumiu o comando em meus seios, beijando e sugando ora um ora outro. Sua mão desceu até minha coxa, massageando-a, então investiu um pouco mais forte.

Meu corpo protestou, seus dentes morderam um dos bicos puxando-o para cima, enquanto a ponta da língua acariciava a parte do meu peito que estava dentro de sua boca. Puta merda! Aquilo era tão bom! Bom não, maravilhoso!

Alex puxou minha coxa em direção a sua cintura e ganhou um pouco mais de espaço. Hum! Estava começando a me acostumar. Corri minhas mãos em suas costas e ele gemeu, mordiscando meus montes macios.

Ah! Eu amava quando ele brincava com meus seios.

Involuntariamente ergui o torso, oferecendo-lhe mais de mim o que ele tomou para si com prazer.

Estava tão perdida em sensações que não tinha mais ideia do que estava acontecendo lá embaixo.

Foi quando várias coisas aconteceram ao mesmo tempo: Alex avançou, saiu um pouco, girou o quadril...

Hum! Bom! Sensacional! Levantou o corpo, reivindicou meus lábios e entrou com tudo o que tinha para oferecer.

– Puta que pariu!

Protestei em seus lábios que permaneciam colados aos meus. A dor se instalou e fluiu por minhas pernas.

Cada centímetro dele estava dentro de mim.

Congelamos.

Ele, de olhos fechados, ofegante e lábios travados, tentando controlar a sua ânsia. Eu, de olhos arregalados, me segurando para não contrair as pernas que tentavam se fechar para amenizar a dor. Buscando desesperadamente uma forma de absorvê-la e abstraí-la para voltar a sentir apenas o prazer.

– Calma! – ele respirava com dificuldade. Suas mãos em meu quadril, forçando-me a permanecer estática.

Alex levantou o tronco e olhou em meus olhos.

Bastou encarar aqueles olhos profundos, de um azul escuro penetrante, cheios de desejo, ansiedade, paixão, devoção, amor, para eu esquecer todo o resto.

Meu coração foi se estabilizando, minhas pernas pararam de protestar e a dor latente passou a ser bem vinda, pois esta, enquanto fazia meu sexo pulsar, deixava bem claro o que eu tinha dentro de mim: Alex. O homem que eu sonhei e desejei. Por quem lutei... e que agora, era todo meu.

– Amo você – sussurrou colando sua testa a minha. – Amo você, Charlotte Middleton – lentamente ele se movimentou. Puxou um pouco e voltou, me prendendo novamente com os olhos. – Minha menina... – continuei atenta a seus olhos, confiando neles, bebendo cada palavra dita por seus lábios. – Minha mulher... – um sorriso torto, escandalosamente sexy se projetou em seus lábios. Ele se movimentou um pouco mais. Hum! Eu podia suportar. – Minha! Só minha!

O calor familiar começou a surgir. A princípio tímido e indeciso. Alex sabia o que fazer e o fazia muito bem. Voltamos a nos beijar. Não um beijo recatado, um escandalosamente quente, que transbordava de desejo e luxúria.

Ah! Eu podia suportar aquilo.

Ele saiu com cuidado até estar quase totalmente fora e então estocou com força, fazendo meu corpo inteiro se contrair. Houve dor e também alguma coisa não identificável. Repetiu o movimento. Ah, sim! Minhas paredes incharam, comprimindo seu sexo. Ardeu, mas foi muito gostoso.

Alex abocanhou um seio e depois o outro. Um processo lascivo, longo, e repetitivo. Seu braço passou por baixo de mim, levantando-me um pouco e sua outra mão forçou minha coxa, abrindo-me mais para

recebê-lo e conseguiu penetrar mais fundo. Gemi incapaz de identificar o que estava sentindo. Havia formiguinhas andando pelo meu ventre. Longe ainda, mas já caminhando para o êxtase.

– Isso, meu amor! – seus lábios se fechavam em meus seios, ombros, pescoço... – Ah, Charlotte! – gemeu se contorcendo, segurando seu prazer. Sua mão esquerda, segurando minha nuca, com o braço em minhas costas, apoiando o ângulo que meu corpo se encontrava. Mas a direita...

– Ah, Alex!

Ela avançou entre minhas pernas e se encaixou entre nós roçando e pressionando meu clitóris. Toda dor desapareceu deixando em seu lugar sensações mais do que prazerosas.

Ousei me mexer. Uau! Eu podia e queria aguentar.

Alex gemeu saudando minha ousadia. Resolvi ignorar qualquer resquício de dor. Era a minha noite e eu não seria apenas uma coadjuvante. Assumiria o papel principal naquela história.

Avancei meu quadril em sua direção, fazendo com que ele, surpreso pela investida, entrasse mais profundamente. Uma dorzinha quase incômoda surgiu em algum ponto distante, mas não me deixei abater. Cerrei minhas mãos em suas costas e avancei novamente. Alex vacilou, deixando seu corpo cair parcialmente sobre o meu gemendo palavras desconexas.

Ok! Eu estava fazendo a coisa certa.

Mordisquei seu pescoço incentivando-o a continuar.

E foi o que ele fez. Seus movimentos ficaram mais intensos e em harmonia com os meus. Ele estocava, eu recebia, avançava, rebolava, mesmo timidamente e recuava no momento em que ele investia.

Cada vez que ele se afundava dentro de mim e mexia o quadril daquela maneira enlouquecedora, eu sentia meu sangue ferver, percorrer meu corpo e incendiar cada célula.

Nossas respirações aceleraram. A cada estocada o caminho ficava mais fácil e acessível. Alex se perdeu em mim, trabalhando com precisão, seus movimentos me fazendo perder o juízo. Era o que estava acontecendo. Ele estocava ao mesmo tempo em que sua boca beijava cada parte exposta, que sua língua saboreava a minha pele e suas mãos me estimulavam de diversas formas e intensidades.

– Alex! – gemi me contorcendo em milhares de sensações.

Meu corpo sinalizava uma explosão. Era tudo ao mesmo tempo: chamas lambiam meu corpo se espalhando velozmente, formiguinhas aceleravam o passo em sua marcha na direção do meu ponto de prazer, as borboletas levantavam voo fazendo acrobacias...

– Alex... Ah, Alex!

O jeito como ele se movimentava, entrando, saindo, rebolando, se enroscando em mim, me invadindo, alcançando todos os espaços. E então... O orgasmo!

Oh, céus! Alguém anotou a placa?

Um orgasmo tão forte que por alguns segundos acreditei que tivesse me desintegrado. Gritei, mas a voz ficou ao fundo, cada partícula do meu corpo se espalhava no ar, expandindo, rodopiando, dançando, para em seguida o repuxo me trazer de volta, enquanto as sensações iam ficando mais brandas, mornas e eu voltava a ganhar forma, me solidificando.

Voltei a tempo para assistir de camarote o orgasmo do meu professor... meu homem... Alex, que me olhava atentamente, fechou os olhos, me apertando com mais força, contraiu o quadril forçando ainda mais sua entrada.

Ele gemeu alto e um líquido quente me preencheu ao mesmo tempo em que suas investidas ficavam mais lentas, curtas até parar completamente.

Ele enterrou o rosto em meus cabelos, arfando e gemendo, sem sair de dentro de mim. Seus braços não conseguiam mais sustentar seu peso. Ele estava todo e completamente dentro de mim. Sorri. Foi exatamente como eu sonhei e imaginei.

Ri baixinho. Como Lana reagiria se eu contasse a ela que consegui atingir um orgasmo fulminante logo na minha primeira vez?

Recuperado, Alex levantou ligeiramente o corpo, aliviando o peso e buscou meus olhos. Ele estava tão lindo! Rosto suado, cabelos desgrelhados, olhos brilhantes, apaixonados o sorriso encantador e abobalhado de alguém que havia acabado de fazer amor.

Era lindo e meu.

Somente meu.

Capítulo 30

"Amar é encontrar nas divergências outrora o que há de mais belo para ser observado e apreciado."
William Shakespeare

Charlotte

Oh, Deus! Finalmente nós tínhamos feito amor e foi maravilhoso!

Alex me olhava com tanta admiração que me comovia. E eu sentia meu coração martelando no peito em uma alegria eufórica fazendo-me entender que o amor era o sentimento mais completo e precioso que uma pessoa poderia ter por outra.

Correspondi ao seu sorriso me deixando levar pela sensação de dever cumprido. Ele beijou meus lábios, meu rosto, meu queixo, meu pescoço... Ah! Hummm! O Alex pós foda era tão... Sexy!

– Como está se sentindo?

Sua voz rouca e sensual fez com que meu corpo inteiro reagisse. Levantei o quadril, testando minhas pernas. Tudo em seu devido lugar, quer dizer... Quase tudo. Sorri descaradamente.

– Perfeita!

Ele apoiou todo o peso no braço esquerdo e com a mão direita acariciou meu rosto. Era tão... Alex! Droga!

Me senti meio zonha ao me dar conta de que meu mundo girava em outra órbita agora. Desde o momento em que ele havia dito aquelas três palavras: eu amo você! Tudo mudou e se tornou ele. Apenas ele! Dali em diante Alex seria o meu sol.

– Por que está chorando?

Sua testa enrugou me fazendo perceber o que estava acontecendo. Passei minha mão no rosto capturando as lágrimas.

– Você! – admiti sem receio.

– Eu? – ele me encarava preocupado.

– Por que tem que ser tão perfeito? Não consigo mais pensar em minha vida se não for ao seu lado, tudo é tão estranho e ao mesmo tempo tão certo que estou tonta.

Sinto-me como se fios invisíveis e impossíveis de serem quebrados me ligassem a você e... droga, Alex! Eu nunca vou conseguir ir embora e você... você... você arrumou um problema dos grandes, porque eu não posso mesmo deixar...

– Shiiii... – ele me calou com beijos leves e carinhosos. Seus olhos eram ternos e brilhantes. Seus lábios sorriam satisfeitos. – E quem disse que eu quero que você vá embora? Não ouviu nada do que eu disse na última hora? Eu. Amo. Você. Charlotte Middleton! E quer saber? Você também arrumou um grande problema, porque eu não vou a lugar algum. Minha vida está total e completamente interligada a sua. E eu também sinto esses tais fios invisíveis. O que não conseguiu entender ainda é que o controle deles está em suas mãos.

Sorri deixando minha mente assimilar aquelas palavras. Era eu quem estava no comando dos fios? Não seria tão ruim assim. Aliás, nem seria ruim. Nem se o controle estivesse com ele. Alex sabia me conduzir da melhor maneira possível.

– Como você está? – acariciei seu rosto com meus dedos.

– Melhor impossível! – beijou minha mão e levantou saindo de dentro de mim. O espaço vazio protestou. Gemi!

– O que foi?

Ele sabia exatamente o que, mesmo assim fez a pergunta, com um sorriso debochado. Revirei os olhos.

Ele me beijou com gosto. Meu corpo inteiro correspondeu. De repente acabou.

– Fico feliz que tenha gostado, Charlotte – roçou o nariz no meu.

– Ótimo! Podemos continuar? – ele enrugou a testa, depois soltou um risinho balançando levemente a cabeça.

– Olha só o que eu fiz...

– Nada de piadas como “criei um monstro” ou “minha namorada é insaciável”. Se a primeira vez foi boa desse jeito, estou ansiosa para saber como serão as outras – corri meus dedos pelo seu peito. Alex riu, segurando minha mão. Fiz um beicinho, que ele desfez com os dentes.

– Acabei de gozar, sua tarada. Preciso de alguns minutos e... – olhou para a porta da cabana. – Preciso fazer uma ligação ou então daqui a pouco todos vão entrar por aquela porta. Não sei como, só tenho certeza que seu pai conseguiria.

Meu pai.

Putaquepariu!

– Ele deve estar louco.

Puxei a manta e me cobri, Alex olhou e sorriu sem dizer nada. Caminhou até suas roupas, retirou o celular do casaco e verificou o aparelho.

– O sinal está péssimo, espero conseguir – caminhou pela sala, nu. Deslumbrante! Ah, como eu gostava daquele corpo! Agora mais do que nunca. – Pai? Sim. Estou bem – fez uma pausa e me olhou sorrindo. –

Estou ótimo!

Encontrei. Ela estava na cabana. Sim. Tinha saído com Escuridão e quando a chuva começou parou para se abrigar. Não. Estamos bem. Na verdade sem luz, alguém parece ter preparado a cabana, encontrei lenha e comida – piscou cúmplice e sorriu. Tão lindo! – Não podemos voltar. Vamos passar a noite aqui e... – fez uma careta, desviando o olhar. – Oi, Peter! Sim, Charlotte está. Sim, está bem. Não... Ela... Ok – colocou o celular no viva-voz e se aproximou de mim.

– Charlotte? – ouvi a voz abafada do meu pai do outro lado da linha.

– Oi, pai!

– Graças a Deus! – senti o alívio em sua voz. – Charlotte? – minha mãe interrompeu com voz chorosa.

– Oi, mãe. Está tudo bem. Na verdade estou ótima – coloquei entusiasmo em minha voz, sem querer alertar meus pais sobre que tinha acabado de acontecer. – Não estou machucada. Foi o Alex quem caiu e se machucou, eu estou bem.

– Alex caiu? – Dandara perguntou já com a voz embargada.

– Estou bem, mãe – ele respondeu voltando a se deitar ao meu lado. Suas mãos puxaram a manta e percorreram meu corpo.

Filho da mãe!

– Voltem para casa eu..

– O rio transbordou, o triciclo foi levado pelas águas, está chovendo canivete e Escuridão está muito cansado. Estamos bem. Vamos aguardar até que a chuva pare e o volume da água diminua.

– Mas vocês... – meu pai começou a falar e se deteve. – Tudo bem. Melhor vocês aí a salvo do que correndo riscos para retornar. De qualquer forma vamos continuar procurando um meio de resgatá-los, caso a chuva não pare e o rio não volte ao normal até amanhã...

pela manhã – enfatizou.

– Vocês vão ficar bem? – a voz do Dr. Frankli era tranquila.

– Sim. Temos tudo o que precisamos e a casa está bem aquecida, então... – Alex respondeu enquanto seus lábios roçavam a pele do meu pescoço. Segurei um gemido que teimava em escapar.

– Tudo bem. Assim que a chuva diminuir ligaremos, fiquem atentos e voltem em segurança – o pai do meu professor finalizou me deixando aliviada.

– Tchau, pai – Alex desligou o telefone e se posicionou em cima de mim.

– E então? – beijou o canto da minha boca, colocando-se entre minhas pernas. – Onde paramos?

Abri os olhos e me senti perdida.

Onde estava?

Pássaros cantavam ao longe, um cheiro gostoso de mata molhada, o fogo crepitando, já bem mais baixo, o braço de Alex me envolvendo. Sorri.

Deus! Nós tínhamos transado. Finalmente! E foi tão maravilhoso!

Puxei o ar deleitando-me com as lembranças. Uau!

Alex era incrível! Depois que desligamos o telefone ele foi implacável, me levando às nuvens como se não houvesse o amanhã. E tinha sido melhor do que a primeira. Se a tendência era melhorar, eu estava perdida.

Não havia nada em minha vida que eu desejasse mais do que estar tão intimamente com ele.

Espreguicei o corpo e sorri satisfeita quando, mesmo dormindo, seus braços procuraram por mim. Ele estava abraçado comigo, sua cabeça enterrada em meu pescoço, respirando serenamente, mas assim que me movimentei, seus lábios roçaram minha pele. Alex dormia, porém seu corpo já dava sinais de que estava acordando... Completamente.

Com beijos leves ele foi despertando, seus dedos tocando minha cintura, me puxando para mais perto. Eu poderia passar o resto da vida assim. Vaguei as mãos em suas costas, permitindo que nossos corpos trocassem o calor agradável daquele início de manhã sem chuva.

– Hummm! – ele gemeu manhosamente ao perceber minha umidade. – Gosto muito disso – seus dedos percorreram meu sexo, levemente, cheios de preguiça.

– Eu também – ri carinhosamente enquanto me abria e lhe dava livre acesso.

Alex girou, ficando sobre mim e me olhou nos olhos. Seu rosto marcado, os cabelos desalinhados, acentuavam ainda mais sua beleza. Com muito, mas muito carinho mesmo, teceu uma linha de beijos em meu pescoço, ombros e seios. Me desmanchei em suas carícias.

E então ele estava dentro de mim, dessa vez sem a mesma urgência de antes, mas sim lento e delicioso, cheio de amor.

Seus lábios não saíam da minha pele, suas mãos não me abandonavam e ele se movimentava carinhosamente, me preenchendo, me possuindo, cheio de ternura, amor, gratidão... Sim, Alex estava grato por estarmos juntos, por eu ser somente dele e de mais ninguém.

Não sei se foi a grandeza do momento, as lembranças da noite, ou até mesmo a manhã cheia de promessas. Só sei que o orgasmo me atingiu como uma descarga elétrica, fazendo meu corpo se esticar preguiçosamente. Ele gozou em seguida, sem descolar os lábios dos meus.

Como dois gatinhos manhosos, permanecemos trocando carícias enquanto o calor do corpo cedia. Alex estava muito atencioso, carinhoso, um perfeito cavalheiro apaixonado. O meu príncipe encantado.

Só meu!

Infelizmente coisas tinham acontecido e elas nos puxavam para fora da nossa bolha. Anita e Tiffany continuavam existindo. Eu só não sabia se queria voltar ao mundo real naquele momento.

– O que foi?

Sussurrou com a ponta do nariz roçando minha clavícula. Insegura, me encolhi em seus braços e beijei seus cabelos. Suas mãos aqueceram minhas costas.

Estávamos deitados no sofá da sala. Preferimos assim, pois a lareira nos manteria quentes. Eu me sentia tão completa em seus braços, tão protegida de tudo e de todos. Não queria quebrar o encanto conversando sobre os problemas do dia anterior. No entanto, depois de momentos tão nossos, encarar os fatos era um gesto de confiança, precisávamos exorcizar todos os demônios antes de voltarmos para a nossa família.

– Charlotte? Eu conheço essa expressão. O que está preocupando você? – sua voz calma e suave me desarmou.

Suspirei.

– Você saiu com Anita. Eu ouvi a conversa e... – Alex colocou um dedo em meus lábios. O assunto também o desestabilizava.

– Conte a verdade a ela.

– Mas...

– Não dava para continuar escondendo de todo mundo. Uma hora ou outra a bomba explodiria. Não podia mais ficar esperando acontecer para depois tentar consertar as merdas.

– Eu ouvi o que você disse. Estava flertando com ela – tentei ficar brava, era impossível.

– Realmente. Fiz isso para conseguir tirá-la de lá.

Não podia me arriscar que Anita tivesse um ataque de fúria antes que eu tivesse conversado com Peter.

– Você o quê? Alex, meu pai...

– Eu entreguei o cargo de editor-chefe para Lana – parei chocada. Como assim? – Não adianta falar nada porque já defini tudo com a minha irmã.

– Como...

– E passei o seu material para João Pedro. Ele só vai assinar a aprovação, com isso acredito que consigo

livrar você de uma retaliação pública.

– Alex...

– Sem contestação, Charlotte. Está tudo resolvido.

– Como assim? Eu...

– Charlotte! – levantou me encarando com severidade. – Eu decidi assim. Também me demiti da universidade. João passou um e-mail com a imagem da minha carta de demissão para o reitor. Agora ninguém poderá questionar sua aprovação.

– Pare! – falei exaltada. – Pare agora, Alex Frankli!

O que pensa que está fazendo?

– Cuidando de você.

Respondeu calmamente deitando-se de costas e colocando um braço atrás da cabeça. Era como se aquela merda toda não o atingisse mais.

– Claro! E quem cuidará de você? – ele sorriu. Um sorriso perfeito, cheio de amor e promessas. – Não faça isso. Não tente desviar o rumo da nossa conversa.

– Eu não estou fazendo nada – no entanto suas mãos afoitas me puxavam queimando minha pele.

Putá merda! Como eu ainda sentia desejo? Eu deveria estar dolorida, saciada, mas não. Era como se tivesse passado toda a minha vida transando com ele.

Provavelmente suas aulas me fizeram avançar e pular o processo de adaptação. Não. Eu não podia deixar que ele me enrolasse com sexo.

– Pare, Alex! – tentei levantar e ele me manteve firme no lugar.

– Mal começamos nossa vida sexual e você já vem com desculpas para se desvencilhar? – sorriu debochado.

– Não é justo! – gemi derrotada. Toda aquela situação me angustiava.

– É justo e, sinceramente, era o único jeito de ficarmos juntos.

Não podia arriscar o nosso relacionamento.

– E pode arriscar a sua vida profissional? Droga!

– Não é tão ruim quanto parece.

– E agora? O que você vai fazer? Do que vai viver?

– ele riu. Foi um riso carinhoso. Despreocupado.

– Em primeiro lugar: eu sou o dono da editora, então continuo tendo meios de me sustentar – riu novamente. – Em segundo: não vou me afastar, só não vou ficar à frente.

E em terceiro... – beijou meus lábios e mordeu meu queixo. – Tenho planos.

– Planos?

– Sim.

– E eu posso saber quais são? – Alex me olhou, inclinando a cabeça para o lado, seu humor nitidamente modificado.

– Vou me casar com você. Cuidar da sua carreira.

Criar nossos filhos e voltar a escrever.

O ar ficou preso em meus pulmões. Minha mente processava todas as informações e eu apenas flutuava no ar sem saber ao certo como recuperar o controle do meu corpo.

– Charlotte?

– Você... – pisquei muitas vezes tentando voltar ao planeta terra.

– Vou casar com você. Amanhã mesmo se quiser, só acho que Peter não vai ficar muito contente.

Peter. Ah, Droga! Então era por isso.

– Não precisa reparar os danos, Alex. Não vou me casar só porque decidi perder a virgindade. Isso é... – ele colou sua boca na minha, calando-me. Droga! Me calar estava virando hábito.

– Eu quero que todas as nossas manhãs sejam como essa – sussurrou com os lábios ainda nos meus. – Quero você em meus braços todas as noites. Quero andar de mãos dadas sem medo. Quero o brilho do seu olhar sem me sentir culpado. Quero ser o seu marido. O pai dos seus filhos. O homem que te inspira. Eu quero tudo, Charlotte!

E quero somente com você. Casa comigo, por favor!

Havia realmente uma súplica naqueles olhos da cor do mar, tão intensos e firmes, repletos de amor. Senti toda aquela intensidade me invadir e de repente fiquei presa. E me vi nele.

Visualizei todos os sonhos, planos, a nossa vida.

Uma casa de frente para o mar, eu sentada lendo um livro enquanto ele surfava. Uma criança de cabelos negros, linda, com olhos de um azul escuro tão profundo que conquistava qualquer pessoa, correndo e jogando areia em mim. Eu queria aquilo. Queria desesperadamente.

– Caso. Eu me caso com você.

O beijo refez nossas energias e em minutos estávamos entregues um ao outro. Fazendo amor e deixando o amor nos moldar. Eu amava Alex. Alex me amava. E nada mais tinha importância.

Então eu entendi que valeu a pena todos os meus esforços, toda espera, a ansiedade, porque eu não poderia estar mais feliz, mais completa, mais realizada. Porque Alex era tudo o que eu sempre desejei até mesmo quando eu não sabia que seria ele, quando eu apenas idealizava e descrevia o homem ideal.

Naquele momento eu percebi que contos de fadas existiam, e que eu escrevia o meu próprio romance, onde a felicidade era possível e o amor uma realidade. Onde o bem sempre venceria o mal.

Sorri deixando-me ser sugada por aqueles olhos azuis tão cheios de devoção e pensei em como a vida era incrivelmente perfeita e maravilhosa.

Agradecimentos Sempre, sempre, sempre à minha família, por todo carinho, amor, compreensão... Por me suportar nos momentos em que nem eu mesma consigo conviver comigo. Por compreender que nem sempre estarei lá, que minha escolha me realiza, mas muitas vezes me limita também. Por lutar ao meu lado, por nunca permitir que eu desistisse, por jamais passar a mão na minha cabeça esquecendo os meus erros, mas, principalmente, por todas as vezes que permitiu que eu aprendesse com os meus erros.

Aos meus leitores, amigos, companheiros, que estiveram comigo durante longos dois anos até que finalmente o livro estivesse pronto. Por viverem comigo cada momento angustiante, cada falha e cada acerto. Por cada lágrima, cada risada e cada raiva que passaram com Charlotte e as suas infantilidades. Por amarem tanto Alex tornando possível a construção de um homem perfeito.

Para vocês eu dedico cada letra, cada sentimento, cada realização e vitória. Obrigada, hoje e sempre!

À minha velha e nova guarda. Minhas amigas eternas, irmãs de alma que estão ao meu lado todos os dias. Que seguram virtualmente a minha mão. Que entendem a minha distância sem nunca cobrar uma posição diferente, pois sabem que eu sempre volto e sempre voltarei.

Por me amarem incondicionalmente e enxergarem em mim mais do que eu sou capaz de enxergar. Amo vocês!

Aos meus filhos. É sempre tudo por vocês. Ontem, hoje e amanhã.

As duas guerreiras que me ajudam a colocar meus livros em ordem. Que sofrem a minha pressão, que aguentam todos os meus medos e inseguranças, que me guiam, auxiliam e tornam tudo muito mais bonito. Janaina Rico e Mariza Miranda, eu não sei o que seria de mim sem vocês.

A minha gerente na Amazon Brasil, Natalia Montuori, por todo apoio, paciência, carinho e incentivo.

Obrigada por suportar toda a minha ansiedade e, principalmente, por acreditar em meu trabalho.

Aos meus pais, pela infância fantástica, pela criação impecável, pelos erros e acertos, e por tudo que me permitiu ser esta pessoa criativa, cheia de sonhos e que acredita em príncipes encantados e princesas românticas.

E por isso eu sou o que sou: uma escritora.

Obrigada!

O professor Livro 2 Ainda estava atordoado quando Charlotte entrou no jipe e partiu. Johnny hesitou, mas Peter o dispensou apenas com um olhar. O clima ficou tenso imediatamente.

Eu nem sabia como começar a conversa. Porém não demonstrei fraqueza nem fiquei intimidado. Sabia o que queria e não abria mão. Não voltaria atrás.

Peter não montou como achei que faria. Apenas segurou as rédeas e começou a caminhar. Como fez com Johnny, apenas me olhou indicando que deveria acompanhá-lo. Caminhei ao seu lado, em silêncio e cada vez mais tenso. Ele permanecia calado. Só olhava para frente e caminhava a passos lentos. Foram os dez minutos mais longos de toda a minha vida.

– Eu a amo, Peter – falei de uma vez só. Não dava para manter aquele silêncio nem ficar aguardando a iniciativa dele. Se era para fazer então que começasse logo.

Para minha surpresa, ele não explodiu, não se fez de ofendido, nem mesmo parecia que estava tendo uma síncope. Apenas sorriu e parou para me olhar.

– Disso eu já sei.

Por que ele estava tão relaxado? Eu não me aguentava de nervoso. Preparado para uma batalha.

Armado. Pronto. E ele simplesmente reagiu naturalmente.

– Ótimo! – olhei para frente sem saber como enfrentar sua atitude.

– Espero que você me compreenda, Alex. Charlotte é minha única filha. Eu sonhei para ela um futuro brilhante. Sacrifiquei a minha vida para que tivesse tudo o que sonhava. Pode não parecer, mas eu, mesmo contrariado, fiz e continuo fazendo tudo para que ela se realize. Não vou me opor à escolha da minha filha.

Apesar de tudo, nunca fiz isso. Ela é como a mãe: sonhadora, porém decidida. Vira o mundo de cabeça para baixo se preciso, para conseguir o que quer.

Sorri. Aquela era realmente a Charlotte que eu conhecia. A garota determinada que me cercou totalmente e não me deixou a menor chance de escapar. A mulher da minha vida.

– Você deve conhecer muito bem o gênio dela. É impossível e determinada. Colocou na cabeça que queria ser escritora. Pode até não parecer, mas eu nunca fui contra. Queria que ela fosse médica, ou administradora, você sabe... Os hospitais... Mas Johnny vai cuidar de tudo e isso me deixa mais feliz. Eu quero que ela realize todos os seus sonhos.

– Eu te entendo.

– Por causa disso quero que ela tenha o namorado da sua escolha, o que não significa que vou facilitar.

Minha filha pode se apaixonar quantas vezes quiser, no entanto o homem que ficar com ela terá que merecê-la.

Deverá provar ser capaz de cuidar dela quando eu não estiver mais presente. Espero que entenda. Um dia você será pai e não poderá colocar sua cabeça no travesseiro e dormir sossegado à noite sabendo que sua filha pode sofrer, ser magoada e ferida. Eu não consigo conviver com esse pensamento.

– Entendo perfeitamente – afirmei apreensivo. Como eu poderia prometer tudo aquilo? Como poderia saber o que a vida reservava para nós dois?

– Vocês passaram a noite juntos – engolir passou a ficar mais complicado. Eu nem conseguia mais fixar meus olhos nele.

– Foi necessário, não havia outra alternativa...

– Sim. Eu sei. De qualquer forma...

– Nós vamos nos casar... Quer dizer... Eu quero me casar com ela... Eu a pedi em casamento... – Puta que pariu! Estava ficando cada vez mais difícil. – Com o seu consentimento, é claro! – Ele parou, respirou profundamente e continuou andando. Novamente em silêncio. Mais intermináveis cinco minutos.

– Você é bem mais velho do que ela – disse por fim, como se estivesse falando sobre o tempo.

– E desde quando idade é um problema? – Estava tão tenso que não impedi a rouquidão da voz. E se ele recusasse? Eu diria que ela já era minha mulher?

– Ela é muito mais rica do que você – revirei os olhos. Nunca tinha parado para pensar sobre este ponto.

Aliás, nunca parei para pensar em nós dois de uma maneira diferente de eu ser o dono da editora e ela a escritora.

– Para nós não é um problema. A não ser que seja para você – ele negou com a cabeça, olhando sempre para frente.

– Ela é virgem.

Ferrou! Quase me encolhi. Engoli com muita dificuldade. Puta merda! Puta merda!

– Isto é algo importante, Alex. Você é homem.

Experiente. Vivido. Homens têm necessidades... – não dava para encará-lo. Definitivamente não dava. – Quero que permaneça assim. Se você pensa em casamento... Se esta for realmente a sua vontade. Vai ter que esperar até que seja realmente sua esposa.

O que eu poderia dizer? “Ah, não, Peter! Eu comi sua filha, várias vezes, ontem e hoje. Sinto muito!” Puta que pariu! O que eu poderia dizer?

– Claro, Peter! – Me ouvi concordando. Era aceitar ou me arriscar a perdê-la. Porra! Como vou sair dessa? – Eu quero casar o mais rápido possível. Não tenho dúvidas sobre meus sentimentos por Charlotte.

– Por que a pressa? – Ele me olhou em dúvida.

Merda!

– Porque amo a sua filha e quero passar a minha vida ao lado dela. Estou com trinta e cinco anos e não tenho mais tempo a perder. Tenho uma vida confortável, um emprego seguro. Quero e vou me envolver com a carreira dela, além disso me preocupo com os sentimentos que a envolve e segurança dela, tanto quanto você. Não vejo porque esperar – e claro, eu já transei com ela e não posso deixar você descobrir este detalhe.

Peter não me disse nada. Estávamos próximos da casa. Eu precisava extravasar toda a tensão. Merecia “uma bela trepada” para aliviar o meu corpo, embora, pelo visto, isso estivesse fora de questão. Pelo menos enquanto estivéssemos sob o olhar atento do pai da mulher da minha vida. A verdade era que depois de daquela conversa, eu precisava dela em meus braços para ter certeza de que tudo ficaria bem.

– Certo. Ela aceitou?

– Sim.

– Certo.

Ele não disse mais nada. Entregou-me as rédeas do cavalo e andou em direção a casa.

- [Capítulo 1](#)
- [Capítulo 2](#)
- [Capítulo 3](#)
- [Capítulo 4](#)
- [Capítulo 5](#)
- [Capítulo 6](#)
- [Capítulo 7](#)
- [Capítulo 8](#)
- [Capítulo 9](#)
- [Capítulo 10](#)
- [Capítulo 11](#)
- [Capítulo 12](#)
- [Capítulo 13](#)
- [Capítulo 14](#)
- [Capítulo 15](#)
- [Capítulo 16](#)
- [Capítulo 17](#)
- [Capítulo 18](#)
- [Capítulo 19](#)
- [Capítulo 20](#)
- [Capítulo 21](#)
- [Capítulo 22](#)
- [Capítulo 23](#)

- [Capítulo 24](#)
- [Capítulo 25](#)
- [Capítulo 26](#)
- [Capítulo 27](#)
- [Capítulo 28](#)
- [Capítulo 29](#)
- [Capítulo 30](#)

Este livro foi disponibilizado pela equipe do [e-Livros](#), com o objetivo de ser usado somente para fins não comerciais.

[e-Livros.xyz](#)

Table of Contents

Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30